

1120

5

DM  
MATI/D1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA



## NARRATIVAS DE HOMENS FEMINISTAS PORTUGUESES

Daniel Filipe Mendes Matias

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Comunitária



2008

|                                                                                       |                                                  |  |
|---------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|--|
|  | ISPA   Instituto Superior de Psicologia Aplicada |  |
|                                                                                       | Curso de<br>Documentação                         |  |
| Registo: 18 323                                                                       |                                                  |  |
| Data: 09.06.09                                                                        |                                                  |  |

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*

NARRATIVAS DE HOMENS FEMINISTAS PORTUGUESES

Daniel Filipe Mendes Matias

Dissertação orientada por Prof. Dr. José Henrique Pinheiro Ornelas

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Comunitária

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de José Henrique Pinheiro Ornelas, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Comunitária conforme o despacho da DGES, nº 6037 / 2007 publicado em Diário da República 2ª série de 23 de Março, 2007.

## Agradecimentos

À minha família, cujos contributos a todos os níveis permitiram que este trabalho fosse realizado.

Aos participantes, por me terem recebido, acolhido, desafiado. As nossas entre-vistas provaram ser um estimulante desafio intelectual para mim.

Ao Prof. Dr. José Ornelas, pelo contínuo apoio e reflexão.

A Ana Cristina Santos, pelo seu contributo.

Às associações e pessoas que contactei e que amavelmente me cederam, por sua vez, vários contactos.

Aos membros do júri, pelos contributos críticos que darão a este trabalho.

Aos meus colegas de mestrado, por dois anos repletos de emoções, críticas, divergências, uniões.

À minha colega Marta Pita, por estar sempre presente.

Ao meu colega Marcos Mendonça, cuja experiência de vida e sábios conselhos foram determinantes na construção deste caminho.

À minha colega Adriana Nunes pelo apoio prestado.

Ao Alexandre, técnico do ISPA, cujo auxílio foi fundamental para realizar a parte de análise dos resultados.

A todos os que contribuíram com as suas perspectivas; a responsabilidade de eventuais erros é inteiramente minha.

## Resumo

A eclosão dos estudos sobre masculinidades tem vindo a proporcionar várias reflexões sobre as possibilidades de actuação por parte dos homens na construção de uma sociedade não opressiva, não sendo contudo uma área desenvolvida em Portugal. Neste sentido, o presente estudo teve como objectivo a recolha de narrativas biográficas parciais de dez homens portugueses que se afirmavam como feministas. Vários temas foram abordados, entre os quais as motivações subjacentes à adesão ao projecto feminista, a relação entre género e sexualidade e a mudança social. Através das suas narrativas, foi possível constatar o carácter múltiplo das suas experiências e posicionamentos, tendo como ponto em comum a constatação da necessidade da criação de contextos criativos e inovadores propiciadores da mudança social.

Palavras-chave: feminismo, masculinidades, mudança social, homens feministas

## Abstract

The studies on masculinities have allowed a wider consideration of the possibilities of men acting pro-actively in the creation of a non-oppressive society; however, this is an underdeveloped area of research in Portugal. As such, the present study had as its goal the gathering of partial biographic narratives of ten portuguese men who considered themselves as being feminist. Several themes were discussed such as the reasons that led these men to become feminists, the connection between gender and sexuality and social change. The narratives illustrated the multiple experiences and locations of these men, having also a common point that is the need for the creation of creative and innovative settings that promote social change.

Keywords: feminism, masculinities, social change, feminist men



## Índice

|                                                                                    |    |
|------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução .....                                                                   | 1  |
| Capítulo I                                                                         |    |
| Enquadramento Teórico - Masculinidades e Homens (Pró)Feministas .....              | 5  |
| <i>Feminismo, Género e masculinidades</i> .....                                    | 5  |
| <i>Multiplicidade existente de masculinidades</i> .....                            | 7  |
| <i>Hierarquia e hegemonia</i> .....                                                | 8  |
| <i>Colectividade</i> .....                                                         | 9  |
| <i>Aprendizagem e construção social</i> .....                                      | 9  |
| <i>Complexidade</i> .....                                                          | 10 |
| <i>Mudança</i> .....                                                               | 10 |
| <i>Homens (pró)feministas</i> .....                                                | 13 |
| Capítulo II                                                                        |    |
| Enquadramento Teórico – Pesquisa e Mudança .....                                   | 19 |
| <i>Narrativas e contra-narrativas</i> .....                                        | 19 |
| <i>Pesquisa para a mudança</i> .....                                               | 22 |
| <i>Valores do investigador e participantes</i> .....                               | 22 |
| <i>Dimensões emotivas da pesquisa</i> .....                                        | 23 |
| <i>Criação de ligações entre os participantes e o investigador</i> .....           | 24 |
| <i>Pesquisa enquanto setting para a tomada de consciência e mudança social.</i> .. | 25 |

### Capítulo III

|                            |    |
|----------------------------|----|
| Método .....               | 28 |
| <i>Participantes</i> ..... | 28 |
| <i>Procedimento</i> .....  | 30 |

### Capítulo IV

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| Análise e Discussão dos Resultados .....           | 34 |
| <i>Feminismos</i> .....                            | 34 |
| <i>Influências para os feminismos</i> .....        | 38 |
| <i>O feminismo e os homens</i> .....               | 41 |
| <i>Custos da masculinidade</i> .....               | 43 |
| <i>Movimento feminista em Portugal</i> .....       | 46 |
| <i>Temática LGBT</i> .....                         | 46 |
| <i>Casamento e Adopção</i> .....                   | 47 |
| <i>Obstáculos à mudança</i> .....                  | 49 |
| <i>Críticas a disciplinas</i> .....                | 52 |
| <i>Mudança</i> .....                               | 54 |
| <i>Os homens e a mudança</i> .....                 | 56 |
| <i>Educação/Formação</i> .....                     | 57 |
| <i>Arte, humor e media</i> .....                   | 58 |
| <i>Comunidades de apoio</i> .....                  | 60 |
| <i>Pesquisa orientada para a mudança</i> .....     | 60 |
| <i>Visões para o futuro</i> .....                  | 61 |
| <i>Considerações sobre o presente estudo</i> ..... | 65 |

Capítulo V

Conclusões ..... 67

Notas ..... 72

Referências Bibliográficas ..... 75

Anexos

Anexo A: Carta de consentimento ..... 88

Anexo B: Folha de informação..... 89

Anexo C: Entrevistas aos participantes ..... 90

Lista de Tabelas

TABELA 1: Tabela relativa às faixas etárias dos participantes ..... 29

TABELA 2: Tabela relativa às informações sobre os participantes e duração das entrevistas..... 32

## Resumo

A eclosão dos estudos sobre masculinidades tem vindo a proporcionar várias reflexões sobre as possibilidades de actuação por parte dos homens na construção de uma sociedade não opressiva, não sendo contudo uma área desenvolvida em Portugal. Neste sentido, o presente estudo teve como objectivo a recolha de narrativas biográficas parciais de dez homens portugueses que se afirmavam como feministas. Vários temas foram abordados, entre os quais as motivações subjacentes à adesão ao projecto feminista, a relação entre género e sexualidade e a mudança social. Através das suas narrativas, foi possível constatar o carácter múltiplo das suas experiências e posicionamentos, tendo como ponto em comum a constatação da necessidade da criação de contextos criativos e inovadores propiciadores da mudança social.

Palavras-chave: feminismo, masculinidades, mudança social, homens feministas

## Abstract

The studies on masculinities have allowed a wider consideration of the possibilities of men acting pro-actively in the creation of a non-oppressive society; however, this is an underdeveloped area of research in Portugal. As such, the present study had as its goal the gathering of partial biographic narratives of ten portuguese men who considered themselves as being feminist. Several themes were discussed such as the reasons that led these men to become feminists, the connection between gender and sexuality and social change. The narratives illustrated the multiple experiences and locations of these men, having also a common point that is the need for the creation of creative and innovative settings that promote social change.

Keywords: feminism, masculinities, social change, feminist men

## Agradecimentos

À minha família, cujos contributos a todos os níveis permitiram que este trabalho fosse realizado.

Aos participantes, por me terem recebido, acolhido, desafiado. As nossas entre-vistas provaram ser um estimulante desafio intelectual para mim.

Ao Prof. Dr. José Ornelas, pelo contínuo apoio e reflexão.

A Ana Cristina Santos, pelo seu contributo.

Às associações e pessoas que contactei e que amavelmente me cederam, por sua vez, vários contactos.

Aos membros do júri, pelos contributos críticos que darão a este trabalho.

Aos meus colegas de mestrado, por dois anos repletos de emoções, críticas, divergências, uniões.

À minha colega Marta Pita, por estar sempre presente.

Ao meu colega Marcos Mendonça, cuja experiência de vida e sábios conselhos foram determinantes na construção deste caminho.

À minha colega Adriana Nunes pelo apoio prestado.

Ao Alexandre, técnico do ISPA, cujo auxílio foi fundamental para realizar a parte de análise dos resultados.

A todos os que contribuíram com as suas perspectivas; a responsabilidade de eventuais erros é inteiramente minha.

## Introdução

Na introdução do presente estudo, considera-se deveras importante reflectir sobre como o mesmo se tornou numa ideia, se desenvolveu e se materializou na forma actual. Inspirado pelo carácter transformador da teoria feminista e da psicologia comunitária, o meu desejo inicial era o de criar algo de concreto, prático, que servisse de recurso para uma maior compreensão das formas variadas como os homens podem e devem lutar pela igualdade de género. Tais incursões (ou quiçá, devaneios) serão características de jovens estudantes que anseiam e almejam pela tão desejada utopia e que acreditam fortemente numa sociedade orientada por parâmetros como a justiça social e o respeito/apreço pelas diferenças. Cedo tais incursões se deparam com obstáculos institucionais, temporais e monetários, sendo assim necessário procurar outro tipo de projecto cujos obstáculos expectáveis sejam mais facilmente transponíveis. Em verdade, depressa compreendi que o meu projecto inicial falharia, pois para além dos obstáculos já mencionados, eu estava sozinho. Onde estavam os outros homens, politicamente dispostos a lutar por uma sociedade sem sexismo? A literatura a que tinha acesso, na sua maioria norte-americana, referenciava homens pró-feministas, lançando-se em debates infundáveis sobre se os homens poderiam ou não ser feministas, procurando descortinar o oxímoro para alguns patente, para outros inexistente, na expressão “homem feminista”. Haveriam homens feministas em Portugal? Quem seriam, como seriam, onde viviam? Na altura, o meu fraco conhecimento do movimento feminista em Portugal não me permitia responder a tais questões. Sabia contudo que projectos futuros nesta área, de criação de masculinidades mais politizadas para a mudança, seriam criados e elaborados não por um indivíduo, mas sim por um grupo, idealmente coeso nas suas reivindicações, idealmente crítico e, apesar de (ou quiçá em função de) todas as contradições e paradoxos que vivem na identidade dos homens feministas, motivado para a mudança, urgente e necessária.

Surgia assim a primeira pista para o estudo: estudar homens pró-feministas (o “pró” viria a ser descartado posteriormente, por razões que serão elaboradas no estudo). Os obstáculos pareciam surgir novamente: como encontrá-los? Mas seriam homens heterossexuais? As perguntas que me eram formuladas e das quais partilhava, teriam a sua própria lógica, uma vez que se assumia que os homens homossexuais tivessem à partida uma maior proximidade com o feminismo. Certamente encontraria apenas um ou dois realmente feministas, excluindo

o ocasional heremita que, cansado e desiludido com uma sociedade sexista, abandonou o projecto político feminista e se isolou da sociedade que em teoria procuraria mudar. Na minha busca de contactos, algumas mulheres feministas achavam a ideia interessante, mas a questão era sempre a mesma: como os iria encontrar, a esses homens feministas, que qual espécie rara, pareciam estar bem escondidos. “Que los hay, los hay” foi uma resposta que obtive que parece sumarizar bem esta fase do estudo: poderiam existir homens feministas, mas estes seriam etéreos como os fantasmas.

Uma das forças deste estudo começa a partir daqui. Será difícil transmitir a emoção e a motivação que caracterizaram as semanas em que recebi os contactos necessários para a tese. Do aparente deserto árido despido de homens com uma orientação feminista, surgiam vários contactos, nomes de que não tinha conhecimento assim como outros com quem já tinha travado conhecimento. As organizações feministas provaram ser de excepcional ajuda, pois foi através delas que surgiram a maioria dos contactos. Outros conhecimentos que tinha, nomeadamente da minha passagem como activista no movimento Lésbico, Gay, Bissexual e Transgénero (LGBT), provaram ser de grande utilidade; ironicamente, grande parte dos contactos recebidos foram de homens heterossexuais ou que actualmente se encontravam numa relação heterossexual. Dos dois ou três que eu poderia encontrar, no final obtive cerca de trinta contactos de homens que se afirmavam como homens feministas. Certamente que, devido à impossibilidade de contactar com tão grande número, não será prudente afirmar que todos serão realmente feministas; e contudo, será igualmente importante realçar o que considero um importante passo, a concretização de que existem mais recursos (em termos de pessoas e de motivação política) do que aquela que por vezes consideramos ser a realidade. Este testemunho serve para ilustrar o quão importante é a perseverança, por mais descreditada que esta possa parecer numa primeira fase.

A amizade e a disponibilidade demonstrada pelos homens que contactei, provinda mesmo daqueles que eventualmente não entrevistei devido a obstáculos temporais e institucionais, é algo que sinto como meu dever realçar e sublinhar. No decurso dos contactos e das entrevistas, vários temas foram abordados, várias discussões criadas, encontrando sempre a mesma simpatia e interesse em forjar um caminho comum, que claramente será pavilhado com diferenças, contradições e paradoxos, podendo aqui reconhecer não uma suposta pobreza deste caminho, mas sim a sua riqueza, uma riqueza provinda da complexidade e das diferentes posições que estes homens, eu próprio incluído, ocupamos, orientada por um ponto constante, o da necessidade de mudança na forma da eliminação do sexismo e de outras opressões.

Num trabalho claramente orientado por teorias feministas e assumidamente de carácter feminista, seria incongruente não reflectir sobre como as minhas posições sociais informam e modelam a minha acção e interpretação neste estudo. Identifico-me actualmente como um homem, branco, homossexual, classe média-alta, precariamente empregue, interessado nas perspectivas críticas e teóricas formuladas pelos mais diversos movimentos sociais. Há assim aspectos da minha identidade que me dão um privilégio social, ao passo que outras identidades me colocam em espaços sociais não privilegiados. Estas múltiplas localizações implicam que eu seja agente, de forma não linear, de forma consciente ou inconsciente, em relações de poder de opressão e liberação. Por ser oprimido e por não querer oprimir, a mudança é vista por mim como uma necessidade, que precisará de ser informada pela crítica para ser uma mudança efectiva. Localizando-me num paradigma crítico, algo que será discutido ao nível teórico adiante, acredito que a crítica e a mudança não são conceitos mutuamente alienígenas, mas que pelo contrário, se informam de tal forma que as barreiras de cada um tendem a esmorecer e a aglutinar-se. É contudo importante, do meu ponto de vista, manter os conceitos separados, mesmo que a um nível essencialmente teórico, pois a mudança enquanto conceito e acto isolado, possivelmente enquanto retórica, pode ser danosa para grupos oprimidos, seja por vir apenas melhorar determinados aspectos, uma mudança cosmética como diria um dos participantes, enquanto as bases da opressão não são discutidas, analisadas e alvo de intervenção, não ocorrendo assim mudança. Se falamos de mudança falamos necessariamente de um processo que se estende no tempo, mutável, plástico, reflexivo e possivelmente infinito. Ao compreendermos a mudança neste sentido, a crítica torna-se imperativa no sentido de que a crítica é já parte da mudança, quiçá um ponto de início de um processo de mudança, de resistência ao status quo. Se podemos argumentar que haverá crítica sem mudança (algo de que discordo, uma vez que a crítica é ela mesma iniciadora de mudança), não haverá certamente mudança sem crítica, pois esta é essencial para a manutenção desse mesmo processo e a única forma de assegurarmos de que a mudança é realmente efectiva e não apenas retórica, ou cosmética.

O presente texto é assim assumidamente informado e baseado nos valores da psicologia comunitária e da teoria feminista. Sou informado por várias autoras e autores, entre eles destacando-se bell hooks, cuja compreensão não separatista do feminismo e as suas críticas ao próprio movimento feminista foram, ironicamente, decisivas para me tornar feminista; R. W. Connell, cuja sagacidade e espírito crítico são sempre fruto de grandes surpresas e novos desafios intelectuais; Sandra Harding, que com o seu livro *The Science Question in Feminism* e subsequentes obras me despertou um enorme interesse no campo da filosofia da ciência; e



Julian Rappaport, cujas críticas a todo e qualquer pensamento convergente, que não se limitará apenas à psicologia tradicional, são exemplificadoras, em meu entender, da importância da crítica, da mudança e da criação de comunidades de apoio e de reflexão em disciplinas e movimentos sócio-políticos que almejem um mundo melhor.

No capítulo um, abordar-se-á o tema central em estudo, os homens feministas. Como tal, iniciar-se-á o capítulo com uma breve consideração sobre género, feminismo e poder, apresentando-se em seguida conclusões provenientes da literatura sobre masculinidades, debruçando-nos de forma muito sucinta sobre os diferentes movimentos de homens. Em seguida, far-se-á uma reflexão sobre os homens feministas, focando-nos sobretudo nos paradoxos e contradições que permeiam esta identidade, e de como as hesitações relativas a esta identidade (ou quiçá mesmo, inerentes à mesma) poderão provar ser o próprio motor de mudança para a criação de uma masculinidade hegemónica que se norteie por princípios democráticos ao nível do género.

O capítulo dois será dedicado a considerações relativas à forma de pesquisa utilizada neste estudo. Como tal, serão abordadas as ligações entre pesquisa e as potencialidades para a consciencialização e mudança; estas ligações serão informadas pelos pressupostos teóricos e práticos da teoria feminista e da psicologia comunitária, entre outros.

O capítulo três será preenchido com as questões relacionadas com a metodologia do estudo.

O capítulo quatro apresentará os resultados obtidos.

O capítulo cinco será dedicado às conclusões finais, apresentando propostas para futuros estudos e intervenções a nível prático.

“On a dit que les femmes, quoique meilleures que les hommes, plus douces, plus sensibles, moins sujettes aux vices qui tiennent à l'égoïsme et à la dureté du coeur, n'avaient pas proprement le sentiment de la justice; qu'elles obéissaient plutôt à leur sentiment qu'à leur conscience. Cette observation est plus vraie, mais elle ne prouve rien: ce n'est pas la nature, c'est l'éducation, c'est l'existence sociale qui cause cette différence.”<sup>1</sup>

- “Sur l'admission des femmes au droit de cité”,  
Jean-Antoine-Nicolas de Caritat, Marquis de Condorcet, 1790

## Capítulo I

### Enquadramento Teórico – Masculinidades e Homens (Pró)Feministas

Neste capítulo analisaremos as relações entre feminismo, género e masculinidades, propondo em seguida uma análise das descobertas que a literatura demonstra em relação às várias masculinidades, encerrando o capítulo com uma exposição sobre homens feministas.

#### *Feminismo, género e masculinidades*

A pesquisa sobre os homens é tão velha como a própria arte da pesquisa; contudo, o foco na masculinidade ou nos homens, enquanto género, é relativamente recente, datando da década de 70 do século XX (Coltrane, 1994; Connell, 2005b; Vale de Almeida, 2000), fruto do movimento feminista que na sua multiplicidade de posições teóricas e práticas (Tong, 2008), se distingue de outras linhas de pensamento ao estabelecer uma crítica da misoginia e da ideia de superioridade e centralidade masculina que permearam e permeiam ainda grande parte do pensamento contemporâneo (Beasley, 1999). Central ao movimento feminista,

enquanto movimento sócio-político, encontram-se os conceitos - e práticas - de mudança e poder, na procura de uma redefinição das relações entre homens e mulheres (Barbosa, 2008; Segal, 1988, 2007). De acordo com Madalena Barbosa, o “feminismo em Portugal tem sido uma palavra quase insultuosa” (2008, p. 90); as tentativas de reduzir e deslegitimar a prática e teoria feministas são claras. Como considera Tavares (2000), “o feminismo [em Portugal] continua a surgir, em termos de opinião pública, como um simples movimento liderado por algumas mulheres radicais na sua luta contra os homens” (p. 103). Esta face pública do feminismo, como designaria Segal (1988), esconde todas as críticas, discussões e parcerias elaboradas dentro dos feminismos.

Como hooks (1984, 2000) alega, o feminismo é um movimento para erradicar o sexismo, a exploração sexista e a opressão. Os movimentos sociais que lutam pela emancipação, entre os quais o movimento feminista, consideram a opressão como os contrangimentos sistemáticos, reproduzidos e mantidos através do não questionamento de normas, hábitos e símbolos, em suma, dos processos do quotidiano, e através de instituições económicas, políticas e culturais, tendo assim a opressão um carácter estrutural ; estes contrangimentos materializam-se na restrição ao nível do acesso a recursos materiais e, para além do seu carácter estrutural, a opressão encontra-se igualmente a nível psicológico, nas considerações depreciativas e expectativas reduzidas que se criam nos próprios indivíduos de um grupo (Prilleltensky & Nelson, 2002; Young, 1990a). O projecto feminista de redefinição das relações entre homens e mulheres encontra assim resistências e obstáculos pois os homens, enquanto grupo, são privilegiados, como patente na sua ubiquidade e invisibilidade (Kimmell, 2003). O poder não é, contudo, monolítico; em função das relações e contextos em que opera, as pessoas podem ocupar diferentes posicionamentos em temporalidades diferentes (Prilleltensky & Nelson, 2002; Scott, 2001), podendo assim uma pessoa ou grupo ser oprimido ou opressor em diferentes temporalidades (Prilleltensky, 2008). As relações entre opressão, poder e género, nomeadamente masculinidades, são assim mais complexas do que geralmente se tende a crer, como aprofundaremos mais à frente.

Começaremos por abordar a categoria social conhecida como género. O que entendemos por género? Connell (2002) rejeita a ideia popularizada de que o género se resume às diferenças culturais entre homens e mulheres, baseadas na divisão biológica entre macho e fêmea, argumentando que o género deve ser entendido como uma estrutura social, não como uma expressão biológica ou dicotómica; o género, de acordo com Connell, é um padrão dos arranjos sociais e das actividades ou práticas do quotidiano reguladas por esse padrão. O termo género foi um empréstimo da gramática que na sua origem tinha um significado:

produzir. O género é assim, de acordo com Butler (1999) uma performance, realizado através de uma série de actos que resultam numa estilização do corpo; nas célebres palavras de Simone de Beauvoir, “on ne naît pas femme: on le devient (...) c’est l’ensemble de la civilisation qui élabore ce produit intermédiaire entre le mâle et le castrat qu’on qualifie de féminin”<sup>2</sup> (Beauvoir, 1986, p. 13). Assim como não se nasce mulher, de igual forma não se nasce homem; e assim como o feminino é uma construção social, também o é o masculino. Quando falamos de género não falamos assim de essências, de atributos naturais, mas sim de construções sociais; como argumenta Nogueira (2004) o género “não existe nas pessoas, mas sim nas relações sociais” (p. 271). O género é um escândalo do ponto de vista do essencialismo, considera Connell (2000), uma vez que o género existe precisamente porque a biologia não determina o social.

Assim, ao contrário do que vulgarmente se possa acreditar, a masculinidade é um conceito de difícil definição. O antropólogo Miguel Vale de Almeida (2000), no seu estudo pioneiro sobre masculinidades coloca a questão: “que significa «ser homem» do ponto de vista social?” (p. 127).

A pergunta é tão complexa quanto aparentemente ingénua (...) em termos de senso comum, ser homem é fundamentalmente duas coisas: não ser mulher, e ter um corpo que apresenta órgãos genitais masculinos (...) ser homem, no dia a dia, na interacção social, nas construções ideológicas, nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados. Em suma, em constante processo de construção (Vale de Almeida, 2000, pp. 127/128).

Este constante processo de construção implica que devemos abandonar a noção de masculinidade e adoptarmos a noção de masculinidades, plurais e diversas. Aprofundando esta ideia, Connell (2000, 2007) numa revisão da literatura sobre masculinidades aponta determinadas descobertas relativamente às masculinidades sustentadas pela investigação, nomeadamente a sua multiplicidade, as várias relações hierárquicas que se estabelecem entre si, colectividade, aprendizagem e construção social, complexidade e mudança.

### *Multiplicidade existente de masculinidades*

Estudos etnográficos e históricos têm vindo a demonstrar que não existe uma única e específica versão de masculinidade, mas sim várias masculinidades, cujas diferenças se

verificam entre culturas (Gilmore, 1990; Hearn & Collison, 1994), encontrando-se igualmente várias masculinidades dentro da mesma cultura ou organização; exemplos como a análise dos diferentes modelos de masculinidade ao longo de mais de três mil anos (Doyle, 1983) ou a análise realizada por Kimmel ao nível de masculinidades nos Estados Unidos da América entre o século XIX e o século XX (Kimmel, 2006) vêm demonstrar as mudanças a que a temporalidade submete o conceito de masculinidade.

A concepção monolítica do que geralmente se considera como masculinidade tem sido desafiada por vários movimentos sociais, entre os quais o movimento LGBT e o movimento anti-racista (Newton, 2001); assim, as diferentes masculinidades são o resultado de vários factores sociais, entre eles factores históricos, culturais e até mesmo geográficos (Beynon, 2002). Ao falarmos de homens ou de masculinidades (ou, por outro lado, de mulheres e feminilidades) falamos assim necessariamente de processos de intersecção em que o género é influenciado e influencia outros aspectos sociais como a orientação sexual, a classe social, a raça/etnia, nacionalidade, entre outros (Hearn, 2001); ao termos em atenção a intersecção destes vários factores poderemos enveredar por um processo crítico de descoberta que nega noções universalistas relativamente às identidades e experiências masculinas (Davis, 2008).

### *Hierarquia e hegemonia*

As diferentes masculinidades relacionam-se entre si num jogo complexo de hierarquia e hegemonia. A construção dominante de masculinidade é denominada por Connell (2005b, 2005c) como masculinidade hegemónica. Na presente ordem de género, este tipo de masculinidade preserva a polarização dos sexos, de forma a assegurar a ascendência e os benefícios que daí advêm para os homens, em várias áreas da sociedade, como por exemplo, no acesso ao trabalho; contudo, nem todos os homens recebem os mesmos benefícios, uma vez que a masculinidade hegemónica subordina necessariamente outras formas de masculinidade (Vale de Almeida, 2000). Um grupo de homens que se situa numa masculinidade subordinada são os homens homossexuais; devido à ligação da masculinidade hegemónica “com a instituição do casamento e da família, através da norma da heterossexualidade” (Amâncio, 2004, p. 24), os homens homossexuais são alvo de atitudes e discursos homofóbicos, sendo estes actos parte dos rituais performativos da masculinidade hegemónica. Será importante realçar que a subordinação dos homens não ocorre apenas ao nível da orientação sexual mas igualmente a outros níveis como por exemplo a nível da

deficiência física (Connell, 2005b) ou de raça/etnia (Alsop, Fitzsimons & Lennon, 2002; hooks, 2004a).

Connell (2005b) considera ainda dois outros tipos de masculinidade: a masculinidade cúmplice, em que os homens encontram-se numa posição de acomodação aos benefícios do sistema patriarcal, convivendo com uma ordem de género que não contestam; e a masculinidade marginalizada que emerge da articulação do género com outras condições estruturais, como a etnia e a classe social, em que os homens se socializam em função da dependência de um grupo.

### *Colectividade*

As masculinidades são definidas colectivamente e sustentadas por instituições. As instituições podem construir múltiplas masculinidades e definir as relações entre elas, como por exemplo na escola (Connell, 2000), nos escuteiros (Hantover, 1997) ou em instituições desportivas (Messner, 2003). O aspecto colectivo das masculinidades implica que os homens agem num processo de regulação complexo das masculinidades dos outros homens, de certa forma auto-regulando a sua própria masculinidade (Amâncio, 2004; Badinter, 1997). Tentativas individuais de mudança geralmente falham por se encontrarem vários obstáculos, nomeadamente a nível do contexto institucional e dos grupos de pares (Connell, 2007).

### *Aprendizagem e construção social*

Como já abordado anteriormente, as masculinidades são fruto de construções sociais, produzidas nas interacções sociais de acordo com os recursos e estratégias disponíveis num determinado contexto social: “o determinismo biológico não é suficiente para compreender a variedade de modos de ser que se encontram entre homens e entre mulheres, nem a diversidade de configurações que as relações entre homens e mulheres assumem em diferentes contextos sociais” (Amâncio, 2004, p. 9). A própria relação entre sexo e género, geralmente considerada como pacífica, tem vindo a ser desestabilizada pelas teorias feminista e *queer* (Lorber, 1994; Laqueur, 1990; Penedo, 2008), desafiando a ideia de que a masculinidade pertence exclusivamente aos homens e a feminilidade às mulheres (Alsop, Fitzsimons & Lennon, 2002), como é o exemplo do trabalho de Halberstam (1998) sobre masculinidade feminina.

## *Complexidade*

Existe uma complexidade inerente às masculinidades devido à sua heterogeneidade, tendo a pesquisa vindo a assinalar a existência de contradições e paradoxos ao nível de desejos e condutas; como argumenta Segal (1999), “the complexity of both psychic life and bodily investments are not homologous with polarizing gender discourses, or the social injunctions which render them intelligible (...) psychic life has an autonomous complexity which sexual difference, or gender identity, does not exhaust”<sup>3</sup> (p. 69). Estas complexidades podem produzir flexibilidade ao nível das práticas de género, mas também podem ser fonte de tensão ou mesmo violência (Connell, 2007).

Parte desta tensão advém da diversidade de masculinidades; como questionam Hearn e Collison (1994), que característica é considerada mais importante num homem, negro e homossexual? Os autores afirmam que numa sociedade dividida a questão é complexa, uma vez que estas sociedades colocam determinadas identidades como sendo prioritárias relativamente às demais. O homem aqui retratado provavelmente evidenciaria a sua condição de homem em determinadas situações, a sua etnia em outras, assim como a sua orientação sexual em outras; o contexto e as relações de poder que se expressam no mesmo são assim preponderantes na legitimação ou não de determinadas identidades.

De outra forma, não obstante a clara hierarquia em que as masculinidades se encontram, essas relações não primam pela sua simplicidade ou fixidez. Como hooks (2004a) afirma, a maioria dos homens conformam-se com o patriarcado, de uma forma ou de outra (a autora inclui os homens homossexuais nesta consideração). Seguindo esta linha de raciocínio, será então possível alegar que os homens homossexuais (ou outros grupos de homens, como por exemplo, os homens que apresentam deficiências físicas) possam ocupar, de acordo com algumas perspectivas, duas categorias de masculinidade ao mesmo tempo (e.g., ser subordinados e cúmplices ao mesmo tempo).

## *Mudança*

Por se encontrarem em constante tensão, as masculinidades podem e – mais do que uma possibilidade abstracta - efectivamente mudam; se por um lado existe a possibilidade de construção de masculinidades democráticas (Kimmel, 2006), nomeadamente em contextos

como o movimento ecológico, os sindicatos, o movimento anti-racista, entre outros (Connell, 2005b; Segal, 2007), por outro lado a mudança pode não significar um avanço em termos das relações de género, como o comprovam os estudos realizados sobre a multiplicidade de movimentos e organizações de homens (geralmente encontrados, de uma forma mais formal, em países como os Estados Unidos da América, Canadá, Inglaterra e Austrália) cujo objectivo central não é o da promoção da igualdade de género, exibindo necessariamente resistências às políticas feministas (Flood, 1998; Kimmel, 1995; Messner, 1997), como sendo o movimento mitopoético, os *promise keepers*, o movimento de libertação dos homens e o movimento de direitos dos homens.

O movimento mitopoético, popularizado pelo best-seller norte-americano *Iron John* de Robert Bly (1990), apela a uma revalorização dos ritos iniciáticos da masculinidade, argumentando que a sociedade ocidental actual não permite uma transição saudável, ou no mínimo adequada, dos rapazes para homens; na ausência destes rituais, o homem moderno assemelha-se cada vez mais a algo que Bly se refere como o *soft male*, um homem passivo e subjugado às exigências das mulheres. Para fazer face à crescente femininização dos homens, o movimento mito-poético procura guiar os homens em viagens de cariz espiritual, empregando mitos, psicologia jungiana e psicanálise, de forma a re-descobrir e a reclamar as suas partes masculinas que tinham perdido no seu processo de socialização (Messner, 1997), procurando assim criar espaços homosociais (na forma dos rituais) que enfatizam e reforçam a separação entre homens e mulheres, havendo assim claramente uma tónica essencialista relativamente à concepção dos géneros. Este essencialismo permite ao movimento redefinir as concepções de masculinidade, permitindo-lhe igualmente ter uma visão não crítica dos privilégios institucionalizados na sociedade de que os homens são os beneficiários, não confrontando assim o facto de que esses privilégios são alcançados através da contínua subjugação das mulheres e de outros homens. De acordo com Schwalbe (1998), constatar que são outros homens os responsáveis por muitos dos problemas sociais que o movimento procura combater (nomeadamente os problemas relacionados com os custos da masculinidade) implicaria a destruição da ilusão da irmandade criada no seio do movimento; de forma a evitar conflitos, críticas sobre privilégio, relações sociais e desigualdade (quer relativamente às mulheres, quer entre os próprios homens) não são consideradas.

Os Promise Keepers são um movimento de homens baseado no fundamentalismo cristão; de cariz essencialista, este movimento procura que os homens assumam novamente o “seu lugar” como líderes das suas famílias e comunidades, tendo como referência de masculinidade e liderança Jesus Cristo. Os problemas sociais actuais são na perspectiva deste movimento,



resultantes da não aceitação dos papéis naturais dos homens e das mulheres. Assim, ao passo que o essencialismo do movimento mito-poético é de natureza biológica, o essencialismo dos Promise Keepers é de natureza bíblica (Messner, 1997), sendo frequentes os apelos à ‘família tradicional’, heterossexual, em que a autoridade segue uma clara linha hierárquica, pertencendo a Deus, ao Seu Filho, ao pai de família e finalmente à esposa e crianças.

O movimento de liberação dos homens, não obstante considerarem o feminismo como um movimento para a liberação humana, ao empregarem um modelo baseado em ‘papéis sexuais’ e a forma como os homens também sofrem devido às limitações dos mesmos, tendem a universalizar a experiência de determinados homens e mulheres, pois como Messner (1997) indica, grande parte dos problemas indicados neste tipo de literatura são geralmente problemas de homens brancos, com uma educação superior e heterossexuais; as experiências de homens homossexuais, negros ou desempregados não eram consideradas. De igual forma, o movimento de liberação ao empregar o modelo de papéis sexuais, não concebe uma agência humana no indivíduo que realiza o processo de aprendizagem do género, e como nesta aprendizagem existe prazer e entusiasmo, resistência e dificuldade de construção (Connell, 2002).

O movimento de direitos dos homens enfatiza os custos da masculinidade para os homens, revelando uma política anti-feminista ao considerarem o feminismo como um movimento que esconde que são as mulheres que têm o poder e que os homens são os mais oprimidos pela organização actual de género, procurando desta forma constituir um movimento só de homens para lutar pelos seus direitos, como por exemplo, os direitos dos pais, não existindo geralmente contudo uma crítica relativamente às responsabilidades destes para com os seus filhos antes do divórcio (Messner, 1997).

Será que os homens podem mudar? Esta diversidade de posicionamentos vem demonstrar que a resposta é afirmativa e retórica, como afirma Segal (2007): as contradições, paradoxos e ao mesmo tempo vitalidade e desejo de mudança patentes em todos estes movimentos permitem-nos sair do obscurantismo que se popularizou e que tende a demonizar os homens, catalogando-os e categorizando-os de forma estereotipada. Uma outra questão permanece, contudo: como podem os homens exercer uma mudança que seja democrática? A resposta poderá estar no grupo de homens que se consideram como pró-feministas.

### *Homens (pró) feministas*

Será possível os homens serem feministas? Há cerca de 30 anos atrás, Benoîte Groult ponderava sobre essa mesma questão:

Quelles qualités rares a-t-il fallu aux quelques hommes qui ont voulu dépasser l'image traditionnelle de l'épouse dévouée, gardienne du foyer et mère admirable, pour penser à elle comme à une personne indépendante, un être humain à part entière? Quelle émouvante honnêteté les a-t-elle conduits à dénoncer des privilèges dont tant d'hommes oublient qu'ils les ont acquis en se donnant simplement la peine de naître? Qu'avaient-ils en commun qui les distingue de l'immense foule des mâles qui ont péroré, pontifié, légiféré, vaticiné sur la nature de la Femme, la vocation de la Femme, l'intelligence de la Femme, le masochisme de la Femme, la sexualité de la Femme, toutes choses qu'ils connaissaient comme s'ils les avaient faites (...)"<sup>4</sup> (Groult, 1977, p. 13).

Assim como muitas mulheres que ousaram criticar um sistema patriarcal foram silenciadas em vida e relegadas para o esquecimento e silêncio histórico (e.g., Olympe de Gouges), o mesmo aconteceu com homens que desafiando esse sistema foram relegados para esse mesmo silêncio histórico; um exemplo característico será o de François Poullain de la Barre, cujas obras, revolucionárias para a sua época ao apelar para a justiça nas relações entre homens e mulheres, foram consideradas durante um longo período de tempo como medíocres (Groult, 1977). O pessimismo não é total, pois o projecto feminista ao realizar um trabalho histórico vai recuperando essas vozes do esquecimento. O importante a sublinhar será contudo que os próprios homens sofrem represálias ao nível da sua posição e reputação ao ousarem transgredir o sistema e reivindicar a igualdade. Robertson (1996), no seu trabalho sobre Parker Pillsbury, homem activista dos direitos das mulheres no século XIX, comenta como os homens pró-feministas têm geralmente sido representados como fracos, impotentes e não viris; no século XIX aos homens que questionassem a ordem de género instituída (e, assim, necessariamente, a dominação masculina) era reservada a alcunha de "Aunt Nancy".

Offen (2000) argumenta que, embora tenham constituído uma pequena minoria, até ao século XX alguns dos defensores mais importantes da emancipação das mulheres foram homens. Homens como John Stuart Mill e o Marquis de Condorcet serão os exemplos mais conhecidos de homens que, em temporalidades e contextos diferentes, desafiaram um sistema em prol do que hoje consideramos a igualdade de género. Existem outros exemplos, como Poulain de la Barre (já mencionado), Barthélemy Prosper Enfantin e Charles Fourier (Groult,

1997); do outro lado do oceano, Kimmel e Mosmiller (1992) apresentam uma recolha de mais de cem ensaios em que vários homens, por vezes assinando com mulheres, reclamam os direitos das mesmas em áreas tão variadas como o acesso ao voto ou lutando por redefinições do casamento.

Welzer-Lang (2004, 2008) oferece a seguinte definição de homens pró-feministas: homens, investigadores ou não, que procuram reflectir sobre a sua actividade (militante, intelectual ou social) numa perspectiva crítica do androcentrismo, próxima do pensamento feminista; homens que, pela sua actividade, revelam a dominação masculina e participam na sua erradicação de forma efectiva; os homens pró-feministas são assim homens que apoiam as mulheres na luta pela igualdade e liberdade (Kimmel & Mosmiller, 1992). Os homens pró-feministas enquadram-se assim claramente no projecto feminista, ao utilizarem os recursos provindos do feminismo para realizar intervenções subversivas aos níveis da reprodução da masculinidade considerada como normativa (Thomas, 2001). Publicações como as de Snodgrass (1977), Digby (1998) e Tarrant (2008) recolhem vários ensaios e peças críticas da relação, por vezes conflituosa, entre homens e o movimento feminista; uma leitura cronológica destas publicações evidencia uma crescente exploração da diversidade existente ao nível das masculinidades e a intersecção do género com outras categorias como orientação sexual e raça/etnia (que necessariamente promovem essa mesma diversidade).

O termo pró-feminismo é utilizado por autores que consideram que os homens não têm necessariamente acesso às experiências de opressão em função do seu género como as mulheres, não podendo assim declarar-se como feministas mas sim como apoiantes do movimento feminista (Flood, 2002; Kimmel, 1998; Kimmel & Mosmiller, 1992). Esta posição é discutível, pois algumas mulheres feministas acreditam que os homens podem ser igualmente feministas (hooks, 2000; Offen, 2000); Gannon e Davies (2007) criticam uma lógica binária que coloca o feminismo como sendo algo de mulheres e o anti-feminismo ou o não-feminismo como algo de homens; esta lógica binária pode ser desconstruída, de acordo com os autores, podendo o não-feminismo passar a estar associado com a misoginia e o patriarcado. Utilizando ambos os termos, Ashe (2004) considera que a experiência dos homens pode ser considerada como uma base para um compromisso com políticas feministas, concluindo a autora que maior atenção deverá ser prestada às consequências políticas das práticas dos homens e não recorrendo a conceitos essencialistas. No presente trabalho utilizamos os termos ‘homem pró-feminista’ e ‘homem feminista’ de acordo com as perspectivas dos respectivos autores, tecendo algumas considerações sobre que termo empregar nas conclusões do estudo. Como Haywood e Mac an Ghaill (2003) argumentam, a

questão poderá ser considerada não tanto em termos de políticas de identidade mas ao nível das políticas de pesquisa – e acção – produzindo representações menos parciais do mundo social e das relações entre homens e mulheres.

O que leva alguns homens a assumirem uma posição (pró)feminista? No seu estudo sobre histórias de vida de homens anti-sexistas, Christian (1994) concluiu que a maioria dos seus participantes tinha tido experiências na sua infância com características não convencionais que não se encontravam nas expectativas tradicionais de género – e.g., a não identificação com pais tradicionais, a identificação com pais protectores, a experiência de mães fortes, pais que não seguiam os ‘papéis’ tradicionais de género ao nível do trabalho doméstico, influência de irmãs ou irmãos mais velhos e amizades com raparigas ou com ambos os sexos onde as tradicionais barreiras do género não eram enfatizadas. Estas experiências e influências provindas da infância não seriam as únicas a determinar o posicionamento político dos homens em relação à igualdade de género, tendo o autor igualmente concluído que os homens entrevistados tinham uma influência feminista na sua vida adulta, geralmente no âmbito de uma relação romântica ou de amizade com pelo menos uma mulher que seria activamente feminista. Flood (1998) considera igualmente que os compromissos de homens com outros movimentos - como sendo o movimento LGBT, ecológico e pacifista – levam a que se posicionem como aliados do movimento feminista.

Os interesses dos homens na justiça social não são únicos e monolíticos; como argumenta Pease (2002), a localização social não pré-determina necessariamente os interesses das pessoas, sendo estes formulados de acordo com os discursos disponíveis no contexto em que se encontram, discursos esses que as pessoas também co-produzem. Desta forma o autor considera que a tarefa política dos homens pró-feministas consiste em articular novos interesses não patriarcais para os homens, discursos esses que estrategicamente incluam razões para a mudança que motivem os homens a reposicionarem-se; esta reconstrução dos interesses dos homens pode basear-se na noção dos homens como seres éticos, questionando esta dicotomia entre interesses dos homens e justiça social, como se fossem duas realidades irreconciliáveis e que na verdade não necessitam sê-lo (Pease, 2000, 2002).

Sendo os homens, enquanto grupo, privilegiados, tal não implica que a justiça social seja estranha aos homens. Tendo já abordado a diversidade dentro das masculinidades, é possível compreender como os homens se posicionarão de forma diferente em relação a vários aspectos; de igual forma, a opressão tem os seus custos nas pessoas de grupos privilegiados a nível psicológico, social, intelectual, moral e espiritual, material e físico (Goodman, 2001). Devido ao seu privilégio, os homens pró-feministas podem empregar a sua posição de *insider*

para elaborar reivindicações e criticar normas sexistas em espaços a que as mulheres não têm acesso, por exemplo ao nível de contactos directos com líderes culturais e religiosos (Harding, 1998; Hebert, 2007; Lorber, 1994). Surge assim uma questão fundamental: estarão os homens feministas a falar pelas mulheres? As políticas de representatividade encontram-se sempre presentes, especialmente quando discutimos a aliança entre membros de um grupo dominante com o grupo oprimido. Por um lado, deverão ser realizados esforços no sentido do reconhecimento e legitimação das experiências e vozes das mulheres; por outro lado, reconhecendo os diferentes posicionamentos dos homens e, como já explorado, a facilidade de alguns em movimentarem-se em determinadas esferas, maior justiça poderá ser alcançada com a elaboração de um discurso que permita o empowerment do grupo oprimido (Alcoff, 1995).

O papel dos homens e rapazes ao nível da igualdade de género tem sido ponderado e reconhecido a nível de discussões internacionais (United Nations, 2000; United Nations Commission on the Status of Women, 2004); o vigésimo quinto parágrafo da Declaração de Beijing urge os governos a “encorajar os homens a participarem activamente em todas as acções pela igualdade” (United Nations, 1995). Os homens aliados ao feminismo realizam uma multiplicidade de acções a vários níveis (Flood, 2002). Uma das acções mais célebres é a *White Ribbon Campaign* [Campanha do Laço Branco] fundada em 1991 no Canadá e que actualmente é realizada em quarenta e sete países. A campanha é não partidária e procura incluir homens de todo o espectro social e político, tendo como objectivos a consciencialização sobre a violência de género e a educação pública sobre a mesma (Kaufman, 2001). Em termos de violência de género existem igualmente programas de intervenção com homens agressores, cuja filosofia é a de responsabilizar o homem pelo acto de violência cometido e explorar os estereótipos de género que estão na base dessa agressividade (Corsi, 2007; Mankowski, 2006). Peacock (2003) analisa iniciativas empreendidas na África do Sul cuja estratégia principal é a criação de grupos comunitários com o propósito de consciencializar homens no sentido destes serem activistas na prevenção da violência doméstica, existindo igualmente uma componente activa de prevenção da violência. Os grupos de consciencialização são um dos espaços mais comuns de reflexão e prática para os homens feministas, abrangendo temas tão diversos como divisão sexual do trabalho, parentalidades, homofobia, sexualidades e emoções, entre outros (Bonino, Leal, Lozoya & Szil, 2003; Heterodoxia, Red de Hombres por la Igualdad, 2007; Pease, 2000; Mankowski, 2000); por vezes tais grupos procuram publicar as suas considerações, como demonstra Seidler (1992) através de uma compilação de artigos e cartas publicados por vários

homens numa revista de políticas sexuais intitulada *Achilles Heel*. Associações em países como os Estados Unidos da América, Brasil, Finlândia e Espanha têm como objectivo a criação e promoção de projectos que visam a mudança social. O trabalho que se tem vindo a realizar sumariza-se nas palavras de Connell (2005a): “What is needed now is a widespread sense of agency among men, a sense that this transformation is something they can actually share in as a practical proposition”<sup>5</sup> (p. 1818).

O reconhecimento do sofrimento causado pelo sistema patriarcal aos homens (Segal, 2007) pode ser uma forma de incluir os homens no movimento feminista, existindo contudo a necessidade de sermos críticos relativamente aos benefícios que todos os homens recebem (hooks, 2004b). Muitos homens apoiam o actual sistema, querendo mais benefícios e menos limitações; como Pease (2001) resume, “men often want things to change but they do not want to relinquish their power”<sup>6</sup> (p. 3). Especial atenção deve ser dada a intervenções e criação de contextos que procurem criar novos tipos de masculinidades que em última análise criam mais benefícios para os homens mas que não questionam e desafiam o seu poder; como demonstra Messner (1997), vários contextos têm sido criados em que os homens adquirem novas possibilidades (e.g., chorar em público) não sendo o seu poder afectado.

Agir como aliado é assim um processo (Goodman, 2001; Holmgren, 2007), em que os homens lidarão com dilemas, ambivalências e contradições (Hearn, 1999; Kahane, 1998); como argumenta Pease (2000), os homens pró-feministas devem estabelecer parcerias com o movimento feminista e LGBT e aprender com as críticas e desafios lançados por estes. Criar alianças é certamente mais difícil do que adoptar uma postura separatista, como o fazem alguns movimentos de homens; é contudo possível, não obstante as inevitáveis tensões e contratempos, sendo essencial a existência de compromissos partilhados (Connell, 2001). Idealmente, a criação de uma aliança solidária entre os diversos movimentos sociais – uma *rainbow alliance* (Harding, 1995; Monro, 2005), usando o arco-íris como um símbolo de políticas universais ao mesmo tempo que se reconhece a diversidade dos diferentes grupos que o compõem (Young, 1990b). É necessário criar settings pré-figurativos, criativos, que explorem a diversidade de possibilidades que estas alianças podem trazer; se eventualmente esses settings deixarem de existir, tal não implica que o projecto falhou (Burton & Kagan, 1999), uma vez que os novos settings sociais criam novas formas de relação e aprendizagem sobre as relações sociais que não se limitam a esse setting, sendo lançadas para a sociedade em geral através, por exemplo, da experiência daqueles que nele participaram (Maton, 2000), que foram desafiados, que cresceram, que beneficiaram, existindo assim a possibilidade de no futuro se criarem outros settings. Ao estarmos cientes das desigualdades sociais e da forma

como o poder é integrante na nossa vida, agir para a mudança democrática a todos os níveis é um imperativo que se nos coloca; como afirma Segal (1999), o objectivo mais radical do feminismo é a construção de um mundo melhor para todas as mulheres, sendo esse mundo melhor também para homens e rapazes.

“If you are neutral in situations of injustice, you have chosen the side of the oppressor. If an elephant has its foot on the tail of a mouse and you say that you are neutral, the mouse will not appreciate your neutrality.”<sup>7</sup>

- Desmond Tutu

## Capítulo II

### Enquadramento Teórico – Pesquisa e Mudança

Neste segundo capítulo procuramos demonstrar, de uma forma necessariamente sintética, as relações possíveis entre determinadas formas de pesquisa académica e o seu potencial para a criação e/ou desenvolvimento de situações de mudança. Analisamos em primeiro lugar o papel das narrativas, seguindo-se uma reflexão sobre a teoria crítica aplicada à psicologia e por fim abordamos a relação da pesquisa académica com a mudança social, nomeadamente o seu aspecto colaborativo.

#### *Narrativas e contra-narrativas*

Definir o que se entende por narrativa é uma tarefa que prima pela sua complexidade, devido à grande quantidade de definições possíveis; o estudo das narrativas, por ser inerentemente interdisciplinar (Riessman, 1993) gera discordâncias relativamente a uma definição precisa de narrativa (Riessman, 1993, 2008). Empregaremos a seguinte definição de narrativa: uma narrativa é uma história; histórias são descrições de eventos que decorrem ao longo de um determinado tempo; têm um início, meio e fim; geralmente têm personagens



principais e secundários; e geralmente apresentam uma ideia (Moen, 2006; Rappaport, 1995; Riessman, 2008).

Igualmente ciente das várias definições técnicas do termo, no seu estudo Rappaport (1995) optou por utilizar o termo ‘história’ num nível individual (e.g., a história de vida do indivíduo) ao passo que narrativa é empregue a um nível colectivo (e.g., comunidade). Tal não se revela problemático para o presente estudo, pois como afirma Riessman (2008) a narrativa não se localiza apenas ao nível do indivíduo, pois assim como cada indivíduo constrói histórias sobre as suas experiências, tal acontece igualmente ao nível de grupos identitários, comunidades, nações, governos e organizações; assim a autora conclui que existe um intercâmbio na forma como estes conceitos – história e narrativa - podem ser utilizados.

A noção de experiência é central nas narrativas (Clandinin & Connelly, 2000): ao contar as suas histórias, as pessoas reafirmam, modificam e criam novas histórias, dizem-nos não apenas quem nós somos mas igualmente quem nós fomos e quem podemos vir a ser, ao criarem significado, emoção, memória e identidade (Rappaport, 1995). As narrativas individuais nunca escapam às ideologias presentes na sociedade (Czarniawska, 2004); como aponta Rappaport (1995), as narrativas culturais dominantes reproduzidas pelos media ou instituições sociais, são conhecidas pela maioria das pessoas e influenciam a forma como se criam as narrativas comunitárias e individuais; o autor aponta que estas narrativas culturais dominantes possuem um tal poder que não obstante um desejo de lhes escapar revela-se difícil encontrar histórias pessoais ou comunitárias que as substituam.

Para Clandinin & Connelly (2000), a temporalidade é outro termo importante na área das narrativas. A temporalidade pode ser aqui entendida de duas formas: em primeiro lugar a localização de pessoas, eventos e objectos num determinado tempo; e em segundo lugar a forma como as experiências são ordenadas numa sequência. Este aspecto de temporalidade implica necessariamente a noção de mudança, pois cada narrativa tem um passado, presente e a previsão de um futuro.

As narrativas são, de acordo com Rappaport (1998), recursos importantes para a mudança social e individual pois servem de ligação entre a experiência individual e os processos sociais. Como argumenta Stone-Mediatore (2003), as experiências das pessoas podem ser uma fonte de crítica e consciência política por, nas palavras da autora, evidenciarem os aspectos contraditórios e imprevisíveis da experiência histórica, despoletando assim um processo de desestabilização de verdades ossificadas e de desenvolvimento de uma posição crítica relativamente às incertezas e complexidades da vida histórica. Tais narrativas podem ser consideradas como contra-narrativas por ilustrarem resistência e localizarem-se como

contrárias às narrativas culturais dominantes. De acordo com Peters e Lankshear (1996) as contra-narrativas funcionam como uma crítica à predileção modernista por meta-narrativas; Delgado e Stefancic (2001) consideram que a função das contra-narrativas é a de questionarem as pré-concepções imbuídas na sociedade, pré-concepções essas que marginalizam determinados indivíduos e grupos e/ou escondem a sua humanidade. As contra-narrativas constroem assim significados alternativos aos providenciados pelas narrativas culturais dominantes, criando novos caminhos e possibilidades (Andrews, 2004). Esta criação de novas possibilidades verifica-se especialmente ao nível de grupos cuja voz e perspectiva tem sido suprimida, desvalorizada e anormalizada (Delgado, 1995 cit. por Bamberg, 2004) uma vez que esses grupos possuem geralmente o que W.E.B. DuBois apelidou de ‘dupla consciência’ (DuBois, 1903/1994): por um lado, a compreensão da narrativa cultural dominante sobre esse grupo; por outro, a forma como a experiência desse grupo permite salientar as contradições e estereótipos subjacentes nessa meta-narrativa. Esta dupla consciência pode resultar eventualmente num processo de empowerment (Rappaport, 1998) através da criação de novas narrativas por parte desses mesmos grupos, como já vimos. De acordo com Pease (2000), as narrativas de homens pró-feministas poderão ser consideradas como contra-narrativas ao revelarem que estes homens não pensam, sentem e agem da forma como supostamente deveriam fazê-lo, tornando-se assim a pesquisa destas narrativas uma forma de consciencialização.

A pesquisa de narrativas implica necessariamente que o investigador interprete a vida de outros; como veremos em seguida, em termos da pesquisa feminista o investigador analisa os seus múltiplos posicionamentos numa estratégia reflexiva, considera a subjectividade e complexidade das relações e textos produzidos e assume-se como participante no próprio trabalho, reconhecendo e reflectindo criticamente sobre os seus compromissos (Nogueira, 2004). Como argumenta Riessman (2002), outras perspectivas podem considerar os textos de forma diferente; existem várias histórias que poderiam ser contadas a partir das mesmas transcrições. Seguindo esta lógica, procurar que as investigações façam justiça às palavras dos participantes implica incluí-los nas várias fases das mesmas, uma vez que a justiça requer mais do que a voz do investigador. Este processo de justiça implica necessariamente uma colaboração celebrada entre o investigador e os participantes, como veremos em seguida.

### *Pesquisa para a mudança*

O presente estudo emprega o paradigma crítico, que se encontra enraizado em correntes marxistas, na teoria alemã crítica e forças actuais que procuram a justiça social e a mudança social, como sendo o feminismo, o anti-racismo e a teoria queer, entre outras (Nelson & Prilleltensky, 2005). Aplicando o paradigma crítico à psicologia, Parker (1999) define a psicologia crítica como um movimento que desafia a psicologia a desenvolver uma série de trabalhos para alcançar a emancipação e a justiça social, opondo-se aos usos da psicologia que perpetuem a opressão e a injustiça; nas palavras de Austin e Prilleltensky (2001), conduzir uma investigação de acordo com o paradigma crítico implica ser filósofo, investigador e activista ao mesmo tempo.

A psicologia comunitária, enquanto disciplina que se assume como baseada em determinados valores - entre os quais a justiça social e a diversidade - e orientada para a acção política (Orford, 2008; Ornelas, 2008; Rappaport, 1977; Vidal 1996), tem vindo a encontrar na psicologia crítica um paradigma que sustenta grande parte da sua filosofia e valores, assim como a possibilidade de auto-crítica; como Rappaport (2005) argumenta, a psicologia comunitária encontra-se em permanente construção, não sendo definida única e exclusivamente pela sua ciência, entendendo-se sim como uma crítica social que procura questionar as ideologias dos trabalhos realizados e a própria ciência como critério último de legitimação.

De acordo com Campbell e Wasco (2000), a pesquisa pode ser considerada como um setting alternativo de criação de mudança, devendo para tal: (a) reconhecer e tornar claros os valores dos participantes e do investigador; (b) reconhecer as dimensões emotivas da pesquisa; (c) procurar criar ligações entre os participantes e o investigador; e (d) conceptualizar a pesquisa como um setting para a tomada de consciência e de mudança social.

### *Valores do investigador e participantes*

A ideia de neutralidade advogada pelo paradigma positivista enquanto condição necessária e almejada da pesquisa, tem sido amplamente discutida e disputada, nomeadamente por teorias feministas e críticas: o manto de neutralidade, como designam Prilleltensky e Nelson (2002), serve apenas o propósito de esconder a forma como os poderes operam; se aceitarmos que o poder e os interesses humanos afectam tudo aquilo que fazemos (Foucault, 1984/2001), a premissa de neutralidade presente na pesquisa é derrotada, surgindo assim uma

pesquisa informada por valores e políticas (Campbell & Wasco, 2000; Neves & Nogueira, 2004; Oakley, 1981). Assim, Harding (1986) conclui que a objectividade, ao contrário do que se acredita, não é maximizada através de uma (suposta e altamente criticável, como já vimos) neutralidade de valores; é através da apropriação por parte da ciência de valores participatórios (anti-racismo, anti-classes, anti-sexismo) que decrescem as distorções e mitos que permeiam as explicações e significados da nossa cultura. A ciência deve ser estruturada de acordo com estudos e interesses que sejam moralmente e politicamente emancipatórios para a sociedade; tal implica que a eliminação do racismo, sexismo e classes sociais (entre outros) contribuirá para uma ciência cada vez mais objectiva, que dê voz aos grupos que anteriormente eram subjugados e (conscientemente ou não) ignorados pela ciência supostamente objectiva.

Em termos ontológicos, quando optamos pela pesquisa qualitativa pressupomos a ideia de múltiplas realidades, encontrando-se essa multiplicidade presente nos diferentes indivíduos e nas suas diferentes perspectivas (Creswell, 2007; Flick, 2005). De acordo com Rubin e Rubin (2005), nas entrevistas qualitativas cada interacção é única uma vez que os investigadores colocam as suas questões de acordo com os conhecimentos do entrevistado ou de acordo com aquilo que o entrevistado se dispõe a partilhar; as perguntas podem igualmente mudar reflectindo as próprias mudanças ao nível da relação entre pesquisador e entrevistado. Os contextos ditam assim grande parte dos valores que se apresentam nas entrevistas; como afirma Tebes (2005) o contextualismo apresenta-se como uma forma reflexiva de pensamento, que apela a uma postura sempre activa de quem investiga, uma vez que tem de se trabalhar sempre no contexto quais as proposições falsas e verdadeiras nesse contexto específico; uma forma modificada do contextualismo, o perspectivismo, postula aliás que as várias hipóteses poderão ser verdadeiras (ou falsas) e não apenas uma, de acordo com o contexto.

Em termos éticos, os pesquisadores devem assim reconhecer a sua própria subjectividade, as relações de poder existentes na pesquisa e que os dados pertencem aos participantes ou aos co-participantes e ao investigador (Creswell, 2007).

### *Dimensões emotivas da pesquisa*

A ciência, da forma como é tradicionalmente conceptualizada, é um elemento de exclusão de vários grupos (Rappaport, 2005) uma vez que se baseia em narrativas restritas, formuladas e acedidas apenas por grupos dominantes na sociedade (Harding, 1986). As experiências, as

vidas, as vozes dos grupos minoritários não são realmente uma parte da ciência tradicional, uma vez que são os grupos dominantes que ditam a selecção e definição de problemas. Quando falamos de grupos dominantes falamos necessariamente de homens e é possível argumentar que a ciência é, de forma global, androcêntrica na sua concepção: a ciência, ao ser conotada como objectiva e despida de emoções, adquire necessariamente uma dimensão masculina, uma vez que o homem é considerado como sendo objectivo, o sexo da razão, ao passo que a mulher é o sexo da natureza, dos sentimentos e emoções (Harding, 1986; Seidler, 1993). Quando não se reconhece a importância devida das emoções e afectos na ciência, estamos necessariamente perante políticas de género.

### *Criação de ligações entre os participantes e o investigador*

Recolher narrativas não se resume a gravar histórias; de acordo com Clandinin & Connelly (2000), a recolha de narrativas é um estilo de vida em que os próprios investigadores fazem parte dessas histórias sendo responsáveis por oferecer compreensões provenientes da pesquisa que possam conduzir a um mundo melhor. Como especificam os autores:

The inquirer scribbles in a notebook, dictates into a Dictaphone, or types onto a screen a flood of descriptively oriented field experience observations. These are a mixture of you and me, the participant and researcher – notes on what you did, notes on what I did with you, notes on what was around us, notes on where we were, notes on feelings, notes on current events, notes on remembrances of past times<sup>8</sup> (Clandinin & Connelly, 2000, p. 82)

A pesquisa narrativa, de acordo com Jones (2002), situa o investigador não numa posição de privilegiado mas numa posição reflexiva enquanto participante do processo narrativo, assumindo assim a função de narrar as narrações ou tecer as histórias. A posição reflexiva é característica das metodologias feministas (Neves, 2005) ao reconhecerem a influência de factores de vária ordem na construção do conhecimento e o envolvimento dos próprios investigadores na produção da ciência. A prática reflexiva procura assim responsabilizar os investigadores, criando assim a necessidade de elaborar determinadas questões sobre o próprio trabalho (Bishop, 2007): Qual é o propósito da pesquisa? Como irá esta pesquisa beneficiar aqueles que nela participam? Será que a pesquisa mantém ou recria estruturas sociais dominantes? Consideramos estas questões nas conclusões do estudo.

Em suma, é no trabalho com os outros que futuras intervenções ganham legitimidade e eficácia, através do processo de escuta e consideração das tranformações que gostariam de ver efectuadas, entrando assim o investigador nesse processo (Menezes, 2007).

*Pesquisa enquanto setting para a tomada de consciência e mudança social*

Para alcançar a mudança, a prática e teoria feministas devem ser orientadas por políticas feministas comprometidas, nas palavras de bell hooks, com a eliminação do sexismo e opressão sexista nas vidas de mulheres, homens e crianças (hooks & McKinnon, 1996). Como Neves (2005) conclui no seu trabalho sobre metodologias feministas, não obstante a grande diversidade de feminismos e estratégias feministas, o ponto comum entre os mesmos é a procura da igualdade entre os sexos, procurando desta forma “uma abordagem inclusiva e propulsora da plena equidade entre os sexos na esfera pública e na esfera privada” (p. 410).

Como afirma Sarason (1972), as mudanças não ocorrem apenas em utopias; as mudanças podem (e devem) ter um carácter real, específico, contextualizado. As mudanças apenas podem ser alcançadas através da criação de novos *settings*, que ao contrário das utopias, sejam orientados para a acção concreta, acção essa ordenada de acordo com determinados valores. As mudanças poderão ocorrer nessas situações, uma vez que se baseiam numa perspectiva democrática, de troca de narrativas passadas e contrução de narrativas futuras; a estes settings que realmente promovem a mudança, a transformação, poderemos apelidar de settings de *empowerment*. A criação de um setting é, segundo Sarason (1972), uma das experiências que mais absorve o ser humano, composta por sonhos, esperanças, esforço e pensamento; é, em suma, arte. Arte de mudança, talvez não uma mudança imediata, mas arte que aponta um caminho possível, um caminho de crescentes competências e, sempre, de diversidade, que aliás alimenta essa mesma possibilidade. É a diversidade o motor da vida. São as narrativas dessa diversidade, fonte de uma ecologia própria, a que devemos estar atentos, pois aí se produz a mudança, raramente percepcionada pelos poderes dominantes. Desmond Tutu argumenta a necessidade de considerarmos a diversidade como um valor essencial de uma forma simples e clara:

“And so I hope, I mean that we will get to learn that we can survive only together. We can be free really only together. We can [be] safe and secure only together. And that God didn’t make a mistake of creating us. God created us different, not so that we should be alienated from one another, but that we should know our need of one another, that ultimately there can be no such thing

as the totally self sufficient. In fact, the totally self-sufficient is subhuman.”<sup>9</sup> (Clinton Global Initiative, p. 28)

As noções de pesquisa até agora apresentadas substanciam-se necessariamente numa pesquisa de carácter colaborativo; um exemplo de pesquisa colaborativa encontra-se nos trabalhos sofisticados de Ochocka, Janzen e Nelson (2002) e Ornelas (2007) que consideram como pessoas com experiência de doença mental foram incluídas nas várias fases do processo de investigação, estando igualmente integradas na própria equipa de investigação.

Na área das masculinidades, Raewyn Connell considera uma série de aspectos que os investigadores interessados na mudança deverão ter em atenção:

(...) identifying options for action; providing resources of knowledge for practical initiatives; contesting popular fallacies about men; even, simply, opening issues and circulating the knowledge that men can change (...) Research can therefore help define and describe ways of living, forms of gender practice, that embody respect, equality and caring. History and ethnography can describe forms of nonviolent heroism capable of inspiring boys and men – not only through exemplary figures such as Mahatma Gandhi but also in everyday life. To circulate good models, and to map possibilities of positive change, is not a trivial ambition, in a world where so many damaging models of masculinity are in circulation.<sup>10</sup> (Connell, 2007, pp. 11-12).

O presente estudo procurou ser um reflexo destas formas variadas de realizar a pesquisa. Como tal, o investigador procurou posicionar-se e partilhar a sua própria experiência, uma vez que a própria metodologia empregue implicava que os participantes à partida fariam igualmente isso. Procurou dar-se espaço às emoções e não coleccionar apenas explicações académicas que não demonstrariam o impacto que estas questões têm para nós enquanto pessoas. De igual forma, por se abordarem temas que culturalmente ainda são alvo de estigma (e.g., sexualidades) procurou-se, de acordo com o contexto, criar um espaço de partilha e de possibilidade de crítica do próprio investigador e dos conceitos e noções por ele utilizados (e.g., a própria noção de ‘homens feministas’ foi amplamente discutida e criticada por grande parte dos participantes, procurando o investigador salientar a importância dessa mesma crítica); o trabalho em si foi também influenciado pelos participantes – a utilização da noção de ‘homens feministas’ ao invés de ‘homens pró-feministas’ foi uma das mudanças introduzidas pelos participantes. Procurou-se assim que os participantes se sentissem e efectivamente estivessem envolvidos neste trabalho, em suma, que a sua voz e as suas ideias tivessem um impacto, mediante a crítica mútua, na elaboração do trabalho. Enquanto

pesquisa realizada para encontrar e promover possibilidades futuras na área das masculinidades e intervenção social ao nível do género, a mudança foi um dos tópicos mais discutidos nas entrevistas e outros contactos com os participantes. De forma a realizar essa mudança, procurou estabelecer-se uma relação que não se reduzisse à arcaica relação entre investigador-participante com papéis previamente definidos e sem possibilidades de troca e críticas, procurando-se ao invés estabelecer uma relação de confiança e reconhecimento de conhecimentos vários. Traduzindo estas ideias para o trabalho, em várias ocasiões o investigador procurou apoio a nível bibliográfico junto dos participantes (e.g., teoria queer, envolvimento de homens em áreas de justiça social, questões epistemológicas da própria pesquisa, artigos publicados pelos próprios participantes); a entrevista não se resume apenas ao espaço temporal compreendido entre o ligar e o desligar do gravador, sendo que as transcrições efectuadas não mostram o tempo passado a discutir questões e temas quando o gravador se encontrava desligado.



“On embarrasserait d’ailleurs bien les hommes si on les obligeait de s’expliquer intelligiblement sur ce qu’ils appellent Nature et de faire entendre comment elle a distingué les deux sexes comme ils le prétendent. En réalité, ils ont porté leurs préjugés dans leurs Écoles et n’y ont rien appris qui servît à les en tirer. Au contraire, toute leur science est fondée sur les jugements qu’ils ont faits dès le berceau... On ne leur dit pas un mot des sexes, on suppose qu’ils les connaissent assez... Ils passent des années entières et quelques-uns toute leur vie à des bagatelles et à des ruminations s’il y a au-delà du monde des espaces imaginaires et si les Atomes ou la petite poussière qui paraît dans les rayons du soleil sont ou non divisibles à l’infini”<sup>11</sup>

- “De l’égalité des deux sexes”, François Poullain de la Barre, 1676

### Capítulo III

#### Método

Neste terceiro capítulo é apresentada a metodologia que o estudo seguiu.

#### *Participantes*

Os participantes do presente estudo foram 10 homens que se auto-identificaram como sendo feministas. Os seus contactos foram obtidos através de associações feministas, activistas individuais, assim como através de blogs feministas. Em termos de amostragem, aplicou-se igualmente o método de bola de neve: à medida que os contactos recebidos eram abordados, numa primeira fase por e-mail para apresentar o estudo e indagar sobre a sua disponibilidade para participar no mesmo, pediram-se igualmente novos contactos de que tivessem conhecimento.

Em termos de idade, temos que:

**Tabela 1**

| Faixa etária | Nº participantes |
|--------------|------------------|
| [20-30]      | 1                |
| [31-40]      | 3                |
| [41-50]      | 4                |
| [51-60]      | 2                |

Tabela 1: Tabela relativa às faixas etárias dos participantes

Relativamente à sua naturalidade, quatro (4) eram naturais do distrito de Lisboa, três (3) naturais do distrito do Porto, um (1) natural do distrito da Guarda, um (1) de Angola, e um (1) não especificou a sua naturalidade. Em termos de residência na altura em que se realizaram as entrevistas, sete (7) residiam no distrito de Lisboa, dois (2) residiam no distrito do Porto e um (1) residia no distrito de Aveiro.

Em termos das suas profissões, cinco (5) identificaram-se como professores universitários; dois (2) como sociólogos, um (1) como antropólogo, um (1) como assistente social e um (1) como investigador em estudos de género e teorias feministas. Será importante referir que, não obstante apenas cinco se tenham identificado como professores universitários, dois (2) dos outros participantes também realizam funções enquanto docentes em universidades.

Relativamente ao seu estado civil, quatro (4) dos participantes eram casados; dois (2) solteiros; dois (2) encontravam-se em união de facto e dois (2) eram divorciados.

Em termos da sua orientação sexual, quatro (4) dos participantes identificaram-se como homossexuais; quatro (4) dos participantes identificaram-se como heterossexuais; um (1) dos participantes identificou-se como bissexual e um (1) dos participantes optou por não responder.

No que diz respeito ao nível de escolaridade dos participantes, cinco (5) tinham um doutoramento; três (3) tinham um mestrado e dois (2) eram licenciados.

## Procedimento

De forma a obter as narrativas, empregou-se o método biográfico-narrativo-interpretativo (BNIM) desenvolvido por Tom Wengraf, que é composto por três momentos de entrevista, apelidados pelo autor de sub-sessões (Wengraf, 2001).

A primeira sub-sessão consiste numa elaboração da história em tópicos; nesta sessão, o entrevistador coloca uma única pergunta de forma a elicitar a narrativa na sua totalidade, não havendo interrupções ou possíveis ‘ajudas’ do entrevistador no desenrolar da sessão. A pergunta colocada nesta sub-sessão deve ser de âmbito mais alargado (no caso de procurarmos uma narrativa biográfica) ou de âmbito mais restrito (caso procuremos uma narrativa biográfica parcial). No presente estudo procurámos elicitar narrativas biográficas parciais, conceptualmente focadas num aspecto da biografia destes homens (o seu feminismo). Foi assim empregue como questão que figurou em todas as primeiras sub-sessões:

“Gostaria que me falasse sobre o facto de se considerar feminista. Talvez pudesse começar a sua história quando se tornou feminista, os eventos e experiências que conduziram até esse ponto, e depois continuar a contar como este aspecto da sua vida se foi desenvolvendo para si até agora. *Irei ouvir a sua história, não o interrompendo. Tomarei apenas algumas notas*”

Esta primeira sub-sessão varia em termos do seu tempo, sendo que pode demorar cinco ou dez minutos ou duas ou três horas; vários factores contribuem para esta variação de tempo, passando desde a disponibilidade do uso do próprio espaço físico à capacidade do entrevistado de contar histórias. O entrevistado tem assim liberdade para contar a sua história, elaborar para o entrevistador a sua narrativa; o papel do entrevistador nesta sessão resume-se ao de facilitador da história (e.g., reiterar a questão de outras formas, com o cuidado de não adicionar ou retirar informação, assegurar ao entrevistado que estamos interessados em ouvir a sua história e que gostaríamos que continuasse), adoptando sempre uma postura não-directiva, e de retirar notas sobre os tópicos que são referidos na narrativa produzida. A sessão termina quando o entrevistado afirmar claramente que nada mais tem a acrescentar à sua história.

Wengraf (2001) sugere que exista uma pausa entre a primeira e a segunda sessão para que o entrevistador possa rever as suas notas e preparar questões. Esta pausa é geralmente de

quinze minutos, ou seja, preferencialmente procura-se que a segunda sessão se realize no mesmo dia da primeira; se tal for impossível por algum motivo (indisponibilidade de um dos intervenientes, se a primeira sub-sessão tenha sido especialmente longa e/ou outras razões), deve procurar-se agendar a segunda sessão o mais brevemente possível.

Na segunda sub-sessão o entrevistador procura elicitar mais informação sobre os tópicos abordados na narração inicial, seguindo a ordem em que estes foram surgindo e utilizando a linguagem e conceitos que o entrevistado empregou.

Na terceira sub-sessão, procura-se reflectir sobre duas componentes principais: (a) questões que tenham surgido na análise preliminar das primeiras duas sub-sessões e (b) questões teóricas provindas da análise da literatura.

Após a narrativa inicial, as questões formuladas posteriormente são questões que procuram induzir narrativas que providenciem mais detalhes sobre tópicos abordados inicialmente. Em termos das questões baseadas na literatura existente sobre o objecto de estudo, procurou abordar-se: (a) o tipo de relação com o movimento feminista; (b) a relação com o movimento LGBT; (c) relação com mulheres e outros homens e (d) estratégias de mudança a nível das questões de género. Será importante referir que as questões colocadas dependerão necessariamente da análise do material biográfico já fornecido, pelo que o exemplo descrito em cima não se aplicou a todos os casos.

Em termos do presente estudo, algumas ligeiras modificações foram operadas a este modelo, atendendo a questões contextuais. Verificar-se-á que se empregou o modelo como a teoria sugere na entrevista com o primeiro participante, procedendo-se a uma pausa de quinze minutos entre a primeira e segunda sub-sessões. O investigador optou por não fazer essa pausa com os demais participantes pois tal implicaria necessariamente um corte na relação que não poderia ser comportado devido ao tempo limitado que grande parte dos participantes dispuseram para as entrevistas. Procurando aproveitar ao máximo o tempo limitado, o investigador optou por realizar a segunda sub-sessão baseando-se nas suas notas. Assim, os três momentos de entrevista ocorreram em todos os casos, sendo que apenas no caso do primeiro participante foi administrada a pausa entre a primeira e segunda sub-sessões. Sugere-se contudo que subsequentes estudos que utilizem este método procurem respeitar a pausa entre as duas primeiras sub-sessões, por permitir não apenas uma reflexão possivelmente mais aprofundada por parte do investigador mas igualmente por parte do entrevistado; como se notará pelo início da segunda sub-sessão no caso do primeiro participante, a pausa permitiu-lhe reflectir voluntariamente sobre a narrativa inicial e consequentemente adicionar mais alguns aspectos que considerava relevantes.

Todas as entrevistas foram realizadas e gravadas em áudio com o consentimento expresso de cada participante. Cada participante assinou uma carta de consentimento informado (Anexo A) que, entre outros assuntos, detalhava os objectivos do presente estudo, sublinhando igualmente o carácter voluntário da sua participação no presente estudo e a possibilidade de se recusar a participar em qualquer uma das fases do estudo sem qualquer tipo de prejuízo para si, figurando igualmente nessa carta os contactos do investigador; foi entregue fotocópia dessa carta, assinada igualmente pelo investigador, aos respectivos participantes na data da última entrevista. Cada participante preencheu uma folha de informação cujo objectivo era recolher determinados dados pessoais (Anexo B).

As entrevistas foram transcritas (Anexo C) com o programa f4 e analisadas com o programa Nvivo, versão 8.0. Em relação às transcrições, certas passagens foram editadas ou omitidas no sentido de procurar preservar o anonimato dos participantes; igualmente, em termos do trabalho foram empregues pseudónimos ao invés dos nomes verdadeiros dos participantes. No seu total, as entrevistas contabilizaram cerca de vinte e uma (21) horas, como poderá ser observado na seguinte tabela:

**Tabela 2**

| Participante                                             | Pseudónimo | Entrevistas 1 e 2                  | Duração              | Entrevistas 3                  | Duração                       |
|----------------------------------------------------------|------------|------------------------------------|----------------------|--------------------------------|-------------------------------|
| 1                                                        | David      | 26/02/2008                         | ± 33mins             | 13/05/2008                     | ± 40 mins                     |
| 2                                                        | Bruno      | 27/02/2008                         | ± 48 mins            | 07/05/2008                     | ± 14 mins                     |
| 3                                                        | Joel       | 28/02/2008                         | ± 144 mins           | 11/03/2008                     | ± 72 mins                     |
| 4                                                        | Ricardo    | 29/02/2008                         | ± 116 mins           | 13/05/2008                     | ± 35 mins                     |
| 5                                                        | Artur      | 03/03/2008                         | ± 150 mins           | 09/05/2008                     | ± 100 mins                    |
| 6                                                        | Gonçalo    | 13/03/2008                         | ± 60 mins            | 23/04/2008                     | ± 11 mins                     |
| 7                                                        | Nicolau    | 17/03/2008                         | ± 50 mins            | 02/05/2008                     | ± 35 mins                     |
| 8                                                        | Simão      | 17/03/2008                         | ± 95 mins            | 02/05/2008                     | ± 60 mins                     |
| 9                                                        | Fernando   | 15/04/2008                         | ± 40 mins            | 15/05/2008                     | ± 30 mins                     |
| 10                                                       | Hugo       | 23/04/2008                         | ± 96 mins            | 19/05/2008                     | ± 20 mins                     |
|                                                          |            | <b>Total Entrevistas<br/>1 e 2</b> | 832 mins<br>± 14 hrs | <b>Total<br/>Entrevistas 3</b> | 417 mins<br>± 7 hrs           |
| <b>Total Entrevistas 1 e 2 +<br/>Total Entrevistas 3</b> |            |                                    |                      |                                | <b>1249 mins<br/>± 21 hrs</b> |

Tabela 2: Tabela relativa às informações sobre os participantes e duração das entrevistas

Após realizada uma primeira versão da análise e discussão dos resultados, esta foi enviada por e-mail a cada um dos participantes, sendo-lhes pedido o seu feedback e comentários caso achassem oportuno; como em qualquer etapa do trabalho, o carácter voluntário desta fase foi igualmente sublinhado.

“It is clear enough, from what has been said, that what Woman most needs to-day, and is mostly seeking for, is a basis of independence for her life. Nor is her position likely to be improved until she is able to face man on an equality; to find, self-balanced, her natural relation to him; and to dispose of herself and of her sex perfectly freely, and not as a thrall must do. (...) Yet it must never be forgotten that nothing short of large social changes, stretching beyond the sphere of women only, can bring about the complete emancipation of the latter.”<sup>12</sup>

- “Woman in Freedom *in* Love’s Coming-of-Age”,  
Edward Carpenter, 1906

## Capítulo IV

### Análise e Discussão dos Resultados

Neste capítulo apresentam-se os resultados obtidos pela pesquisa.

#### *Feminismos*

Como compreendem os homens feministas o feminismo? David argumenta que “o feminismo é uma maneira de ver as coisas que luta pela igualdade de oportunidades”, e que “há diferentes feminismos, o feminismo não é um só” reconhecendo assim a multiplicidade de linhas teóricas e práticas do feminismo (David, E2).

Bruno considera que o facto de se identificar como feminista advém do facto de se considerar igualmente “uma pessoa de esquerda”, enquadrando a teoria e prática feministas no quadro de “outras questões”, como a sexualidade. Rejeitando o “estereótipo do feminismo enquanto supremacia das mulheres ou enquanto categoria de uma série de lésbicas masculinas que odeiam os homens”, Bruno reforça a ideia de uma prática feminista que não se extingue na teoria e que tem de ter consequências:

“(...) Agora, esta é a dimensão intelectual da coisa, depois há a dimensão prática, não é, porque apesar

de tudo eu acho que o facto de eu ser feminista, ou ser contra a homofobia, não é apenas uma identificação virtual com uma determinada ideia, tem de ter consequências também do ponto de vista da nossa prática. E portanto, não é só uma coisa discursiva tem de ser também... temos de tentar construir as nossas relações com os outros de modo a que possamos combater tudo o que em nós existe ainda de patriarcado, homofóbico, de heterossexista, etc. (...)" (Bruno, E1/2).

Interessante igualmente de notar será o facto de que esta noção de feminismo é relacional e baseada em percepções de poder institucionalizado, questionando igualmente como cada um de nós se situa e utiliza os seus poderes.

Joel considera que a autonomia, "as pessoas terem essa, das mulheres não precisarem de pedir autorização a ninguém pa fazer determinadas coisas" é uma questão muito importante no feminismo. O participante, ao explorar a noção de ser humano e de direitos humanos, e de como estas noções serviam apenas, ironicamente, para "excluir grupos humanos" conclui que "portanto no fundo o feminismo, pra mim, mais do que uma questão que tem que ver com as mulheres, tem que ver com essa categoria do humano, como é que foi utilizada, e o feminismo é uma ferramenta crítica que nos permite perceber como é que isto foi sendo manobrado para excluir". Argumentando que o movimento feminista "é um movimento que serve quase de base para os outros todos que aparecem a seguir (...), para todos os movimentos que procuram a questão dos direitos civis", esclarece que "Aqui o opressor não são os homens, é o patriarcado, é uma outra coisa, é uma instituição social que atribui aos homens brancos heterossexuais um poder simbólico e concreto sobre todas as outras pessoas". Considerando que as categorias como 'mulher' e 'homossexual' são "uma forma de ficção como as outras (...) usada para balizar os comportamentos das pessoas, para construir expectativas sobre eles e depois para as discriminar" e rejeitando o essencialismo como um "processo perverso" (Joel, E1/2), Joel admite uma única essência no que toca ao feminismo:

"(...) Mas isso... a essência do feminismo é isso.

*É a crítica?*

É. Para mim é, pelo menos. (...)" (Joel, E1/2)

Para Ricardo, nos feminismos existentes o 'inimigo' varia: "na percepção teórica do que é isto, se o inimigo são as práticas sociais que conduzem à discriminação e as políticas oficiais



que perpetuam essa desigualdade de género, ou se o inimigo são os homens”, insistindo assim na necessidade da tradução: “eu acho que o movimento feminista tem de ter uma perspectiva de comunicação com a sociedade em geral (...) o movimento feminista tem de falar para mulheres e para homens (...) tem de ser capaz de envolver mulheres e homens nas suas causas” (Ricardo, E1/2).

Não obstante ter realizado o seu doutoramento nesta área, Artur partilha como a identificação enquanto homem feminista é algo de recente: “as questões do que é discutir o que é que é ser homem e o que é que é ser mulher (...) estas coisas portanto com grande à vontade, eu acho que fui muito tardio a aperceber-me da dimensão política disto (...) eu nunca tinha pensado naquilo, sinceramente nunca tinha pensado naquilo” (Artur, E1/2). O participante considera que o facto de ter vivido num tempo em que o termo ‘feminismo’ era um “termo maldito”, que tinha “marcas negativas que lhe estão associadas e que eu vivenciei” (Artur, E1/2) ao contrário dos seus colegas mais jovens, tenha contribuído para a não aceitação do feminismo enquanto movimento político. Actualmente, para o participante ser feminista é lutar pela “liberdade de expressão de cada pessoa (...) o ser feminista é uma questão de humanidade, quer dizer, é uma questão de abrir portas a homens e a mulheres em termos da sua liberdade de expressão, portanto, e do esbatimento daquilo que possa ser injusto” (Artur, E1/2).

Na busca por um mundo em que ocorra “uma participação equilibrada entre homens e mulheres em todas as dimensões da vida social”, Gonçalo refere que foi através da “consciência da análise política” que encontrou o feminismo; “Agora eu não sei se lhe posso chamar feminismo, essa é que a questão, isto é um bocado um lugar comum, mas eu não tenho uma visão do feminismo, a forma como eu me considero feminismo recusa um certo tipo de feminismo que eu considero militante no sentido redutor, porque eu acho que também sou militante, ou seja, eu acho que tudo o que seja feito no sentido de assegurar uma participação equilibrada entre homens e mulheres em todas as dimensões da vida social isso é meritório e conta sempre com o meu empenho e com a minha participação, com a minha militância até, se quiser.” (Gonçalo, E1/2).

Nicolau emprega as palavras de Ana de Castro Osório ao definir ser feminista como ser “justo e leal” (Nicolau, E1/2). O feminismo para Nicolau assenta numa noção de que homens e mulheres, não obstante as suas diferenças, “são ambos parte de uma humanidade”, inserindo-se em “correntes feministas (...) que defendem precisamente a questão através de uma perspectiva de direitos humanos” (Nicolau, E3). Enfatizando o lugar central da acção sócio-política no feminismo, Nicolau partilha que através da sua acção e paixão “com estas

coisas”, procura promover a mudança nos mais variados contextos, quer profissional quer socialmente, considerando que não consegue “dissociar muitas vezes o meu profissional depois de uma actividade que desenvolvo mais a nível de colectividades, ou de participação cívica (Nicolau, E3).

O feminismo para Simão, foi e continua a ser fonte de empowerment: nas palavras do participante, através de um processo reflexivo “que eu fui fazendo e que continuo a desenvolver e esse conhecimento que eu vou angariando e que eu vou acumulando e que eu vou discutindo e que vou construindo e desconstruindo, fazendo e refazendo, vai-me tornando uma pessoa por um lado mais informada, mais consciente do lugar que eu ocupo na sociedade e que os outros vão também ocupando e ter uma visão se quiser mais de cima deste xadrez que é a vida e que é o lugar que nós vamos ocupando” (Simão, E1/2). Está aqui patente a noção de mutabilidade, de algo que não é estável e que se vai desenvolvendo, construindo. Simão salienta também a implicação do feminismo no que é político e ideológico, vital para questionar e problematizar a perpetuação de “uma ordem social existente, em que os homens dominam em determinadas esferas, designadamente o lugar público, e em que as mulheres se submetem na esfera privada”; para alcançar “uma consciência de que as coisas poderiam ser diferentes” e para resistir e desconstruir a naturalização desta ordem social, “continua a ser fundamental problematizarmos esta questão” (Simão, E1/2).

Fernando, elaborando sobre as “diferenças gigantescas entre várias escolas e várias épocas” do feminismo, entende o seu feminismo como “antes do mais uma questão de visão do mundo (...) basicamente um questionamento da ordem de género e da sua assimetria como algo que é injusto e precisa de ser explicado e pode ser transformado” (Fernando, E1/2), estando assim presentes noções de crítica ao sistema instituído e de mudança. Crítico de uma noção redutora do género, Fernando acredita que “género e sexualidade são indissociáveis (...) acho que a questão da sexualidade, e especialmente da orientação sexual, é constitutiva das questões de género (...) e portanto acho que um feminismo consequente é um feminismo que na realidade é uma teoria de desconstrução do género e da sexualidade” (Fernando, E1/2). Tal concepção “entra em conflito com muitas correntes do feminismo que são por exemplo aversas a lidar com a questão da sexualidade, ou que são diferencialistas e muito baseadas num quasi-essencialismo de diferença de homens e mulheres e que se chamam feministas de qualquer modo não é, e esse feminismo não é o meu” (Fernando, E1/2).

Hugo argumenta que ser feminista é como ser anti-racista, notando que “o facto de ser homem não significa que isto não é um assunto que não nos afecta, que não nos interessa”; as

questões não aparecem de forma tão simples para o participante, uma vez que aponta igualmente as resistências dos homens ao feminismo (Hugo, E1/2).

### *Influências para os feminismos*

O que levou estes homens a considerarem o feminismo como uma teoria e prática relevantes para, em muitos casos, vários aspectos da sua vida? Analisando as suas narrativas, existem pontos comuns neste aspecto.

Um dos aspectos comuns nas narrativas de vários participantes é a imagem de mães activas e fortes. David sumariza de forma interessante este aspecto, ao falar da sua mãe: “e a imagem que nos deu foi sempre a imagem digamos de uma mulher activa, forte, e empenhada (...) há um modelo digamos de identificação feminino que não é o modelo de identificação feminino doméstico, é um modelo de identificação feminino de mulher digamos activa, profissional, forte, com uma personalidade forte, lutadora, é isso, e portanto há aqui um modelo de referência interessante” (David, E1). Esta imagem e interpretação da figura materna como mulher activa e lutadora está patente em outras narrativas, como a de Joel que considera que sempre teve uma “consciência a que eu chamaria proto-feminista” a qual atribui a experiências familiares, realçando o papel da sua mãe que caracteriza como “sempre muito independente e muito consciente das discriminações que afectavam as mulheres” (Joel, E1/2); Artur recorda-se de uma mãe “que sem ser uma militante propriamente, era alguém digamos, com uma visão um bocadinho pralém” e que lhe deu a liberdade suficiente para explorar um “universo feminino” que de outra forma lhe estaria barrado (Artur, E1/2); Gonçalo considera brevemente como a participação do pai na guerra colonial terá implicado que “a influência da minha mãe fosse mais determinante” na sua educação e apropriação do feminismo (Gonçalo, E1/2); Nicolau considera que a divisão de tarefas familiares instituída pela mãe foi uma das muitas acções que contribuíram para a sua “formatação (...) enquanto feminista” (Nicolau, E1/2); Hugo recorda que ele e o irmão tinham na mãe uma “figura feminina forte (...) havia alguma cumplicidade entre os três, portanto era quase a irmã mais velha também” (Hugo, E1/2).

É patente a importância que grande parte dos participantes atribui à sua mãe como fonte de inspiração e dissidência para mais tarde encontrarem o feminismo; contudo, as influências não se extinguem neste aspecto, existindo uma multiplicidade de factores e eventos que conduziram (e conduzem ainda) à tomada de consciência feminista. Como Nicolau sublinha, “as marcas, as marcas são muitas, as marcas vão ficando ao longo do tempo e as acções vão

ficando ao longo do tempo pelas pessoas que de alguma forma tiveram essa capacidade de provocar em nós essa mudança também. E por isso é um percurso que continua a ser contínuo de um ponto de vista da aprendizagem e da identificação de pessoas que nos marcam e que permitem olhar de determinada forma para determinadas coisas” (Nicolau, E1/2). Claramente as marcas são muitas e distribuem-se em vários espaços e tempos.

Assim, Bruno elabora uma narrativa em que as influências provêm maioritariamente do seu contacto com a política e a intervenção social (Bruno, E1/2); na narrativa de Ricardo o movimento LGBT em que se insere como activista, um activismo igualmente influenciado por mulheres feministas, levou a que o participante equacionasse a consciência feminista como “uma questão natural sempre presente e bastante constituinte, digamos, da personalidade enquanto activista” (Ricardo, E1/2) tendo sido igualmente através da área da sexualidade que Fernando (E1/2) e Simão (E1/2) entraram em contacto com o feminismo. A ligação política a outras questões, como o anti-racismo e a ecologia também está presente em Hugo, “portanto o feminismo faz parte de um todo” (Hugo, E1/2). Para Nicolau (E1/2) e Gonçalo (E1/2) os avós são exemplos de vida que também influenciaram as suas posições na mesma, sendo Joel influenciado por uma avó materna com “preocupações feministas” (Joel, E1/2); de igual forma Joel recorda como as suas amigas mais velhas do que ele “que não sendo feministas, ou não se assumindo enquanto feministas, talvez por desconhecimento, tinham comportamentos muito anti-normativos e eram pessoas que tinham uma vida completamente diferente das pessoas à volta e sempre afirmaram a sua independência” (Joel, E1/2). Nas narrativas de David (E1/2), Joel (E1/2), Artur (E1/2) e Gonçalo (E1/2) sobressaem as influências de professores e professoras e momentos de formação fundamentais para a integração do feminismo nas suas vidas; Hugo (E1/2) e Fernando (E1/2) recordam a sua passagem académica por outros países e o seu contacto com movimentos sociais que lhes deram a noção concreta de que a acção política era possível.

A violência de género enquanto instrumento de um sistema patriarcal para abafar e silenciar qualquer aspecto de dissidência tem por vezes, ironicamente, o resultado oposto em certos grupos e/ou indivíduos, assistindo-se nesses momentos ao nascer de interrogações sobre esse mesmo sistema; foi o que aconteceu com alguns dos participantes. Hugo recorda-se da manifestação de 13 de Janeiro de 1975 e do seu impacto:

“(...) eu recordo de ver isso num telejornal, de ficar muito chocado, portanto as mulheres foram agredidas, depois os cartazes foram todos rasgados, não sei quê, foi uma... portanto isto já em 74 e 75. Depois lembro-me de ter questionado aquilo em casa e o meu pai ter dito

"ah isto são as mulheres e tal se fossem mas é trabalhar para casa, tomar conta dos maridos"", aquela história... e aquilo foi o primeiro contacto que eu tenho com a questão do feminismo que na altura acho que nem cheguei a aperceber-me da palavra, de facto vim a saber mais tarde que esse episódio foi muito marcante na história do feminismo em Portugal." (Hugo, E1/2).

O choque perante tal violência foi um dos motores de uma mudança que atravessaria décadas; tendo integrado o movimento pela interrupção voluntária da gravidez, Hugo fá-lo também pela sua filha, necessariamente questionando que oportunidades existem para as mulheres na sociedade (Hugo, 1/2).

Artur relembra ter tido contacto com situações de violência doméstica que o marcaram "em termos de, por um lado, em relação aquilo que alguns homens são capazes de fazer" (Artur, E1/2).

A influência de outros homens para a tomada de consciência feminista, não obstante as referências já demonstradas a professores e familiares que sejam homens, não parece ter tido grande relevância para os participantes. Joel considera que "o meu pai e o meu irmão tiveram influências positivas no sentido em que não sendo pessoas assumidamente feministas são homens que recusam uma série de discriminações e de situações em que as mulheres sejam tidas como inferiores, digamos, que é o grande suposto do patriarcado"; por outro lado, o participante ironiza que outros homens "são exemplos negativos [risos] por maioria" (Joel, E3).

Não obstante a diversidade de influências que estes e outros homens possam ter tido para integrar o feminismo nas suas vidas, a noção de agência é algo de fulcral que devemos sublinhar aqui; como conclui David, independentemente das influências que teve, "se eu não fosse receptivo não tinham influência nenhuma. Eu era receptivo e era aberto portanto, e não era dogmático portanto, fui influenciado obviamente" (David, E1/2). Será importante reter esta noção de agência para compreender que a decisão destes homens em se considerarem feministas é, em última análise, sua; em função das várias influências, quer positivas quer negativas, estes homens tomaram a decisão de se tornarem feministas.

Poderão contudo os homens ser feministas? Haverá legitimidade num discurso e prática feministas quando proferido e realizado por homens? Estas são questões que não escaparam à consideração dos participantes.

## *O feminismo e os homens*

Ricardo sumariza eloquentemente as suas dúvidas ao empregar o termo feminista:

“(...) Acho que uma pessoa precisa de sentir na pele, na primeira pessoa, as discriminações para poder falar delas com autoridade absoluta. Não quer dizer que não possa, tenho tado aqui a falar consigo sobre discriminações de género e sobre a desigualdade entre homens e mulheres na sociedade portuguesa e não tenho nenhum problema em falar disso, da realidade que conheço, dos dados que tenho, agora não é uma discriminação que eu viva. Eu não vivo essa discriminação, e mesmo que quisesse não conseguiria vivê-la, não conseguiria vivê-la, porque evidentemente quando vou ter uma entrevista de trabalho ou enfim, não sou tratado como mulher, quando ando na rua não sou abordado como mulher, e portanto mesmo que quisesse eu não viveria essa discriminação, não percebia, portanto digamos tenho uma aproximação teórica a essa questão, do que as pessoas me contam, dos relatos que as pessoas me fazem, que as mulheres me fazem, do que leio, do que sei dos estudos que existem, é uma aproximação teórica. Isto do meu ponto de vista retira-me autoridade. Aceito perfeitamente que outra pessoa, outro homem, na minha situação não sinta isto e consiga dizer sem hesitar 'sou feminista e posso ir a uma sessão pública onde quer que seja enquanto feminista defender os direitos das mulheres, a igualdade das mulheres', não tenho problema nenhum com isso, acho que é mesmo uma característica pessoal, eu não me sinto à vontade nesse papel porque não tenho essa experiência vivida mas aceito que outra pessoa que também não a tenha como experiência vivida se possa sentir à vontade nesse papel, não tenho nenhum preconceito com isso, não acho que os homens sejam incapazes de desempenhar esse papel de feministas activistas se quiser, por ser homens. (...)” (Ricardo, E1/2).

Deve ser notado, como o participante sublinha, que o que aqui está a ser questionado é o uso do termo feminista e não a possibilidade de intervenção e mudança originada por homens, uma área em que certas resistências ainda se encontram, como explorado mais adiante neste trabalho.

Simão acredita que “não é fácil para um homem, penso eu, ou para a maioria dos homens, expôr-se, até simplesmente assumir-se como feminista, porque o assumir-se como feminista já é uma coisa que pode parecer aos outros muito estranha, não é, porque pode (...) pode quase ser percebido como, se calhar, ‘é feminista, é menos homem’, o que é um perfeito disparate”; uma compreensão do feminismo ancorada em estereótipos poderá, de acordo com o participante, “dificultar de alguma maneira uma organização social mais consistente por parte dos homens a favor deste trabalho de maior libertação e de maior igualdade de oportunidades” (Simão, E1/2).

Outros participantes concordariam que ser um homem feminista em Portugal não é uma tarefa fácil. Gonçalo (E1/2) partilha como o facto de procurar apoiar políticas emancipatórias

leva a que os seus colegas minimizem os seus esforços e Bruno ilustra como a tradução destas temáticas mesmo num grupo de amigos homens é mal recebida: “Mas... aí pode ser mais difícil às vezes, também por uma questão de aceitação, não é, a certa altura tás com um grupo de amigos e comesas a questionar a cultura masculina e és visto ou como rabeta ou como uma menina, não é, pode acontecer” (Bruno, E1/2). A estratégia de feminizar os homens que se procuram colocar fora da dita “cultura masculina” é já antiga e não constitui surpresa.

Expôr-se como homem feminista não seria apenas um convite para ataques à sua virilidade, contudo; certos desafios interessantes colocam-se, como por exemplo a análise de poder e a forma como os próprios homens têm de repensar as suas acções e discursos e como tal criar novas formas de ser. Esse desafio prova ser difícil, como argumenta Nicolau:

“(...) não me parece que haja papéis a não ser aqueles que são inerentes pela biologia e que nos são dados, e portanto todo o trabalho, tudo isto tem influências sociais também fortíssimas e que nos levam, e que nos condicionam e que me condicionam a mim na minha atitude diária, certamente, não tenho dúvida nenhuma [risos] que terei atitudes daquelas que se calhar reprovo ou que condeno, quer dizer, enquadro-me num meio como qualquer outro ser humano e portanto certamente também por vezes estas coisas também se passam, agora o que é importante é que uma pessoa depois faça um processo de reflexão sobre isso e reflecta sobre essas atitudes para provocar essa mudança ou tentar provocar essa mudança e isso é que às vezes é complicado, não é, quando não queremos porque dá jeito às vezes ter oportunidades do ponto de vista da nossa vida, da nossa socialização, portanto isso também é complicado. Não sei se ajudou a esclarecer ou a confundir [risos]. (...)” (Nicolau, E3).

O convite que o feminismo oferece à reflexão na busca de uma acção transformadora que possa mudar a sociedade encontra claramente resistências, nomeadamente sob a forma dos privilégios a que determinados grupos, como os homens, têm acesso; Fernando ilustra as questões dos privilégios ao abordar a barreira colocada pelo Estado aos casamentos entre pessoas do mesmo sexo:

“(...) candidato do PSD, estava a dizer que aceita as uniões civis entre homossexuais, e depois a gente começa a ver a coisa e a gente vê o que é que ele tá a querer dizer, tá a dizer em primeiro lugar que aceita o reconhecimento dos direitos patrimoniais e todos os direitos, a igualdade toda, mas não se pode chamar casamento, tem de se chamar outra coisa, portanto tá-nos a comprovar que o problema é o simbólico da coisa, e depois não faz nenhuma referência aos direitos que têm a ver com adopção, paternidade, parentalidade, PMA's [Procriação Medicamente Assistida], etc., ou seja tá a deixar as coisas no campo patrimonial, através da omissão não fala do assunto. Portanto a gente percebe olhando para este tipo de posições o que é que está em causa na posição de contrário, e quão de facto transformadora ela pode ser. (...)” (Fernando, E3)

O poder e privilégio a que os homens, enquanto grupo, têm acesso pode interferir em certos casos com uma consciencialização feminista. Tal pode ser exemplificado com o exemplo que David relata na sua narrativa; na altura membro de uma organização política de esquerda, o participante partilha:

“(...) Eu lembro-me perfeitamente duma vez duns alemães nos terem perguntado portanto se a nossa organização tratava das questões digamos dos direitos das mulheres, eu lembro-me perfeitamente duma resposta que eu dei que eles ficaram perfeitamente chocados que eu disse que isso não era uma questão prioritária. Portanto, havia uma certa questão da igualdade digamos, a reivindicação da igualdade mas ao mesmo tempo portanto não sentir que isso fosse uma questão específica ou que isso fosse uma questão muito importante, não é? (...)” (David, E1)

Aprofundando esta situação, o participante considera:

“(...) digamos houve um processo de consciencialização digamos, lá está, da importância duma organização autónoma que ao princípio não sentir... achava que éramos todos revolucionários e portanto não havia necessidade de haver uma organização específica de mulheres (...)” (David, E2)

Por seu lado, Artur (E1/2) confia a situação caricata de estar a ultimar um trabalho académico que se sustentava numa teoria e epistemologia feministas mas apenas na conclusão do mesmo se consciencializar do impacto político desse mesmo trabalho.

Claramente lidando aqui com questões de privilégio e representação, a conclusão contudo não é monolítica: em ambos os casos denota-se a possibilidade e a realidade concreta de transformação, de iniciação de um processo de mudança relativamente à representatividade de grupos oprimidos, neste caso as mulheres.

### *Custos da masculinidade*

Como refere Nicolau “os homens enfrentam do meu ponto de vista inúmeros constrangimentos, não são apenas as mulheres, o homem foi educado para ser forte, para ser duro, para ser racional, para ser o dito ganha pão, para assumir estas responsabilidades” (Nicolau, E1/2). Assim, os homens também têm problemas, como apontam os participantes:

“(...) eu acho que a identidade masculina também tem aspectos, tem fragilidades, e que nós somos portanto muito também o sexo fraco, não é, diz-se que as mulheres são o sexo fraco, não é, enfim, em



termos dos recursos internos os homens são muito mais fracos que as mulheres, são muito mais frágeis por isso morrem mais, por isso suicidam-se mais, por isso drogam-se mais, por isso têm mais acidentes de automóveis, por isso matam-se mais uns aos outros, não é, porque somos mais frágeis que as mulheres desse ponto de vista, de recursos para resolver os nossos próprios problemas.(...)” (David, E2)

“(...) portanto não é dizer 'os condutores', os condutores são homens. Elas efectivamente morrem menos, são menos, mas proporcionalmente elas morrem menos e têm comportamentos diferentes do ponto de vista da condução porque precisam menos daquilo em termos da sua identidade (...)” (Artur, E3)

A questão da identidade a que ambos os participantes se referem foi explorada. Quando questionado sobre o que entende por “identidade masculina” David esclarece:

*“E o que é isso da identidade masculina?”*

A identidade masculina é os papéis digamos tradicionalmente ligados ao masculino e os papéis tradicionalmente ligados ao feminino portanto são extremamente exigentes portanto dos homens, porque o homem tem de ser o mais forte, tem que ser portanto o melhor dos competidores, tem que ser o mais esperto não é, tem de ser o mais de tudo, tem de ser o mais bonito não é para ter algum sucesso entre as mulheres, tem de ser o mais atlético, tem de ser o mais alto, tem que ser o mais forte, portanto há toda uma identidade masculina, o homem tem que ser o mais de tudo não é, e obviamente quer dizer que a realidade não é assim. Ou seja, os homens são educados para uma coisa que não tem a ver com a realidade e portanto a identidade masculina e os estereótipos masculinos são muito mais rígidos em si do que os estereótipos femininos e portanto o confronto com a realidade faz com que haja grandes frustrações [risos], não é, e em termos de saúde mental portanto isso dá reflexos, basicamente é isto. E nomeadamente é assim... mas por outro lado é assim, de facto os homens são educados para ser fortes e tornam-se fortes, e portanto muitos homens são efectivamente capazes de resolver os seus problemas, melhor ou pior, mas resolvem os seus problemas, agora quando partem partem muito, não é. (E3)

A construção social desta identidade encontra-se aqui patente; a “identidade masculina” é assim percebida como um ideal a que muitos, possivelmente todos os homens têm dificuldade em aceder, pois enquanto ideologia não é material ou real. Enquanto ideologia que organiza a sociedade e as suas tarefas, os homens à partida não vivem certas experiências, como aponta Artur:

“(...) sei lá mudar uma fralda a um bebé, não faz ideia, nunca fez comer, eu acho que sobretudo não é porque ser explorador de alguém, é porque isto empobrece a experiência das pessoas, é isso que me faz pensar, não é que toda a gente tenha que ser, pronto e que tenha que chorar baba e ranho e tenha que fazer comida, não é isso, é que é um conjunto, e aquele tipo pra mim é um bocado um símbolo de uma

série de tipos que eu conheço que nasceram e morreram sem passar uma série de coisas que eu acho serem importantes para eles, com esta coisa do se alguém... mas alguém, quem é o alguém, há sempre alguém que, andamos nos alguéns, andamos a controlar-nos uns aos outros. (...)” (Artur, E3)

As tarefas tradicionalmente ligadas ao feminino – tratar das crianças, elaborar refeições, em suma as tarefas ligadas à manutenção do lar que simboliza o espaço privado – são tarefas a que os homens, tradicionalmente, não deveriam estar ligados. Interessante será notar a conclusão de Artur quando refere a ideia de controlo: a masculinidade enquanto ideologia é reforçada quer pelo indivíduo quer pelo grupo, tratando-se assim não de algo individual mas claramente de questões de poder e privilégio.

As emoções nos homens, nomeadamente o seu acesso às mesmas, foi algo que norteou grande parte das entrevistas com Simão; de uma forma geral, o participante considera que:

“(...) se eu captei bem a perspectiva que me está a apresentar, eu não corroboro inteiramente porque de facto esta perspectiva que está ancorada em termos epistemológicos numa corrente da psicologia crítica e que é mais próxima inclusivamente digamos de uma perspectiva pós-moderna que decorre do trabalho por exemplo do Michel Foucault que coloca as questões em termos de poder, eu então diria assim, os homens em termos de poderes no que diz respeito à expressão emocional estão muito aquém das mulheres, e estão muito mais coarctados do exercício desse poder. A mulher tem mais poder para expressar, para se expressar emocionalmente qualquer que seja a sua evolução e o homem aí já não tem a mesma margem de manobra. (...)” (Simão, E3)

De acordo com o participante, “relativamente às emoções, importa perceber que os homens estão numa situação claramente frágil ou mais frágil ou mais vulnerável do que as mulheres, sem dúvida nenhuma, e não é por uma questão de natureza, mas é por aquilo que todos nós fomos construindo e as diferentes instituições foram contribuindo para a perpetuação de uma imagem de homem que não chora.” (Simão, E3).

O género é um projecto com contradições e cálculos entre benefícios e custos; tal não deixa de ser verdade ao nível das masculinidades. Intervenções futuras no campo devem assim considerar as consequências não apenas a nível de homens ou de mulheres separadamente, mas sim ao nível das relações de género, sendo importante considerar se essas mesmas intervenções estarão a realizar um processo de empowerment ao nível dos grupos oprimidos.

## *Movimento feminista em Portugal*

Qual é a percepção dos participantes sobre o movimento feminista em Portugal? Ricardo argumenta que “existe um movimento feminista bastante frágil em Portugal, ainda.” (Ricardo, E1/2). David compara o movimento feminista nacional com o movimento feminista espanhol, concluindo que no país vizinho o movimento feminista “foi muito poderoso” e que “existe ainda com bastante força” (David, E2); o participante acredita que em Portugal “as organizações de mulheres que existem são organizações portanto partidárias (...) portanto a imagem que eu tenho, o feminismo em Portugal é muito um movimento de pessoas não é, de pessoas que acabam por ter influência nas políticas de Estado” (David, E3), sendo que Hugo (E1/2) e Ricardo (E1/2) concordam com a fragilidade do movimento feminista português actualmente. Gonçalo coloca mesmo a questão: “nem sei se existe uma coisa que se chame movimento feminista português, é isso? Nem sei isso, se quer que lhe diga” (Gonçalo, E3), uma questão que Artur (E1/2) partilha.

Joel considera que é importante ter em atenção a história de Portugal e os seus quarenta e oito anos de ditadura ao analisar esta área (Joel, E3). Na mesma linha de raciocínio, Bruno considera que as distorções e caricaturas de que a palavra feminismo foi e é alvo levam a que “muitas vezes mesmo as pessoas que defendem a igualdade de género tendem a não querer identificar-se com o feminismo por acharem que isso é uma categoria que ficou presa a esses estereótipos que se construíram sobre ela” (Bruno, E1/2). A noção de que numa primeira fase do movimento os homens eram encarados com suspeição (Artur, E 1/2) não parece ser uma realidade actual; ao invés, segundo Joel há dificuldade em “ter homens presentes nestes eventos e em conferências etc.”, não obstante estratégias que o movimento feminista procure desenvolver, sendo que essa dificuldade advém da própria organização da masculinidade hegemónica (Joel E1/2).

## *Temática LGBT*

O que pensam os homens da temática LGBT? De um ponto de vista histórico, as lutas políticas desenvolvidas pelo movimento feminista e LGBT “estão associadas do ponto de vista académico e do ponto de vista de intervenção política”, como resume Artur (E1/2). Ricardo coloca essa noção de forma clara:

“(...) as discriminações existem por si, mas as pessoas não as sentem isoladamente, cada pessoa vive,

tem uma vida completa e tem uma vida em que se relaciona com os outros a muitos níveis e portanto as oportunidades, os momentos de discriminação também são múltiplos, não é, uma mulher lésbica é certamente discriminada ou pode sê-lo por ser lésbica, mas também o é por ser mulher, também o é por ser mulher, e se for emigrante mais ainda, portanto há aqui cruzamentos de muitas questões (...)” (Ricardo, E1/2)

Determinados participantes como David (E3), Artur (E3), Nicolau (E3) e Simão (E3) têm uma relação profissional com a temática LGBT; Joel procura participar num nível mais académico em eventos destinados à discussão da temática, pois considera que “parece que os académicos têm medo de falar destas coisas, e até de tratar esses temas do ponto de vista de investigação, isso parece-me ridículo”, concluindo que “até que vejo essa minha participação em coisas LGBT como uma decorrência do feminismo” (Joel, E1/2). A invisibilidade da temática LGBT é igualmente clara para Gonçalo (E3). Bruno (E3) já organizou em parceria com algumas organizações LGBT, eventos de discussão sobre a área; Ricardo (E1/2) e Fernando (E1/2) são activistas do movimento LGBT português; Gonçalo (E3) já participou na marcha e no arraial; Hugo (E3) participa através da sua contribuição académica.

### *Casamento e Adopção*

O acesso ao casamento civil e o direito à adopção são, por questões contextuais e históricas, duas das reivindicações mais frequentes do movimento LGBT, claramente não se esgotando nestas. Em termos do casamento entre pessoas do mesmo sexo, todos os participantes são unânimes em mostrar o seu apoio.

As questões mudam ligeiramente quando abordamos a adopção por parte de casais homossexuais, surgindo determinadas questões como no caso de Nicolau:

“(...) questiono-me, porque eu acho que uma criança deve ter uma identificação do masculino e do feminino do ponto de vista do seu desenvolvimento (...) como digo, não tenho uma posição sobre isso, nessa questão, objectivamente não tenho uma posição, tendencialmente se quiser acho que terei uma posição de ser contra mas com quinhentas mil interrogações a seguir, porque não... é um bocado difícil assim, é um questionamento, tentar perceber, porque eu acho que acima de tudo devemos, no que toca a crianças eu acho que nós devemos, a sociedade tem uma responsabilidade acrescida de procurar dar o melhor possível às crianças (...) não é o eu ser contra não tem a ver com isso, tem a ver com o processo de amadurecimento também da ideia e de percepção e de que até que ponto é que isto pode ser bom, pode ser mau, para a criança, acima de tudo, nem estou a ver, porque

acho que muitas vezes os adultos fixam-se em si e nos seus interesses e esquecem-se dos interesses daqueles que não têm capacidade ainda de decidir sobre, isto é muito complicado e portanto quando as coisas funcionam desta forma é muito complicado” (Nicolau, E3).

Claramente num processo de reflexão sobre esta área, o participante não deixa contudo de reproduzir uma série de noções presentes na sociedade sobre a adopção por parte de casais homossexuais, que é importante desconstruir. David aponta que “os principais argumentos do senso comum contra por exemplo a adopção de crianças por casais homossexuais não têm sustentabilidade científica, estudos feitos portanto com crianças filhas ou adoptadas digamos por casais homossexuais revelam que são crianças tão, com uma saúde mental tão boa ou tão má digamos, como as outras crianças” (David, E3); Artur partilha esta ideia, considerando que “há “n” pessoas, montes de pessoas, que ficaram sem pai que ficaram sem mãe e que viveram com o tio e com dois tios e que viveram só com mulheres ou que viveram, e portanto por várias vicissitudes da vida e portanto não há qualquer tipo de digamos cobertura para ideias de trauma e de deformação em termos de crescimento de pessoas que cresçam com um casal homossexual” (Artur, E3). Bruno considera que “dentro da preocupação com as crianças o que se deve assegurar carinho, afecto, condições de estabilidade emocional, condições de sustentabilidade económica” (Bruno, E3). Ricardo critica a ideia dominante de família, alegando que tal “nunca correspondeu à vida das pessoas, nunca em momento histórico nenhum, em sociedade nenhuma” (Ricardo, E3). Simão aborda a ideia das referências identitárias: “Poderá perguntar-me assim, então mas e não precisa de uma referência masculina ou feminina, ela pode ter em vários contextos porque também não quer dizer que estando numa família heterossexual que ela vá ter essa referência e que ela seja positiva” (Simão, E3).

Gonçalo partilha que teve dúvidas quanto à adopção, contudo actualmente essas dúvidas dissiparam-se; o participante explica:

“(…) Se quer que lhe diga, mais uma vez os motivos mais pragmáticos pesaram muito. Eu sei que isto pode parecer um argumento muito terrorista mas entre uma criança estar a morrer à fome na rua mesmo que eventualmente pudesse ser prejudicial [risos] ou ser adoptada por um casal homossexual, e portanto os estudos dizem que não tem nada a ver, porque há crianças que são educadas bem e educadas mal independentemente da orientação sexual dos pais. Isso é um dos argumentos, mas há argumentos mais pragmáticos, se quer que lhe diga portanto um casal heterossexual [interrupção] e portanto imagine que como eu dizia um casal heterossexual que se divorcia têm filhos e que um dos membros do casal muda de orientação sexual, vão retirar o filho por causa disso? Muda ou descobre uma orientação sexual diferente, vão lhe tirar este filho, quer dizer não faz sentido. Portanto se não faz sentido aí à

partida também não faz sentido, portanto e todos os estudos que não tem nada a ver (...)” (Gonçalo, E3)

Por seu lado, Joel aborda o direito à adopção e os preconceitos que o rodeiam de forma muito clara:

“(...) o Estado é muito problemático nestas coisas porque veja-se o que é que são as discussões sobre a adopção em Portugal. É um discurso do mai reaccionário que pode haver da parte do Estado, é um horror, quer dizer, como é que na Constituição diz que as pessoas são todas iguais perante a lei mas depois um casal homossexual não pode adoptar? Mas porque raio? Depois começam com um discurso dos direitos das crianças, como se as crianças pudessem estar bem naquelas instituições onde estão, não estão, aliás há provas muito concretas de que não estão nada bem, não é. E isso pra mim são algumas questões que gostaria de ver tratadas de uma forma mais séria (...)” (Joel, E1/2).

### *Obstáculos à mudança*

A mudança, mesmo quando alcançada, não é algo de perene, uma vez que as dinâmicas sociais não são estanques. Artur (E1/2) ilustra esta ideia da seguinte forma: “é como se estivesse a escorregar, não é, qualquer coisa que sobe uma rampa, mas que tá sempre em permanente desequilíbrio para retornar ao que era”; ou, como considera Ricardo, “não é um processo linear no sentido de andamos tudo pra frente, não, há retrocessos, há momentos de crise económica, de crise social, em que as coisas podem voltar para trás, enfim” (Ricardo, E1/2). Existem, de acordo com os participantes, vários obstáculos para a mudança.

Hugo refere a tradição positivista que se encontra subjacente na sua área de trabalho, o design: a procura do objecto neutro, universal, “não consegue mesmo assim ser completamente neutra (...) e às vezes até o boneco que significa pessoas parece mais um homem do que o que significa homem”. O positivismo, na sua busca pela objectividade e neutralidade e procurando uma linguagem universal falha, na perspectiva de Hugo, pois não considera o aspecto cultural: “testam sempre com um público ocidental e depois é exportado para outros lados, partindo do princípio que o sistema é universal, as pessoas são as mesmas em todo o lado, portanto as questões culturais, as questões das etnias, as questões de género nunca estão presentes” (Hugo, E1/2).

Na mesma linha, Fernando considera que a academia é conservadora “à portuguesa, isto é, não reage contra (...) sobretudo gosta de se ver ao espelho, como tolerante, portanto não faz esse tipo de onda, mas não promove activamente e não reconhece discursivamente a necessidade de abordar certo tipo de coisas (...) simplesmente mantemos as coisas em banho-maria (...) a ver se elas desaparecem sem que haja grande conflito não é” (Fernando, E1/2).

O conservadorismo não passa apenas pela academia, mas igualmente por grupos ditos alternativos; Hugo recorda ter ficado chocado com o movimento alternativo devido à sua “pouca abertura em questões de género” (Hugo, E1/2), não escapando esta contradição ao participante.

A política, entendida aqui no sentido de política partidária, apresenta-se também, em determinados pontos, como um obstáculo à mudança. Como diz Joel, “há uma série de figuras que não querem abandonar o seu old man’s club” (Joel, E1/2), realçando a composição esmagadoramente masculina dos partidos políticos nacionais; Artur reflecte sobre a disparidade entre as opiniões privadas e públicas dos políticos, concluindo que “o debate do ponto de vista dos políticos aquilo depois é decidido noutras cúpulas que não é ali” (Artur, E3). Considerando que existe uma maior vontade política actualmente sobre estas matérias em comparação com o passado, Fernando não deixa de ser igualmente crítico face “à fraqueza de capital cultural muito grande na classe política” que se materializa numa compreensão necessariamente limitada das questões sociais:

“(...) e a agenda política em Portugal, sobretudo do Partido Socialista não é de facto suficientemente moderna e liberal para perceber que estas questões são fulcrais, percebeu nalgumas coisas, percebeu na violência doméstica, percebeu na questão do aborto, já isso é muito bom sinal, preocupa-me é que não tenha percebido o pacote todo, faz-me confusão quando se percebe uma coisa e não se percebe o resto, seria mais de esperar que fossem pessoas com a consciência social do pacote, não é, o pacote que estabelece as ligações entre o aborto, as formas de família, a sexualidade, a desigualdade de género, a violência doméstica, a desigualdade salarial não é, é um pacote que envolve isto tudo e acho estranho que essas pessoas não tenham a noção disso não é, e que vão pôr assuntos muito particulares primeiro e não consigam ver o quadro geral, faz-me um bocadinho de confusão (...)” (Fernando, E1/2).

A própria esquerda partidária, construída geralmente como o berço da promoção de ideias e práticas igualitárias e inovadoras, não escapa à crítica dos participantes. Como Joel alega, “a direita toda ela é um obstáculo ao feminismo mas isso é desde sempre, é que aí nem é preciso dizer que é. A própria esquerda também o é porque é muito machista. É muito machista, é muito heterossexista.” (Joel, E1/2). No seguimento da entrevista o participante acaba por concluir que “isto também não é linear, não é que a esquerda seja boa e a direita seja má, a coisa não é assim” (Joel, E1/2).

Um dos obstáculos políticos mais graves é a falta de representação das mulheres nos órgãos de poder. O sistema de quotas é uma das formas de procurar garantir uma maior representatividade no sistema político, tendo contudo argumentos contra. Ricardo questiona

as questões de privilégio subjacentes nestes argumentos: “é espantoso, um dos argumentos para a presença das mulheres nos parlamentos e contrária à perspectiva das quotas, é que as mulheres têm de tar pela sua competência e não pelo seu género (...) então não há homens incompetentes no parlamento? Quer dizer, há quotas para competentes e quotas para incompetentes? Porque é que essa questão só se coloca com as mulheres, porque é que a questão da competência só se coloca para as mulheres, não se coloca prós homens?” (Ricardo, E1/2). Gonçalo sublinha a necessidade de mudar a forma como o acesso é efectuado: “era um dos argumentos que eu utilizava para defender a lei das quotas, concordo que as mulheres estúpidas e burras têm tanto direito a entrar como durante muitos anos entraram uma carrada de homens estúpidos e burros, eu preferia que entrassem as mulheres mais inteligentes e mais aptas, como prefiro que até os homens mais inteligentes, agora o sistema é que tar feito para isso, não tem que tar feito para escolher por ser homem ou por ser mulher” (Gonçalo, E1/2). Joel considera que a ideia de paridade deve nortear este processo: “a questão das quotas, é mesmo fundamental que elas aconteçam. Para mim nem a questão das quotas é a questão da paridade que é um projecto mais... é uma visão da sociedade, não é apenas uma medida política, é uma visão da sociedade que parte do pressuposto que há homens e há mulheres e que elas têm direitos políticos e que portanto aquilo não pode ser a gente olha pró Parlamento, é tudo uns homens vestidos de cinzento. É uma coisa que depois não representam a população do país.” (Joel, E1/2).

Um outro obstáculo à mudança pode ser a religião, ou as forças conservadoras que se encontram associadas a movimentos religiosos actualmente. Joel considera que “eu acho que uma das bases do sexismo é a religião, nomeadamente o catolicismo que é medonho do ponto de vista das coisas que eles dizem sobre as mulheres” (Joel, E1/2). Esforços para a mudança nesta área estão já em curso; Gonçalo (E1/2) partilha que teve uma formação católica e que actualmente integra um movimento que procura redefinir certas situações ao nível da Igreja Católica, como sendo a entrada das mulheres no sacerdócio, o casamento de padres ou o uso do preservativo, entre outras. Para Nicolau a experiência religiosa é precursora à tomada de consciência feminista; a ingressão num seminário católico durante um período da sua vida formatou-o, nas palavras do participante “de um ponto de vista da visão do mundo e da visão humanista do mundo”, mostrando-se optimista face ao papel que as religiões podem ter na promoção da igualdade (Nicolau, E1/2). Tendo perspectivas diferentes sobre o papel da religião nas sociedades e as capacidades para a mudança, os participantes que versaram sobre a matéria demonstram uma postura crítica face à mesma.

De acordo com Joel, a imprensa pode ser considerada como um obstáculo à mudança uma



vez que, escondendo-se sob um manto de neutralidade, “as questões das mulheres elas são tratadas como questões menores, são minudências, são questões pouco importantes”, sendo os media em parte responsáveis por estereotipar o feminismo: “acusarem-nos de dizermos ou termos uma prática radical, que até não é, que até não é porque, e que devia ser mais no meu entender, devíamos ser muito mais radicais do que somos hoje (...) e aqui em Portugal os media alimentam muito esta concepção do radicalismo feminista” (Joel, E1/2).

### *Críticas a disciplinas*

Teceram-se igualmente críticas a várias disciplinas, entre elas a psicologia. Joel critica, através da sua experiência pessoal enquanto estudante de psicologia, a forma como a história da mesma é apresentada:

“(...)de eu achar que os psicólogos e também eventualmente algumas psicólogas, tinham práticas extraordinariamente machistas até na própria maneira como apresentam a história da psicologia, no modo como seleccionam, como quase que não dão exemplos de teorias ou investigações feitas por mulheres, haver esta tendência andocêntrica à partida(...)” (Joel, E3).

A imagem da psicologia é assim uma imagem de uma disciplina dominada por homens, ou mais significativamente, dominada por uma ideologia androcêntrica. Para Joel, a psicologia encontra-se associada ao poder instituído, ainda dominada pelo paradigma positivista, faltando aos psicólogos ferramentas para compreenderem e conceptualizarem a diversidade:

“(...)tou numas correntes que fizeram todo este trabalho de desconstrução da própria disciplina e aí eu acho sempre que os psicólogos parece que tão sempre do lado certo, parece que tão sempre do lado onde tá o poder (...) desde o princípio do século XX que isto começou a ser contestado, mas até hoje ainda não se conseguiu rebentar com esta hegemonia positivista. Portanto, a psicologia não é de toda a localização mais interessante para se perceber questões que tenham que ver com a diversidade, porque ela... e aí também há psicólogos que entram em rotura com a disciplina precisamente porque querem salientar isso e portanto têm de entrar em rotura. Portanto quando... esse argumento de que as pessoas não estão preparadas para pensar as categorias de uma maneira diferente eu parece-me sempre que é mais uma desculpa que a cognição inventa para manter as coisas no status quo (...) Depois essa questão dos psicólogos, lá está, os psicólogos nessas coisas têm muitos problemas, faz-lhes muito mal e não têm muitos instrumentos metodológicos pa perceber as questões da diversidade.(...)” (Joel, E1/2).

Determinadas áreas da psicologia afiguram-se assim como mais interessantes para pensar a diversidade, existindo claramente a possibilidade de agência e responsabilização dos psicólogos para romper com a tradição e desenvolver posturas críticas face ao papel da disciplina na sociedade. A responsabilização da psicologia e de outras ciências da área da saúde mental é reivindicada por Simão, nomeadamente na patologização da homossexualidade:

“(...) por exemplo, que é homossexual que tá na casa dos vinte anos, vinte e poucos anos, e que foi fazer o curso de psicologia não para se aceitar ou para perceber mas com a crença de que se poderia tornar heterossexual, uma espécie de cura milagrosa, e isto é muito grave, mas nós temos clínicos que alimentam isto, nós temos psicólogos que alimentam isto, nós temos psiquiatras que alimentam isto, e este discurso legitimador não é, é como se fosse o trabalho ao contrário, está alguém a fazer um trabalho sobre os homens feministas por um lado e se calhar pode estar um psiquiatra do outro lado a dizer que estes homens não são normais, sofrem de uma patologia.(...)” (Simão, E1/2)

A psicanálise não deixa de ser analisada por Joel e Simão. Por seu lado, Joel argumenta que a psicanálise é “maltratada” pelos movimentos feminista e LGBT, sendo que o movimento feminista se encontra correcto na sua crítica a Freud, uma vez que este “era muito misógino”; por outro lado, Joel recorda que Freud evidenciava “uma grande abertura de espírito” sobre a homossexualidade, lembrando que o pai da psicanálise

“(...) tem uma carta extraordinária que escreve à mãe de um homossexual em que explica, usando o conceito de inversão que era o conceito que ele usava na altura, mas explicando que ela não tem nada que se preocupar, que o filho tá, tem um desenvolvimento psicológico absolutamente não problemático e que pelo facto de ser homossexual isso não lhe traz à partida nenhum problema que precise de tratamento (...)” (Joel, E1/2)

E embora Freud fosse bastante liberal para a sua altura, os seus discípulos teóricos representam ainda actualmente o conservadorismo que a psicanálise sofreu ao longo dos tempos, como apontado por Simão:

“(...) há muitos psicanalistas ainda hoje e tenho vários entrevistados, por exemplo no meu estudo referem isso, sobretudo os homossexuais em que os senhores doutores disseram que eles tinham de mudar, e que tinham que experimentar e são pessoas com responsabilidades (...) e há discursos na tese da Professora Gabriela Moita produzidos por clínicos, que são absolutamente criminosos, e são pessoas esclarecidas, esclarecidas com muitas aspas não é, e portanto nós temos mesmo mundos diferentes (...)” (Simão, E1/2)

A relação turbulenta entre psicologia e outras áreas da saúde mental, como a psiquiatria e a psicanálise, e homossexualidade, como criticada pelos participantes, evidencia a forma como o preconceito domina ainda estas áreas particulares do conhecimento. Esse preconceito é baseado numa análise essencialista e necessariamente fundamentalista das próprias relações entre os sexos, como as críticas a outras disciplinas nos demonstram.

Assim, na área da sexologia, Artur relembra um evento de cariz profissional e académico em que um profissional conceituado reproduzia claramente estereótipos de género e legitimava a divisão sexual existente entre as profissões de medicina e enfermagem (Artur, E1/2); Hugo alega que na área “das artes, do design” as pessoas são “diferentes” do que em cursos de “ciências”, em que “os alunos [de ciências] portanto têm uma formação muito técnica às vezes” (Hugo, E1/2). Fernando critica determinadas disciplinas e estudos na área do género e família por terem

“(…) um fundo conservador que os próprios não se apercebem [risos], e esse fundo conservador tá lá porque não reconhecem a sexualidade como uma variável,      inconcebível, e portanto o mundo é visto tal qual se apresenta e tal qual os critérios estatísticos apresentam o mundo, homens e mulheres como realidades demográficas e é quanto basta e pensamento crítico muito pouco (...)” (Fernando, E1/2)

Joel por seu lado critica um sistema de conhecimento que não reconhece, não legitima e pune quem utiliza outras teorias que não as tradicionais, como sendo a teoria sociológica feminista; como o participante conclui, para além da psicologia “o panorama das outras disciplinas é igualmente negro” (Joel, E1/2). Joel afirma que não se pode falar em género sem falar de feminismo: “eu às vezes fico irritadíssimo quando vejo pessoas a falarem de género como se aquilo não tivesse nada que ver com as feministas, mas isso é o maior disparate que se pode fazer, quer historicamente quer epistemologicamente, porque as coisas têm uma origem” (Joe, E1/2).

### *Mudança*

A mudança é o conceito central no feminismo; Joel reflecte sobre como se poderá afigurar essa mudança:

“(…) Acho primeiro que tem que ser uma mudança em vários níveis, uma mudança que tem que começar, e aqui eventualmente partilhando um pouco certos ideais do chamado

feminismo marxista, acho que é uma mudança que tem que ser colocada em primeiro lugar do ponto de vista do Estado. Não me parece neste momento que seja possível que, e aliás eu mais uma vez é uma das críticas que faço à psicologia, é a crença de que mudando o indivíduo mudamos tudo, ora isso é esquecer tudo o que são as instituições, tudo o que é a cultura partilhada entre indivíduos, grupos, sociedades e que por isso a mudança individual não é efectivamente um motor de mudança, e aqui também podemos entrar numa outra discussão que é a distinção entre pequenas reformas e uma mudança à séria. Uma mudança à séria, a meu ver e começando com este primeiro nível estatal, teria que começar por limpar da legislação todas as formas de discriminação contra as mulheres e por outro lado promover formas de facilitar o acesso das mulheres a determinadas áreas estratégicas onde elas ainda estão sub-representadas, falo do parlamento, falo da representação governamental e falo da presidência da república, que em Portugal nunca teve uma mulher nesse lugar. (...)” (Joel, E3)

A mudança não pode ser localizada apenas num nível de intervenção e claramente não pode ser concebida em termos apenas do indivíduo mas ao nível colectivo. Tudo o que fazemos tem consequências, como aponta Bruno: “seja o trabalho político que fazes num movimento social, seja um trabalho político que fazes numa associação de estudantes, seja o trabalho político que fazes enquanto investigador, seja o trabalho político que fazes enquanto professor, porque todas essas funções têm a dimensão política não partidária mas política, acho que é importante que estas questões estejam presentes.” (Bruno, E1/2). Bruno acredita igualmente que o Estado tem um papel importante, salientando contudo que não acredita

“(...) que a mudança social se possa fazer apenas pela mudança legislativa (...) as leis são importantes, mas as leis por si só não produzem transformações sociais, as leis normalmente consagram transformações sociais, cristalizam essas transformações e podem por vezes ser um instrumento de aceleração dessas mudanças ou de assegurar essas mudanças (...) é importante a intervenção do lado do Estado de assegurar leis que consagrem a igualdade de género, de assegurar serviços, apoios, assegurar tudo isso, e é importante a mudança de mentalidades e comportamentos que se faz necessariamente por via do activismo social, por via da intervenção, por via da educação também, por via da emancipação, da luta das pessoas e que se faz no espaço público como no espaço privado (...)” (Bruno, E1/2).

Claramente será através dos movimentos sociais que as mudanças serão alcançadas pois é no seio dos movimentos sociais que se articulam as necessidades dessas mudanças.

Como mudar? Essa é a grande questão.

### *Os homens e a mudança*

Poderão os homens contribuir para a mudança em termos da igualdade entre homens e mulheres? David considera que é muito difícil os homens organizarem-se em prol da igualdade: “Não tou a ver muito bem, não tou a ver muito bem, porque de facto é assim, em geral de facto quem se organiza é quem sofre, não é”; de acordo com o participante, os homens não se organizariam para a mudança a não ser “para coisas específicas portanto da sua condição masculina”. O participante partilha que, mesmo considerando-se feminista, “acredito que há zonas digamos do meu agir não é que são ainda desiguais não é porque pura e simplesmente eu não fui educado para isso, não é” e utilizando uma noção marxista, equaciona a mudança ao nível do género com a luta entre classes, “a mudança faz-se também pelo conflito de interesses entre homens e mulheres” (David, E3).

O participante não está sozinho nas suas ideias. Hugo mostra-se igualmente céptico relativamente à possibilidade dos homens poderem influenciar a mudança social; o participante aponta que “nunca se pode estar à espera que... realmente as mudanças sociais e o que quer que seja, parta dos privilegiados, tem que ser os que estão em situação de não privilégio a mexerem-se”. No decurso da sua entrevista, contudo, Hugo dá exemplos de homens que na sua acção avançaram a emancipação das mulheres, como sendo John Stuart Mill (Hugo, E1/2).

Joel é mais optimista em relação à possibilidade de mudança: “Também acho que de alguma forma é possível os homens brancos e heterossexuais terem, e acredito piamente nisso, terem princípios democráticos e serem contra esta discriminação, portanto não ponho nunca a questão do ponto de vista de serem os homens que são contra as mulheres, não é isso, porque as ideologias de género são más para elas num determinado sentido, mas também são más para eles noutro, e portanto a questão nunca se pode pôr esta questão do ponto de vista de uma guerra entre os sexos porque não é isso.” (Joel, E3).

A mudança é claramente um processo contínuo e de grande dificuldade, contudo é possível, como salienta Nicolau (E1/2), dando o exemplo de uma mudança que instituiu num dos seus primeiros locais de trabalho. Esta mudança é uma “mudança de mentalidades” de acordo com Bruno (E3), dificultada pela inexistência de, como aponta Fernando (E3) “formas mainstream de reflexão organizada (...) sobre homens e feminismo”. Repensar as questões de poder e como elas tradicionalmente se afiguram é essencial:

“(...) e portanto as pessoas têm essa dificuldade, parece-me a mim, os homens eu acho que

têm essa dificuldade de abdicar deste poder, embora eu ache, e isto é a minha perspectiva pessoal, que nós não estamos a abdicar de poder nenhum, estamos apenas a conviver e a partilhar todo um espaço que deve ser público e privado e portanto eu acho que estamos ambos se quiser a ganhar poder, a ganhar poder para poder decidir ambos, homens e mulheres, sobre as coisas que nos dizem respeito, a uns e a outros, quer seja no espaço público quer seja no espaço privado e portanto não vejo aqui a perda do poder, esta é a minha versão pessoal [risos]” (Nicolau, E1/2)

### *Educação/Formação*

A necessidade de apostar na educação e formação é clara; a educação é um acto libertatório, como explica claramente Artur:

“(...) eu quando entrei prá faculdade, pa sociologia, portanto aí era inevitável que essas coisas viessem ao de cima, e portanto lembra-me de um ou dois professores que de facto referiam essas coisas, e portanto quando eu entro num universo onde a questão do relativismo cultural, e a questão da diversidade, e a questão do não sei quê, quer dizer que pra mim aquilo era o paraíso completo, quer dizer que era o esbatimento de uma série de coisas... pra mim não era o deitar de nada abaixo, pra mim era a confirmação de que aquilo que pensava tinha sido pensado por outras pessoas e aquilo tinha uma correspondência com alguma coisa, portanto eu não era assim tão anormal. (...)” (Artur, E1/2)

Uma das estratégias sugeridas por grande parte dos participantes foi a de incluir as questões de género e igualdade em programas de educação e formação. Esta estratégia passa antes de mais por uma aquisição de informação que permita contextualizar os movimentos sociais e as suas reivindicações; como questiona Joel, “não percebo porquê, porque é que nós temos que chegar à universidade e ouvir falar pela primeira vez do movimento feminista, movimento negro, movimento LGBT, é só aí que se ouve falar, porque antes disso, há um vazio na educação sobre essas questões e isso é muito grave (...) não se pode esperar que as pessoas tenham uma consciência democrática se não têm informação sobre a história da democracia, a coisa não é natural, a pessoa não acorda um dia e fica...” (E1/2). Mesmo a própria academia não escapa à ignorância nesta matéria; Hugo recorda-se da defesa da sua tese de doutoramento que versava sobre esta área e de como esta foi encarada: “mas realmente isto foi marcante, estes episódios são marcantes, uma pessoa pensa que está em Inglaterra, estamos a falar para uma audiência muito, não é bem conservadora não é, mas muito limitada, não conhece estas questões, desconhece completamente, portanto achava um escândalo as mulheres terem de trabalhar, é complicado” (Hugo, E1/2).

Há uma necessidade de tradução para toda a sociedade da importância destas questões de acordo com Artur (E1/2); o caminho não é fácil, contudo, pois encontra-se repleto de resistências, como diz Nicolau: “as pessoas começam-se a questionar e começam a reflectir sobre a sua própria vida e reagem, e reagem por vezes de forma violenta (...) quer dizer já fico muito contente quando provoço isto nas pessoas, principalmente que as pessoas fiquem a pensar se afinal a sua verdade ou a verdade que ela tinha como verdade é tão verdade como a que disse” (E3). A questão também passa por uma responsabilidade pessoal, “de eu permitir e estar receptivo para essa aprendizagem (...) de me deixar transformar” (Simão, E1/2).

A justiça social é, segundo Ricardo, algo a ser introduzido no campo da educação de crianças e jovens, onde necessariamente a sexualidade e a igualdade de género são temas que ganham especial relevância, devendo ser orientados por um “discurso de pluralidade, de diversidade e que combata o medo e o preconceito” (E3).

Grande parte dos participantes abordou o sistema de quotas no acesso aos órgãos de poder, sendo favoráveis ao mesmo, como já abordado; outras ideias para mudança serão abordadas em seguida.

### *Arte, humor e media*

Se o feminismo e as questões da igualdade de género se encontram demasiado encerradas na academia, há esforços para que o mesmo saia para a rua. Joel crê que a área da arte “é uma das maneiras mais eficazes de comunicar estas questões, mais do que discursos, mais do que conferências, mais do que textos. Acho que um espectáculo, por exemplo, ou uma instalação, ou um filme podem mudar perfeitamente ou pelo menos servir de ferramentas para as pessoas pensarem as coisas de uma outra perspectiva”; dando como exemplo as Guerrilla Girls [grupo feminista norte-americano que luta contra a discriminação], a arte claramente pode constituir um forte convite à reflexividade (Joel, E3).

A arte de sorrir, em suma o humor, é uma outra estratégia para alcançar algum grau de mudança; como considera Bruno, que também intervém ao nível da arte:

“(...) o humor não é uma arma da reprodução machista, é uma arma da reprodução machista num contexto machista, uma arma de reprodução de outros valores... o humor em si não te reproduz nenhum valor, o que usa é o conteúdo das piadas, o humor é uma estratégia, é uma abordagem, não sei bem como definir, mas uma forma de discurso, tu podes é utilizá-la a favor das ideias que tu defendes ou não. (...)” (Bruno, E1/2)

Joel considera igualmente o carácter histórico do humor como estratégia feminista:

*“Utilizar o humor para de certa forma...”*

E que é histórica, quer dizer, já a Virgina Woolf usava isto... já a Mary Wollstonecraft usava isto nos seus textos, portanto... é uma ferramenta linguística usada neste processo de desconstrução e acho que quando a gente começa mesmo à séria no feminismo e isso depois surge-nos” (Joel, E1/2)

A tentativa de tradução da urgência destas questões não se esgota aqui, continuando para os media; devido à sua importância, os media podem ser um instrumento decisivo enquanto promotores da igualdade de género. Um exemplo prático desta mudança poderia ser a introdução destas questões nas telenovelas que são alvo de consumo de grande parte de portugueses, considera Artur . Tendo em conta o investimento que as pessoas colocam nos personagens fictícios destas obras, “e pronto aquelas pessoas das telenovelas, as pessoas vivem aquilo como se fossem da nossa família” (Artur, E3), o participante partilha várias situações que lhe transmitiram a clara noção de que as pessoas são informadas através das telenovelas de forma bastante activa sobre várias questões sociais.

Realçando as políticas de representação na comunicação social, nomeadamente nas séries televisivas, Simão critica a invisibilidade de “casais não normativos (...) mas é também a forma como eles são trabalhados, podem ser trabalhados com naturalidade ou podem colocar, e permita-me a expressão, aquilo que as pessoas designam pela 'bicha' que é a visão estigmatizada do homossexual e obviamente que quando se coloca a 'bicha' na televisão para utilizar a expressão, digamos mais conhecida, também se faz isso tudo do meu ponto de vista com uma certa intencionalidade, que é fragilizar um determinado público que depois não é aquele, são 'os', e nós partimos digamos do singular para o geral, ou para o plural, ou se quiser do particular para o geral, com muita facilidade, até dá um certo jeito.” (Simão, E1/2). Há lugar para a mudança: relembrando o impacto e sucesso de *Brokeback Mountain*, em termos nacionais “eu penso que a televisão poderia ter e tem este potencial mas está ainda muito por trabalhar, ou a criação de debates a horas que sejam possíveis das pessoas verem ou na introdução destas séries que gostemos ou não elas têm um impacto fortíssimo nos jovens e nos adolescentes, estas séries tipo os *Morangos com Açúcar*, etc., de poder... porque também são muito heteronormativas, mas de poderem também eventualmente incluir” (Simão, E1/2).



### *Comunidades de apoio*

É patente nas narrativas de alguns dos participantes que a sua consciência e acção política são apenas possíveis graças ao facto de terem uma ou várias comunidades de apoio.

“e portanto também acho que isso também tem a sua influência, não é, de facto a pessoa tar num meio em que essas ideias são bem acolhidas e não são mandadas abaixo ou não são vítima de preconceito, isso favorece, e portanto eu acho que isso também é uma questão importante” (Joel, E1/2)

Artur resume de uma forma clara a importância das comunidades de apoio:

“no fundo, é confirmado de coisas que eu tinha transportado em termos de vivências e coisas que eram úteis e admissíveis, embora minoritárias, mas que faziam sentido, e mais que isso, um sentido de pertença, um sentido de que há outras pessoas como eu, ou seja, pessoas que fizeram os seus percursos, e portanto vai encontrar pessoas que não têm os mesmos factores, seguiram os seus percursos, mas chegamos todos e encontramos-nos todos, de diferentes gerações, de diferentes orientações sexuais, de experiências de vida, e no entanto há um sentido de partilha e de comunhão que a mim me faz... que me faz sentir bem (Artur, E1/2)

Ao passo que a comunidade de apoio de Artur se centra essencialmente na academia e em formações de cariz profissional, o apoio de Joel compreende relações de cariz mais informal, como sendo as suas relações com pessoas mais íntimas (como o seu namorado, igualmente feminista) e com o mundo das artes. Após um percurso de reflexão sobre estas questões, David encontra apoio no seu local de trabalho (David, E1), assim como Nicolau (Nicolau, E1/2). O apoio inicial da academia foi essencial para que Fernando pudesse continuar o seu percurso nesta área, não obstante o conservadorismo da mesma (Fernando, E1/2). É na área do activismo LGBT que Ricardo encontra o material crítico para informar as suas posições teóricas sobre estas temáticas (Ricardo, E1/2).

### *Pesquisa orientada para a mudança*

A mudança é muitas vezes um adágio dos jovens, e esta área não é excepção. Reflectindo sobre o estado da academia em Portugal no que toca a estas questões, Fernando considera que:

Hoje em dia as coisas estão a mudar um pouco graças aos jovens, hoje em dia há muita gente jovem a

fazer teses que tentam quebrar com essa rotina pegando normalmente em objectos "estranhos", entre aspas, prostituição, sexualidade, etc etc, ou pegando em questões teóricas motivadoras não é, portanto teoria queer, feminismos mais radicais ou estudos LGBT etc., e aí conseguem aos poucos dar a volta e é verdade que muitos deles, senão a maioria trabalham com as pessoas que trabalham num sector mais mainstream da sociologia do género e da família, e portanto de certa maneira estão a dar à geração seguinte a possibilidade de fazerem coisas um bocadinho mais avançadas do que aquilo que é esperado da, digamos, da encomenda oficial sobre estas coisas. (Fernando, E1/2).

Este “dar a volta” a uma tradição académica ainda muito conservadora é uma estratégia essencial para uma área em que a mudança é fundamental.

### *Visões para o futuro*

Que têm os participantes a dizer sobre o futuro? Qual é a sua visão, quais são as suas aspirações, os seus desejos, para uma sociedade futura?

“Eu gostaria imenso que a questão da presença de mulheres já não fosse uma questão, a presença das mulheres nos sítios onde elas não estão hoje, da vida social, que não fosse mais uma questão (...) na academia, na política, na economia, quando as mulheres ocuparem os espaços, um espaço natural, que é o seu espaço de representação na sociedade, quando deixarem de ter entraves a esses lugares porque são mulheres”, é o desejo de Ricardo (E1/2).

Em termos de mudança, Fernando acredita que a ideia de parcerias entre os vários movimentos sociais é algo de necessário, não obstante também considerar que “a pluralidade é muito mais importante, inclusivé o embate mútuo, porque é muito difícil para certos movimentos aceitarem a agenda dos outros, e não têm que aceitar, e portanto aí pode haver pluralidade muito grande, acho que não há problema nenhum”. Em termos de mudanças ao nível das masculinidades, o participante considera que, atendendo ao contexto português, em que “até nas questões, até quando a gente tem grupos claramente marginalizados, ou seja em que se esperaria que os próprios se juntariam para mudarem as suas condições de vida, a gente vê que nem aí as pessoas se mobilizam como deve ser”, promover a mudança em questões ligadas com poderes e privilégios afigura-se de extrema dificuldade, sendo contudo a academia um ponto possível de partida para essa mudança:

“(...) é preciso uma grande volta intelectual não é, até porque não é um problema sentido pelos próprios [os homens], não se tão a libertar de uma coisa que lhes tá a ser imposta por outros, portanto é difícil mas é fazível e eu acho que ainda assim num país como o nosso, ainda assim o sítio onde isso é mais fazível é no meio académico, isto é sobre a forma de criar pistas que façam abrangências e que criem

pontes, pós-graduações, seminários, cursos, cadeiras, eventos que tenham a ver com a reflexão, com o estudo etc., e que sejam ao início ligados a áreas um pouco mais abrangentes, a questão do género, dos direitos, da justiça e tal, ir jogando em vários meios, o meio da justiça que fala muito sobre os direitos, o meio das ciências sociais e por aí fora e conseguir ir propondo produtos, pacotes, de seminários curtos que têm a ver com sensibilização em torno dessas questões e que vão tendo um efeito multiplicativo lento, mas que vão também criando legitimação, para o simples acto de discutir o assunto (...)” (Fernando, E3).

Na sua visão para o futuro, Bruno versa sobre políticas de identidade:

“(...) acho que era importante que nós pudéssemos, construindo essa igualdade, libertarmo-nos dos espartilhos de identidades pré-formatadas que nos são impostas, portanto podermos construir a nossa identidade, também a identidade de género, mais libertos em relação aos estereótipos e às caixas que nos fecham em determinadas formas codificadas. No fundo, recusarmos as ideias essencialistas sobre qualquer identidade seja ela... (...) é fundamental reconhecer noutra pessoa o direito de reivindicar uma identidade dessas, seja no género, orientações sexuais, etc., e de a usar como forma de luta e forma de reivindicação, seja que eu sou homem, seja que eu sou mulher, seja que eu sou hetero, seja que eu sou homo, seja eu sou índio, tudo o que quer que seja, todas essas identidades têm de ser respeitadas e é bom que elas possam não ficar fechadas sobre si mesmas.” (Bruno, E3).

A construção da “nossa identidade” e a libertação de estereótipos e de “caixas” que fecham e rotulam as pessoas, ignorando o imenso potencial para a mudança está claramente de acordo com o feminismo.

Joel (E1/2) acredita que o movimento feminista deve procurar cada vez mais passar mensagens para a sua geração. Encontra-se também convencido da necessidade de “construir estruturas que de alguma forma façam pressão sobre os governos para que eles passem a adoptar medidas que favorecem todos os cidadãos, é que as medidas de igualdade de género não prejudicam ninguém, podem é favorecer, prejudicar não prejudicam ninguém, o que prejudica as pessoas são as ideologias patriarcais” (Joel, E3); em suma,

Por outro lado também acho que isto equivaleria a fazer aí sim uma série de revoluções, porque de facto são valores muito entranhados na cultura e portanto de alguma forma isto equivaleria a pôr em causa essa própria cultura, mas se calhar é mesmo isso que tem que ser feito, porque sem pôr em causa os pressupostos do patriarcado não é possível mudar isto, porque as pessoas fazem umas pequenas mudanças cosméticas que depois acabam por não conseguir necessariamente fazer essa... e portanto eu sou muito crítico destas, da manutenção de estruturas que à partida são patriarcais (Joel, E3)

Gonçalo apresenta a noção mais radical do feminismo, a noção de que a igualdade vale a pena para todos:

os homens primeiro têm que tomar consciência de que é importante, que isto é importante, têm que perceber isso, e eu acho que cada vez mais vão percebendo, não porque é bom para as mulheres mas porque é bom para todos, também para os homens, os homens eventualmente têm que ir percebendo que é bom para todos se a sociedade for mais equilibrada. E depois têm que perder o medo de falar destas questões por causa daquilo que você tava a falar, os seus amigos, colegas de trabalho, de dizer 'ah e tal, o gajo é maricas', ou 'tá a fazer isto porque quer tar com as gajas', têm que perder isso, não é fácil, porque de facto não é fácil, vale a pena porque há aqui ganhos para todos.

Nicolau é claro sobre a questão do género, sobre a questão da igualdade: “ou se acredita ou não se acredita, ou se está dentro, ou se está fora, eu não acredito aqui muito nos meios-terminos relativamente a estas questões. Acho que são paixões, acho que isto se trabalha com paixão, trabalha-se com desenvolvimento de uma acção, tem muito a ver connosco, tem a ver com a nossa acção, a forma de estarmos, o que é que pretendemos da vida” (Nicolau, E1/2).

Simão aposta em posicionamentos que evidenciem a diversidade e pluralidade existentes, apresentando assim a necessidade de um novo paradigma:

a pessoa depois tem que ver qual é o seu chão, assumir que de facto as coisas são construções sociais, porque se nós formos fazer, sair do nosso quintalzinho e ver como é que funcionam estas coisas nos outros lugares do mundo, vamos ver que em algumas coisas elas são muito diferentes, e é o aqui e agora na mesma, portanto a forma como nós nos entendemos neste espaço e que, de forma errada, acreditamos muitas vezes que é universal, porque o início da ciência vem com o positivismo, não vem com estas correntes, não é, em que acredita que a verdade é absoluta, que é intemporal, e portanto que há neutralidade pura, objectividade, ora isso não existe, porque todo o conhecimento é situado num determinado contexto temporal e de espaço. (...) portanto eu penso que nós temos de desenvolver um determinado tipo de raciocínio muito mais abrangente, muito mais amplo, muito mais receptivo ao novo, muito mais permeável e não tanto aquele enfoque perfeitamente delimitado (Simão, E1/2)

David questiona se os homens se poderão organizar em prol da igualdade de género, ou se haverá mesmo essa necessidade:

*Mas até que ponto é que essa mudança se vai conseguir se não houverem aliados do grupo dominante? Até que ponto é que as mulheres vão conseguir mais direitos, estão instituídos na Constituição mas...*

Eu acho que as mulheres estão neste momento digamos num movimento bastante imparável (...) As raparigas que nascem hoje e que crescem hoje e que convivem digamos com os rapazes da sua geração (...) e a referência é uma mulher autónoma, uma mulher com dizem os brasileiros liberada, uma mulher

portanto que luta pelos seus direitos, e não é tanto lutar pelos seus direitos, é que nem admite digamos a desigualdade. (...) Por exemplo nas relações de casal, por exemplo na vida familiar, na distribuição das tarefas domésticas, quer dizer as mulheres têm de ser assertivas, se não forem assertivas até podem ser feministas digamos na cabeça e serem bastante incoerentes por exemplo numa relação de casal ou na vida familiar, e desse ponto de vista é serem assertivas é dizerem "não não meu amigo não é assim, isto não é eu fazer o comer e tu sentado no sofá", ou "não vamos lá pá partilhar aqui as tarefas portanto em relação às crianças" ou por exemplo, "é assim não sei porque é que fui excluída neste concurso só por ser mulher", portanto há mecanismos muito poderosos ainda de poder masculino na sociedade, sobretudo digamos por exemplo as instituições políticas não é, em grande parte portanto também as instituições empresariais e isso, mas eu acho que de facto a onda está para uma nova relação de forças entre homens e mulheres, e aí não vejo como lhe disse, é assim, nisto tudo há homens portanto progressivamente que se vão... é assim, ou por necessidade ideológica ou por necessidade prática vão aderindo digamos a uma nova forma de vida, ou porque é assim... casaram com não sei quem, namoram com não sei quem não é, que têm uma forma de estar na vida portanto que é completamente, não admite desigualdade, e portanto mas têm que se adaptar digamos a isso, essas situações, os homens têm que se habituar a viver com mulheres que não admitem portanto relações de desigualdade.

Não obstante as dificuldades apresentadas, a mudança ao nível dos homens poderá ser alcançada, de acordo com o participante, com intervenções em que os homens acreditem

que estão a ser tratados de uma forma desigual (...)E portanto é preciso trabalhar os homens, é preciso trabalhar os homens. Agora pronto, a isto sou perfeitamente claro, perspectiva de género, perspectiva de igualdade em todo o trabalho de intervenção social. Agora como é que isso se faz em termos das organizações masculinas, não é, não sei, aí é que eu vejo mais os homens a organizarem-se por problemas específicos dos homens do que digamos os homens digamos a organizarem-se, a fazerem organizações em prol da igualdade não é, enquanto que as mulheres tiveram que as fazer. (David, E3)

Hugo revela igualmente algum cepticismo sobre as possibilidades de mudança:

*Pronto, penso que de certa forma era isso que lhe queria perguntar... nós já discutimos aquela ideia da mudança dos homens para serem aliados do movimento feminista... tem uma posição algo céptica não é?*

Pois, isso não... durante uns anos existiu uma corrente nesse sentido acho eu, nos países anglo-saxónicos, até mais em Inglaterra, mas depois também não conduziu assim em nada porque depois esses grupos de homens discutiam a questão da masculinidade e depois começaram a ser contestados, os que eram heterossexuais, que é o meu caso por exemplo, eram contestados depois pelos gays que sobre esses grupos diziam que se deviam formar eram grupos mais... diferentes, que questionassem... que fossem mais longe na questionação da, que se dedicassem mais a essas temáticas LGBT. Por outro lado,

não sei muito bem, quer dizer eu penso que isso é uma questão que compete mais às mulheres não é, portanto os grupos feministas também tomam essas posições, as que acham que devem haver grupos só de mulheres, outras que acham que não, que por aí que ia criar um gueto. (Hugo, E3)

Estando igualmente consciente das dificuldades existentes nesse processo de mudança, Artur demonstra que há a necessidade de criação de novos recursos que permitam alcançar um maior número de pessoas:

imagine nós os dois vamos constituir aí um grupo que se vai encontrar ao sábado de manhã ou vai não sei o quê, quem vai já está com um passo lá, quer dizer já está não sei quê, há uns outros que nem sequer, até podem ter lido um cartaz e tal, mas quer dizer não se identificam, nem é dizer mal, nem viram, não estão de facto virados prali. A questão é um bocado como é que se metem estas coisas depois... não é forçar as pessoas mas que isto passasse a estar tão na agenda que fosse normal quase de uma forma sistemática ser posto em questão. (Artur, E3)

A mudança, embora com as suas eventuais resistências e contratempos, não deixa de ser uma prioridade.

### *Considerações sobre o presente estudo*

O presente estudo foi alvo de críticas e considerações por parte dos participantes. Enquanto pesquisa colaborativa, o estudo procura dar uma voz a homens que por vezes não encontram espaços para reflexão ou desenvolvimento das suas ideias e práticas; como já analisado, existe a necessidade de outras formas de fazer pesquisa, que sejam orientadas para a mudança.

Artur considera:

Porque eu acho que as suas perguntas, isto em termos pessoais, as suas perguntas... não sei como é que as outras pessoas, os outros tipos viveram isso, mas eu achei engraçado até quase do ponto de vista não digo terapêutico, mas é um momento importante, é assim mas porque é que você, como é que você chegou aqui, quer dizer donde é que isto vem... pra mim foi um momento muito interessante muito emocionalmente interessante...

*Obrigado.*

... não, foi foi foi, porque as coisas, quer dizer a gente vai fazendo, a gente vai andando, todos os dias

vai andando todos os dias um bocadinho e vai não sei quê, e de repente agora pára assim "como é que chega aqui, o que é que tá aqui a fazer" não é, e de facto que, pronto na altura resulta de uma série de factores e de facto a pessoa começa a pôr a infância, mais isto, mais aquilo, depois conheceu não sei quem, depois na escola conheceu este, e depois foi para a faculdade e conheceu aquele e como é que de repente isto tudo se articula (...) agora eu não sei se com as outras pessoas aconteceu isso, ou seja, se têm noção de ao fazer essa história, quer dizer a gente vai lá não é lá muito ao fundo, muito ao fundo mas tem que ir um bocadinho lá à procura dos primórdios, interpelando as tais variáveis pessoais, familiares mas também as oportunidades e também perceber que também não foram acidentes, ou seja a gente vai escolhendo os nossos parceiros, a gente vai-se escolhendo as áreas de conforto (...) Mas eu essa parte achei piada, mas tá a ver, eu acho que é assim quase como se fosse um micro-exemplo de uma coisa que se pode ter, muito a nível intelectualizado, muito contido mas que mesmo assim, pronto este é um espaço, nem sequer se pode dizer que é um espaço de partilha porque o Daniel não diz nada, mas eu acho que é um exemplo de como é que isto portanto dá origem a um trabalho interno. (Artur, E3)

Criar espaços de partilha, discussão e consciência política é vital, pois a mudança não é apenas um instante, mas todo um processo de construção colectiva:

nós não vamos fazer esse salto [de criação de novos contextos] de uma só vez como é evidente, o seu trabalho vai ser muito importante para poder mostrar outras realidades, não é, para poder dar visibilidade, para poder mostrar como tudo isto no fundo é natural, digamos assim, e que tudo o resto não passam de representações construídas e que vão organizando o mundo e que vão separando o mundo e vão criando a estigmatização. (Simão, E3)

Procurou-se igualmente que os participantes se integrassem nas várias fases do estudo, nomeadamente na consideração de possibilidades futuras que este estudo possa promover:

uma coisa eu acho se calhar em termos de estratégia, por isso não sei, por exemplo a devolução dos dados, a partir de tudo isto por exemplo pegar nisso e por exemplo ter tópicos, juntar à volta de uma mesa de uma forma informal, não sei uma série de gente... (Artur, E3)

Para construir uma mudança efectiva, a necessidade de colaborar afigura-se como clara.

“And the discussion must be a real discussion, descending to foundations, and not resting satisfied with vague and general assertions. It will not do, for instance, to assert in general terms, that the experience of mankind has pronounced in favour of the existing system. Experience cannot possibly have decided between two courses, so long as there has only been experience of one. If it be said that the doctrine of the equality of the sexes rests only on theory, it must be remembered that the contrary doctrine also has only theory to rest upon. All that is proved in its favour by direct experience, is that mankind have been able to exist under it, and to attain the degree of improvement and prosperity which we now see; but whether that prosperity has been attained sooner, or is now greater, than it would have been under the other system, experience does not say.”<sup>13</sup>

- “The Subjection of Women”, John Stuart Mill, 1869

## Capítulo V

### Conclusões

O espaço temporal em que este trabalho se realizou foi repleto de experiências, escritos, notas, considerações, ideias realizadas e outras que figuram apenas no papel. Criado na fronteira entre a teoria feminista e a psicologia comunitária, este estudo procurou basear-se em políticas de possibilidades; como tal, considera-se que esta tese contribui não para dizer como os homens são, mas sim para dizer como os homens podem ser. Procuram rejeitar-se normatividades e absolutismos: não sabemos o que é um ‘verdadeiro homem’, assim como necessariamente não sabemos o que é um ‘verdadeiro homem feminista’. Existindo homens feministas – e a literatura, as práticas e as narrativas presentes no estudo demonstram que a resposta é inequivocamente afirmativa – não existe propriamente um modelo ou protótipo do que é esse homem feminista português. A aliança ao feminismo é repleta de tensões, conflitos e ansiedades, mas tal é verdade quer para homens quer para mulheres, sendo assim importante



rejeitar posicionamentos a partir de bases essencialistas; devemos assim questionar a ideia de uma pessoa ‘verdadeiramente feminista’ ou ‘cem por cento feminista’. Não será uma pessoa ‘cem por cento feminista’ necessariamente prisioneira de uma teoria que rejeita esses mesmos aprisionamentos? A vitalidade dos feminismos sempre adveio da crítica e do conflito em prol da mudança e não da resistência a novos conhecimentos e desafios.

Rejeitar ideias essencialistas sobre quem pode ser feminista não implica que se abandone a crítica sobre as acções e políticas dos mesmos. Analisando as narrativas, existe claramente uma necessidade de explorar conceitos teóricos e estratégias práticas; não o fazer implicaria que o desejo de mudança não se traduziria em algo de inovador e criativo, mas sim em algo conservador. De igual forma entendemos agora que as acções não se podem localizar a um nível individual ou mesmo em grupos fechados, elitistas; tal seria adoptar uma noção masculinista da acção democrática. A mudança virá através da discussão, crítica, colaboração e dos eventuais erros, erros esses vitais para a aprendizagem e inovação. O que pode, então, ser feito?

O género não poderá ser conceptualizado apenas em função do binómio homens/mulheres. Actualmente, a literatura demonstra que o género (assim como outras categorias sociais) não pode ser conceptualizado como isolado, mas em constante interacção com a orientação sexual, a classe social, a raça/etnia, nacionalidade, idade, entre outras. Todos somos genderizados, sexuados, pertencentes a um determinado estrato sócio-económico e localizados num determinado tempo e espaço; para além disso, estas diferentes localizações e identidades encontram-se em constante mudança. O género é assim uma área de tensões e conflitos, de mutabilidade, que transcende a tradicional divisão monolítica de homens e mulheres, expondo essa mesma divisão como heteronormativa e fruto de uma sociedade patriarcal e discriminatória. Debruçando-nos sobre as narrativas, é patente que alguns dos participantes não partilham desta perspectiva; noções de sexualidade, por exemplo, não são contempladas numa definição e compreensão do género – aliás, a noção de sexualidade existe, mas é uma noção de monolítica de heterossexualidade. Algumas concepções do género como elaboradas pelos participantes podem ser percebidas como uma área de tensões, uma espécie de avanços e recuos: avanços no sentido de reconhecer a diversidade dos posicionamentos e a multiplicidade de relações que, a vários níveis, formulam e criam o género; os recuos aparecem na forma de apelos à heteronormatividade, sendo mencionados estudos que comprovariam a complementaridade dos dois sexos ou que as diferenças naturais entre os sexos, entre homens e mulheres, são essenciais.

Não dispomos ainda, enquanto sociedade, de ferramentas quer a nível metodológico quer a nível prático, que permitam lidar de uma forma criativa com a diversidade patente nas relações de género; a diversidade pode assustar quando não dispomos das ferramentas para lidar com ela. São necessárias novas questões, novas críticas. Devemos questionar porque se legitima uma política de diferenças entre homens e mulheres quando os estudos científicos demonstram o contrário, que as semelhanças ultrapassam as diferenças; qual é a razão pela qual temos actualmente uma ordem de género baseada em políticas de diferença e não em políticas de semelhança? Porque empregamos género quando em verdade falamos de sexo? E terá este binómio sexo/género ainda algum tipo de legitimidade, à luz de descobertas provindas na sua maioria da teoria queer? Neste sentido, a noção de dois sexos tem vindo a ser desestabilizada por vários autores, especialmente ao nível do movimento LGBT através de pessoas transgéneras/transexuais e também ao nível de investigações etnográficas em locais como a Índia e as comunidades nativas norte-americanas em que é patente a diferente organização sexual que não se limita necessariamente a uma concepção ocidental de dois sexos.

Lançamos estas questões por acreditarmos que noções universalistas do que é o género devem ser necessariamente criticadas; é importante concebermos o género e outras categorias sociais como não monolíticos, como campos constantes de mudança, rejeitando noções essencialistas e tradicionais dos mesmos.

Nas narrativas encontram-se patentes várias noções de poder e, necessariamente, privilégio. Como abordado de forma mais extensa no enquadramento teórico, a diversidade das masculinidades implica necessariamente a adopção de múltiplos posicionamentos. Nem os homens são anjos nem serão demónios o que não implica que, enquanto grupo, os homens não sejam privilegiados. A questão do poder é central nesta área. Como algumas narrativas demonstram, o contacto com metodologias e textos feministas não implica necessariamente a compreensão da dimensão política do feminismo. A não compreensão desta dimensão política e, para além disso, o próprio reconhecimento das estruturas opressivas da sociedade, não ocorre apenas ao nível dos homens mas igualmente ao nível das mulheres; por outro lado, devido ao seu privilégio, será mais fácil aos homens descreditar e abandonar o feminismo do que às mulheres. É importante criar literatura que aborde os vários benefícios que os homens terão ao adoptarem uma visão feminista do mundo; há muito que os homens podem ganhar com o feminismo. Por outro lado, este processo é necessariamente mais complexo, pois implica lidar com múltiplas áreas de poder: devemos ser críticos de intervenções em que apenas se procuram ganhar benefícios e não questionar a divisão de

poderes. A todos o projecto feminista lança o desafio de consciencializarmo-nos da forma como actuamos nas redes de poder que permeiam a nossa vida; o desafio é colocado a homens e mulheres, mas por razões estruturais da sociedade, o desafio ganha novos contornos para os homens. Sendo o objectivo a mudança social, esse mesmo processo de mudança implica perdas e ganhos. Os próprios homens terão de mudar, não sendo credível apenas uma crítica e um apelo às mudanças sociais, sendo a mudança alcançada a múltiplos níveis.

Poderão os homens ser considerados como feministas ou necessariamente como pró-feministas? Essa é uma questão a que o presente estudo não poderá fornecer uma resposta. Consideramos que o termo 'pró-feminista' tem como grande vantagem a visibilidade do privilégio a que os homens têm acesso; por outro lado, consideramos igualmente que o feminismo não se deve limitar a uma simples discussão sobre termos, mas especialmente sobre as políticas e consequências das acções daqueles (e daquelas) que se consideram feministas. Não obstante qual dos termos seja empregue, discussões sobre poder e privilégio são claramente necessárias e essenciais para definir objectivos comuns.

A masculinidade hegemónica em que se baseia a actual ordem de género é necessariamente finita; existiram outras no passado assim como existirão outras no futuro. Desta forma o desafio é claro: a construção de uma masculinidade hegemónica que se baseie em princípios democráticos de género. A democracia será alcançada ao nível do género quando cessar a contínua divisão entre homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais, 'brancos' e 'negros' e reconhecermos que a nossa construção enquanto pessoas é necessariamente mútua; vivemos no mesmo mundo, cruzamo-nos e relacionamo-nos com várias pessoas que nos influenciam de formas diferentes. O feminismo vem-nos responsabilizar por procurar que essas interacções sejam baseadas no respeito e descoberta; e que essa transformação das nossas relações terá de ser necessariamente organizada igualmente ao nível colectivo, pois existe o reconhecimento da forma como as estruturas sociais mantêm e reproduzem a opressão que limita e nos desumaniza.

O presente estudo tem necessariamente limitações. A grande maioria dos participantes são homens académicos, ou com uma forte ligação com a academia. Onde estão os outros homens, aqueles que não tendo uma vida académica, não tendo publicado artigos e possivelmente não tendo uma ligação directa e clara com a produção da teoria feminista, norteiam-se contudo de acordo com valores e princípios de igualdade, recusando-se a participar em acções opressivas no seu dia-a-dia? Tendo em consideração as críticas que determinada literatura lança a um feminismo cada vez mais academizado, em futuros estudos será importante desmistificar a ideia de que o feminismo é necessariamente algo de

académicos para académicos; o feminismo existe também nas ruas e no quotidiano das pessoas, embora claramente com fortes limitações na sociedade actual.

O presente estudo beneficiou da recolha de narrativas biográficas parciais, nomeadamente devido à natureza dos tópicos abordados. Com as devidas considerações éticas e cientes de possíveis obstáculos, futuros estudos poderão realizar histórias de vida, podendo contribuir de outras formas para uma discussão mais ampla das contradições e paradoxos que se encontram no processo de construção de género, nomeadamente como esse processo passa a ser norteado por políticas feministas. Este estudo, assim como outros existentes na literatura disponível, lançaram pistas nesse sentido que poderão ser exploradas com maior detalhe noutros trabalhos.

O grande desafio que agora se coloca não é o de encontrar os homens interessados na mudança mas sim criar essa própria mudança em colaboração. Várias possibilidades se nos colocam. Consideramos que as próprias palavras podem ser acção; questionar, elaborar estudos que demonstrem alternativas, que complexifiquem aquilo que entendemos como adquirido, que damos como natural. Compreendemos ser essencial utilizar metodologias e formas de pesquisa que promovam a mudança social, em que a própria pesquisa seja um setting de mudança.

Por outro lado, se a academia através da ciência pode informar a sociedade civil, esta deve também realizar as suas próprias acções. Existe a necessidade de criar novos settings, com objectivos claros, abertos à mudança e ao diálogo. Os grupos de homens são uma clara possibilidade para permitir e elaborar a discussão sobre esta área; para que a mudança social seja uma realidade, tais grupos devem ser informados pelos movimentos feminista e LGBT, entre outros. É numa constante troca de ideias e de opiniões, na criação de locais de encontro e partilha, no fortalecimento da teoria e da acção que se poderá encontrar a construção da mudança.

## Notas

<sup>1</sup> “Diz-se que as mulheres, embora melhores que os homens, mais doces, mais sensíveis, menos sujeitas aos vícios que tendem ao egoísmo e à dureza do coração, não possuíam contudo o sentimento de justiça; que elas obedeceriam mais aos seus sentimentos que à sua consciência. Esta observação é mais verdadeira, mas ela não prova nada: não é a natureza, é a educação, é a existência social que causa esta diferença” [trad. livre]

<sup>2</sup> “Não nascemos mulheres, tornamo-nos (...) é a civilização que elabora esse produto intermédio entre o macho e o castrado que qualificamos como feminino” [trad. livre]

<sup>3</sup> “a complexidade quer da vida psíquica quer dos investimentos corporais não são homólogos com os discursos polarizadores ao nível do género ou com as injunções sociais que os tornam inteligíveis (...) a vida psíquica tem uma complexidade autónoma que a diferença sexual, ou a identidade de género, não esgota” [trad. livre]

<sup>4</sup> “Que qualidades raras teriam aqueles homens que quiseram ir para além da imagem tradicional da esposa devota, guardiã do lar e mãe estimada, para pensar nela como uma pessoa independente, um ser humano na sua plenitude? Que honestidade os conduziu à denúncia dos privilégios de que tantos homens se esquecem ter adquirido apenas pelo facto de terem nascido? Que teriam eles em comum que os distinguisse da imensa multidão de homens que peroraram, pontificaram, legislaram, vaticinaram sobre a natureza da Mulher, a vocação da Mulher, a inteligência da Mulher, o masoquismo da Mulher, a sexualidade da Mulher, tudo coisas que eles conheciam como se eles as tivessem feito (...)” [trad. livre]

<sup>5</sup> “O que agora é necessário é um sentimento alargado de agência entre os homens, uma noção de que esta transformação é algo que eles podem realmente partilhar enquanto proposta prática” [trad. livre]

<sup>6</sup> “os homens geralmente querem que as coisas mudem mas não querem abdicar do seu poder” [trad. livre]

<sup>7</sup> “Se assumir uma posição neutra em situações de injustiça, escolheu o lado do opressor. Se um elefante tem a sua pata na cauda de um rato e você disser que é neutro em relação a isso, o rato não irá apreciar a sua neutralidade” [trad. livre]

<sup>8</sup> “O investigador anota num bloco, dita para um gravador, ou escreve no computador um grande número de observações descritivas das experiências de campo. Estas são uma mistura de você e eu, o participante e o pesquisador – notas sobre o que fez, notas sobre o que eu fiz com você, notas sobre o que nos rodeava, notas sobre onde estávamos, notas relativas a sentimentos, notas sobre eventos actuais, notas sobre tempos passados” [trad. livre]

<sup>9</sup> “E assim eu espero que nós aprendamos que iremos sobreviver apenas se estivermos unidos. Nós podemos apenas ser livres através da nossa união. Nós podemos apenas estar seguros na nossa união. E que Deus não cometeu um erro ao criar-nos. Deus criou-nos diferentes, não para que nós estivéssemos alienados uns dos outros, mas para que compreendêssemos a nossa necessidade de estar com o outro, e que em última análise não pode haver tal coisa como o totalmente auto-suficiente. Na verdade, o totalmente auto-suficiente é sub-humano” [trad. livre]

<sup>10</sup> “Identificar opções para a acção; providenciar recursos a nível do conhecimento para iniciativas práticas; contestar falácias públicas sobre os homens; mesmo, simplesmente, abordar temas e fazer circular a noção de que os homens podem mudar (...) A pesquisa pode assim ajudar a definir e descrever formas de vivência, formas de prática de género, que se norteiem por respeito, igualdade e cuidado. A história e a etnografia podem descrever formas de heroísmo não violento capazes de inspirar rapazes e homens – não apenas através de figuras exemplares como Mahatma Gandhi mas também no quotidiano. Circular bons modelos, e mapear possibilidades de mudança positiva, não é uma ambição trivial, num mundo onde circulam tantos modelos nocivos de masculinidade” [trad. livre]

<sup>11</sup> “Embaraçaríamos os homens se os obrigássemos a explicar de forma inteligível aquilo que chamam de Natureza e de como esta distinguiu os dois sexos como eles o clamam. Na realidade, eles trouxeram os seus preconceitos para as suas Escolas e não aprenderam nada nestas que servisse para os esclarecer. Pelo contrário, toda a sua ciência encontra-se fundada sobre os julgamentos que eles fazem desde o berço... Não se lhes diz uma palavra dos sexos, supõe-se que eles já os conhecem bem... Eles passam anos inteiros e alguns toda a sua vida

envolvidos com bagatelas e rumações relacionadas com o mundo de espaços imaginários e sobre se os Átomos ou a pequena poeira que aparece nos raios de sol são ou não divisíveis ao infinito” [trad. livre]

<sup>12</sup> “É bastante claro, do que tem sido dito, que o que a Mulher mais precisa actualmente, e mais busca, é uma base de independência para a sua vida. Nem irá a sua posição melhorar até ser possível encarar o homem em igualdade; encontrar, num estado de auto-equilíbrio, a sua relação natural com ele; e dispôr dela própria e do seu sexo de forma perfeitamente livre, e não enquanto pessoa subjugada (...) E contudo nunca deve ser esquecido que nada menos do que largas mudanças sociais, indo para além da esfera exclusiva das mulheres, poderá trazer a emancipação completa das mesmas” [trad. livre]

<sup>13</sup> “E a discussão deve ser uma discussão real, descendendo às fundações, e não se satisfazendo com alegações vagas e gerais. Não se poderá considerar, por exemplo, alegar em termos gerais que a experiência da humanidade tem pronunciado a qualidade do sistema existente. A experiência não pode ter decidido entre duas vias, uma vez que tem-se registada apenas a experiência de uma delas. Se for dito que a doutrina da igualdade dos sexos baseia-se apenas na teoria, deve ser lembrado que a doutrina contrária também tem apenas a teoria como base. Tudo o que é provado em seu favor pela experiência directa é que a humanidade tem sido capaz de existir de acordo com a mesma e de atingir o grau de qualidade e prosperidade de que somos testemunhas; mas se essa prosperidade foi alcançada mais depressa, ou se é agora maior, do que teria sido no outro sistema, não pode ser dito pela experiência” [trad. livre]

## Referências

- Alcoff, L. M. (1995). The problem of speaking for others. In J. Roof & R. Wiegman (Eds.), *Who can speak? Authority and critical identity* (pp. 97-119). Chicago: University of Illinois Press.
- Alsop, R., Fitzsimons, A., & Lennon, K. (2002). *Theorizing gender*. Cambridge: Polity Press.
- Amâncio, L. (2004). A(s) masculinidade(s) em que-estão. In L. Amâncio (Ed.), *Aprender a ser homem: construindo masculinidades* (pp. 13-27). Lisboa: Livros Horizonte.
- Andrews, M. (2004). Opening to the original contributions: Counter-narratives and the power to oppose. In M. Bamberg, & M. Andrews (Eds.), *Considering counter-narratives: Narrating, resisting, making sense* (pp. 1-6). Amsterdam: John Benjamins Publishing Co.
- Ashe, F. (2004). Deconstructing the experiential bar: Male experience and feminist resistance. *Men and Masculinities*, 7 (2), 187-204.
- Austin, S., & Prilleltensky, I. (2001). Diverse origins, common aims: The challenge of critical psychology. *Radical psychology*, 2 (2), 1-12.
- Badinter, E. (1997). O enigma masculino. In E. Badinter (Ed.), *XY: A identidade masculina* (3ª ed., traduç. Portuguesa) (pp. 15-58). Lisboa: Edições Asa.
- Bamberg, M. (2004). Considering counter narratives. In M. Bamberg, & M. Andrews (Eds.), *Considering counter-narratives: Narrating, resisting, making sense* (pp. 351-371). Amsterdam: John Benjamins Publishing Co.
- Barbosa, M. (2008). *Que força é essa*. Lisboa: Sextante Editora.
- Beasley, C. (1999). *What is feminism?: An introduction to feminist theory*. London: Sage.



Beauvoir, S. (1986). *Le deuxième sexe II*. Paris: Gallimard.

Beynon, J. (2002). *Masculinities and culture*. Philadelphia: Open University Press.

Bishop, B. J. (2007). Methodology, values and quantitative world-views in qualitative research in community psychology. *The Australian Community Psychologist*, 19 (1), 9-18.

Bly, R. (1990). *Iron John: A book about men*. New York: Addison-Wesley Publishing Company.

Bonino, L., Leal, D., Lozoya, J. L., & Szil, P. (2003). *Algunas sugerencias para impulsar grupos de hombres igualitarios*. Consultado em 10 de Março de 2007 através de [http://www.hombresigualdad.com/manual\\_homb\\_igualita.htm](http://www.hombresigualdad.com/manual_homb_igualita.htm)

Burton, M., & Kagan, C. (1999). *The creation of settings as social change: The role of social movements*. Consultado em 8 de Junho de 2008 através de <http://www.compsy.org.uk/CPSOCM2.PDF>

Butler, J. (1999). *Gender trouble* (2ª Ed. rev.). New York: Routledge.

Campbell, R., & Wasco, S. M. (2000). Feminist approaches to social science: Epistemological and methodological tenets. *American Journal of Community Psychology*, 28 (6), 773-791.

Christian, H. (1994). *The making of anti-sexist men*. London: Routledge.

Clandinin, D. J., & Connelly, F. M. (2000). *Narrative inquiry*. San Francisco: Jossey-Bass.

Clinton Global Initiative (2006). *Managing Diversity in a globalized world*. Consultado em 13 de Junho de 2007 através de <http://www.clintonglobalinitiative.org/NETCOMMUNITY/Document.Doc?&id=88>

- Coltrane, S. (1994). Theorizing masculinities in contemporary social science. In H. Brod & M. Kaufman (Eds.), *Theorizing Masculinities* (pp. 39-60). London: Sage.
- Connell, R. W. (2001). Long and winding road: An outsider's view of U.S. masculinity and feminism. In J. K. Gardiner (Ed.), *Masculinity studies and feminist theory: New directions* (pp. 193-209). New York: Columbia University Press.
- Connell, R. W. (2000). *The men and the boys*. Cambridge: Polity Press.
- Connell, R. W. (2002). *Gender*. Cambridge: Polity Press.
- Connell, R. W. (2005a). Change among the gatekeepers: Men, masculinities, and gender equality in the global arena. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 30 (3), 1801-1825.
- Connell, R. W. (2005b). *Masculinities* (2<sup>a</sup> ed.). Cambridge: Polity Press.
- Connell, R. W. (2005c). Hegemonic masculinity: Rethinking the concept. *Gender & Society*, 19 (6), 829-859.
- Connell, R. (2007, October). *Masculinities, power, & the epidemic: Messages of social research*. Paper presented at the Politicising Masculinities Symposium, Dakar.
- Corsi, J. (2007). Programas de intervención con hombres que ejercen la violencia. Consultado em 1 de Abril de 2007 através de <http://www.corsi.com.ar/Intervenciones%20con%20hombres.pdf>
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*. London: Sage.
- Czarniawska, B. (2004). *Narratives in social science research*. London: Sage.

- Davis, K. (2008). Intersectionality as buzzword: A sociology of science perspective on what makes a feminist theory successful. *Feminist Theory*, 9 (1), 67-85.
- Delgado, R., & Stefancic, J. (2001). Legal storytelling and narrative analysis. In R. Delgado, & J. Stefancic (Eds.), *Critical race theory* (pp. 37-49). New York: New York University Press.
- Digby, T. (1998). *Men doing feminism*. New York: Routledge.
- Doyle, J. A. (1983). The historical perspective. In J. A. Doyle (Ed.), *The male experience* (pp. 22-46). Dubuque, Iowa: W.M.C. Brown.
- DuBois, W.E.B. (1994). *The souls of black folk*. New York: Dover Publications. (Obra original publicada 1903).
- Foucault, M. (2001). L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté. In D. Defert, & F. Ewald (Eds.), *Michel Foucault: Dits et écrits II. 1976-1988*. Paris: Gallimard. (Obra original publicada 1984).
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica* (traduç. portuguesa). Lisboa: Monitor.
- Flood, M. (1998). Men's movements. *Community Quarterly* (46), 62-71.
- Flood, M. (2002). *Frequently asked questions about pro-feminist men and pro-feminist men's politics*. Consultado em 10 de Setembro de 2008 através de <http://www.xyonline.net/misc/pffaq.html>
- Gannon, S., & Davies, B. (2007). Potsmodern, poststructural, and critical theories. In S. N. Hesse-Biber (Ed.), *Handbook of Feminist Research: Theory and Praxis* (pp. 71-106). London: Sage.

- Gilmore, D. D. (1990). The manhood puzzle. In D. D. Gilmore (Ed.), *Manhood in the making: Cultural concepts of masculinity* (pp. 9-29). London: Yale University Press.
- Goodman, D. J. (2001). *Promoting diversity and social justice: Educating people from privileged groups*. California: Sage.
- Groult, B. (1977). *Le féminisme au masculine*. Paris: Éditions Denoël/Gonthier.
- Halberstam, J. (1998). *Female masculinity*. Durham: Duke University Press.
- Hantover, J. P. (1997). The boy scouts and the validation of masculinity. In M. S. Kimmel & M. A. Messner (Eds.), *Men's lives* (4<sup>a</sup> ed., pp. 101-108). Boston: Allyn and Bacon.
- Harding, S. (1986). *The science question in feminism*. New York: Cornell University Press.
- Harding, S. (1995). Subjectivity, experience, and knowledge: An epistemology from/for Rainbow Coalition politics. In J. Roof, & R. Wiegman (Eds.), *Who can speak? Authority and critical identity* (pp. 120-136). Chicago: University of Illinois Press.
- Harding, S. (1998). Can men be subjects of feminist thought? In T. Digby (Ed.), *Men doing feminism* (pp. 171-195). New York: Routledge.
- Haywood, C., & Mac an Ghaill, M. (2003). Coming out as a man: Methodologies of masculinities. In C. Haywood & M. Mac an Ghaill (Eds.), *Men and masculinities* (pp. 101-123). Buckingham: Open University Press.
- Hearn, J. (1999). It's time for men to change. In J. Wild (Ed.), *Working with men for change* (pp. 5-15). London: UCL Press.
- Hearn, J. (2001, March). *Men and gender equality: Resistance, responsibilities and reaching out*. Paper presented at the Men and Gender Equality Conference, Örebro, Sweden.

- Hearn, J. & Collinson, D. L. (1994). Theorizing unities and differences between men and between masculinities. In H. Brod & M. Kaufman (Eds.), *Theorizing Masculinities* (pp. 97-118). London: Sage Publications.
- Hebert, L. A. (2007). Taking 'difference' seriously: Feminisms and the 'man question'. *Journal of Gender Studies*, 16 (1), 31-45.
- Heterodoxia, Red de Hombres por la Igualdad (2007). *¿Cómo crear un grupo de hombres profeministas?* Consultado em 10 de Março de 2008 através de <http://heterodoxia.wordpress.com/%C2%BFcomo-crear-un-grupo-de-hombres/>
- Holmgren, L. E. (2007). Killing Bill – Men as rebellious feminists in the politics of passing. *norma: Nordic Journal for Masculinity studies*, 2(1), 16-37.
- hooks, b., & McKinnon, T. (1996). Sisterhood: Beyond public and private. *Signs: Journal of women in culture and society*, 21 (4), 814-829.
- hooks, b. (1984). *Feminist theory: From margin to center*. Cambridge: South End Press.
- hooks, b. (2000). *Feminism is for everybody*. London: Pluto Press.
- hooks, b. (2004a). *We real cool: Black men and masculinity*. London: Routledge.
- hooks, b. (2004b). *The will to change: Men, masculinity, and love*. New York: Washington Square Press.
- Jones, K. (2002). The turn to a narrative knowing of persons: One method explored. *Nursing Times Research*, 8 (1), 60-71.
- Kahane, D. J. (1998). Male feminism as oxymoron. In T. Digby (Ed.), *Men doing feminism* (pp. 213-235). New York: Routledge.
- Kaufman, M. (2001). Violence against women and the culture of masculinity. *Development*, 44 (3), 9-14.

- Kimmel, M. S. (1995). *The politics of manhood: Profeminist men respond to the mythopoetic men's movement (And the mythopoetic leaders answer)*. Philadelphia: Temple University Press.
- Kimmel, M. S. (1998). Who's afraid of men doing feminism? In T. Digby (Ed.), *Men doing feminism* (pp. 57-79). New York: Routledge.
- Kimmel, M. S. (2003). Toward a pedagogy of the oppressor. In M. S. Kimmel, & A. L. Ferber (Eds.), *Privilege* (pp. 1-10). Cambridge: Westview Press.
- Kimmel, M. S. (2006). *Manhood in America: A cultural history* (2<sup>a</sup> ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Kimmel, M. S., & Mosmiller, T. E. (1992). *Against the tide: Pro-feminist men in the United States 1776-1990*. Boston: Beacon Press.
- Laqueur, T. (1990). *Making sex: Body and gender from the Greeks to Freud*. Cambridge: Harvard University Press.
- Lorber, J. (1994). *Paradoxes of gender*. London: Yale University Press.
- Mankowski, E. S. (2000). A review of self-help and mutual support groups for men. *International Journal of Self-Help and Self-Care*, 1 (3), 281-299.
- Mankowski, E. S. (2006). Processes of change in batterer intervention. *Journal of Interpersonal Violence*, 21 (1), 139-159.
- Maton, K. I. (2000). Making a difference: The social ecology of social transformation. *American Journal of Community Psychology*, 28 (1), 25-57.
- Menezes, I. (2007). Os ofícios da intervenção comunitária. In I. Menezes (Ed.), *Intervenção Comunitária: Uma perspectiva psicológica* (pp. 137-144). Porto: Legis Editora.

- Messner, M. A. (1997). *Politics of masculinities*. London: Sage.
- Messner, M. A. (2003). Becoming 100 percent straight. In M. S. Kimmel, & A. L. Ferber (Eds.), *Privilege* (pp. 181-188). Cambridge: Westview Press.
- Moen, T. (2006). Reflections on the narrative research approach. *International Journal of Qualitative Methods*, 5 (4), 1-9.
- Monro, S. (2005). *Gender politics: Citizenship, activism and sexual diversity*. London: Pluto Press.
- Nelson, G., & Prilleltensky, I. (2005). The foundations of community research. In G. Nelson & I. Prilleltensky (Eds.), *Community psychology: In pursuit of liberation and well-being* (pp. 235-254).
- Neves, S. (2005). Metodologias feministas: A reflexividade ao serviço da investigação nas ciências sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (3), 408-412.
- Neves, S., & Nogueira, C. (2004). Metodologias feministas na psicologia social crítica: A ciência ao serviço da mudança social. *Ex aequo*, (11), 123-138.
- Newton, J. (2001). Masculinity studies: The longed for profeminist movement for academic men? In J. K. Gardiner (Ed.), *Masculinity studies and feminist theory: New directions* (pp. 176-192). New York: Columbia University Press.
- Nogueira, C. (2004). Ter ou fazer o género : O dilema das opções metodológicas na psicologia social. In Guareschi, N. M. de F. (Ed.), "*Estratégias de invenção do presente: A psicologia social no contemporâneo*" (pp. 249-284). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Oakley, A. (1981). Interviewing women: A contradiction in terms. In H. Roberts (Ed.), *Doing feminist research* (pp. 30-61). New York: Routledge.

- Ochocka, J., Janzen, R., & Nelson, G. (2002). Sharing power and knowledge: Professional and mental health consumer/survivor researchers working together in a participatory action research project. *Psychiatric Rehabilitation Journal*, 25 (4), 379-387.
- Offen, K. (2000). *European feminisms: 1700-1950*. California, USA: Stanford University Press.
- Orford, J. (2008). *Community psychology: Challenges, controversies and emerging consensus*. West Sussex: John Wiley and Sons.
- Ornelas, J. (2007). Psicologia Comunitária. Contributos para o desenvolvimento de serviços de base comunitária para pessoas com doença mental. *Análise Psicológica*, XXV (1), 5-11.
- Ornelas, J. (2008). *Psicologia Comunitária*. Lisboa: Fim de Século.
- Parker, I. (1999). Critical psychology: Critical links. *Annual review of critical psychology*, 1, 3-20.
- Pease, B. (2000). *Recreating men: Postmodern masculinity politics*. London: Sage.
- Pease, B. (2001). Developing profeminist practice with men in social work. *Critical social work*, 2 (1), 1-9.
- Pease, B. (2002). (Re)Constructing men's interests. *Men and Masculinities*, 5 (2), 165-177. □
- Peacock, D. (2003). Building on a legacy of social justice activism: Enlisting men as gender justice activists in South Africa. *Men and Masculinities*, 5 (3), 325-328.
- Penedo, S. L. (2008). *El laberinto queer*. Barcelona: EGALES.
- Peters, M., & Lankshear, C. (1996). Postmodern counternarratives. In H. Giroux, C. Lankshear, P. McLaren, & M. Peters, (Eds.), *Counternarratives: Cultural studies and critical pedagogies in postmodern spaces* (pp. 1-39). New York: London.



- Prilleltensky, I. (2008). The role of power in wellness, oppression, and liberation: The promise of psychopolitical validity. *Journal of Community Psychology*, 36 (2), 116-136.
- Prilleltensky, I., & Nelson, G. (2002). *Doing psychology critically: Making a difference in diverse settings*. New York: Palgrave Macmillan.
- Rappaport, J. (1977). *Community psychology: Values, research, and action*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Rappaport, J. (1995). Empowerment meets narrative: Listening to stories and creating settings. *American Journal of Community Psychology*, 23(5), pp. 795-807.
- Rappaport, J. (1998). The art of social change: Community narratives as resources for individual and collective identity. In X.B. Arriaga & S. Oskamp (Eds.), *Addressing community problems: Psychological research and interventions* (pp. 225-246). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Rappaport, J. (2005). Community psychology is (Thank God) more than science. *American Journal of Community Psychology*, 35 (3/4), pp. 231-238.
- Riessman, C. K. (1993). *Narrative Analysis*. London: Sage.
- Riessman, C. K. (2002). Doing justice: Positioning the interpreter in narrative work. In W. Patterson (Ed.), *Strategic narrative: New perspectives on the power of personal and cultural stories* (pp. 193-214). Oxford: Lexington Books.
- Riessman, C. K. (2008). *Narrative methods for the human sciences*. London: Sage.
- Robertson, S. M. (1996). "Aunt Nancy men": Parker Pillsbury, masculinity, and women's rights activism in the nineteenth-century United States. *American Studies*, 37, 33-60.

- Rubin, H. J., & Rubin, I. S. (2005). *Qualitative interviewing: The art of hearing data* (2<sup>a</sup> Ed.). London: Sage.
- Sarason, S. B. (1972). *The creation of settings and the future societies*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Schwalbe, M. (1998). Mythopoetic men's work as a search for communitas. In M. S. Kimmel & M. A. Messner (Eds.), *Men's lives* (4<sup>a</sup> ed.) (pp. 565-577). Needham Heights, MA: Allyn & Bacon
- Scott, J. (2001). Patterns of power. In J. Scott (Ed.), *Power* (pp. 1-30). Cambridge: Polity.
- Segal, L. (1988). *Is the future female? Troubled thoughts on contemporary feminism*. New York: Peter Bedrick Books.
- Segal, L. (1999). *Why feminism?* New York: Columbia University Press.
- Segal, L. (2007). *Slow motion: Changing masculinities, changing men*. New York: Palgrave Macmillan.
- Seidler, V. (1992). *Men, sex & relationships: Writings from Achilles Heel*. London: Routledge.
- Seidler, V. (1993). *Unreasonable men: Theories of masculinity*. New York. Routledge.
- Snodgrass, J. (1977). *A book of readings for men against sexism*. New York: Times Change Press.
- Stone-Mediatore, S. (2003). *Reading across borders: Storytelling and knowledges of resistance*. New York: Palgrave.
- Tarrant, S. (2008). *Men speak out: Views on gender, sex, and power*. New York: Routledge.

- Tavares, M. (2000). *Movimentos de mulheres em Portugal – Décadas de 70 e 80*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tebes, J. K. (2005). Community science, philosophy of science, and the practice of research. *American Journal of Community Psychology*, 35 (3/4), pp. 213-229.
- Thomas, C. (2001). Reenfleshing the bright boys; or, how male bodies matter to feminist theory. In J. K. Gardiner (Ed.), *Masculinity studies and feminist theory: New directions* (pp. 60-89). New York: Columbia University Press.
- Tong, R. P. (2008). *Feminist thought: A more comprehensive introduction*. Boulder, Colorado: Westview Press.
- United Nations (1995). *Fourth World Conference on Women: Beijing Declaration*. Consultado em 10 de Fevereiro de 2008 através de <http://www.un.org/womenwatch/daw/beijing/platform/declar.htm>
- United Nations (2000). *Beijing +5 Process and Beyond*. Consultado em 10 de Fevereiro de 2008 através de <http://www.un.org/womenwatch/daw/followup/beijing+5.htm>
- United Nations Commission on the Status of Women (2004). *The role of men and boys in achieving gender equality*. Consultado em 10 de Fevereiro de 2008 através de <http://www.un.org/womenwatch/daw/csw/csw48/ac-men-auv.pdf>
- Vale de Almeida, M. (2000). *Senhores de si: Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Vidal, A. S. (1996). *Psicología comunitaria: Bases conceptuales y métodos de intervención*. Barcelona: EUB.
- Welzer-Lang, D. (2004). Proféministes et queers. In D. Welzer-Lang (Ed.), *Les hommes aussi changent* (pp. 85-114). Paris: Éditions Payot.

- Welzer-Lang, D. (2008). Proféministes et queers. In D. Welzer-Lang (Ed.), *Les hommes et le masculin* (pp. 99-136). Paris: Éditions Payot.
- Wengraf, T. (2001). *Qualitative research interviewing*. London: Sage.
- Young, I. M. (1990a). Five faces of oppression. In I. M. Young (Ed.), *Justice and the politics of difference* (pp. 39-65). Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Young, I. M. (1990b). The politics of difference. In I. M. Young (Ed.), *Justice and the politics of difference* (pp. 156-191). Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

## Anexo A

### Carta de consentimento

## **CARTA DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

O meu nome é Daniel Filipe Mendes Matias e sou aluno do Mestrado de Psicologia Comunitária do I.S.P.A. (Instituto Superior de Psicologia Aplicada) de Lisboa.

O presente estudo procura analisar as práticas, conflitos, tensões e paradoxos que estarão presentes nas vidas de homens feministas.

Para esse fim, o método utilizado foi um método de recolha de narrativas biográficas parciais, através de um conjunto de entrevistas.

O participante é encorajado a colocar questões sobre a natureza do estudo e o método empregue em qualquer altura. O participante tem a liberdade de contactar o investigador, expondo as suas ideias e preocupações, através dos contactos fornecidos nesta carta.

A participação neste estudo é voluntária em todas as suas fases. O participante tem o direito de se recusar a participar no estudo em qualquer altura do mesmo, por qualquer razão, sem quaisquer constrangimentos.

Os dados obtidos neste estudo não serão facultados a terceiros, sendo assim garantida a absoluta confidencialidade e anonimato do participante. O nome verdadeiro do participante não será utilizado no estudo, sendo utilizado em seu lugar um pseudónimo. Outro tipo de informação que possa dar a conhecer a identidade do participante será devidamente codificada de forma a assegurar a confidencialidade.

As entrevistas serão gravadas em áudio, sendo que estas gravações não serão utilizadas para qualquer outro propósito senão o de recolha de informações para o estudo. As gravações serão apenas manejadas pelo investigador, não tendo terceiros acesso às mesmas.

Em caso de publicação deste estudo, os participantes ficam assegurados que a sua confidencialidade e anonimato continuarão a ser preservados.

Em nenhum caso o participante será remunerado pela sua participação no estudo.

O participante receberá, em formato digital, a análise efectuada pelo investigador sobre a qual poderá dar a sua opinião e sugerir mudanças, caso seja necessário.

Caso ocorram situações que não sejam abordadas nesta carta, o investigador e o participante decidirão em conjunto qual a melhor atitude a tomar.

Após leitura dos termos acima descritos,

Aceita participar no presente estudo?

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

Aceita que as entrevistas sejam gravadas?

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

Concordo com os termos expostos

Participante \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Concordo com os termos expostos

Investigador \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Contactos do investigador:

E-mail: danielfilipematias@gmail.com

Telemóvel: 91 451 63 88

## Anexo B

### Folha de informação



|                               |
|-------------------------------|
| <b>Ficha de Identificação</b> |
|-------------------------------|

Os presentes dados são apenas para gestão de informação por parte do responsável pelo estudo em questão; não serão fornecidos, na sua totalidade ou parcialidade, a terceiros.

1) **Idade:** \_\_\_\_\_ anos

2) **Naturalidade:** \_\_\_\_\_

3) **Estado Civil:**

Solteiro ( )

Casado ( )

União de facto ( )

Separado ( )

Divorciado ( )

Viúvo ( )

4) **Profissão actual:** \_\_\_\_\_

5) **Orientação Sexual:**

Homossexual ( ) Heterossexual ( ) Bissexual ( )

Outra (especifique): \_\_\_\_\_

6) **Nível de escolaridade:**

Não sabe ler nem escrever ( )

Sabe ler e escrever sem possuir qualquer grau ( )

Ensino Básico – 1º Ciclo ( )

Ensino Básico – 2º Ciclo ( )

Ensino Básico – 3º Ciclo ( )

Ensino Secundário ( )

Bacharelato ( )

Licenciatura ( )

Mestrado ( )

Doutoramento ( )

## Anexo C

### Entrevistas aos participantes

**David (Participante 1)**  
**Entrevista 1**  
**26 Fevereiro 2008**  
**± 10 mins**

*Gostaria que me falasse sobre o facto de se considerar feminista, quais o ou os eventos que considera importantes para se ter tornado feminista. Não o irei interromper, vou tomar somente algumas notas para depois.*

Portanto, isso é uma questão portanto geral?

*Sim, tem toda a liberdade, pode começar por onde quiser...*

Olhe é assim, pronto, em primeiro lugar, huh... nasci, digamos, ou cresci, portanto, numa família, portanto, quase toda de homens. Éramos quatro irmãos todos homens. Huh... a minha mãe, portanto, huh, sempre foi uma mulher activa, huh, ela era modista, e portanto huh conciliava portanto e... e a imagem que nos deu foi sempre a imagem digamos de uma mulher activa, forte, e empenhada, portanto nas questões familiares, huh... também quando eu era pequeno recorda-me que a minha mãe pertencia à LOC, à Liga Operária Católica, e portanto huh, assistia portanto a algumas reuniões, portanto com a minha mãe. A minha mãe era também professora na Obra das Mães, huh... e, por outro lado, até por necessidade digamos, a minha mãe sempre nos pediu portanto que participássemos nas tarefas da casa embora tivéssemos empregada mas por exemplo aos domingos à tarde lembro-me perfeitamente portanto de lavar a louça sempre porque era um ritual, huh e da minha mãe se queixar um bocado digamos sempre do nosso pouco envolvimento digamos como rapazes nas tarefas da casa. Portanto, eu acho que há um background e há um modelo digamos de identificação feminino que não é o modelo de identificação feminino doméstico, é um modelo de identificação feminino de mulher digamos activa, profissional, forte, com uma personalidade forte, lutadora, é isso, e portanto há aqui um modelo de referência interessante. Depois outro aspecto fundamental, huh huh, portanto, a minha militância política, entre os -- político-partidária mesmo, portanto entre os 17 e os 24, 25 anos, não é, em que portanto militei numa organização política de esquerda e portanto em que era colocado muito marxista portanto numa área marxista que foi o MES, Movimento de Esquerda Socialista, que já não existe e em que digamos, as questões da igualdade das mulheres portanto se colocavam, huh, mas lembra-me perfeitamente portanto, prai por alturas de 75, 76 recebermos a visita portanto de camaradas doutras organizações também, portanto, marxistas. Eu lembro-me perfeitamente duma vez duns alemães nos terem perguntado portanto se a nossa organização tratava das questões digamos dos direitos das mulheres, eu lembro-me perfeitamente duma resposta que eu dei que eles ficaram perfeitamente chocados que eu disse que isso não era uma questão prioritária. Portanto, havia uma certa questão da igualdade digamos, a reivindicação da igualdade mas ao mesmo tempo portanto não sentir que isso fosse uma questão

específica ou que isso fosse uma questão muito importante, não é? Mas entretanto na própria organização huh, aliás quer dizer a minha companheira também fazia parte dessa organização e na própria organização portanto houve um grupo de mulheres que começou a reivindicar portanto a organização de um departamento de mulheres e de uma organização de mulheres e lembra-me perfeitamente que isso foi motivo de debate até num congresso e portanto havia pessoas que eram contra a existência de uma organização específica ou autónoma portanto de mulheres dentro do partido e eu na altura portanto posicionei-me a favor porque comecei a perceber portanto que sem haver uma organização específica as mulheres eram sempre digamos no meio do todo e no meio do todo portanto nunca tinham espaço digamos para tratar dos seus próprios problemas e das suas próprias reivindicações e, e... basicamente é isto. No Verão de 79 e através dessa mesma organização política tive oportunidade de participar num curso de formação política em Espanha, em Barcelona promovido pela nossa organização irmã que era uma organização que tinha só na Catalunha, portanto, centenas e centenas de militantes, só na Catalunha. E eu lembro-me de ter participado portanto nesse curso e de pela primeira vez digamos ao nível teórico eu ter tomado contacto portanto com feministas, com feministas teóricas portanto, com feministas que além de serem dirigentes políticas, porque eram dirigentes políticas teorizavam portanto sobre o feminismo. E para mim foi muito importante essa participação digamos nesse curso de formação porque ficou para mim claro, digamos, que a questão do feminismo digamos, era uma questão específica e muito importante de ser tratada digamos, especificamente e não como parte da libertação social, portanto, como eu antes via, não é? Eu antes via digamos as mulheres num plano de igualdade e exigia digamos a igualdade de direitos portanto, mas ao mesmo tempo achava que isso digamos, era uma reivindicação da revolução, dos movimentos revolucionários, de qualquer revolucionário, mas ao mesmo tempo achava que por exemplo ao nível partidário não tinha que haver necessariamente uma organização de mulheres. A partir daí ficou para mim claríssimo digamos, que as mulheres tinham que ter espaços próprios de organização e que esses espaços portanto eram claramente digamos, de um ponto de vista feminista. Depois quando vim, vim trabalhar para esta casa em 79, não é? E nesta casa, portanto, havia mulheres feministas também, né? E [nome da organização] portanto a delegação de Lisboa que era onde eu trabalhava, não é, era bastante influenciada digamos, por um certo discurso e pensamento feminista. E portanto a partir daí digamos, acabei por continuar digamos, ter aqui na [organização] uma oportunidade de continuar digamos a defender esse tipo de ideais, né, e por outro lado sabendo que estou numa área portanto em que é um problema específico das mulheres, porque a contracepção embora seja uma responsabilidade dos dois sexos é em muito mais de facto, digamos, um problema das mulheres do que dos homens, a ser confrontado com as questões por exemplo dos discursos sobre a sexualidade, feminina e masculina, e portanto a [organização] é também um sítio excelente de aprendizagem, digamos, das questões das mulheres e do discurso feminista e portanto desse ponto de vista e pronto cá estou. Continuo a achar digamos, que é

importante as questões específicas das mulheres quer numa perspectiva digamos política, de reivindicação, portanto feminista, quer numa perspectiva de género, digamos, mas aí não só das mulheres, das mulheres e dos homens, não é? E portanto basicamente é esta a minha história.

*E actualmente qual é que é o tipo de trabalhos que está a desenvolver que exijam contacto directo com esta área?*

Do feminismo?

*Sim.*

Eu não tenho muito contacto digamos com temáticas ou acções especificamente feministas. Por exemplo, a [organização] está neste momento a colaborar portanto, activamente na organização do congresso feminista que vai acontecer em Junho e que está a ser preparado por um conjunto de organizações de mulheres. A [organização] portanto tem, trabalha em rede digamos com organizações feministas, nomeadamente trabalhamos muito com a UMAR, né. Agora, se quer que lhe diga, é assim, eu não considero neste momento tanto as questões feministas, considero muito as questões do género digamos, na nossa actividade e portanto preocupo-me em introduzir digamos, sempre a dimensão do género na actividade mas não forçosamente sobre o ponto de vista feminista mas também do ponto de vista digamos, dos homens. Aliás, eu sou homem, não é, e você fala de educação sexual dos jovens, do acesso dos jovens à contracepção e não há os jovens, há as raparigas e os rapazes. E portanto para mim neste momento digamos, é assim, eu estou atento digamos à reivindicação feminista porque me bati por ela, porque acho digamos que os direitos não estão plenamente alcançados, porque há mudanças portanto a fazer, nomeadamente mudanças de mentalidade e nomeadamente mudanças de mentalidade ao nosso nível, das áreas em que nós trabalhamos, da saúde sexual e reprodutiva, portanto desse ponto de vista digamos eu continuo a ter sempre em conta digamos, as temáticas feministas e os ideais feministas.

David (Participante 1)  
Entrevista 2  
26 Fevereiro 2008  
± 23 mins

**[O participante regressa, indicando que se tinha esquecido de mencionar dois aspectos, que considerava importantes. Iniciou-se assim a segunda entrevista com o relato desses aspectos]**

São dois aspectos ainda importante relativamente à resposta anterior. Por um lado é assim é um facto de eu ter vivido pois sempre portanto relações de casal com mulheres também digamos, com... bastante feministas, desse ponto de vista, não é... e portanto... e por outro lado, é assim, actualmente portanto eu e a minha mulher temos quatro filhas, não do mesmo casamento, portanto, aliás só temos uma filha portanto de nós, mas, e portanto, vivo numa casa de mulheres, não é, e o que também digamos, confronto digamos, no dia a dia, com a identidade feminina e com portanto as aspirações portanto... aí se calhar numa lógica contrária, acho que de facto portanto também deviam elas próprias ajudar mais lá em casa do que o que ajudam. Portanto, isto é uma das questões, portanto, ou seja, de ao longo da minha vida digamos familiar e de casal portanto ter... e por outro lado, uma outra questão também importante que é, eu sou professor portanto sou universitário também, portanto estou envolvido em investigações muito na área da sociologia da família portanto também ser confrontado portanto ao nível científico digamos, com o próprio discurso feminista na minha área de trabalho que é uma área de trabalho sobre sociologia da família e da sexualidade e do género portanto, a minha área de trabalho digamos, como investigador é também portanto uma área de trabalho digamos, bastante permeável ao discurso feminista e onde nós portanto somos confrontados com autores, portanto com o fenómeno feminista. Eram estas duas coisas.

*Então pronto, nesta segunda entrevista basicamente o que eu queria era explorar um bocadinho aquilo que disse na primeira, algumas questões muito rápidas. Tenho quatro, podemos não as abordar todas, esteja à vontade de responder ao que quiser ou não.*

Isto está a gravar, não está?

*Está. Eu penso que... sim, sim. Quando me contou que a sua mãe era muito activa...*

Sim.

*... em termos políticos...*

Não, não, não era em termos políticos. A minha mãe não era nada activa em termos políticos. Portanto, eu participei em algumas reuniões da LOC, portanto, que era a Liga Operária Católica, que era um dos movimentos de acção católica e que a minha mãe pertencia. Mas não era muito activa como militante, digamos, como militante da LOC. Ela foi posteriormente bastante activa numa outra coisa que também tava ligada à igreja **[pausa para atender telemovel]** Sim, mas estava a falar de militância política, não tinha nada de militância política. A minha mãe era, era, aliás, quer dizer, era muito salazarista e muito situacionista, não é, mas quer dizer do ponto de vista, digamos, de como mulher, não é, portanto ela sempre se encarou como uma pessoa activa, quer do ponto de vista familiar e sobretudo familiar porque para ela digamos o centro das atenções era a família, não é, mas sendo isso, quer dizer, era uma mulher que por exemplo tendo poucos recursos económicos, não é, sempre teve o ideal, por exemplo, de mandar os filhos prá universidade e de... e portanto era uma mulher que trabalhava, fartava-se de trabalhar, era modista, portanto tinha muitas costureiras em casa e isso, e portanto, digamos, desse ponto de vista... agora, politicamente, não. Mais tarde ela foi militante de uma coisa que se chama Focolaris que é um grupo religioso portanto no seio da igreja e aí sim, portanto, ela participava activamente e distribuía lá as folhas informativas e tal, mas isso já, digamos, já eu não tava em casa, não é, já eu não tava em casa, já foi digamos na terceira idade dela. Mas pronto é interessante ver também mesmo na terceira idade quer dizer, ela opta também por fazer essa actividade

*E ela tinha alguma... defendia algo ao nível da igualdade de género?*

Ela não punha nada as coisas... nada nada. Ela punha as coisas em termos do dia a dia, da sua situação como mulher, mas não, em termos políticos não. Como eu lhe digo é assim, a minha mãe não entendia nada de política, tinha muito medo que a gente se metesse em política, portanto... e se havia digamos, políticos com quem ela se identificasse, não era tanto do ponto de vista ideológico, mas era mais não é, portanto, era de facto digamos, ela nunca foi da oposição, ao contrário do meu pai, por exemplo né, mas ela nunca foi da oposição, também nunca foi digamos militante do regime, não, portanto, achava que o doutor Salazar, porque tinha evitado que Portugal entrasse na Segunda Guerra Mundial, por isso é que era um grande estadista, pronto, e este tipo de coisas que muita gente achava naquela altura não é, até por falta de consciência política e de...

*Indo um bocadinho mais à frente, assinalou a criação de uma organização dentro do partido ou fora do partido...*

Dentro.

*Ok. E depois referiu que a sua posição foi no final a favor.*

Sim, sim.

*Gostaria de saber que influências, se houve alguma influência, de uma ou várias pessoas, que pudessem ter contribuído para essa decisão.*

Houve. É assim, houve, da minha companheira da altura portanto, que era uma das promotoras digamos, dessa organização e portanto, o facto de... e ela posicionava-se claramente como feminista. E na altura ela era voluntária até [nome de organização]. E por outro lado da minha colega de trabalho com quem eu vim trabalhar também para a [nome de organização], ambas eram desse partido, ambas eram voluntárias, porque naquela altura havia muito digamos também a ideia que as militâncias políticas deviam tar também em organizações deste tipo, não é, e elas portanto respeitando bastante digamos o próprio funcionamento da [nome de organização] e não querendo impôr digamos, ditames políticos cá dentro eram feministas e portanto digamos houve contactos pessoais obviamente quer dizer, eu vivia com uma feminista, era colega de uma outra feminista, e houve aí uma influência... e depois digamos, mas muito por conta delas, e por outro lado, digamos houve um processo de consciencialização digamos, lá está, da importância duma organização autónoma que ao princípio não sentir... achava que éramos todos revolucionários e portanto não havia necessidade de haver uma organização específica de mulheres.

*Então foi por influência dessas mulheres na sua vida que se considerava feminista?*

Tiveram influência, exactamente. Mas é assim, se eu não fosse receptivo não tinham influência nenhuma. Eu era receptivo e era aberto portanto, e não era dogmático portanto, fui influenciado obviamente.

*E em traços gerais qual é que foi a reacção dos homens do partido relativamente à posição... não sei se foi a única pessoa que foi a favor ou...*

Não, não, havia uma divisão grande, mesmo não só entre homens mas entre mulheres. Portanto, havia homens e mulheres que estavam a favor e havia homens e mulheres que estavam contra.

*E esses homens e mulheres que estavam contra como é que se resolviou o conflito... foi por maioria...?*

Entretanto o partido acabou.

Ah.

Entretanto o partido acabou, portanto não houve de facto oportunidade digamos de... porque esse congresso foi de facto, esse congresso em que se discutiu isso



foi de facto um congresso em que o partido se dividiu ao meio, o MES1 e o MES2. E as pessoas que propunham isso, eram do MES2 portanto, que foi a tendência que inclusivamente perdeu o congresso. E portanto a partir daí o partido partiu-se ao meio e... só pa lhe dizer alguns nomes dum lado e doutro... portanto um dos, das pessoas que na altura se opunha a isso era o Ferro Rodrigues que depois foi digamos secretário geral do PS e outro dos fulanos homens portanto que apoiavam digamos a criação de uma estrutura de mulheres era o Augusto Mateus que foi Ministro da Economia ou o Nuno Teotónio Pereira que era arquitecto, tanta gente... mas pronto era assim, eram de facto outros tempos. Mas havia muito essa noção da necessidade ou não, não era de sequer digamos, do feminismo que tava em questão, não é isso, era depois de tirarmos as consequências portanto do debate feminista que havia e repare uma coisa, nós estamos em 79 e o debate feminista tinha menos de 10 anos nas sociedades ocidentais, não é na sociedade portuguesa, nas sociedades ocidentais e portanto digamos era um debate ainda recente e portanto digamos por exemplo, o percurso individual que eu fiz se eu tivesse 2 anos ou 3 a menos, teria apanhado, como é que eu hei-de dizer, já um ponto mais tardio desse debate. E portanto provavelmente teria tido outras posições, não sei, não sei... Era de facto, era um debate a quente, não só cá mas digamos nas sociedades ocidentais. Repare que o início dos anos 70 é o início dos grandes movimentos feministas nos Estados Unidos, na Itália, em França, depois na Espanha com a morte do Franco em 76, há um grande movimento feminista em Espanha, muito maior do que alguma vez foram as organizações feministas em Portugal.

*E depois, mesmo ainda em 79, falou do curso de formação a que teve acesso. Eu gostaria de saber se se recorda de uma ou várias situações em que tenha ficado explícita para si a importância do feminismo.*

É assim, o curso de formação tinha vários temas, e um dos temas era o movimento feminista. Tive sugestões bibliográficas na altura, que me foram dadas e como eu tava em Espanha fui comprar os livros, trouxe os livros. Lembro-me de um livro, por exemplo, muito engraçado, 'La pequeña diferencia y sus grandes consecuencias', que era um livro que estava na berra na altura em termos do pensamento feminista e portanto é assim, eu tive uma acção de formação sobre feminismo.

*E o facto de colocarem o feminismo como um tema próprio, tema isolado, mas como um tema que fosse digno de ser falado mesmo em específico pensa que isso influenciou a sua posição?*

É claro que influenciou até porque, é assim, na minha colocação política sempre liguei muita importância à teoria e à compreensão teórica do que é que eu andava a fazer e aquilo foi um curso teórico sobre feminismo, portanto é assim, eu fui confrontado com posições teóricas perfeitamente inovadoras e que de certa forma me abriram imenso perspectivas de entendimento das coisas. Portanto... foi muito

isso. E isso é engraçado, porque isso espelhava um debate que tava muito mais avançado em Espanha do que em Portugal, porque em Espanha o movimento feminista foi muito poderoso, muito poderoso, havia milhares e milhares e milhares de mulheres organizadas em organizações feministas e ainda há, coordenadoras feministas das autonomias, ainda há. Você vai a Espanha o movimento feminista portanto existe ainda com bastante força. Há dois anos ou três em Vigo foram milhares e milhares, dezenas de milhares de mulheres na Marcha Internacional das Mulheres em Vigo, isso mostra portanto uma grande capacidade digamos, de influência das mulheres em Espanha na vida política das organizações ou na vida das organizações políticas nomeadamente essa pequena organização a quem nós estávamos ligados e que promoveu essa acção de formação. E portanto, mais influência que isto é difícil.

*Ok, então a última pergunta... Mencionou a necessidade de introduzir um ponto de vista feminista mas igualmente dos homens. Há alguma situação em específico que possa exemplificar esta distinção?*

Huh, sim, eu costumo dizer até como professor e como trabalhando nestas áreas de educação sexual e de saúde sexual reprodutiva e isso que o mundo tá dividido ao meio, de facto, entre homens e mulheres. E de facto nós pensamos coisas em comum mas pensamos e sentimos coisas muito diferentes e temos problemas diferentes, nomeadamente no domínio da sexualidade, na vida. É assim, na vida temos problemas em comum, por exemplo arranjar emprego é um problema em comum, huh huh, arranjarmos pessoas digamos, com quem nos queiramos relacionar afectivamente, amorosamente, é um problema comum. Agora a forma, por exemplo, como encaramos as questões da nossa sexualidade e mesmo da nossa saúde sexual, são diferentes, não é... Por exemplo, só... pronto, é assim, as mulheres têm vários contraceptivos, nós só temos dois, que é o preservativo e a vasectomia, não é. Somos educados desde pequeninos a pensar os homens e as mulheres de determinada maneira, portanto você se trabalhar com jovens rapazes e raparigas depara muitas vezes com discursos estereotipados, com discursos machistas, com discursos em que é defendida a superioridade dos homens sobre as mulheres, cada vez menos, porque as mulheres cada vez menos aturam isso, mas há. Mas também há problemas...é assim, os homens, por exemplo, se têm problemas não falam entre si, metem pra dentro, as mulheres têm uma extraordinária capacidade, digamos, de conversar entre elas, de pedir ajuda. Nós os homens, quer dizer, somos ensinados a virar-nos sozinhos, porque senão somos mariquinhas, não somos verdadeiros homens, não é.... e, tou a dizer, digamos, isto do discurso predominante em que nós crescemos e que nós aprendemos como homens. E você vê, portanto, as instituições masculinas ou muito masculinas, como por exemplo as Forças Armadas, o exército, por exemplo, que é um discurso extremamente estereotipado, e portanto, para lhe dizer... já não me lembro bem qual era a pergunta...

*A distinção entre o ponto de vista feminista mas igualmente dos homens...*

É assim, vamos lá ver, o feminismo é uma maneira de ver as coisas que luta pela igualdade de oportunidades. Depois há diferentes feminismos, o feminismo não é um só. Mas pelo menos a minha concepção feminista é lutar pela igualdade na diferença, não só na diferença... nas diferenças individuais também mas eventualmente até admitindo que haja diferenças digamos em termos dos papéis sexuais e dos papéis de género. Por exemplo os homens nunca são, nunca têm filhos, nunca têm biologicamente filhos. E portanto as mulheres vivem, as mulheres e os homens vivem experiências digamos diferentes do ponto de vista biológico. E portanto do ponto de vista da construção social digamos, que se faz sobre as próprias diferenças biológicas é natural que haja diferenças. O que não é natural é que essas diferenças se traduzam em relações de poder e de subordinação e de submissão e de opressão. Agora, que pode haver diferenças, pode haver diferenças, ainda bem que somos diferentes, ainda bem que as pessoas são diferentes umas das outras e ainda bem que as mulheres e homens são diferentes uns dos outros. Acho imensa piada a sermos diferentes. E portanto... agora... eu acho que a identidade masculina também tem aspectos, tem fragilidades, e que nós somos portanto muito também o sexo fraco, não é, diz-se que as mulheres são o sexo fraco, não é, enfim, em termos dos recursos internos os homens são muito mais fracos que as mulheres, são muito mais frágeis por isso morrem mais, por isso suicidam-se mais, por isso drogam-se mais, por isso têm mais acidentes de automóveis, por isso matam-se mais uns aos outros, não é, porque somos mais frágeis que as mulheres desse ponto de vista, de recursos para resolver os nossos próprios problemas. E portanto, eu acho que há que ter atento, nomeadamente por exemplo neste terreno em que nós trabalhamos, às necessidades específicas dos homens, aos problemas e necessidades específicas dos homens. E muitas vezes, não, não... vou-lhe dar um exemplo, é assim, todo o planeamento familiar em Portugal foi construído para as mulheres. As únicas vezes que se fala de métodos contraceptivos masculinos é a propósito da SIDA e com um grande discurso culpabilizador dos homens, "vocês deviam usar e não usam". Mas não com um discurso potenciador das capacidades, é assim, eu devo usar porque tenho de controlar as minhas capacidades reprodutivas, eu sou um ser reprodutivo, e portanto tenho todo o direito de controlar o meu corpo. Fala-se do direito ao corpo no feminismo, eu acho que os homens também têm direito ao corpo. E nunca se fala do direito ao corpo dos homens. Portanto... e por outro lado é assim, o avanço... a transformação nas relações de poder entre homens e mulheres fez evidenciar mais, digamos, as fragilidades dos homens. E portanto, eu acho que os homens têm alguns problemas em se resituarem como homens num universo em mudança. Porque se fossem os homens de antigamente eles sabiam muito bem como é que haveriam de agir como homens. Agora, os homens de agora, numa sociedade em mudança, em que a sua própria identidade masculina é contestada, tem dificuldades nisso. E por isso eu acho importante digamos, de facto, reflectir nos homens também.

*E fazer esta distinção que do seu ponto de vista é importante e necessária.*

Exactamente. É assim, e também é importante continuar a reflexão a outro nível, porque os homens mandam. São os homens que mandam na sociedade. E que existe desigualdade de direitos existe. E continua a existir desigualdade de direitos, talvez não tanta como existia antes, mas existem profundas desigualdades ainda portanto entre homens e mulheres. E portanto, deste ponto de vista também continua a fazer todo o sentido pensar feminista.

*Não sei se tem mais alguma coisa a acrescentar...*

Não, acho que não.

**David (Participante 1)**

**13 Maio 2008**

**3ª entrevista**

**± 40 mins**

*Em primeiro lugar gostaria de colocar algumas questões sobre aquilo que me disse na outra entrevista, depois passávamos a questões mais teóricas. Disse que "o início dos anos 70 é o início dos grandes movimentos feministas nos Estados Unidos, na Itália, em França, depois na Espanha com a morte do Franco em 76, há um grande movimento feminista em Espanha, muito maior do que alguma vez foram as organizações feministas em Portugal."*

Exacto.

*Eu gostava de saber como é que percepciona a evolução do movimento feminista português, ou seja, qual é a sua opinião do movimento feminista, a progressão, a sua actualidade, na sua experiência.*

Pronto é assim, olhe, em primeiro lugar eu acho que vendo um bocadinho a história das organizações feministas, é assim, é interessante porque logo no 25 de Abril as organizações ditas feministas, especificamente digamos feministas, elas foram muito elitistas, eu acho que elas foram muito intelectualizadas por um lado e por outro lado portanto por exemplo quiseram muito demarcar dos partidos políticos e portanto não houve digamos uma integração das pessoas portanto dos partidos políticos, isso nessa primeira altura, depois houve mas vamos encontrar digamos militantes feministas no PS, no PCP, nas organizações à esquerda do PCP... por outro lado há muito pouco, quer dizer, há mais organizações feministas, há mais organizações feministas... eu não diria feministas, eu diria de mulheres, portanto que é diferente não é, algumas delas assumem claramente posições feministas, como é o caso da UMAR, percebe que eu não encontro muito mais, quer dizer a Associação das Mulheres Juristas, as outras associações de mulheres raramente digamos se assumem digamos especificamente como organizações feministas, podem ser numa segunda ou terceira leitura, quer dizer, você percebe que são organizações que têm determinadas perspectivas sobre os direitos das mulheres, então são organizações em princípio feministas, mas como tal não se assumem. Portanto a ideia que eu tenho é que as organizações não governamentais de mulheres ainda são muito poucas, muito poucas mesmo, e eu tive muito a noção disso em todo o processo digamos de comissão e de funcionamento do MODAP, portanto o Movimento de Opinião para o Debate do Aborto em Portugal, e depois também na forma do direito de adoptar também, em que era um sarilho porque não havia organizações de mulheres, não havia organizações de mulheres. As organizações de mulheres que havia eram as organizações ligadas a partidos políticos, o que limitava logo de início também bastante as coisas porque por um lado não agiam em conjunto, cada qual tinha a sua agenda partidária, não agiam em conjunto. E em segundo lugar era aquela

coisa, "ah então se vocês só têm as mulheres feministas e o grupo de mulheres do PSR, não têm as outras", ou seja, a ideia de que, tenho muito a ideia portanto que as poucas organizações de mulheres que existem são organizações portanto partidárias, e agora portanto com a reestruturação que tá a ver no conselho das organizações não governamentais da CIG, da Comissão para a Igualdade de Género e Cidadania, houve muitas dessas organizações portanto que foram, como é que eu hei-de dizer, ficaram de fora, portanto o Conselho [inteligível] exactamente porque eram organizações do tipo partidário, você vai ver quantas... depois houve outras organizações que ficaram de fora porque pura e simplesmente não faziam nada, e chamavam-se... e portanto eram organizações de mulheres, legalmente constituídas mas que não faziam ponta de nada. Portanto a imagem que eu tenho, o feminismo em Portugal é muito um movimento de pessoas não é, de pessoas que acabam por ter influência nas políticas de Estado, vou-lhe dar o exemplo de uma pessoa feminista, a Leonor Beza, uma pessoa conservadora do ponto de vista político, mas deste ponto de vista claramente feminista e uma pessoa que teve bastante influência digamos ao nível das políticas que houve de família, por exemplo a alteração do código de família e coisas assim, só para lhe dar um exemplo de uma pessoa politicamente digamos do PSD e concerteza que encontraria outras pessoas em todos os leques, quase todo o leque de partidos políticos.

*Outra questão que eu tinha... quando estávamos a falar, para contextualizar, sobre os homens e as diferenças entre homens e mulheres disse que "em termos dos recursos internos, os homens são muito mais fracos que as mulheres, são muito mais frágeis por isso morrem mais, por isso suicidam-se mais, por isso drogam-se mais, por isso têm mais acidentes de automóveis, por isso mata-me mais uns aos outros não é, porque somos mais frágeis do que as mulheres desse ponto de vista de recursos para resolver os nossos próprios problemas". Eu gostava de saber na sua percepção e na sua experiência porque é que os homens têm estes fracos recursos internos, é por causa da identidade masculina, é por outras...?*

É por causa da identidade masculina.

*E o que é isso da identidade masculina?*

A identidade masculina é os papéis digamos tradicionalmente ligados ao masculino e os papéis tradicionalmente ligados ao feminino portanto são extremamente exigentes portanto dos homens, porque o homem tem de ser o mais forte, tem que ser portanto o melhor dos competidores, tem que ser o mais esperto não é, tem de ser o mais de tudo, tem de ser o mais bonito não é, para ter algum sucesso entre as mulheres, tem de ser o mais atlético, tem de ser o mais alto, tem que ser o mais forte, portanto há toda uma identidade masculina, o homem tem que ser o mais de tudo não é, e obviamente quer dizer que a realidade não é assim. Ou seja, os homens são educados para uma coisa que não tem a ver com a realidade e portanto a identidade masculina e os estereótipos

masculinos são muito mais rígidos em si do que os estereótipos femininos e portanto o confronto com a realidade faz com que haja grandes decepções [risos], não é, e em termos de saúde mental portanto isso dá reflexos, basicamente é isto. E nomeadamente é assim... mas por outro lado é assim, de facto os homens são educados para ser fortes e tornam-se fortes, e portanto muitos homens são efectivamente capazes de resolver os seus problemas, melhor ou pior, mas resolvem os seus problemas, agora quando partem partem muito, não é.

*Então estas eram as minhas questões sobre a entrevista, estas questões agora são mais teóricas, todas as questões que eu tenho feito são eventualmente pessoais e por isso pode não responder se quiser. Nomeadamente gostava de saber, isto são perguntas sobre movimentos sociais e gostava de saber se tem alguma ligação a nível profissional, a nível pessoal, com o movimento LGBT, não sei se sabe o que é a sigla, lésbicas...*

Sei, sei.

*... gays, bissexuais e transgéneros.*

É assim, tenho mais a nível profissional porque trabalhando na [NOME DE ORGANIZAÇÃO] portanto a [NOME DE ORGANIZAÇÃO] considera portanto também as questões da homossexualidade e do transgênerismo e do transsexualismo digamos como questões quer sobretudo ligadas aos direitos sexuais e às vezes ligadas às questões da saúde sexual também, e portanto é mais desse ponto de vista. Do ponto de vista familiar portanto tenho uma pessoa muito próxima que é homossexual e portanto também tenho uma ligação pessoal familiar ao tema da homossexualidade.

*O que é que pensa sobre a reivindicação das pessoas LGBT, por exemplo a ideia da adopção, do casamento, qual é a sua posição relativamente a esses temas?*

É uma posição favorável, muito na lógica digamos da igualdade de oportunidades. Portanto na lógica da igualdade de oportunidades e na lógica também de perceber no caso da adopção que o que interessa mais em termos das crianças são de facto os vínculos afectivos não é, e para mim tanto serve digamos uma boa família heterossexual como uma boa família homossexual. E por outro lado é assim, se as pessoas têm hoje em dia diferentes tipos de ligações afectivas e conjugais, esses diferentes tipos de ligações afectivas e conjugais também se devem portanto expressar ao nível por um lado dos direitos conjugais legais, portanto temos a falar de casamento, temos a falar de união de facto também, e por outro lado ao nível portanto dos direitos em relação à parentalidade. Por outro lado é assim, como de certa forma em especialista neste tipo de questões também sei digamos que os principais argumentos do senso comum contra por exemplo a adopção de crianças por casais homossexuais não têm sustentabilidade científica, estudos feitos portanto com crianças filhas ou adoptadas digamos por casais

homossexuais revelam que são crianças tão, com uma saúde mental tão boa ou tão má digamos, como as outras crianças.

*Esta seria a última questão. Gostava de saber se tinha alguma ideia... todo este estudo foi desenhado no sentido de tentar saber se haveriam homens que estariam interessados na mudança a nível de género, e eu gostava de saber...*

Ao nível de... género, não é?

*Sim, basicamente no sentido de activamente lutarem pela igualdade de género.*

Explique lá melhor.

*Ok, basicamente a ideia é que, pelo menos no senso comum, as mulheres à partida estão mais interessadas por esta luta pela igualdade de género...*

Ah sim, sim.

*... e a ideia era saber de homens que de certa forma [interrupção]... e basicamente a ideia era fazer entrevistas a homens que de alguma forma já estavam a fazer alguma coisa activamente pela igualdade de género. Gostava de saber tanto a nível pessoal como a nível profissional, da sua experiência, se acha que nós temos recursos necessários, se acha que há possibilidade de criar recursos para que os homens se integrem mais activamente nestas questões, ou seja se o panorama de uma forma geral é receptivo ou não para que eles fiquem mais elucidados sobre estas questões, para que eles participem mais de alguma forma...*

Não sei, não sei, não sei responder muito bem, é assim como é que eu coloco a coisa em termos profissionais, eu coloco aqui por exemplo na [NOME DE ORGANIZAÇÃO] eu coloco as coisas em termos portanto de haver uma necessidade de se abordar os homens em termos dos seus problemas e necessidades específicas, e portanto... e não porque são maridos, e portanto têm que ir por exemplo com as mulheres às consultas de planeamento familiar, ou têm de ser mais responsabilizados digamos pela contracepção das mulheres, não. É assim, eu vejo mais portanto desse ponto de vista, portanto vejo os homens vejo que há uma grande necessidade de trabalhar na base, trabalhar e estudar e perceber os problemas e necessidades dos homens como grupo específico, ou como grupo específico embora diversificado em termos sociais obviamente quer dizer nem as mulheres são todas iguais nem os homens são todos iguais. Em termos de movimentos sociais, tem-se visto digamos surgir algumas organizações muito ligadas portanto por um lado ao movimento gay não é, por outro lado ligado a coisas como por exemplo sei lá, a organização dos pais para sempre, por exemplo, ou seja dos homens que se unem para defender os seus direitos enquanto pais que de facto são sistematicamente esquecidos pela justiça,



portanto de facto a justiça é muito biológica, como ontem ou anteontem alguém dizia portanto é assim a justiça portuguesa ainda é muito biológica, portanto e nomeadamente no caso da guarda das crianças, pelo menos até há relativamente pouco tempo mas acredito que seja por exemplo a guarda das crianças é automaticamente pensada como guarda da mãe, há homens que têm dificuldades efectivas por exemplo nos direitos de visita aos seus filhos e por exemplo, eu por exemplo passei por essa experiência, tive dificuldades efectivas depois de uma separação em ter uma relação mais próxima digamos com a minha filha e de facto ninguém me soube ajudar. Sei lá se o direito de visita é impedido ou dificultado o mais que se pode acontecer é pagar uma multa ridícula ou coisa assim ou esperar anos e anos na justiça para que a situação seja corrigida. Portanto é assim eu tou a ver a possibilidade de homens se organizarem em torno dessas coisas muito específicas, não em torno digamos da sua identidade de género, portanto em termos gerais.

*E organizar-se em termos da mudança?*

A mudança como?

*A mudança... imaginemos por exemplo um homem que por várias razões toma conhecimento destas questões da violência doméstica, que é maioritariamente perpetrada no feminino, a questão do aborto que embora tenha sido aprovada ainda há algumas questões jurídicas a resolver, a forma de uma forma geral como as mulheres ainda são discriminadas quer a nível sexual, quer a nível do trabalho, quer a nível de... em várias instâncias da vida. A ideia era praticamente um movimento que claramente não esquece os homens nas suas dificuldades, nomeadamente a nível do acesso à parentalidade mas também alguma coisa para fazer com que esta ordem...*

É a igualdade de oportunidades.

*Sim, de uma forma geral podia-se resumir a isso, talvez.*

Não tou a ver muito bem, não tou a ver muito bem, porque de facto é assim, em geral de facto quem se organiza é quem sofre, não é, e digamos o sofrimento das organizações nomeadamente das organizações de mulheres e do movimento feminista ter muito a ver digamos com a dominação portanto masculina e com a necessidade da mudança. Portanto não tou nada a ver portanto os homens a organizarem-se por exemplo para as questões da igualdade de género, tou mais a ver os homens a apoiarem esse tipo de organizações, agora como lhe disse é assim tou a ver os homens a organizarem-se para coisas específicas portanto da sua condição masculina, não é, e numa perspectiva de mudança. Quando eu lhe tava a falar por exemplo das questões da paternidade responsável, ou quando tava a falar sei lá... do movimento gay, por exemplo né, tou-lhe a falar de homens portanto que se organizam portanto para a mudança...

*Sim, mas...*

...para a mudança, por exemplo uma mudança temática, específica, mas que se inscreve de uma forma mais geral numa mudança social mais geral.

*Mas até que ponto é que essa mudança se vai conseguir se não houverem aliados do grupo dominante? Até que ponto é que as mulheres vão conseguir mais direitos, estão instituídos na Constituição mas...*

Eu acho que as mulheres estão neste momento digamos num movimento bastante imparável, ou seja acho que o que se conseguiu em termos geracionais e culturais não é, é talvez ainda o mais importante do que se conseguiu em termos políticos e legais. As raparigas que nascem hoje e que crescem hoje e que convivem digamos com os rapazes da sua geração, eu falo á vontade porque eu e a minha mulher temos quatro filhos, não em comum mas temos quatro filhas, é assim e elas não são assim miúdas especiais do ponto de vista de ideias feministas ou coisa assim, mas têm uma referência importante que é a mãe delas, as mães neste caso porque uma das minhas filhas tem outra mãe, portanto e a referência é uma mulher autónoma, uma mulher com dizem os brasileiros liberada, uma mulher portanto que luta pelos seus direitos, e não é tanto lutar pelos seus direitos, é que nem admite digamos a desigualdade. E portanto estas novas gerações de mulheres, jovens mulheres, já nasceram muito neste caldo de diferença, pronto é assim nós sabemos que isto não é automático e que as desigualdades ainda se reproduzem muito e as mulheres são grande reprodutoras de desigualdade na medida em que elas próprias portanto acabam por muitas vezes reproduzir os estereótipos de género, sobretudo as mulheres mais velhas e as mulheres mais dominadas. Mas eu acho portanto que há aqui um movimento de mudança nas sociedades ocidentais muito grande não é, e portanto acho que as mulheres não vão precisar dos seus aliados digamos do poder dominante, porque elas estão a ganhar força, estão digamos a construir uma nova relação de forças e quando você vê portanto que a maior parte das estudantes universitárias por exemplo são mulheres não é e quando você vê que em determinadas profissões começa a haver uma esmagadora maioria de mulheres mesmo que você saiba que na política a maioria são homens, não é, mesmo que você saiba que nas empresas há uma grande maioria portanto de directores e chefes portanto homens, eu diria que cada vez mais isso é uma questão a prazo.

*Hum.*

Portanto sou muito optimista portanto em termos disso e acho que as mulheres só têm a ganhar se não contarem muito com os homens...

*Hum.*

Ou seja, afirmando o que querem, afirmando o que precisam e não contando muito com os homens digamos como aliados mas sobretudo digamos afirmarem junto dos homens o que querem e o que não querem. Por exemplo nas relações de casal, por exemplo na vida familiar, na distribuição das tarefas domésticas, quer dizer as mulheres têm de ser assertivas, se não forem assertivas até podem ser feministas digamos na cabeça e serem bastante incoerentes por exemplo numa relação de casal ou na vida familiar, e desse ponto de vista é serem assertivas é dizerem "não não meu amigo não é assim, isto não é eu fazer o comer e tu sentado no sofá", ou "não vamos lá pá partilhar aqui as tarefas portanto em relação às crianças" ou por exemplo, "é assim não sei porque é que fui excluída neste concurso só por ser mulher", portanto há mecanismos muito poderosos ainda de poder masculino na sociedade, sobretudo digamos por exemplo as instituições políticas não é, em grande parte portanto também as instituições empresariais e isso, mas eu acho que de facto a onda está para uma nova relação de forças entre homens e mulheres, e aí não vejo como lhe disse, é assim, nisto tudo há homens portanto progressivamente que se vão... é assim, ou por necessidade ideológica ou por necessidade prática vão aderindo digamos a uma nova forma de vida, ou porque é assim... casaram com não sei quem, namoram com não sei quem não é, que têm uma forma de estar na vida portanto que é completamente, não admite desigualdade, e portanto mas têm que se adaptar digamos a isso, essas situações, os homens têm que se habituar a viver com mulheres que não admitem portanto relações de desigualdade.

*Sim...*

E portanto ou porque também o discurso, o próprio discurso igualitário ganha fóruns, ganha raízes digamos na consciência dos homens e nas identidades masculinas e portanto quer por via digamos da ideologia, quer por via digamos da adaptação eu acho que os homens portanto têm que mudar e vão mudar.

*Mas vão mudar...*

E estão a mudar.

*Mas vão mudar... mas mudam por terem relações com mulheres que são assertivas, é essa a ideia?*

É, é sobretudo por aí [risos], é sobretudo por aí, porque é assim em termos de ideias por exemplo cada vez mais a ideia da igualdade de género é uma ideia... é um consenso social, é um consenso social, é assim você tem ideias que não são consensuais, a questão da orientação sexual e a questão como você viu agora ainda portanto neste estudo do ICS, portanto as atitudes em relação à homossexualidade, há coisas que não são consensuais, mas em termos de igualdade de género na sociedade portuguesa é uma coisa bastante consensual já. O ser consensual não quer dizer que os homens sejam coerentes com aquilo

que pensam, ou seja pode haver igualdade da boca para fora, mas depois na casa, nas tarefas portanto não são efectivamente igualitários, muito por questões de educação e muito também portanto por relações de poder de facto portanto em que existe ainda desigualdade portanto tou a dizer no espaço conjugal e familiar. Muitos homens foram educados por mães que, por mães e por pais portanto que reproduziam determinados esterótipos de desigualdade, e eles acabam por os reproduzirem. É assim eu próprio, que como lhe disse quer dizer considero-me portanto um homem feminista, considero-me portanto um homem que não admite um tratamento desigual entre homens e mulheres, é assim em termos de coerência prática tou imenso tou muito envolvido digamos nas tarefas domésticas e familiares e tento portanto ser coerente com o que eu penso mas acredito que há zonas digamos do meu agir não é que são ainda desiguais não é porque pura e simplesmente eu não fui educado para isso, não é . Por exemplo o cuidar, o cuidar dos filhos o estar atento a que é preciso tratar disto e não sei quê, é preciso tratar daquilo, "vê lá a renovação das vacinas", por exemplo coisas assim tão concretas que de facto muitos homens não tão ainda, não conseguem estar ainda porque simplesmente não foram educados para isso, está a ver, não tiveram essa educação, e por isso é que eu digo, é assim sobretudo as coisas têm que mudar por via da afirmação das mulheres e da assertividade.

*Sim, a minha ideia não seria suplantar o lugar das mulheres nesta luta, sendo o grupo oprimido à partida são elas que têm de fazer ouvir a sua voz. A minha ideia é mais no sentido de educar e de fazer algum tipo de recursos mesmo a nível comunitário para que o grupo dominante também perceba estas questões, não era de todo suplantando a voz das mulheres, mas também penso que...*

Sim, eu sei eu sei, mas eu não entendo isso assim, o que eu tou a dizer é assim, parece-me difícil que os homens se organizem digamos pela igualdade a não ser digamos em torno de questões que eles próprios acham que estão a ser tratados de uma forma desigual.

*Em primeira análise talvez mas se eles perceberem que a forma de serem dominantes também leva a que eles próprios... vejamos, esta forma da paternidade responsável não existe também pela organização que advém do género ou seja, o facto de eles serem dominantes e o facto de haver uma masculinidade que diz que os homens não têm de estar à partida dispostos para os filhos, para o cuidar, para o dar, isso implica que se formulou todo um sistema em que as mulheres é que têm de cuidar dos filhos, não é.*

Não. Eu acho que cada vez mais esse modelo é posto em causa.

*Sim.*

E cada vez mais portanto os homens participam efectivamente digamos no cuidar dos filhos. Há enormes desigualdades ainda, há enormes desigualdades não

nego, mas perdi-me um bocado...

*Isto são questões muito complicadas...*

Já não me lembro qual era a pergunta, reformule-me lá qual era a pergunta para eu me situar.

*Pronto a ideia de uma forma geral é, porque é que existe esta ideia de que os filhos à partida são para a mulher? Quando há o divórcio e o juiz decide que à partida, há um consenso comum que a mulher tem mais aptidões para educar os filhos, porque é que isto existe, isto é como a ordem de género, é uma...*

Claro, é uma construção social e é uma construção social que ainda existe tá a ver. Agora o que eu tou a dizer é que desse ponto de vista digamos eu posso fazer uma análise marxista da situação e perceber que, o que é que o marxismo diz digamos da mudança, disse que a mudança se faz pela luta não é, pela luta, ou pela luta de classes, por exemplo, e aplicando digamos uma noção marxista às questões de género, é assim a mudança faz-se também pelo conflito digamos pelo conflito de interesses entre homens e mulheres, e esse conflito de interesses portanto da parte dos homens portanto tem a ver com uma estrutura de dominação, de estereotipia e de identidade que as mulheres portanto cada vez mais tão a pôr em causa, e portanto é assim quando eu lhe falo numa relação de poder é isto, é assim o que eu acredito é que existe uma luta e está a existir uma luta e essa luta não é uma luta no Parlamento nem é uma luta em manifestações de rua, é também eventualmente no parlamento, é também nas manifestações de rua, mas é sobretudo portanto em casa e nas relações de casal e também quando lhe digo que é uma luta não é uma luta no sentido de trincheiras, de disparar uns sobre os outros, é uma luta no sentido de impôr determinadas posições, é uma luta de posições, e é isso que eu digo, que nessa luta que está a existir portanto as mulheres estão a levar a sua avante e os homens estão num processo adaptativo, ok, basicamente é isto. Talvez ainda não haja digamos uma reconstrução da identidade masculina, não é, talvez digamos ainda estejamos somente digamos a reformular a nossa identidade por reacção, por adaptação.

*Pronto, a ideia basicamente era fazer o que já se faz na Austrália, no Reino Unido, no contexto norte-americano, com as suas divergências também, mas basicamente alguns homens que são mais sensíveis a estas questões darem de certa forma, em grosso modo, a cara nestas questões de género, ou seja também dizer que...*

Mas o dar a cara pela igualdade eu acho que muitos homens dão, agora a sua questão não foi essa, a sua questão era se os homens se iriam organizar para dar a cara pela igualdade. Essa é a minha dúvida, não é, não quer dizer que esteja contra, o que eu tou a dizer é assim, mais facilmente os homens se organizam por questões temáticas do que por questões mais globais de...

*Sim, sim, mas isso também penso que era um percurso que tínhamos de percorrer, nomeadamente porque em Portugal também não se fala muito de género nem de feminismo, não é de todo uma ideia dominante, por assim dizer.*

Mas quê, de formar organizações masculinas pela igualdade?

*Eu não ia tanto pelas organizações, mas por exemplo fazer coisas de nível comunitário, imaginemos cursos de formação para que os pais tomem conta dos filhos, esta ideia também que referenciou...*

Mas eu tou de acordo com isso, e por exemplo sei lá a [NOME DE ORGANIZAÇÃO] faz isso, e faz cursos para pais também tá a ver, não faz cursos específicos para pais mas tenta envolver os pais por exemplo nas mensagens dos bebés, no cuidar dos bebés, portanto na preparação para o parto. Por exemplo aquela coisa do homem grávido, portanto a campanha do homem grávido era no sentido de chamar a atenção prós homens portanto que eles têm capacidades reprodutivas e que devem pensar nelas e que não devem portanto descansar na companhia a dizer "epá usas o método contraceptivo olha...", nomeadamente quando por exemplo a utilização de vasectomia é ponto quatro, quer dizer eu acho, vamos lá ver, eu sou cem por cento a favor digamos que se trabalhe a mudança do ponto de vista dos homens, do ponto de vista dos homens, e que trabalhem os homens digamos do ponto de vista da sua identidade e dos problemas que sentem e numa perspectiva de igualdade, e numa perspectiva de igualdade, o que eu sou mais descrente não é, é que por exemplo... e mais lhe digo é assim a perspectiva de género é essencial em qualquer trabalho e intervenção social hoje em dia e quando eu tou a falar da perspectiva de género tou-lhe a falar não só da perspectiva feminina, que muitas vezes quando a gente fala da perspectiva de género fala logo portanto da perspectiva feminina, mas também da perspectiva masculina, e acho que de facto se pensa muito pouco sobre os homens. Você, não sei se eu disse isso, mas no relatório que eu fiz sobre os dados do comportamento sexual dos homens eu digo que toda a política digamos de saúde, de planeamento familiar que foi feita em Portugal foi feita para as mulheres não foi feita para os homens. E portanto é preciso trabalhar os homens, é preciso trabalhar os homens. Agora pronto, a isto sou perfeitamente claro, perspectiva de género, perspectiva de igualdade em todo o trabalho de intervenção social. Agora como é que isso se faz em termos das organizações masculinas, não é, não sei, aí é que eu vejo mais os homens a organizarem-se por problemas específicos dos homens do que digamos os homens digamos a organizarem-se, a fazerem organizações em prol da igualdade não é, enquanto que as mulheres tiveram que as fazer. As mulheres tiveram digamos que fazer digamos luta em torno dos direitos das mulheres. Como os direitos dos homens em geral não tão em causa porque eles são o poder e só tematicamente é que estão em causa, como por exemplo o caso da paternidade ou o caso dos homens gays, aí é que eu acho que os homens se podem organizar mais como homens

porque aceitam melhor essas questões.

*A ideia base, não vou tanto pelas organizações, a minha ideia não seria tanto essa, mas por exemplo as marchas que há contra a violência doméstica, mesmo marchas mundiais, porque não tentar ver alguma forma de incluir mais homens.*

Sim, sim.

*É mais nesse sentido de trabalho comunitário.*

Sim, sim, não e estou de acordo perfeitamente, perfeitamente de acordo.

*Não sei se quer dizer mais alguma coisa?*

Não [risos].

**Bruno (Participante 2)**  
**Entrevistas 1 e 2**  
**27 Fevereiro 2008**  
**± 48 mins**

*O que eu queria nesta primeira entrevista era saber quais é que foram os eventos, o evento ou os eventos, que levaram a que se considerasse feminista, ou seja, uma história do que é que aconteceu para que se tornasse feminista, a progressão de não feminista para feminista.*

Não sei se consigo arranjar uma história, eu acho que o facto de eu ser feminista tem a ver com o facto de eu me considerar uma pessoa de esquerda e de ter começado a ter uma especialização política para os valores da igualdade desde valores relativos ao género, aos homens e mulheres, sejam relativos às outras questões. Acho que aí teve alguma importância evidentemente a minha socialização familiar mas também o facto de eu ter começado a participar em movimentos sociais integrando o [organização política] que pronto, é uma organização em que a cultura feminista ou a tradição feminista é assumida e é importante se considera-se que o feminismo enquanto luta contra as discriminações das mulheres e enquanto luta contra o sistema patriarcal [inteligível]. Pronto, assim um episódio em particular confesso que não te sei dizer, não te sei localizar o tempo, a partir deste dia, a partir deste acontecimento, comecei a considerar-me feminista. Acho que teve a ver com isso, nós no [organização política] organizamos uma série de acampamentos, na altura alguns deles nem eram organizados pelo [organização política], eram organizados por outra organização em que as questões do feminismo estavam presentes, portanto a discussão sobre o feminismo era tida e em que, também há aqui uma questão que é muitas vezes... mesmo as pessoas que o defendem, a igualdade entre homens e mulheres, rejeitam o rótulo de feminista ou tentam integrar-se ou definir-se a partir doutra teoria que não a feminista. Como dentro desses espaços o feminismo sempre foi assumido como uma faceta normal na luta contra esses problemas eu nunca tive grandes problemas para falar em feminismo, há várias correntes é evidente, há correntes com as quais eu me identifico mais, há correntes com as quais eu me identifico menos, mas este estereótipo do feminismo enquanto supremacia das mulheres ou enquanto categoria de uma série de lésbicas masculinas que odeiam os homens, pronto aquele estereótipo que existe nunca fui muito sensível a ele.

*Então basicamente a tua história sobre ser feminista está muito ligada com a tua orientação política.*

Exactamente. Sim, quando eu comecei a participar [na política]... opá, a minha mãe também já... e o meu pai menos activamente, sempre colaboraram com organizações como a UMAR e portanto não era uma coisa que me fosse



completamente estranha para mim. Mas esta ideia do feminismo como um grupo recorrente de pensamento, com a reivindicação, acho que de forma mais consciente foi a partir do momento em que começa essa discussão passou a ser feita de forma mais organizada, de forma mais estruturada. Agora, esta é a dimensão intelectual da coisa, depois há a dimensão prática, não é, porque apesar de tudo eu acho que o facto de eu ser feminista, ou ser contra a homofobia, não é apenas uma identificação virtual com uma determinada ideia, tem de ter consequências também do ponto de vista da nossa prática. E portanto, não é só uma coisa discursiva tem de ser também... temos de tentar construir as nossas relações com os outros de modo a que possamos combater tudo o que em nós existe ainda de patriarcado, homofóbico, de heterossexista, etc.

*Então, afirmaste que o facto de ser de esquerda implica que à partida se terá mais acesso ao pensamento feminista. Será que é algo de automático ou será necessário algum trabalho, esforço?*

Evidente, eu acho que sim, provavelmente nem toda a gente no [organização política] se considerará como feminista apesar do [organização política] integrar essa informação na forma como vê o mundo e interpreta as questões. Haverá gente mais ou menos sensível ao problema, mas não sei, depois acho que também, aqui a questão do género e a questão da orientação sexual, ou seja, dos movimentos e do meu contacto com o movimento LGBT me facilitou essa aproximação de alguma forma [inteligível]. Agora a identificação com o feminismo enquanto corrente que tenta combater os próprios estereótipos de género e portanto enquanto corrente de luta pela igualdade, isso para mim, acho que essa identificação também tem a ver com meu contacto com o movimento LGBT, por outro lado também acho que o facto de eu ter feito sociologia e portanto que estas discussões também estarem presentes de ter tomado uma consciência maior sobre igualdade que permanece entre homens e mulheres, apesar do discurso da igualdade [inteligível], e da análise sociológica do quanto os papéis de género são socialmente produzidos acho que me ajudou mais convictamente a ter consciência sobre estas questões.

*Como é que te deparaste com o feminismo? Foi algo automático, foi algo de rápido, foi algo de fácil?*

Eu nunca me identifiquei muito com, como é que hei-de dizer, com a forma mais rígida do próprio papel de género masculino, isto é... a cultura masculina, e feminina se quiseses, em muitos aspectos nunca me atraiu particularmente. E portanto isso também gera alguma aproximação aos discursos feministas, quando esse discurso questiona as próprias formas como nós entendemos o que é ser homem e o que é ser mulher, o que é que é eu ser homem, o que é que é tu seres mulher. E portanto a partir do momento em que tu consegues compreender e vives muito bem com isso, que o papel de género não é rígido, permite eventualmente explorar características que seriam atribuídas pela visão dominante

[inteligível], acho que isso depois do ponto de vista individual a identificação com uma corrente que põe em causa os próprios papéis de género, e mais, põe em causa naquilo que é a masculinidade aquilo que são os traços do machismo, que são traços muito estruturais sobre os quais muitas pessoas constroem a sua identidade. Eu acho que a minha identidade, se tu quiseres, se construiu em alguns momentos em oposição a esses referenciais mais machos, talvez isso também tenha ajudado a levar à minha adesão ao feminismo.

*Então e como é que é ser feminista em Portugal, um homem feminista?*

Eu acho que em Portugal ainda há muito preconceito em relação à palavra feminismo. É normal porque é uma palavra que foi objecto das mais amplas distorções, das mais poderosas caricaturas, e portanto... muitas vezes mesmo as pessoas que defendem a igualdade de género tendem a não querer identificar-se com o feminismo por acharem que isso é uma categoria que ficou presa a esses estereótipos que se construíram sobre ela. Desse ponto de vista, se for preciso deixar o rótulo, deixar a palavra, para preservar a coisa, não me importo nada. Acho que o essencial é nós defendermos, nós lutarmos pela igualdade de género, em alguns casos, por uma questão de premissa feita, é mais fácil tu não dizeres que és feminista e seres feminista na prática, ou seja, se eu estou a conversar com determinado tipo de pessoas, ou se eu vou para uma aldeia do nordeste transmontano, fazer [actividade] como fiz no passado fim-de-semana, não tem a mínima vantagem, de tu colocares à partida o rótulo feminista porque aquilo que as pessoas vão ouvir do que tás a dizer é influenciado pelo estereótipo que elas têm sobre a palavra com que tu te identificaste, com que tu te definiste. E portanto, eu acho que depende... fazer a igualdade de género em Portugal já é uma coisa relativamente aceite e até acarinhada em determinados meios. Retoricamente, [inteligível], e é muito complicado tu saíres com determinados grupos de pessoas e não sei quê, a cultura masculina ainda é muito dominada, sair com um grupo de amigos homens, ainda é muito dominada pelo discurso machista sobre as coisas, e todos nós, não estou a dizer que eu próprio seja imune a esse discurso, acho que nós somos um bocado... todos nós temo-lo ainda incorporado. Mas... aí pode ser mais difícil às vezes, também por uma questão de aceitação, não é, a certa altura tás com um grupo de amigos e comesas a questionar a cultura masculina e és visto ou como rabeta ou como uma menina, não é, pode acontecer. À medida que vamos crescendo, se tu quiseres, vamos participando num grupo de amigos com quem nós temos afinidades, e portanto é evidente que à partida se eu conviver muito com pessoas do [organização política], ou com pessoas que de alguma forma também têm contacto com essa cultura, com esse discurso, é mais fácil prontos, haver algum mecanismo de identificação, uma determinada de ver as coisas e de postura perante as coisas. Noutros grupos, opá, acho que nós também temos de ter a capacidade de conviver com pessoas que, pelas mais diversas razões, têm ainda uma cultura homofóbica, uma cultura machista, mal era de nós se só convivíamos com pessoas que pensam exactamente como nós ou que já pensaram nas coisas da forma como nós pensamos, acho que é

saudável até que nós tenhamos a capacidade de conviver com toda a gente, com gente que tenha essa cultura e com que nós encontramos outras afinidades. Pode haver pessoas machistas que tenham afinidades comigo noutros aspectos.

*Mencionaste que haveria situações em que haveria maior receio de adoptar uma postura mais activa face a estas questões. Podes dar algum exemplo de algumas dessas situações?*

Não, eu acho que... o pessoal manda umas piadas sobre gajas, nem sempre tens de assumir a postura policial, tens de estar a ter atenção, essas coisas, mas podes perfeitamente entrar na onda, com o mesmo humor e o mesmo registo por exemplo, desconstruïres a coisa. Ou não, pura e simplesmente... e a questão do humor é no fundo muito complicada porque uma piada que tu vês quando num contexto privado, num grupo de amigos que sabes que nenhum deles é racista, pode ter piada, faz-se da crueldade, faz-se da desigualdade, faz-se do brincar com as situações às vezes mais terríveis. Aliás, em grupos de amigos em que são por exemplo dominados por pessoal gay ou lésbico é frequente haver piadas sobre isso, e mesmo grupos de amigos em que o pessoal preto é o primeiro a contar piadas sobre pretos, e portanto acho que isso é saudável. Agora, isso às vezes isso é feito com um registo de auto-ironia, outras vezes é feito num registo de machismo mesmo, e aí por exemplo nesse contexto, pá depende da situação, mas quantas e quantas vezes eu tou com amigos que dizem piadas homofóbicas, e piadas machistas e pronto, tu podes ora rir-te ora desconstruir a coisa, ora criticar ora comentar, ora... depende, também depende de muitas coisas, do ambiente e da forma como recebes isso. Mas nessas situações tens de contar com as tuas convicções e o conflito que tens de fazer com as opções.

*Em algumas situações não desconstróis esses argumentos porque simplesmente não te sentes à vontade com isso?*

Sim, é assim se o ambiente for completa e hegemonicamente dominado por essas pessoas que têm esse pensamento, não é de um momento para o outro que tu vais discutir todas as representações que as pessoas têm. Portanto, existe outros momentos em que podes simplesmente sentir que pronto, a coisa ficou lá e que não és tu que naquele momento em particular que vais estar a desfazer todos os anos e anos de socialização e educação que transmitem esses valores. Portanto, acho que isso acontece frequentemente. Agora, eu tento...

*A sociedade é assim hegemonicamente machista e há a necessidade de desconstruir esses elementos...*

Normalmente eu tento desconstruir, tudo depende da forma como o fazes, em particular na questão do humor que é uma das formas mais eficazes de perpetuação do machismo e dos estereótipos de género mas ao mesmo tempo é uma das áreas mais complicadas de tu gerires essa...

*Então o humor é uma das estratégias para reproduzir os estereótipos machistas?*

Sim, da sociedade reproduzir os estereótipos de género, é evidente, como os outros. Mas a questão do humor, exactamente porque é humor e porque não são proclamações... é mais difícil por exemplo na questão do humor tu desconstruís completamente, aliás é interessante porque há uma série de anedotas feministas que são talvez a melhor forma de desconstruir esses estereótipos, é entrar no mesmo terreno também.

*Ou seja, utiliza-se de certa forma a arma da reprodução machista?*

Não, porque o humor não é uma arma da reprodução machista, é uma arma da reprodução machista num contexto machista, uma arma de reprodução de outros valores... o humor em si não te reproduz nenhum valor, o que usa é o conteúdo das piadas, o humor é uma estratégia, é uma abordagem, não sei bem como definir, mas uma forma de discurso, tu podes é utilizá-la a favor das ideias que tu defendes ou não.

*Isso é interessante porque tu usas a arte de certa forma para passar a mensagem dum mundo mais habitável para todas as pessoas, sem discriminações. O humor também se insere nessa tua actividade?*

Sim, acho que sim, acho que é uma boa forma... aliás nós temos visto, por exemplo, quando foi esta questão do PNR [Partido Nacional Renovador], eles fizeram um cartaz racista contra a imigração e os Gato Fedorento fizeram um outdoor ao lado a dar uma tanga descomunal ao outdoor dos fascistas, e foi a forma mais eficaz de ridicularizar. Eu acho que esse outdoor fez mais pelo discurso anti-racista do que muitos dos discursos sérios de oposição àquele outdoor, portanto aqui pode ser uma estratégia interessante, como a arte também é uma estratégia interessante, porque a arte convoca os teus sentidos, não apenas a tua racionalidade cognitiva, instrumental, etc., mas também a tua dimensão emotiva, afectiva, da performance, acho que tu não apelares apenas à racionalidade das pessoas mas consegues jogar com outros elementos acho que é uma boa forma de mudar as ideias que temos e a forma como as ideias se estruturam.

*E no teu trabalho político e também no [actividade], o que é que tu fazes... inseres o género numa série de outros temas, não é?*

No [actividade] normalmente surgem as questões de género. Há um exercício muito engraçado, que eu já fiz várias vezes, que é por exemplo ter um círculo de rapazes e ter um círculo de raparigas, um círculo interior e um círculo exterior, portanto os rapazes tão em círculo e à volta dos rapazes forma-se um círculo de raparigas, depois uma rapariga vai ao meio, os rapazes fecham os olhos, ela faz

um gesto que corresponda à imagem que ela tenha dos rapazes, um estereótipo também, e depois os rapazes ouvem um som, ela volta ao seu lugar, eles têm de abrir os olhos e fazer o gesto que eles acham que é correspondente aquele som uma vez que eles não viram. Isto é muito interessante porque depois dá para discutir as imagens que os rapazes têm das raparigas e que as raparigas têm dos rapazes, porque isto depois inverte-se, depois de as raparigas terem feito isso, os rapazes ficam do lado de fora, fazem os rapazes isso. São uns exercícios por exemplo que eu faço no Teatro do Oprimido frequentemente, outra coisa engraçada por exemplo nos workshops de [actividade] que eu fiz já aconteceu várias vezes perguntar sobre as diferenças entre rapazes e raparigas, as pessoas dizem 'ah, não há diferença nenhuma', e uma das formas interessantes de verificar isso é dizer 'ok, então vamos fazer uma imagem, uma estátua com o nosso corpo, uma estátua sobre a hora do dia a que eu disser', então toda a gente faz, uma às oito da manhã, os participantes fazem uma estátua do que normalmente estariam a fazer aquela hora, nova da manhã, dez da manhã, seis da tarde, sete da tarde, oito da noite, nove da noite, dez da noite, onze da noite, meia-noite, uma da manhã, eles vão fazendo estátuas, e as mesmas pessoas, e isto é interessante até se tu divides o grupo e ficar metade a assistir e metade a fazer e depois o contrário, as pessoas que dizem 'ah, não há diferenças entre rapazes e raparigas', depois chegas à estátua das oito da noite, tens os rapazes no sofá e elas na cozinha, suponhamos, ou chegas à estátua... pronto, há muitas estátuas que no fundo simbolizam o que as pessoas estão a fazer naquele momento e em que as próprias dizem 'ah, não há diferenças', olhando para as estátuas do que rapazes e raparigas fazem durante um dia típico, percebem as diferenças de género que existem nas próprias actividades que nós fazemos, isso é giro porque isso permite confrontar as pessoas que normalmente dizem, os jovens, não é, 'ah não, não há desigualdade, não há diferença', confrontar as pessoas com as diferenças de actividades, com as diferenças dos tempos livres, com as diferenças de... pronto, com as diferenças de género. O mesmo, por exemplo, nos workshops várias vezes quando estou a trabalhar com jovens, surgem as questões da diferença de horário de saída, ou seja, os pais deixam os rapazes sair até mais tarde, só deixam as raparigas saírem se forem acompanhadas com o irmão, mesmo que o irmão seja mais novo, dessa diferença de horas que impõem de chegada a casa, portanto já várias vezes nesse tempo fui abordado ao longo das oficinas de [actividade]. Do ponto de vista político eu acho que ainda há muito a fazer, é verdade que as leis crescentemente têm assegurado uma igualdade legal, uma igualdade formal, uma igualdade perante a lei, e portanto nesse âmbito há muito que já foi feito, mas nós continuamos a saber que ainda assim em termos de distribuição de tarefas domésticas há uma desigualdade brutal, em termos de cuidar dos idosos e de pessoas doentes, há uma desigualdade brutal entre homens e mulheres e quem assume essa responsabilidade, em termos de salários há ainda uma desigualdade mesmo apesar da lei dizer que não é permitido que em funções iguais homens e mulheres tenham salários diferentes, mas essa realidade existe, ainda há pouco nós, aqui o grupo do [organização política], as deputadas do [organização política], fizeram

uma carta ao Procurador da República sobre esse assunto, sobre a desigualdade salarial, e o que é que ele pensava fazer para intervir, mais... prontos, acho que politicamente é sempre importante ter essa preocupação da igualdade de género, não como uma espécie de tema à parte, mas como preocupação que é transversal a todo o tipo de propostas e a todo o tipo de políticas que tu possas pensar.

*Ou seja, a ideia é que não devemos particularizar os temas... género, orientação sexual e outros, mas que todos os temas...*

Não, há momentos em que tu precisas de os particularizar se tiveres uma proposta concreta. Agora foi discutida aqui uma lei contra a discriminação em função do género no acesso a bens e serviços. Certo, é uma lei específica para combater a discriminação no acesso a esses bens e serviços, nomeadamente nas questões dos seguros, nomeadamente... pronto, todo o tipo de questões. Aí é importante haver leis específicas sobre o tema, o mesmo para a questão dos gays, lésbicas, bissexuais e transgéneros, que é preciso que haja leis específicas, um trabalho sectorial e específico sobre o assunto. Mas é importante não acantonarmos o trabalho político sobre essas questões às questões específicas que dizem respeito a essa população e portanto incorporarmos preocupações com a igualdade de género, com a igualdade no que diz respeito à orientação sexual e à identidade de género no conjunto das propostas políticas que tu fazes. Exemplo concreto: nós apresentamos uma lei do arrendamento urbano, a lei do arrendamento urbano aparentemente não tem nada a ver com o género nem com a orientação sexual nem com outras coisas, mas nós pusémos, um dos artigos da proposta de lei que nós fizémos que de resto foi rejeitada pela maioria, mas era 'ninguém pode ser discriminado no acesso ao arrendamento em virtude do seu género, da sua orientação sexual'... são coisas que até já estão consagradas pela constituição mas a declaração genérica da Constituição muitas vezes não assegura que na prática esses direitos estejam consagrados e portanto sempre que tu possas especificar para cada área concreta e reafirmar esses princípios de não-discriminação ou tipificar as situações de discriminação que a lei não deve aceitar, que a lei enquanto expressão de uma vontade colectiva, de uma regra de vivência colectiva não deve aceitar, acho que é positivo que tu o faças, nessa medida é que eu acho que é importante que do ponto de vista do trabalho político seja aqui na Assembleia, seja o trabalho político que fazes num movimento social, seja um trabalho político que fazes numa associação de estudantes, seja o trabalho político que fazes enquanto investigador, seja o trabalho político que fazes enquanto professor, porque todas essas funções têm a dimensão política não partidária mas política, acho que é importante que estas questões estejam presentes. Quanto tu estás enquanto investigador a seleccionar uma determinada problemática é por isso que existem correntes feministas e que têm um contributo muito grande no âmbito das ciências sociais, é uma escolha política tu integrares ou não a dimensão do género na forma como vais olhar para aquele problema, porque se tu quiseses olhar aquele problema tendo também, não digo exclusivamente, muitas vezes também é redutor, quantas vezes é redutor olhar as

questões unicamente sobre uma perspectiva de género, mas acho que se tu integrares esta perspectiva de género na forma como analisas um determinado fenómeno, isso vai-te dar uma formação que tu não terias se olhasses para a mesma realidade a partir de outros critérios. Por exemplo, os critérios que tu escolhes para olhar uma determinada realidade, para construir o olhar que tens sobre uma determinada realidade, influencia uma imagem que tu vais ter dessa mesma realidade, nesse sentido também há escolhas políticas, neste sentido mais vasto, de política de investigação, que influenciam as tuas decisões aparentemente mais objectivas no âmbito até da metodologia etc, e a escolha no âmbito da metodologia vai-te dar dados diferentes, por isso é que se diz que os dados são construídos não é, são dados construídos pelo investigador. Pronto, eu acho que em todas as actividades que tu faças seja na actividade partidária seja num movimento social, numa associação de estudantes, enquanto investigador, enquanto professor, se tu tiveres esta preocupação com as questões de género certamente que isso influencia a maneira como tu te relacionas com a própria realidade.

*E nas tuas actuações públicas, na tua vida enquanto político, na tua vida enquanto sociólogo, quando tu apresentas um trabalho sobre género unicamente, se alguém te perguntar, não sei se já aconteceu mas é uma situação hipotética, em que alguém te pergunta se és feminista ou não, qual é que seria a tua reacção, terias algum problema em dizer que eras feminista?*

Não, mas eu acho que muitas vezes algumas das discussões políticas e académicas se prendem demasiado aos rótulos, ou seja, eu tenho uma análise nas ciências sociais, isso depois cruza-se com a tua própria postura política etc., tenho uma análise que é muito influenciada pelo marxismo, pelo feminismo, em parte das teorias queer e por outras correntes de pensamento, de alguma forma do chamado estruturalismo genético do Bordieu e outras, mas há muitas vezes... as discussões académicas são discussões absurdas sobre os rótulos. Pensa por exemplo no que é o pós-modernismo, na categoria 'ah esse tipo é um pós-moderno' que funciona às vezes como insulto, às vezes como glorificação, há muitos pós-modernismos, e há contributos do pós-modernismo que até são mais modernistas do que pós-modernos. E às vezes, eu acho que... eu tento sempre que a minha faceta feminista, a forma feminista, os conceitos feministas que eu utilizo, a lente feminista que eu utilizo muitas vezes, ou mesmo com a lente marxista, mesmo com outras lentes com que nós olhamos a realidade, tento sempre preservar mais o conteúdo disso do que prender-me aos rótulos, tanto me faz que as pessoas... isto é, não tenho nenhum problema em dizer 'sim senhora, isto deriva de uma visão feminista sobre a realidade', aliás acho que o feminismo enquanto corrente teórica tem contributos muitíssimo importantes, determinantes até na forma como nós hoje olhamos pró mundo, pensamos sobre o mundo. O mesmo em relação ao marxismo, há conceitos marxistas que são fundamentais na forma como qualquer pessoa hoje olha o mundo. No âmbito do trabalho eu normalmente não tenho... vejo mais vantagem em preservar os instrumentos de

análise do feminismo, os instrumentos de análise do marxismo, e portanto no fundo os contributos teóricos e metodológicos que cada uma dessas correntes nos dá como outras, do que propriamente em fazer uma proclamação de identidade, sobre 'este trabalho é marxista, feminista, estruturalista, não sei quê', acho que é um bocado infantil essa proclamação. Agora reconheço que é importante que haja pesquisas que se estruturam de uma identidade, de uma corrente feminista, acho que é importante, tenho todo o respeito por isso, o mesmo é válido para o marxismo ou para outras correntes, aliás também é um bocado fácil tu pores-te na perspectiva do ecletismo metodológico e teórico e dizes, 'ah não, eu acolho o que me interessa de cada coisa', não, acho que não tem mal nenhum tu comprometeres-te com uma escola e tu comprometeres-te com uma linha de pensamento, até porque nós tamos sempre comprometidos com linhas de pensamento e portanto não tenho nenhuma necessidade de esconder as minhas opções teóricas e as minhas opções metodológicas, como não tenho nenhuma necessidade de esconder, e não sinto essa necessidade, de esconder as minhas opções políticas e as minhas convicções ideológicas. Portanto, se é preciso afirmá-las, não tenho qualquer problema com isso, agora não faço dessa proclamação uma... pronto, quer dizer, acho quer dizer a minha identidade também enquanto sociólogo e enquanto... não se faz a partir de 'eu pertenço a esta família', mas mais a partir de cada investigação concreta como é que nós nos posicionamos, é evidente que se for preciso, se alguém perguntar 'ah, mas essa é uma perspectiva feminista?', 'É', 'E tu partilhas dessa perspectiva?', 'Partilho'. Um, não rejeito essas categorias, acho que elas são importantes, dois, acolho os contributos quer do marxismo quer do feminismo, como de outras teorias, três, se for preciso e se me perguntarem, 'Mas tu és marxista, mas tu és feminista?', eu não tenho nenhum problema em dizer que sim, mas acho a pergunta um bocadinho infantil porque mais do que saber, mais do que tentar encaixar aquela pessoa e aquela análise numa gaveta, o que interessa é discutir o conteúdo dessa análise, portanto, eu poderei dizer que sim mas responderei com uma pergunta que é 'Ok, e no concreto, isto é útil para nós pensarmos esta realidade? Nós podemos sequer conceber esta realidade e percebê-la sem recorrer aos contributos feministas e marxistas, sem ter em conta a questão da classe, a questão da exploração, a questão do capitalismo, sem ter em conta a questão do patriarcado, é possível sequer pensar seriamente na análise deste fenómeno sem ir a estas questões?, é possível nós analisarmos uma parte importantíssima dos aspectos da nossa sociedade sem percebermos que ela é marcada por duas estruturas de poder que a estruturam completamente, que é o patriarcado e o capitalismo? Eu creio que não, não é? Portanto, eu acho que a análise do patriarcado e do capitalismo enquanto grandes sistemas de poder que estruturam as relações sociais e as instituições acho que são fundamentais se nós queremos ter uma visão... pronto, heurística da nossa realidade. Agora, também é importante nós tecermos críticas às próprias escolas com que nos identificamos e percebermos quais são as suas limitações, percebermos como é que o cruzamento entre umas e outras correntes de pensamento podem enriquecer, e portanto não nos fecharmos ou nos cristalizarmos numa perspectiva única de



análise das situações. Agora, é evidente que tu em cada momento tens de fazer escolhas, escolhes privilegiar esta dimensão, ok, mas podes privilegiar a dimensão de género, ou a dimensão não sei quê, escolhes privilegiar o nível macro, são escolhas que tens de fazer a cada momento. Portanto muitas vezes até por questões de exequibilidade do teu projecto de investigação e da tua... tens de fazer escolhas, quais são os níveis que tu vais privilegiar, quais são as dimensões a que vais estar mais atento, e nessas escolhas se é preciso assumi-las, é assumi-las de cara lavada e sem nenhum problema.

*E relativamente à mudança, que tipo de recursos é que tu achas que existem, que deveriam existir...*

Essa mudança em relação a quê, desculpa?

*A mudança a nível de género, como é que os homens podem mudar...*

Eu acho que a mudança mais significativa para alterar os papéis de género, foi a entrada da mulher no mercado de trabalho, isso foi uma revolução completa, a forma como se percebia a própria função social dos homens e das mulheres. Depois há outras mudanças que são mais paulativas, que demoram mais tempo, que é preciso aprofundar, e isso tem mais a ver com a questão das mentalidades. Como é que a mudança social se faz?, eu não acredito que a mudança social se possa fazer apenas pela mudança legislativa, acho que é importante haver leis mais incentivadoras da igualdade de género, acho que é importante evidentemente haver um conjunto de serviços em termos de equipamentos sociais, de apoio social, que correspondem àquilo que são, àquelas funções que sobrecarregam nas mulheres e que devem corresponder a um esforço de distribuição na sociedade, de homens e mulheres, e aí o estado tem um papel importante ao fornecer esses equipamentos, ao construir esses equipamentos, essas respostas sociais, de permitir uma maior igualdade de género, e mesmo do ponto de vista no que diz respeito à participação política, no que diz respeito à igualdade no trabalho etc, as leis são importantes, mas as leis por si só não produzem transformações sociais, as leis normalmente consagram transformações sociais, cristalizam essas transformações e podem por vezes ser um instrumento de aceleração dessas mudanças ou de assegurar essas mudanças, o caso da participação política das mulheres, a discussão sobre as quotas, etc. Agora a mudança é uma mudança social por isso é que eu acho que alguém que esteja preocupado com a transformação social tem que articular o nível legal com o nível do activismo e no activismo há imensas coisas que se podem fazer, há campanhas de sensibilização que tentam mudar um bocado as representações de género, há o teatro do oprimido que eu acho que é uma ferramenta que é muito importante, uma ferramenta com que eu gosto muito de trabalhar, que permite também trabalhar também muito essas questões do ponto de vista da acção, do ponto de vista performativo, ou seja como é que nós mesmo tendo um discurso que é igualitário temos práticas que não o são? [Inteligível] não

te adianta nada fazer um discurso, tens é uma situação concreta e tu dizes'opá, isto não devia ser assim', 'então mostra-nos como é que devia ser', e a pessoa representa como é que devia ser, e ao representar, ao actuar como é que devia ser, tu percebes a dificuldade muitas vezes de mudar comportamentos, de mudar relações, mesmo quando tu do ponto de vista intelectual já tens aquilo por adquirido, já adquiriste uma série de pressupostos, de princípios, e portanto eu acho que é muito importante este tipo de... é importante a intervenção do lado do estado de assegurar leis que consagrem a igualdade de género, de assegurar serviços, apoios, assegurar tudo isso, e é importante a mudança de mentalidades e comportamentos que se faz necessariamente por via do activismo social, por via da intervenção, por via da educação também, por via da emancipação, da luta das pessoas e que se faz no espaço público como no espaço privado, no espaço doméstico, acho que um dos grandes contributos do feminismo foi dizer que o privado também é público, ou seja, que a esfera doméstica não era uma esfera em relação à qual a democracia estivesse... pronto, também não era uma esfera aparte da democracia. A visão liberal da democracia tendeu a confinar a democracia ao espaço público e ao espaço do estado. A democracia é o espaço público mas democracia é também o espaço doméstico, porque não haverá democracia enquanto o espaço doméstico não for marcado por relações democráticas e não há relações democráticas enquanto houver dominação patriarcal no espaço da família. Democracia é também o espaço da produção, ou seja o espaço do trabalho, e não há democracia enquanto no espaço da produção não vigorar os princípios democráticos, nós aceitamos que a sociedade deve ser gerida pelo princípio democrático de uma pessoa, um voto, mas achamos escandaloso, eu não acho mas a maioria das pessoas acharia escandaloso, que as empresas fossem geridas pelo princípio democrático de uma pessoa, um voto, porque intervem aí o factor capital que faz com que hajam umas pessoas que decidam e outras que obedecem. A democracia é isso, é nós não ficarmos a obedecer toda a vida, podermos intervir, portanto participar, acho que é importante que a democracia se alargue ao espaço doméstico e acho que isso é um contributo fundamental do feminismo, como acho que é importante que se alargue ao espaço da produção, como a todos os espaços da vida social.

**Bruno (Participante 2)**

**7 Maio 2008**

**Entrevista 3**

**± 14 mins**

*Tinha algumas dúvidas sobre o que disseste na entrevista anterior, pronto novamente estas são questões pessoais, coloco as questões e depois peço que te sintas à vontade para responder ou não, da forma como quiseres obviamente. Quando disseste que nunca te identificaste muito com a forma mais rígida do próprio papel de género masculino, isto é, a cultura masculina e feminina, em muitos aspectos, nunca te atraiu particularmente. Será que podias demonstrar alguma situação, aprofundar esta ideia?*

Epá, é difícil mostrar-te algumas situações, mas basicamente eu acho é que nós somos, estão-nos sempre a ensinar modelos não é, modelos do masculino, modelos do feminino, e pronto esses modelos pressupõem uma série de comportamentos em relação aos quais tu dizes 'eu não tenho de reagir assim', epá em último caso o exemplo mais absurdo será o do homem que é sensível e chora e que é mariquinhas porque que não tá a corresponder ao seu papel masculino, sempre achei isso um bocado absurdo, acho que essas características, de qualquer maneira essas características não é necessariamente nem de homem nem de mulher nem faz de uma pessoa mais homem ou mulher por ser mais ou menos sensível, mais ou menos... por exemplo.

*Depois, quando te perguntei sobre a mudança a nível de género, como é que os homens podem mudar, tu referiste a ideia de que não existiam equipamentos sociais e que o estado tinha uma grande responsabilidade, isto mais a nível de transformar as posições das mulheres face ao poder, nomeadamente a ingressão da mulher no mercado de trabalho...*

Provavelmente a ideia seria que o facto das tarefas domésticas estarem concentradas sobre as mulheres que é um factor importante da própria emancipação socializar essas tarefas que são feitas em casa mas de alguma forma socializar ainda mais num contexto em que muitas mulheres, a maioria das mulheres está no mercado de trabalho e em que portanto a existência de creches, lavandarias públicas, sítios onde os idosos com problemas possam ser acompanhados tudo isso ganha uma importância crescente. Quanto mais estado social existe nesse aspecto, nesses equipamentos, e portanto quanto menos estado providência é construído para responder a essas necessidades, mais entra em funções a família providência, a família que substitui o estado de providência ou que ocupa o seu lugar quando ele é frágil e isso tendencialmente sacrifica as mulheres porque são elas que acabam por a maior parte das vezes assumir essas tarefas, pronto é isso, o cuidar dos idosos, o lavar a roupa, uma série de coisas, os infantários para os filhos, em geral quanto menos estado de providência, o estado

de bem estar social houver nesses domínios, porque vivemos numa sociedade machista e conservadora etc., essas tarefas tenderão a ser, a cair sobre as costas das mulheres, o que tá errado não é, mas é isso que acontece. Talvez tenha sido alguma coisa à volta disto que eu tou a dizer...

*A minha questão era a nível dos homens, a minha questão era se achas que existem recursos sociais, estes equipamentos sociais, para possibilitar uma maior actividade dos homens no sentido de lutarem pela igualdade de género... não sei se estás a perceber a pergunta...*

Não, não tou sequer a perceber a relação.

*Como assim?*

Não tou a perceber a relação entre a existência dos equipamentos, se essas relações são maioritariamente assumidas pelas mulheres liberta as mulheres, mas não faz necessariamente os homens participarem mais...

Não, não...

...distribuem socialmente essas tarefas.

*Sim, nem eu estou a dizer que faz participar mais. A minha questão é mesmo como é que nós podemos fazer com que, pensas que é preciso criar recursos diferentes dos que existem actualmente ou pensas que já há os recursos suficientes para que os homens tenham uma postura mais activa nestas questões da igualdade de género?*

Mas que tipo de recursos?

*Se tinhas alguma ideia, se alguma vez tinhas pensado nisso, porque assumes-te como um homem feminista que está interessado nisso, à tua volta pensas que há recursos para que de uma forma geral possam tornar mais fácil a tua luta pela igualdade de género?*

Sim, então, quer dizer eu acho que esses equipamentos que nós estávamos a falar facilitam essa luta, ela não acontece e eles não levam automaticamente a uma maior partilha de tarefas, mas facilita essa distribuição e essa assunção, em particular acho que em meios mais pobres, portanto isso é importante, portanto a maioria das famílias que não tem dinheiro para ter empregada ou não sei quê, não nos esqueçamos desse aspecto. Em relação à participação dos homens acho que tem também muito que ver com uma questão de estrutura relacional, portanto o trabalho social e político a fazer é imenso e é um trabalho que é de, se quisermos usar a expressão 'mudança de mentalidades', que é de realmente reconfigurar a maneira como as tarefas associadas ao género e a própria construção social dos

géneros. Esse tipo de políticas pode favorecer, porque sempre que nós libertamos as mulheres, isso é uma condição importante para as próprias mulheres exigirem uma participação diferente dos homens, porque isso tudo constrói igualdade e a igualdade não vai ser outorgada pelos homens, vai ser conquistada pela força da reivindicação das mulheres e dos movimentos que tendo mulheres e homens mas que incorporem este ponto de vista.

*Tenho algumas breves questões mais relacionadas com a teoria destas áreas... tens alguma relação com o movimento LGBT no sentido de aderires a algum evento público, de...?*

Sim.

*Podes aprofundar algo se possível?*

Eu colaboro com as associações, estou neste momento aliás a fazer um trabalho que envolve as associações, Panteras Rosa, ILGA, Clube Safo, rede ex aequo, não te prives. Sim, já fui a várias sessões públicas, eu próprio já organizei sessões públicas sobre o tema.

*Então, o que é que pensas das reivindicações das pessoas LGBT, por exemplo a ideia da adopção, do casamento?*

Acho que não faz nenhum sentido haver um estado que tem na sua constituição a proibição da discriminação e depois atribui direitos em função da orientação sexual de alguém, acho que não faz nenhum sentido o casamento ser atribuído só se tu fores heterossexual é que podes casar, acho um absurdo, acho que a orientação sexual não tem de contar para se casar, os direitos devem ser independentes da orientação sexual. As pessoas não podem ser, não pode haver uma parte da população que não tenha os mesmos direitos só porque dorme com este ou aquele, acho que isso é um absurdo completo. Em relação à adopção a mesma coisa, acho que o único critério a ter em conta na adopção é a preocupação com as crianças, dentro da preocupação com as crianças o que se deve assegurar carinho, afecto, condições de estabilidade emocional, condições de sustentação económica, e portanto qualquer pessoa, porque não são só casais não é, as pessoas já podem adoptar, as pessoas individualmente já podem adoptar, qualquer pessoa deve poder fazê-lo se corresponder a esses critérios, integrar nesses critérios um critério de discriminação impedindo de uma criança de ser adoptada por uma pessoa que lhe dá todas essas condições em função do companheito que essa pessoa tem, ou da companheira, é um absurdo completo do meu ponto de vista. Portanto apoio completamente, acho que são coisas tão básicas que já deveriam estar resolvidas há décadas.

*Última questão, o que é para ti a mudança em termos das questões de género, imaginemos uma visão de futuro, imaginemos daqui a dez, quinze anos, o que é*

*que tu gostarias que nós já tivéssemos alcançado?*

Acho que há coisas básicas que não estão alcançadas, coisas materiais. Igualdade salarial não existe em Portugal, é mentira, partilha de tarefas domésticas não existe em Portugal, é óbvio, fim da violência sustentada numa relação de opressão machista, a violência doméstica acontece muito porque é uma relação social de dominação dos homens sobre as mulheres, nós hoje, ontem, foi divulgado que dezassete mulheres que morreram nestes três meses, nestes primeiros três meses de 2008. Portanto são coisas primárias que são fundamentais e é muito chocante que nós em Portugal e noutros países ainda vivamos com essas desigualdades. E depois em termos mais, digamos, de longo prazo, porque é um trabalho mais, quer dizer todo ele é, mas acho que era importante que nós pudéssemos, construindo essa igualdade, libertarmo-nos dos espartilhos de identidades pré-formatadas que nos são impostas, portanto podermos construir a nossa identidade, também a identidade de género, mais libertos em relação aos estereótipos e às caixas que nos fecham em determinadas formas codificadas. No fundo, recusarmos as ideias essencialistas sobre qualquer identidade seja ela... seja ela qual for e também vermos respeitado o direito que nós temos à identidade quando a igualdade é uma forma de nos homogeneizar, é bom que haja esse direito à identidade, lutar por esse direito à identidade, afirmar essa identidade, é fundamental reconhecer noutra pessoa o direito de reivindicar uma identidade dessas, seja no género, orientações sexuais, etc., e de a usar como forma de luta e forma de reivindicação, seja que eu sou homem, seja que eu sou mulher, seja que eu sou hetero, seja que eu sou homo, seja eu sou índio, tudo o que quer que seja, todas essas identidades têm de ser respeitadas e é bom que elas possam não ficar fechadas sobre si mesmas.

*Ok, então por mim acabávamos, não sei se queres dizer mais alguma coisa...*

Não.

**Joel (Participante 3)**  
**28 Fevereiro 2008**  
**1º e 2º entrevistas**  
**± 144 mins**

*O que eu queria nesta primeira entrevista era saber quais é que foram os eventos, o evento ou os eventos, que levaram a que se considerasse feminista, ou seja, uma história do que é que aconteceu para que se tornasse feminista, a progressão de não feminista para feminista.*

Bem, eu sou daqueles casos, não sei qual é, como direi... não sei como, como não conheço estudos sobre a questão dos homens feministas, não há muito de facto, não conheço muito bem qual é, se há muitos casos como o meu ou não. De qualquer forma eu não me lembro de nenhuma fase em que não fosse feminista, ou melhor, digamos que tive desde sempre uma consciência a que eu chamaria proto-feminista. Teve que ver com experiências familiares, a minha mãe sempre teve preocupações feministas, a minha avó materna também, e sempre nos vimos, eu e o meu irmão confrontados com uma mãe que trabalhava, que tinha sido uma das primeiras - nós vivíamos no Alentejo quando éramos miúdos - uma das primeiras pessoas a tirar a carta, ganhava mais do que o meu pai, o que era uma coisa curiosa, era raro naquela altura isto acontecer, e portanto sempre muito independente e muito consciente das discriminações que afectavam as mulheres. E ouvíamos muito este discurso em casa. E portanto, eu não me lembro de grandes afirmações minhas na infância ou de... para além disso, a minha mãe não permitiria. Portanto, a questão também passou muito por aí, por essa, esse investimento que a minha mãe sempre fez em nos ensinar que os homens e as mulheres eram iguais e que não havia razão nenhuma para haver um comportamento diferenciado. Mais tarde, é na universidade que a coisa de facto se concretiza nomeadamente através do contacto com [texto omitido intencionalmente]. Outra questão importante para chegar ao feminismo para mim foi a análise da teoria social nos seus vários autores e sempre, à medida que fui progredindo nessa pesquisa e na aprendizagem da teoria social a conclusão a que cheguei é que as autoras feministas e os autores feministas eram aqueles que tinham mais que ver com a minha maneira de encarar o mundo. Portanto, eu comecei por... isso para mim foi muito importante, o contacto com os autores, porque vindo da psicologia que é uma área muito pouco, com muito pouca coisa interessante, eu nunca gostei muito da psicologia portanto também o meu percurso... eu diria que sou psicólogo por um erro, porque nem... até tenho vergonha de falar psicólogo, prefiro pôr investigador em estudos de género ou qualquer coisa porque a psicologia sempre me pareceu uma disciplina extraordinariamente conservadora. E sempre tive muito próximo da sociologia e da antropologia e através do contacto com uma série de trabalhos de investigação na área da teoria social e na área da filosofia também, foi aí que comecei a perceber que onde queria intervir era na área feminista, nomeadamente a partir da leitura do Segundo Sexo, da Simone de Beauvoir que foi uma leitura muito iluminadora

para mim, fez-me perceber uma série de..., ou melhor, fez-me contextualizar uma série de coisas de uma outra maneira. Depois a seguir talvez, depois os clássicos do feminismo também, por exemplo tava-me a lembrar do Sexual Politics da Kate Millet, também me ajudou a perceber uma série de coisas, mas eu passei muito rapidamente para a chamada teoria feminista pós-estruturalista e aí a Judith Butler marcou-me para sempre porque é um tipo de reflexão sobre o feminismo e sobre o género que é, que corresponde um bocado quase a uma revolução copernicana como diria o Kant, é partir do pressuposto de que o sexo não tem absolutamente relevância nenhuma porque o sexo é construído pelo género, e portanto à partida este tipo de posicionamento é absolutamente inovador. Também a Donna Haraway foi muito importante para mim, nomeadamente o Manifesto Ciborgue pela sua capacidade de posicionar as coisas em termos da relação natureza-cultura, da questão da humanidade, que para mim é uma questão muito importante na pesquisa feminista, e portanto foram assim algumas das autoras que mais me marcaram desse ponto de vista. E pronto, depois também no meu caso a questão se calhar coloca-se de uma maneira um bocadinho diferente em relação às outras pessoas que não fazem do feminismo profissão, não é, eu tenho a sorte de ser um feminista profissional, é o que faço na vida e portanto isso também me possibilita se calhar uma actualização muito constante do que são as propostas na teoria feminista, um posicionamento crítico em relação às disciplinas científicas a partir do feminismo, também foi uma coisa que para mim foi importante, essa questão... e depois uma ingressão institucional que me possibilitou fazer este tipo de trabalho, e portanto, eu diria essas foram as principais influências: a minha mãe, a [texto omitido intencionalmente] e depois estas autoras. Para além disso, também foi relevante os contactos que fui mantendo com pessoas na área de estudos de género que me têm ensinado muita coisa, lembro-me por exemplo da [texto omitido intencionalmente]... e de facto são pessoas que têm essa relevância.

*Pronto, então essa fase em que... disse que não se lembra de uma fase em que não fosse feminista, que... mas talvez fosse proto-feminista. Esta ideia do proto-feminismo foi através dos estudos, da universidade...?*

Sim, é uma questão... a Simone de Beauvoir já dizia isso, uma coisa... nós... o feminismo é um processo de consciencialização. Nós à partida... uma coisa é tomar consciência, outra coisa diferente é adquirirmos um capital de conhecimento que nos permite tratar estas coisas e portanto, eu a consciência feminista sempre tive um bocado porque nunca entendi muito bem a questão da diferença entre homens e mulheres, sempre foi uma questão que a mim me suscitou sempre muitas dúvidas. E igualmente também a questão das categorias ligadas à orientação sexual também nunca foi uma coisa que eu conseguisse perceber, estas coisas muito estanques, de um são homossexuais, os outros são heterossexuais, pra mim a realidade não, nunca foi construída com essas categorias muito estanques. E portanto a categoria de homem e mulher sempre foi uma coisa que me suscitou questões, huh, nunca percebi muito bem porque é que



as pessoas se dividem desta maneira e não por terem os olhos azuis, os olhos castanhos.

*Acha que então foi aquele contexto em que cresceu, o contexto familiar e depois os outros contextos em que foi...*

Sim, e depois também o facto de ter tido a sorte de ter umas amigas, desde muito cedo, mais velhas do que eu, que não sendo feministas, ou não se assumindo enquanto feministas, talvez por desconhecimento, tinham no entanto comportamentos muito anti-normativos e eram pessoas que tinham uma vida completamente diferente das pessoas à volta e sempre afirmaram a sua independência que para mim... a questão da autonomia é uma questão muito importante no feminismo, acho eu, e a sua autonomia em relação às outras pessoas e à capacidade de fazer coisas de uma maneira diferente. Ora, foi um bocado essa, essas questões que me fizeram tar desperto pó feminismo, porque de facto, parece-me que é uma questão muito importante, dentro do feminismo as pessoas terem essa, das mulheres não precisarem de pedir autorização a ninguém pa fazer determinadas coisas.

*As mulheres e possivelmente, também, os homens, as pessoas?*

Sim, as pessoas todas, os homens sempre tiveram essa possibilidade, não é, historicamente sempre tiveram essa possibilidade, tirando claro, em situações mais antigas, a questão da escravatura e a questão da pobreza interferiram aí, mas a ideia de homem sempre teve associada uma ideia de independência e de autonomia que se vê nomeadamente nos estudos sobre os estereótipos do masculino e do feminino, isso é muito claro. E portanto, a questão é que, e hoje em dia essa também é uma questão de investigação muito relevante que é: até que ponto, e para mim o feminismo é também um bocado essa discussão também, até que ponto é que esta sobreposição do masculino com a ideia de pessoa, que a Simone de Beauvoir já falava, de que os homens eram tidos como a pessoa, as mulheres eram tidas como a alteridade, como é que esta ideia do humano, que se foi construindo ao longo do tempo é uma ideia que foi sempre excluindo pessoas, foi sempre mandando pessoas fora, eram as mulheres que não interessavam tar ali, eram os homossexuais que não interessavam tar ali, são os transexuais e os transgéneros que não interessa tar ali. Hoje em dia, há aquela discussão também dos intersexos, que também não interessam tar na ideia de pessoa. E de repente, como é que se foi construindo esta noção do humano apenas para excluir grupos humanos dentro dessa noção, o mesmo aconteceu com os negros. E até que ponto é que essa noção não serviu exclusivamente para excluir ao longo da história, e ainda hoje em dia se percebe, eu por acaso é uma coisa que aprendi quando fiz um trabalho sobre a questão dos direitos humanos das mulheres, a conclusão a que se chega é que a entrada das mulheres no grupo dos humanos é uma coisa extremamente recente, eram vistas como uma coisa à parte, que nem podiam usufruir desses direitos, sabendo-se que nalguns países

elas continuam a não usufruir desses direitos e portanto é uma questão extremamente importante, esta questão do que é que esta categoria de humano serviu para fazer ao longo do tempo. E portanto no fundo o feminismo, pra mim, mais do que uma questão que tem que ver com as mulheres, tem que ver com essa categoria do humano, como é que foi utilizada, e o feminismo é uma ferramenta crítica que nos permite perceber como é que isto foi sendo manobrado para excluir. E portanto no fundo é uma questão que é muito importante e sobre a qual me interrogo bastante, e diria que desse ponto de vista o feminismo corresponde a um primeiro movimento de tomada de consciência da importância da democracia, até antes do movimento negro surgiu o movimento feminista, as suas primeiras aparições são durante o período Iluminista, e portanto de alguma forma esse movimento é um movimento que serve quase de base para os outros todos que aparecem a seguir, pó movimento negro, e antes do movimento negro pó movimento anti-esclavagista, para o movimento LGBT, para todos os movimentos que procuram a questão dos direitos civis essa questão acaba por ser absolutamente relevante, porque é uma das primeiras tomadas de consciência da importância da democracia. E aí eu acho de facto que é um movimento que tem essa questão histórica, mas continua com uma energia muito forte para questionar uma série de coisas que ainda acontecem. E pronto, é uma... essa questão histórica também para mim é muito importante.

*E acha que relativamente aos outros movimentos sociais o movimento feminista ainda continua a ter uma energia constante...*

Absolutamente... eu diria que, até que se calhar continua a ser o movimento mais forte de questionamento e de transformação do mundo, é o movimento feminista sem sombra de dúvida. Porque repare que o movimento feminista começa na revolução francesa com uma série de propostas que à partida que têm em si um bocado os genes do que é a modernidade, a questão do acesso igual aos direitos, a questão de que se um regime ainda que não tenha rei, ainda que não tenha privilégios de classe, não atribui os mesmos direitos a homens e mulheres, ele não é uma democracia. Esta ideia está presente desde o princípio. Isto corresponde a questionar à partida todo o processo da Revolução Francesa, isso foi feito por mulheres da altura que não tinham direito a exprimir-se, há aquela célebre frase da Olympe de Gouges que diz, se as mulheres também podem subir ao cadafalso, elas também devem poder subir à tribuna, que é a questão do acesso ao poder político, que lhes era obviamente negado, não é, na altura nem o direito ao voto quanto mais ao acesso aos cargos políticos. Depois tem toda uma vaga que surge a partir daqui que vem ser conhecida pelo movimento sufragista, que é um movimento preocupado com a questão do acesso específico aos direitos políticos. Depois tem as guerras onde o feminismo pára sempre, que é uma coisa sempre impressionante. Na história do século XX o feminismo parou um bocado na altura das guerras, mas logo a seguir às guerras tem a publicação da Simone de Beauvoir do Segundo Sexo e o início da segunda vaga do feminismo em que aí há todo um questionamento de toda a realidade de uma forma diferente, já não é só a

questão política, é a questão económica, a questão do emprego, a questão da educação, a questão sexual, nomeadamente as questões da raça entre aspas, as questões étnicas também começam a ser importantes, e tem de facto mudanças radicais na vida das mulheres a partir deste momento. Das mulheres e não só. Das mulheres, dos negros, dos homossexuais, de uma série de grupos sexuais que vão beneficiar directamente dessa experiência do feminismo. A terceira fase do feminismo é o feminismo de estado, é passarem a haver em cada governo comissões para a igualdade, preocupações que se vão espelhar directamente na legislação de cada país, repare que hoje em dia um dos indicadores de desenvolvimento da ONU é o grau de igualdade de género de cada uma das sociedades, ora isto corresponde a responderem a contestações que o feminismo veio a colocar e que entretanto se foram transformando em instituições. Ora, isto parece-me que é um dos movimentos com mais sucessos na história, porque partiram de uma situação de absoluta desigualdade para chegarem a conseguir que a ONU de repente integre como indicador do desenvolvimento dos países a questão da igualdade entre homens e mulheres. Em Portugal tivemos um exemplo muito recente, o ano passado, com a questão dos direitos sexuais e reprodutivos no quadro do debate sobre a interrupção voluntária da gravidez. Portugal é um país que desse ponto de vista tem uma história, tem um feminismo muito constrangido por quarenta e oito anos de ditadura, foi muito difícil a luta feminista em Portugal até porque... eu por acaso estou agora a escrever um artigo sobre isso, e portanto tenho esta questão muito fresca na cabeça, que nós aqui em Portugal temos um feminismo de primeira vaga muito forte ligado ao republicanismo, ligado à transição da monarquia pá república, depois elas foram todas traídas imediatamente porque não as deixavam votar apesar de terem lutado imenso pela república, os seus próprios companheiros de partido não as deixam votar, depois entramos na ditadura e o feminismo na ditadura foi sistematicamente exterminado e silenciado, até porque a própria base da ditadura portuguesa tem uma componente terrível que é um patriarcado na sua forma mais doce, aparentemente mais doce, é a ideia do paizinho que toma conta dos filhos e toma conta da nação, isto misturado com uma moral católica extraordinariamente conservadora e repressiva e isto põe as mulheres numa posição de subalternidade total em que elas só podem votar se o marido tiver no estrangeiro, por exemplo. E portanto o salazarismo traz consigo uma série de coisas muito complicadas de gerir, que se vêm a constituir como um obstáculo para o feminismo de segunda vaga que praticamente não há em Portugal a não ser com a publicação das Novas Cartas Portuguesas, do livro das Três Marias, e da sua consequente... e é engraçado que a questão do livro ter ido a tribunal foi muito relevante porque precisamente foi isso que começou a despertar alguma consciência feminista em Portugal. [pausa] Tava a falar um bocado do feminismo português... quando se dá a publicação do livro das Três Marias aí as pessoas começam a despertar as consciências precisamente por causa da questão do processo em tribunal por pornografia e atentado ao pudor, porque falava de orgasmos femininos, não é... e aí essa questão fez despertar uma série de mulheres pra isto. E o que acaba por acontecer é que um dos primeiros

movimentos feministas que vem a surgir logo no 25 de Abril é marcado pelas protagonistas deste acontecimento, e por outra pessoa que morreu há pouco tempo, a Madalena Barbosa, que teve um papel muito importante na criação do movimento de libertação, MLM, das Mulheres, eu agora ia dizer Feminina porque é o Francês, é o MLF. E de facto isso vem começar a construir este movimento em Portugal que depois encontrou nomeadamente na legislação europeia que Portugal foi adoptando ao longo do tempo, o que aconteceu foi que os direitos das mulheres em Portugal foram atribuídos por decreto, sem uma grande consciência da parte das pessoas da importância de lutar por esses direitos e da importância da questão feminista em Portugal. Como esses direitos foram muito atribuídos por decreto, chegámos muito rapidamente a um título de ausência de consciência feminista generalizada e portanto é como se as questões dos direitos das mulheres fossem uma espécie de factos que se sobrepõem às pessoas, e de repente o que acaba por acontecer é que de alguma forma as pessoas tomam-nas como questões pouco importantes. Portanto, o que acaba aqui por acontecer é que isto contribuiu para uma invisibilidade do movimento feminista em Portugal e ao mesmo tempo para que se importassem ideias que noutros contextos diferentes, nomeadamente no caso dos Estados Unidos, já correspondem a um país que integrou uma série daquelas noções e agora tem umas pessoas que as contestam, mas aqui em Portugal importámos tudo isso acriticamente, quer dizer, ainda há pouco tempo publicaram um livro da Camille Paglia, que é um livro miserável do ponto de vista académico, aquilo não tem interesse nenhum, tá mal feito, é um livro que é uma espécie de, são uns hypes que ela põe pra lá uns soundbytes pra construir um posicionamento essencialista sobre a questão da diferença sexual e sobre a questão da cultura e da arte sobre a qual eu acho que as opiniões dela francamente más, e aqui em Portugal um livro desses faz um sucesso enorme enquanto que outros livros que teriam imensa importância como, sei lá, o Gender Trouble da Judith Butler, nunca chegam sequer a ser traduzidos. E portanto, vai-se buscar a mediocridade, e vai-se buscar uma série de coisas que tão contestadas nos outros países... eu não tou a dizer pa não traduzirem o livro da Camille Paglia, acho é que deviam também traduzir outras coisas que não trouxessem apenas... quer dizer, é tirar as coisas do contexto. É o que se passa muito aqui em Portugal com as questões do feminismo. De repente fala-se com as pessoas e o feminismo é uma coisa que passou, quando quer dizer, nós ainda por cima temos exemplos tão concretos cá da importância da intervenção feminista, falo nomeadamente da questão da interrupção voluntária da gravidez, em que o movimento feminista de facto tá trinta anos a lutar por isto, conseguiu, e de repente as pessoas passam por cima disso como se as feministas não tivessem tido nada que ver com aquilo, o que a mim até me faz uma certa impressão. E portanto, digamos que... eu também estou muito desperto para estas questões dos media e sou muito crítico de certos posicionamentos que acontecem aqui em Portugal. E pronto, eu acho que fugi completamente à pergunta (risos).

*A minha pergunta era inicialmente sobre o movimento feminista ser geralmente mais crítico do que os outros movimentos sociais...*

Hum... não sei se é mais crítico. O movimento LGBT também tem um potencial crítico muito forte, mas eu acho é que ele também deve muito ao movimento feminista por um lado, e ao mesmo tempo eu tenho mixed feelings em relação a certas coisas do movimento LGBT, nomeadamente sobre uma série de questões que me fazem um bocado de espécie. Mas também nunca me vi... obviamente que tou envolvido de alguma maneira em questões LGBT e tenho tido alguma intervenção, muito pouca, mas alguma intervenção sobre isso, mas primariamente sou feminista e portanto, até que vejo essa minha participação em coisas LGBT como uma decorrência do feminismo. Mas isso também depois tem a ver com as identificações das pessoas e como é que isso funciona. Eu acho, por exemplo, que o movimento LGBT precisa de ganhar outro tipo de visibilidade e precisa de, não sei, precisa de repensar uma série de questões. Acho isso... eu sou muito mais pragmático, mais facilmente fico mais próximo da sensibilidade queer dentro do movimento LGBT do que propriamente das questões mais institucionais dentro do movimento. Mas pronto, isso também cada um terá a sua reflexão sobre isso, eu a minha também é muito inspirada no feminismo, mas de alguma maneira é um movimento que considero também extremamente importante, e quando me convidam para participar em coisas normalmente aceito porque acho que cá em Portugal parece que os académicos têm medo de falar destas coisas, e até de tratar esses temas do ponto de vista de investigação, isso parece-me ridículo.

*E como é que vê possíveis conflitos, por exemplo entre o movimento feminista... não direi conflitos entre o movimento feminista e o movimento LGBT, pode ser outro movimento qualquer, mas poderão existir alguns conflitos. Como é que vê isso em termos da possibilidade de mudança?*

Temos de equacionar aqui várias questões, que é... eu não acho que haja um movimento, não sou nada a favor de unificações dentro dos movimentos. Prefiro esta ideia de que várias vozes vão construir um movimento ou um colectivo, é sempre a várias vozes. E que eu... a ideia de união, ela existe, há um consenso essencial sobre as coisas, mas depois há montes de questões em que não há um consenso e há ainda por cima muita gente dentro do feminismo que tem simultaneamente participação no movimento LGBT ou no movimento negro, quer dizer, é sempre uma questão... as mulheres negras, elas têm que, por um lado, são feministas, pertencem ao movimento feminista ou têm ideias feministas e por outro lado também têm preocupações com as questões ligadas ao movimento negro e ligadas à afirmação da igualdade entre pessoas de etnicidades diferentes. Portanto, à partida os movimentos pra mim são constituídos sempre por pessoas que até podem pertencer a dois e a três ao mesmo tempo e que se aliam numa ideia de democracia. Portanto, como não vejo a coisa à partida muito unificada, os eventuais conflitos, é que nem tou a ver.... quer dizer, há alguns conflitos, de umas tipas que se dizem feministas, mas que eu não acho nada que sejam feministas (risos), as francesas sobre a questão do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Mas eu à partida já as acho, eu sou muito crítico em relação à ideia de um

feminismo assente na diferença, que é a teoria que vai dar origem a essa rejeição, é a ideia da diferença entre os sexos. E portanto à partida eu já as ponho de fora, eu pra mim elas são umas coisas conservadoras que... portanto, não sei muito bem como é que hei-de responder a essa questão porque acho que as pessoas têm múltiplas inserções, múltiplos posicionamentos e não há uma visão única. Tal e qual como também fico horrorizado quando oiço pessoas do movimento... pessoas do movimento LGBT não, porque a maior parte das pessoas também tem esta, também se preocupam com a questão da igualdade de género, não é, mas por exemplo pessoas homossexuais ou bissexuais a fazerem afirmações sobre a questão do acesso aos direitos reprodutivos das mulheres e nomeadamente do aborto, manifestando-se contra, faz-me impressão, mas... não sei se se trata de um conflito entre movimentos, porque a maior parte das vezes há... repare que as causas de progresso são partilhadas pelos dois e vê-se muito a participação de feministas em questões ligadas a questões LGBT e o inverso também. Portanto... mesmo com a questão do movimento negro, sempre houve um feminismo negro, o próprio feminismo tem muitas cores, muitas maneiras de pensar as coisas, e portanto de alguma forma, ainda que hajam sectores feministas antagónicos a certas coisas, isso não quer dizer que o movimento feminista, até porque não há um... há os feminismos, não há um... portanto, nunca consigo pôr a coisa assim nessa... em termos tão simples quanto um conflito entre movimentos, porque eu acho que há aqui muitas pontes.

*Mas por exemplo, dando um exemplo dos Estados Unidos da América, em que o movimento negro e o movimento feminista, pronto, falando muito linearmente, as mulheres negras, mas também por serem mulheres, estavam divididas, pronto, linearmente, divididas entre o movimento feminista e o movimento negro, estou a pensar por exemplo na bell hooks, não sei se...*

A bell hooks, sim sim sim.

*Ela é bastante crítica do movimento feminista e do movimento negro, porque ela é uma pessoa que...*

Tem uma dupla inserção.

*... ela é uma espécie de ponte entre os dois movimentos. É mais nesse sentido que eu gostaria de pensar como, até que ponto é que o feminismo também não desenvolveu uma capacidade tão crítica, mesmo para dentro de si, por parte de pessoas...*

Claro.

*... que eram dentro do próprio movimento, alvo de crítica.*

Claro que há. Mas isso... a essência do feminismo é isso.

*É a crítica?*

É. Para mim é, pelo menos. A minha maneira de olhar para o feminismo é essa. A bell hooks é uma das minhas influências mais fortes. Por acaso tou a ler um livro dela neste momento e é uma figura extraordinária de facto, porque vem trazer coisas tão novas à teoria feminista, e vem afirmar-se de uma maneira que de alguma forma traduz essa crítica, e traduz um potencial completamente novo nomeadamente por abrir as fronteiras à questão da desconstrução da ideia de mulher. Porque ela o que vem dizer, no *Ain't I a Woman*, que é o primeiro livro dela mais, que teve mais impacto no feminismo, ela basicamente vem dizer que aquela ideia das mulheres na Betty Friedan, na obra da Betty Friedan, na *Mística Feminina*, são as brancas, porque as negras sempre trabalharam. E portanto, as brancas que tavam em casa, que sofriam de depressões porque não podiam trabalhar e tinham qualificações pra isso, é um problema das brancas. Não é uma questão que afecte todas as mulheres da mesma maneira. Também é o caso do feminismo lésbico, que tem a mesma... a Adrienne Rich põe isso muito bem quando vem pensar precisamente a questão das políticas da localização, porque a ideia da mulher em abstracto não é nada, o que há é mulheres reais, não há a mulher. E pronto, isso vem abrir caminho pra Judith Butler, pra Haraway, virem questionar esta ideia, este bloco, que é a ideia de mulher. Portanto, de alguma forma isso vem trazer uma nova maneira de pensar estas questões.

*Então eu queria voltar um bocadinho atrás, está muito ligado com aquilo que estamos a falar agora, mas quando falou de um feminismo que tem por mote a diferença e, se não estou errado, disse que desconfiava desse tipo de feminismo.*

Recuso-o completamente, aliás.

*Eu gostava só primeiro de clarificar o que é que esse feminismo baseado na diferença. Era o feminismo essencialista, baseado na ideia...*

Sim.

*...de que existem homens e mulheres, e que estão pre-destinados um para o outro, é isso?*

É, estão destinados a serem diferentes à partida, por uma questão de natureza biológica. Apesar de haver hoje em dia reformulações a isso, dentro dessa linha da diferença a ideia é muito que o género é uma invenção pra tornar as pessoas todas iguais, o que é mentira (risos), e que é através da diferença sexual é que as mulheres se devem afirmar, devem-se afirmar enquanto mulheres. E que o que é preciso é valorizar os contextos femininos, ora isso pra mim é uma coisa questionável, para além de que de acordo com o feminismo da diferença nem há homens feministas, só as mulheres é que o podem ser, portanto há assim toda

uma série de pressupostas que à partida eu não concordo.

*Ou seja, há então uma série de normas que vêm dizer o que é que é feminino, o que é que é masculino...*

Sim.

*...e depois as pessoas que saem dessas normas não se sabe muito bem o que é que é, é essa a ideia?*

Exactamente, sim sim.

*Mas já agora, pronto... em Psicologia Comunitária nós lidamos muito com diferença, eu gostava de saber a sua percepção de diferença, como é que, qual é a percepção de diferença no género, na sua ideia...*

Em que sentido?

*Pronto, rejeita a ideia de diferença essencialista, de que os homens têm de ser uma coisa, que as mulheres têm de ser outra, que vivem em Marte e em Vénus, por assim dizer.*

Completamente

*Mas depois, mas também existem diferenças no sentido de que as mulheres são todas diferentes, ou seja, há as mulheres negras, há as mulheres brancas, há as mulheres negras casadas, enfim se nós formos a ver existe imensas diferenças...*

Sim, sim, claro.

*Eu gostava de perceber qual é que é, um pouco o detalhe da diferença, ou seja, qual é que é a diferença entre uma diferença e a outra, não sei se me estou a fazer entender...*

Sim, portanto está-me a falar da questão entre a diferença inter-grupal, entre homens e mulheres, e a diversidade intra-grupal, a diferença intra-grupal deste do grupo das mulheres.

Sim.

Eu... dos conhecimentos que tenho na área da biologia, que são muito poucos e muito limitados, a conclusão a que cheguei é que os estudos evidenciam poucas diferenças entre homens e mulheres quando olhamos para... quando fazemos uma ANOVA na psicologia, olhamos sempre pra diferença entre os grupos e a diferença dentro dos grupos. No caso dos estudos entre homens e mulheres, das



diferenças biológicas, uma das conclusões a que se chega nas meta-análises, é que as diferenças intra-grupos são maiores do que as diferenças entre os grupos. Ora isto à partida leva-nos a pensar que as categorias estão mal formuladas, porque senão a diferença teria que ser entre categorias e não dentro delas. Ora tendo este pressuposto de base poderíamos pensar que essa diversidade que existe dentro do grupo das mulheres é que se calhar deve ser privilegiada do ponto de vista de objecto de estudo. E de objecto também de intervenção política. E portanto à partida a minha prática feminista centra-se muito em salientar a diversidade dentro do grupo das mulheres, em alertar para o facto de que esta ideia de mulheres oprime as mulheres. E em demonstrar, um bocado como faz a Monique Wittig, a Monique Wittig fez isto também e eu sou muito inspirado por ela nesse aspecto, salientar a ideia de que se calhar até nem há mulher, e que se calhar essa categoria foi inventada, foi construída dentro de um patriarcado como maneira de oprimir um grupo de pessoas. E que portanto se calhar a acção feminista não deve incidir tanto sobre as mulheres, ou sobre este sujeito político, porque isso é usar as mesmas armas do patriarcado. E há uma feminista que tem uma frase engraçada que diz que, basicamente qualquer coisa como, não se pode desconstruir a opressão usando as armas do opressor. Aqui o opressor não são os homens, é o patriarcado, é uma outra coisa, é uma instituição social que atribui aos homens brancos heterossexuais um poder simbólico e concreto sobre todas as outras pessoas. Ora à partida eu acho que a intervenção feminista tem de tar desperta para estas questões e portanto cair no argumento da diferença entre homens e mulheres é usar as mesmas armas. Portanto, eu aí sou muito apologista, até do ponto feminista eu tou muito mais próximo dos Estados Unidos do que da Europa, de facto as minhas autoras de referência são a bell hooks, a Donna Haraway, a Judith Butler, uma série de autoras, estas as mais recentes, mas depois há mais antigas também, tudo autoras que se preocupam com estas questões e que sobretudo não essencializam, o que para mim é uma questão muito grave, o facto de... o essencialismo é exactamente isto, é usar as mesmas armas que foram construídas para oprimir as mulheres, portanto é as pessoas tarem a cair um bocado na mesma óptica que sempre foi usada para as discriminar e portanto eu acho que aqui há um processo perverso e daí eu salientar muito essa questão da diversidade entre as mulheres, tanto que até eu sou muito apologista da ideia de que isto das mulheres é uma ficção, é uma forma de ficção como outras. A ideia dos homossexuais é outra ficção, é usada para balizar os comportamentos das pessoas, para construir expectativas sobre eles e depois para as discriminar. Basta ver, por exemplo, aí foi muito importante o trabalho feito pela teoria queer e por autoras como a Eve Sedgwick, por exemplo, pró próprio feminismo. Quando elas foram estudar como é que emergiu a categoria homossexuais, aí o Foucault também teve muita relevância, foram perceber a mudança que ocorreu, primeiro havia uma categoria penal e criminal que eram os sodomitas, depois passaram a aparecer os homossexuais nos célebres catálogos das perversões dos sexólogos do final do século XIX, vem a psicanálise que é muito mal tratada, nomeadamente o Freud, é muito maltratada, dentro até do movimento LGBT... no movimento feminista é maltratada mas com

razão, porque o Freud era muito misógino, mas o Freud tem uma carta extraordinária que escreve à mãe de um homossexual em que explica, usando o conceito de inversão que era o conceito que ele usava na altura, mas explicando que ela não tem nada que se preocupar, que o filho tá, tem um desenvolvimento psicológico absolutamente não problemático e que pelo facto de ser homossexual isso não lhe traz à partida nenhum problema que precise de tratamento. Ora há aqui de alguma maneira uma grande abertura de espírito da parte do Freud se olharmos para aquilo que os psicólogos da época escreviam. E portanto esta questão das categorias é de facto uma questão que tem importância para mim, acho que de alguma forma não... a categoria de mulheres tem muita coisa má agarrada e tem uma história muito perversa para elas e para os homens também.

*E estas categorias, qual é que é a ideia por detrás da... pronto, nós percebemos que as pessoas não se confinam aquelas categorias mas qual é que é a ideia, será que nós temos de destruir todas as categorias e nós conseguimos arranjar uma forma de viver sem categorias, ou será que nós temos de ter atenção aqueles argumentos de alguns teóricos, de algumas pessoas, que dizem que nós temos necessariamente de viver com categorias, porque o nosso cérebro funciona dessa forma a nível cognitivo. O que é que a teoria feminista, a teoria queer diz sobre isso, qual é que é a visão?*

Está-me a perguntar a minha ou a das outras pessoas?

*A sua, a forma como interpreta isto e também a sua experiência pessoal.*

Bem, eu sou muito filiado em correntes da desconstrução, portanto à partida eu pra mim uma categoria é sempre uma coisa que pode ser provisória se isso servir pra fins de melhorar a vida das pessoas. A ideia de mulher às vezes é útil, pra questão do aborto por exemplo. Ai, há que usar a categoria porque é ela que nos permite conseguir conquistas que vão melhorar a vida das pessoas. Agora, do ponto de vista teórico, sou sempre contra, porque lá está as categorias não nos ajudam a pensar as diversidades, não nos ajudam, as categorias estão pensadas de tal forma que elas fazem uma homogeneização da realidade em vez de promoverem a variabilidade, em vez de promoverem a diversidade. E as sociedades, pró bem ou pró mal, tão a progredir num sentido de uma imensa diversidade. Nós vamos no metro e já não vemos só portugueses. E isso vem trazer uma necessidade das teorias se focarem na questão da diversidade e portanto as categorias funcionam mal por aí. Depois essa questão dos psicólogos, lá está, os psicólogos nessas coisas têm muitos problemas, faz-lhes muito mal e não têm muitos instrumentos metodológicos pa perceber as questões da diversidade. A gente vai ver os testes estatísticos, aquilo só nos ajudam a criar tendências. É que são sempre testes que vão conduzir a um exacerbamento do que são essas medidas de tendências central, as médias, os psicólogos a maior parte dos estudos quantitativos trabalham com médias, ainda que depois se façam tratamentos cada vez mais sofisticados, a base daquilo tudo são médias, e a

média é a medida menos propensa à diversidade que existe, é que não admite. O que é que se passa depois... a psicologia ao longo do século XX foi sendo construída como um regime de verdade que tenta traçar estes padrões sobre as pessoas e que tenta prever e generalizar leis gerais do comportamento das pessoas. Isto a psicologia positivista, não é, depois houve muito... nomeadamente a psicologia comunitária constituiu aí um movimento de recusa de certas propostas da psicologia. Ora à partida... a psicologia tem muita dificuldade em aceitar estas coisas. Repare-se que é raro nas universidades haver cadeira de psicologia da diversidade, é raríssimo. Em Portugal só conheço um exemplo que é na universidade do Minho onde a Conceição Nogueira inventou uma cadeira chamada Psicologia da Diversidade, nos outros sítios não. Pelo contrário, as pessoas tão muito predispostas em ensinar aos seus alunos e a fazer passar uma imagem de que isto é que constitui o conhecimento psicológico. Ora deitam de parte uma série de propostas da psicologia, desde muito cedo que se começou a questionar estas questões, nomeadamente a área que conheço melhor é a psicologia social, na psicologia social isto, desde o princípio do século XX que isto começou a ser contestado, mas até hoje ainda não se conseguiu rebentar com esta hegemonia positivista. Portanto, a psicologia não é de todo a localização mais interessante para se perceber questões que tenham que ver com a diversidade, porque ela... e aí também há psicólogos que entram em rotura com a disciplina precisamente porque querem salientar isso e portanto têm de entrar em rotura. Portanto quando... esse argumento de que as pessoas não estão preparadas para pensar as categorias de uma maneira diferente eu parece-me sempre que é mais uma desculpa que a cognição inventa para manter as coisas no status quo, a cognição social trabalha muito nesse sentido inteligente, e pronto eu sou muito crítico dentro da psicologia, eu no caso da psicologia trabalho muito com as escolas discursivas e com o construcionismo social e portanto à partida já tou numas correntes que fizeram todo este trabalho de desconstrução da própria disciplina e aí eu acho sempre que os psicólogos parece que tão sempre do lado certo, parece que tão sempre do lado onde tá o poder. Veja-se o sucesso que tem a psicologia organizacional, por exemplo, eles tão sempre ali preparados pa servir o capitalismo, é uma coisa que eu sempre achei e saltou-me muito, quer dizer, também a minha universidade é um caso relativamente particular porque é uma escola que também tem muita gestão e muita coisa desse tipo. E eu sempre me identifiquei mais com as outras áreas das ciências sociais e via os meus colegas a darem-se muito com a gestão e com essas coisas das empresas, e eu aí sou um bocado crítico, porque eu acho que eles tão, no fundo, aquilo não tá... é mais pá ajudar a empresa do que pá ajudar as pessoas. E portanto, tenho estas reticências todas com a psicologia, mas como lhe digo apesar de me tar a doutorar em psicologia social, poucas vezes uso esse título, não me identifico muito.

*Então e que possibilidades de mudança é que vê, por exemplo, na psicologia social? Apesar da crítica, ainda está lá dentro, que possibilidades de mudança...*

Tou porque não há mai nada cá em Portugal [risos]. Tou lá dentro porque ainda não abriram um departamento de estudos feministas ou um departamento de estudos de género, a única razão que me faz tar lá dentro é essa. Também nas outras disciplinas o futuro não é assim brilhante do ponto de vista da integração destas questões. Tive há pouco tempo... não foi há pouco tempo, foi já há um tempo, uma aluna minha que era muito boa aluna, que teve uma nota brilhante na cadeira que eu tava a dar de género, teve 19, era assim extraordinária e era da sociologia, e para um trabalho numa cadeira de teorias sociológicas resolveu fazer um trabalho aprofundado sobre teoria feminista e teve paí 12, e ela como é uma aluna brilhante achou muito estranho ter tido 12 e foi perguntar ao professor e o professor disse-lhe que lhe tinha dado 12 porque não a tinha querido chumbar, porque teoria feminista não é uma teoria sociológica, e portanto aquilo eram umas crenças ideológicas que ela tinha... portanto, tá a ver o género de reacção tonta da parte de uma pessoa que supostamente deveria leccionar teoria sociológica e conhecer que há a teoria sociológica feminista até muito importante, mas que a pessoa não tinha sequer a noção de que aquilo existia, portanto o panorama das outras disciplinas é igualmente negro. Eu definir-me-ia muito mais, e defino-me muito mais, dentro da construção de objectos de conhecimento científico mais interdisciplinares, como seja os estudos feministas ou os estudos de género. No caso específico da psicologia, já que me pergunta isso, no caso da psicologia eu digo sempre que a psicologia é feminista, a minha proposta é a psicologia feminista e a psicologia feminista tem uma série de estudos e de pessoas que a promovem e então há uma filiação de compromisso que eu consegui arranjar pra de repente não tar completamente fora, mas... porque de facto a minha inserção nas universidades portuguesas é feita muito dentro da psicologia. Mas porque aqui não há outra coisa, porque se houvesse já tava fora há que tempo, não tenho grande apetência, nunca tive...

*Então... existem sempre esse focos de rebelião contra a psicologia conservadora e também se juntou a algumas pessoas que possivelmente partilham a mesma visão...*

Sim, sim.

*... sobre essas questões. Eu gostava de saber, pronto, nós falámos sobre a mudança, a possível mudança no campo da psicologia e a mudança ao nível social, o que é que é preciso ser feito para alcançar... que tipo de recursos é que são precisos criar para que haja uma maior abertura, na sua percepção e experiência, recursos físicos, recursos sociais, enfim... é preciso criar novos recursos, é preciso adaptar os recursos que já existem, se é que existem...*

Existem alguns, é preciso adaptá-los imenso, parece-me. Tá-me a falar mais do caso português ou numa perspectiva geral?

*Do caso português, embora se quisesse falar dos dois...*

Vou ter de falar, porque de qualquer forma isto tem implicações... não podemos considerar o caso português sem considerarmos o caso da União Europeia e não podemos considerar a União Europeia sem falarmos um bocado do que tá por cima, da ONU. Porque é preciso intervenção nos vários níveis. O que me parece é que no caso português a situação até é mais complexa, porque no caso português coexistem vários discursos que de alguma forma constroem dificuldades a uma cidadania plena das mulheres, das mulheres e de outros grupos sociais. E por exemplo eu acho que é absolutamente essencial passar a haver um observatório sobre questões ligadas ao género, acho que tem mesmo que haver, já devia ter sido construído, devia ser uma coisa de estado, tipo um laboratório associado da FCT só pa fazer isso, porque é absolutamente importante e até porque há medidas políticas que tornaram... a questão do género, por exemplo, tá inscrita na Constituição, a questão da igualdade, como uma tarefa fundamental do estado e se tá inscrito na Constituição tem que ser cumprido, não dá pa ignorar isso, porque puseram isso na Constituição, portanto à partida são forçados a construir mecanismos que permitam combater esta desigualdade. Pra mim, um dos mecanismos mais importantes seria um observatório que regularmente publicasse informação, quer estatística quer de outra natureza, nomeadamente histórica, nomeadamente sociográfica, análises de determinado tipo de problemas em Portugal ligados às questões de género, até sobre as questões da masculinidade que é uma área que começa a ter desenvolvimento em Portugal e que é muito importante porque por exemplo há um estudo de um amigo meu, do Vasco Prazeres, que demonstra claramente que os homens morrem mais cedo também em consequência das práticas ligadas à masculinidade hegemónica, ora isso muito grave. Quando tamos a falar de questões de vida ou de morte a coisa... portanto, eu acho que isso tinha de acontecer. Uma questão que foi importante e que veio da ONU e depois da União Europeia e agora já está consagrado na legislação em Portugal é a transversalidade das questões de género em todas as áreas, porque em todas as áreas essas questões afectam, basta ver por exemplo na área económica que o salário... por cada euro que um homem ganha, as mulheres ganham tipo sessenta cêntimos, ora isto é uma desigualdade económica grande, gerando depois situações de pobreza no feminino. O que é que eu acho que tem de acontecer? Isto tem de ser mais operacionalizado, a coisa tem de se tornar mais discutida. Outra questão que eu acho que é muito séria é a questão da imprensa em Portugal. Neste momento vivemos um défice de espaço na imprensa para análise de questões deste tipo, feitas de uma forma séria, precisamente porque na minha opinião a imprensa portuguesa tem toda uma orientação política muito homogénea, é toda muita à direita e estas questões eles não as sabem tratar. Apanha uma ou outra vez alguma questão sobre isto bem tratada mas a maior parte das vezes aquilo é um disparate. Depois, aí pronto também era preciso que de alguma forma as pessoas reivindicassem contra esta hegemonização da imprensa, é muito negativa e acho que inibe completamente as consciências das pessoas, as consciências e a chegada de informação às pessoas. Por outro lado, acho que é preciso repensar uma série de questões, que

até já têm sido faladas, a questão das quotas, é mesmo fundamental que elas aconteçam. Para mim nem a questão das quotas é a questão da paridade que é um projecto mais... é uma visão da sociedade, não é apenas uma medida política, é uma visão da sociedade que parte do pressuposto que há homens e há mulheres e que elas têm direitos políticos e que portanto aquilo não pode ser a gente olha pró Parlamento, é tudo uns homens vestidos de cinzento. É uma coisa que depois não representam a população do país. Pronto, isso é uma das questões. Outra que eu acho que é muito importante, depois também digamos que há outras que eu... que fazem parte de uma mudança política a outros níveis. Eu agora tou-me só a focar nestas mais directamente ligadas, mas... de alguma forma também não me parece que os actuais partidos que têm tido acesso ao poder tenham grandes preocupações com estas coisas. O PS de vez em quando lá aparece com umas coisas mas não é ainda uma preocupação sistemática, que eu acho que tinha que passar a ser. Depois também me parece que é muito importante investir na informação e na educação das pessoas e penso que... não percebo porquê, porque é que nós temos que chegar à universidade e ouvir falar pela primeira vez do movimento feminista, movimento negro, movimento LGBT, é só aí que se ouve falar, porque antes disso, há um vazio na educação sobre essas questões e isso é muito grave, porque sem informação as pessoas não... não se pode esperar que as pessoas tenham uma consciência democrática se não têm informação sobre a história da democracia, a coisa não é natural, a pessoa não acorda um dia e fica... não é assim, e portanto essa é uma das questões que eu considero muito importantes. Depois também acho muito relevante que todo o tipo de formações das pessoas passem também por uma formação cívica que as prepare para discutir este tipo de questões, eu noto em Portugal uma ausência de capacidade de discussão destas questões pra lá do preconceito muito grande, as pessoas só conseguem discutir isto com base em preconceitos. E a gente ouve na imprensa, vê-se isso muito claramente na imprensa. O que demonstra a ausência de formação das pessoas, não se... para se combater o preconceito seriamente é preciso formar as pessoas pra isso. Portanto há assim, há imensas coisas que podem ser feitas no fundo, acho é que... o que me incomoda é que acho que já deviam tar a acontecer e não se nota nada.

*E porque é que não estão a acontecer?*

Não tão a acontecer porque há factores que impedem essa situação, nomeadamente nas questões políticas, há uma série de figuras que não querem abandonar o seu old man's club, onde as decisões políticas são tomadas, onde os acordos entre partidos são feitos e não faz parte ainda da cultura democrática portuguesa a questão da igualdade de género, ainda não é, aquilo ainda não tá bem dentro da cabeça deles parece-me. E portanto... por exemplo, isso nota-se muito quando ouvimos as reacções das pessoas à lei da paridade, por exemplo, que as pessoas vão logo ali buscar... "as mulheres não tão na política porque não querem", eu ouvi vários políticos a dizerem isto, ou "as mulheres não tão na política porque têm outras preocupações na vida que não a política", ou "não tão

aqui porque são malandras" [risos]. Portanto, quer dizer, é cair um bocado neste preconceito e não querer abdicar de um bastião de homem. E aí eu acho que é de facto uma questão muito séria, essa, porque é a questão da representatividade em democracia, é uma questão política absolutamente essencial. Por outro lado também acho que há obstáculos do próprio sistema de género a estas questões, o sistema de género não prepara as pessoas pra estas coisa, veja-se o que são as brincadeiras que ainda hoje meninos e meninas têm de forma diferenciada. As meninas desde miúdas que aprendem a cuidar da casa. É os tachinhos, é as panelinhas, é os fogões, é as bonecas, cuidar da casa e dos filhos. E os homens aprendem profissões instrumentais, é os carrinhos, é os legos, é... ora isto à partida, esta desigualdade vai afectar os outcomes, há resultados destas equações que depois se nota apesar do extraordinário progresso das mulheres em diversas áreas que é absolutamente remarkable, de facto é muito interessante perceber nomeadamente no caso português coisas muito engraçadas em relação a outros casos, como as mulheres conseguem, sendo um país que tem uma taxa de mulheres trabalhadoras das maiores da Europa e isto não é recente, este dado já é antigo, elas de facto conseguiram fazer, atingir feitos extraordinários como dominarem uma série de áreas, que entram em grande número... o caso da psicologia é um exemplo, na psicologia neste momento somos capazes de ter nos 80% de mulheres, 20% de homens, basta ver o que são... eu dei aulas a psicologia várias vezes e tinha sempre dois, três homens e o resto era tudo mulheres. Eu acho isso ótimo. Acho também que devia haver mais homens, mas não acho que seja por questões de uma desigualdade, pura e simplesmente o que tá a acontecer é, com a democratização do ensino, cada vez mais as pessoas procuram qualificações, sendo que o mercado de trabalho valoriza muito mais as qualificações no caso das mulheres do que no caso dos homens, isto porquê, porque há muitos homens que conseguem terminar o 12º e já não precisam de trabalhar mais, de estudar mais porque conseguem arranjar um emprego. A mesma situação não se põe às mulheres, têm muito mais dificuldade em entrar no mercado de trabalho, há estudos sobre isso muito claros e portanto elas obviamente vão, têm de ir buscar mais qualificações pa conseguirem uma inserção no mercado de trabalho. E acabam por consegui-lo, e muitas vezes consegui-lo de uma forma brilhante e isso a mim enche-me de contentamento, acho que é ver a democracia a funcionar de facto.

*Mas o movimento feminista, qual é que acha que pode ser... tem tido um papel importante claramente, extremamente relevante, mas qual é que é a crítica ao movimento... estive a discutir há bocado o movimento feminista, o que é que poderia fazer melhor que se calhar não tinha feito... há sempre alguma coisa que nós podemos fazer melhor...*

Claro, claro. Em relação ao movimento feminista português, acho que tem muita dificuldade em... não diria muita, tem alguma, alguma dificuldade em fazer passar mensagens para a minha geração, por exemplo, isso acho que é difícil, e acho que é uma coisa que o movimento devia insistir porque qualquer movimento para

existir precisa de reproduzir, precisa de arranjar pessoas que de alguma forma possam... se bem que ao mesmo tempo acho que nunca como hoje o movimento feminista em Portugal está tão envolvido com uma série de outros movimentos, e partilham causas comuns. Noto muito isto com o movimento LGBT e os movimentos anti-racistas, esta ligação. E portanto, eu aí acho que isso é uma maneira de fazer passar as mensagens e fazer ao mesmo tempo acções políticas que não sirvam exclusivamente uma das causas, que possam ter uma abrangência maior e que possam servir pa congregar esforços e que possam responder a várias questões. Depois também uma outra questão que é relevante em relação ao movimento feminista português, acho que é uma das estratégias que outros movimentos andam a utilizar, e que aqui já foi utilizado mas podia ser mais sistemático, é a questão da tentativa de tentarem ter mais homens envolvidos no movimento feminista, isso é uma questão que eu acho... não acho que seja apenas uma questão de má divulgação ou de mau marketing, digamos, acho que é... há também obstáculos por parte da masculinidade hegemónica, por parte da dificuldade que é ter homens presentes nestes eventos e em conferências etc., e acho que eram duas coisas que eu sugeria e que digo às vezes a companheiras feministas, falo muito nisto...

*Pegando nisso, como é que foi a sua recepção no movimento feminista por ser homem?*

Foi muito boa [risos]. Eu por acaso tenho uma sorte, tenho assim uma história muito feliz, não... nunca tive nenhum problema, nunca me senti rejeitado por ser homem, pelo contrário, as pessoas sempre manifestaram um grande interesse naquilo que eu tinha pa dizer, acham... devem-me achar giro muitas delas, depois também acham-me muito radical [risos] e se calhar até sou um bocado e acham muito curioso ser um homem a... mas há mais, não sou só eu. E depois também sempre tive convites pa tudo, quer dizer, desde que eu comecei a participar em coisas, desde que eu comecei a aparecer nos estudos de género, todas as coisas importantes do feminismo em Portugal convidaram-me para ir apresentar comunicações e portanto, posso dizer que é uma recepção muito agradável. Nunca senti o meu trabalho ignorado, pelo contrário, sempre senti um interesse da parte delas naquilo que eu andava a pensar e a trabalhar e um grande apoio de várias pessoas dentro da área, e depois sobretudo pelo... eu também me envolvi numa série de causas e dei o nome e fui e falei e portanto, de alguma forma sempre tive essa aceitação. E isso... nunca tive assim grandes choques por ser homem, nunca tive nenhum. Não sei, também não me dou com... cá em Portugal não há muitas, há algumas, mas não há muitas, feministas da diferença, seria bom que elas à partida colocariam mais questões. às vezes elas ficam muito surpreendidas com certas coisas, eu falo muito de coisas queer por exemplo e elas ficam às vezes surpreendidas, mas não é uma recusa. Há certas ideias que elas não conheciam e que eu às vezes lhe falo e que elas acham muita piada, acham interessante e depois até algumas vão aprofundar essas coisas. Portanto... lembro-me de uma vez uma reacção muito engraçada que tive [risos] num



congresso feminista a que fui falar, aquilo era, era um congresso grande, este ano é que vai haver um muito grande, que eu faço parte da comissão promotora e não sei quê, e convidam-me sempre pa esse tipo de coisas e não sei quê, mas houve um grande há uns anos atrás, foi em 2004 acho eu, depois até saiu um livro onde eu tenho um texto, em que o meu paper era sobre a Anne Fausto-Sterling e as questões da biologia e que eu analisava um bocado a obra da Anne Fausto-Sterling, e houve uma no final que me disse que uma das coisas que a surpreendia mais era o grau de desconstrução das propostas, como se já não existissem mulheres nem homens e não sei quê, e que isso para ela espantava-a muito, mas disse isto não numa perspectiva de recusa, mais numa perspectiva de nunca trinha pensado sobre isto. E até nos começámos a rir e foi engraçado, e ela dizia "qualquer dia já não há nada porque vocês tão a mandar tudo pra fora e qualquer dia já não há nada", mas não dizia isto com um ar [som reprovador], e eu achei muita graça a essa... portanto tive sempre uma aceitação muito positiva, desse ponto de vista, nomeadamente pronto, também devo dizer, pessoas com quem tenha tido alguns choques são pessoas um bocadinho mais conservadoras, dentro da esquerda, PS's, nomeadamente, mas também conheço muita gente do PS, feminista, que são muito progressistas, portanto isto não quer dizer, mas lá tá... mas também sou eu, eu tenho muitos problemas com uma série de coisas, pa mim o catolicismo é uma questão muito séria, muito grave, é um problema muito grande, e sou muito crítico, mesmo muito crítico. Também deve ser uma coisa de família, porque o meu pai também era, é muito laico, e às vezes é mesmo anti-clerical e eu também sou. Não gosto, é uma coisa que pra mim me faz muita impressão. Não é as religiões em si, é o poder que têm e a maneira como formatam a cabeça das pessoas, a mim perturba-me. E as reacções piores assim que tive foram mais de pessoas mais católicas, mas eu também respondo-lhes sempre à letra, porque não... aquilo pra mim é uma coisa muito complicada e então quando elas vão buscar então os santos e as santas e Deus e isto e aquilo, eu respondo logo mal, porque... eu digo-lhes logo que não tou ali pa discutir religião, não tou interessado nisso e não... e pronto, e evito muito. Aqui em Portugal há um bocadinho esse sector ainda, feminismo católico, que eu sou muito contra, sou muito contra porque eu acho que o catolicismo à partida tem montes de coisas que são incompatíveis com o feminismo, aliás as religiões em geral têm. E portanto, essas tentativas de compaginar as coisas, eu por exemplo lembro-me uma coisa que pra mim foi um bocadinho estranha, não é estranha, eu percebi a medida que foi tomada e a decisão que foi tomada, quando foi a questão do aborto agora em 2007, o movimento onde eu estava resolveu mandar vir umas feministas católicas do Brasil, que são as Católicas pelo Direito a Decidir, pronto, eu até acho que elas fazem um trabalho bom e até acho que é relevante, mas eu é que não me dou bem com aquilo, aquilo faz-me muita impressão. E fizeram uma coisa também ligada a isso, que era uma carta aberta de crentes para crentes, eu aquilo chocou-me, isso chocou-me imenso porque eu não sou crente em nada daquilo, portanto como tava ligado ao movimento aquilo fez-me um bocado de impressão, percebi a estratégia mas recuso muito, recuso muito, eu acho que uma das bases do sexismo é a religião, nomeadamente o catolicismo que é

medonho do ponto de vista das coisas que eles dizem sobre as mulheres, aquilo é um nojo. [texto omitido intencionalmente] E portanto, basta ver que é uma instituição cujo nome... um título de diocese é o patriarcado, nós vivemos no patriarcado de Lisboa, eles até esse nome têm, que é uma coisa medonha [risos], em qualquer... se eles tivessem um pinga de civilização já tinham mudado o nome àquilo [risos]. Portanto, eu sou muito, eu isso pra mim das religiões por favor não, é uma coisa que me faz muita impressão e não aceito, não aceito, acho que as pessoas não têm... pronto, eu também sou ateu, portanto à partida não tenho preocupações desse tipo, não sei como é que seria se não fosse ateu, não é, mas pra mim é quase... eu costumo brincar, as pessoas às vezes ficam muito chocadas, brinco muito com as questões da religião e pra mim é tipo a fonte de todo o mal [risos], é uma coisa terrível, mas pronto, mas isso também é um bocado, isso não tem tanto que ver com o feminismo, tem que ver com uma perspectiva sobre as religiões que é muito negativa, os exemplos que nos dão são um bocado medonhos, em Portugal pelo menos é um bocado assustador, a questão da religião em Portugal, de Fátima e dos padres e não sei quê. Portanto eu aí sou um bocadinho...

*A religião ainda se coloca como um entrave a estas mudanças...?*

Absolutamente, absolutamente, um dos maiores. Basta que o papel em tudo o que eles têm em tudo o que é, em tudo o que é coisa reaccionária eles tão metidos, à partida. O que eles tão a fazer em Espanha com a campanha eleitoral do Zapatero é uma coisa, como é que aquela gente não repara, quer dizer eles fazem boicote sistemático, manifestações sistemáticas, de apoio ao Rajoy, e boicotam completamente a candidatura do Zapatero. Cá em Portugal no aborto foi a mesma coisa. Os padres fizeram a campanha mais suja da história, porque eles usam as igrejas como sedes de campanha, as missas, naquele sermão que o padre dá, eu conheço pessoas que vão à missa, que vão levar uma... uma lavagem cerebral absolutamente nojenta, tá proibida pela Constituição mas eles continuam a fazer, e houve provas disso. E não é um entrave? É dos maiores, é dos maiores. Ainda por cima num país que ainda tem uma certa frequência religiosa, católica, mas que felizmente cada vez tem menos, e ainda bem, as estratégias que eles usaram durante a campanha do referendo foi uma coisa... era atroz, eu recebi uma coisa em casa, com uma santa a chorar feito por algum movimento anti-escolha, que dizia, não sei quê da Nossa Senhora de Fátima, e que agora com a nova lei as crianças iam morrer todas, mas uma coisa... e soube que aquele mesmo panfleto foi entregue em escolas às crianças, acho isto... isto pra mim... a Donna Haraway dizia e muito bem no Manifesto Cyborg, ensinar criacionismo na escola é uma forma de abuso sexual de menores. E eu pra mim é a mesma coisa, de facto aquilo é tão terrível eles irem por exemplo pa infantários, como foram, e pra pré-primárias entregar cartas às crianças pa levarem aos pais em que, lembro-me também desta, que era uma cartinha dum menino que tinha sido abortado e que tava no céu e que escreveu uma carta à mãe que o tinha abortado, como é que eles são

capazes de recorrer a isto? Isto é... é campanha negra, quando se recorre a crianças pra fazer este número ou como se via na televisão naqueles debates, daquele programa do canal um, que há aqueles debates à segunda-feira, que chegavam a levar crianças com síndrome de Down pa irem dizer que se a lei fosse aprovada que elas seriam abortadas, mas isto cabe na cabeça de alguém?, isto é recorrer a tudo, recorre-se a tudo e é assim que tem funcionado a igreja católica, como um apoio secreto a estas coisas, secreto mas que a gente percebe de onde é que vem, a gente percebe donde é que vem o dinheiro das associações anti-escolha, é claríssimo que vem dali. E portanto eu acho que é um dos grandes, é um dos maiores obstáculos, é isso. Porque corporizam o patriarcado.

*E outros obstáculos para além da religião, já mencionou a política,...*

Os media. Os media é um obstáculo brutal, porque os media são feitos por pessoas que escondem as suas ideologias, apesar de as terem, depois nós nos artigos percebemos as ideologias delas. Neste momento o que vigora é um conservadorismo relativamente neo-liberal, isso nota-se muito em vários jornais, anteriormente de esquerda que agora passaram... o Público é o exemplo mais acabado disso, é um jornal que neste momento publica as coisas mais absurdas, basta ler os editoriais do Zé Manel Fernandes e a pessoa fica... eu entro em agonia, é uma coisa horrível. Aquilo é cabalmente um pensamento do mais conservador que há, filiado numa... eles... aquelas noções, tudo o que o PS faz eles são contra, tudo o que tá ainda mais à esquerda do PS é pior ainda, eles só cultivam uma mentalidade que predispõe as pessoas a repararem em questões como os défices, estarem atentos a questões económicas, a fomentarem uma ideia política que é a tentativa de que o Estado comece progressivamente a abandonar uma série de funções suas e isto é claramente política conservadora de direita, porque o que é bom é a iniciativa privada. E portanto eu a mim isso só me faz pensar que de facto isto são obstáculos que depois se colocam a outros níveis, em relação às questões das mulheres elas são tratadas como questões menores, são minudências, são questões pouco importantes, e que estes senhores de vez em quando, porque depois vão ler muita coisa aos jornais americanos que teve uma história completamente diferente da nossa, vão atacar o chamado politicamente correcto e que se nós formos a ver bem é não discriminar as pessoas, mas isso eles acham que é pouco democrático e portanto recorrem a estes chavões que vão buscar a outros contextos para precisamente acusarem as pessoas, nomeadamente no caso das feministas e dos feministas, acusarem-nos de dizermos ou de termos uma prática radical, que até não é, que até não é porque, e que até devia ser mais no meu entender, devíamos ser muito mais radicais do que somos hoje, porque até somos muito cordatos e cordatas, até somos demasiado, e eles vão buscar uns mitos que têm sobre o feminismo radical americano e também são os mitos lá, não é só cá que são os mitos, também são os mitos lá porque eles inventam... por exemplo, há uma coisa histórica que é conhecida por toda a gente, a imagem das mulheres a queimarem os soutiens que é uma coisa que historicamente não aconteceu. Mas, e há livros

interessantíssimos que contam esta história muito bem, isto passa-se em 1970 num concurso da Miss America em que as feministas foram manifestar contra esse concurso, dizendo que as mulheres são mais do que um pedaço de carne e arranjaram uma coisa de latão onde iam deitando fora símbolos femininos, e por acaso ninguém mandou fora nenhum soutien, mas houve um jornalista reaccionário que diz que viu um soutien a ser queimado e vem daí a mitologia do soutien queimado, vem daí. Pois em Portugal eu já li em diferentes sítios que também se queimaram soutiens quando é uma coisa que nunca aconteceu, faz-me impressão como é que estes fenómenos são importados desta maneira acrítica, que depois as pessoas até vêem umas coisas que não acontecem e entram em teorias da conspiração, e ainda que se tivessem queimado soutiens, qual é o problema? Portanto, mas é que ainda por cima é mentira isso, e aqui em Portugal os media alimentam muito esta concepção do radicalismo feminista. E pronto, é de facto um obstáculo. Outros obstáculos também são... a própria esquerda tem, huh... a direita toda ela é um obstáculo ao feminismo mas isso é desde sempre, é que aí nem é preciso dizer que é. A própria esquerda também o é porque é muito machista. É muito machista, é muito heterossexista e portanto pra eles, o caso do PC nisso é exemplar do grau de heterossexismo deles é brutal, é brutal. Eles têm na sua história vários casos de líderes, um líder político nomeadamente que era homossexual e que foi o Fogaça e que foi denunciado à PIDE portanto isto é... por eles, portanto a coisa é mesmo muito negra, o PCP nisso tem uma história brutal. Em relação aos direitos das mulheres piora um pouco porque aí eles são muito apologistas da atribuição de direitos do estado às mulheres mas depois mulheres subirem dentro daquele partido não há. Há algumas mulheres no comité central, mas aquilo é a esmagadora maioria são homens. O eixo da paridade no way, que eles não querem, portanto há aqui uma série de questões. O PS nesse aspecto da questão da paridade é um partido muito mais igualitário mas ainda assim não se vêem mulheres secretárias-gerais do partido, não se vêem mulheres a chegar a cargos de muito destaque dentro do partido, lembro que este governo olhando para a sua composição, é esmagadoramente constituído por homens, tem duas ministras, portanto também não me parece por aí. O Bloco de Esquerda na questão da sua composição é pelo menos paritário, a sua representação parlamentar é paritária. Mas pronto, também não tou a dizer que o Bloco é o partido onde não haja este tipo de discriminações, porque há também, o que eu acho é que o Bloco ainda assim é o partido onde estas questões são discutidas mais profundamente e tão muitas feministas lá metidas portanto também, isso também ajuda, e pessoas do movimento LGBT etc., e isso traz-lhes uma consciência adicional. Pa além disso também é um partido muito ligado a movimentos sociais que não são criados por ele, que é uma coisa que o PCP costuma fazer é criar os movimentos sociais, que destaca pa lá uns funcionários do partido pa fazerem o movimento e depois diz-se que aquilo são movimentos sociais que estão de alguma maneira ligados ao partido, não, não são movimentos sociais, são sectores dentro de um partido que vão... no caso do feminismo o MDM, o Movimento Democrático das Mulheres é muito... aquilo elas não podem propor nada que não vá primeiro a discussão ao comité central e portanto eu aí

também não me parece... apesar de achar, ainda me defino como feminista marxista porque acho que houve muita coisa que fui beber aí mas não de todo compartilhando as mesmas ideias do PCP. Pronto, portanto temos aqui a ver isto em vários... há muitos planos, não é uma questão muito fácil porque esta questão da discriminação é também uma coisa generalizada.

*Ou seja, nós não podemos dizer que a esquerda é o ponto privilegiado de não discriminação?*

É melhor que a direita, isso é, desse ponto de vista é uma questão de se olhar para as coisas deles, para as representações parlamentares que têm e para as medidas que têm p[ar]as mulheres, mas a esquerda também tem muitas resistências e isto também não é linear, não é que a esquerda seja boa e a direita seja má, a coisa não é assim. Basta ver por exemplo em França a lei do aborto passou num governo de direita, um governo de esquerda não fez isto. A lei da Simone Veil foi feita assim, era um governo de direita, ela era uma tipa de direita feminista, mas de direita. Portanto, a esquerda, não quer dizer que seja a esquerda que vá pegar nos ideais feministas, porque não vão já se viu. Agora, à partida também não sabemos que não é a direita que faz grande coisa. Esse caso francês é um caso histórico mas depois também tivemos a Miss Thatcher em Inglaterra que sendo uma mulher era a coisa mai reaccionária que existia p[ar]as mulheres, portanto...

*Então voltamos sempre aqueles movimentos de base das pessoas que trabalham no seu dia-a-dia para mudar as mentalidades, nomeadamente o movimento feminista. E é sempre necessário então, de acordo com a sua ideia, trazer mais homens para o feminismo.*

Sim, trazer mais pessoas, não é só homens, é pessoas, mulheres também.

*Mulheres, homens, pessoas que não se definam nem como homens nem mulheres. Hum...*

Que é com esses que nós aprendemos mais, curiosamente.

*Com as pessoas que não se definem em nenhuma das categorias.*

Para a questão do género, estudos de género, é absolutamente iluminador aquilo que eles passam e aquilo que eles vivem. Veja-se que o conceito de género é inventado pra lidar com a questão da transsexualidade e eu acho que é aí, é um dos sítios onde nós podemos pensar a nossa própria condição, como é que nos tornamos homens e mulheres. É olhando para os processos que estas pessoas também passam que podemos perceber como é que chegamos lá. Portanto é absolutamente iluminador e infelizmente até acho que são relativamente maltratados até pelos teóricos e pelas teóricas salvo algumas excepção e que seria muito relevante que se pudesse perceber melhor esses processos, o

becoming. Como é que... a Judith Butler tem feito trabalho sobre isso e faz um trabalho muito relevante sobre isso, o livro Undoing Gender mostra isso muito bem, que é como é que as pessoas se tornam qualquer coisa, homens ou mulheres, como é que é feito esse processo, e isso... a conclusão a que ela chega, isso logo no Gender Trouble, é a ideia de que as pessoas não transsexuais fazem um percurso igual, porque desde o tempo da Simone de Beauvoir que sabemos que ninguém nasce nada, tornamo-nos sempre qualquer coisa, ninguém nasce mulher, torna-se mulher. E os homens igual. E que esse processo é idêntico só que é vivido em momentos da vida diferentes e suportado por instituições muito diferentes. E perceber isso é absolutamente relevante, como é que nos tornamos alguma coisa, este processo de becoming, eu por acaso tenho um projecto sobre isso aqui porque eu agora tenho feito alguma intervenção feminista no campo das artes contemporâneas, fiz uma peça recentemente sobre a questão [inteligível], também era uma peça feminista, o seu objecto não era tanto o feminismo, não era o objecto central mas tava lá, era sobre a questão, o discurso da segurança ligado com o terrorismo, portanto tinha duas intérpretes de dança contemporânea que faziam, que ilustravam uma série de possibilidades de pensar a questão do terrorismo e da insegurança, e da segurança, e agora tou a começar um outro processo de trabalho artístico sobre isso em que tou interessado nessa ideia do becoming e portanto vou ter um intérprete homem e a ideia inicial, também porque isto é só... são processos de pensamento que eu gosto, isto até pode mudar tudo porque só tenho de apresentar isso pró fim do ano. Tou interessado em perceber esse processo e andamos a ler coisas sobre isso e andamos a investigar questões ligadas a isso. E portanto apetece-me ver esse processo num intérprete de dança contemporânea e de perceber como é ele, como é que a pessoa se pode ir transformando em..., como é que as identidades se podem ir transformando e sobretudo dar a ideia de que elas não são estanques, porque de facto não são. E portanto é muito por aí que me interessa ir e isto foi muito por estas questões por causa de questões ligadas aos transsexuais e aos transgéneros, são questões muito... que merecem mais atenção do ponto de vista da comunidade científica e também na questão da criação contemporânea que é uma área onde eu tenho exercido, onde eu tenho vindo a trabalhar.

*Então a ideia é basicamente que um movimento para ser cada vez mais forte ou ter mais impacto terá de albergar cada vez mais vozes...*

Absolutamente, absolutamente. E até pontos de vista contraditórios entre si. Não... eu os consensos a mim, no feminismo, os consensos serviram sempre pra prejudicar o movimento. E na actualidade é mesmo preciso essa... diferentes formas de pensar, diferentes formas de fazer e agir sobre as coisas. Porque só uma forma... isso é muito pensamento único, e é mau. E de facto no feminismo há muito isso, essa... No movimento LGBT também um bocado mas em Portugal ainda são tão poucos, ainda não se nota essa abrangência de fazer as coisas de uma maneira diferentes, por exemplo em Portugal a questão do casamento entre pessoas do mesmo sexo, eu pra mim é uma questão muito importante mas eu

como gay jamais, se calhar por ser gay e feminista, é capaz de ser isso, jamais passaria pela minha cabeça ou pela cabeça do meu namorado casarmos. E somos os dois completamente contra a ideia do casamento. Não nos faz confusão nenhuma, nem a um nem a outro, que outras pessoas queiram casar e aí casem-se à vontade, agora pra nós isso corresponderia a comprometermo-nos com uma forma de família e com um modelo que sempre repudiámos os dois, e portanto... mas não vemos o nosso, esse tipo de discurso, aparecer no movimento LGBT. O casamento é uma das maneiras mais horrorosas de construir e criar patriarcado, de submeter as mulheres a uma vida de opressão, igualmente de criar uma maneira de muitos homossexuais ficarem no armário pra sempre, o caso dos homossexuais que se casaram com mulheres. E portanto, depois também o estado em relação às questões ligadas à homossexualidade nomeadamente, nunca foi um grande aliado, o estado é muito problemático nestas coisas porque veja-se o que é que são as discussões sobre a adopção em Portugal. É um discurso do mai reaccionário que pode haver da parte do estado, é um horror, quer dizer, como é que na Constituição diz que as pessoas são todas iguais perante a lei mas depois um casal homossexual não pode adoptar? Mas porque raio? Depois começam com um discurso dos direitos das crianças, como se as crianças pudessem estar bem naquelas instituições onde estão, não estão, aliás há provas muito concretas de que não estão nada bem, não é. E isso pra mim são algumas questões que gostaria de ver tratadas de uma forma mais séria. A questão da adopção por exemplo, percebo a importância do casamento entre pessoas do mesmo sexo, mas pra mim é muito mais relevante a questão da adopção. Porque é aí que vão subsistir os discursos mais conservadores e mais discriminatórios contra as pessoas LGBT.

*Ou seja, os movimentos sociais que à partida seriam movimentos sociais que requerem a mudança, também se pode ver que em alguns casos estão a aderir aquilo que já existe?*

Não é bem isso, porque veja-se que isto podendo não ser uma preocupação central é uma das preocupações. A minha questão é... depois há movimentos LGBT, há um que eu me distancio completamente que é a Opus Gay pois acho que só o que oiço é disparates vindo de lá, portanto jamais pensaria nalgum tipo de aproximação a esse. O movimento no qual eu me revejo mais é a ILGA, a associação digamos, e as Panteras também gosto muito do trabalho que fazem, são movimentos... a Ilga pronto, pra mim também... lá está, depois eu conheço estas pessoas todas e sou próximo delas e portanto também não sou capaz de olhar prós movimentos sem ver as pessoas lá porque conheço-as, portanto é sempre... se calhar isso também explica uma mais fácil aproximação a esse tipo de associações do que a outras, mas pronto eu acho é que ainda falta massa crítica ao movimento LGBT em Portugal, falta gente. Mas eu também nunca senti, pra mim, nunca foi uma questão absolutamente central, há outras que pra mim são mais pungentes ou que me despertam mais, não quer dizer que abdique de interferir nessa área, o que acho é que... até agora o meu trabalho tem sido muito

voltado pó feminismo, o que não é uma recusa, a pessoa tem interesses em vários momentos, mas de facto o que eu queria dizer mais era que esta aproximação, ou que esta hierarquização dos direitos às vezes me parece um bocado contraditória e que me parece que ancora muito numa construção relativamente homogeneizadora das várias possibilidades de reivindicações LGBT, é quase como se precisássemos de mostrar que vivemos todos numa coisa muito normalizada, numa coisa muito convencional, onde tudo se encaixa muito bem, os conceitos de família e não sei quê. Eu pra mim o conceito de casamento é uma coisa que me complica muito com o sistema, por mim até acho que se devia neste momento tar a lutar pela abolição total do casamento, não tanto pela extensão desse direito a toda a gente mas sim pela abolição do privilégio do casamento. Por exemplo uma das questões que... no outro dia tava a ver um documentário onde a Judith Butler também era entrevistada sobre isso e há uma questão que nós temos em comum que é, porquê duas pessoas?, qual é a razão conceptual que leva a que o casamento seja uma coisa celebrada a dois, porque é que não pode ser celebrada a três ou a quatro? Há pessoas que se calhar vivem de outras maneiras porque é que temos de assumir a monogamia como base do casamento, ou por outra, porque é que o casamento também... se é uma coisa tão ligada com a economia e com a gestão dos bens e do património comum porque é que não se criam situações em que seja possível às pessoas disporem do seu património de uma maneira diferente, porque é que tem de ser através daquele contacto com aquele nome, que pra mim é muito a questão do nome, aquele nome do casamento é uma coisa que é assustadora, é uma coisa que pra mim me perturba muito aquela, aquele nome, aquele conceito. Acho no entanto que é uma reivindicação justa pa quem o entenda mas pra mim pessoalmente eu estaria muito mais disposto a lutar pela abolição de todo, de todos os casamentos, e que as pessoas possam escolher, que é uma coisa que eu acho que é muito importante, o modo como querem viver e que por exemplo me seja possível a mim não estando casado poder dispôr dos meus bens como bem entenda e deixar o meu património à pessoa com quem estou e não ir pra famílias nenhuma, porque é que tem de ir? Pronto, e isso é uma das questões que... se houvesse um movimento LGBT maior e com mais força em Portugal poderíamos ter várias perspectivas aqui e não só uma ou duas que é muito pouco. E portanto lá está, tem de ver com isso, a mesma crítica poderia para o movimento feminista que é pequenino em Portugal também mas ainda assim é maior e tem mais diversidade de ideias, o movimento LGBT ainda é um bocadinho... as pessoas ainda pensam todas um bocadinho da mesma maneira até porque são pessoas, é normal que isso aconteça.

*E o movimento feminista é mais acolhedor dos homens, há uma maior receptividade de homens que estejam interessados em entender, em...*

Em comparação com o quê, com o movimento feminista noutros países?

*Sim, talvez.*



Não sei se é mais se é menos. Noutros países também há homens que têm um papel de destaque no movimento feminista, portanto... cá podia haver mais, mas não é tanto uma reacção do movimento não os querer lá, são eles que também não aparecem, portanto... apesar de o facto de começarmos a ter em Portugal pessoas que trabalham nessa área científica e que vão tendo alunos, falando das suas ideias e de alguma forma depois permitindo as construções para a reprodução desse trabalho, isso é uma coisa que ajuda a tornar mais sólido este movimento não é, este e os outros, porque as pessoas vão no fundo sendo expostas a estes saberes e vão querendo intervir sobre as coisas, parece-me, não sei, também depende das pessoas obviamente.

*Então, só mesmo para acabar, ser um homem feminista em Portugal como é que é, qual é a experiência?*

Ah, eu nunca me pús muito nessa posição do homem feminista.

*Possivelmente será essa a categoria em que a maioria das pessoas o colocam, não?*

Pois, sim, mas isso não quer dizer que me preocupe, ou que pense muito sobre isso, na questão do 'homem'.

*Não tanto a nível das mulheres do movimento feminista mas quando vai a comunicações públicas, qual é a percepção... de certa forma ainda é muito pouco usual ter um homem a defender estas questões do género, é mais neste sentido a pergunta.*

Pois... não sei muito bem pró que as pessoas olham pra mim [risos].

*Não tanto pra si, mas mais prá categoria, o espaço abstracto...*

Por acaso não lhe sei responder muito bem a isso porque... não sei responder porque quando tou a falar não tou a perceber muito a ideia do que eles tão a construir a meu respeito. Normalmente, as pessoas acham engraçado, acham giro, tar ali um homem a defender estas coisas, e acham muito bem, e vêem-me cumprimentar e normalmente recebem bem aquilo que eu tenho pra dizer, dependendo também um bocado das pessoas que são porque uma coisa é falar pra uma audiência mais de feministas outra coisa é falar pra uma audiência de académicos e outra ainda é falar pra uma audiência mais pública, [[texto omitido intencionalmente]. Ora ele veio com aquele discurso, quer dizer, mas depois a lei acabou por passar... portanto, temos vários tipos de reacção, depende também muito do que é que a pessoa tá a dizer, se a pessoa tá a dizer uma coisa muito contra-normativa também as reacções não são muito boas, depende muito... eu as reacções piores que já tive foi sempre de pessoas mais conservadoras, são

sempre... ficam sempre muito perturbadas porque aquilo mexe-lhes lá com as categorias delas que tá tudo muito arrumadinho e depois eu venho e baralho aquilo tudo e isso pra elas é um bocado complicado. Lembro-me uma vez uma cadeira que dei numa universidade qualquer, era uma pós-graduação, ah já sei, sobre educação sexual, uma pós-graduação sobre educação sexual, e convidaram-me pra ir falar de gênero, e eu como nunca falo só de gênero, falo sempre de coisas também ligadas um bocado... pras pessoas perceberem que não se pode falar de gênero, sem falar de feminismo, e quem faz isso tá a fazer má prática profissional, porque o gênero surge dentro desse contexto, portanto as pessoas... eu às vezes fico irritadíssimo quando vejo pessoas a falarem de gênero como se aquilo não tivesse nada que ver com as feministas, mas isso é o maior disparate que se pode fazer, quer historicamente quer epistemologicamente, porque as coisas têm uma origem. Eu às vezes já nem digo que faço estudos de gênero, porque já me irrita que as pessoas não... digo mesmo é estudos feministas, que é pras pessoas perceberem mesmo do que é que se está a falar, pra não entrarem em... porque já ouvi também as pessoas dizerem coisas do tipo, "ai eu acho muita graça ao gênero, mas agora às feministas...", e isso não acho admissível, acho que é estúpido, é as pessoas não terem consciência de onde é que vêm as coisas e como é que as ideias se constroem. Portanto, aí, nessa pós-graduação onde fui dar essas aulas, falava de muita coisa sobre sexualidade também, e falava dos direitos das pessoas e tinha lá um homem que tinha sido padre, e ele alucinava cada vez que eu começava a falar, passava-se, porque aquilo era tudo muito contra as ideias dele, pois, e o homem ficava-me abespinhado com tudo o que eu dizia, mas pronto, isso... depende muito, não sei, acho que há reacções muito diferenciadas de acordo com a audiência, de acordo com aquilo que se tá a dizer também, porque se for um discurso mais neutro, entre aspas, as pessoas até alinham naquilo, mesmo pessoas mais conservadoras, se é um discurso mais politizado, e o meu costuma ser, porque também acho que nunca dá pra falar nisto no neutro, porque não são coisas neutras, e pronto eu também tenho algumas práticas pedagógicas, isso já no domínio específico das aulas, que às vezes irritam as pessoas, os alunos. Por exemplo, eu nas aulas nunca uso o masculino universal se tiver mais mulheres do que homens, trato-os, 'os' e 'as', no feminino, e às vezes eles mandavam-se ao ar com aquilo. Por exemplo, outra coisa que eu tenho também que faço muito é primeiro dia de aulas explico-lhes logo como é que são as regras, uma das coisas que eu lhes digo é, se eu vejo vocês escreverem 'homens' com 'H' grande, 'Homem' com 'H' grande a representar a humanidade, eu desconto-vos um valor nos exames finais e nos trabalhos, mas claro, explicando porquê obviamente, não é uma coisa arbitrária, e eles aquilo faz-lhes muita impressão, depois eu desconto mesmo porque aquilo é ciência, se é ciência a linguagem tem de ser correcta, a pessoa não pode ir falar a partir do senso comum, e por exemplo dizer que a psicologia é o estudo do Homem isso pra mim dá-me logo... é logo pra baixo [risos], e eles às vezes escrevem esses disparates, mas eu aviso, e portanto, se calhar também são práticas que os podem deixar mais ou menos irritados mas ficam a perceber uma série de coisas ligadas às questões da linguagem que são

questões importantes. Pois, não sei muito bem explicar a questão da minha recepção.

*Nunca sentiu isso de uma forma muito...*

Negativa?

*Nunca sentiu isso, de forma positiva ou negativa...?*

Senti de forma positiva, várias vezes e algumas também negativa, mas não consigo explicar ainda muito bem os públicos e como é que as pessoas pensam, porque também nunca sei, porque as pessoas depois não nos dizem directamente as coisas, não é, às vezes ouvimos assim umas histórias, mas nunca nos dizem assim directamente as coisas...

*Mas há alguma situação em particular, por exemplo, referiu os contextos das aulas, em que possivelmente a maioria serão mulheres, talvez as próprias mulheres achem pouco usual um homem estar ali a falar e assumir-se feminista. Não é todos os dias que se vê isso, geralmente são as mulheres a falar sobre mulheres, ainda se vê isto de uma forma muito compartimentalizada. Talvez nas aulas tenha uma maior percepção disso...?*

Eles às vezes, mesmo que achem estranho eles não vão, eles não me vão confrontar com isso porque depois também me vêem muito... sei lá, fizeram uma reportagem no Público sobre isso, eu apareço a falar sobre o feminismo, fazem entrevistas de jornal às vezes convidam-me pra dar uma entrevista, ora eles também vêem-me já muito metido naquilo, depois vão à internet e vêem o meu currículo e é tudo... eu depois ponho sempre investigador em estudos de género e teorias feministas, portanto à partida as pessoas já sabem pó que é que vão, não vão enganadas. Depois também, uma coisa que estimulo nas minhas aulas e até nas conferências é a possibilidade das pessoas discordarem, acho interessante que as pessoas discordem e que possamos debater as questões, só que até hoje nunca ninguém me conseguiu convencer a assumir uma perspectiva não feminista, mas isso... mas já houve pessoas que quiseram mostrar a diferença das suas ideias em relação às minhas, o que para mim até é uma coisa que eu gosto, sentir essa divergência de opiniões, porque no fundo também isso faz parte de um certo espírito feminista, de alguma forma, e nós gostamos, é uma coisa que acontece frequentemente, é das coisas que eu acho mais piada, nalgumas feministas, e eu diria mesmo na maior parte, nós temos um espírito muito crítico, muito irónico, e gostamos de trocar as voltas às pessoas, porque o nosso trabalho também é um trabalho muito de desconstrução. Eu agora ando a ler o livro da bell hooks, este que tou a ler agora, que é o Culture qualquer coisa, agora não me lembro do nome...

*Cultural Outlaw.*

Exactamente, Culture Outlaw. Ela tem um texto extraordinário sobre a Camille Paglia que eu acho daquilo... eu emoldurava aquele texto, em que ela diz exactamente o que penso sobre a Camille, mas eu ainda diria mais coisas, porque eu a Camille Paglia é o meu ódio de estimação [risos], e então ela faz uma análise tão irónica, tão vibrante, daquele trabalho da Camille Paglia, que a gente vê aquilo e é muito interessante a maneira como ela desconstrói aquilo e depois a partir de um posicionamento feminista negro, que aquilo dá uma leitura daquilo que eu acho que a outra tá a tentar fazer, e toda feita a partir do humor, é uma leitura humorística, porque a outra é uma caricatura, pronto, de facto é uma caricatura, não é uma pessoa que nós levemos a sério no feminismo, não podemos, porque a mulher só diz é disparates. Ainda me lembro agora de uma coisa que ela escreveu no The Guardian sobre a razão pelo qual não haviam mulheres génios, então pra ela é porque as mulheres são ligadas ao corpo, portanto o estereótipo dos estereótipo, e a bell hooks dá-lhe de uma maneira, é fantástico ler aquilo porque é muito... é brutal, aquilo que ela diz sobre a outra é brutal. E eu gostei muito dessa... isso é um exemplo de um certo espírito feminista que é muito comum nestas autoras e nestas pessoas. Eu conheço várias que também são assim e é um meio que tem todo esse lado da ironia e da desconstrução, e que por dentro se nota disso. Eu também tenho conversas desse tipo com as minhas colegas e companheiras feministas, e é uma coisa muito divertida quando nós nos pomos de facto a discutir, por acaso no outro dia aconteceu-me uma que permite ilustrar isto. Há um tipo que tá no centro de investigação onde eu estou, que a propósito de uma conferência importante que vai haver agora em Madrid, que se chama Mundo de Mujeres, mandou um mail pa toda a gente do centro, o tipo faz estudos de género, só, estudos de género, e manda um mail a perguntar se as outras pessoas do centro, e o centro é uma coisa de psicólogos, não é um centro feminista infelizmente, acham que ele deve ir, porque ele é homem, aquilo é tudo mulheres, e que para além disso não percebe se é uma conferência se é uma espécie de um show. Eu imediatamente recebi aquilo, eu fiz forward daquilo prás minhas amigas feministas todas, e depois fazia uma introdução em que brincava um bocado com aquilo e recebia respostas mais engraçadas, uma dizia "manda-lhe um mail a dizer que ele que não vá, que ainda é comido por elas", o portanto nós temos um bocado essa... é uma característica, não é uma característica de personalidade, mas que se adquire um bocado dentro do movimento, a gente tá sempre a levar com o patriarcado que é uma estratégia de resistência, essa...

*Utilizar o humor para de certa forma...*

E que é histórica, quer dizer, já a Virginia Woolf usava isto... já a Mary Wollstonecraft usava isto nos seus textos, portanto... é uma ferramenta linguística usada neste processo de desconstrução e acho que quando a gente começa mesmo à sério no feminismo e isso depois surge-nos, eu sempre tive esse lado irónico, é uma coisa que tenho desde há muito tempo, a Camille Paglia por

exemplo diria que isso é por ser gay, porque ela acha que os gays à partida têm essa, é uma coisa de personalidade, não sei muito bem porquê, a Paglia é palha, pronto, não sabe o que é que tá a dizer. Mas não sei, acho que é uma coisa que é engraçada, que nós costumamos ter, e isso ajuda às vezes na recepção pública daquilo que nós dizemos, eu por exemplo muitas vezes nas minhas aulas uso a ironia como estratégia de os alertar pa uma série de questões e normalmente resulta, as pessoas percebem, e depois é possível a partir daí fazer um trabalho então de informação, depois de lhes desbloquear aqueles preconceitos que eles têm, os alunos ainda são muito preconceituosos quando chegam à universidade, e portanto acho muitos trabalhos importantes, o que as universidades deviam fazer muito mais era desenvolver um espírito crítico, eles não têm, e quando isso acontece, é muito engraçado porque eu acho que... a partir do momento em que a pessoa adquire algum espírito crítico e alguma formação sobre esta área, parece-me difícil a pessoa não se tornar feminista, porque as coisas começam-lhe a saltar à vista. E portanto, e depois também eu tenho uma vantagem que é a de viver num meio em que essas ideias são muito estimuladas, o meu namorado também é feminista, há uma série de pessoas à minha volta que ainda que não sejam assumidamente feministas, têm ideias feministas, portanto à partida tou num contexto muito privilegiado pra isto e sou muito acarinhado pelas pessoas por ter essas ideias e mesmo pessoas nas áreas das artes, que têm preocupações feministas quando eu lhes falo daquilo que estou a fazer, elas ficam super interessadas e revelam, e apoiam-me muito nisso, e portanto também acho que isso também tem a sua influência, não é, de facto a pessoa tar num meio em que essas ideias são bem acolhidas e não são mandadas abaixo ou não são vítima de preconceito, isso favorece, e portanto eu acho que isso também é uma questão importante.

*Por mim acabávamos por aqui. Não sei se quer acrescentar algo?*

Não, não tenho muito mais... [risos]

**Joel (Participante 3)**

**Entrevista 3**

**11 Março 2008**

**± 72 mins**

*Na sua entrevista referiu então aquela ideia das influências, a sua mãe e também algumas autoras feministas...*

Sim.

*A Judith Butler, a Donna Haraway... eu gostava de perceber o lugar do masculino, dos homens, se tiveram alguma influência nestas questões, o seu pai, o seu irmão...*

Influência de outros homens para a chegada a uma consciência feminista... bem, curiosamente, o meu pai e o meu irmão tiveram influências positivas no sentido em que não sendo pessoas assumidamente feministas são homens que recusam uma série de discriminações e de situações em que as mulheres sejam tidas como inferiores, digamos, que é o grande suposto do patriarcado. Outros homens são exemplos negativos [risos] por maioria, falo por exemplo dos meus colegas psicólogos, alguns que foram meus professores que me deram sobejamente exemplos da existência de valores patriarcais e da necessidade da exclusão das mulheres das esferas das decisões académicas, nomeadamente, e que foram influências negativas no sentido em que reagi contra, não é, reagi no sentido de... curiosamente até mais do que sexistas que são e muito, são também extraordinariamente homofóbicos e a situação que me lembro melhor, envolver mesmo no contexto de uma aula referirem-se a outro colega que era homossexual de uma maneira absolutamente inaceitável sobre qualquer critério, quer dizer referiram-se a ele de uma maneira extraordinariamente homofóbica e aí é uma das questões pra mim que se calhar teve mais influência até pra chegar aquilo que faço, que é a psicologia feminista crítica, foi muito este tipo de exemplos, de eu achar que os psicólogos e também eventualmente algumas psicólogas, tinham práticas extraordinariamente machistas até na própria maneira como apresentam a história da psicologia, no modo como seleccionam, como quase que não dão exemplos de teorias ou investigações feitas por mulheres, haver esta tendência andocêntrica à partida e pronto, isso pra mim foi uma questão que desde muito cedo reagi contra isto, o que também de alguma forma justifica uma certa posição de externalidade que eu tenho em relação à psicologia, que é esta coisa de quase recusa, eu nunca deixo ir um currículo meu ou uma nota biográfica minha em que haja grandes referências à psicologia porque incomoda-me muito esse grau de conservadorismo da disciplina e portanto como sou muito crítico em relação à mesma, tenho um bocado uma posição de outsider, o que ao mesmo tempo se calhar me permite tratar uma série de, porque quer dizer a psicologia para mim não faz parte da minha identidade, é uma coisa que está completamente fora e até quando me defino em termos profissionais evito muito o uso do... nem pertenço a

nada de, aquela associação pró-ordem, aquela coisa, não pertenço nada disso, e espero nunca vir a pertencer porque há determinado tipo de princípios e de práticas que eles têm que eu acho machistas e homofóbicas, e portanto de alguma forma isto possibilita-me um olhar muito mais crítico precisamente porque aquilo não mexe nada com a minha identidade [risos] e portanto de alguma maneira consigo assumir até uma posição, que eu até diria mais objectiva em certos aspectos porque não tou minimamente interessado em fazer uma defesa da psicologia ou nem um ataque, quer dizer para mim a psicologia neste momento da minha vida é apenas, tou a fazer o doutoramento na área da psicologia, mas isso não quer dizer de todo que isso seja algo mais do que um título formal que eventualmente não chegará a ser grandemente usado, porque eu o que digo sempre é que sou investigador de estudos de género e teoria feminista, e portanto a psicologia está fora disto [risos]. Até por uma questão também que tem que ver com a ideia de que o género é um objecto que não pode ser estudado a partir só de uma disciplina, isso é uma posição teórica que eu sempre tive, teórica e empírica, e portanto tenho essa, estes... depois outros factores negativos, a religião é um bom, a religião nomeadamente as práticas da Igreja Católica que em Portugal continua a ter uma posição maioritária em termos das crenças religiosas das pessoas e das suas práticas, sempre foi um grande exemplo pra mim de uma força patriarcal e portanto sempre trabalhei, uma das razões que me fazem trabalhar nesta área também é por reacção a coisas, que a gente ouve e ficamos assim um bocado, a Igreja nesse aspecto tem desde declarações de membros da Igreja, a doutrina oficial, até mesmo a Bíblia e as tradições teológicas de estudo da Bíblia são fontes de influência negativa que ajudam muito a pessoa a manter-se esperta e atenta a estas questões porque são de tal maneira misóginas que ficamos atentos a estas questões. Certas declarações políticas igualmente, eu acho que todas essas coisas, as influências nunca são só, não é só uma pessoa, não são só pessoas, são também as instituições, é também o país em que a pessoa vive. Uma outra influência que é determinante para qualquer pessoa que trabalhe nesta área em Portugal é ter em conta que ao contrário do resto da Europa, Portugal tem uma história de quarenta e oito anos de ditadura e que foi uma ditadura particularmente empenhada em manter as mulheres numa posição subalterna face aos homens até, todas as leis iam no sentido em que a mulher só valia se o marido não estivesse presente, porque senão ela até tinha que pedir autorização ao marido para ir ao estrangeiro por exemplo, ora esta infantilização das mulheres, esta menorização das mulheres parece-me que provoca em qualquer observador mais ou menos atento não só destas questões mas de outras, uma situação de revolta e de fúria contra o patriarcado. Depois é engraçado, por exemplo há uma questão da Igreja que eu costumo referir sempre, a Igreja é das poucas estruturas que por exemplo o nome da diocese de Lisboa é patriarcado de Lisboa, portanto até o nome tá lá, e a pessoa se pensar um bocadinho e tiver um mínimo de informação sobre isto percebe logo ali uma linha de intervenção. E portanto houve estes exemplos. Igualmente houve outras pessoas feministas que tiveram bastante influência sobre mim [texto omitido intencionalmente].

*Nós falámos um pouco sobre mudança, há um teórico cujo nome não me recordo para ser honesto, mas ele ou ela coloca a questão "o que é que é a mudança num sistema patriarcal", ou seja, o que é que é verdadeiramente mudança e não apenas mudança irreflectida e que só dura um instante. Eu sei que é um grande questão...*

É, é [risos].

*...não é de todo em vinte minutos que nós vamos, que vai ter aliás uma resposta à altura da questão, mas gostava que talvez se pudesse reflectir um bocadinho sobre esta questão...*

Bem, se calhar é a grande questão da teoria feminista e dos estudos de género. Eu diria que há várias possibilidades de resposta e eu revejo-me em quase todas elas. Acho primeiro que tem que ser uma mudança em vários níveis, uma mudança que tem que começar, e aqui eventualmente partilhando um pouco certos ideais do chamado feminismo marxista, acho que é uma mudança que tem que ser colocada em primeiro lugar do ponto de vista do Estado. Não me parece neste momento que seja possível que, e aliás eu mais uma vez é uma das críticas que faço à psicologia, é a crença de que mudando o indivíduo mudamos tudo, ora isso é esquecer tudo o que são as instituições, tudo o que é a cultura partilhada entre indivíduos, grupos, sociedades e que por isso a mudança individual não é efectivamente um motor de mudança, e aqui também podemos entrar numa outra discussão que é a distinção entre pequenas reformas e uma mudança à séria. Uma mudança à séria, a meu ver e começando com este primeiro nível estatal, teria que começar por limpar da legislação todas as formas de discriminação contra as mulheres e por outro lado promover formas de facilitar o acesso das mulheres a determinadas áreas estratégicas onde elas ainda estão sub-representadas, falo do parlamento, falo da representação governamental e falo da presidência da república, que em Portugal nunca teve uma mulher nesse lugar. Isso seria uma das primeiras questões, mas eu isso encaro como uma pequena mudança, não é, porque tudo isto é-se falar verdadeiramente de uma mudança teria que ser concertarmos vários níveis e teria que haver uma aposta do estado claríssima nesta área, aposta essa que está feita na constituição quando é dito que uma das tarefas fundamentais do estado português é promover a igualdade entre os sexos, ou seja na própria definição do estado português está esta tarefa essencial, é uma tarefa fundamental de estado, continuando a manter no entanto uma série de estruturas patriarcais que oprimem muito directamente as mulheres, a questão do aborto foi um exemplo muito recente de que como se esqueceu este princípio da constituição e não se aplicou esse princípio às medidas políticas específicas para combater determinado tipo de desigualdades. Pa mim, há ainda um outro nível dentro desta intervenção estatal que muita gente iria discordar isto e isto é uma posição se calhar que até, eu não teria problemas também em ser considerado assim porque é uma coisa que até gosto, que seria



uma posição muito feminista radical, eu acho que certo tipo de estruturas como o casamento são estruturas que à partida emanam de tal forma de uma perspectiva patriarcal que não há volta a dar, na minha opinião devia ser completamente abolido esse pressuposto, esse princípio, a consagração legal da possibilidade de uma união favorecida pelo estado que seja só centrada na transmissão de valores económicos e nas isenções fiscais, acho, e depois com as consequências que isso tem porque repare o casamento continua a ser definido como uma coisa entre duas pessoas e eu pergunto-me sempre porquê dois, porque é que não podem ser três, ou quatro, qual é a razão ponderosa com que faz que tenham de ser dois? Obviamente que a razão é a manutenção de uma estrutura heterossexista patriarcal, porque senão não havia motivo para serem dois. Por outro lado também considero que, sendo que no casamento enquanto ele não for estendido a todos os cidadãos e aí falo do casamento entre pessoas do mesmo sexo, ele não é uma estrutura democrática, é uma estrutura de privilégio. Ora há pessoas que defendem a ideia do alargamento do casamento a todas as pessoas, eu também concordo, mas concordaria mais com a abolição, porque é que tem que ser? Porque é que o estado tem de favorecer determinadas formas de família e não outras? Pronto, isto nessa questão. Por outro lado também acho que isto equivaleria a fazer aí sim uma série de revoluções, porque de facto são valores muito entranhados na cultura e portanto de alguma forma isto equivaleria a pôr em causa essa própria cultura, mas se calhar é mesmo isso que tem que ser feito, porque sem pôr em causa os pressupostos do patriarcado não é possível mudar isto, porque as pessoas fazem umas pequenas mudanças cosméticas que depois acabam por não conseguir necessariamente fazer essa... e portanto eu sou muito crítico destas, da manutenção de estruturas que à partida são patriarcais. Depois para além disso há toda uma série de questões ligadas com o papel das mulheres na família, e com a reprodução de valores tradicionais em relação à manutenção desse papel, acho que não é aceitável no século XXI que sejam as mulheres a continuar a ter a maior parte de horas de trabalho doméstico, a maior parte de horas de cuidados dos filhos, até porque os homens também têm esse direito e esse dever. E se forem as mulheres as únicas a terem acesso a fazer isto, isto corresponde também a retirar aos homens um direito essencial que é a educação dos seus filhos e o cuidado dos seus filhos, e portanto acho absolutamente essencial promover um discurso de maior participação dos homens nestas questões e que eles estejam de facto envolvidos à séria nisto e que até se calhar o Estado deveria favorecer que houvessem possibilidades dos homens terem mais tempo de licença de paternidade para poderem promover activamente essa relação inicial com a criança, isso acho que é uma questão absolutamente essencial. Na questão do emprego acho que é muito, muito importante medidas de acção positiva, no sentido de evitar que haja uma absoluta sobre-representação de um dos sexos sobre outro, nomeadamente no acesso aos lugares de poder. E poder sou, para além de ser a favor da lei das quotas, sou ainda mais favorável à lei da paridade. Para mim a questão não é uma questão estritamente numérica, é uma questão se de facto a sociedade divide as pessoas entre homens e mulheres, o que para mim é uma fácil divisão, mas se há essa

divisão à partida, então porque é que não há uma representação igual? Porquê, qual é a razão que leva a que as mulheres não estejam, mulheres e não só, todos os grupos têm que estar, sob condição de não vivermos numa democracia, porque uma democracia é o sistema onde todos podemos votar e onde todos podemos ser votados, e porque é que não somos? Depois, há questões muitíssimo graves ligadas às discriminações face a pessoas não heterossexuais, a pessoas transsexuais e aí eu acho mesmo que é preciso uma intervenção de emergência no sentido em que seja tornado concreto uma série de direitos que estas pessoas deveriam ter e que estão implícitos no artigo 13 da constituição, o artigo da igualdade entre todos os cidadãos, e que não é depois aplicado a todo o panorama legal, eu vejo muito a questão do ponto de vista legal porque acho que é um primeiro passo, porque é preciso regular as práticas, é preciso permitir que não seja a lei a dar suporte a práticas discriminatórias, depois acho que tem que haver um sistema de punição da discriminação de todo o tipo e que seja uma punição absolutamente exemplar no sentido em que quem incorreu nessa discriminação não torne a fazê-lo porque lhe fica demasiado caro, acho que tem que ser por essa via, por exemplo uma empresa com práticas discriminatórias em relação a mulheres, deve por exemplo ser impedida de desenvolver a sua actividade por um determinado período de forma que não o volte a fazer, e isso é levar à séria princípios como a igualdade, porque se é um princípio fundamental do estado, as pessoas não podem transgredir, pura e simplesmente, e essa transgressão deve constituir crime punido por lei. Por outro lado, questões da intimidade, questões do privado, a questão da violência de género acho que está a ser tratada de uma maneira muito pouco eficaz por parte da legislação actual, acho em primeiro lugar que as penas aos agressores devem ser assustadoras. Acho isto tendo em conta os efeitos que essas agressões vão ter sobre as vítimas que são terríveis e ao mesmo tempo, por exemplo a legislação espanhola, o caso da legislação espanhola é muito mais avançada do que a portuguesa na questão da violência de género, e chama-se a lei da violência de género que é uma coisa que em Portugal passa por uma coisa que é a violência doméstica não tendo em conta que há uma ideologia de género que sustem esta violência, que é a ideia de que as mulheres são inferiores aos homens e que tão ali para os servir, e portanto eu aí sou da opinião que o combate à violência de género deve ser uma das primeiras causas de um governo, porque não é possível permitir que as pessoas continuem a ser agredidas e a morrer por causa de uma ideologia, não é possível, isso é profundamente anti-democrático e portanto a lei espanhola nesse caso obriga por exemplo as empresas onde estas mulheres trabalham a transferi-las para outros sítios e a garantir que elas mantêm o seu vínculo profissional e que não saiam duplamente atingidas perdendo o seu emprego porque têm que ir para outra terra para não continuarem a serem agredidas. Houve também uma intensificação da pena, em Portugal pelo que eu fiquei a saber e não conheço bem o contexto, uma das medidas que não sei se já está a ser posta em prática mas que eu acho que é absolutamente ridícula é dar um telemóvel às mulheres para chamar, para pedirem ajuda, isto não tem sentido, isto é um tipo de legislação que não tem sentido, o que é que ela faz com o telemóvel, atira-o acima dele para se

defender? Quer dizer, não... Depois, isto pá questão da violência doméstica que acho que era mesmo preciso encontrar maneiras legais de dificultar ao máximo a vida de quem exerce este tipo de violência. Uma coisa que eu acho absolutamente central e agora já saindo, começando a sair da esfera de intervenção do estado e passando para a esfera de intervenção das instituições, mas o que o Estado tem que ter um poder regulador, falo das questões da imprensa e dos meios de comunicação social que continuam impunemente a promover quer em anúncios quer em textos quer em filmes valores absolutamente patriarcais. Quando nós ligamos a televisão e vemos um anúncio de cerveja em que estão duas mulheres e é perguntado se o homem prefere a loura ou a morena e ele prefere a ruiva que é a cerveja, isto é absolutamente inaceitável, numa democracia ver uma coisa destas é atacar os fundamentos dessa própria democracia, e acho que devia haver instituições reguladores deste tipo de coisas, porque quer dizer as pessoas não põem em causa hoje em dia que se proibam anúncios racistas, imagine um anúncio em que alguém goza com o holocausto, não é aceitável, porque é que é aceitável que uma mulher seja tratada como um objecto, ou seja vendida como um objecto? Não é, a questão é assimétrica, o que não aconteceu nunca foi um genocídio só de mulheres mas ele aconteceu ao longo da história, e portanto fazer este tipo de anúncio corresponde de alguma forma a usar e a impunemente entrarem em incumprimento de um princípio constitucional básico, e portanto acho que nomeadamente nas televisões públicas, nos privados também mas particularmente nas televisões públicas, isto devia ser absolutamente proibido. Uma outra questão ainda dentro desta esfera das instituições também tem que ver com o facto de muitas instituições continuarem a promover determinado tipo de valores que não são consentâneos com a constituição e eu isso não posso aceitar, não acho aceitar que isso seja feito, nomeadamente instituições ligadas ao chamado apoio às mulheres, tipo solidariedade social, em que tem um discurso completamente louco sobre as mulheres, nomeadamente certas instituições pró-vida, *so-called* pró-vida que eu chamaria anti-escolha. De alguma forma estas instituições estão a promover determinado tipo de valores que atacam directamente os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, porque é que estas pessoas continuam a ter à sua guarda mulheres adolescentes ou jovens adolescentes e até lhe dão formação, mas formação em quê, o que é que eles tão a formar? A formação que lhes está a ser transmitida é uma ideologia religiosa, não acho que possa ser aceitável. Igualmente o mesmo em relação a outras instituições que fazem o mesmo com crianças, que promovem valores desiguais e usando a capa da solidariedade social, que eu até se calhar nem chamava solidariedade social e chamava caridadezinha, de alguma maneira estão a promover mais uma geração que em vez de porem em causa determinados valores da ordem patriarcal, pelo contrário são criados dentro desses valores, e isso é notório em determinadas atitudes que depois as pessoas que saem destas instituições acabam por ter. Um caso que foi muito falado foi o caso do assassinio daquela transsexual do Porto, a Gisberta, que foi assassinada por miúdos de uma instituição deste tipo, como é que isto é possível, como é que a instituição não tá no banco dos réus também? Então não tem a guarda das crianças? Ou seja, eu

acho que há aqui questões muito graves do ponto de vista desta ideologia patriarcal, eu para mim vejo-a como um valor que se sobrepõe à democracia e continua a regular a vida das pessoas apesar da lei tentar limitar essa intervenção. Depois há todo um plano individual, que tem que ver com o qual é o resultado então de práticas sexistas, discursos patriarcais e instituições patriarcais sobre as pessoas? É óbvio que isso vai permitir que as pessoas mantenham uma consciência misógena da realidade, que tenham uma visão perfeitamente desinformada do que é o feminismo, por exemplo, ou do que é que é a igualdade de género que se tornou um chavão, e aí por culpa dos políticos no sentido em que usam estes princípios constitucionais, mas depois não os espelham na legislação ordinária e o que acontece é que isto passa a ser apenas um discurso. Aí é preciso todo um trabalho de informação, de transmissão de conhecimento, até porque não, de existirem disciplinas no ensino básico, secundário, e até no ensino superior, onde questões como estas sejam tratadas, questões de cidadania, porque as pessoas têm todas de viver no mesmo país e portanto têm que aprender a conviver. E esse tipo de medidas para mim permitiriam pelo menos que as pessoas tivessem oportunidade de aceder a este conhecimento, que é uma coisa que hoje em dia não se passa, hoje em dia isso ainda não acontece, e portanto eu diria que era preciso fazer um esforço muito grande. Eu aqui tive só mais centrado na questão das mulheres, mas o género é muito mais do que isto, porque há também a questão das pessoas não heterossexuais, há a questão dos homens, que é uma questão fundamental, a questão da masculinidade por exemplo, sabe-se que a masculinidade hegómica implica riscos para as pessoas. Porque é que não há medidas de prevenção desses riscos, que em vez de irem só aquela causazinha específica, tipo o consumo de álcool nos adolescentes, não vai à questão da masculinidade hegemónica? Porque é que continuamos a ver na televisão, com o maior desplante, homens a comportarem-se de uma maneira que só evidencia a total adesão a esses valores, e esses homens são tidos como exemplo? O mundo do futebol por exemplo é um mundo que tá cheio disto, porque é que isto continua a ser, ou melhor, porque é que a masculinidade, ou a masculinidade hegemónica, continua a ser o grande atributo de tantos homens, e não a inteligência, a capacidade de liderança... não, em muitos casos, a masculinidade é o seu próprio valor, são muito machos. Ora eu acho que isto é preciso ser combatido de facto em muitos níveis, e enumerei algumas medidas concretas que na minha opinião poderiam enquanto especialista nesta área poderiam combater de alguma forma estas ideologias mais abrangentes, porque se vamos pôr a coisa só num dos planos não nos é possível provocar mudança nenhuma, e portanto... mas continuo a achar e aqui muito próximo das feministas marxistas que a questão do Estado é essencial, é por aí, é no sentido em que o estado é um referente, nem que seja do ponto de vista legal, ainda é um referente para que a sociedade se pense e portanto aí há uma tarefa essencial que o estado deve ter que é o combate precisamente às ideologias patriarcais, às masculinidades hegemónicas que até põem a vida das pessoas em perigo e portanto se calhar é melhor pensarmos duas vezes nesta questão e que se constituem depois entraves à democratização da sociedade, eu ponho a

questão do ponto de vista sempre da democracia e pra mim não há verdadeiramente uma democracia enquanto houverem pessoas a serem tratadas de forma desigual em relação a outra, porque a democracia corresponde à abolição dos privilégios. Porque é que os homens heterossexuais brancos continuam a ter privilégios em relação a todos os outros grupos, porquê, porque é que continuam a ganhar mais dinheiro, a terem eles nos lugares de poder, porquê?

*Mas como é que se faz a mudança a nível do estado se o estado também é composto, na sua grande maioria, por homens heterossexuais brancos?*

Tivêmos exemplos de como é que se pode fazer essa mudança, essa mudança no caso português ela foi facilitada por uma coisa, que foi a entrada de Portugal na União Europeia, que forçou a adopção de uma série de medidas que não estavam pensadas e que acabaram por integrar a constituição portuguesa. Eu tenho muita esperança em instituições como a União Europeia que já deu provas de que tem uma concreta preocupação com a igualdade entre os sexos e com a igualdade em geral nos países que a compõem, e portanto que de alguma forma começa a adoptar legislação cada vez mais favorável a uma efectiva igualdade entre as pessoas e aí acho que o Estado português tem que acabar por acatar. Também acho que de alguma forma é possível os homens brancos e heterossexuais terem, e acredito piamente nisso, terem princípios democráticos e serem contra esta discriminação, portanto não ponho nunca a questão do ponto de vista de serem os homens que são contra as mulheres, não é isso, porque as ideologias de género são más para elas num determinado sentido, mas também são más para eles noutro, e portanto a questão nunca se pode pôr esta questão do ponto de vista de uma guerra entre os sexos porque não é isso. Portanto de alguma forma eu acho que há essa questão da União Europeia, há a questão das pressões da sociedade civil que são absolutamente fundamentais, as pessoas têm que começar a recusar-se a viver de determinadas maneiras, têm que começar a ter uma cidadania mais participativa, mais activa, e não ficarem e não se limitarem a viver de acordo com o que dizem que as sociedades esperam delas, quer dizer isso é irrelevante, as pessoas têm que exigir e têm que reclamar os seus direitos e não podem agora estar a ser postas em causa por determinado tipo de práticas igualitárias e daí eu ter a opinião que esta pressão da sociedade civil e de movimentos sociais, em que o feminismo tem um papel muito importante a desempenhar no sentido de possibilitar as sementes para esta mudança, que é aquilo que corresponde a fazer lobbying sobre os governos e sobre as instituições decisoriais, é preciso, é preciso construir estruturas que de alguma forma façam pressão sobre os governos para que eles passem a adoptar medidas que favorecem todos os cidadãos, é que as medidas de igualdade de género não prejudicam ninguém, podem é favorecer, prejudicar não prejudicam ninguém, o que prejudica as pessoas são as ideologias patriarcais e aí... depois por outro lado também os indivíduos também podem ter um papel importante no sentido em que ao darem visibilidade a estas questões estão de alguma maneira a inscrevê-las

numa agenda que pode servir de pressão sobre os governos. Por exemplo em relação à questão da ligação de estruturas estatais é preciso perceber que o feminismo já entrou nesse domínio, já temos as comissões para a igualdade, isso é uma conquista do feminismo, e essas comissões de facto têm um papel importante e têm tido a preocupação de alertar sistematicamente as sociedades para determinadas questões ligadas às discriminações, muita gente dirá que não é suficiente, eu também acho que não é, mas é um primeiro passo fundamental para que estas questões entrem na agenda política e não sejam tratadas como questões de somenos importância que é uma tendência que existe na política portuguesa em relação às questões de género, é tratá-las como minudências, questões menores, o que se viu perfeitamente quando o segundo mandato do governo Guterres nomeou a Maria de Belém Roseira para a Ministra da Igualdade, o que foi isso, as pessoas ficaram completamente chocadas, que não podia ser e porque isto e porque aquilo e que ela não tava lá a fazer nada, ora este tipo de atitude é uma atitude, primeiro é uma jogada política e por outro lado inibe à partida a acção de qualquer ministério, se se acredita á partida que o ministério não faz nada, então ele acaba por não ter real impacto na vida das pessoas, porque as pessoas à partida ainda que hajam medidas que sejam tomadas por esse ministério, são sempre tidas como minudências, mas nós em Portugal até temos uma história interessante sobre isso, porque em relação ao ministério da cultura ele só é estabelecido no primeiro mandato Guterres, até então não havia ministério da cultura, havia uma secretaria de estado, percebeu-se que era preciso ter ministério da cultura, e as pessoas ficaram convencidas, hoje em dia quer dizer se calhar há pessoas que dizem isto mas eu parece-me que serão pessoas muito minoritárias e muito pouco informadas que se calhar dirão que não é preciso um ministério da Cultura, mas no entanto hoje em dia a maioria da população portuguesa concorda com a existência de um ministério da cultura, porque não um ministério da igualdade? Qual é a... e aqui igualdade entendia até em termos ministeriais não só como a igualdade entre homens e mulheres mas a igualdade de todos os cidadãos perante a lei. Eu acho que de facto é preciso haver estruturas com este tipo de poder, com este tipo de inscrição dentro de uma orgânica de governo para poderem ter alguma eficácia e algum peso nas sociedades.

*Mencionou a ideia da transformação ao nível dos homens, falou também da necessidade de criação de estruturas, não sei se estava a pensar na criação de estruturas a este nível também, mas gostava que falasse um pouco sobre aquilo que pensa ser necessário fazer a nível da transformação dos homens.*

Das ideologias dos homens...

*No sentido de provocar a mudança.*

Sim. Acho que muito passa pela educação, muito passa por aí, muito passa por formação profissional específica em questões de igualdade, não vejo que seja preciso fazer algo de muito diferente do que se faria em relação às mulheres, pelo

contrário até acho que estas coisas... eu por exemplo não me faz sentido nenhum nos dias de hoje ver, já fui convidado para dar várias formações e já dei sobre questões de igualdade, ver uma turma só de mulheres ou uma turma só de homens, acho isso completamente absurdo, e acho que tem que haver um discurso, não digo que tenham que ser 50-50, não é possível fazer turmas de 50-50, mas que hajam pessoas de ambos os sexos. Ainda enquadro muito estas questões do ponto de vista deste tipo de estratégias que vejo não como estratégias para as mulheres mas para os cidadãos em geral, portanto acho que passaria muito por isto, passaria pelo facto destas instituições também terem um discurso específico sobre as questões da masculinidade hegemónica e sobre as questões do combate às discriminações e não se manterem apenas acantonadas na questão das mulheres, não podem, estamos a falar de igualdade e portanto não tem sentido nenhum estar a falar apenas das mulheres, é preciso também ver que estas instituições façam uma luta muito activa pela integração dos homens nestas, e até eventualmente na chefia dessas instituições também, porque não?

*Fala destas instituições, são instituições...*

São instituições como a Comissão para a Igualdade, são instituições como o ministério para a igualdade que não existe neste momento mas já existiu, são instituições como a CITE que é a comissão para a igualdade no trabalho e no emprego e que sei que têm programas que não são só para mulheres, a preocupação deles não é essa, a própria mudança do nome da CIDM que era a comissão para a igualdade dos direitos das mulheres e que agora é a comissão para a igualdade de género traduz essa preocupação, traduz uma abertura para integrar também preocupações ligadas aos homens e para lhes transmitir este tipo de conhecimentos. Eu vejo muito a questão do ponto de vista da transmissão dos conhecimentos mas acho que é preciso também trabalhar nas vertentes comportamentais, trabalhar na vertente atitudinal não só na vertente estritamente cognitiva e informativa, mas ao mesmo tempo considero que no caso português há muita falta de informação sobre estas questões. Por exemplo, como é que é possível as pessoas chegarem ao fim de um curso em ciências sociais e não terem nenhuma noção de igualdade de género, nem sequer a noção de género muitas vezes, nota-se a baralhação constante entre sexo e género, o tratamento que é dado às pessoas... por exemplo eu acontece-me... isto em Portugal, eu olho para textos de colegas meus e eu não vejo, e falam das questões de género às vezes, colegas meus que não são da área, eles ignoram completamente estas questões, ignoram, não têm qualquer noção sobre isto. A mim faz-me uma impressão terrível porque eu para além de trabalhar nas questões de género também sei umas coisas das outras áreas e portanto também sou capaz de ver e de citar um ou dois autores que sei que tem trabalho sobre isto e aquilo, em relação às questões de género não há essa preocupação, e isso nota-se muito na investigação, o que a mim me traduz, o que pra mim quer dizer que então estamos a falar mesmo de um défice de informação muito grande, porque se até estas pessoas que supostamente são pessoas especializadas em várias áreas do saber

não têm estas noções, como é que se espera que o grande público as possa ter, não podem. E portanto acho mesmo que é preciso de alguma forma mudar completamente este sistema no sentido de possibilitar que as pessoas tenham acesso à informação e que ela não seja exclusiva de pequenos grupos e portanto aí acho que de facto por exemplo o ministério da educação e o ministério do ensino superior deveriam ter políticas activas ou visíveis para que estas coisas passassem a fazer parte do currículo, porque senão continuarão a ser questões menores, claro.

*Então só mesmo para clarificar algumas coisas, quando falou por exemplo, quando estava a falar sobre a questão de mudança, falou que uma das medidas que acharia importante adoptar seria maior acesso das mulheres em cargos do Estado, em que estão sub-representadas. E depois mais à frente falou também que seria importante acções positivas no emprego. Estas acções positivas e maior acesso das mulheres seria aquilo que talvez nos Estados Unidos acontece...*

Sim...

*... em termos de raça...*

...absolutamente, é nos Estados Unidos que isto acontece, porque precisamente foi aí que começaram estes debates e as sociedades começaram a ver-se obrigadas a transpôr esses princípios para determinadas práticas, nomeadamente no acesso ao emprego. Lembrando que a União Europeia também tem esse tipo de práticas e que Portugal tem consagrado na lei a importância do uso desse tipo de medidas temporárias para corrigir uma questão de desigualdade, são sempre medidas temporárias obviamente.

*Já agora uma outra questão que não tem muito a ver com esta última questão, mas colocou aquela ideia de que se a sociedade divide entre homens e mulheres então porque é que não há paridade? Não será pelo próprio facto da sociedade ter este binómio que talvez não exista esta paridade, no sentido de que ainda se considera que as mulheres ainda têm a casa...*

Ah sim, claro que sim, concordo absolutamente, aliás eu acho muito perigosas as ideias... vamos pensar isto numa perspectiva que é se as sociedades inventaram esta divisão para alguma coisa foi e essa divisão inscreveu-se sempre em práticas patriarcais, inscreveu-se sempre num sentido de privilegiar determinadas áreas de actividade que são distribuídas ao sexo que é privilegiado, nomeadamente todas as acções que tenham a ver com o exercício de poder e com uma remuneração elevada. Se isto acontece de facto se calhar então é porque o problema está mesmo, que há que combater esta ideia, mas quando falamos em termos de medidas políticas não me parece que haja da parte das sociedades neste momento uma... a facilidade com que isso seja feito, não acho que seja possível neste momento entrar mesmo com medidas de desconstrução do binómio, que eu



concordaria, eu seria dos primeiros a concordar. Mas se estamos a falar de intervenção política temos que perceber o contexto em que estamos e se o contexto em que estamos faz esta divisão há duas maneiras de lidar com isto, ou ignoramos a divisão e nos mandamos para a frente no sentido de mudar radicalmente tudo, encontrando aí muito mais resistências, muito mais problemas do ponto de vista das possibilidades de mudança ou então vamos tirar partido dessa divisão e dizer então essa divisão inscreve-se numa maneira de ver o mundo, inscreve-se na constituição por forma a que em resultado dessa divisão ninguém seja discriminado. Há aqui várias possibilidades. Obviamente que em termos de princípio, eu sou sempre apologista da total desconstrução, em termos de implementação de medidas políticas não me parece possível e por isso obviamente sou a favor da construção de um projecto de sociedade que represente então os dois sexos da mesma maneira, já que temos que viver com os dois sexos, então que eles não sejam uma razão de discriminação de ninguém. Porque pelo contrário no meu trabalho académico uma das coisas que faço é precisamente promover essa desconstrução e reitero que continuo a achar que não há razão nenhuma científica para que essa divisão seja mantida, porque estamos a falar de grupos que são tão heterogêneos que as diferenças dentro dos grupos são maiores do que as diferenças entre os grupos, o que quer dizer que o grupo não tá a funcionar, que a categorização não tá a resultar. E há estudos, até na área da biologia que mostram isto de uma forma super clara, há um trabalho extraordinário da Anne Fausto-Sterling que se chama *Myths of Gender* que analisa as teorias da biologia sobre a diferença entre os sexos como mitos de género e que demonstra que aqueles trabalhos estão cheios de problemas metodológicos e que as conclusões não são verdadeiras pura e simplesmente. Portanto, sabendo isto, obviamente que promovo a desconstrução cientificamente, sei que politicamente ela não é aceite porque de alguma forma este discurso ainda não faz parte da esfera pública, temos a falar de um discurso académico que surge nos anos 80 nos Estados Unidos e que nos Estados Unidos ainda teve esse tipo de efeitos, e portanto é preciso que de alguma forma se solidifique cada vez mais o resultado deste tipo de pesquisa para avançar então para medidas políticas à sério, não é tanto uma questão de mentalidades que eu isso não acredito nada, que isso é uma coisa que eu não... sempre achei que a questão de esperar pelas mentalidades mudarem corresponde a tomar uma posição conservadora nestas questões, serve sempre para adiar as mudanças. As pessoas, as sociedades e a sua tendência para a tradição e para o conservadorismo sempre foi maior do que a tendência para o progresso e para a atribuição de direitos às pessoas e portanto de alguma forma não acho que possamos ficar à espera que as mentalidades mudem, porque isso é mantê-las na mesma, as mentalidades são mudadas pelas práticas e portanto aí tenho a opinião que não podemos de modo nenhum ficar à espera. Agora se de facto se percebe que politicamente não é possível fazer determinado tipo de mudanças, então vamos para outras medidas políticas que pelo menos nos possibilitem viver em igualdade e pronto, é por isso.

*Então quer dizer que esta ideia de desconstrução dos dois sexos é uma medida a longo termo, a longo prazo por assim dizer?*

É uma medida que se pode ir trabalhando nela no sentido em que as pessoas vão ficando cada vez mais informadas destas questões, é uma medida que é também uma postura filosófica em relação a esta questão que é uma maneira por isso é que eu por exemplo sou completamente contra o feminismo da diferença e não o acho aceitável enquanto feminista precisamente como dizia a Monique Wittig isso é manter, é usar as mesmas armas do opressor, o opressor construiu a diferença, a maneira de desconstruir a opressão corresponde a adoptar pela igualdade, mas absolutamente, e portanto eu acho que não tem qualquer espécie de sentido a manutenção dessa diferença enquanto orientadora de políticas e práticas feministas e por isso obviamente que me inscrevo muito mais no feminismo norte-americano do que num feminismo europeu e daí as minhas influências da Judith Butler e da Donna Haraway que de facto são as figuras que mais se destacaram nesta preocupação com a desconstrução da diferença e com pensar o género de uma outra maneira. Mas é óbvio que como em qualquer questão estas ideias demoram algum tempo até encontrarem formas práticas de serem postas em intervenção, digamos. A questão ainda tá muito num debate académico, mas que já há pessoas nomeadamente artistas, e aí a minha intervenção também é muito nessas áreas, na área da criação contemporânea, que usam esse tipo de materiais para propôr objectos artísticos e eu acho que é uma das maneiras mais eficazes de comunicar estas questões, mais do que discursos, mais do que conferências, mais do que textos. Acho que um espectáculo, por exemplo, ou uma instalação, ou um filme podem mudar perfeitamente ou pelo menos servir de ferramentas para as pessoas pensarem as coisas de uma outra perspectiva e isso é um trabalho que eu pessoalmente me tenho dedicado muito em colaboração directa com artistas pensarmos as coisas de uma outra maneira, e aí sim uso muito a metodologia de desconstrução, uso muito a ideia de que o género é uma coisa que se faz não é uma coisa que se tem e portanto aí tenho de facto uma intervenção muito mais forte e muito mais, e também é aí que eu quero intervir, muito mais do que noutras áreas, também porque sempre senti uma grande proximidade em relação ao trabalho artístico e portanto de alguma forma eu diria que não penso, e se calhar isso é uma das influências e aí voltamos ao princípio, aprendi a pensar de maneira diferente através da minha exposição a trabalhos artísticos, na área das artes visuais, do cinema, da dança contemporânea etc., e há de facto trabalhos que mudaram muita coisa. Há um exemplo que eu costumo dar das Guerrilla Girls que são um grupo, um colectivo de artistas feministas americanas e que fizeram um cartaz que puseram em frente ao MoMA [Museum of Modern Art's] em Nova Iorque a denunciar o facto de haverem 80% das figuras representadas nos quadros eram mulheres mas apenas 10% eram as artistas, havia apenas 10% de artistas mulheres representadas naquela colecção, isso mudou radicalmente a consciência dos museus de arte contemporânea e das suas práticas expositivas porque começaram a ficar preocupados no sentido de terem ali a manter um último reduto de machismo. Ora esta intervenção é um cartaz que

é também um trabalho artístico, teve de facto efeitos muito reais e muito concretos na questão da igualdade. Elas agora têm uma campanha muito engraçada também sobre o facto de não haver nenhuma mulher que tenha ganho o óscar para melhor realizadora e nem o óscar para melhor filme necessariamente. A denúncia dessas questões pode vir a ter o mesmo efeito que teve nos museus de arte contemporânea que hoje em dia já têm muito mais mulheres representadas nas colecções até porque na arte contemporânea, nomeadamente nas artes visuais, mas na dança seria igual devo dizer, estamos claramente numa altura em que temos grandes mulheres artistas em termos de uma conotação internacional e com exposições nos principais museus do mundo, o que traduz também que uma questão para mim também é importante, é o facto da criação contemporânea não ser possível ser feita sem as mulheres ou sem influência de mulheres o que é uma... por exemplo ainda ontem tava a ouvir uma tonta de uma fotógrafa que faz fotografias de bandas acho que pró Blitz e ela dizia que a fotografia é um acto muito masculino e que os homens são muito melhores fotógrafos que as mulheres porque os homens não sei quê, é uma questão de sucção, era uma treta qualquer, esquecendo-se que do ponto de vista da fotografia contemporânea há três nomes e são todas mulheres que mudaram radicalmente a forma de fotografar, falo da Diane Arbus, da Cindy Sherman e da Nan Goldin, que são se calhar dos principais nomes na fotografia em termos mundiais. Portanto também há muita ignorância das questões, isso é de facto uma... e portanto, o mesmo se aplica por exemplo à literatura, não é, não creio que seja possível pensar a literatura no século XX sem falar de uma Virginia Woolf ou de uma Clarice Lispector, não é possível, tratam-se de pessoas cuja obra mudou a face da literatura, o mesmo se aplica em todas as áreas, o caso da dança por exemplo se calhar se fizéssemos um inquérito a perguntar às pessoas qual é o nome do coreógrafo contemporâneo que conhecem as pessoas irão dizer Pina Bausch, que é uma mulher, e portanto isto quer dizer que as mulheres também conseguiram neste momento serem figuras de destaque e de referência pra muitas áreas e portanto eu acho uma maneira muito boa de promover simultaneamente a igualdade e as questões culturais que têm que ser promovidas numa sociedade que neste momento tem um modo de funcionamento muito ligado à produção de saber e de conhecimento, as tais sociedades de conhecimento de que se fala, seria promover actividades ligadas à igualdade usando as questões artísticas e simultaneamente dar mais informação sobre a criação contemporânea. E o mesmo se aplica a homens, o trabalho dos homens, de muitos homens na arte contemporânea é também desconstruir a masculinidade e a feminilidade, há vários trabalhos que poderiam ser mencionados e que têm particular importância, nomeadamente o Paul McCarthy nas artes visuais, que tem trabalhos extraordinários da desconstrução da masculinidade hegemónica e que acabam por ser muito pouco conhecidos em Portugal, porque no estrangeiro quer dizer a pessoa vai à Tate Modern e tem lá, há uma série de autores que trabalham precisamente nesta vertente, há o Wolfgang Tillmans também na fotografia que tem trabalhos que exploram muito a questão da sexualidade e da homossexualidade por exemplo, e que de alguma forma traduzem uma mudança de posição radical em relação a estes posicionamentos e a estas práticas e que

antigamente não eram conhecidos, um nome que eu me lembro sempre quando falo nisto é da Frida Kahlo, a Frida Kahlo foi das primeiras mulheres a ter algum reconhecimento na área artística começando apenas por ser considerada a mulher do Diego Rivera mas que hoje em dia tem uma importância fundamental e tem uma maneira de trabalhar que ainda hoje é tematizada e reaparece constantemente na arte contemporânea que é a questão da autobiografia e portanto eu acho que de alguma forma esta última parte que eu ainda não tinha falado e na qual até tenho intervindo mais tem muita importância e é preciso continuar a ser feita. [texto omitido intencionalmente].

*E era a última questão, acabávamos por aqui...*

Tá bem.

*... e depois quando eu tiver as transcrições se houver algum detalhe que eu não tenha...*

Ok.

*Agradeço-lhe.*

**Ricardo (Participante 4)**  
**Entrevistas 1 e 2**  
**29 de Fevereiro de 2008**  
**± 116 mins**

*Nesta primeira parte eu gostaria que me contasse a sua história relativamente só ao aspecto da promoção de igualdade de género, já percebi que a ideia de homem feminista seja uma possibilidade teórica, mas é um homem que luta pela igualdade de género, a nível privado, a nível público, gostaria de saber quais foram as suas influências, o que aconteceu, qual o evento ou os eventos que levaram a que assumisse uma postura mais de promoção de igualdade de género, basicamente elaborar uma história, com os factos da sua vida privada até aqui.*

Nunca pensei nas coisas assim, portanto... eu parece-me que, enfim, o interesse pela questão, a sensibilidade para ela, tem que ver com aspectos muito iniciais da nossa formação, da nossa educação, o facto de na minha vida, na minha família haverem personagens femininas muito fortes, mulheres muito poderosas e que de alguma maneira despertadas para o problema, influenciou-me, é evidente que sim. Depois foi no percurso do activismo, no percurso da militância que fui tendo, que muito cedo essa foi uma questão presente, desde logo porque havia nesses circuitos militantes uma preocupação com a presença de mulheres justamente porque se considerava que havia um défice de participação, de visibilidade, de integração, nesses mesmos circuitos, e portanto a questão de igualdade de direitos foi sempre uma questão presente a todos os níveis. As pessoas que tiveram uma influência decisiva na minha percepção do mundo e na minha vontade, se quiser, de activismo, foram mulheres também, daí essa influência ter sido, e eram mulheres feministas, e portanto daí essa influência ter sido automática, ter sido uma questão sempre presente, quando discutíamos o mundo, a justiça e as injustiças, e a forma de o transformar. Portanto essa questão foi sempre uma questão presente, não lhe sei, não houve um momento particular em que tomasse consciência súbita da questão, foi uma questão natural sempre presente e bastante constituinte, digamos, da personalidade enquanto activista.

*Não houve um momento particular mas houve alguma situação particular de que se recorde de que tenha tido contacto com uma teoria, ou uma acção feminista, e que se tenha revisto nisso?*

Sim, houve vários momentos, essencialmente os momentos dos últimos 10 anos, dos grandes debates em torno da interrupção voluntária da gravidez que houve neste país, não é, primeiro em 98 e com o processo que levou à aprovação do referendo, alguns momentos antes, alguns meses, um ano talvez antes, participei numa campanha dirigida essencialmente a jovens mas em meios urbanos sobre o assunto, depois houve a votação parlamentar que deu origem ao processo do referendo em 98, a participação nessa campanha do referendo e a derrota

humilhante, e o sentimento de que havia um atraso cultural imenso por essa derrota, mais do que a derrota pela indiferença demonstrada pelos números e pelos dados da votação, em diferença da maioria da população, e portanto digamos que foi sempre desde 98 até o ano passado, quando voltou a haver o referendo, oito anos não é, nove anos, digamos que essa questão foi uma questão sempre presente para muitas pessoas como eu entendiam que a questão da interrupção voluntária da gravidez era a questão mais urgente, a questão mais óbvia e nem sequer era uma questão que só relevava as questões da igualdade de género e da discriminação das mulheres na sociedade portuguesa, mas é uma questão identificativa do atraso e da falta de concepções modernas do que é uma sociedade, do que é a livre escolha, da reprodução numa sociedade, do que devem ser as famílias, portanto uma questão bastante anterior, ou prévia se quiser, às questões de igualdade de género, mas fundamental para partirmos para outro tipo de análise, outro tipo de discussões. Portanto até ao ano passado essa questão foi uma questão que dominou, sufocou e empenhou várias gerações de activistas, de mulheres feministas e não, e não só, e foi provavelmente também na minha formação e na minha intervenção no assunto, a questão essencial. Depois claro houve outros momentos em que eu tive até por motivos mais ou menos profissionais, tive associado a estudos que revelavam aqueles dados inacreditáveis que deve conhecer, de desigualdades salariais entre homens e mulheres com as mesmas funções em diferentes ramos da indústria, eu tive associado a um estudo justamente sobre isto, na indústria do calçado na zona de São João da Madeira, em que as conclusões eram estas, a regra nesta indústria, que é uma indústria predominantemente feminina, em que o trabalho é muito feminizado, é a diferenciação salarial, e não é uma pequena diferenciação salarial, é uma grande diferenciação salarial entre homens e mulheres com as mesmas funções. Sei que, eu estive envolvido neste estudo em concreto, mas sei que isto se reproduz em muitas das actividades neste país e portanto continua a ser assim, este estudo tem mais de dez anos, mas sei que continua a ser assim, nalguns casos até essa diferença se agrava e portanto isto dá-nos algum panorama do que é a questão da discriminação de género no país que por vezes há um discurso político, um discurso pseudo-moderno de que essa discriminação não existe porque as leis existentes, o edifício legislativo não o permite. E portanto, se é verdade que há em muitos casos uma atenção legislativa sobre o assunto, portanto no sentido de evitar e de prevenir a discriminação de género, de a penalizar, a verdade é que, como em tantos outros aspectos, as leis não garantem por si só a sua própria aplicação, e portanto, e sobretudo a este nível que é o nível laboral que tem depois evidentes consequências a tantos outros níveis, a este nível laboral onde as violações são flagrantes não existem mecanismos de fiscalização das leis, não existem processos, a Inspecção Geral do Trabalho é uma figura ilusória e portanto as ferramentas para a legislação que previne e que pune a discriminação de género nos locais de trabalho não são aplicadas minimamente, e portanto apesar da legislação essa discriminação mantém-se, reproduz-se, nalguns casos agrava-se, e isto são dados públicos, quer dizer, não

são nem estudos secretos nem invenções minhas, nem manobras da tricontinental feminista, não, isto são dados públicos, qualquer estudo indica isto, são dados semelhantes aliás a outros fenómenos da discriminação, que por algum motivo também eu vou acompanhando, a discriminação sobre os deficientes por exemplo, é exactamente a mesma coisa, temos leis muito completas, temos normas legislativas absolutamente contrárias à discriminação que em princípio prevêm, que introduzem mecanismos de quotas nos mercados de trabalho e temos um país onde os deficientes continuam a ser absolutamente discriminados, invisibilizados, e incapazes na sua esmagadora maioria de ter uma vida profissional enfim, normal, e terem acessos às oportunidades, às mesmas oportunidades das outras pessoas. Isto não é um problema de legislação é um problema de cultura, é um problema de vontade política, é um problema de instrumentos que o estado escolhe ter ou escolhe não ter para implementar essas leis e essas políticas, e portanto são escolhas em cada momento que vamos fazendo. Sobre o género, é parecido.

*Ou seja, a ideia é que são direitos humanos que estão aqui presentes, que estão a ser infringidos e que se procura lutar pela manutenção e pela propagação desses direitos humanos, será essa a ideia principal?*

São direitos humanos, sem dúvida nenhuma, e é lutar pela sua aplicação, porque existe... repare, nós vivemos num tempo em que já ninguém, nem a direita mais conservadora reaccionária, defende que as mulheres são seres inferiores. Bem, tirando excepções grotescas que existem, não há personagens minimamente credíveis em qualquer dos quadrantes da política e em qualquer das esferas de influência social que defendam que as mulheres são seres inferiores, biologicamente inferiores, psicologicamente inferiores, com menos capacidades que os homens, ninguém defende isso. O problema é quando esta retórica da igualdade é passada pá prática, e aí temos pessoas que têm a retórica da igualdade a reproduzir um discurso de discriminação nas questões práticas. Temos obviamente e isso continua a corresponder a uma fractura social grande, na questão do aborto, em que as mulheres não são competentes para decidir o momento em que vão ter filhos, e portanto as pessoas que são contra a interrupção voluntária da gravidez, reproduzem este discurso, repare, elas não reproduzem um discurso de igualdade, não dizem 'as mulheres são mais burras', mas dizem 'as mulheres não são competentes para escolher quando têm filhos', sozinhas pelo menos, precisam de acompanhamento médico, precisam de apoio espiritual, precisam do pai ou do marido ou do Estado a decidir por elas. Este é um exemplo mas há muitos outros não é, há muitos outros, quando algumas profissões estão vedadas a mulheres, continuam a estar vedadas a mulheres, são sobretudo profissões de altos cargos na vida económica ou na vida pública, o nosso parlamento eleito há três anos atrás, já em pleno século XXI, é uma vergonha a esse nível, é uma vergonha, é um parlamento que não fica atrás do da Arábia Saudita, do de qualquer país islâmico fundamentalista, não fica atrás, os

dados são assustadores e sobretudo na direita, temos um grupo parlamentar do PSD que tem 78, 79, não sei exactamente os números, de deputados, e tem quatro mulheres, ou cinco mulheres, uma coisa assim. E portanto, isto na política, mas quadros de topo nas empresas é a mesma coisa, portanto existe uma feminização grande do trabalho, porque desde há uns anos pra cá, mais mulheres no sistema de ensino, nomeadamente no sistema de ensino superior, do que homens, portanto há uma taxa de sucesso maior nas mulheres, há uma taxa de esforço... não sei muito bem como hei-de chamar a isso, seja como for cada ano há mais diplomados mulheres do que homens, há muitos anos, há muitos anos que isto é assim, e já não é só nos cursos de letras, é quase em todos, creio que só um ou dois é que invertem esta supremacia das mulheres, mas depois a nível dos quadros intermédios, dos quadros técnicos, há muito mais mulheres do que homens em qualquer empresa, ou na maioria delas, mas depois nos topos, nos lugares de ascensão, nos lugares de chefia principais, são homens. Isto é assim na vida económica, nas empresas, na vida financeira então, quer dizer, não conheço uma mulher num lugar de topo num banco, não há, há quantos bancos em Portugal, vinte?, quantas pessoas em cada administração de cada banco, seis, sete, dez, doze, vinte?, quantas mulheres?, não há, não há mulheres aqui, não há mulheres nas empresas públicas da mesma maneira nos lugares de topo, não há mulheres nas empresas privadas, não há mulheres. Portanto as mulheres nos cargos de direcção, as mulheres que exercem postos de chefia, eventualmente existem algumas em empresas menores, mas quer dizer, sem visibilidade pública, não estou a dizer que não existam, mas não têm visibilidade pública e portanto essas mulheres... portanto continua a haver aqui um fosso e esse fosso não se está a esbater com o tempo, podemos pensar, 'não, isto é um resquício do passado, isto é um resquício de uma sociedade conservadora que já não somos, mas que ainda mantém traços desse conservadorismo de que se está a libertar aos poucos', mentira, não nos estamos a libertar aos poucos desse conservadorismo, porque senão havia aqui um processo evolutivo, há mais mulheres no ensino superior, há mais mulheres nos quadros intermédios, portanto cada ano isso é um processo que vai avançando, cada ano há mais mulheres também a ascender a lugares de chefia, e não, não é isso que acontece. A mesma coisa se formos ver as diferenças salariais de género, mais uma vez não é um elemento que se esteja a perder nas práticas económicas da contratação e das empresas em Portugal, não se está a perder, está-se a manter, nalguns casos reforça-se, noutros não, mas mantém-se inalterado. Portanto, digamos que são todos estes elementos que acho que fazem parte do meu percurso, da minha história, da minha identidade enquanto cidadão. E de alguma maneira enquanto cidadão que procura intervir, pensar o mundo que o rodeia e intervir.

*Então quer dizer que a ideia de mudança é uma ideia fulcral em toda a sua actividade, a necessidade ou...*

Sim, sim, a ideia de mudança, sim, associada com outras, a ideia de mudança é



uma ideia muito forte, quer dizer, é uma necessidade que eu sinto em muitos níveis, deste país, deste país no quadro europeu da Europa, na sua relação com o resto do mundo, mas é uma ideia associada com outras, não é, com o esclarecimento, com informação, com massa crítica suficiente para fazer essa mudança, com haver uma geração de pessoas que, as novas gerações se quiser, pra quem estas questões são questões importantes e que trabalham nelas, tanto do ponto de vista profissional como do ponto de vista do activismo, são aliás níveis cruzados também aqui, muitas das vezes, e portanto sim. Mudança com digamos, com esclarecimento e com debate alargado à sociedade. Eu acredito pouco numa mudança produzida exclusivamente pelos agentes políticos. Imagine que, não é o caso, mas que nas próximas eleições iríamos ter um primeiro-ministro, para não dizer uma primeira-ministra [risos], mas um primeiro-ministro profundamente sensibilizado para as questões de género e que tinha um programa do governo óptimo sobre o assunto, nomeava um ministro ou uma ministra profundamente interveniente, claro que era um dado positivo, era um dado profundamente positivo, que está longe de acontecer já agora, mas não acredito que isso fosse a solução pra tudo, acho que essa mudança, acho que nesse caso meramente teórico, as mudanças políticas da governação dos agentes do estado, do governo, tinham de ser acompanhados por uma discussão muito alargada, por uma percepção de que o assunto era de facto um assunto pelo qual vale a pena perder tempo, investir pessoalmente, procurar soluções, encontrar em conjunto soluções enfim, acho que há aqui muitos níveis que se cruzam nisto, mas resumindo não acredito que a mudança necessária seja provocada só pelos agentes políticos, tem que haver um movimento social que suporte essa mudança, que a provoca, que provoca um debate na sociedade, um debate profundo na sociedade, e só assim acredito que possa haver uma evolução positiva.

*E este movimento social, falando aqui necessariamente de um movimento social a nível de género, que engloba várias coisas, todos estes movimentos sociais procuram falar sobre o género, qual é a sua percepção enquanto cidadão, enquanto pessoa que poderá estar ligada a alguns destes movimentos, qual pensa serem as necessidades de mudança dentro dos próprios movimentos, para eles terem uma voz activa, quais acha que deviam ser as estratégias que eles deviam adoptar, na sua percepção?*

Eu participo neste momento num movimento social através do colectivo a que pertença, que é [nome do colectivo], e portanto tenho intervenção nas questões do género via movimento LGBT, através da discussão e do questionamento dos próprio papéis do género, enfim, nos últimos tempos a questão da transsexualidade e dos transgéneros, foi e está a ser uma questão bastante central da nossa actividade, de há dois anos pra cá, quando a Gisberta foi morta no Porto, parece que ontem foi encontrado outro corpo de uma transsexual assassinada na região de Lisboa, portanto por estes motivos esta questão do transgenderismo, acaba por ocupar uma parte significativa da actividade do

colectivo onde eu estou inserido. E se quiser não são, não tem que ver com a discriminação das mulheres, a luta das mulheres, portanto, é outro campo, mas é um campo que nos põe também a discutir o papel do género e a representação do género, no caso das pessoas que manipulam ou querem manipular o sexo biológico através do género. Pra lhe dizer que não tenho uma percepção muito exacta de como é que devia ser feito, acho que... incomoda-me sempre e em muitos níveis temos muitas vezes confrontados com isso, que é ter de fazer escolhas, ter de escolher uma estratégia, pode ser uma estratégia para uma semana, pode ser por dois anos, mas temos que escolher uma estratégia, porque não podemos tratar de tudo ao mesmo tempo, e portanto escolhemos tratar deste assunto daquela maneira neste período de tempo, mas essas escolhas incomodam-me sempre, porque entendo que sendo perfeitamente legítimas e naturais, entendo que temos a deixar pra trás sempre outros aspectos que naquele momento preciso podem não ser os aspectos que consideremos mais interessantes para trabalhar mas podem vir a revelar-se aspectos fundamentais na percepção de tanta coisa, não é. Portanto, escolher prioridades nunca foi o meu forte [risos], mas tento ter uma prática que não exclua outros níveis mesmo que eu não os perceba bem, mesmo que ache que eles não são absolutamente relevantes no momento, mas tento ter essa prática em conjunto com as outras pessoas com quem discuto e com quem estou a fazer coisas, que é de alguma maneira a prática da complementaridade, não é, entender que a minha actuação pode ser complementar com a acção de outra pessoa que trata doutro assunto completamente diferente, e portanto desse ponto de vista existe uma complementaridade, existe aqui um sistema de bases comunicantes, às vezes que funciona bem, outras vezes menos bem, mas existe um sistema de bases comunicantes entre estes movimentos sociais, ou entre estes pequenos movimentos sociais que nós temos em Portugal, quer o movimento feminista, quer o movimento LGBT, o assunto dos transsexuais e da discriminação dos transgéneros, o assunto da desigualdade de género, o que nos levou por exemplo a convidar desde há dois anos a UMAR e outras organizações de mulheres, mas foi a UMAR que aceitou o convite e que tem estado presente na organização da marcha do orgulho em Lisboa e no Porto. É o que levou também [nome do colectivo] a implicarem-se activamente na campanha do referendo à interrupção voluntária da gravidez que foi o ano passado. Portanto fizemos materiais, [o colectivo], fizemos sessões públicas, fizemos cartas subscritas etc etc, fizemos... implicámo-nos na campanha, investimos nela, achámos que era uma questão decisiva e determinante para as mulheres portuguesas evidentemente, mas dos pontos de vista dos direitos humanos, que é o mesmo campo em que nós nos colocamos, não é, porque ganhar o referendo do aborto foi o óptimo sinal para o movimento contra a discriminação sexual de que faço parte, e portanto envolvemo-nos aí e temos feministas [inteligível] feministas envolvidas nos nossos momentos, nos nossos debates também, e portanto esse sistema de bases comunicantes existe, nem sempre é muito perfeito, mas existe e tem que existir e só assim é que faz sentido, não é, porque não há quer dizer, as discriminações

existem por si, mas as pessoas não as sentem isoladamente, cada pessoa vive, tem uma vida completa e tem uma vida em que se relaciona com os outros a muitos níveis e portanto as oportunidades, os momentos de discriminação também são múltiplos, não é, uma mulher lésbica é certamente discriminada ou pode sê-lo por ser lésbica, mas também o é por ser mulher, também o é por ser mulher, e se for emigrante mais ainda, portanto há aqui cruzamentos de muitas questões não é, que nós temos que... que não adianta simplificar não adianta classificar e arrumar para facilidade de análise, porque as coisas não são, nem a vida das pessoas nem as pessoas nem os mecanismos da discriminação são mecanismos simples e que se encaixam em modelos pré-concebidos à partida, não é isso que se passa, há aqui um cruzamento grande de elementos que temos sempre que considerar se queremos intervir com alguma eficácia, com alguma justiça.

*E na sua percepção como é que acha que os movimentos sociais até agora têm conseguido lidar com todas essas tensões e paradoxos, por exemplo deu o exemplo de uma mulher lésbica, agora, e talvez de uma forma linear, pensando nos movimentos feminista e LGBT, talvez as lésbicas no movimento feminista não sejam muito compreendidas, isto não me estou a reportar à realidade portuguesa, é uma ideia hipotética, e depois as mulheres no movimento LGBT podem não ser à partida ter uma voz muito activa num movimento que se calhar ainda é muito dominado pelos homens, penso que disse alguma coisa desse género no início da entrevista. Pronto, logo me dirá se essa é a realidade como a percebe, mas podem haver preconceitos mesmo dentro dos movimentos sociais, pensa que se podem desenvolver estratégias ou têm de se desenvolver estratégias no seio desses movimentos sociais para acabar com a discriminação, ou pelo menos para tornar essa discriminação mais visível dentro dos movimentos?*

É evidente que esse fenómeno existe, o fenómeno de discriminação dentro dos movimentos, de incompreensão de uma parte constituinte desse movimento por outra, tudo isso existe, bem, no caso do feminista é razoavelmente diferente, não é, porque o movimento feminista dirige-se fundamentalmente às mulheres, ou dirige-se à questão da discriminação de género e da desigualdade entre homens e mulheres e depois há aquela, enfim, historicamente, deve conhecer isso melhor que eu, mas historicamente há aquele debate entre... hum... esse é um debate insolúvel e de alguma maneira que me parece que faz parte desta complementaridade do que deve ser um movimento social, que não pode ser uma única coisa, e é sempre várias coisas, várias perspectivas e que tem uma zona de contacto, maior ou menor, e é nessa zona de contacto que fazem coisas comuns e desenvolvem estratégias comuns, mas estava-lhe a dizer, o movimento feminista há tradicionalmente a perspectiva de colectivos exclusivamente de mulheres, em que as mulheres discutem, determinam, e travam as lutas que entendem travar, e há a perspectiva de um movimento feminista mais amplo que possa incorporar homens desde que eles partilhem evidentemente os princípios, os objectivos, as estratégias. Isto do ponto de vista da organização, do ponto de vista da

constituição dos próprios movimentos, dos próprios colectivos do movimento feminista, mas depois na percepção teórica do que é isto, se o inimigo são as práticas sociais que conduzem à discriminação e as políticas oficiais que perpetuam essa desigualdade de género, ou se o inimigo são os homens. E portanto, estas duas que não são duas, são mais, correntes dentro do movimento feminista, enfim, são correntes históricas, existem, vão continuar a existir, entre o chamado movimento feminista mais conciliador e o movimento feminista mais radical, tudo isso, aqui em Portugal, de alguma maneira essas concepções estiveram presentes, mais no passado talvez do que agora, de uma forma genérica esse movimento feminista radical em que os homens são, pra simplificar, porque nada disto é bem assim não é, mas simplificando, em que os homens são o inimigo basicamente, é muito associado a lésbicas, à presença de lésbicas nessas estruturas feministas, não sei se de forma justa ou se é uma injustiça da história, mas o que é facto é que, pelo menos em Portugal esse momento está muito ultrapassado, aliás existe um movimento feminista bastante frágil em Portugal, ainda. E essa componente radical talvez, enfim, talvez tenha havido, nos finais dos anos 70, anos 80, talvez tenha havido uma expressão dessa componente radical, mas seja como for isso está ultrapassado, e portanto, voltando à sua questão, creio que a estratégia eficaz é esta estratégia de bases comunicantes, portanto acho muito importante que nas estruturas que juntam os diferentes colectivos de mulheres estejam representantes de associações de lésbicas, e estão, na estrutura da Marcha Mundial de Mulheres por exemplo, estou-lhe a falar da estrutura portuguesa, depois na estrutura internacional isto também existe, mas na estrutura portuguesa há representantes de associações, do Clube Safo, da ILGA, portanto dos grupos de mulheres lésbicas que existem de alguma maneira organizados, [referência a pessoa], é um exemplo híbrido entre a investigadora, o trabalho académico e portanto, a intelectual sobre estes assuntos e activista, mas é uma pessoa que se situa exactamente nessa fronteira entre direitos sexuais e reprodutivos, discriminação da orientação sexual e de género e portanto tá sempre a pôr os dois pés de um lado e doutro dessa fronteira, e eu acho que a estratégia tem de ser essa, a estratégia é essa, e é com o movimento feminista, que é o que estamos a falar, mas é com outros movimentos também, acho que nalguma medida com o movimento anti-racista e muito com questões de imigração que não são ainda muito presentes em Portugal, são noutros países da Europa de forma absolutamente determinante e brutal muitas vezes, poderão vi-lo a ser aqui e noutros momentos, enfim, noutros momentos que acho que são relevantes. Portanto, pra dizer-lhe que acho que não é um mero exercício de diplomacia retributiva esta comunicação entre movimentos sociais e entre estruturas de movimentos, a presença etc, [colectivo] por exemplo, e não só nós, a ILGA também, tem feito isso, estamos presentes na organização da festa da diversidade em Lisboa, que é uma festa que se realiza há uns anos, em Junho, organizada pela Rede anti-racista e estamos presentes com materiais próprios, na preparação discutimos com a rede anti-racista formas de organizar, damos o nosso contributo, propormos debates e temas, temos o espaço para os

concretizar, temos um stand com os nossos materiais nesta festa, e isto não é por diplomacia, não é de todo por diplomacia, é por entendermos que aquele espaço, este espaço da rede anti-racista é um espaço comunicante com o nosso espaço activista, e é um espaço em que é fundamental haver diálogo, haver presença, haver comunicação, e haver enfim, tudo isso. Com o movimento de mulheres mais ainda, digamos porque o movimento LGBT no mundo nasceu a partir do movimento feminista e portanto nasceu a partir dos questionamentos teóricos feitos pelo movimento feminista uns anos antes, e em todo o mundo e em Portugal também essa influência é muito umbilical, é muito grande, é muito natural, enfim por todos estes motivos que eu já lhe tive a dizer, pelo próprio cruzamento das questões do género com as nossas, da vida sexual, da auto-determinação sexual das pessoas que se coloca no movimento LGBT mas que de alguma maneira se colocou e se coloca ainda para tantas mulheres, e portanto esta ligação é muito... é mais do que uma ligação óbvia, é a história do nascimento do movimento LGBT e portanto não pode ser esquecido.

*Então se calhar a ideia possa ser a que possa haver uma espécie de parceria, de colaboração entre os vários movimentos, em última análise talvez não existam movimentos separados, e que talvez deva existir uma união de esforços no sentido de criar um movimento maior para acabar com todas as formas de discriminação?*

Eu acho que tem que haver esforços conjuntos, e tem que haver momentos... mas há movimentos diferentes, há movimentos diferentes. Um único movimento perderia a capacidade de aproximação ao real, parece-me a mim não é, ou seja, eu não preciso, mas é melhor que seja gay para reproduzir o discurso sobre discriminações de gays e para trabalhar com estas pessoas. Eu tenho dificuldade, não quero dizer que não possa, mas tenho dificuldade em dirigir-me a uma comunidade de imigrantes, porque não sou imigrante, porque não partilho aquela história, porque não conheço aquela cultura, e a mesma coisa para dirigir-me a mulheres discriminadas, não quer dizer que não possa, mas tenho mais dificuldade. Então, eu acho que existem movimentos diferentes, existem estruturas de movimentos diferentes com as suas características próprias, que são as características temáticas, são as características do campo em que resolveram intervir, mas tem também de haver momentos conjuntos, tem de haver momentos de encontro, tem de haver um cruzamento permanente de dados, de informação, de debate e portanto, acho que tem de haver aqui dois níveis, acho que tem de haver um nível em que há estruturas de movimento LGBT, feminista, anti-racista, ambiental, o que for, e depois tem que haver um outro nível de debate entre isto tudo e de escolher uma estratégia comum sobre isto. Nalguma medida há alguns anos atrás o movimento dos fóruns sociais foi o esboço dessa tentativa de consertação à escala mundial, neste momento acho que essa foi uma tentativa que resultou apesar de tudo, resultou durante um período de tempo razoável, mas tá esgotado, tá esgotado, portanto esse modelo dos fóruns sociais já não envolve,

já não implica pelo menos na Europa conjunto significativo de pessoas, de associações e de temas, mas de alguma maneira foi um modelo simpático, um modelo que funcionou durante algum tempo porque era esse o modelo de 'vamos todos discutir tudo durante este período, portanto uma vez por ano vamos todos discutir tudo e escolher o que é que vamos fazer em comum', e pronto, durante não sei, dois, três anos isto funcionou, depois esgotou-se não é. Em Portugal a mesma coisa, este modelo dos fóruns sociais teve algum impacto aqui, significou que pela primeira vez um conjunto enorme de ONG's, sindicatos, associações, umas mais institucionais outras menos, enfim, um conjunto variadíssimo de associações se juntaram em reuniões intermináveis para promover uma iniciativa que eram os encontros do Fórum Social Português, isso teve um aspecto muito interessante e muito positivo não é, para além das dificuldades que foram muitas e mantiveram-se, mas isso teve um aspecto muito positivo e que não podemos esquecer.

*Os movimentos em última análise terão assim de trabalhar em parceria, uma vez que um movimento poderá ter acesso a determinados recursos que o outro não tenha, é essa a sua ideia?*

Sim, claro, claro, claro.

*Antes de iniciarmos a entrevista, criticou a noção de 'homem feminista'. Seria possível explorar um pouco mais essa crítica? Esteja à vontade de o fazer.*

Sim, sim. Repare, Daniel, não é uma crítica ao seu trabalho longe disso, nem à forma como resolveu enquadrar o seu trabalho, não é, é digamos uma carapuça que não me entra por mim por opção própria e por isto que eu acho que de alguma maneira já abordei. Acho que uma pessoa precisa de sentir na pele, na primeira pessoa, as discriminações para poder falar delas com autoridade absoluta. Não quer dizer que não possa, tenho tado aqui a falar consigo sobre discriminações de género e sobre a desigualdade entre homens e mulheres na sociedade portuguesa e não tenho nenhum problema em falar disso, da realidade que conheço, dos dados que tenho, agora não é uma discriminação que eu viva. Eu não vivo essa discriminação, e mesmo que quisesse não conseguiria vivê-la, não conseguiria vivê-la, porque evidentemente quando vou ter uma entrevista de trabalho ou enfim, não sou tratado como mulher, quando ando na rua não sou abordado como mulher, e portanto mesmo que quisesse eu não viveria essa discriminação, não percebia, portanto digamos tenho uma aproximação teórica a essa questão, do que as pessoas me contam, dos relatos que as pessoas me fazem, que as mulheres me fazem, do que leio, do que sei dos estudos que existem, é uma aproximação teórica. Isto do meu ponto de vista retira-me autoridade. Aceito perfeitamente que outra pessoa, outro homem, na minha situação não sinta isto e consiga dizer sem hesitar 'sou feminista e posso ir a uma sessão pública onde quer que seja enquanto feminista defender os direitos das

mulheres, a igualdade das mulheres', não tenho problema nenhum com isso, acho que é mesmo uma característica pessoal, eu não me sinto à vontade nesse papel porque não tenho essa experiência vivida mas aceito que outra pessoa que também não a tenha como experiência vivida se possa sentir à vontade nesse papel, não tenho nenhum preconceito com isso, não acho que os homens sejam incapazes de desempenhar esse papel de feministas activistas se quiser, por ser homens. Enfim, tou a tentar pensar se conheço casos, enfim não sei se conheço casos, mas conheço pessoas, conheço homens que nalguns momentos já desempenharam esses papéis, uns melhor outros pior, e não tenho nenhum preconceito com isso. A mim, digamos, que é uma carapuça que não serve, não me sinto bem nesse papel e portanto essa designação de homem feminista é qualquer coisa que eu não atribuo a mim mesmo. Sou um homem que sem dúvida se preocupa com as questões do feminismo, pra quem a abordagem feminista é uma abordagem fundamental para percebermos as relações de poder da nossa sociedade, as relações de desigualdade da nossa sociedade, para quem a história do feminismo é uma história constituinte da própria, de uma grande parte da luta pelos direitos humanos da humanidade, que tenta ter informação sobre isso, mas não é por isso que sou feminista, não é. Eu percebo perfeitamente, e há muitas pessoas que não percebem, inclusivé mulheres, inclusivé mulheres activistas do movimento feminista, mas percebo perfeitamente aquelas, as ditas feministas radicais, que defendem uma perspectiva de um movimento que não integre homens, ou pelo menos de um movimento em que nalguns momentos não integre homens, associações... falando claro, associações de mulheres vedadas à participação masculina, eu percebo isto perfeitamente. Percebo, entendo perfeitamente. Eu não gostava eu faço parte de um colectivo LGBT e não gostava, se bem que o exemplo não é muito feliz, mas digamos que há pessoas que discutem connosco, pertencem [colectivo] e actuam connosco, que ou não têm muito clara a sua orientação sexual, mas isso não pode ser um problema, ou têm clara e essa orientação sexual é hetero e isso também não pode ser um problema, digamos. Agora, eu tento imaginar uma situação inversa, em que em vez de serem uma ou duas pessoas assim, numa maioria de gays e lésbicas numa assembleia de discussão, é o contrário. Acho que a coisa deixava de fazer sentido, deixávamos de ter uma abordagem sobre as nossas próprias vivências pra ter uma abordagem do ponto de vista exclusivamente teórico que é a abordagem que os homens podem ter da questão da desigualdade entre homens e mulheres, é uma abordagem teórica, não é uma abordagem a partir das vivências. E portanto, eu acho que isso, percebo perfeitamente as mulheres que, até de um ponto de vista, você é de psicologia e sabe melhor isso que eu, até de um ponto de vista da forma como as pessoas estão mais ou menos à vontade para abordarem essas mesmas vivências de que são vítimas com os pais, com os irmãos, com os maridos, com os chefes, o assédio sexual, tudo isso, para uma mulher, imagino eu que seja muito mais óbvio fazê-lo, muito mais fácil fazê-lo se tá numa assembleia exclusivamente feminina, com pessoas que sabem, que têm à partida senão os mesmo problemas, pelo menos a mesma linguagem sobre os

problemas. E há muitos homens que não percebem isto, há muitos homens que acham que por terem essa abordagem teórica são automaticamente pertença ou podem sê-lo de um grupo de mulheres que discute as questões de género e eu acho que isso que não.

*Para clarificar, que a carapuça de homem feminista não lhe assenta, é só mesmo o rótulo, por assim dizer a categoria, ou seja, não gosta de ser apelidado de homem feminista porque pensa que só as mulheres à partida de sentir qual é a sua discriminação, mas entende e luta pela igualdade de género, é neste sentido o seu discurso?*

Sim, sim.

*Mas se calhar poderíamos então problematizar um pouco a questão do feminismo e gostava de saber a sua opinião. Também há muitas mulheres talvez que não estejam cientes das discriminações que sofrem, porque existem muitas questões de privilégios, mesmo dentro do grupo das mulheres, algumas mulheres têm mais privilégio do que outras, a própria concepção do poder é diferente, e a forma como o poder é vivido é diferente dentro das mulheres. Será que poderemos partir para outro extremo, de que todas as mulheres serão à partida feministas, simplesmente por terem um corpo feminino, simplesmente por serem mulheres?*

Claro, claro que não.

*Gostaria de explorar um bocadinho a questão do trabalho e dos conceitos que utilizo. Há um autor, o Michael Kimmel, que fala sobre homens pró-feministas, ou seja, homens que por serem homens não podem ser considerados como feministas porque não vivem a opressão do dia a dia, e isso é claramente evidente, mas que depois percebem, por várias formas, por terem mulheres, por terem filhas, por terem colegas oprimidas, enfim, por viverem num mundo em que percebem que as mulheres são oprimidas, então esses homens são pró-feministas. Por acaso eu optei depois, isto foi uma evolução no próprio trabalho, optei pelo rótulo de feministas, por assim dizer, mesmo por pressão de alguns homens que eu contactei. Eu no início iria por pró-feministas porque a questão do privilégio está mais patente nesse rótulo por assim dizer, mas gostaria muito de discutir isso consigo, por exemplo no movimento LGBT até que ponto é que não é importante integrar, a questão da integração parece-me muito interessante, não sei qual é a sua ideia, no movimento LGBT, no movimento feminista, até que ponto é que se não se integrar pessoas que estão necessariamente fora do movimento, que não sofrem opressão, não se poderá depois criticar esse movimento por ser muito insular, por ser muito fechado?*

Repare, no caso das mulheres... por isso é que eu, enfim, tava-lhe a dizer do movimento LGBT e depois arrependi-me e disse que não era um bom exemplo,



evidentemente o movimento LGBT em nenhum caso pode ter esse limite, não pode ter a própria orientação sexual como limite, não pode. O movimento LGBT tem que ser um movimento amplo, integrador, e que a única fronteira digamos assim, é a consciência da discriminação, e a vontade de alterar esse estado de coisas, não pode ser em caso nenhum a orientação sexual da pessoa. No caso das mulheres, eu admito que possa haver homens, e há nalguns casos, que integrem estruturas do movimento feminista, agora são por natureza movimentos diferentes não é, apesar de tudo, discute-se hoje a percentagem de pessoas LGBT no mundo, mas digamos as perspectivas mais optimistas dizem-nos que dificilmente serão mais do que 10% da população mundial e o movimento de mulheres estamos a falar de 50% das pessoas, um bocadinho mais até. Portanto se quiser há aqui universos... o universo de um é absolutamente diferente do universo do outro. Nós, o movimento LGBT, trabalhamos sobre questões de discriminação que dizem respeito, grosso modo, todos estes dados são um bocado discutíveis, aos 10% da população, o movimento feminista não, é metade da população mundial. E portanto essa... não se pode acusar um movimento que pretende representar as questões que dizem respeito a metade da população mundial como um movimento que exclui ou que deixa fora partes significativas da sociedade, não é, e desse ponto de vista a coisa é diferente. Agora dito isto, eu acho que o movimento feminista tem de ter uma perspectiva de comunicação com a sociedade em geral, o movimento feminista não pode falar só para as mulheres, o movimento feminista tem de falar para mulheres e para homens, o movimento feminista tem de ser capaz de envolver mulheres e homens nas suas causas, mais uma vez a questão do aborto, a questão do aborto que evidentemente é uma questão que diz em primeiro lugar respeito a mulheres, mas o debate que vivemos recentemente neste país, envolveu muitos homens, e ainda bem, ainda bem, porque também diz respeito a homens, e de uma maneira geral todas as restantes discriminações de mulheres também dizem respeito a homens, justamente por isso que dizia há pouco, porque os homens são sempre filhos de alguém, têm sempre filhas ou irmãs, ou amigas, e portanto não é possível haver aqui discursos absolutamente estanques, não é, o movimento feminista reproduzir por um lado um discurso para mulheres por outro lado um discurso pró resto, que são os homens, não, tem de haver um discurso que tem de ser perceptível por estes dois níveis, quer dizer o movimento feminista tem de se dirigir também aos homens, como o movimento LGBT também se dirige aos heterossexuais, às pessoas que não têm da sua orientação sexual nenhuma fonte de discriminação, e temos que nos dirigir a essas pessoas. Temos que nos dirigir às pessoas que sendo heterossexuais não gostam que as outras sejam discriminadas pela orientação sexual, e portanto digamos que há aqui uma abordagem do todo social que num caso e noutro são relativamente diferentes mas têm que ser conseguido, tem que haver aqui uma linguagem comum. Agora, se um heterossexual for o protagonista, outra vez um mau exemplo do movimento LGBT ia eu a dizer, mas é outra vez um mau exemplo, porque pode sê-lo e já foi nalguns momentos já foram heterossexuais que são protagonistas de vários movimentos, vários movimentos

do movimento LGBT, mas em relação ao movimento feminista não acho que seja positivo, não acho que isso seja um dado positivo. Serem homens a protagonizar momentos decisivos do combate das mulheres não acho que seja positivo, justamente porque existe uma perspectiva de paternalismo, porque paternalismo é um dos elementos contra o qual as mulheres têm que se bater, e é um elemento bem, em Portugal, sufocante, é um elemento pesado. Não quer dizer que a pessoa concreta que possa estar a fazer isso, seja por isso que a faz, por paternalismo, mas acho que a forma como é visto, o sinal que se dá, é aquele senhor a falar por elas, porque elas coitadinhas não são capazes, e eu acho isto péssimo, por melhores que sejam as coisas que a pessoa esteja a dizer, e acho isto muito mau, não é?

*Mas também não pode haver situações em que o simples facto de haver um homem a falar em prol do movimento feminista, da questão da igualdade de género, da questão de igualdade de oportunidades, também não haverá situações em que o simples facto de estar lá um homem a dar, em grosso modo, a dar a cara e a dar a sua voz, por algo que à partida culturalmente se pensa que esse homem não tem nada a ver, será que em algumas situações esse factor não poderá ser um factor político extremamente relevante?*

Não sei se é extremamente relevante, mas sei que é natural e saudável, nalgumas situações. Portanto, nalgumas situações de debate, enfim, em todas as situações de debate, ou em praticamente todas, haver homens com essa perspectiva, que tão ali a contribuir e publicamente dão esse contributo e tornam-se visíveis, acho perfeitamente natural, saudável, ainda bem que é assim. Eu tava-lhe a falar de situações mais extremas em que há momentos de visibilidade do tema na sociedade e que são momentos protagonizados por homens, não é, ou exclusivamente protagonizados por homens, se quiser. Isso acho mau, acho que não deve ser assim. Tenho infelizmente conhecimento de realidade de associações de deficientes, de associações de doentes, nos últimos anos, não sei se tem noção disso, nos últimos anos criaram-se dezenas de associações de doentes e familiares, muito em volta da doença mental mas não só, mas portanto, doenças crónicas, doenças profundamente debilitantes, doenças genéticas, há uma infinidade de associações neste momento que actuam no campo da informação, da partilha de informação, da reivindicação de direitos destas pessoas. E em todos os casos, Daniel, ou em praticamente todos os casos, os representantes, as pessoas que dão a cara, as pessoas que falam com o jornalista, as pessoas que dão entrevistas, as pessoas que se fazem fotografar enquanto representante da associação, são médicos, são os médicos da especialidade. Eu acho isto dramático. Evidentemente um médico à partida é a pessoa que tem mais instrumentos simbólicos para poder representar uma comunidade, porque tem uma profissão de prestígio, porque tem uma formação superior, porque tem um estatuto social que lhe permite dirigir-se à sociedade em pé de igualdade... mas acho contraproducente, não quer dizer que num momento

ou noutro, na vida de uma associação, não possa ser um médico, um profissional de saúde associado à questão, não, mas quer dizer esta inevitabilidade de todas as associações de doentes neste país serem representadas pelos médicos acho terrível, acho que resultado de um paternalismo, acho que resulta de uma concepção nas próprias associações, e isto é que é preocupante, de uma concepção de que os doentes são incapazes, e são incapazes até para ter voz própria, até para ter voz própria, para se dirigirem à sociedade enquanto doentes e portanto esta perspectiva de paternalismo, de minorização das pessoas através da sua debilidade física, crónica, da sua doença, em que elas ficam menos capazes de comunicar, ficam menos capazes de ser elementos activos de uma sociedade porque tão doentes, e portanto lá está o médico para as representar, acho que isto de alguma maneira, e repare, é assim em Portugal e noutros países não é necessariamente, há muitos outros países, há sempre claro o exemplo quimérico do Norte da Europa como modelo de uma sociedade onde as questões da discriminação foram mais longe, no sentido do seu combate e do nivelamento e da procura da igualdade, e de facto é verdade, corresponde a isso, mas essas associações nos países norte-europeus são raríssimos em que há médicos que são os protagonistas e que são os representantes da associação, raríssimos, raríssimos. E portanto aqui é tudo invertido, não é, e portanto esta tendência tão grande de paternalismo, eu no caso do movimento de mulheres, eu acho que tem de ser combatida, aliás tem que ser combatida activamente.

*Por acaso é interessante que fale do movimento... também há o movimento de doentes mentais, que procuram reivindicar a sua voz activa na sociedade, e de procurarem que haja uma agência humana no sentido de tomar ou não medicamentos, também já existe em Portugal ainda muito... do pouco que sei, talvez ainda muito silenciado, mas enfim, vão fazendo progressos muito interessantes, e eles têm, eu estou lá há um ano, e eles têm uma frase muito interessante que eu acho que se aplica a outras intervenções que é 'Nada sem nós, tudo connosco', algo assim, a frase penso que tem origem inglesa, mas é muito interessante a necessidade que as pessoas têm de falar e a necessidade que as pessoas têm de expôr, de dar a conhecer a sua existência, a sua identidade, eu penso que não se aplica só neste caso, neste caso é estritamente de pessoas com experiência de doença mental, mas que pode-se aplicar às mulheres, aos LGBT, a outros deficientes que não sejam de doença mental, a pessoas de outras raças, culturas, talvez seja essa a ideia de que tudo isto há muita intersecção de opções, as pessoas não são apenas homossexuais, doentes mentais, mas se calhar voltamos à ideia daquele movimento mais amplo que procure resolver combater todas estas discriminações.*

Claro. Repare, eu acho... nós vivemos numa sociedade de construção de estereótipos, que classifica pessoas através de modelos estereotipados que não têm aplicação prática, que nunca tiveram correspondência com a realidade, mas foram de alguma maneira de dominação, são-no ainda, instrumentos de

dominação. Portanto, a perspectiva de que somos todos medianamente ricos, brancos, heterossexuais e com vidas regulares sempre foi uma perspectiva falsa, nunca a nossa sociedade foi assim e não é agora, e saudáveis, já agora. E portanto em grande medida o primeiro trabalho destes movimentos sociais, nalguns casos feito há mais tempo, noutros começa agora, como com os deficientes, é um trabalho de visibilidade, é um trabalho de sair para a rua, é um trabalho de dizer 'nós existimos'. O estereótipo está errado, nós não somos nem bichos raros, nem pessoas excepcionais, nós somos pessoas como as outras com necessidades diferentes e a sociedade é que está doente se não nos dá essas condições para termos as mesmas oportunidades. E portanto, a visibilidade com os LGBT é a mesma coisa, de alguma medida grande parte do nosso trabalho inicial e algum do que é feito agora, é um trabalho de visibilidade, é um trabalho de dizer 'nós existimos, 'nós não somos... existimos, somos pessoas, temos percursos de vida diferenciados, temos opções políticas absolutamente díspares, existimos no campo e na cidade, existimos em muitos níveis, e somos pessoas com estas orientações sexuais e discriminadas por isto'. Agora, esse trabalho de visibilidade é, digamos, o elemento fundador de um movimento social. Um movimento social que não tem como primeiro passo tornar-se visível, ver a luz do dia e fazer com que as outras pessoas percebam a sua existência, está condenado ao fracasso. Quando nós vimos em cada momento deficientes no espaço público é quando a questão da deficiência deixar de ser um problema para as pessoas, é quando os vimos, quando eles não ficarem em casa, quando eles tiverem condições de vir pra rua, de procurar trabalho, de trabalhar de... enfim, de se cruzarem connosco no espaço público. Quando estas pessoas, doentes mentais, doentes crónicos, doentes... enfim, todo o tipo de deficiências, eu acredito nisto Daniel, quando nós andarmos, não dermos dois passos sem ver um deficiente, porque existem imensos deficientes neste país, imensos, imensas pessoas com vidas absolutamente limitadas pela deficiência, só que nós não... são muito pouco vistos. São muito pouco vistos justamente porque têm uma capacidade de autonomia pequeníssima. Quando essa capacidade de autonomia for maior, é porque a visibilidade também será maior, quando essa visibilidade for maior, a capacidade de autonomia já foi aumentada, e portanto a própria percepção social da questão mudou-se radicalmente e nós de alguma maneira... quer dizer, o convívio com um deficiente mental, ou com um deficiente motor, ou com um invisual, se eu trabalhar ao lado de uma pessoa assim aprendo a conhecê-la, aprendo a apreciar as suas capacidades, a reconhecer as suas capacidades e portanto a discriminação é absurda, a discriminação torna-se... não quer dizer que não exista, mas torna-se absurda, se eu trabalho ao lado de uma pessoa assim. A mesma coisa com os gays, com as lésbicas, com os transsexuais...

*Com as mulheres...*

A mesma coisa com as mulheres.

*Estou-me a lembrar de um livro de uma escritora feminista, não me lembro do nome da autora [The Handmaid's Tale, Margaret Atwood], mas ela diz basicamente que para nós discriminarmos... no caso específico, matou-se uma pessoa e ela elabora uma teoria, em que para nós matarmos, ou para pegar no tema da discriminação, para nós excluirmos aquela pessoa, nós temos de lhe retirar a sua humanidade, não o podemos ver como humano, com sentimentos, com capacidade de rir, de chorar, de amar, de odiar talvez, toda aquela complexidade que se calhar muitas vezes se retira, certamente se retira nestas questões de discriminação.*

Claro, claro. O acto de discriminar pressupõe logo à partida um sentimento... quer dizer, há muitos níveis de discriminação também, mas estamos a falar da discriminação individual, da pessoa que agride a outra verbalmente por ela ser, enfim, pelo estereótipo. Mas pressupõe, essa agressão pressupõe uma hierarquia, eu tou num plano superior do que tu, tu és negro ou és deficiente ou és gay ou és mulher, e portanto tás num plano abaixo, e eu tou num plano superior, e posso cuspir-te e posso insultar-te porque sou superior, não é, e nesse sentido sim, de facto, é retirar ao outro algumas das suas características inerentes ao próprio ser humano, para nos valorizarmos a nós. Se o outro é parecido com a besta, como um animal, nós somos esclarecidos e muito mais inteligentes.

*Essa hierarquia, presente nesse acto de uma pessoa agredir outra, um acto individual, não haverá algo de social por detrás disto?*

Claro que há, e há aqui modelos culturais que são absolutamente herdados do passado e quando digo do passado não é do passado, de um passado conjectural, não é de um momento, é de um momento muito... que remonta muito aos primórdios da humanidade, e no caso da discriminação de género isso é flagrante. Digamos que a concepção do patriarcado foi uma concepção dominante na evolução da humanidade e que sobreviveu aos diferentes modelos sociais e económicos que ela teve, e o patriarcado como modelo constitutivo do núcleo familiar e de relações de poder nesse núcleo familiar e sobreviveu desde... à história, sobreviveu à revolução industrial, sobreviveu ao capitalismo, sobreviveu ao escravagismo, sobreviveu a tudo, a tudo, portanto esse modelo do patriarcado enquanto elemento fundador das relações de poder no núcleo familiar é um modelo evidentemente muito questionado hoje sobretudo em meios urbanos, apesar de tudo não nos podemos esquecer que o país não é só Lisboa, enfim, e as áreas metropolitanas, também há um país profundo onde as sobrevivências destes modelos estão praticamente intocáveis desde há séculos ou milénios, em que... enfim, não me quero alongar muito sobre isto, mas é evidente que em Portugal há a sobrevivência de muita coisa, e de muitas formas de relacionamento social que são formas de modernidade e outras de absoluta tradição, mas pra dizer que essa tradição patriarcal influi em muito mesmo nos meios urbanos

esclarecidos e nas novas formas de família. Novas formas de família hoje já mais aceites, portanto famílias constituídas, monoparentais, em que as crianças já não são crianças biológicas, porque houve aqui reconstituições de famílias, desde familiares etc e tal, mas quer dizer, há um modelo patriarcal de predomínio do masculino sobre o feminino que se mantém sobrevivente, e faz os seus estragos, e provoca as suas humilhações, e justifica muitas discriminações. Se estamos a caminhar para um modelo mais igualitário? Eu quero acreditar que sim, nalgumas coisas acho claramente que sim, acho que há indicadores bons sobre isso, o próprio indicador de , que é um indicador contraditório também, mas de trabalho feminino é um bom indicador. Espantosamente Portugal é o país da União Europeia em que as mulheres trabalham mais fora de casa, é um indicador que nos poderia dar aparentemente pistas para somos das sociedades em que as questões do género está mais perto de estar resolvida, mas não é verdade, justamente porque depois no mercado de trabalho essa desigualdade perpetua-se também, não é. Mas do ponto de vista da relação familiar, do apoio familiar, como é que é, bem todos nós conhecemos histórias de casais que trabalham ambos e apesar de tudo a gestão doméstica é absolutamente e aqui é exclusivo das mulheres. E também conhecemos histórias ao contrário, em que não há exclusividade, há uma partilha absoluta, e essas são histórias que indicam alguma evolução positiva, não é. Mas pra dizer que não é pelo facto das mulheres também trabalharem que deixam de ter o papel tradicional de esposas e mães de família no espaço doméstico, porque muitas delas acumulam os dois papéis. E portanto digamos que desse ponto de vista há aqui uma perpetuação dessa hierarquia patriarcal que moldou a nossa cultura. Hum... acho que me perdi um pouco agora...

*Penso que também é importante reconhecer que alguns avanços já foram feitos, e que pelo menos estas questões, pelo menos a nível a género já existe uma progressão evidente pelo menos a nível das políticas actuais, pelo menos já se conseguiu introduzir alguma preocupação na agenda política. Como é que vê essas mudanças?*

Eu vejo estas mudanças, de uma forma, enfim, com alguma expectativa e reconhecimento dessas mudanças, portanto... em Portugal só a partir de meados dos anos 70 é que passou a haver uma lei de divórcio, isso foi um passo extraordinário para a possibilidade das mulheres se libertarem das amarras eternas da família e auto-determinarem-se na escolha da própria família, isso foi um passo fantástico, não foi há tão pouco tempo assim. O ano passado, a interrupção voluntária da gravidez finalmente despenalizada, portanto estamos a viver o primeiro ano, fez este mês, o primeiro ano de uma situação em que as mulheres não têm que ter medo de escolher interromper a gravidez nas primeiras dez semanas, isso significa um avanço extraordinário, um avanço desde já do ponto de vista da saúde pública mas também do ponto de vista da capacidade de auto-determinação das mulheres, porque as mulheres com medo, e sabemos que

a questão da interrupção voluntária da gravidez é muito, não é só, mas é muito uma questão das mulheres mais pobres, menos informação, menos conhecimento de métodos de contracepção, e portanto isso significa um avanço enorme na autonomia, na capacidade das pessoas de determinarem a sua própria vida. Onde é que vamos estar daqui a 10, 20 anos? Não sei. Eu acho que estes avanços todos que estamos aqui a falar são questões importantes, mas tão muito longe de serem a mudança necessária, e não sei quando é que ela vai acontecer. Sei também que há muitas coisas, não é um processo linear no sentido de andamos tudo pra frente, não, há retrocessos, há momentos de crise económica, de crise social, em que as coisas podem voltar para trás, enfim, a questão do desemprego significa que é mais difícil lutar pela igualdade salarial entre homens e mulheres porque as pessoas estão mais sujeitas à arbitrariedade das entidades patronais, digamos, portanto há aqui muitos elementos não é, a questão de... eu não queria dizer isto assim, mas de facto não há outra forma de dizer, a questão da imigração e da desigualdade cultural das proveniências de outras culturas em que as mulheres sofrem uma discriminação muito idêntica e são enfim, começa a haver comunidades estabelecidas na Europa, em Portugal mas noutros países também, em que digamos que existe já um certo nivelamento, essa retórica da igualdade, mas já existe um certo nivelamento, algum grau de emancipação das mulheres, alguma percepção pública do que é o debate da igualdade e da desigualdade de género, e depois de repente há uma vaga de emigrante que vêm do Sudão, ou vêm do Senegal, ou vêm, enfim, de algum país do Médio Oriente, do Iraque, e são comunidades em que as mulheres têm um papel muito menos independente, muito menos capaz de autonomia individual, muito mais sujeito à arbitrariedade dos elementos masculinos da família, e como é que se lida com isto, o que é que há aqui de relativismo cultural e de respeito pelas culturas dos outros, e onde é que tá aqui a fronteira entre o respeito pelos direitos humanos também, da pessoa que é de outra cultura, mas que tá objectivamente a ser, face aos nossos padrões e face à nossa observação, à evolução da questão na nossa própria sociedade, essa pessoa tá a ser vítima de abusos, de abusos sexuais, enfim, de todo o tipo de abusos, por parte do marido, por parte do pai, por parte do irmão. Portanto, há aqui questões que não são nada simples, não é, e podem significar retrocessos grandes, sem dúvida. A Turquia, a semana passada ou há duas semanas, votou uma lei, a Turquia era um estado laico, a maioria islâmica, e tinha uma lei de laicidade que impunha que as raparigas não pudessem ir com o lenço tradicional islâmico para a escola. Aparentemente é um princípio que protege as mulheres, não se percebe muito bem de quê, mas protege as mulheres de irem de lenço pra escola pelo menos [risos]. Há duas semanas atrás votou a lei que revertia esse processo, portanto passava a permitir, e foi um debate brutal na Turquia, com manifestações contra, com manifestações pró, enfim, entre os islâmicos e os laicos, duas perspectivas radicalmente diferentes da sociedade em torno desta questão. Eu acho que não há aqui uma resposta óbvia sobre estas questões nem acho que o lenço nas raparigas de origem islâmica seja só um sinal de opressão das mulheres, não é só isso. Também é isso, essa é uma interpretação que faz

sentido, mas há outras não é, e acho sobretudo a forma... mas estávamos a falar dos momentos de retrocesso, não é, para muita gente provavelmente a Turquia sofreu um retrocesso brutal nesta perspectiva de um estado laico que respeitasse os direitos das mulheres enquanto seres com as mesmas oportunidades que os homens há duas semanas atrás. Inversamente, há dois ou três anos atrás em França houve o contrário, não é, votaram a lei que proibia a utilização do véu e outros símbolos religiosos às crianças na escola enfim, a toda a população escolar, e foi uma lei bruta, como a França sabe fazer, foi uma lei bastante bruta, sinceramente eu acho que criou muitos mais problemas do que aqueles que resolveu, não deve ter resolvido nenhum problema, retirou certamente e esse estudo já está feito três anos depois, milhares de jovens mulheres da escola, filhas de islâmicos integristas que a partir do momento em que as filhas para ir à escola tinham de se despir da sua identidade religiosa, não vão, tá resolvido o assunto, não têm que ir, e portanto esta lei que era suposto proteger a autonomia das mulheres, acaba por retirá-las da escola e remetê-las para a família, criou muito mais dificuldades daquelas que resolveu, estas questões do relativismo cultural e a forma como ele colide com a liberdade individual e com o nosso próprio padrão do que é a emancipação das pessoas acho que já muito longe de estar resolvidas e tendencialmente vão-se agravar, porque os fluxos migratórios são crescentes, precisam de existir, são necessários, a Europa sem imigrantes envelhecia em poucas gerações, envelhecia de forma absoluta e de forma determinante se não houvesse fluxos migratórios, portanto não é só a necessidade de força de trabalho porque são uma força de trabalho evidentemente, é também uma necessidade de rejuvenescimento, perpetuação das gerações, e portanto fluxos migratórios existem, vão continuar a existir, este tipo de questões vão-se colocar cada vez com maior intensidade, e nós estamos sequer muito abertos a resolvê-las, não é, fazemos leis justas, muita indignação contra a excisão genital feminina, excisão genital feminina é uma barbaridade, não tenho qualquer dúvida sobre isso, é uma prática tradicional de muitos povos, que representa um risco de saúde gravíssimo, um atentado à integridade física das mulheres, com base em teorias da submissão feminina, dum ponto de vista sexual, inaceitável portanto, mas o facto dos parlamentos europeus votarem, e repare o nosso parlamento fez isso o ano passado, votarem medidas excepcionais de combate à excisão feminina em território nacional evidentemente, muda alguma coisa? Duvido muito, duvido muito, porque há aqui uma abordagem difícil, que é uma abordagem complicada do que é que representa a excisão feminina para a cultura, nas culturas em que ela é generalizada, e quais são os mecanismos de ir a desmontar a partir daí, porque se a nossa tentativa é desmontá-la a partir dos nossos padrões culturais e do nosso aparelho repressivo, digamos assim, ela estará sempre votada ao fracasso, quanto mais não seja porque a identidade cultural de uma comunidade imigrante é de resistência, tem que ser de resistência, sobretudo nas primeiras gerações, são os seus, são os elementos de identificação com a cultura de origem que dão sentido aquelas pessoas, que são o seu interface com o mundo. E portanto ou nós temos uma abordagem a partir desses momentos e a partir dessa



cultura de origem ou então a excisão feminina não vai acabar nunca, nas comunidades imigrantes. E faz-se, continua a fazer-se de forma clandestina, absolutamente clandestina, com as consequências desastrosas na vida de tantas mulheres, mas acho que não é eficaz, acho que de alguma maneira a forma como nós abordamos este tipo de realidades, são realidades novas apesar de tudo, não é eficaz.

*E se por exemplo se nós em vez de mudarmos as coisas do topo para a base, em vez de trabalharmos apenas com a hierarquia política e com os académicos, que certamente influenciam estas políticas, porque não trabalhar com as próprias pessoas, com as comunidades, e elas influenciarem as políticas? É um processo mais complicado e mais moroso, à partida, mas que no fundo trará maiores benefícios, uma vez que são elas que conhecem as suas dificuldades e aquilo que necessitam.*

Claro, se bem que isso implica um grau de investimento no que é o acompanhamento, o serviço social, pela comunidade, pelo Estado, a esses focos de dificuldade, a esses focos de problemas que tá muito longe de existir, tá muito longe de existir. O serviço social existe quando há uma situação para resolver, e não existe em função de melhorias que se esperam alcançar, mas quase só em situações de rotura, de calamidades, enfim, de marginalização social muito forte é que há projectos, é que há investimento do Estado, do Estado e não só, aliás sobretudo de organizações não governamentais, umas com o apoio do Estado outras sem ele, fazem esse trabalho, não é. Outra das características do Estado, demite-se muito de o fazer, prefere pagar a quem faça. Mas aqui, esse tipo de trabalho comunitário, porque é isso que falou, a partir de baixo para então chegarmos a uma proposta comum legislativa, a uma prática política comum, tá muito longe dos nossos hábitos não é [risos].

*Mas penso que era uma proposta atraente, mesmo porque existem recursos que muitas vezes nós não sabemos que existem. Essas comunidades imigrantes, que tendem a localizar-se num mesmo espaço geográfico, também para terem um sentimento de pertença que muitas vezes, se se espalharem, não sentem, sentem discriminação...*

Claro, claro.

*... e isso leva-nos a todas as outras formas de discriminação, homossexuais, mulheres, e as comunidades, de certa forma, não estão preparadas o suficiente para acolher pessoas que têm outro estilo de vida, não há aquele trabalho prévio para as pessoas aprenderem a conviver umas com as outras.*

Claro, claro, e repare o facto dos imigrantes se concentrarem na primeira geração

pelo menos nos locais de origem não é nada do outro mundo, é o fenómeno mais natural, quer dizer, você vai pró país, pra cidade, ontem tem o primo, ou a amiga do tio, ou tem alguma referência a alguém que depois viva lá, e depois tem a casa ao lado ou o quarto da prima, quer dizer, essa concentração é natural, quer dizer, e nós fomos tantas décadas um povo de emigrantes, não é, temos comunidades portuguesas tão importantes em tantos pontos do mundo e em que acontece exactamente isto, os portugueses estão concentrados, estão nos Estados Unidos, estão no Canadá, estão em França, as primeiras gerações de imigrantes vivem concentradas, isso não é nada... enfim, é um fenómeno, como lhe disse, natural e também de alguma forma um mecanismo de auto-defesa e de preservação da comunidade, de inter-ajuda também, essencial para essa vivência da migração.

*Então última pergunta, como é que vê todas estas questões, na sua percepção, qual é a sua visão de futuro, o que é que acha que era preciso já termos alcançado daqui a dez, vinte anos?*

Eu gostaria imenso que a questão da presença de mulheres já não fosse uma questão, a presença das mulheres nos sítios onde elas não estão hoje, da vida social, que não fosse mais uma questão, que no parlamento português, e enfim, nos outros parlamentos do mundo, houvesse tantas mulheres como homens, ou que essa oscilação fosse entre parâmetros absolutamente normais, em que pudesse haver mulheres incompetentes, é espantoso, um dos argumentos para a presença das mulheres nos parlamentos e contrária à perspectiva das quotas, é que as mulheres têm de tar pela sua competência e não pelo seu género, como se todas as mulheres presentes no parlamento, que é disso que estamos a falar, podíamos falar de outras estruturas, tivessem que ser competentes, então não há homens incompetentes no parlamento? Quer dizer, há quotas para competentes e quotas para incompetentes? Porque é que essa questão só se coloca com as mulheres, porque é que a questão da competência só se coloca para as mulheres, não se coloca prós homens? Não, quando houver mulheres incompetentes no parlamento é bom sinal, é exactamente o contrário, não tem nada a ver com competência, tem que ver com representação, igualdade de oportunidades, acesso, quando isto deixar de ser uma questão no parlamento, nas empresas, na vida económica, no espaço mediático, enfim, quando isso deixar de ser uma questão, no espaço académico, no espaço académico como sabe há muito mais mulheres em toda a academia excepto nos lugares de topo, nos reitores, nos directores, nos catedráticos, aí são homens. Portanto, na academia, na política, na economia, quando as mulheres ocuparem os espaços, um espaço natural, que é o seu espaço de representação na sociedade, quando deixarem de ter entraves a esses lugares porque são mulheres. Daqui a dez anos era aí que eu gostaria que estivessemos.

*Não sei se quer dizer mais alguma coisa...*

Hum... não, acho que a conversa já foi longa.

**Ricardo (Participante 4)**

**3ª entrevista**

**13 Maio 2008**

**± 35 mins**

*Eu gostava de saber se tem alguma relação com o movimento feminista, nós explorámos um pouco isso na outra entrevista, mas gostava de saber se é mais a nível de outros movimentos ou se tem uma relação mais estreita com o movimento feminista?*

Uma relação estruturada não, nalguns momentos participei em campanhas nomeadamente na última campanha do referendo pelo aborto com, quer dizer, integrando um dos movimentos e participando nas actividades desse movimento, mas de forma estruturada não, quer dizer os contactos que vou tendo e o diálogo que vou conhecendo é através [colectivo] de que faço parte, portanto com algum, digamos... dependente da dinâmica colectiva no movimento LGBT onde aí sim tenho uma participação mais activa.

*Outra questão era sobre o movimento LGBT mas já sei que tem uma relação forte com o movimento, gostava de saber o que pensa a reivindicação do movimento, nomeadamente a ideia da adopção, do casamento, depreendo qual seja a resposta mas...*

Sim, são reivindicações legais que não esgotam do meu ponto de vista a agenda do movimento, são reivindicações importantes porque implicam a luta pelo fim das últimas discriminações consagradas na lei, agora não esgotam do meu ponto de vista a agenda do movimento que tem que se preocupar com outro tipo de questões relacionadas não só com a discriminação legal mas com outros tipos de discriminações que têm muita importância na vida das pessoas.

*Não se esgota com esta ideia da adopção, do casamento, que outras oportunidades é que pensa que o movimento devia lutar?*

Pois como lhe disse há um tipo de discriminação que é bastante, que influi muito na vida das pessoas, que é a discriminação ditada pela cultura, por hábitos ancestrais se quiser, pela educação, pelo preconceito disseminado que se revela de muitas maneiras. Portanto eu acho que uma das coisas que o movimento deve fazer, eu procuro fazê-la na minha forma de participar neste movimento, é olhar para estes fenómenos da discriminação, tentar desmontá-los, tentar combatê-los, tentar argumentar por uma educação que seja, por um sistema de educação ou para que a preocupação sobre esta discriminação específica esteja permanente noutros níveis, nomeadamente ao nível da educação, da prevenção que o estado possa fazer deste tipo de comportamentos, se quiser a igualdade legal é importante mas por si só não chega, temos que mudar mentalidades e mudar a

forma como as pessoas olham umas para as outras e se toleram ou não.

*Por acaso é bastante interessante porque eu coloquei também esta questão, são questões teóricas, a outros homens que entrevistei e grande parte, alguns são completamente a favor do casamento por exemplo, mas na adoção é um ponto um pouco de clivagem, porque ainda vêm com aquela ideia de que a criança ainda precisa de uma referência masculina e uma referência feminina, ou seja uma referência de um casal heterossexual, dito normal...*

Não estou nada de acordo com isso, não estou nada de acordo com isso, aliás eu acho que essa é uma, é porventura uma posição que resulta de desconhecimento, de ignorância e de alguma dificuldade que as pessoas têm em olhar para a realidade. Famílias ditas normais, para usar a sua expressão, não existem, nunca existiram, o que existe um estereótipo de família, existe uma ideologia dominante que no diz aquilo que é certo e aquilo que é errado, aquilo que é o modelo ideal e aquilo que é o modelo, os modelos da perversão, mas isto nunca correspondeu à vida das pessoas, nunca em momento histórico nenhum, em sociedade nenhuma. Sempre houve crianças que cresceram sem pais, sempre houve crianças que cresceram com um único dos progenitores, sempre houve crianças que cresceram com os avós, sempre houve crianças que cresceram em instituições, e do que tamos a falar são justamente das crianças que não têm quem cuide delas, a questão da adoção é essa questão, as crianças que são passíveis de ser adoptadas são crianças institucionalizadas que o Estado toma a seu cargo e que devia fazer os possíveis por encontrar uma família capaz de cuidar delas, dar-lhes condições materiais e afectivas para o seu desenvolvimento. Portanto, a necessidade de uma figura feminina e outra masculina, as pessoas nas suas várias fases de crescimento precisam de saber que o mundo [risos] é composto por figuras masculinas e femininas, e sabem-no sempre, sabem-no sempre, procuram as referências, aliás hoje em dia o peso da família na educação das crianças também não é tão absoluto como já foi em outras épocas, a escola tem imenso peso, o facto de haver uma predominância cada vez mais acentuada de mulheres no sistema de ensino não faz essas pessoas dizerem 'que horror, estas pessoas precisam de ter referências masculinas nos professores', porque não precisam, vão tê-las noutros lados, noutros momentos em que se vão relacionar com a sociedade e que se vão integrar na sua própria realidade e portanto o que as crianças precisam nomeadamente as crianças que estão institucionalizadas precisam de carinho, precisam de alguém que o possa dar e eu tou de acordo que esta discussão tem uma outra a montante que é o principal interesse das crianças, esta discussão que é também sobre discriminação de uma parte da população, neste caso a população LGBT, porque a lei diz especificamente que não podem ser responsáveis em processos de adopção por crianças, acho que tem um ponto de partida que não tem que ver com discriminação que é do interesse da criança e se tivermos instituições e se tivermos um sistema que realmente olhe para o interesse<sup>4</sup> da criança estou certo que a orientação sexual dos possíveis

adoptantes é um pormenor irrelevante.

*Sim, muitos entrevistados dizem o mesmo que... a ideia do melhor, aquilo que seja melhor para o interesse da criança, ou seja que a criança à partida estaria melhor entregue por assim a casais heterossexuais mas de certa forma também é uma forma de discriminação e uma forma de encapotar a discriminação a nível de LGBT, ou é uma interpretação errada a que eu faço?*

Não, sem dúvida, isso revela de um preconceito que é este, as pessoas... a orientação sexual tem reflexos na forma como as crianças são educadas, as crianças são criadas. Isto não é verdade, não é verdade, aliás todos os estudos que existem sobre crianças que crescem com famílias ou ambos os pais LGBT ou um deles LGBT, demonstram justamente o contrário, que este facto não tem nenhuma influência nem na orientação sexual da criança nem na forma como a criança se vai desenvolver depois, do ponto de vista emocional, psíquico, intelectual. Agora também lhe digo que sempre houve filhos de homossexuais masculinos e de lésbicas, a orientação sexual por não ser uma coisa absoluta, por não ser, por não corresponder muitas vezes ao... ou tantas vezes por não corresponder a percursos de vida sempre iguais do ponto de vista da orientação sexual, faz com que muitas pessoas que hoje são homossexuais tenham filhos, cuidem e naturalmente se ocupem deles e naturalmente sejam activos na sua formação, na sua educação. E isto sempre aconteceu, isto sempre aconteceu, portanto as pessoas que acham que os homossexuais não podem adoptar deviam ser coerentes e achar também que não podem ter filhos, então quê, estamos a falar de esterilização forçada, estamos a falar de quê? É absurdo, a lógica desse raciocínio leva-nos por caminhos completamente disparatados, e às vezes são úteis para nos ajudar a perceber até que ponto é que os próprios caminhos da discriminação, por mais ocultos que possam ser, nos levam não é. Sobre crianças, quer dizer, eu conheço muitas crianças que nascem com mães ou com pais homossexuais, que crescem assim, estou convencido que hoje em dia não é uma raridade, há muitos casos desses e casos de famílias que são assumidas, portanto os novos modelos familiares não é só uma retórica da sociologia e das ciências da educação, existem, estão aí, provavelmente sempre estiveram só que hoje temos a vantagem, é uma enorme vantagem, de poder trazer estas realidades à luz do dia, no sentido em que há muita gente que já não tem vergonha da sua opção sexual, da sua orientação sexual perdão, e do facto de ter uma família qualquer que ela seja, e poder viver em paz com isso e portanto isso já em muitos, pra muitas pessoas em muitos circuitos nomeadamente os circuitos mais, os círculos mais urbanos, mais esclarecidos também, isso já não é uma vergonha, já não é uma realidade social que é preciso esconder e ocultar do resto da sociedade, e portanto isso é uma enorme vantagem e só não vê quem não quer.

*Pronto, última questão... a ideia deste trabalho era no sentido de, depois eu*

*gostava de aplicar tudo isto que fizémos, as entrevistas, mais na prática. A ideia seria como é que nós, os homens interessados nestas questões de género e por género aqui entendo tudo, LGBT enfim, não é só a parte das mulheres, os homens interessados pelo género como é que nós podemos fazer com que cada vez hajam mais homens interessados em lutar pela igualdade de género, em serem aliados das mulheres, em serem aliados... pronto, também há homens homossexuais, mas homens heterossexuais aliados aos LGBT. A ideia seria criar, não direi um movimento, mas uma consciencialização cada vez mais aberta para estas questões da discriminação e para estas questões da igualdade de género. Não sei se faz sentido...*

Sim, se lhe soubesse responder a essa pergunta seria uma pessoa muito mais feliz [risos], não sei responder a isso, como é que fazemos com que haja cada vez um maior número de pessoas que olhe para estas questões como questões determinantes da vida em sociedade, como causas em que vale a pena investir, não lhe sei responder a isso Daniel, acho que há apesar de tudo e porque já tenho mais de quarenta anos, acho que há indicadores de muitas coisas que estão a mudar, que mudaram, e há cada vez mais pessoas para quem estes temas são temas de estudo, de preocupação, de intervenção social e isso é fundamental, fundamental para este movimento que seja uma fusão de vários movimentos ou de várias preocupações que todas elas se cruzam, muitas delas se cruzam, não lhe sei dizer como é que isto se faz, sei que faz-se certamente não tentando não estarmos fechados no nosso próprio campo de intervenção, eu sou, pertenço organicamente, faço parte de um colectivo que assim se designa no movimento LGBT e portanto o resto não é comigo, não, o resto é comigo, as questões das mulheres desde logo e de igualdade de género, mas também as questões dos emigrantes que são, que têm, onde estas questões de género e discriminação LGBT se colocam de outra forma, desde o asilo político que é negado pela maior parte dos países europeus, para não dizer quase todos, a pessoas activistas LGBT que vêm de países onde homossexualidade é considerada crime, não há um caso Daniel, não há um caso na Europa comunitária de asilo concedido devido à perseguição por este motivo, e sabemos que essa perseguição acontece, e sabemos que as pessoas muitas vezes arriscam a própria vida quando são deportadas por esta Europa dita do humanismo para os seus países de origem, e portanto a condição do outro, o olhar o outro que não é só o outro como orientação sexual diferente da minha, mas é o outro de uma cultura diferente, de um percurso de vida completamente diferente, de uma civilização diferente, de uma língua, de uma cor de pele, acho que tudo isto tem de ser, acho que tudo isto se cruza, tudo isto tem muito que ver com o que nós fazemos, com o que nós dizemos... condições laborais, o código de trabalho que para muitos dos meus companheiros no movimento LGBT foi uma enorme vantagem, representou uma enorme vantagem e representou uma vitória do movimento o facto de haver o reconhecimento de uniões de facto, de casais homossexuais do ponto de vista da legislação laboral e de prevenir a discriminação com base na orientação sexual,

esse mesmo código de trabalho traduz uma visão, uma realidade do que é o trabalho, do que é o mercado de trabalho hoje que precariza cada vez mais a vida de toda a gente, e não lhe tou a falar especificamente em mulheres nem de homossexuais, tou a falar de toda a gente, tou a falar da sua geração que a miragem de um emprego estável é uma miragem, a geração dos quinhentos euros, a geração das pessoas que andam a estudar, investem na sua formação, o estado investe na sua formação também, fazem cursos superiores, muitas delas têm pós-graduações e tão a trabalhar por quinhentos euros em call-centers sem nenhuma garantia de futuro profissional, portanto esse aspecto do mercado de trabalho que dificulta a vida, prejudica projectos de vida e nos torna a todos de alguma maneira reféns da arbitrariedade, acho que também tem muito que ver com este movimento que fala com as questões da igualdade de género, porque evidentemente numa situação enfim, acho que nem vale a pena dizer-lhe isso porque são coisas mais ou menos óbvias não é, mas numa situação de dificuldade do mercado de emprego, as primeiras pessoas que sofrem medidas de despedimento, de redução de salário, de redução de horário, de agravamento das suas condições de trabalho, são inevitavelmente mulheres, e dentro destas as das classes mais pobres, as que trabalham nas indústrias pouco qualificadas, as que têm um trabalho pouco qualificado, digamos assim, portanto isto tem que ver com questões de género e com questões de igualdade de género, e acho que temos que ter uma, claro porque não podemos ser todos especialistas de tudo, isso não existe, o especialista de tudo é especialista de coisa nenhuma, mas acho que temos que ter neste campo que é a intervenção social, do que é a análise da realidade social também que nos permite fazer escolhas e tomar opções, acho que temos de ter um olhar muito abrangente, não podemos ficar fechados nas nossas caixinhas, não podemos ignorar o que se passa à volta e todas as ramificações, todas as questões, portanto eu voltando atrás não sei mesmo como responder à sua pergunta, mas sei que, sei o que não pode ser e o que não pode ser de todo é tar, é achar que as questões LGBT e as questões de identidade de género se resumem à sua aparência, porque nunca é assim.

*Eu acho que a minha ideia, também não tenho uma ideia muito formada, eu daqui a bocado já digo o que é que eu estava a pensar em termos práticos, mas eu acho que a minha ideia era mais em termos de... educação para a diversidade, educação para a justiça social. Eu por acaso agora estou a ler um livro sobre isso, e eu achei mesmo... é norte-americano e eles também fazem carreiras sobre isso, e eu não sei se em Portugal nós temos isso, isso é uma ignorância que eu tenho, mas há pessoas mesmo que dedicam a sua vida a educar, a formar as pessoas, mesmo grupos dominantes, homens, heterossexuais, brancos, classe média-alta, e eu acho que já se percebeu que sem a ajuda de algumas dessas pessoas, não vão ser todas as pessoas que vão aderir a esta ideia, mas eu acho que sem a ajuda de algumas dessas pessoas que de uma forma geral têm poder social, sem essas pessoas também fazerem um caminho para a mudança, nos seus bairros, nos seus grupos, na sua família, por mais insignificante em termos*



*macro que isto seja, já há mudança, eu acho que era mais nesse sentido que eu ia, da justiça social, da diversidade, também acho que empobrece muito as pessoas que são grupos dominantes, heterossexuais, homens, classe média-alta, também empobrece muito as suas relações e de certa forma eles também têm um revés do seu poder. Não sei o que é que pensa sobre isso? Mas em termos mais práticos destas questões da igualdade, pronto eu fui mais para as mulheres porque é de certa forma aquilo que... como eu poderia ter ido para os LGBT, eu não vejo as coisas muito separadas, por exemplo na América fazem-se grupos de discussão, grupos de educação, mas depois também tem um revés porque aquilo depois pode ficar muito essencialista, vão para lá os homens falar, vão discutir, vão dizer que são muito vítimas do sistema, o que é uma coisa que muitas vezes as pessoas que têm o poder também dizem que são vítimas, eles não reconhecem que eles próprios também têm, que como eles são parte da classe dominante eles de certa forma também exercem essas relações de poder. A ideia seria os grupos, numa primeira fase, de discussão sobre isso, depois também seria trabalho comunitário, no sentido de ir às escolas, há muita coisa que se pode prevenir, esta ideia de que só se pode ser homem de uma determinada forma, isto também muito a nível dos LGBT, também há muitos homens homossexuais que só revelam a sua orientação sexual, mesmo para si próprio, aos quarenta, cinquenta anos, e que depois vêm que de certa forma perderam uma vida inteira, não necessariamente por culpa deles, mas por culpa de uma sociedade que não lhes deu os recursos...*

Sim, sim.

*Há muita coisa que se podia prevenir, eu estava a pensar em por exemplo haver mais homens que se juntassem nestas marchas, no pride por exemplo dos LGBT, na luta contra a violência doméstica das mulheres, um grupo, cada vez mais que também os homens e que cada vez mais houvesse esta percepção que todos nós podemos contribuir para uma utopia, por assim dizer, [referência omitida intencionalmente] uma utopia só é utopia até o ponto em que nós a fazemos, uma coisa assim, ela disse-o de uma forma melhor [risos], mas acho que era mais neste sentido, isto também é um bocadinho abstracto claro...*

Não é assim tão abstracto, repare um campo muito óbvio para isso poder acontecer num curto prazo onde já há algumas experiências interessantes nesse sentido é obviamente o campo da educação, não é, da educação, das crianças dos jovens, e portanto onde os temas não só da igualdade de género, da orientação sexual, mas da própria sexualidade, começam a fazer o seu caminho e começam a ter o seu percurso, começam a interessar pessoas, obviamente que numa escola cheia de adolescentes ou de pré-adolescentes, a questão da sexualidade é uma questão fundamental, são pessoas que estão a descobrir a sua sexualidade, e portanto a escola tem de ter um enquadramento para esse fenómeno que é individual, comum às pessoas daquela idade, tem que ter um

discurso sobre isso e esse discurso tem que ser um discurso de pluralidade, de diversidade e que combata o medo e o preconceito. Portanto sim, acho que a questão da educação é uma questão muito transversal a tudo o que temos aqui a falar e é porventura aquela... não é preciso haver uma revolução para mudar, há aspectos que podem mudar muito o que é essa consciência colectiva de compreensão destas questões ou de completo alheamento e podemos passar do completo alheamento para uma relativa compreensão, aceitação é uma palavra estranha, mas para uma relativa compreensão e normalização do que é a diversidade de opções sexuais, do que são os papéis de género e como é que as questões do género podem ser percebidas por cada pessoa. Agora sobre outros aspectos que referiu, eu sou muito, sou um bocado materialista na apreciação daquilo que faz grupos sociais moverem-se, ou seja, não duvido que possa haver pessoas em todos os grupos sociais com o interesse suficiente para ter uma abordagem a estas problemáticas, para investirem nelas, para participarem em movimentos que as querem transformar, em todos os grupos sociais isto pode acontecer, agora a minha abordagem materialista é só acreditar que grupos sociais enquanto tal tomem determinadas opções quando aquilo que têm a perder é menos do que aquilo que têm a ganhar, acho que se movem por interesses, os grupos sociais movem-se por interesses. Nalguns casos está razoavelmente provado de que a violência de género por exemplo, a violência de género não é uma característica exclusiva de nenhuma classe social, ela existe em todas, é bastante transversal, existe nas classes sociais com mais poder económico, aquelas que têm menos, e portanto eu acho que as pessoas de qualquer classe social, ou estes grupos, o grupo da classe alta que referiu, acho que só vai deixar de aparecer nas estatísticas de violências de género, violência doméstica, quando tiver mais a perder, do ponto de vista da repressão, aqui estou claramente a falar da repressão, quando não for mais possível esconder a violência dentro de casa, quando os castigos forem exemplares, quando o sistema judicial não desconfiar sempre, porque desconfia sempre, o sistema judicial que temos, de uma mulher agredida, e quando isso acontecer, aí, nesta classe social, as coisas podem começar a mudar um bocadinho, quando houver pessoas a serem presas por, pessoas com poder económico, a serem presas um ano, dois anos, o que for, por terem agredido a mulher com quem vivem, isso não acontece como sabe, não acontece. Mas acho que é importante, acho que os interesses associados ao estatuto, associados à condição económica, acho que determinam como é que as classes sociais se comportam, como disse há todas as excepções aqui que são excepções individuais de pessoas que podem mover-se por altruísmo, por militância, por convicção, mas as classes sociais não acredito que seja por isso.

*Mas por exemplo uma pessoa que esteja numa classe social média-alta, por exemplo, a classe social dominante, mas essa pessoa não se reduz só à classe por exemplo ela pode ter outras partes da identidade que são socialmente subjugadas, por exemplo pode ser uma mulher, pode ser uma lésbica por*

*exemplo, já tem dois aspectos da identidade que são subjugados, ela pode de certa forma nas outras comunidades, na comunidade LGBT, na comunidade feminista, ela pode entender até que ponto é que uma parte dela ainda é privilegiada, ela pode trazer alguma coisa nesse sentido.*

Pode certamente e há muitas mulheres que o fazem, há muitas mulheres que o fazem, aliás não sei se infelizmente ou felizmente mas a realidade é assim, grande parte das pessoas que são activistas nestes movimentos não são pessoas de classes baixas, são pessoas com razoável poder económico, enfim não são pessoas que passam fome, não são pessoas que têm de lutar diariamente para trazer comida para casa, são pessoas que têm as necessidades básicas relativamente resolvidas quer por via do trabalho quer por via doutro, enfim, de património e portanto optam por dedicar uma parte do seu tempo para a intervenção social, cívica. Quem é consumido no seu dia a dia para trazer comida para casa, para si, para as pessoas que dependem de si, tem muito pouco... muito poucas condições para ter esta participação de que tamos a falar. Seja como for não creio que isto seja uma debilidade, a debilidade é o contrário, não é estas pessoas estarem lá, é as outras não estarem, a debilidade é essa verdadeiramente, se me faço entender, é essas pessoas das classes sociais mais baixas estarem muito distantes destas causas e destas preocupações, mas acredito que isso, que haverá momentos em que isso não é assim, haverá momentos em que a consciência social dá saltos tremendos, ou de forma localizada porque há uma história que comove, toca as pessoas e as faz despertar para uma série de assuntos, ou de forma mais generalizada, porque há momentos em que a história se acelera não é, a muitos níveis, e portanto não sou nada pessimista, acho que o caminho que fazemos depende muito daquilo que nós fazemos dele [risos] numa variação também da [referência omitida intencionalmente], mas... e acho que temos motivos, senão para estar optimistas pelo menos para ter alguma confiança de que as novas gerações não vão ser iguais às anteriores e isso já é extremamente positivo.

*Então, por mim acabávamos, não sei se quer dizer mais alguma coisa?*

Não, não...

**Artur (Participante 5)**  
**Entrevistas 1 e 2**  
**3 de Março de 2008**  
**± 150 mins**

*Nesta primeira fase gostaria de saber quais as influências que levaram a que se tornasse feminista, ou pró-feminista, depende do conceito que achar mais interessante.*

Eu acho que distinguiria duas coisas, que era... a utilização do próprio termo, ou seja, algo de consciente, e algo que sempre lá esteve, portanto não sei qual é o sentido da sua pergunta, se era neste sentido último, ou seja...

*O sentido era nos dois, gostava de perceber, mais no sentido consciente, não direi de activismo político, de activismo na rua, mas quando é que percebeu a necessidade de promover a igualdade de género, mais no sentido do feminismo consciente.*

Pronto, então se deixa as coisas assim tão livres eu acho que é mais fácil para mim se calhar recuar o mais longe possível para chegar aos dias de hoje, porque a utilização do próprio termo é uma coisa muito, muito, muito recente e que ainda hoje me... dá azo a algumas conversas e algumas coisas com piada e portanto, mas que é uma coisa que pensei há um ano, portanto para vermos um bocado a evolução das coisas. Eu acho que sempre tive uma actividade muito grande, ou digamos assim pela questão da diferença sempre fez parte de mim, e portanto eu digamos assim, acho que há condicionantes da minha própria história de vida que me condicionaram neste sentido. Por um lado, o facto de eu ser o mais novo de quatro filhos, e muito mais novo do que os outros todos, ou seja, a diferença entre mim e o anterior são treze anos, portanto o que quer dizer de uns pais já muito maduros e com irmãos muito mais velhos do que eu, portanto, o mais velho do que eu tem mais vinte e dois anos do que eu, portanto, isto é importante, parece-me a mim, porque depois acho que tive um privilégio muito grande de contacto muito directo, portanto, por um lado com uma mãe que já tinha quarenta e tal anos, e que portanto já... com quem tinha uma grande proximidade e pra quem eu era assim uma espécie de, não era bem um neto, mas era assim um boneco, digamos assim, algo que ela já não esperava e por outro lado, uma irmã com quatorze anos mais do que eu, portanto, pra mim o convívio com o sexo feminino foi uma coisa muito natural, ou seja, eu nunca fui muito distanciado, ao contrário de outros homens que conheço, eu nunca senti a distância entre os sexos, portanto, sempre convivi de muito próximo com os temas das mulheres e com alguma proximidade com o universo feminino, de certa forma. Por outro lado... penso que isso, acho que me deve ter-me marcado muito, não é, em termos do conhecer muito do universo feminino, se calhar até mais do que o universo masculino, por esta condicionante de vida, por menor convívio com o meu pai e os

meus dois irmãos do sexo masculino. Depois, é engraçado que em termos de episódio, já pensei nisso, se há vezes, não quer dizer que isso seja uma coisa determinante, mas que há vezes são pequenos episódios que depois são muito marcantes e que depois nos lembramos às vezes, e da infância lembro-me de uma situação que me terá marcado imenso e ainda hoje na família se fala disso que é, eu assisti a uma cena, eu não sei que idade teria, mas teria sei lá entre seis e sete anos, de uma tentativa de rapto de uma criança, de uma prima minha afastada por parte do pai, ou seja, portanto uma cena um bocadinho violenta, de alguém, portanto um homem, que vem e que tentou levar uma criança, por uma questão de separação e portanto, isto acontece num espaço público, uma gritaria imensa, com imensas a correr, com pessoas não sei quê, a apanharem o senhor e portanto a tirar-lhe a criança e portanto o que na família se comenta é que naquele dia eu não me calava e portanto falava, falava daquilo, porque de facto é uma situação um bocadinho bizarra e portanto, emocionalmente forte para uma criança, e que eu dizia ' eu não quero que a minha irmã se case', pronto, eu sempre dizia... portanto, eu de certa forma, portanto para além deste episódio, depois as questões de violência doméstica, eu vivia num espaço, portanto vivi em Benfica até aos dez anos, e portanto houve uma altura em que não existia o Colombo, não existia a segunda circular, não existia nada daquilo, aquilo era quase como se fosse um espaço rural de certa forma, em que nós íamos a Lisboa, quando vínhamos à Baixa vínhamos a Lisboa, portanto era como se estivéssemos fora de Lisboa, e portanto havia um convívio muito grande em termos do espaço público entre as pessoas e as pessoas que se conhecia, e portanto eu desde muito cedo contactei com situações de violência doméstica, e portanto são coisas que me lembro perfeitamente, sei lá, de ver mulheres de olhos negros, de ver gritarias, de coisas desse tipo, que me devem ter marcado muito, em termos de, por um lado, em relação aquilo que alguns homens são capazes de fazer, algum desencantamento relativamente às relações de casal, depois também coisas muito usuais nessa altura que tinham a ver com o abuso ou a violência entre pais e filhos, que eu não tinha, mas que me apercebi, os castigos corporais e coisas deste tipo de... portanto, a autoridade paterna, naquele sentido mais tradicional, eu sempre me apercebi disso. E portanto, o medo do pai, o medo do marido, a questão do alcoolismo ligado à violência doméstica, portanto são coisas que eu me lembro de ser muito criança e assistir a isso, quer dizer, aperceber-me disto porque a zona onde morava propiciava isso. Portanto não eram prédios, não eram coisas escondidas, como hoje ao pé do Colombo será, portanto serão coisas um bocadinho mais expostas desse ponto de vista. Por outro lado, acho que embora, portanto isto tudo no tempo de ditadura, e apesar da minha mãe ser uma pessoa, praticamente lembro-me dela, de uma mulher relativamente velha, acho que sem ser uma militante propriamente, era alguém digamos, com uma visão um bocadinho pralém, e portanto esta questão da exploração e a questão da brutalidade entre pais e filhos, o mau trato familiar relativamente às crianças era uma coisa que sempre comentámos e que ela nos transmitiu sempre, não no sentido, quer dizer quase um bocadinho fora do tempo, coisas que nós achamos que hoje são intoleráveis, na altura faziam parte da cultura dominante, mas no

fundo ela fazia conversa disso e portanto esta questão da relativa autonomia das mulheres e do trabalhar e do ser autónoma e de não viver às custas do marido e coisas deste género portanto foi uma coisa que ela sempre nos incutiu muito e portanto fazia muito conversa a esse propósito, pronto embora sem consciência política, estamos a falar de anos de 74, sem qualquer ligação a esse universo, mas no entanto do ponto de vista das ideias e do ponto de vista da influência acho que, enfim, passava muito este discurso. Nomeadamente, a questão da revolta contra esse poder masculino, ligado ao alcoolismo, ligado às amantes, ligado à taberna, portanto a esta... de não dar dinheiro às mulheres, portanto que faziam parte da, que nós sabemos hoje que eram assim, mas que vinham muito pela vivência directa. Portanto, eu acho que sempre... isto em termos dos primórdios da minha existência eu acho que há aqui estes elementos desde a questão de ordem familiar pelas pessoas com quem eu convivía acho que sempre houve este interesse. Depois, com o 25 de Abril e coisas deste... esse tempo um bocadinho mais aceso em termos da discussão ideológica, portanto, as questões do planeamento familiar, o poder controlar o número de filhos, portanto eram coisas que se falavam em casa como uma coisa importante. Portanto, eu acho que seja por, como é que hei-de dizer, ao nível do universo que eu situaria do ponto de vista intrapsíquico, pronto, fruto do meu quadro familiar, da minha história de vida, acho que tenho um germe ou qualquer coisa, um núcleo qualquer, que se recusa à distinção, ou seja, a esta distinção ferverosa e acesa em relação ao que compete a um e ao que compete a outro, porque... portanto, depois tendo em conta esta minha própria linhagem, portanto eu fui tio com dez anos, o que também acaba por ser importante, e portanto sempre fui muito estimulado quer a tomar conta dos miúdos, a aprender de cuidar de crianças, sempre fiz comer, sei coser à máquina, sei passar a ferro, e portanto, uma coisa muito engraçada, não da história da minha mãe mas da minha própria história, da história dela também seria interessante perceber como é que ela educa dois homens de uma forma completamente diferente, e ao fim de uns anos modifica completamente as suas práticas educativas e adopta comigo, digamos assim, perspectivas completamente diferentes, ou seja, os meus irmãos não são assim, ela nunca os estimulou a ser assim. Mas comigo, não era uma questão de estimular, mas de permissividade relativamente a estas coisas, portanto, eu queria fazer experiências na cozinha, fazia experiências na cozinha e estragava coisas e ateava fogo às coisas e portanto, ela achava que isso era normal e que isso era bom, e elogiava essa minha parte a outras pessoas, eu sabia fazer isto, eu sabia fazer aquilo, portanto, por outro lado, inclusivamente há aquelas coisas muito tipo conversas de mulheres ou situações deste tipo, nunca me senti do tipo 'sai lá, sai daqui', 'não podes ouvir isto' ou qualquer coisa deste género, portanto nunca ocultou esse tipo de coisas comigo, portanto daí que eu digo que o universo feminino não é absolutamente nada estranho, daí que eu oscilo de um sítio para o outro, em termos da minha organização mental as coisas não são tão... ou seja, aquilo que em termos da literatura a gente, o dizer que há uma questão muito grande em termos de educação do rapaz ou portanto, que é de uma grande vigilância em relação à construção da sua identidade, eu digamos que nunca senti um pouco

isso, o que acaba por ser um bocadinho desadequado em relação a algumas situações, portanto, que isso se calhar voltando, quando falarmos do contemporâneo isso se proporcione, porque sei lá, de repente eu, por vezes é que há pessoas que me chamam a atenção a dizer 'agora tens de sair daqui' ou 'agora não podes tar aqui' ou de repente mulheres que tão a falar comigo e dizem 'não sei porque é que tou a falar isto contigo, porque eu não deveria estar a falar disto contigo, não é, eu nunca falei disto ao pé de um homem', e portanto... porque eu de facto não tenho muita acutilância em termos de reparar no sexo das pessoas, faço-me entender, pronto. Do ponto de vista intelectual eu acho que depois, portanto, talvez este meu interesse em termos da minha escolaridade, eu acho que cada vez que alguma coisa se vislumbrava que tinha a ver com esta questão eu acho que lhe dava uma atenção particular em relação a estas coisas, sei lá, lembro-me de ter praí 12, 13 anos e ler coisas da Maria Lamas e de ler a Crónica Feminina, que lá em casa lia-se a Crónica Feminina e portanto, todas estas coisas eu, ou mesmo do jornal... depois também lembro-me que praí em 75, havia assim muitos filmes da RDA que davam na televisão, assim umas coisas ideologicamente muito marcadas e coisas deste tipo que eu acho que via com muito interesse em particular. Eu não sei assim, sei lá, do terceiro ciclo, do secundário, não tenho assim grande memórias de alguma coisa que intelectualmente me tenha suscitado interesse, desse ponto de vista, talvez uma professora de história que tive, portanto na altura não era o nono ano, mas ao nível do nono ano, pronto que era uma tipa que contava a história de uma forma muito engraçada e chamava-me então muito, talvez até em termos de estratégia pedagógica às vezes utilizava muito referências deste tipo, dos príncipes, das princesas, dos casamentos, de mulheres a propósito de reinos e territórios e coisas deste género, agora eu penso assim em termos daquilo eu tenha reflectido ao longo do tempo, não penso que isso já tenha alterado nada, ou seja, o que eu acho é que o meu interesse advinha do interesse que eu já tinha acumulado entretanto, eram temas que me suscitavam interesse e que já não vieram alterar em muita coisa. Depois em termos da... eu quando entrei prá faculdade, pa sociologia, portanto aí era inevitável que essas coisas viessem ao de cima, e portanto lembra-me de um ou dois professores que de facto referiam essas coisas, e portanto quando eu entro num universo onde a questão do relativismo cultural, e a questão da diversidade, e a questão do não sei quê, quer dizer que pra mim aquilo era o paraíso completo, quer dizer que era o esbatimento de uma série de coisas... pra mim não era o deitar de nada abaixo, pra mim era a confirmação de que aquilo que pensava tinha sido pensado por outras pessoas e aquilo tinha uma correspondência com alguma coisa, portanto eu não era assim tão anormal. Porque esta minha forma de ser, de certa forma, portanto não é fácil viver, não tanto a infância, mas não é fácil viver a adolescência com uma cabeça assim, ou seja, eu sempre fui um bocadinho muito sui generis e um bocadinho bizarro. Óptimo, e acho que senti na pele essa questão hegemónica e uma certa pressão, uma certa quer dizer, uma suave pressão, no sentido de ser mais parecido com aquilo que se supõe que a maioria é, sei lá, trazer livros, romances, pra ler no autocarro, de ter no meu grupo, por exemplo da escola, ter raparigas com quem

eu não andava, porque eu era suposto, quer dizer, se eu, porque nos correspondíamos nas férias, porque ia a casa de A, ia a casa de B, portanto como esse conviver com o sexo feminino era uma coisa que não me era estranha mas para os outros rapazes isto era um bocado estranho, quer dizer, a conversa andava muito às vezes à volta do se já comi ou deixei de comer, e eu achava aquilo tudo muito estranho porque, era assim, não, mas ela é minha amiga, não... portanto, as coisas não passam necessariamente por aí. E portanto, tenho a absoluta certeza de sofrimento associado a isto, que se arrastou durante todo o processo da adolescência, quer dizer, por um lado uma enorme teimosia de recusa a ser o estereótipo, e depois um bocadinho também quase a certeza de que era assim, eu acho que não sou anormal, quer dizer, e portanto não fiz aquilo que às vezes podia acontecer e que acontece em algumas situações, de exacerbamento de traços de masculinidade ou de fugir a este tipo de situações, eu nunca fiz, portanto, participo de alguma forma, mas eu não sei, intuía que 'eu sou assim', e não há-de haver aqui... Isto para dizer que a entrada na faculdade, quando este universo todo de... sobretudo é engraçado porque sendo em sociologia, sobretudo professores que davam disciplinas ligadas à antropologia que eram do departamento, talvez tenham sido esses um pouco aqueles que mais me agitaram, deste ponto de vista no fundo, sei lá, aquelas coisas muito básicas, da Margaret Mead, ou da Ruth Benedict, são coisas desse género, há sítios no mundo em que as coisas não são assim, portanto, isto é tudo uma construção social, ta ta ta ta ta ta, portanto aquilo para mim era assim um paraíso... Eu assim durante a faculdade nunca fiz, também não tínhamos muita liberdade em termos de escolha de trabalhos e portanto eu nunca fiz nada nesta área, na área do género, também não havia, a bem dizer, a questão que se punha era um bocadinho essa, não havia nada de especial. Portanto, eu acabei o curso em 86 e de facto na faculdade não havia e só me dei conta que havia uma disciplina no departamento de Línguas e Literaturas ou Estudos Portugueses, uma coisa assim, já no final do meu curso, e eu tava mesmo a acabar, que era uma disciplina que se chamava Estudos sobre as Mulheres, na altura era da pela Maria Belo, e portanto mal acabei o curso, inscrevi-me logo na disciplina, e portanto não precisava do diploma, continuei a fazer a disciplina. De facto era assim um pouco, 'é agora que eu vou fazer, é agora que eu vou fazer as coisas que eu gosto, portanto, é isto que me interessa', portanto acabei por não fazer, frequentei a disciplina durante um ano e meio, um ano lectivo e meio, porque entretanto tive de pedir o diploma e aquilo já não contava pra nada, mas eu fazia questão de uma vez por semana ir pra lá, pronto sei lá, um descobrir a Elisabeth Badinter, pronto, já numa lógica de feminista. Depois em 87 conheci a [nome de organização] e fiz no verão de 87 fiz um curso de formação de formadores na área da educação sexual, e portanto, pra mim o conhecimento, ao entrar para a licenciatura, isso foi assim um marco de felicidade e confirmação, quando fiz esse curso e eram, não sei, cinquenta horas ou coisa assim, então isso foi assim um coroar da glória completa porque então aquilo era a confirmação, ainda mais confirmação, de que não só aquilo era uma área de estudo e portanto havia ali um conjunto de procedimentos ideológicos onde eu tinha chegado sozinho, havia uma série de



homens, nomeadamente [nome omitido] que era formador na altura, que diziam as coisas que eu pensava, tudo o que dissesse não havia olhares estranhos sobre aquilo que eu estava a dizer, pronto e aí eu acho que começou um bocadinho com essa minha colaboração, com a [nome de organização], acho que começou então a minha busca, já autónoma, relativamente a leituras mas mesmo de uma forma autónoma, quase uma avidez enorme de encontrar literatura, de começar a ler coisas e por aí. E lembro-me de cenas muito caricatas, na altura, acho que entretanto fechou, havia uma livraria ao pé de onde eu trabalhava, no Marquês de Pombal, que era a Bucholz, a livraria alemã, e que tinham, para além daquele caos completo de livros, que era uma bagunça, tinham uma espécie de uma bancada, ou um expositor, e que por baixo tinham praí umas duas prateleiras, essas prateleiras eram só de livros sobre feminismo. Entretanto, eu andava sempre de cócoras à volta daquelas prateleiras e a dada altura eu já sentia que as empregadas que eram assim umas senhoras muito finas, mas ao mesmo tempo muito literatas e todas sabiam de tudo e mais alguma coisa, já se acotovelavam porque eu, sei lá, era rara a semana que eu não ia lá à procura de coisas. E depois lembro que também na zona do Marquês de Pombal tava a revista Mulher, onde eu fui também uma vez à procura de não sei quê, onde fui pessimamente mal recebido, fiquei assim, foi uma coisa traumática que eu me lembro, do tipo 'o que é que este homem tá aqui a fazer?', e portanto estamos a falar em 87, 88, onde de facto as coisas punham-se 'isto é um assunto de mulheres, não é um assunto de homens e portanto este homem, este rapaz - porque era um rapaz - não deve ter boas intenções de certeza absoluta'. [texto omitido intencionalmente] Em traços largos, porque depois a questão do mestrado e do ter conhecido [nome omitido], mas portanto, depois a formação em sexologia, eu sempre me interessei muito por estas coisas, e nunca encontrei a pessoa certa, tanto em Salamanca como mesmo na Nova, em Antropologia, onde eu tentei, ainda andei uns meses no mestrado, nunca... eu acho que nunca encontrava ninguém que percebesse exactamente o que é que eu queria, e portanto lembro-me assim de uma conversa muito caricata que tive com o Professor Bracinha Vieira, que era professor do mestrado e que me começa-me a falar de umas macacas e de uns não sei quê, e eu não percebi muito bem, eu acho que ele não percebeu o que é que eu andava à procura, eu acho que portanto era uma visão muito orgânica, muito biológica das coisas e portanto, desta questão do dimorfismo sexual, eu andava à procura das questões da construção social. [texto omitido intencionalmente] no fundo, é confirmado de coisas que eu tinha transportado em termos de vivências e coisas que eram úteis e admissíveis, embora minoritárias, mas que faziam sentido, e mais que isso, um sentido de pertença, um sentido de que há outras pessoas como eu, ou seja, pessoas que fizeram os seus percursos, e portanto vai encontrar pessoas que não têm os mesmos factores, seguiram os seus percursos, mas chegamos todos e encontramos-nos todos, de diferentes gerações, de diferentes orientações sexuais, de experiências de vida, e no entanto há um sentido de partilha e de comunhão que a mim me faz... que me faz sentir bem, quer dizer, há também este lado de gratificação do ponto de vista psíquico que é um pouco... embora eu não esconda muito coisas que eu faço ou de maneiras de

ser ou sentimentos ou coisas que eu estou a pensar, com estas pessoas ligadas ao género, aí é que eu tou mesmo, quer dizer, 100% à vontade sem qualquer tipo de problema. E portanto, acho que há essa ligação. Agora, dando um pulo assim rapidamente até aos últimos tempos, eu penso que, eu acho que me faltava, faltava-me... mas isto é mesmo há coisa de um ano, é uma coisa que parece esquisita mas a verdade é esta, se para mim as questões do discutir o que é que é ser homem e o que é que é ser mulher, a questão da simetria de poderes e a assimetria da feminilidade e a masculinidade, estas coisas portanto com grande à vontade, eu acho que fui muito tardio a aperceber-me da dimensão política disto, portanto, como é que... eu acho que é mesmo uma questão pessoal, quer dizer, eu faço muito o trabalho em termos comunitários, de projectos, de intervenções, de não sei quê, sei lá, com pais, com miúdos, com escolas, com profissionais de saúde por aí fora, mas era muito no sentido de, quando tive de motivar pessoas, marcar pessoas, ajudar pessoas a fazer coisas, mas acho que me faltava esta questão do impacto político que tudo isto tem, quer dizer, dizer estas afirmações que eu tenho estado a fazer, não é assim uma coisa... não é ideologicamente independente, portanto, e isto passa muito pelos poderes instituídos também, não é só a questão do público e privado, portanto há, há um bocadinho esta percepção, e a própria utilização do nome, de utilizar o 'feminista' como adjectivo, pronto, a perspectiva é feminista, e psicologia é feminista, e epistemologia é feminista, e é muito engraçado porque eu tava a acabar já a tese de doutoramento e portanto, isto já ia avançadíssimo, já tava praticamente pra acabar, portanto... eu não me lembro o mês, mas se entreguei em Maio, não sei, ou foi num dos congressos da psicologia, eu acho que deve ter sido para aí no final do inverno, [texto omitido intencionalmente] porque eu acho que do ponto de vista do posicionamento eu sou [homem feminista], eu acho que sim, quer dizer, portanto eu partilho este princípio e este e este e este, e eu não me distingo da ideologia e das práticas das pessoas que se orientam nesta perspectiva, mas fiquei um bocado.... acabei por dizer sim, tendo em conta isto e isto, eu acho que acabo por ser. Mas fui pensar naquilo e entretanto, foi das últimas coisas que eu escrevi na tese, foi um pouco, ou seja, se eu estou a estudar a masculinidade, mas o que é que isto vem contribuir para a situação das mulheres? E portanto, eu nunca tinha pensado naquilo, sinceramente nunca tinha pensado naquilo. E portanto, fiz o caminho um bocadinho [texto omitido intencionalmente] o meu é ao contrário, eu parti de um caos qualquer, e depois chego ao fim a dizer, 'mas o que é que isto tem a ver com as mulheres, o que é que isto vem alterar o mundo e este estado de situação em que as coisas estão?'. E foi muito engraçado, quer dizer, ter lido autoras no sentido de dar alguma sustentação aquilo que eu próprio tinha feito, daquilo que eu próprio pensava, e portanto digamos que só quando acabei a tese é que eu consciencializei no fundo, de alguma forma, acho que sou feminista nesse sentido. Isto assim em traços gerais [risos], mas que é engraçado, esta... eu acho que, digamos, também sendo mais velho, isto comparando com, sei lá, colegas que têm menos dez ou quinze anos que eu, onde a utilização deste adjectivo é usado de uma certa maneira, portanto não têm muito a marca, as marcas negativas que lhe estão associadas e que eu vivenciei, porque isso são

coisas que eu às vezes... por exemplo, quando estamos à vontade, em que eu digo 'aquelas feministas, aquelas gajas', pronto, me sinto à vontade, eu estou-me a referir a uma geração de mulheres de 60 e tal anos, de 70 anos, que me marcaram negativamente, ainda hoje eu tenho contactos, portanto, acho que essa geração ainda não morreu e portanto são de uma vigilância muito grande, porque digamos assim, é assim um bocado como se eles são um potencial predador, e eu sou perigoso, eu sou representante do inimigo, e portanto, [texto omitido intencionalmente] Portanto isso, isso às vezes ajuda-me a aceitar isso, ajuda-me um bocadinho, mas não é fácil, há pessoas, há algumas mulheres por exemplo com quem eu procuro não me cruzar, porque eu nem sequer sou ouvido, portanto, há alguns contextos onde eu nem sequer sou ouvido, porque é como se entrassem num processo de autismo e portanto tudo aquilo que eu possa dizer é sempre treslido, sei lá, por exemplo, não sei se devia dizer, mas por exemplo, [texto omitido intencionalmente] são pessoas que se portam comigo de uma maneira péssima, portanto houve uma altura que eu estudei as questões, [texto omitido intencionalmente] dos abusos sexuais sobre as crianças e portanto, desde rirem-se enquanto eu falo, desde não me falarem, de uma pequena coisa que eu disse, não sei o quê, são capazes de me andar a fazer ali mil e uma perguntas sobre o significado daquilo. [texto omitido intencionalmente] Portanto, penso que há este espaço de estranheza em relação 'ao que é que este homem está aqui a fazer, pronto, porque é que de repente agora nestas coisas do feminismo, nas questões de desigualdade e nas questões das mulheres e tal, agora há uns homens aqui infiltrados, dentro?', por um lado é um bocadinho isso, por outro lado é uma vigilância apertada em relação assim... 'este homem deve ter qualquer coisa escondida na calha, este homem deve tar a fazer qualquer coisa pra nos tramar'. Eu sinto muito isso na pele, quer dizer, sei lá, lembro-me de uma candidatura que eu tive [texto omitido intencionalmente] na altura, eu fui apertadíssimo naquela entrevista sobre assuntos completamente imorais, que eu considero imorais, inclusivamente até tinha passado no concurso e desisti e não ir, na altura [texto omitido intencionalmente] não tinha homens, praticamente, e os que estavam nos cargos estavam todos imigrados, tava tudo noutra sítio, pediam todos transferências porque aquilo era um gineceu completo, era uma coisa obsessiva, isto foi em 95, uma coisa assim. Perguntas, sei lá, que eu acho serem diletantes, ou seja, tamos seleccionar uma pessoa pra um lugar, se eu era casado, se eu tinha filhos, se eu não sei quê, coisas que eu não, não faziam sentido, quer dizer, távamos a apreciar um currículo, eu não sei que é que elas andavam á procura, não me pareceu coisa boa, e senti-me muito mal, muito mal, achei que tavam a ultrapassar um bocado os limites e eu acho que era um bocadinho isso, eu não sei, isto pode ser assim um bocadinho injusto mas eu acho que se eu fosse uma mulher acho que não me tinham perguntado aquelas coisas. Pronto, isto é assim, em termos gerais como é que, alguns episódios em termos de como é que eu acho que hoje, sei lá, se houver uma mesa sobre psicologia feminista, ou se houver uma coisa sobre epistemologia feminista não me faz impressão isto, não digo 'eu praí não vou, não quero, não quero essas companhias', não me faz impressão, acho que percebi, portanto também aprendi um bocadinho a

distanciar-me em relação a esta marca, pronto, como [texto omitido intencionalmente] às vezes diz que é um bocado ângulo de termo maldito, quer dizer, feminista é um termo maldito, não é, de qualquer coisa que se diga feminista isto gera logo... portanto aprendi, aprendi não, aceitei, tentando assim fazer um bocadinho a... enterrar, ou esquecer estas vivências que eu tinha de algum feminismo com que ainda convivi [texto omitido intencionalmente] ainda convivi com estas, digamos, com algumas históricas, pronto, eu hoje brinco, e brinco com elas, e que ainda continuam iguais, com saias até aos pés, com umas sandálias, sem soutien, os oculuzinhos à Trotsky, portanto, há pessoas que ficaram ali assim no tempo, e por exemplo, pessoas com quem aprendi imenso, quando eu disse 'agora vou-me interessar pelas coisas da masculinidade', pessoas que se riem na minha cara, 'porque é que isso interessa a alguém, o que é que esses gajos têm para dizer, o que é que há para dizer em relação a esses gajos pá?, tu devias era estudar não sei quê das mulheres latinas ou do não sei do quê, não sei quê, não sei quê', portanto, há de facto uma geração de pessoas que ficou no seu tempo, quer dizer, e são pessoas com 50 e tal, 60 anos, outras mesmo com essa idade avançaram e perceberam onde é que se queria chegar, outras recusam-se a sair daquele espaço. E portanto, é um pouco a... juntamo-nos para dizer mal deles, portanto, e essa é a parte para mim desconfortável, portanto, eu junto-me para dizer mal de alguns deles e de algumas delas que contribuem para que as coisas continuem assim, portanto não... não tenho essa lógica do lobo e dos cordeiros, não tem muito a ver comigo. Portanto acho que de facto há homens horríveis, a masculinidade no sentido mais estereotípico é uma coisa insuportável, quer dizer, que sustenta isto tudo, algumas mulheres aderem a ela e são, digamos assim, protagonistas também da construção disto, portanto, não ponho as mulheres todas coitadas de um lado, acho que há mulheres que participam activamente também na construção deste estado das coisas, por mil e uma razões, a estupidez não é uma delas, há muitas coisas que levam as pessoas a aderir a esta ideologia. Pronto, já falei muito... [risos]

*Não sei se quer dizer mais alguma coisa...*

Não, quer dizer, assim em termos de...

*Tenho várias perguntas, pronto, explorou muito esta ideia do conceito de feminismo e já apresentou algumas das questões que ainda o levam a ser um bocadinho sensível ao uso ou não do termo. Eu gostava de perceber, pronto, para além das situações concretas que já disse, eu gostava de perceber o que é que você entende por feminismo, o que é que é ser feminista, não necessariamente um homem ou uma mulher feminista, mas o que é que é o feminismo, qual é a sua definição do conceito?*

Assim de uma forma muito espontânea, pronto, sem ser muito académico e muito livresco, por um lado tem com uma enorme sensibilidade e atenção para as situações que derivam da diferença entre sexos, ou seja, enquanto uma

preocupação e um interesse e uma motivação muito grande para intervir, para conhecer, e para trazer à luz as situações da desigualdade entre sexos, portanto com a grande desvantagem para as mulheres, portanto ou seja, o cenário mundial, e mesmo nas sociedades ocidentais, o nascer mulheres é uma coisa que traz... ainda é um handicap a múltiplos níveis, portanto penso que continua a haver cabimento e faz todo o sentido continuarmos a batalhar sobre esta questão, ou seja, não alinhar pelas pequenas coisas superficiais do dia a dia em que nos mostram a mudança dos tempos, as coisas que melhoraram, quer dizer, porque há cinquenta anos atrás ainda estávamos pior do que estávamos agora, no entanto, penso que há um campo, e é um campo nunca acabado, ou seja, eu penso que há um universo....é como se estivesse sempre a escorregar, não é, qualquer coisa que sobe uma rampa, mas que tá sempre em permanente desequilíbrio pra retornar ao que era. Isto em termos de desigualdades entre sexos, ou seja, eu penso que faz sentido a qualquer pessoa, e nas sociedades actuais, continuar a batalhar para iluminar, para chamar a atenção, para aquilo que ainda é desvantajoso pelo facto de se nascer mulher, há espaço para isso. Por outro lado, eu vejo-a também numa outra dimensão que já não tem a ver tanto com a questão da pertença em termos de sexo, mas com a oposição entre masculinidade e feminilidade, que eu veria que o feminismo também pode ter essa valência, ou esse lado, ou seja, em termos da comparação entre as duas dimensões do ser humano, portanto, a desvalorização do que significa ser feminino, dos traços do feminino, independentemente de serem para homens ou para mulheres, penso que o feminismo também pode ser uma forma de as reforçar e de as revalorizar relativamente aquilo que significa a masculinidade em termos da assertividade, da pretensa racionalidade, da independência, da força, da não sei o quê, portanto, sobretudo quando pensamos na masculinidade no sentido mais restrito e mais hegemónico, não é, penso que o feminismo também é uma forma de dar valor a esses traços, independentemente de os atribuímos a qualquer dos sexos, portanto já não é uma questão baseada somente no ser homem e ser mulher, é os traços da feminilidade e os traços da masculinidade, portanto é uma forma de visualizar. E em terceiro lugar, portanto derivando deste, penso que ser feminista também é permitir, ou lutar, ou intervir, ou apelar a que se esbatam estas diferenças relativamente à pertença sexual, e que digamos assim, que existe esta liberdade de expressão de cada pessoa, sem estas balizas e corredores estreitos no sentido de, quando tem um XY é assim, quando tem um XX é desta maneira, e portanto que possa, que exista mais liberdade em termos de expressão da individualidade porque efectivamente não é uma questão somente de, porque há um discurso que eu fui encontrando nos últimos tempos que tem a ver com, 'se tornarmos os homens mais felizes eles também tornam as mulheres mais felizes e portanto...', não tem tanto a ver com isso, eu penso que é uma forma de ser humano, o ser feminista é uma questão de humanidade, quer dizer, é uma questão de abrir portas a homens e a mulheres em termos da sua liberdade de expressão, portanto, e do esbatimento daquilo que possa ser injusto e de coisas que são brutais, quer dizer, que nós não, quer dizer, apesar da mudança, da melhoria, quer dizer, esta questão do atear fogo a não sei a quem,

de atear fogo à mulher, de atirar pra não sei pra onde, de a marcar, quer dizer o número de homicídios, de mortes de mulheres em Portugal é uma coisa escandalosa não é, portanto situações deste tipo que é impossível aceitá-las, da mesma maneira que no meio de tudo isto poderá existir muita infelicidade também na parte dos homens, não tenho dúvidas nenhuma de pessoas quartadas, de pessoas limitadas na sua expressividade justamente por essa questão de desigualdade, porque não vejo isto somente como um complot masculino contra não sei quê, quer dizer, acho que há aqui um aspecto de construção colectiva... agora a posse dos bens e a posse do poder, do poder real e do poder político e do poder económico, quer dizer, não tenho dúvida nenhuma e ninguém tem dúvidas nenhuma que continua a tar na mão dos homens. E portanto toda a organização social circula à volta destas coisas, quer dizer, a questão da guerra, a questão rática, a questão étnica, a questão religiosa, passa tudo por aqui, por estas questões, portanto o ser feminista tem esta dimensão global e quase planetária também à volta disto, uma outra forma de ver as relações humanas que não passa somente pela questão do mundo privado, se as mulheres trabalham ou não trabalham, se os homens vão buscar as crianças ao infantário ou se há quotas ou não há quotas, quer dizer, acho que também há aspectos de ordem cultural global que o feminismo também tem interesse, também se interessa, e portanto pode extravasar também por esse universo.

*Então na sua concepção de feminismo os homens também uma parte possivelmente activa no sentido de mudarem as coisas como elas estão actualmente?*

Sim, sem dúvida nenhuma, não vejo, não vejo esta questão como um assunto de mulheres. Depois, embora lhes possa não ser fácil... isto é engraçado porque acho que há aqui um lado um bocadinho perigoso nas coisas que é, vamos lá ver se me faço entender, pronto, eu acho que é uma questão partilhada, e portanto, é que é assim, para as pessoas não lhes passa a cabeça não defenderem o fim do apartheid ou qualquer coisa qualquer, um país qualquer que está a ser escravizado por outro ou outra coisa qualquer, e as pessoas acham sempre intolerável, e então fazemos grandes manifestações a propósito disto, portanto permitir que nós tenhamos o nosso vizinho do lado, na nossa rua, no nosso país, no nosso continente, ou outra coisa qualquer, situações tão graves quanto estas, mas que nunca chegam... nunca são encaradas enquanto tal, quer dizer, isto são situações de escravidão, de desigualdade perfeitamente intoleráveis nos tempos actuais. Portanto, penso que os homens podem e devem participar activamente nesta, portanto, na alteração destes cenários, tanto do ponto de vista da aparição pública, mas também do ponto de vista do seu próprio quotidiano e da sua própria vida privada, porque quer dizer, vamos vendo pequenas coisas mas que eu às vezes não sei somente discurso, sei lá, às vezes coisas até a olho nú que a pessoa se apercebe de ir ao fim do dia e ir a um jardim qualquer e ver os homens lá empurrar baloiço, e os homens a ir buscar crianças ao infantário, e ver os homens na reunião de pais, quer dizer, no fundo aquilo muitas vezes devia-se

chamar reunião de mães não é, mas... portanto, penso que também há a possibilidade de cada um depois ir introduzindo isto em termos da mudança, mas que não pode ser também somente ao nível privado, portanto vejo que, isto respondendo à sua pergunta, penso que isto também é uma tarefa de homens, voltar ao estado da situação. O outro lado, que é um bocadinho paradoxal em relação aquilo que eu estou a dizer, isto é uma coisa que não estava resolvida na minha cabeça, ou seja, eu por outro lado, vamos imaginar que tem um cenário completamente estapafúrdio, que era por exemplo de haver uma adesão em massa a estas coisas, ou por exemplo de imaginar uma certa usurpação dos homens em relação a este espaço, ou seja, de repente há uma entrada, entrada, entrada e que efeito é que isto poderia ter? Eu não, portanto em relação a algumas perspectivas mais radicais, eu não acho que tenha de se ser mulher e batida para perceber o que é que isto significa e para conseguir-se ser contra isto e tomar medidas contra estas coisas e lutar contra isto, portanto não tenho nada essa perspectiva. Em todo o caso, penso que haver a vivência subjectiva das situações poderá determinar a maneira como nós vemos o mundo, não é. Não sei, essa é uma coisa um bocado fantasista da minha parte imaginar se os homens começam a entrar por aqui adentro e dominam isto tudo o que é que eles poderão fazer a isto, a este campo, não é, e se de repente isto começa a ser um mundo de homens como é a bolsa de Nova Iorque ou outra coisa qualquer e tomam conta disto e resolvem isso à sua maneira? Portanto isso também tentando perceber porque é que algumas mulheres reagem tanto, quer dizer, algumas teóricas e activistas a nível mundial a dizer 'calma que nós continuamos a ter as nossas particularidades e portanto isto não é para qualquer um entrar por aqui adentro'. Mesmo, sei lá, estes aspectos da masculinidade não são assim tão simples de resolver, e pronto, enquanto que alguns autores dizem 'as nossas grandes irmãs com quem nós fomos aprender estas coisas da masculinidade, portanto, são as nossas grandes irmãs académicas, e agora nós já aprendemos tudo com elas mas agora queremos separar-nos, portanto, os estudos da masculinidade não tem nada a ver com essa coisa do feminismo, isso é delas, isto é nosso', portanto é uma perversão, no fundo isto é quase uma perversão, continuarmos depois a manter isto assim separado, portanto pode ser perigoso também neste sentido. Portanto, pegando nisto e resumindo, faz sentido haver homens envolvidos neste movimento, poderá ser importante haver homens que sejam a cara deste mesmo movimento, ou seja, em termos de influência das pessoas do seu próprio sexo, eles próprios podem ser a demonstração que é, que isto também é assunto de homens, pronto, e se forem pessoas até relativamente conhecidas e reconhecidas, isso poderá ter um impacto maior do que se for uma voz uníssona feminina, ou de mulheres não é, quer dizer, a [texto omitido intencionalmente] e eu tivemos experiências deste tipo, é que nem nos chegam a ouvir, portanto a partir do momento em que 'lá vêm eles não sei o quê', fecham logo a porta, quer dizer, ouvem, mas nem sequer estão a fazer esforço nenhum para tentar perceber. E portanto, eu penso que até poderia haver vantagens desta miscelânea, desta mistura... isto em coerência com o que eu disse inicialmente, se isto para mim se não é uma questão de pertença sexual, portanto, isto é uma desconstrução e uma

luta contra uma forma de organizar as coisas, portanto não vejo que seja discutível se os homens podem ou não, eu penso que é um bocadinho tonto ter a pensar assim, discutir isto, se vamos permitir que os homens também façam isto ou o que é que eles têm para nos dar ou se existe uma perspectiva masculina sobre o feminismo, eu acho que são coisas que depois para mim já é uma parvoíce. Pronto, estamos a falar de coisas diferentes, mas sei lá, eu não sou timorense, não sou preto, mas isso impede-me de tentar perceber e ter feito coisas lá, não sei quê da Indonésia, não sei quê do racismo, quer dizer eu não tenho de ter por dentro, não tenho de passar por dentro, quer dizer eu percebo... não sei.

*Só mesmo para clarificar isso, por exemplo quando vai a algum sítio com [texto omitido intencionalmente], ambos não foram ouvidos, ou seja, pode-se também dizer que as mulheres que também assumem que os homens podem ter uma presença activa nestas coisas, que mesmo nas próprias mulheres feministas quando elas abordam este tema, elas também não são ouvidas?*

Depende, eu referi-me a alguns contextos, por exemplo, há coisas que eu, por exemplo uma coisa que eu... como eu trabalhei muito, trabalhava em tempos na área das questões da sexualidade e por aí fora, portanto eu tou habituado a que as pessoas falem, perguntem e que façam comentários. Na área do género, uma das coisas que me custou muito a aceitar foi o silêncio, ou seja, eu falo e não acontece nada a seguir. Lembro-me que falei sobre isso com ela, até numa coisa que tivemos juntos, era um encontro, era a primeira vez, encontrámo-nos os dois por acaso na mesma mesa, um veio de um lado, o outro veio do outro, mas eu já era orientando dela, e eram uns tipos da Sociedade de Terapia Familiar, pronto lá um encontro anual daqueles terapeutas todos, não sei quantos, 200, não sei quantos que vieram do país todo e encontrou-se tudo ali, para chegarem à brilhante conclusão que o género não fazia parte da sua formação e portanto que é uma coisa que a mim, que eu até tenho dificuldade em imaginar como é que em 95, isto foi em 96 paí, como é que é possível mas pronto, e aí senti um bocadinho isso, e o que ela me disse é assim, 'mas [texto omitido intencionalmente] tem de se preparar para isto, porque é assim, eu não venho praqui dizer mal de homens, e eu não venho praqui queixar-me que os homens são todos não sei do quê, ta ta ta ta, [texto omitido intencionalmente] aparece aqui também com um discurso parecido com o meu no sentido de dizer 'nos meus estudos aparece isto, aparece aquilo, é preciso pensar assim, podemos pensar isto, portanto desconstruir um bocadinho isto', portanto nós não nos posicionamos... não vimos praqui atacar ninguém, não vimos paqui com um discurso de desgraçadinho a lamuriar-nos', porque é aflitivo ter uma plateia de 200 pessoas à frente, quer dizer falam 3 pessoas não sei quê, eles não perguntam nada, eles ficam calados, as pessoas ficam caladas, e o que ela me dizia era 'habitue-se porque é assim, e ainda pra mais sendo um homem você vai-se sempre deparar com coisas deste tipo', ou seja, quando é que não é assim? Quando, sei lá, já tenho tado em coisas do MDM ou do não sei do quê, pronto aí tudo bem, percebem tudo muito bem, fazem-nos imensas perguntas e tal, pronto não há essa, não há tanto essa oposição. Em



plateias menos familiarizadas com este contexto aí silenciam-se ou então as outras muito activistas, de facto muito activistas, essas em relação à professora não... portanto, não se opõem, mas em relação à minha presença são capazes de tresler coisas que eu disse, ou porque eu passei uma imagem que tinha não sei quê, e porque é que pôs aquela imagem, e porque... quer dizer, quase que sou chamado ao quadro [risos], por isso é um bocadinho esta coisa. Pronto, eu às vezes... eu tenho imenso cuidado, de não fazer humor, de me controlar justamente para não... ou às vezes faço o contrário, portanto às vezes também é um bocado, um bocadinho ao exagero, portanto eu sinto-me um bocado na linha [texto omitido intencionalmente] que é tudo numa linha do choque e portanto depois as pessoas... às vezes também é preciso, porque a dada altura... eu tenho é encontrado muitos contextos destes onde tamos todos a dizer o mesmo, e esses são interessantes mas são os menos estimulantes de todos, porque nós não tamos a mudar nada, porque nós os que estamos ali temos todos a mesma biblia, portanto somos todos da mesma seita, e esses aí são os que menos me interessam, porque sei lá, na área da sexologia isto é uma coisa que ainda mexe muito, mexe imenso, lembro-me do último congresso nacional, o senhor que já foi vice-presidente da sociedade, isto a propósito da questão da expressividade emocional e da relação com o utente, quer dizer, um vice-presidente da sociedade de sexologia dizer 'mas isso também não é bem assim, porque toda a gente sabe que as enfermeiras têm de facto uma natureza, são por natureza mais dadas e mais sensíveis às necessidades do doente do que um médico', portanto faz parte da sua natureza genética ou sei lá, intrínseca, ter de facto esta questão do cuidado e portanto discutir isto também é um bocadinho levar as coisas longe demais. Portanto, tamos a falar de tipos que fazem consulta, portanto que dizem barbaridades, eu ouvi coisas bárbaras de pessoas que intervêm, que sei lá por exemplo, questões do desacerto entre o desejo sexual ou a expressão do desejo sexual num casal heterossexual, em que por exemplo dizem 'pois, a mulher dele é uma mulher de muito alimento, pois coitado do homem não dá conta daquilo', e dizem isto em público. Portanto, a raíz do problema, por isso é que eu tava a usar aquela imagem da rampa, quer dizer, a gente sobe mas aquilo tá sempre a descer, quer dizer, esta questão, 'estas mulheres que agora querem tudo, querem uns sapatos, querem não sei o quê, querem orgasmos, querem pontos G's, querem quer dizer'... estamos a falar de uma geração de pessoas com 40 e tal, 50 anos, e que tá a formar novos terapeutas, dá aulas em faculdades de psicologia e depois dizem estas barbaridades, que há mulheres que só pensam naquilo, faço-me entender, portanto esses espaços é que aqui me dão mais luz, [texto omitido intencionalmente] não quer dizer que aquilo... a concepção que a gente tem do género e do feminismo seja naturalmente igual, bem aquilo às vezes há ali umas coisas que não, que aquilo é outra onda, mas... perde-se um bocado de tempo, não tamos a operar grande mudança, agora entrar assim nestas coisas, sei lá, esse exemplo da terapia familiar ou da sexologia, essas coisas é que vão a associações de professores, por exemplo a associação portuguesa dos professores de biologia, ou a associação dos biólogos, que continuam com genitalia pra trás, genitalia para a frente, e aquilo quer dizer nós somos ratos e coelhos aqui, isto é

tudo igual, esses tipos é que são os tipos que me dão mais luta, quer dizer, no sentido de operar alguma mudança deste ponto de vista, de pôr as pessoas a pensarem sobre as coisas, pelo menos. Eu acho que me desviei do que me perguntou... [risos]

*Apenas para explorar um pouco mais... falou em contextos em que sentia ser "maltratado" por feministas, pelas activistas. Acha que é por uma questão de suspeição por ser homem, por possivelmente ter uma agenda política como mencionou?*

Pois, quer dizer, eu acho que no fundo, por isso é que eu tava a... [texto omitido intencionalmente] no fundo, como eu tava a dizer, reunir com algumas delas e algumas são figuras públicas, são muito interessantes, quer dizer... elas volta e meia fazem assim uns eventos e vai-se e debate-se e não sei que, só que aquilo, era o que eu lhe estava a dizer, nós estamos a falar em circuito fechado, estamos a falar para os nossos amigos, tamos todos de acordo, e aquilo não transborda para fora, portanto aquilo não produz mudança absolutamente nenhuma, estamos só a confirmar o que cada um de nós... estamos a falar de nós, nós os daqui, a dizer mal de pessoas que não estão mal. Os que não pensam como nós e os que produzem este estado de coisas não estão lá, e portanto nós não estamos a alterar absolutamente nada. No meio daquilo que nós dizemos, algumas feministas ou algumas associações criadas à volta disto no fundo, no fundo estão muito presas à biologia, ou seja, elas utilizam a expressão género por uma mera questão de lavagem gramatical, portanto, elas estão a falar de sexo, elas não estão a falar de género. Portanto daí que pessoas com quem eu convivo e quando eu disse 'agora estou a estudar a masculinidade' dizem-me 'mas o que é que esses gajos têm para dizer?'. 'Esses gajos', portanto é a masculinidade que tá ligada aos homens, portanto e não a masculinidade como traço humano e forma de ser. Portanto, no meio deste meio que nós chamamos feministas quando, sei lá, um pormenor quando a pessoa diz assim, 'então tamos aqui todas', as amigas, portanto, depois tá assim um gajo pendurado que sou eu, ou somos dois, 'e nós todas, agora vamos todas não sei pra onde, vamos fazer todas não sei quê', porque quer dizer, aquele hábito está tão enraizado do 'todas' que de facto nem lhes passa pela cabeça, portanto não introduzem aqui a existência de outras... pronto, tal como nalguns meios masculinos acontece o mesmo, só que com a grande vantagem do ponto de vista gramatical, das regras do português, pode-se dizer 'boa tarde a todos' nem que sejam 99% mulheres mas basta tar um homem pra se mudar gramaticalmente... portanto esta não aceitação plena da presença de homens no meio destas lutas, destes debates ou destes eventos, ou projectos ou outra coisa qualquer, por um lado vejo esta raiz, ou seja, isto é uma questão de [inteligível] e portanto só se pode ser uma coisa ou outra. E portanto nós de cor-de-rosa, o feminismo está ligado a esta coisa, a questão do lilás é assim uma brincadeira, é um símbolo... mas isto não é coisa de homens porque os homens no fundo são sempre uns cordeiros ou lobos com pele de cordeiro por cima, portanto eu interpreto assim em termos subjectivos daquilo que a mim me parece,

ou seja é não conseguir admitir que existam homens que pensam de uma forma diferente e que sejam homens que sejam diferentes e portanto esse tal desafio à desconstrução daquilo que tínhamos pensado. Portanto isto está tudo um bando de machistas e depois ao aparecerem as excepções obriga-nos a repensar tudo isto deste ponto de vista, pronto, a introduzir ali as excepções, embora isso não alterasse completamente todos os discursos mas parecendo que não vai abalar e vai desafiar um bocadinho aquilo que nós tínhamos pensado que era. Por outro lado eu penso que também é uma questão territorial de alguma forma em termos de adesão a... nós temos um útero, nós parimos, nós temos mamas, nós temos período menstrual, nós sentimos na pele não sei o quê e portanto nenhum homem poderá nunca saber o que nós passamos, o ser violada é uma coisa que um homem nunca entenderá. Portanto esta recusa, por isso é que lhe dava à pouco o exemplo, quer dizer, eu não sou timorense, eu não sou preto, eu não sou sei o quê, quer dizer, eu acho que o nosso nível de compreensão é completamente diferente, eu não faço ideia, quer dizer, os dois sexos podem ser violados, mas de facto... sei lá, uma pessoa ir na rua e ouvir coisas, também podemos ouvir, raparigas ou mulheres ou não sei quê também nos podem dizer coisas, agora de facto esta invasão, este não ser pessoa e ser objecto é uma coisa que nós não temos de facto essa vivência, nós homens não é tão provável que nos aconteça este ser reduzido a um cú, umas mamas, pronto, e que temos o direito de invadir a privacidade daquela pessoa dizendo-lhe coisas, e portanto em Portugal isso acontece. Portanto penso que a questão tem a ver um pouco com isso, ou seja, falta de hábito, duvidar da sanidade... como é que hei-de dizer, da motivação que está escondida pela adesão de um homem a esta causa e por outro lado a questão territorial também que isto era nossa, e portanto se nós deixamos que eles venham praqui pra dentro, portanto... e o eles, vindo da academia, penso que também não é indiferente, quem é o homem que entra, ou seja, o vir da academia e não vir pela questão e não vir por uma questão, sei lá, uma questão política, puramente política no sentido partidário ou ideológico também não deve ser por acaso, porque a entrada das mulheres académicas, portanto temos algumas teóricas interessantes, no fundo tão a produzir um bocadinho a mesma ideia, produzir efeitos também semelhantes, ou seja, é ser homem ser académico portanto comunga com o facto de ser uma mulher feminista mas académica também não foi fácil deixar entrar as mulheres da academia para dentro disto, em termos do nosso feminismo português não é, portanto é um bocadinho... agora se fossem intelectuais e por aí fora, portanto houve assim também um bocadinho esta agitação... não sei, vejo assim um bocado uma miscelânea do que é que poderá estar por detrás disto, sei é que analiso isto tudo num sentido muito crítico no sentido em que no fundo alguém que se diz que nós somos pela igualdade de género, nós utilizamos uma perspectiva de género, portanto fazem uma lavagem gramatical mas só queremos aqui mulheres, e portanto é impossível que haja homens que, ou então que as coisas sejam quase marcadas na testa, de que secto é que é, quer dizer no fundo continuo a ver isto como uma guerra de sexos e não como uma questão de género. Portanto vejo isso com alguma tristeza em termos de falta de maturidade intelectual e de algum esforço de pensamento, o

que no fundo nos últimos tempos em Portugal tem havido é esta lavagem do apagar o sexo para o género, não existe propriamente debate à volta do género.

*Referiu essa situação de estar lá [texto omitido intencionalmente] mas há alguma situação em que se lembre de ter sido posto de parte, "matratado" como diz pelo facto de ser homem, pelo facto de estar ali a falar sobre masculinidades, sobre género, lembra-se de alguma outra situação?*

Há uma coisa que eu, isto é assim uma coisa um bocado, muito pessoal, agora voltei a lembrar-me. É assim eu tou a falar consigo assim num plano muito espontâneo, muito de conversa, o que é que eu quero dizer, sem estudar, porque isto agora o Daniel é um trabalho que está a fazer e outras pessoas que se podem vir a interessar por isto. Há uma coisa muito engraçada, com a minha ligação às questões da sexualidade, às questões do VIH/Sida, às questões da educação sexual, nos últimos dez anos, portanto o género vem depois, é engraçado que tudo isto depois também se cruza com a questão da orientação sexual. Há aqui um lado que perfaça, a orientação sexual é uma dimensão que acaba por estar lá de alguma forma, e isso eu tenho mantido conversas privadas com outros colegas que trabalham como eu nesta área e volta e meia falamos um bocadinho disto, destas coisas, que é por exemplo aquilo que eu lhe estava a dizer, que me fez sentir muito mal [texto omitido intencionalmente], para ir trabalhar para lá, eu acho que no fundo o que me incomodou foi isto, foi o quererem saber coisas que eu acho que não fazem parte do perfil identitário de outra pessoa, ou seja, o ser casado e ter filhos não quer dizer absolutamente nada relativamente à orientação sexual de alguém e isso não deve ser critério para seleccionar as pessoas e eu acho que elas andavam à procura de qualquer coisa disto, ou seja, o que é que eu tenho sentido, e de facto em termos do historial internacional do ponto de vista dos estudos do género, da masculinidade, do feminismo, e por aí fora, de facto talvez o movimento portanto gay e transgender digamos assim foi buscar, digamos quase que deve em termos de gratidão às feministas para terem aberto portas também, e depois numa segunda fase [inteligível] em termos mútuos, trocas mútuas, em relação a um e outro, e portanto sinto esta, eu na minha tese [texto omitido intencionalmente] que utiliza uma expressão muito engraçada, quer dizer 'apalpada', que ela dizia em relação aos colegas dela lá da primeira instância que eles diziam umas coisas e tal e ela dizia 'as primeiras sensações que eu tive, portanto lá na relação, eu senti-me apalpada pelos meus colegas' e eu acho que tenho tido situações deste tipo. Com as ONG's por exemplo ligadas ao VIH/Sida, com questões de género, onde de repente é preciso clarificar quem se deita com quem e da mesma maneira que pra mim, portanto por aquilo que eu lhe disse inicialmente, eu olho pras pessoas e isso não... não tenho interesse particular, não é um traço distintivo que eu acho importante que eu ache para seleccionar amigos, ou pra sair, ou pra outra coisa qualquer, penso que o facto de às vezes recusar-me a dizer, quer dizer em termos de orientação ou de experiências sexuais que tenha tido ou coisas deste tipo, eu penso que às vezes não facilita muito, portanto ou seja, penso que por exemplo uma afirmação pública neste

conceito de sei lá, de eu dizer, eu sou gay ou não sei o quê, eu não sei se não facilitaria, embora eu não diga o que é que eu sou, portanto há até mil e um traços e mil uma outra formas das pessoas acharem, nós achamos, nós não sabemos, que talvez isto não ajude muito, e outros colegas com quem trabalho temos falado um bocadinho disto, desta questão, quer dizer o facto de não sabermos que orientação sexual tem, mas não diz que é gay, então mais perigoso se torna. Um bocado como se houvesse assim esta ligação assim, se ainda houvesse gay, aqui no grupo das feministas ainda vá que não vá, não sei, olhe isto é uam coisa, eu não sei explicar como sinto isto, ou seja, não é explicar como é que eu sinto, em termos de ilustração eu sei é que muitas vezes tenho-me sentido apalpado neste sentido, sei lá, em termos daquelas, há uns anos já há bastantes anos, que num seminário de várias ONG's na área do VIH, isso não sei foi praí três dias, houve um dia que eram uns ateliês ou dividíamos em grupos de trabalho, quinze elementos por grupo ou uns dez ou doze, eu tive num grupo muito engraçado que era sobre, nós tínhamos que pensar sobre se poderia haver campanhas destinadas a homens, se poderíamos pensar nisso, [inteligível] na altura era uma coisa que se pensava assim, era uma coisa muito inovadora, não é, isto paí em 95 ou 94, e não se falava muito destas questões, 'se sim, como é que deviam ser as campanhas', que imagens é que deviam ser reforçadas, estratégias de difusão de informação e coisas assim, portanto nesse grupo só estavam homens, eram só homens, mesmo o próprio dinamizador, eram só homens, e de repente daquelas 12 ou 15 pessoas era um bocado como se fosse obrigatório agora vamos todos dizer que orientação é que temos, eu disse 'desculpem lá mas eu isso não venho praqui discutir', quer dizer, nós temos uma tarefa para cumprir, a questão é saber se, trabalhamos todos na área do VIH, se faz sentido ou não, haver campanhas específicas, que contextos, que mensagens, que tipo de formatos, que não sei quê, e eu senti-me no meio de um imperialismo brutal em termos de, não tinha a ver com a vergonha ou com outra coisa qualquer, eu acho é que isso é disparatado. Pronto, isto eu acho que é uma questão que muitas vezes no confronto entre homens que estudam mulheres, ou homens que estudam género, ou homens que se dizem feministas, no meio dos estudos sobre as mulheres, ou dos estudos feministas, ou da psicologia feminista, onde estas coisas de alguma forma podem vir ao de cima, que pra mim é um sinal de atraso, quer dizer, não sei, não vejo. Isto uma coisa é cruzar a questão do... já estamos a falar de outra desigualdade, de cruzar as desigualdades baseadas, ou exploração ou outra coisa qualquer baseada na orientação sexual, e aí há alguém que tome uma posição muito explícita no sentido de 'o meu trabalho é para estudar numa óptica feminista e vou estudar a orientação transgender ou bissexual ou não sei quê, portanto eu interesse-me por isto e vou fazer isto', agora se a pessoa aderir e está a estudar outra coisa qualquer a orientação sexual não é uma dimensão total que seja pertinente, e portanto em termos de aceitação no grupo, no grupo maioritário, a pessoa ter que falar sobre esse assunto de uma forma despropositada, não é de uma forma natural, se for de uma forma natural acho que sim, que não tem problema nenhum, agora da tal forma apalpada eu acho que é utilizar as armas do anti-feminismo dentro do próprio feminismo. Não sei, isto é assim uma forma muito

pouco reflectida mas mais pela via do que eu tenho sentido como investigador, ou como activista, como cidadão não tenho tido... começo neste momento em termos do meu trabalho [texto omitido intencionalmente] portanto a conseguir brincar isto, já tem outro contexto outra forma de produzir mudança, portanto quer dizer coisas assim muito estranhas pás pessoas, pós alunos, por exemplo dizer, sei lá, um dia no terceiro ano, numa licenciatura, dizer 'mas é que eu interesse-me por essas coisas do feminismo, ou eu considero-me uma pessoa feminista' portanto aquilo produz ali um impacto engraçado, ou perante os meus colegas que por exemplo põem 'não sei quê da saúde da mulher' eu digo-lhes 'o que é que é isso?', 'ah, tu vais fazer connosco um seminário da saúde da mulher', eu disse 'eu não sei o que é que é mulher, isso não existe', pronto e ficam, quer dizer, gente muito ligada a coisas das fisioterapias, das enfermagens, quer dizer 'este agora passou-se, agora isto não há mulher?', não há mulher, há mulheres, portanto 'ah, porque isso vai dar tudo ao mesmo', não vai dar ao mesmo. Ou a questão do homem, ou os alunos que andam sempre aí baralhadíssimos porque sei lá, fazem uma coisa com um questionário e os professores mandam ver o que é que eu acho, 'ah o professor não sei quê mandou-me cá a ver se tá bem', 'pronto é pra disciplina dele? então vocês põem aqui género masculino e feminismo, se fosse pra minha disciplina mudavam isto de género punham sexo, mas como é pró professor não sei quantos, ele quer assim, deixem ficar assim', agora a onda é 'o que o professor disse é que agora já não existe', eu disse 'ah pois, os sexos agora desapareceram [risos]', pois são lavagens gramaticais, o termo é sexo, a gente sabe agora lá o género não é, isso é outra coisa mas agora é moda pôr assim.

*Eu só gostava de clarificar aquela ideia de que o facto de que a pessoa se assumir como homossexual neste campo, parece que as mulheres feministas, activistas, recebem com menos suspeição do que um homem que não se queira definir necessariamente...*

Pois, que não se queira definir, pronto, eu acho que é esse o termo, não é o não é. Porque não é a questão de dizer, sei lá, nunca me aconteceu, nem nunca vi ninguém fazer isso, mas... aliás, já vi uma coisa parecida, que me deixou horrorizado, e não deixei de protestar, pronto aí uma senhora da nossa praça, que dizia a propósito destas coisas da masculinidade, a propósito destes temas, e dizia, isto num seminário público, é assustador, e dizia 'eu tenho amigos meus que por acaso, eles até são heterossexuais e tudo, mas são fulanos que têm, sei lá, pensam não sei o quê, mas eles até são heterossexuais e tudo', quer dizer, claro que é incorrecto, isto é de bradar aos céus, quando ela vem dizer notem bem que há fulanos, não são gays, e também pensam sobre isto, isto tudo a propósito das mulheres serem umas chatas, falam falam, quer dizer o discurso de deita abaixo completamente, que elas são insuportáveis, não sabem o que é que querem, porque se eles tão calados é porque tão calados, se eles falam muito é porque falam muito, se eles não sei quê não sei quê, agora este termo eu acho espantoso, isto é uma ilustração do que eu tava a dizer, 'até são heterossexuais e tudo', e eu não faço isto em público, eu não chego lá e não digo 'eu apesar de ta

ta ta', porque pronto, isso é tudo tão relativo, tão relativo, o facto de... a falta de reflexão sobre isto é assustadora, quer dizer, as pessoas, por exemplo eu tenho uma filha mas eu raramente, pronto em espaços mais pequenos, por exemplo os meus alunos nem fazem ideia, nunca lhes disse que tinha filha nenhuma, não... há homens que utilizam isso quase como para exorcisar um bocado a suspeição porque eu acho que esta questão não é, esta ligação entre orientação homossexual, pronto digamos que seja maioritariamente homossexual, e a questão do feminismo como aceitação não é assim, eu penso que esta forma, eu acho que isto radica numa representação mais partilhada e mais global, não é próprio delas, não é exclusivo das feministas, eu acho que é uma coisa que paira no ar esta amizade, esta proximidade de luta partilhada entre os direitos da orientações ditas minoritárias e a questão do feminismo, portanto que historicamente elas estão associadas do ponto de vista académico e do ponto de vista de intervenção política. Mas do ponto de vista da interrogação não é suposto um homem que é homem ser feminista, porque no fundo o ser feminista é ser anti-homem e ser máscula, ser feia, ser alérgica a homens, querer conquistar os homens e portanto um homem que é homem não deixa o seu território ser invadido. E isto há uma história engraçada de uma pessoa ligada a esta área por exemplo que contava uma história muito recente, estamos a falar de pessoas a nível catedrático não é, ligadas a esta área, e que uma visita a outra, iam lá a casa, e conhece o marido da outra não é, e uma delas não é dessa onda do feminismo, estuda outras coisas e diz 'com um marido destes não percebo porque é que tu és feminista', quer dizer as feministas são umas revoltadas, umas frustradas, portanto aquela fulana tem um marido destes, não sei o que é que é, bonito, não lhe bate, um homem porreiro, conversa, ajuda, faz uma série de coisas, em princípio ela não devia andar a perder tempo com isto e andar a estudar outras coisas, porque as feministas são abandonadas pelos maridos, ou eles batem-lhes, ou não conseguiram arranjar, ou são lésbicas portanto há um bocadinho esta coisa... quer dizer, de gente bem pensante, portanto não é de pasmar que portanto, quando nós descemos depois na escala social que estas... portanto isto é uma ideologia que anda por aí no ar que toda a gente pode apanhar, é um bocadinho, portanto esta ligação entre a homossexualidade e feminismo e tal, não me pasma, que aquelas a que nós temos chamado até agora as feministas, que elas próprias também tenham este... porque elas são pessoas, portanto elas partilham representações comuns quer muita gente tem, portanto não são originais. Quer dizer, teriam a obrigação de ter pensado um bocadinho mais sobre as coisas, em todo o caso por alguma razão deixam escapar assim um bocadinho as coisas mais escondidas que possam ter, não é.

*Quando falou do movimento feminista em Portugal, como é que vê a integração dos homens no movimento, a integração dos homens nestas áreas de estudo, não necessariamente apenas em termos activistas, mas igualmente em termos académicos, e comparando possivelmente com outros países, pois terá acesso, através do trabalho que realizou, a informações vindas de outros países possivelmente?*

A questão que se coloca... existem excelentes pensadores e alguns pensadores interessantes, sei lá, do final do século XIX e durante o século XX destas coisas, a verdade é que temos de ter a noção do nosso atraso em relação a este e outros domínios., Portanto, nós começamos muito parte e digamos assim, que embora o germe existia, tava lá, mas digamos que quando já no final dos anos 70 quando estas coisas se tornam um bocadinho mais evidentes em Portugal já havia países que levavam 50 anos ou 100, portanto lá as sufragistas, aquelas coisas todas, ou as suecas, ou as inglesas ou as americanas ou mesmo as próprias francesas, havia um atraso substancial deste ponto de vista, portanto daí que pode assim até ser questionado até que ponto podemos falar de um movimento, quer dizer nós temos umas cabeças, umas pensantes que o são e foram interessantes e importantes, mas digamos assim o debate esteve adiado demasiado tempo aqui na Península Ibérica e portanto nós estamos atrasadíssimos, mantivemos um atraso brutal durante décadas relativamente a outros países. Portanto, sendo assim, apesar de tudo é muito interessante ver como, penso que [texto omitido intencionalmente], mas é muito interessante ver como apesar de tudo os estudos do género... portanto, apesar deste atraso relativamente às questões do feminismo e dos estudos sobre as mulheres é engraçado como a assimilação e a introdução da perspectiva de género em termos da academia e do pensamento social, ele é bastante mais rápido e tanto que atingimos de facto um nível de reflexão e de pensamento muito rapidamente, que eu considero que temos de facto um nível muito elevado em termos deste ponto de vista. Depois penso que também por esta história, portanto por este nosso atraso de desenvolvimento geral e académico, esta entrada dos homens no movimento penso que, não sei quer dizer, tem-se dado um bocadinho de uma forma mais insidiosa mas não organizada, quer dizer, não vejo nada aqui organizado deste ponto de vista, quer dizer, se do ponto de vista do género as coisas estão mais ou menos claras e a gente consegue perceber, há um foco no Porto e há outro em Braga e há outro no ISCTE e há outro não sei aonde, e portanto há assim há três ou quatro pessoas que nós conseguimos perceber quem é quem, quer dizer, estamos a falar de uma coisa que aconteceu se calhar há dez anos, muito lentamente muito lentamente, sei lá, o Miguel Vale de Almeida esteve sozinho durante anos, quer dizer ele esteve sozinho durante anos, não havia mais ninguém, e ainda hoje se calhar é a pessoa mais conhecida de todas deste ponto de vista de alguém que sem se dizer, ou que pelo menos nos seus primórdios sem dizer 'eu sou feminista' é um tipo que vem dizer 'agora vou estudar os homens', porque sempre houve estudos sobre homens mas não na óptica em que ele estudou, porque os pedreiros e os não sei quantos e os agricultores e os não sei quê, sempre houve estudos desses há muito tempo em Portugal mas não era, o critério não era reflectir desse ponto de vista, portanto estudavam os mineiros como mineiros mas não como homens, quer dizer nem se davam conta que aquilo eram só homens, portanto não era uma variável digamos assim valorizada. Agora penso que nessa... não sei, talvez o seu trabalho possa vir a trazer um bocadinho de luz sobre este assunto, se conseguir identificar quem é quem, porque no fundo eu acho que há, não sei, dez pessoas,



dez homens. Um dos sinais que eu acho interessantes que tem a ver um bocadinho, isso também é um exercício que eu faço muitas vezes que é dos seminários que chegam, sei lá, seminários nacionais e internacionais desta área que é por exemplo correr a lista e ver quem tá lá, quem vai quem não vai, e é muito engraçado ou mesmo ver as mesas, a composição das mesas, seria muito interessante ver a composição das mesas por sexos, e ver que já se começa a ver nomes assim engraçados e começa a ver pessoas lá misturadas, esta coisa do elas sozinhas começa a ser menor, ainda que às vezes tenho, sinto um bocado de receio desta presença dos comentadores, do tipo sei lá, como o Miguel Sousa Tavares, uma mesa sobre não sei o quê, só pra dizer, só pra dizer coisas bombásticas e brutais e quer dizer, por mais que ele seja pró-feminista ou seja o que seja, ele é um comentador, não temos a falar de um nível de semelhantes ou então sei lá, pessoas que fazem estes comentários muito generalistas do tipo, de engrandecimento da alma feminina e da mater e da não sei quê, que não era nada sem as mulheres, assim um bocado estas coisas muito românticas, porque em termos de espaço, sei lá, aquela dos homens pró-feministas, não sei se são uns belgas ou uns franceses, tenho a impressão que há um movimento desses, porque escrevem em francês. Não sei, estas coisas tenho sempre imensa curiosidade em ver como é que o país reagiria, como é que as pessoas... porque eu lembro-me que para aí em 1984 paí, chegou a haver uma reunião no Palácio Foz, na altura andava na faculdade, e uma das pessoas que organizou isso foi o Professor Moisés Espírito Santo, e que era o Movimento de libertação dos homens [risos], muito engraçado, deve ter sido em 83/84, um dos organizadores acho que foi o Professor Moisés Espírito Santo, não sei se conhece, é da Universidade Nova, tá ligado à sociologia rural e das religiões, portanto é um senhor já... não sei, com 70 anos praí. Foi assim uns anos muito agitados, o Rui Zink fez na Avenida de Berna durante dois anos uma coisa que era a Pornex, era uma exposição com pornografia, com objectos e debates, muito radical, isto para vermos um bocadinho a distância e a diferença, portanto nós temos a falar no princípio dos anos 80 de coisas que tinham acontecido em Paris em 68, pronto era uma Nossa Senhora, e quando nós entrávamos era uma vagina e nós tínhamos não sei quê para entrar na exposição, portanto um bocado de coisas um bocado barocas para a Europa já, já são um bocado fora de tempo mas na altura, tá a ver, um bocado esta coisa do movimento de libertação dos homens, eu nem me lembro muito bem, sei que aquilo foi uma brincadeira tal como a questão do assédio sexual praí uns quatro anos depois ou cinco, portanto quando esta, houve as primeiras coisas que saíram nos jornais, a primeira vez que se falou de assédio sexual foi um achincalhamento completo, uma vergonha completa, porque aquilo era um não tema, agora a semana passada o governo disse que a inspecção geral do trabalho estabeleceu isso como prioridade, quer dizer hoje as coisas... eu acho que ninguém ouve, mas tinha alguma curiosidade em ver como é que esta sociedade reagiria por exemplo a uma manifestação pública, sei lá, criar, fazer um grupo, ou qualquer coisa, um evento em que são homens a falar disto, por exemplo. Tenho alguma curiosidade em ver como é que o país reagiria.

*E em termos de recursos, quais acha serem os recursos que nós temos, que recursos pensa que temos de criar de base para permitir uma maior integração dos homens nestas questões? Ou se é que nós temos de criar recursos?*

Quando diz nós, quem?

*Nós, os interessados nestas matérias.*

Isto é assim, isto é sempre um pau de dois bicos, porque é assim, a adopção, a utilização de estruturas prévias, às vezes dão jeito que é por exemplo, imaginar um cenário que é perfeitamente plausível que é do tipo o Bloco de Esquerda apoia não sei o quê, portanto este movimento caberia muito bem dentro das coisas que o Bloco de Esquerda debate, pelas propostas públicas que apresenta à Assembleia da República, pelos seus happenings, as suas coisas e tal, portanto a vantagem é ter uma estrutura montada portanto com pessoas que têm um nível de reflexão a propósito disto, portanto o Miguel ou a Joana Amaral Dias, pessoas que já pensaram sobre isto e isto iria encaixar num debate global e de uma perspectiva ecológica que eles em geral têm, que tem a ver com o esbatimento das situações de desigualdade baseada no que quer que seja. Esta podia ser uma das formas, com o grande handicap da partidização das coisas e assim, agora pronto esta ridicularização, 'lá vêm eles, é o Portas, sempre a fumarem charros, sempre do não sei quê, agora querem também mais isto, eles querem tudo, é casamentos gays, é querem mais não sei quê, e adopções daqui e adopções dacolá', quer dizer corria-se um bocadinho o risco disto ser engolido não tanto pela justiça, pelo interesse dessas ideias, mas por ser 'ah então eles, agora têm que fazer, agora vão chatear outro, é só para fazerem barulho', porque criando de raiz, sei lá, assim como há aquele grupo das mulheres da investigação, estudos sobre as mulheres...

*A APEM?*

A APEM, sim, sei lá imagine uma coisa deste género, acho que era uma forma possível, não é, mas eu não sei, eu depois tenho sempre assim um [inteligível] lá dentro da cabeça a funcionar que era assim, não sei se gostaria, não sei se gostaria, quer dizer acho que é importante haver uma marca qualquer, um símbolo, qualquer coisa, que mostre, que este tema existe, há pessoas há volta disto, mas por outro lado tudo o que seja depois encerrar coisas e inventar carimbos e rótulos e tal, depois aquilo também me desconforta, percebe, eu acho que não sou assim um bom organizador, não sou um bom militante de nada, porque se por um lado, eu fico dividido neste paradoxo, por um lado eu digo, aliás eu já tinha, portanto quando o Daniel me ligou já achei imensa graça porque já tinha dito [texto omitido intencionalmente] e a não sei quem, 'opá, acho que a gente devia fazer uma coisa' e uma vez disse [texto omitido intencionalmente] e disse 'pronto olhe, acho que há uma coisa muito engraçada que eu acho que devia fazer um artigo no domingo, porque já começa a haver imensos homens a

fazer isto e aquilo, eu dou-lhe os nomes e você faz e era giro e tal', por um lado eu acho que sim, quer dizer, que é preciso mostrar, mostrar não num sentido de engrandecer os protagonistas mas como uma estratégia de mudança e de agitação, pronto. Por outro lado, encerrá-los numa coisa, num escritório qualquer, número não sei quantos, Associação dos homens não sei do quê, isso já não sei, fico muito dividido sinceramente.

*Então e se fosse trabalho comunitário, por exemplo?*

Pois, se fosse uma coisa... olhe, por exemplo, tenho pensado nisso, mas como eu me meto em tanta coisa, assim que penso deixo logo de pensar a seguir que é para me calar, para me evitar meter em assuntos, eu sei que uma das coisas que eu gostei quando estive [texto omitido intencionalmente] e portanto trabalhei muito nas áreas na promoção da saúde e trabalhei com [texto omitido intencionalmente] e com outras pessoas em relação à prevenção rodoviária e os acidentes, que é das principais causas de morte na adolescência e é uma coisa altamente marcada pelo género. Eu sei que [texto omitido intencionalmente] tem colaborado naquela associação dos não sei quê automobilizados não sei quê, [texto omitido intencionalmente], pronto é aí um grupo que aparece sempre à volta destas coisas e dois pontos negros das sociedades, das estradas dos países e tal, e eu ouço-os a falar daquilo e penso sempre assim, 'opá, mas aquele [texto omitido intencionalmente] não há maneira de introduzir ali aquela questão de género dentro?', porque é o regulamento disto, há um regulamento aquilo... isto é um problema de rapazes, isto fundamentalmente são rapazes no segundo ano da carta, portanto o grande boom é em termos do pico, é o segundo ano da carta, quinta e sexta-feira e sábado, três da manhã, quer dizer isto acontece, está estudadíssimo em Portugal, portanto os próprios instrutores de instrução, eu passei por essa situação, são uns machões, quer dizer, disseram-me as coisas mais bárbaras, queriam que eu andasse não sei a que velocidade, aquilo é ali um antro de masculinidade que é uma coisa assustadora, e pensei 'um dia ainda vou dizer [texto omitido intencionalmente] que a gente devia era também fazer ta ta ta ta ta', porque isto para dizer o quê, que eu a mim faz-me sentido que estas coisas estejam sempre presentes, ou seja, eu não consigo, ou seja, eu ando de há dez anos, portanto eu não consigo falar de tema nenhum em abstracto sem passar por aqui, ou seja, se eu era capaz de fazer uma acção com pais sobre as questões da sexualidade, da não sei do quê, falava em abstracto sobre os filhos, eu hoje não sou capaz, a questão do género tenho que falar sempre, e sou capaz de perder imenso tempo a falar de rapazes, rapazes e rapazes justamente porque as questões passam muito por aqui, em termos do põe preservativo ou não põe, em termos da percepção do risco ou não percepção do risco, da questão da assimetria da distribuição do poder nas relações conjugais, do facto da vigilância em relação às raparigas e da não vigilância e do não cuidado em relação à criança do sexo masculino e ao adolescente, porque em termos de necessidade e de portanto contexto, justificação e enquadramento conceptual faz todo o sentido, não tenho dúvida nenhuma, porque de facto é assim, é um bocado uma terra de

ninguém que ninguém cuida ou cuida-se muito pouco, porque das coisas que eu só tenho feito trabalho comunitário, assim lá vêm umas meninas e umas mulheres e depois há sempre uns seres mais ou menos sombrios que não estão que são os namorados delas, os maridos delas, os pais delas, e de facto eu por exemplo, eu tou a dizer dez anos mas acho que comecei há mais tempo, ao nível do terceiro ciclo em termos de trabalho com os 7ºs, 8ºs, uma das coisas que eu comecei a introduzir, mas não pensei nisto, ou seja cheguei lá pela experiência, ou seja, portanto é uma idade em que o desequilíbrio entre sexos do ponto de vista do desenvolvimento e do ponto de vista até do desenvolvimento físico prontos, e de interesses entre rapazes e raparigas é muito notório, portanto as turmas do 7º e do 8º são muito assimétricas deste ponto de vista, portanto e muitas vezes sentia que alguém estava a mais, ou eram eles que estavam a mais em relação a elas, ou eram elas que tavam a mais em relação a eles, portanto e uma das coisas que comecei a fazer, embora me desse mais trabalho, foi separá-los por sexos, e portanto volta e meia passa-me pela cabeça isto agora é só para rapazes, isto agora é só para raparigas, porque efectivamente quer dizer, há uma diferença e esta diferença não tem que ser ocultada ela tem que ser justamente desocultada e valorizada e podíamos dizer 'ah mas baseada no sexo', pronto mas vamos baseá-la no sexo, o que eu sinto é que quando eu fico só com rapazes eu consigo ir muito mais fundo e trabalhar muito melhor do que se elas lá estivessem, ou seja, são mesmo fanfarrões, portam-se melhor, põem as questões de uma forma muito mais aberta, expressam as suas dúvidas e ansiedades relativamente a uma série de coisas que se elas estivessem lá fazem exactamente um bocadinho o contrário, que é a negação do medo, é a negação da inexperiência, pronto, da mesma maneira que elas quando tão sozinhas também estão muito mais à vontade até porque ao nível do 7º e do 8º elas estão num estadio de desenvolvimento superior ao deles, portanto o nível de elaboração de uma miúda de treze, quatorze anos, comparado com um rapaz de treze, quatorze anos é completamente diferente, portanto eu introduzo sempre isto, portanto do ponto de vista comunitário, isto para dizer que me faria sentido, eu acho que há carências tão grandes, tão grandes, tão grandes, que essas coisas sejam trazidas cá acima, que haja espaço para debater, para trabalhar, para desenvolver competências para uma série de coisas, encontrando até sensibilidades que já lá estão, é isso eu acho imensa piada, que é a tal parte libertadora também que eu acho engraçado, ainda não sei há quanto tempo foi, há uns cinco meses, tive uma escola profissional lá ao pé da minha, da minha escola, pronto fazemos algum trabalho com a escola profissional, e achei imensa piada porque eram miúdos do curso de não sei do quê, de mecânica das não sei quantas, uma treta qualquer assim, e estas preocupações com a alimentação, com o peso, com a musculatura, com não sei o quê, achei imensa piada aquilo, não era suposto aquilo vir assim ao de cima, e ouvir miúdos dizerem, a falar das suas emoções, mas aquilo era um espaço em que a gente nem se conhecia assim muito bem portanto aquilo foi assim uma coisa ocasional a propósito das questões da alimentação e da nutrição e que não era suposto haver até aquela partilha tão profunda e achei imensa piada aquilo e que me fez lembrar, porque eu fazia atendimento a adolescentes [texto omitido intencionalmente] já há

muitos anos atrás e lembro-me da primeira vez que veio um casal, não sei, tinham uns dezasseis, dezoito praí, e da primeira vez que apareceu um rapaz e uma rapariga em que ele era virgem e ela não e ele disse, ele explora e disse 'portanto, ela não é, mas eu ainda sou', eu lembro-me que depois passado aquilo ter falado com alguém que lá tava e eu tava a dizer 'realmente o que nós avançamos, isto quase dá direito a abrir uma garrafa de champanhe, quer dizer há aqui um puto que chega aqui diz que é virgem e que a namorada não é e isso para ele não tem problema nenhum', quer dizer, isto não é uma coisa para generalizar mas é uma coisa que não é assim tão comum como isso. E portanto, do ponto de vista comunitário, o haver espaços e oportunidades para estas coisas serem debatidas, a mim faz-me muito sentido, portanto eu tenho feito não de uma forma sistematizada e organizada centrada nessas coisas, mas a propósito de qualquer coisa ir introduzindo isto, este pensamento, até em coisas muito básicas como sendo por exemplo, mesmo com mulheres ou com mães jovens, tentar discutir até que ponto é que estão a fazer as coisas iguais para rapazes e para raparigas, dando-lhe algum espaço para pensarem, ou mesmo por exemplo em termos da educadora da infância, ainda algumas delas, por exemplo da permissividade em relação, estamos a falar de miúdos com três, quatro anos não é, da permissividade em relação ao comportamento deles, e numa mera restrição em relação ao delas, portanto estamos a falar de uma construção tão precoce e de uma coisa tão, que é uma continuação da casa, que é uma educadora de infância que diz 'pois, mas os rapazes já se sabem, têm aquela energia toda, a gente tem que lhes dar um bocadinho mais de espaço, pronto as miúdas claro não precisam tanto disso e portanto podem, são mais sossegadinhas, quando não são sossegadinhas, a gente faz por elas serem, não é, é um bocado...'. Não sei, olhe, isto era assim uma das formas, agora assim em termos de movimento não sei, porque a nível nacional eu não, quer dizer com esta óptica do género, envolvendo por exemplo rapazes, em Portugal não conheço, quer dizer pessoas que trabalham com rapazes nas coisas do risco e de não sei quê, da aventura eu percebo, mas muitas vezes manipulam coisas que nem sequer têm noção de que tão a manipular questões ligadas à construção social do género. Coisas com muitas raparigas também tenho visto às toneladas não é, portanto coisas com meninas vejo imensas, grupo de mulheres idem idem, pronto [texto omitido intencionalmente] há uma série de coisas deste género que fazem, agora o mês de Março é só festas e festas e festas e mulher pá baixo e mulher pá cima, e mulheres louras e as poesias, e andam aí à volta daquilo. Mas por exemplo, não sei, coisas que andei nos primórdios da tese andei a ler que achei imensa piada que tinha a ver com sei lá, grupos de auto-ajuda, grupos de homens, coisas deste tipo que me fazem todo o sentido e que não... ainda por cima que eu acho que há abertura, é engraçado, porque eu por exemplo tive um curso de pais [texto omitido intencionalmente] durante cinco anos ao sábado de manhã, alguns dos pais e mães tiveram lá cinco anos, todos os anos se inscreviam e andavam sempre ali, e dei-me conta de que às vezes havia situações que nós começávamos primeiro por beber café e comer uns bolos e tal depois é que começávamos a trabalhar e à medida que ia aumentando o nosso também inter-conhecimento e ao fim de dois

anos as pessoas já se conheciam era engraçado como de repente as pessoas depois já vinham falar um bocado como se 'vamos aproveitar que elas agora não estão aqui', não é, e portanto eu muitas vezes senti assim, um dia destes o que me apetecia dizer às mulheres é hoje não vêm, pra semana não venham, pra semana é só homens, porque acho que era engraçado poder haver esse espaço de partilha, agora isto nunca pode é ter, o cenário nunca ser percebido de fora como 'vamos aqui fazer um... expelamos a pólvora contra elas', quer dizer, nem somos capazes de estar sozinhos aqui, o que é que temos em comum, temos em comum o facto de termos os mesmos genes, quer dizer, somos mais ou menos parecidos nascendo com o mesmo sexo, temos um papel sexual atribuído, vamos lá, vamos pensar aqui um bocadinho só nós nisto, portanto se calhar faria sentiudo, mas não vejo... penso que a sua pergunta era um bocadinho isso, ou seja, que recursos é que teríamos para?

*Sim, se era necessário criar recursos de base ou se já existem recursos que se podem aproveitar ou então ambas as coisas.*

Eu acho que a questão se calhar é, se nós achamos que isto é uma coisa prioritária, que isto faz sentido e que tem legitimidade, é só mais uma questão de oficialização dum espaço, porque de resto eu acho que interesse há e há oportunidades para, portanto este conjunto de ideias que eu lhe estava a dizer, são coisas que eu me lembro que de repente [inteligível] não é a questão do género, mas de repente ele está lá e portanto também é uma vontade de nós querermos mas que não sei, não vejo que seja uma coisa maioritária, ou seja, nós juntarmos esforços para discutir o problema da droga e tamos a descurar completamente que tamos a falar de 70% de homens, portanto e se para mim não é um dado importante eu não tou a fazer nada... quer dizer tou a fazer, tou a planear, tou a desenhar um conjunto de estratégias e a definir os objectivos, mas os objectivos passam, tão todos ao lado. Pois, quer dizer, a prevenção rodoviária nós tamos a falar de tipos, nós tamos a falar de homens, quer dizer, e não há nada é não sei quê, e o amor dos seus filhos, e o não sei o quê, conduza com prudência, tretas destas, quer dizer, e no fundo aquilo tudo aquilo é tudo testosterona, aquilo é tudo masculinidade e símbolos fálicos e portanto era preciso introduzir lá esta lógica, portanto não é dizer 'os condutores', os condutores são homens. Elas efectivamente morrem menos, são menos, mas proporcionalmente elas morrem menos e têm comportamentos diferentes do ponto de vista da condução porque precisam menos daquilo em termos da sua identidade, quer dizer. Mas quem diz isso, diz outra coisa qualquer, qualquer tema se nós não consideramos esta vertente, ou digamos este olhar, eu tenho dúvidas que... portanto ou seja, também era uma forma de desguetizar, se este termo existe, a questão do olhar do género e olhar do feminismo, ou seja, eu vou fazer um estudo de género sobre os não sei quê não sei quê, depois temos um colega ao lado a fazer uma tese sobre umas dietas não sei, agora do Verão, e dos comportamentos anorécticos não sei do quê, ou outra coisa qualquer, ou frequência do ginásio não sei do quê, portanto o género tá connosco, mas eles não têm género, e nós vemos

isto continuamente [texto omitido intencionalmente], nos seminários de doutorandos era uma coisa espantosa, quer dizer, faziam psicologia experimental, os sujeitos das narrativas eram de um determinado sexo, aquilo não era controlado, quer dizer, e de repente alguém, lembro-me o grupo do género dizia assim, 'então mas já pensaste que esse sujeito que tu tens aí nessa narrativa que tu dás às pessoas para se posicionarem tu já pensaste que isso é um homem?', 'ah, mas isso também tanto faz, é um sujeito', 'pois, mas sujeitos não têm sexo, portanto atribuições causais e essas áreas de estudo não é, quer dizer, é completamente diferente'. Não sei, é uma forma possível, agora que eu acho que valia a pena, acho que sim.

*Eu coloco esta questão porque a Psicologia Comunitária procura a criação de novos contextos e de mudança, e penso que só vamos alcançar a mudança quando criarmos novos contextos, neste nível comunitário, nas escolas, a nível da religião, da Igreja, enfim, toda a questão comunitária. E um exemplo, no livro da Professora Lígia Amâncio, o 'Construindo Masculinidades', aquele com vários estudos, o estudo sobre as escolas acaba por concluir algo do género de que nem os próprios alunos, aqueles que são alvo de violência, nem eles próprios se sentem à vontade porque não têm um contexto em que possam queixar-se, em que possam ser diferentes da masculinidade hegemónica. Achei interessante essa conclusão porque verificamos que é necessário modificar os contextos, agir dentro das comunidades, não criar apenas uma associação, mas agir. Isso vê-se muito na literatura, mesmo a pouca que nós temos, porque me parece que os estudos das masculinidades ainda são poucos, comparando com outros países, mas penso que se percebe cada vez mais a necessidade de agir no local, a necessidade de acção, mas não vejo muito uma teoria, uma base sobre isso, é tudo muito teórico.*

Sim, por exemplo, se vamos a ver as coisas do Connell, do Kimmel, que de facto, criam-se ateliês, espaços de encontro, cria-se uma série de oportunidades, o que eu tenho percebido do meu ponto de vista, por exemplo esta minha separação dos sexos nos miúdos mais novos, eu por exemplo às vezes utilizo estratégias que é, 'escrevam papelinhos que vocês queiram que elas respondam', e elas tão lá no outro sítio portanto elas respondem aos papelinhos, e é assim, escrever papelinhos toda a gente escreve, portanto no fundo eu não tou a fazer mais que é oficializar uma coisa que toda a gente faz, que é escreves os papelinhos para o outro responder. Porque o grupo dos rapazes ou o grupo das raparigas são coisas que existem, há algum espaço onde... isto pensando que podia haver espaços onde este tema, esta questão da violência na escola, ou a perseguição do dito diferente, que às vezes é uma mínima diferença mas pronto, qualquer argumento serve para ser diferente e para achincalhar e para maltratar a outra pessoa, no fundo pensando sempre que, sei lá, uma das últimas coisas que eu trabalhei tem a ver com a questão da gravidez na adolescência e com o espaço do atendimento a adolescentes. Há sítios que aquilo é uma coisa descaradamente para mulheres, portanto em que é... por exemplo um dos casos aqui em Lisboa onde se faz o

apoio à maternidade das grávidas adolescentes, não há nenhum lugar interior onde eles sejam eles, porque é assim, as crianças estão no jardim de infância lá dentro, e as mães têm formação durante o dia em termos de, sei lá, aprender a fazer um currículo, têm psicodramas, criar competências de vária ordem. Os pais vêm ao fim do dia, estão lá fora à porta a fumar, à chuva, aquilo foi pensado, não é pensado numa forma integradora de 'nós estamos a apoiar famílias', e gente nova até, que organizou tudo aquilo num espaço moderníssimo novo, mas no fundo era assim um bocado 'mas nós pensávamos que eles nunca vinham', claro quer dizer, vocês estão a reforçar justamente isso, ou seja, os que vêm esperam no carro ou esperam noutro sítio qualquer porque eles nem sequer podem entrar cá dentro porque chegam aqui é uma coisa, é um hall de entrada, nem sequer há um banco, ou seja, querem vocês promover não sei quê, mas a discussão inicial foi essa 'não, eles não vêm, nem vale a pena tar a perder tempo com isso'. Só quando começaram a ver a figura triste que eles faziam ali à porta é que começaram a perceber onde é que falharam, que do ponto de vista da montagem da estrutura, deviam ter posto aquilo de tal ordem que de facto assumissem que as crianças têm pai e mãe, pronto, ou que a mãe tem um namorado, não é o pai da criança mas pronto não interessa, aquilo devia ser amigável, desse ponto de vista devia ser coerente do ponto de vista ideológico e os espaços que nós temos por exemplo de atendimento de adolescentes aquilo é pra meninas, espaços em que tá a enfermeira ou a médica aqui, e portanto aqui tá a adolescente, e por exemplo aqui de lado, e no espaço onde nós estamos, a menina tá aqui ao lado, portanto e você tá a falar para ela, e eu tou aqui a olhar para as garrafas, porque eu não estou cá, eu não existo aqui dentro, e em situações deste género não há elaboração mental a este nível, 'ah mas então, ele tá lá, 'tá lá, mas então quantas vezes é que interagiu com ele?', portanto só diz 'a menina agora ta ta ta ta ta, depois fala aí com o seu namorado', portanto isto é sempre assim, sempre assim, e as pessoas não estão a pensar nisto, quer dizer que têm de tar aqui e a olhar e a dizer 'Então e o Manel, então e tão a pensar, apanharam um susto, ela agora vai tomar a pilula do dia seguinte, mas agora tem que decidir se isto, se vão continuar a ter, se isto pode acontecer, o que é que vocês pensam', e é prós dois, não é, quer dizer, a menina e o seu namorado, isto é o mais habitual possível não é. Depois, estas questões da violência, agora há aí a onda do bullying, bullying pa trás bullying prá frente, e de facto ele está presente nos dois sexos, mas é uma coisa que de facto tá muito ligada a estas questões da masculinidade e da afirmação e de situações que eu vejo, eu não consigo perceber como é que há professores do primeiro ciclo que permitem que os miúdos levanten as saias às miúdas, uma vez enfim, pronto que aquilo às vezes há ali quase um jogo erótico quase entre eles, também me apercebo que há às vezes uma brincadeira à volta do assunto, mas sistematicamente alguém que acha que o corpo do outro não tem dono e que mexe e que apalpa, quer dizer tamos a falar de miúdos entre seis e oito anos, e tenho visto por exemplo professoras a dizer 'elas também são umas mariquinhas, também qualquer coisa não sei quê, não sei quê, andam sempre a fazer queixinhas isto e aquilo' e colocam isto na área da indisciplina e não na área da civilidade e dos direitos quer dizer não se colocam desse ponto de vista.



Portanto penso que o espaço escolar que às vezes é aquilo que eu costumo dizer, se eles têm muito daquela conversa que me irrita muito que é que a escola tem que respeitar os valores predominantes da comunidade onde está integrada, eu não estou de acordo com este discurso, que se a escola não produz mudança então não vale a pena existir, quer dizer não é uma questão de ser contra e ser ditador em relação ao resto, agora numa comunidade onde predomina o abuso relativamente ao outro, quer dizer a escola não pode pactuar com aquilo, ou as professoras dizerem 'ah nem vale a pena termos a perder tempo com isso porque eles chegam a casa e a realidade deles é outra', quer dizer então vocês vão pactuar com essa realidade portanto se ele bebe álcool em casa aos onze, então dêem-lhe álcool cá na escola, se o vosso problema é não ir contra os valores, então continuem na mesma coisa, portanto e nós vemos que de facto, o importante é introduzir alguma dissonância no meio de tudo isto, e que haja discursos diferentes, e que eles pelo menos durante uma manhã ou durante quando estão na escola, se apercebam que há um mundo para além daquele, e portanto a escola tem que ir semeando isto, portanto lá em casa o próprio caso é mexido e tocado e nem sequer tem uma cama própria, ou seja, quem se deitar primeiro é que tem uma cama, portanto chega à escola mexe nas coisas que tão ali, porque ele próprio não sabe o que é ter espaço individual e portanto ele apalpa os colegas da mesma maneira como lhe invadem, ele nem tem roupa própria, portanto tira tudo da mesma gaveta. Na escola eu tenho que contribuir para ele perceber isso, ou seja, a minha diferença entre mim e o tio, o meu e teu, mesmo que em casa dele seja assim, portanto eu vejo a escola como um contexto importante. Depois sei lá alguns projectos em que tenho participado de bairros de realojamento e coisas deste género, às vezes a questão é o alibi para nos encontrarmos, por exemplo [texto omitido intencionalmente], não se sabia muito bem se havia alguma das lojas que a Câmara deu, uma loja a parte de baixo para um grupo de jovens, aquilo não era propriamente para nada de especial, aquilo tinha computadores, tinha internet, eles podiam fazer currículos, powerpoints pra escola, pra uma série de coisas, faziam composições gravaram-se nuns cd's lá de umas músicas que eles fizeram, se fosse uma coisa muito descarada em torno do género e da sexualidade às vezes pode não ser tão estratégico, agora eu penso é que esta questão, eu não sei, tenho alguma dificuldade em pensar o trabalho comunitário que não valorize estas dimensões, agora o tema da conversa, mas podia ser a questão da desigualdade social a outro nível, agora eu penso que quanto mais as coisas estiverem canalizadas para o mesmo, mais fácil se torna, mais se evita que as coisas sejam rotuladas e pronto, tava agora a pensar nisto da [texto omitido intencionalmente], agora punha ali não sei quê qualquer coisa do feminismo, 'ah aquele grupo dos mariquinhas, andam prali todos e tal' quando no fundo estes temas eram amplamente debatidos a propósito da questão, e eles fizeram mil e uma coisas, os cd's que eles gravaram tinham a ver com a arrumação do bairro, e o lixo no caixote, fizeram animação comunitária com miúdos mais novos, fizeram uma série de coisas e este assunto acabava por estar lá, muitas vezes em relação à sua própria distanciação em relação aos valores predominantes da sua família de origem, porque eles eram todos de etnia

africana, embora pai de uma terceira geração que nem sabia onde era Cabo Verde quanto mais, ou Guiné, eles não tinham vivido lá, mas no entanto este tema era sujeito a debate por iniciativa própria, eles questionarem.

*Era a última questão, não sei se quer dizer mais alguma coisa...*

Não, eu nem dei conta de que o tempo passou.

**Artur (Participante 5)**

**Entrevista 3**

**9 de Maio 2008**

**± 100 mins**

*O que eu gostava de saber nesta fase, pronto falou sobre a relação com o movimento, o que é para si ser feminista, se pensa que o homens podem fazer parte do movimento feminista, isso nós já falámos, uma questão que nós abordámos muito sucintamente tinha a ver com pessoas LGBT, não sei se sabe o que é a sigla...*

Sim, sim.

*... lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros. Gostava de saber, pronto isto são questões que podem ser muito pessoais, novamente se não estiver confortável pode dizer que não e avançamos...*

Sim, sim.

*... mas gostava de saber se tem alguma ligação com o movimento LGBT no sentido de ir a alguma manifestação, de apresentar algum trabalho, de reivindicar publicamente alguma coisa, de apoiar alguma luta, mais nesse sentido a minha questão. Se tem algum conhecimento, não necessariamente a nível político ou activista, mas enquanto pessoa, enquanto cidadão, se tem algum conhecimento.*

Eu vou acompanhando, digamos se calhar a minha ligação pessoal e a pertença digamos assim em termos de organização tão muito implicadas uma na outra e portanto e depois até de uma forma interessante um pouco a partir das questões do VIH há uns anos atrás as coisas hoje desligaram-se felizmente desse aspecto porque efectivamente elas não tão tão ligadas assim, mas digamos que nos princípios dos anos 90, o facto de eu ser [nome de organização] e portanto todo um movimento de ONG's aliás havia inclusivamente uma plataforma que era a plataforma das ONG's da área do VIH/SIDA fez-me de certa forma conhecer e aproximar-me de pessoas sobretudo em encontros formais portanto de algumas dessas organizações, organizações ou pessoas pelo menos, em alguns encontros, portanto foi assim o meu contacto maior e portanto através dessa plataforma portanto conheci pessoas conheci perspectivas, creio que fizemos qualquer coisa em termos de algum manifesto conjunto, pronto... mais do que isso, mais do que assinar petições ou mais do que isso eu acho que a minha posição pública nunca foi além disso, sinceramente não... acho que tive num, como é que aquilo se chamava, tive num seminário uma vez num domingo de manhã, uma coisa com jovens mas eu não me lembro da organização...

*Foi recente?*

Foi pai há dois anos.

*rede ex aequo?*

Não sei como é que eles se chamavam... pronto, era um pouco a discutir estas questões do género e da construção do género e aquilo da questão da diferença, mas eu agora não me consigo recordar o nome de todo, mas digamos eu acho que dentro das pessoas que eu conheço, das pessoas com quem me dou, talvez eu seja pouco activo a esse nível, portanto do conhecê-las, do apoiá-las pessoalmente, do debater ideias em conjunto, lembro-me que tive por exemplo quando não sei se, não foi a Opus Gay foi outra, que queria lançar por exemplo uma linha telefónica de apoio, como eu tinha estado na fundação das linhas de apoio telefónico da APF as primeiras reuniões, portanto eles estavam um pouco à procura de modelos e de formas, de experiências, portanto lembro-me que estive nessa reunião um pouco a transmitir o testemunho, pronto eu acho que é muito pela via técnica, técnica e ideológica mas muito pouco política, eu acho que tenho um bocado esta... não sei, acho que tou um bocado sempre na segunda fila, não dou muito a cara, por razão nenhuma em especial, não no sentido de me proteger, mas não avanço muito, quer dizer acho que nunca me ponho muito à frente em relação a estas coisas. Portanto, apesar de ideologicamente me identificar e de pessoalmente até ter ligações com essas pessoas, acho que acabo por não ir muito além disso.

*Então outra questão relacionada com isso, o que é que pensa da reivindicação, algumas das reivindicações das pessoas LGBT, nomeadamente, eu tenho aqui por exemplo os exemplos da adopção e do casamento, gostava de saber a sua opinião.*

Não, são matérias que, pronto, me sensibilizam muito, portanto isto do ponto de vista do que eu penso, pronto já não estou a fazer do que é que faço pra isso, não é...

*Sim.*

... mas que são (inteligível)... pronto, voltando um bocadinho atrás eu acho que me escudo no academismo, no estudo, (inteligível). Se alguém me diz, queríamos que viesse cá, que estivesse connosco, ou que participasse ou que viesse transmitir ideias, sei lá, sobre o conceito de família ou o conceito de desenvolvimento ou discutir inclusivamente perspectivas sobre esse, portanto sobre estas questões, eu aí apareço e assumo e sou capaz de o fazer pronto porque partilho estas ideias por, por exemplo em termos das histórias privadas das pessoas, há "n" pessoas, montes de pessoas, que ficaram sem pai que ficaram sem mãe e que viveram com o tio e com dois tios e que viveram só com mulheres ou que viveram, e portanto por várias vicissitudes da vida e portanto não há qualquer tipo de digamos cobertura para ideias de trauma e de deformação em termos de

crescimento de pessoas que cresçam com um casal homossexual, dois homens ou duas mulheres ou da correlação com a pedofilia ou a mau trato infantil e em termo de determinada orientação sexual, portanto incomoda-me muito e daí que não me importo nunca de aparecer pa discutir essas ideias porque acho que se entra num conjunto de ideias feitas e de coisas muito cínicas e muito pouco aprofundadas, quer dizer porque todos os dias nos deparamos de facto com casais disfuncionais e com maus tratos e com situações deste tipo e portanto, tantos de nós temos problemas da nossa história passada que supostamente na maioria educados e criados por casais supostamente heterossexuais e sem, portanto sem, sem outras figuras desse tipo. Portanto eu não tenho absolutamente nada contra e acho que fundamentalmente não há é aprofundamento do debate porque portanto as premissas são falsas, e portanto noemadamente estes dois aspectos que eu referi, ous eja que nos precisamos, ou seja que é uma família instituída que nos dá os modelos e que o nosso desenvolvimento não tiver essas duas figuras nós ficamos marcados para toda a vida e por outro lado depois a questão do... isto em relação à reprodução, portanto ao ter filhos ou adoptar crianças, portanto há sempre uns argumentos que aparecem que são baseados em coisas que não verdadeiras. Portanto relativamente ao casamento só, eu não, a minha questão tem a ver com a questão da equidade e as questões da igualdade e que têm a ver com o facto das pessoas efectivamente, apesar dum direito geral de não discriminação, pelo facto de terem uma determinada orientação sexual elas efectivamente elas são castigadas, já não tanto do ponto de vista do espaço público, mas pronto por sanções de outro tipo, de achincalhamento ou de outro género, mas por estes pequenos pormenores de, pormenores que são importantes, de ter um empréstimo, de ter um arrendamento, dos impostos, de uma série de coisas deste tipo que efectivamente contam, que obrigam a uma exposição das pessoas e que depois castigam-nas pelo facto delas não se orientarem por uma suposta maioria. E portanto acho que... eu não sei se, pronto as coisas demoram muito tempo não é, mas acredito que as coisas não estarão, poderão lentamente encaminhar-se nesse sentido, ainda que depois ao nível do pormenor, eu tenho sempre depois muito receio dos pormenores das coisas, do que efectivamente é possível fazer-se como o que é a assistência à família, tou a ver muito a vida do dia a dia, na pessoa que tem que faltar ao emprego porque tá a querer fazer assistência à família, e a pessoa da família é uma pessoa do mesmo sexo por exemplo, a questão dos bancos e do pedir empréstimos, portanto fazem-nos perguntas incríveis, pronto eu estou neste momento a passar por isso e acho que é uma invasão completa, nós temos que falar da nossa vida a pessoas que são empregados de banco, quer dizer e que de facto são capazes de nos levantar problemas, por exemplo não me admira nada de por exemplo da pessoa se aperceber que são dois homens e por exemplo me obrigarem a ir fazer análises ao VIH, não me admira nada. Portanto eu na rua as coisas não me marcam desse ponto de vista, ou por exemplo uma pessoa transgender qualquer, ia a um banco, eu não acredito que aqueles tipos lhe emprestassem dinheiro, porque há sempre mil e uma formas de arranjar problemas, ou porque não têm isto ou porque não têm aquilo e portanto, ou

fazem-lhe um spread o dobro, percebe, eu acho que há sempre, essa parte eu acho que vai demorar muito tempo.

*Só mesmo a última questão, que é uma questão muito aberta, mas por acaso fiquei extremamente interessado quando, quer dizer na sua entrevista fiquei interessado com tudo mas é dos poucos homens que eu entrevistei que teve uma ideia mais concreta para a mudança a nível destas áreas, nomeadamente...*

[risos]

*... a mudança a nível dos homens, como é que se pode organizar os homens de uma forma mais activa nestas questões. Falou muito por exemplo a questão da educação, mas tem mais alguma ideia? Esta é uma questão que eu também me coloco, que me interessa, se tem alguma ideia na sua experiência, que já tem mais experiência neste campo.*

Pronto, de mudar em termos de... pronto, de nos tornarmos mais abertos a outras formas de ser, huh...

*Sim, basicamente, pronto pode ser assim, tava a pensar naquela questão dos recursos, eu vou muito por, por exemplo eu agora estou muito a pensar o que é que depois no futuro se poderá fazer, eu estava a pensar mais nos grupos, não serão grupos de auto-ajuda, são grupos muito específicos, grupos de consciencialização que eles fazem muito...*

Sim, sim.

*... mas depois por outro lado também já se percebeu, ao nível da própria literatura, o Connell e a Lynne Segal são muito críticos desses grupos porque pode cair muito para o essencialismo, mas também acho que também é uma forma, têm aspectos positivos esses grupos, temos é de estar muito críticos sobre eles. Eu pensava só nos grupos, pronto essa é a minha percepção que é muito limitada de momento, mas tinha alguma outra ideia?*

Eu percebo essa questão de que ela pode ser um alçapão e pode ser, pronto a solução que às vezes depois pode não resultar, agora que eu tenho a certeza absoluta que nos faz falta, "nos" e isto em relação aos homens quer dizer, apesar de tudo é uma categoria, pronto pode ser discutível mas é uma categoria, que efectivamente nos faz falta onde estas coisas possam ser ditas de outra forma e que digamos um bocado como se deslace lá uma parte ou aquela figura da máscara, onde as coisas possam ser debatidas de uma forma um bocadinho mais frontal, porque efectivamente não há, é isso que eu acho que falta imenso e... [texto omitido intencionalmente] mas também um espaço que não existe do que é que eu sinto, quer dizer agora visto por esta categoria do ser pai, portanto tamos ali a debater estas questões onde muitas temáticas depois passavam por aquele

espaço e há um recurso físico onde estas questões também da masculinidade e também lá estavam em discussão, mas eram coisas muito de competência, de reforço de competência, aliás muito na lógica da América do Sul que é tudo para mudar, portanto a gente estuda e encontra-se e é para mudar, porque a minha experiência ao nível da educação sexual escolar é muito essa, ou seja basta eu deixar sair ou furtar a separação dos sexos e o clima muda, é aí que eu me baseio, ou seja, se elas e não, e também como tou com elas e eles não estão o clima era um, tamos a falar ao nível da adolescência, e de facto depois há coisas que já são emitidas que afinal e também é isso que faz ter alguma esperança, é que depois há lá coisas dentro, portanto estas capas, estas coisas cá de fora, pronto há aqueles que de facto que ainda não reflectiram o suficiente, que ainda são incapazes de olhar de outra maneira num sentido mais crítico, questionando a razão pela qual fazem as coisas e aquelas coisas instituídas, portanto nós somos mais fortes, pronto há pessoas que ficam-se por ali e às vezes até em coisas muito... factos, por exemplo as aulas que tenho do primeiro ano, faço assim uma abordagenzinha, uma passagem, como é tudo gente, alunos da área da saúde, das causas de morte até aos 24 anos é espantoso como as pessoas não sabem, quer dizer não fazem ideia do que é que se morre nestas idades enquanto que... porque por exemplo em relação aos acidentes rodoviários, a explicação é "ah porque eles andam mais, eles andam mais de carro do que elas", isto dizem elas também. Pronto, mas mesmo tirando essa proporção, se conseguirmos emparelhar tirando essa desproporção de andar mais ou andar menos, portanto se formos ver o número de condutores, portanto as diferenças da mortalidade são tão grandes, tão grandes que só pode haver aqui uma forte (inteligível) brutal em cima disto tudo que faz com que de facto é... abre a época balnear ainda agora é não sei quantos afogamentos no fim de semana, afogam-se, caem não sei de onde, portanto são os acidentes, são as armas de fogo e é espantoso a falta de reflexão das pessoas sobre isto, quer dizer tá tão naturalizado à sua volta que eu acho que as pessoas não dão conta e portanto o que eu penso é que este espaço também lhe conceda, porque em termos de comunicação de massa as coisas parece que não passam, pronto os próprios jornalistas também não... pegam-lhe assim por umas coisitas e tal mas não lhe dão depois o tratamento que aquilo precisava e esse face a face eu acho que dava jeito, porque depois eu acho que há aqui depois uma série de paradoxos que se associam uns aos outros, que é esta mesma construção de masculinidade acaba por também nos tirar algum espaço de partilha que as raparigas mesmo assim vão tendo umas com as outras, ou que as mulheres vão tendo umas com as outras, e portanto não precisavam tanto destes encontros se calhar ou destes grupos ou destes momentos para estar porque naturalmente arranjam-nos, naturalmente... portanto, faz parte da organização que as mulheres tenham estas partilhas umas com as outras. E de facto os rapazes e os homens não têm estes espaços, porque quer dizer o café não dá para isso, a bola não dá práquilo, e portanto depois há estas segregações, se calhar se tivermos num grupo de pessoas em que por exemplo existam pessoas com orientação homossexual inspiradas desse ponto de vista, se calhar já poderá haver um bocadinho essa partilha um bocadinho mais facilitada. Eu

acho que às vezes também, isto que eu vou dizer é um bocadinho, não digo contraditório, mas eu acho que nos fazem falta figuras públicas de referência, embora elas às vezes vão aparecendo, mas muitas delas depois são engolidas pelo próprio sistema da comunicação social, alguma pessoa que... que por exemplo que na sua vida privada, na sua, não interessa em termos de orientação sexual isso nem sequer interessa muito, em termos do seu pensamento e da forma de estar revela todas essas facetas, no fundo mais próximo de uma verdade desse ponto de vista, mas depois isso nem sequer tem muita saída, quer dizer porque depois vivemos muito assim do tipo, sei lá do Zezé Camarinha, né, portanto é o outro extremo ou de um Zé Castel Branco, quer dizer e andamos aqui nesta coisa como se aquilo fosse uma escala, como se as duas pontas fossem este e aquelas, como se não houvesse nada no meio e não houvesse pessoas no meio, pessoas verdadeiras, ou até mesmo nem sei o que é que eles são nas suas vidas privadas, não faço ideia, agora aquelas figuras elas funcionam como orientação um bocado como assim dois grandes focos. Por exemplo eu gosto muito de ouvir as crônicas da rádio do Júlio Machado Vaz, que tem acho umas conversas engraçadíssimas muitas vezes, muito críticas, muito ridicularizando até formas de ser em termos de masculinidade, e pronto depois mistura isso com outras coisas que já não ajudam tanto, mas também tá muito relacionado com o sexo, portanto é um homem catalogado com a linha do sexo. Agora acho que sobretudo sinto falta assim de pessoas que marquem porque eu acredito muito que às vezes há assim pessoas que volta e meia concentram em si uma energia que conseguem depois autorizar outras pessoas a fazer e a dizer e portanto acho que há coisas deste tipo... eu acho que os mass media têm um peso brutal, pronto, e o número de horas que as pessoas vêem televisão, e o que elas vêem, elas pronto em geral, não aparece, não aparecem figuras deste género, pronto é tudo tirado, é tudo preto e branco, é tudo mais ou menos, os homens são o que são, as mulheres são o que são, é as boas e os maus, os bons e os maus, depois há assim umas figuras excêntricas que volta e meia aparecem, mas debatido com profundidade não aparece, quer dizer estes assuntos, sei lá uma coisa deste género, quer dizer de lançar estes temas polémicos, lembro-me de há tempos aí, foi praí em 89, 90, um autor trabalhava numa sala pequena com imensa gente e eram pessoas sem muita, a maior parte eram administrativos, e foi a primeira telenovela brasileira onde se aflorou uma relação entre duas mulheres, quer dizer para mim era claro que havia qualquer coisa, não é, que o autor que era esperto pronto tava a querer conduzir aquilo. Lembro-me depois que mataram uma claro, morreu rapidamente e portanto a questão das partilhas e não sei quê, e quando chego no dia seguinte estavam aquelas senhoras todas em pânico com um ar todas, "vejam bem, eu nem imaginava, quer dizer, afinal, não sei quê não sei quê", pronto, e foi uma manhã engraçadíssima porque eram umas a dizer "ah mas eu acho bem atão mas elas não sei", porque elas tinham um hotel em conjunto e porque eu acho bem isto, e acho, foi uma manhã, pronto para o trabalho não foi muito produtivo mas deste ponto de vista foi engraçadíssimo, aquilo mexeu imenso com as pessoas, porque a questão não é aparecer assim uma figura, é uma coisa que tem de se tornar nossa, e pronto aquelas pessoas das telenovelas,



as pessoas vivem aquilo como se fossem da nossa família, e portanto temos que nos enredar na complexidade da história das pessoas, dos seus afectos e aquilo tudo, e não ser somente lançar assim o problema, e de facto as pessoas perceberem, porque aquilo não é sexo, aquilo é afectividade, são relações entre pessoas, e as tipas são normais e portanto nem todas têm um ar assim não sei quê, e eu acho que às vezes a história muda assim com estes arranques, estas coisas, aquilo passa a ser um referente. Por exemplo eu tenho alguns contactos com pessoas de Trás-os-Montes, dos serviços de saúde e ainda há pouco uma me dizia, ela tá em Alfândega da Fé, uma coisa assim, isto já há dez anos que ela dizia, a miúda engravidou portanto gravidez na adolescência, e a própria mãe dizia "não a gente não temos de tar raladas porque nem tem nada que casar com ele, porque a não sei quantos da telenovela, ele reconheceu a criança, mas só se deve casar quando as pessoas gostam uma da outra, ora essa", pronto uma mulher do campo, ela já tá lá há muitos anos atrás se fosse há uns tempos antes ela dizia "casa e torna a casar, não fica assim" e de repente passou a haver esse tal referente que autoriza, pronto não quer dizer que seja uma questão de modernidade mas há outra realidade para além daquela que nós vivíamos aqui neste sítio, portanto não sei depois como é que a história terá ocorrido mas é engraçado ver como estas coisas podem mudar deste ponto de vista. Portanto isto é um aspecto, ou seja, figuras públicas, acontecimentos, situações, episódios críticos. Do ponto de vista mais político-partidário, não sei, quer dizer tem havido, quer dizer se formos ver em termos das pequenas coisas que se conseguiram nos últimos três anos, se calhar avançou-se mais do que em trinta, em termos do 25 de Abril para cá, pronto a questão do divórcio, coisas deste tipo, mas depois há... não sei, apesar de tudo, apesar de se avançar mesmo assim, eu acho é que depois o debate do ponto de vista dos políticos aquilo depois é decidido noutras cúpulas que não é ali, porque inclusivamente as suas opiniões privadas não correspondem ao discurso e aquilo que depois podem decidir e à sua autonomia enquanto deputados por exemplo, mas também ao mesmo tempo acho interessante, sinto assim algum esbatimento, começa a haver algum esbatimento e portanto dissidências dentro dos próprios partidos das coisas deixarem de ser esquerda e direita e portanto comecem a haver algumas dissidências internas, sei lá a Teresa Caeiro do CDs é a favor do aborto, aquela loura, a mulher do banqueiro como é que ela se chama, Paula Teixeira da Cruz, pronto que é uma figura máxima do PSD e que é a favor, portanto e isto seria impensável, e que talvez digamos são outras mulheres, digamos que eu acho que é um aspecto importante, sem dar conta são um outro tipo de mulheres que independentemente portanto do seu posicionamento mais à esquerda ou mais à direita acabam também por assumir algumas posições e isso pode ter alguma marca. Eu acho que por exemplo isso foi muito importante para o debate essa, a Paula Teixeira da Cruz apareceu na rua, quer dizer, andou na rua pelo sim, pronto, é uma classe alta, casada com um conservador, estava no PSD, anda no meio daqueles barões todos e aparece na rua, quer dizer e isto foi importante e portanto estes assuntos têm é que, o caminho se calhar vai mais um bocadinho por aqui, deixar que sejam os partidos a tomar conta disto porque se forem a continuar a ser os partidos é

muito complicado, porque as pessoas não têm autonomia interna para afirmar. Mas pronto, quer dizer, isto foi assim em termos do que fazer não é, agora... eu sei calhar não sei se tenho muito esta... tenho muito esta esperança nas questões, talvez por estar mais ligado a isso, à vertente educativa, por trabalhar mesmo com pessoas mais directamente e... agora, a minha grande questão às vezes é saber se nós às vezes não estamos, havia uma pessoa aqui há uns anos atrás, num seminário qualquer que ela dizia, a pergunta que ela colocava era como é que se dá de beber a quem não tem sede, ou seja, há pessoas que, sei lá imagine nós os dois vamos constituir aí um grupo que se vai encontrar ao sábado de manhã ou vai não sei o quê, quem vai já está com um passo lá, quer dizer já está não sei quê, há uns outros que nem sequer, até podem ter lido um cartaz e tal, mas quer dizer não se identificam, nem é dizer mal, nem viram, não estão de facto virados práli. A questão é um bocado como é que se metem estas coisas depois... não é forçar as pessoas mas que isto passasse a estar tão na agenda que fosse normal quase de uma forma sistemática ser posto em questão. Por exemplo, apelando às coisas da saúde eu não consigo, por exemplo ainda agora aqui há dias estive com uma mestranda aqui da Lusófona, um granda estudo não sei quê ta-ta-ta, educação sexual e isso, "atão mas isto não vai ser tratado", é as necessidades e as curiosidades dos jovens ta-ta-ta, "então mas estes jovens, a variável sexo aqui não entra?", "ah não tinha pensado nisso", eu não consigo pensar, não consigo perceber, para mim é inadmissível que um assunto desta natureza não tenha lá esta questão dentro, que essa temática por exemplo da questão da identidade sexual e isso tudo, porque é métodos contraceptivos, métodos contraceptivos, métodos contraceptivos, mas há pessoas que não usam, "ah pois, realmente", prontos, e é enfermeira. Quer dizer, e é isto que me faz impressão, ou seja isto é daquelas coisas que tavam sempre à cabeça, portanto por exemplo lá na escola as coisas, por exemplo o cancro da mama, o cancro da mama, não sei quê, portanto é o parceiro, o parceiro, o parceiro, o parceiro, portanto e eu perguntei às alunas assim "mas quem é o parceiro de quem? Mas vocês sabem se toda a gente tem parceiro, e se a senhora tem parceiro, e se todas as mulheres cada uma tem um parceiro e se tem que ser um parceiro?", "ah pois, não sei quê, vamos falar com a professora", ela ficou incomodadíssima, pronto, ficou incomodadíssima, a mulher que dá a disciplina lá daquilo, "ah sim, mas é a maioria, a maioria tem", quer dizer e a minoria pronto... quer dizer é assim, tem de gostar de si própria, tem de tratar lá da sua mama, temos de arranjar ali uma forma de dizer pronto que aquilo altera a sua imagem, altera não o sei o quê, epá, nem que sejam subterfúgios de linguagem, quer dizer na sua vida afectiva não sei o quê, a pessoa com quem vive, nas suas relações afectivas não sei quê, e fica assim a pairar, portanto e aquilo é para lésbica, é pra não sei quê, é pra não sei quê, epá porque de facto as lésbicas levam um raio de um panfleto, imagine que aquelas, o que é que aquilo lhes interessa, e as tipas que não têm ninguém, para que é que querem saber se há um parceiro ou uma parceira ou não sei quê? E é isto que me faz um bocado de confusão, quer dizer é como se estas pessoas não existissem, porque isto é assim só a questão das pessoas falarem em minoria ou em maioria é como se tivessem dados verdadeiros de que de facto estamos a

falar de uma maioria, eu assim não faço a mínima ideia, percebe, é um bocado e portanto eu acho que isto é daquelas coisas que pronto é quase obsessivo que é assim, o género tem de tar lá e estas hipóteses de partida, há a hipótese de no final na adolescência ou no secundário e nós termos diferentes alunos com diferentes orientações. Eu lembro-me que uma das coisas que ainda hoje me dói, eles já se foram embora, já acabaram, uma das coisas que mais me dói de ter dito algum dito deste ponto de vista, foi de, foi num dia por volta desta altura, um aluno e uma aluna de primeiro ano a picarem-se com um lápis, alunos de primeiro ano pronto, um desassossego, um desassossego, um desassossego, e eu disse-lhes "epá eu já sei que é Primavera e que tá sol lá fora e que vocês tão aí com as hormonas aos saltos, epá mas tenham paciência, não sei quê", epá e eu ainda hoje tenho um remorso imenso porque ainda por cima, portanto isto foi no primeiro, eu acho, depois mantive até uma relação, com ela não tanto, mas com ele fui acompanhando alguns trabalhos do terceiro e do quarto, acho que inclusivamente ele um dia tentou um pouco conversar um bocadinho sobre estas questões em termos pessoais, pronto ele deu um bocado a ideia de que não era ele, mas eu percebi que, pareceu-me que seria ele que precisaria de algum apoio, mas mesmo independentemente disso eu não tenho o direito de fazer isto, percebe é que eu acho que é isto que este grau de exigência e de reflexão, eles estão a brincar um com o outro, mas eu não tenho que pressupor que eles os dois são heterossexuais ou o que sejam, eu não posso tar com ninguém e perguntar-lhe, então e namorada ou então e namorado, quer dizer eu não posso, portanto nascemos com uma data de hipótese não é, e portanto acho que há um nível de boa educação, pronto e então de amores como é que vamos? Ficamos assim, e a pessoa vai onde quiser, pronto e preocupa-me, sei lá a gente forma pessoas, professores e isso, vou encontrando é engraçado vou encontrando colegas da escola por tarem alguns ligados à saúde mental, também estão a fazer os seus processos formativos portanto nas coisas, na psicanálise didáctica, e que vão fazendo essas coisas, é engraçado como começo a sentir que já somos mais, quer dizer pessoas mesmo que sei lá, ou um colega assim que tem o ar de tudo, sei lá que houver mesmo assim com um ar machão, com a mota com aquilo tudo não sei quê, portanto é um tipo e eu já assisti a partes de aulas dele que desmonta aquilo tudo e que depois é um tipo de uma afectividade imensa com os alunos e que é capaz de perante uma plateia, perante as pessoas por exemplo, falar de si próprio, eu acho que são estas pessoas que depois acabam por fazer a diferença e podem contribuir um bocadinho para isto, pronto para desmontar um bocadinho estes esquemas e que... sei lá, coisas de pormenor, eu noutro dia távamos quatro homens a almoçar, e por exemplo ele tava a dizer "eu sou incapaz de usar um cinto que não seja da cor do sapato e tenho três ou quatro relógios, um castanho um não sei quê", epá e são incapazes de pôr um coiso castanho com uma camisa azul. Pronto, mas isto só vendo a pessoa, porque olhando para aquele tipo, alentejano, moreno, que a gente pensa que seria aquele tipo super, pronto muito conservador, misógeno e tal, tá a ver são estas pequenas coisas e que dizem "epá este fim-de-semana fiz amor, a minha mulher não sei quantos, as minhas miúdas não sei para onde", e ele é capaz de estar na conversa numa aula

se aparecer um assunto é capaz de dizer isto, "ontem fui à Zara com a minha mais velha, tivémos a ver uma roupa assim, uma roupa assado, uma roupa não sei do quê", eu acho que faz falta um bocadinho isto, quer dizer que este lado, que isto saia, que saia cá para fora, que... mas por exemplo, dentro do mesmo departamento de pessoas que dão aulas, que são profissionais de saúde, eu ouço comentários em relação a... sobretudo homens, homens e mulheres, pronto, temos uma colega portanto que vive com outra, mas a conversa é uma crítica, eu acho que a conversa é muito crítica porque... aliás há outro casal heterossexual lá, embora ela só vá uma vez por semana, as pessoas acham normal, quer dizer pronto, não é questionado, o caso destas duas, uma delas vai lá também só uma vez por semana mas é criticado pela companheira dela, que a pôs lá, portanto como pomos em paralelo, e ele tá lá, eu não acompanhei a história porque ele já lá estava quando eu cheguei, portanto eu não faço ideia de como é que isto aconteceu, mas digamos assim, o facto de uma ser lésbica e a outra não, portanto uma tá lá porque a namorada tá lá e a outra tá lá porque o namorado tá lá, mas isso não é questionado, tá a ver, a grelha das outras duas é sempre mais apertada. Por exemplo ao dizerem "onde é que tá não sei quantos?", "ah, tá ali no gabinete com a outra", mas este tom sabe Deus o que é que elas lá estarão a fazer, porque estas pessoas só pensam naquilo, de certeza que têm a porta fechada e que aquilo é uma festa lá dentro [risos], é isto que me incomoda. Pronto, isto para contrabalançar a esperança e depois não é só este desgaste do dia-a-dia, porque pronto neste momento aquilo anda ali uma movimentação à volta e portanto as mesmas falhas de diferentes pessoas, houve uma série de falhas desta nossa colega, é o que eu digo, é o fazer a cama, estão-lhe a fazer a cama, e portanto já começa... e depois a pessoa não sabe se é a própria perseguição, o mau estar que se gera que gera o stress, o que é um facto é que ela começou a revelar fragilidades e doença e mau-estar, portanto houve ali uma série de confusões que a gente não sabe onde começou, portanto enquanto que pronto se ela não assumisse por exemplo isto, esta sua situação, se calhar tinha passado, não sofreria tanto em termos de serviço, só que eu acho que também se calhar, pronto é uma forma possível de mudar, de fazer os outros mudar, agora é sempre à custa de alguém, e há muitos que desistem pelo caminho, pronto quer dizer que não se vai aguentar, é um bocadinho isto. Agora pronto, fazendo um bocadinho a suma, pronto penso que se calhar são assim patamares de intervenção diferentes, portanto estes aspectos do dia a dia e do ideológico eu acho que muito, acho que pronto as tais figuras, a própria literatura para algum tipo de população acho que também ajuda bastante, eu inclusivamente esta questão dos homens feministas é uma coisa que eu há que tempos que desafio muitas pessoas para aparecer, para aparecer ou que opá devia aparecer assim artigos em jornais, acho que era engraçado pôr isso em discussão e portanto daí que também tenha achado imensa piada à sua tese, também é outra fronteira, é outra gaveta das coisas, ou é coisas das mulheres, lá vêm elas não sei o quê, portanto isto foi uma forma de abordar também um bocadinho estes encaixalhamentos. O aproveitamento dessas coisas que as pessoas mais vêem, das telenovelas e mais a esse nível, portanto ao nível das instituições eu acho que as coisas, pronto vivem de uma pessoa ou

de outra, quer dizer o clima alterou-se, portanto já encontramos pessoas que vão assumir as coisas, mas por exemplo ao nível de transgender eu só trabalhei com a Jó Bernardo no VIH necessariamente, trabalhei com uma fulana que agora é um homem numa coisa de intervenção comunitária mas que é espantoso não é, um facto que quer dizer é o mundo do espectáculo é assim alguns redutos de permissão, o que é um facto é que a gente não lida com essas pessoas, portanto ao nível mais baixo faz-nos falta haver também situações deste tipo, e talvez seja aí que eles vão sentindo que há alguma abertura. Agora eu não sei quer dizer também depende da posição em que nós tivermos, sei lá porque se sei lá se eu trabalhasse neste café há coisas que eu digo que se calhar não podia dizer ali, quer dizer não é, portanto o nosso grau de liberdade e de controlo também depende do meu grau de independência, portanto o tar ligado ao mundo académico ou isso eu posso, tenho uma liberdade diferente de fazer coisas mas também com algum limite. Portanto e a um nível mais próximo, então esse lado mais face a face, mais pronto sejam os grupos, eu achava imensa piada, [texto omitido intencionalmente] portanto esse lado mais ligado à paternidade mas o outro tinha mesmo a ver com coisas de homens, que ela me disse isto é mesmo para vocês, aquilo é uma associação de porta aberta, ela mandou-me os sites e eu acho que guardei, e ela disse ah eles estão interessados em estender-se, em passar o modelo, e eu a pensar lá vou eu a meter-me em assados para fundar não sei o quê...

*Mas acho que era muito interessante, por exemplo quando for a Madrid eu gostava de apresentar uma análise preliminar destas entrevistas e era muito também no sentido muito político de formar alguma aliança nem que seja com o Michael Kimmel, que fundou a National Organization Against Sexism [NOMAS], e que ainda tem muita força, é o escolar desta área e gostava bastante de saber qual era a possibilidade.*

Como é que as feministas vêem isto? [risos]

*Pois, eu também vou apresentar isto no Congresso Feminista...*

Pois é uma forma de testar não é?

*... e era uma forma, eu vou mesmo colocar a questão, será que isto faz algum sentido para vocês? Algumas não hão-de gostar, mas outras... mas também quer dizer eu acho que, isto eu não sei o que é que vai acontecer, vai ser uma surpresa, acho que é expectável que algumas não compreendam à partida, muito por aquelas questões que citou, quer dizer agora vêm estes que não se sabe muito bem de onde é que vêm, eu acho que é uma crítica construtiva, quer dizer porque no fundo os homens têm açambarcado o poder sempre...*

Pois.

*...e é uma crítica que eu acho que nós devemos ter.*

*...e isto pode ser uma coisa encapotada, não é, portanto é uma coisa escorregadia...*

*Exacto, lá está os grupos também podem... eu tenho muito receio de estar a criar grupos que depois caíam naquela coisa dos mitopoéticos...*

Pois.

*... porque temos por exemplo um caso do Warren Farrell que antes era feminista e depois fez uma volta de 180 graus e agora é completamente mitopoético, completamente a dizer que os homens é que coitados são oprimidos pelo sistema. Eu acho que temos que ter muito cuidado com o discurso que utilizamos e também a forma como nós organizamos isto, porque se por um lado... já está a pensar em alguma coisa...*

Não, a questão tem a ver com... pois, a questão do que é que andamos à procura e do objectivo, ou seja, o objectivo não é.

*Um exemplo, isto é uma ideia que eu partilho aqui, uma discussão com um entrevistado que ele dizia que, pronto isto da forma como eu interpretei, que os homens também eram de certa forma clivados emocionalmente por este sistema. Isso é verdade e nós podemos pegar nisso e fazer alguma coisa para que dêem largas às suas expressões emocionais. Por outro lado, também sou muito crítico se nós não introduzimos uma mudança mais social, porque aquilo que eu percebi é que esta pessoa estava a fazer isto muito a nível individual, trabalhando com pessoa a pessoa, basicamente uma espécie de terapia, mas depois imagine-se que essa pessoa sai da terapia, esse homem sai muito contente, sai mais... ele mudou, mas até que ponto é que essa mudança é real e efectiva se ele vai por exemplo a este café e não há, ele não consegue ter uma forma porque isto não passa apenas pela criação de competências penso eu, passa mesmo por mudar as estruturas da sociedade para que as pessoas também tenham... as pessoas podem ser agentes activos dessa mudança das estruturas, agora não me parece que seja apenas uma pessoa, os casos isolados, a fazer a mudança, penso eu.*

Quer dizer, do ponto de vista individual resolve-se a questão.

*Mas o que é que se resolve?*

O do individual, quer dizer se a pessoa está desconfortável se não sabe viver com, se não sei o quê. Agora como é que essa pessoa sozinha depois produz a mudança, quer dizer, ela se calhar tá ao pé ao lado dela outra pessoa que não conhece e que tá no mesmo processo quer dizer e andam aqui duas pessoas, e portanto isto é a tal questão, dois mais dois é mais quatro e portanto é um

caminho a ter, o motor é sempre a ajuda do conforto e da consciencialização, agora os efeitos de grupo existem portanto e há de facto estratégias até pelo ruído político que isso possa fazer à volta. Agora eu penso que estas coisas, isso é uma discussão que eu tentei fazer na tese [texto omitido intencionalmente] que é esta coisa da discussão acerca da masculinidade e da feminilidade, eu acho que isto reverte sempre em favor tanto dos homens como das mulheres, quer dizer portanto afasta-nos um bocadinho daquele discurso muito lobos e cordeiros, ou os maus e os bons, ou os maus e as exploradas, porque há aqui depois um discurso subjacente que também aparece às vezes que é "nós somos assim porque elas é que nos educam e portanto as nossas mães é que são as culpadas disto tudo", depois a gente diz "mas porque é que elas são assim?", "ah porque elas não têm outro poder e o poderzinho delas é essa coisa do comerzinho e da casinha e de educar os seus filhinhos e não sei quê", porque eu às vezes utilizo isso como material de trabalho que acho engraçado que é as mulheres têm uma língua pior que a dos homens, as mulheres são mais machistas do que os homens, isto toda a gente já ouviu isto, são todas umas cabras umas para as outras, e portanto se elas é que educam os filhos têm ali a hipótese de fazerem coisas diferentes, não fazem, elas é que têm... pronto, quando nós entramos no "elas", e portanto daí que esses espaços é um bocadinho sair dessa coisa, quer dizer permite um bocado sair do "elas" e do "eles". Agora eu acho que isso é um beco sem saída, eu não tou a ver outra hipótese, quer dizer quem diz um grupo onde haja homens a discutir isto... não quer dizer por exemplo, tou a imaginar do ponto de vista prático não haja um espaço onde estejam homens e mulheres a discutir isto, agora evitando sempre, e isso eu não entro nesse, recuso-me, nem na minha vida privada, no "nós" e "vocês", eu isso nunca entro, porque esse não dá nada, vocês isto vocês aquilo e nós isto e nós aquilo, porque pronto e aí eu acho que algum movimento feminista, algum, de facto contribui. É que sem querer mete tudo dentro da mesma caixa, trata tudo por igual, fecha-se e porque no fundo acabam elas próprias por ser essencialistas, que elas acusam outros de [risos] sendo elas próprias... portanto não conseguem conceber que não ter útero e não ter o período menstrual que não autoriza os outros, o outro lado, a pensar sobre isto. Portanto dali não há-de vir boa coisa [risos].

*Mas por exemplo, isso é fácil de contra-argumentar, agora também estamos aqui a falar de atitudes que estão muito fixas no tempo, por exemplo há um artigo, é um pdf que está disponível na internet em que o Connell também esteve lá, foi uma coisa no Senegal penso eu, foi uma conferência sobre masculinidade, em que alguém dizia que parte-se muito do pressuposto que o género é só para mulheres, esta ideia de que os homens vão açambarcar isto tudo e vão invadir isto tudo, mas também partindo do pressuposto que é só de mulheres. E por exemplo também estas questões se é essencialista, isso também existe na América, nos Estados Unidos e na Austrália em que eles, a discussão sobre isto já tá muito mais avançada do que no nosso país...*

Claro.

*Mesmo por exemplo a Judith Gardiner...*

Sim.

*... ela tem uma antologia publicada em que há mulheres que discutem mesmo a própria nomenclatura dos estudos géneros, porque há uma grande discussão, estudos de género não é só estudos das mulheres, estudos das mulheres tem uma visão muito mais política que as mulheres podem ser estudadas, ao passo que os estudos do género podem encapotar um bocadinho isso, mas pronto isso depois são discussões que depois nós temos que nos preparar porque vão existir sempre, existir sempre enfim... pelo menos de momento vão existir e acho que também é importante, acho que é preferível entrarmos numa situação em que estas coisas se discutem do que estarmos actualmente...*

Pois, é a tal oportunidade de desmontagem, sobretudo de desmontagem e eu acho que é a reflexão que nos permite abrir um bocadinho estas portas e até o desconhecimento do outro tendo em conta que há sempre uma parte que nos é inacessível, pronto e é isso que eu muitas vezes digo que é, por exemplo a questão da negação do corpo, da importância do corpo, eu isso eu não consigo entender, [texto omitido intencionalmente], eu não sei o que é ter mamas grandes, eu não sei qual é a sensação subiectiva de ter aquilo e de ter uma coisa a correr, a sair do corpo, eu não sei o que é aquilo, eu nunca vou ter um bebé, não sei o quê, e eu quando digo isto não digo isto em termos que isto é mais ou é ser menos, pronto por exemplo às vezes com os alunos "porque não sei quê o período", pronto uma coisa é de facto não ter o período ou não ter isto ou não ter aquilo, uma coisa é isso, outra coisa é por exemplo até ao 25 de Abril as magistradas não podiam exercer porque elas durante o período passam-se dos carros e elas são uns seres irracionais e portanto elas ficam aluadas e portanto aquilo nunca se sabe que decisão é que vão tomar daquilo, são duas coisas diferentes. Agora subiectivamente temos uma vivência do corpo diferente, agora o ser diferente mas também é assim, o problema tá na importância que se dá aquilo, quer dizer somos mais parecidos, mais iguais do que diferentes, quer dizer também não há-de ser isso que há-de ser assim tão diferentes, quer dizer entre ter calças e não ter calças e usar saias ou não, quer dizer não vejo que seja tão importante assim, a questão é quando a gente pega nisso e faz uma montagem a partir dali, pronto e depois nos deparamos com aquele parlamento no estado em que está e com as mulheres que morrem, quer dizer andam praí a ser mortas à grande e a ser violadas e a ser portanto maltratadas, quer dizer essa é que é a grande questão, quer dizer não é o facto de elas terem saias e eu não ter, que isso quer dizer prontos o pavão tem umas penas e a pavona tem aquelas penas e aquilo tem, pronto é só adornos que as pessoas põem, não vejo as coisas tanto, por exemplo é mais comprido ou mais curto isso não é por aí, a questão essencial é mesmo o sofrimento que aquilo acarreta e as situações de desigualdade graves que estão por detrás daquilo, porque esse espaço era aquele que eu dizia, quer dizer às



vezes a introdução quer dizer a informação e o conhecimento são limitados em termos de eficácia de mudança comportamental mas tenho uma memória de muito recentemente de uma pessoa pegar em dados e mostrar um gráfico das coisas, às vezes aquilo, é espantoso como as pessoas andam no dia-a-dia e não vêem aquilo, quer dizer nós como estamos muito orientados e obcecados com aquilo nós de facto vemos, destas questões da diferença, até dados estatísticos, de facto se uma pessoa tiver noção, morreram quantas, 13 mulheres...

*Dezassete, até Março.*

Morreram, agora as outras, uma que ficou estropiada, outra que não tem um olho, outra que quer dizer, quer dizer a gente também se esquece que detrás daqueles números há as outras. Quando isto às vezes é transformado, que é assim, cada dia, cada hora, acontece isto e acontece aquilo... eu acho que as coisas têm é que se separar para olhar aquilo, e aquilo passa a ser um problema, já não é só a minha vizinha de cima, a minha vizinha de baixo, cada um anda naquela coisa. Pronto, mas apareceu a parangona no jornal e toca a andar, não há mais... depois há a menina que fugiu, a outra que o pai fez não sei o quê, aquelas histórias que depois diluem-se, aquilo tem uma duração de 48 horas e depois não vai mais longe do que aquilo, pronto. Mas não sei olhe, penso que alguma sensibilidade pública para este, sei lá por exemplo estes pequenos sinais, o facto da Comissão de Igualdade das Mulheres ter mudado de nome são coisas que podem ajudar um bocadinho desse ponto de vista, acho que pode ajudar e acho também muita piada aqui a esta coisa aqui dos espanhóis que são uns ciganos [risos] as pessoas acham "aqueles espanhóis" não é, quer dizer a Espanha tá práli a fazer umas coisas... e depois quando a gente aproxima o olhar, pronto são altamente conservadores em muitos aspectos, portanto aquilo também são muitas Espanhas não é, e portanto uma coisa é Madrid e Barcelona e as grandes cidades, outra coisa depois são os outros meios, mas é um facto é que aquilo quer dizer tendo partido da mesma base de nós rapidamente conseguem uma agitação muito maior em termos de políticas públicas e coisas desse tipo e acho piada a quase esse discurso "eles já fizeram e a gente está para trás", não sei até que ponto é que isso não nos influenciará também. Pronto agora tudo o que é também depois muito legislado, isto é um bocado contraditório da minha parte, mas quer dizer se for só pela via do decreto, por um lado eu acho que autoriza as coisas e ajuda mas depois o fait divers do dia a dia pode não corresponder aquilo como eu disse inicialmente, mas acho que é importante que o estado saia daquela coisa genérica de não pode haver discriminação baseada no sexo, no género, ta-ta-ta, quer dizer e as coisas são claríssimas que de facto é uma sociedade altamente, pronto, que contribui imenso para a discriminação. Não sei, olhe, assim em termos de medidas...

*Não, eu por mim pronto, eu passava aqui a tarde inteira a discutir, isso também não é possível não é. Mas temos de arranjar outro dia para discutirmos estas coisas, acho que era bastante importante. Pronto, a minha ideia era basicamente*

*pegar num grupo de homens, homens que estivessem realmente interessados nestas coisas e depois fazer alguma coisa. Não sei, eu gostava muito de fazermos alguma coisa mais a nível comunitário e de formação, enfim porque acho que depois, que haja também algum trabalho também de comunicação, fazer livros, fazer relatos, fazer congressos.*

Eu disse isso [texto omitido intencionalmente], tipo um género de homens, fazia a mesa redonda uma coisa qualquer assim desse género e acho que ele lhe disse e ela disse "ah isso é engraçadíssimo" porque epá já começa a haver 3 ou 4, porque eu acho que era giro começar a mostrar isto, para romper um bocado um bocado com aquela coisa lá das feministas dos anos 70 e começar epá nem que seja para agitar as águas nem que seja na semana seguinte aparecer uma feminista qualquer a chamar nomes e a dizer coisa, agora o importante é que se fale. Depois também [texto omitido intencionalmente] que era um bocado aquilo que se calhar tá a fazer, não é, mas escrito até, não sei que estrutura teria, mas que fossem narrativas pessoais, o pegar no nascer homem e depois cada um, quer dizer entre o ficcionado e o verdadeiro, aquilo que a pessoa quiser revelar, mas no meio daquele conjunto que era, um Manel qualquer pronto fez isto fez aquilo sei lá, enquanto com este público com toda a gente a gente não conta, pronto mas sei lá, experiências seuais, de pensamentos, de medos, esta coisa do medo, dos receios, com quem é que se fala pronto daquelas coisas que toda a gente tem, de corpo ou de experiências, pronto de pessoas homossexuais e que passaram por experiências heterossexuais e heterossexuais que foram homossexuais e pessoas que depois mudam e de atracção por pessoas do outro sexo ou pessoas que têm pronto fantasias ou outra coisa, ou seja que aquilo fosse assim uma espécie de um caleidoscópio como se a gente conseguisse chegar a uma coisa indefinida que é assim o homem é tanta coisa, pode ser tanta coisa, percebe assim um bocado mas partir muito do vivido não era tanto do académico, pronto e na altura disse que era giro e podíamos fazer. Outras que depois lhe tinha dito que era mais difícil de construir era a várias mãos, escrever a várias mãos, pronto, como se a pessoa fosse ir passando o texto ao outro, agora continua e vai fazendo a outra parte e vai, como se a história pudesse evoluir com vários contributos e aquilo não sabia quem tinha escrito, quer dizer escrevia toda a gente mas não sabia qual era a parte de cada um porque esta questão dos percursos e das trajectórias e disto tudo, porque a vida real, o que é que é real, pode ser discutível, mas... o poder aceder a um lado que não aparece. E agora o critério é de facto ter um ser XY, o critério de selecção é aquele, mas assim como há antologias das mulheres escritoras de não sei de quê, pronto sem ser aquelas coisas que eu vejo nos jornais que tudo me irrita, que é sondagens de não sei quê, o que os homens mais querem mais gostam é de mamas, cabelos não sei do quê, uma parte do corpo que eles mais não sei quê, epá aquilo não diz nada...

*Para além de ser extremamente heterossexista, não é...*

Pois é que é um pressuposto, é sempre um pressuposto e depois aquilo é tudo

igual e que de facto não se põe a hipótese...

*De ser diferente.*

...da pessoa sei lá, gostar do dedo grande do pé, da pessoa gostar de um dia é passivo, é activo, o que é que quer dizer isso, um gosta de ser seduzido ou gosta de seduzir ou gosta de não sei do quê e isto nunca é, isto depois é altamente portanto como é que hei-de dizer, força imenso, isto tem um poder sobre [inteligível] e sobre as coisas que quer dizer quando e está em fase de desenvolvimento, e há pessoas que morrem assim nunca foram capazes, eu tenho sempre um modelo na minha cabeça que é um jovem cunhado que eu pronto, pronto provavelmente vai morrer cedo porque tem sido, tem todos os problemas que os homens têm, e portanto é um tipo que nunca empurrou um carro de bebé nem nunca saiu com os filhos nem com a mulher se fosse o carro de bebé, nem de maneira nenhuma, nem fazer assim ao carro, "ah, olha agora tás-me a ver, alguém ver-me, portanto se alguém me vê a empurrar o carro de bebé", foi uma pessoa que eu nunca ouvi dizer, pronto foi à guerra colonial, não abre a boca portanto as emoções que têm são as emoções do futebol, eu fui tio muito cedo, aquele homem quer dizer eu não acredito que ele não sinta nada, sei lá mudar uma fralda a um bebé, não faz ideia, nunca fez comer, eu acho que sobretudo não é porque ser explorador de alguém, é porque isto empobrece a experiência das pessoas, é isso que me faz pensar, não é que toda a gente tenha que ser, pronto e que tenha que chorar baba e ranho e tenha que fazer comida, não é isso, é que é um conjunto, e aquele tipo pra mim é um bocado um símbolo de uma série de tipos que eu conheço que nasceram e morreram sem passar uma série de coisas que eu acho serem importantes para eles, com esta coisa do se alguém... mas alguém, quem é o alguém, há sempre alguém que, andamos nos alguém, andamos a controlar-nos uns aos outros.

*Pois, mas isso é a masculinidade, é a estrutura que nós temos.*

Pois, é um bocadinho isso... pronto e também é paradigmático nesse sentido, o acesso que tem à informação é muito na base da televisão, volta e meia lá aparece um tema ou outro que depois discute muito na base da televisão porque pronto, se num livro disser comunidade LGBT, "ah oh, olha agora, vou perder tempo, gastar dinheiro a ler isto, era o que faltava", portanto há uns ali que fecham logo a porta, ou tá em casa e aquilo sem autorização lhe entra, aqui há uns anos atrás havia até aquele mito dos jogadores de futebol, das questões da homossexualidade no mundo do futebol, e ele veio assim uns casos ou outros, aquilo é das coisas que mais os abana, aquilo é inadmissível que possa existir, naquele reduto que possa existir qualquer laivo desse tipo de coisas... se aparecer alguém, eu acho que são esses pequenos epifenómenos que podem agitar um bocadinho isto tudo, percebe, porque há de certeza absoluta, pronto tenho a certeza absoluta que existe não é, agora ainda não chegou o momento mas quando chegar o momento... eu li agora recentemente, um jogador de futebol

inglês que se suicidou, ele é negro, ele tem um nome que parece indiano [Justin Fashanu], ele era de uma equipa das grandes, de Nottingham ou de um desses, portanto ele revelou a sua homossexualidade e só que ele entretanto tinha um processo em tribunal de uma acusação de um jovem de 14 anos por abuso ou uma coisa qualquer que acho que não era verdadeira e enforcou-se no dia 2 de Maio ou uma coisa assim, não mas para além dessa história trágica havia tava a começar a ser cada vez mais posto no banco de suplentes por ter assumido isso, porque de facto é demasiado grave, grave para aquela tribo, é pôr um bocadinho em causa aquela... agora era uma figura desse género ou desse meio que de facto teria, que poderia ajudar, ajudar quer dizer, mexer... não ou até mesmo por exemplo, uma coisa eu acho se calhar em termos de estratégia, por isso não sei, por exemplo a devolução dos dados, a partir de tudo isto pro exemplo pegar nisto e por exemplo ter tópicos, juntar à volta de uma mesa de uma forma informal, não sei uma série de gente...

*Tava a pensar fazer isso individualmente, porque em termos de tempo não sei se...*

Não não, já não estou a falar do ponto de vista metodológico, tou a falar, portanto quando se livrar deste processo, "pronto agora o que é que eu vou fazer com isto?"...

*Ah sim, sim, isso sem dúvida.*

... se calhar uma das coisas era, não sei, à volta disto "tenho aqui uma série de dados deste e daquele e daquele", não sei, não faço a mínima ideia.

*Sim, eu gostava muito de criar um grupo com todas as pessoas que eu entrevistei porque são pessoas que tão muito nesta área e que têm muito esta ideia de mudança e eu já tinha pensado, por exemplo isto são narrativas muito parciais, e portanto não vou muito ao fundo, pelo menos não tento... em algumas coisas vou, em outra não vou, isso também tem muito a ver comigo, eu tou de certa forma eu é que sei de tudo de certa forma, tá focalizado em mim porque eu é que sou o investigador, mas eu gostava de propôr a possibilidade que cada um fizesse a sua história, como é que vive, como é que sentiu, como é que experimentou. É muito naquela linha do que tinha dito, a ideia de fazer um livro, uma colectânea, com todas estas formas, não tanto sobre ser feminista, embora eu acho que o rótulo, embora seja um rótulo, eu acho o rótulo importante e algumas pessoas revêm-se muito nisto, é diferente interessar-se por estas questões, ser queer ou não ser queer, ser feminista ou não ser feminista, interessar-se por estas questões de género...*

Porque eu acho que as suas perguntas, isto em termos pessoais, as suas perguntas... não sei como é que as outras pessoas, os outros tipos viveram isso, mas eu achei engraçado até quase do ponto de vista não digo terapêutico, mas é

um momento importante, é assim mas porque é que você, como é que você chegou aqui, quer dizer donde é que isto vem... pra mim foi um momento muito interessante muito emocionalmente interessante...

Obrigado.

... não, foi foi foi, porque as coisas, quer dizer a gente vai fazendo, a gente vai andando, todos os dias vai andando todos os dias um bocadinho e vai não sei quê, e de repente agora pára assim "como é que chega aqui, o que é que tá aqui a fazer" não é, e de facto que, pronto na altura resulta de uma série de factores e de facto a pessoa começa a pôr a infância, mais isto, mais aquilo, depois conheceu não sei quem, depois na escola conheceu este, e depois foi para a faculdade e conheceu aquele e como é que de repente isto tudo se articula, podia ter passado por aquelas pessoas todas e, sei lá, pessoas que eu conheci que conheceram [texto omitido intencionalmente], "epá essa chata dessa mulher, não tenho paciência para essa mulher" e pronto, "é isto mesmo que eu andava à procura, é esta pessoa que eu queria", momentos marcantes, agora eu não sei se com as outras pessoas aconteceu isso, ou seja, se têm noção de ao fazer essa história, quer dizer a gente vai lá não é lá muito ao fundo, muito ao fundo mas tem que ir um bocadinho lá à procura dos primórdios, interpelando as tais variáveis pessoais, familiares mas também as oportunidades e também perceber que também não foram acidentes, ou seja a gente vai escolhendo os nossos parceiros, a gente vai-se escolhendo as áreas de conforto, pronto podia ter feito outras coisas, podia ter passado por outros sítios, pelos mesmos sítios e aquilo não me ter marcado, e aconteceu-me muito isso, noutras organizações ou outras pessoas e que de facto se calhar até já as esqueci e portanto em conhecer pessoas que pensam de uma forma parecida connosco para mim foi uma coisa fantástica sobretudo até pra reforçar esta ideia "não sou tão anormal quanto isso", quer dizer há pessoas, há homens e mulheres que pensam o mesmo que eu e pronto, o debate estende-se para além de fronteiras, e há outras pessoas e portanto o facto da pessoa estar à vontade e tar a conversar com elas e não tar contido ou não ter que estar, ou tar desconfortável naquele ouvir aquelas conversas de chacha, de facto nós vamo-nos agregando à procura daquilo que pra nós é mais agradável e é mais simpático. Mas eu essa parte achei piada, mas tá a ver, eu acho que é assim quase como se fosse um micro-exemplo de uma coisa que se pode ter, muito a nível intelectualizado, muito contido mas que mesmo assim, pronto este é um espaço, nem sequer se pode dizer que é um espaço de partilha porque o Daniel não diz nada, mas eu acho que é um exemplo de como é que isto portanto dá origem a um trabalho interno.

*Eu podia ter partido de questões muito teóricas, aquelas questões muito concretas e podia ter feito as questões, mas eu achei importante também dar a voz de certa forma porque eu acho que isso é que é importante, eu acho que pronto, eu vim de Psicologia clínica que era tudo psicanalítico, falar de género, falar de orientação*

*sexual, todas estas questões que nós falamos, isso quando se fala, fala-se mal, e fala-se mal porque há muito pouca informação concreta mesmo e depois são assim uns estereótipos e depois são assim umas... posso partilhar este exemplo, este é sobre orientação sexual, de género tenho muitos mas este marcou-me mesmo, que era uma professora no 4º ano, o 4º ano é o primeiro ano de especialização, e então era uma daquelas grandes cadeiras e em que numa semana nós falámos sobre perversões e depois isto tem uma lógica interna falámos sobre homossexualidade, essa é uma lógica interna...*

Sim, sim, sim, mas... é uma anormalidade.

*Pois, é uma perversão para algumas pessoas. E então ela teve um discurso muito de que não era uma perversão, de que essa ideia de que os homossexuais masculinos não era porque tinham falta da mãe ou falta do pai, enfim aquelas questões muito psicanalíticas ela rebateu-as todas. Duas semanas depois, nós voltámos a falar de homossexualidade devido à frequência, a mesma pessoa no mesmo contexto, apenas duas semanas depois, o discurso foi completamente diferente, ou seja a homossexualidade é uma perversão, as lésbicas é porque tinham falta do pai, enfim, todo esse discurso...*

Sim, o discurso clássico.

*E até mesmo quando houve uma colega que disse "ah pois, mas eu vi duas lésbicas na televisão e eram jovens e até eram bastante femininas", "ah mas isso é invenção dos media e não sei que mais, os media deturpam e não sei que mais", quando nós sabemos que os media deturpam mas é em função da normatividade, ou seja, só gostam de entrevistar aquelas pessoas que são mais out there, que são mais diferentes por assim dizer, não é que haja nada de mal, mas é muito uma mensagem, é uma ideologia por assim dizer, eu vejo as coisas muito assim. Ou seja, isto ainda continua muito e no ISPA ainda se fala muito destas coisas, eu falo do ISPA porque é o conhecimento que eu tenho, sou aluno de lá, mas também acredito que [texto omitido intencionalmente] e não sei que mais, também tenho conhecimento disso que existe em todos os sítios. Por isso eu acho que era muito importante, eu acho que às vezes o feminismo, isto são incertezas que eu tenho porque é assim, em última análise é o meu trabalho, mas será que estas narrativas são importantes, será que faz sentido? Em última análise eu acho que sim porque...*

Pra si o intelectual era engraçado, pronto agora eu acho, isto agora acho que tem a ver com construções de ordem mais epistemológica do seu trabalho, ou seja, como se eu, eu e você ou outra pessoa, só tivéssemos nós investigadores ou nós estudiosos, pronto que aquilo era muito simples, porque é que se orienta essa linha, ah porque eu acho que a linha X é muito boa e ta-ta-ta, se nunca me perguntar porque é que você quer, como se aquilo obedecesse a uma escolha racional e que eu tenho ali um pacote de hipóteses e como se eu pessoa não

tivesse lá dentro, e tá lá dentro, quer dizer pronto daquilo que partilhei consigo, quer dizer se calhar se tivesse nascido ao mesmo tempo que os meus irmãos e se tivesse tido uma forma, pronto se não tivesse tanta diferença deles, se não tivesse uma irmã muito mais velha, a minha mãe ela própria mais velha, se não tivesse este conjunto de situações se calhar era diferente, e portanto e isto conta e eu acho que os investigadores não, quer dizer esta coisa positivista, da objectividade, da não sei quê, quer dizer isto é tudo uma grande treta, e portanto penso que é da sua parte há um posicionamento de ordem epistemológica nesse sentido quer dizer isto o indivíduo isto não são só ideias, portanto há... agora podem até muitas vezes há é depois estas até contradições...

*Ah sim, sim.*

... que é uma coisa que é a parte que mais choca do discurso oficial e que depois a seguir pronto, por exemplo essa senhora ser lésbica por exemplo, não me admira nada, não me admira nada, e essa onda sei lá, pedopsiquiatria em Portugal ainda não saiu daquele maldito buraco onde se enfiou com a maldita da psicanálise e com um bocadinho da grupanálise, não saem dali com o Cortesão e com o não sei quantos dos Santos, epá e que têm um peso neste país de relatórios, de coisas de tribunais e de não sei quê e aparecem aí nas televisões a dizer umas coisas e não saem daquilo e depois os ortodoxos da psicanálise ainda continuam a ser aos montes, quer dizer, e aquilo é um prêt-à-porter que é um discurso que aquilo vai tudo em redondo em relação a não sei quê, se é fálico se é líquido se é áspero se é escuro se é não sei quê, é que aquilo podia ser em termos de estratégia interpretativa e simultaneamente terapêutica acho que a psicanálise tem um imenso potencial mas simultaneamente aquilo enreda-se por uma coisa autista e depois aquilo é perigosíssimo. Porque eu ainda tive assim dois contactos com tipos mais desses dos ortodoxos, aquilo não deu em nada, aliás houve um que eu fui só uma vez, e ele disse logo "quatro vezes ta-ta-ta", "eu não posso, nem pense". E que portanto depois tive seis anos com uma fulana mas que ela dizia "sou muito da linha americana, muito não sei quê, e muito interventiva no real", pá quer dizer e a gente encontrava-se na rua e falava-se e ela dizia-me onde é que tinha ido ontem e a dizer "ah eu tenho lá um livro eu trago-lho", pronto não havia cá aquela coisa daquele ser horroroso, havia um horrível, aquele homem era cinzento, com um cachimbo, com aquele sofá, não sentia nada, não via nada, não coisa, "quatro vezes", "com esse ar que tu tens, nem penses", quer dizer e aquilo era sempre a mesma conversa e eu fui logo "daqui não vou levar nada, quer dizer, eu não quero nada com este homem". E triste, um homem triste, triste, triste, uma coisa pavorosa. [Informação retirada] Os tipos do [inteligível] de facto são aqueles que são capazes de puxar pela, da manga e tirar de lá uma carta diferente mas que não seja o maldito do Freud do século XIX que de facto o homem sabia lá o que é que é o século XXI.

*Pois, ainda por cima porque Freud nem tem estas coisas dos movimentos sociais, das mulheres e destas coisas todas, ele não sabe o que é que nós somos. Mas e*

*contudo ainda se utiliza tudo, o que eu acho que é um...*

Mas tem potencial não acha? A psicanálise enquanto método terapêutico e até interpretativo do mundo tem potencial... há coisas que me fazem sentido.

*Sim, eu acho que sim, eu acho é que as noções não estão avançadas.*

Claro, porque esta coisa do conversar, aliás eu dei isso em antropolgia que esta coisa da fala e do elaborar a partir da fala, de facto aquilo é tão evidente que de facto aquilo é tão simples, não é simples, partilha com outras metodologias até com tribos, com coisas mais ancestrais, tem a ver um bocado com o reviver as coisas, com o reconstruir, com o olhar para dentro e não sei quê, de facto não tenho dúvidas que aquilo funciona. Agora não pode é ser do género...

*Também não sei até que ponto é que não é muito baseado em algumas coisas, lá tá, sexistas e essas coisas assim, as mulheres o que é que... não sei, acho que tinha de se actualizar.*

Pois, essas coisas da Elektra...

*Sim, o complexo de Édipo não está comprovado não é, mas pronto...*

Não, e era aquela que não sei se era aquilo, aquelas feministas dos anos 70 a dizer "eu não tenho inveja do pénis, a gente tem inveja é daquilo que o pénis dá direito" [risos]. De facto é, quer dizer... de facto um pénis dá imenso jeito, apesar de tudo socialmente dá e a questão é... pronto, enfim, bem...

Obrigado.



**Gonçalo (Participante 6)**

**Entrevistas 1 e 2**

**13 de Março de 2008**

**± 60 mins**

*Nesta primeira entrevista o que eu gostaria de saber quais foram as influências que levaram a que se tornasse feminista, o que levou a que passasse de uma posição não feminista para uma posição feminista?*

Eu não sei se alguma vez tive alguma posição não feminista...

*Mais no sentido...*

Não formal? No sentido, ah, como é que isso se foi formando... sei lá, olhe, eu acho que a influência, isto acho que é condicionante, a influência das mulheres da minha vida numa fase inicial é mais forte, é mais determinante para mim. Sei lá, não sei se isto é importante, isto é quase mais psicanálise do que outra coisa, mas o meu pai teve vários anos na guerra colonial quando eu era pequeno, pai até aos meus cinco, seis anos, e portanto talvez a influência da minha mãe fosse mais determinante. Por outro lado, quer da parte dos meus avós paternos quer da parte dos meus avós maternos houve esse, eu não sei se lhe poderia chamar matriarcado, mas pelo menos a minha relação com as minhas avós era mais próxima e eu sentia-me mais influenciado por elas. Depois na escola por várias razões, nomeadamente as áreas que eu fui escolhendo, sempre tive mais colegas raparigas do que rapazes, até pelo menos ao mestrado, claramente sempre tive... por acaso ia dizer uma asneira, que tive mais amigas raparigas do que rapazes não é verdade, sempre foi relativamente equilibrado. Depois mais tarde e dizia-lhe isso no mail e aí sim já de uma forma mais elaborada, mais formal, já tem a ver com a consciência de análise política, a questão do feminismo tornou-se-me uma das questões fundamentais. Agora eu não sei se lhe posso chamar feminismo, essa é que a questão, isto é um bocado um lugar comum, mas eu não tenho uma visão do feminismo, a forma como eu me considero feminismo recusa um certo tipo de feminismo que eu considero militante no sentido redutor, porque eu acho que também sou militante, ou seja, eu acho que tudo o que seja feito no sentido de assegurar uma participação equilibrada entre homens e mulheres em todas as dimensões da vida social isso é meritório e conta sempre com o meu empenho e com a minha participação, com a minha militância até, se quiser. Não tenho uma visão muito positiva de movimentos que acham que, quer dizer em relação à questão de género como em relação a outras questões de minorias, que achem que agora se deve, como é que eu direi, dar lugar, ou dar mais lugar para ser mais prosaico, a mais mulheres para compensar o tempo em que as mulheres eram minoritárias. Eu acho que se deve proceder o acesso das mulheres ou de outras minorias mas particularmente das mulheres, por razões óbvias, porque é, nem sequer são uma minoria, são uma maioria não é, acho que se deve por uma questão de equilíbrio, porque acho que a sociedade só tem a ganhar com isso.

Mas não acho que se deva agora compensar as mulheres como um todo, porque quer dizer eu não acredito nessa coisa das mulheres como um todo, não sei bem o que é que é isso, percebe, não consigo pensar a sociedade como as mulheres contra os homens ou que haja espaços só para as mulheres ou espaços só para os homens, isso já me faz um bocado de confusão. Eu sou mesmo o mais possível a favor de espaços comuns, para homens e para mulheres, tá a perceber, percebe a diferença, isto faz-lhe sentido, não sei...

*Se me explicar...*

[risos]Vou-lhe dar um exemplo, eu sou a favor da famosa lei das quotas que agora foi alargada a todos os partidos, não é, e em todas as eleições, não por uma questão de justiça para as mulheres, porque eu acho que a injustiça era para a sociedade como um todo, ou seja, a sociedade é que é mais desequilibrada se não tiver no parlamento, as autarquias, a representação no parlamento europeu, equilibrado entre homens e mulheres, que seja um reflexo o mais aproximado possível do que é a sociedade em geral, e nesse sentido eu acho que as mulheres aí fazem falta e de facto notava-se um desequilíbrio nos temas abordados e na forma como eram abordados nestes locais de representação e de exercício do poder político. E portanto acho que é positivo que se tenha feito essa alteração sem sombra de dúvida, aliás modéstia à parte acho que contribuí, pouco talvez, mas uma parte certamente acho que contribuí para isso, não só quando saí do parlamento, dentro do próprio partido, acho que sempre fiz esse caminho e sempre tive do lado dos que defendiam esse caminho, independentemente de serem homens ou mulheres. Depois, isto agora pode aparecer um bocado contraditório, mas eu acho que não é, por causa deste desequilíbrio que tem séculos, não é, ou milénios até, eu acho que faz falta uma certa femininização de toda a actividade social, mas é por causa deste círculo que abriu, não é por mérito digamos exclusivo de uma visão feminina ou feminista se quiser, não é a mesma coisa, da sociedade, é preciso o contributo dos homens e das mulheres, e de facto há diferenças vistas como um todo, aí sim, na participação dos homens e das mulheres, ou pelo menos eu acho que vê-se que as mulheres começaram a participar mais, nomeadamente em Portugal mas não só na vida política de forma mais formal se quiser, nota-se algumas alterações, notam-se algumas abordagens quer na forma como os assuntos são abordados, quer na própria natureza dos assuntos, nomeadamente e isto também talvez seja um lugar comum, mas as coisas são o que são e para deixarem de ser talvez tenha de se passar primeiro por aqui, nomeadamente uma atenção um pouco diferente a questões que habitualmente são sempre da responsabilidade das mulheres, como por exemplo o cuidado com as crianças, com os idosos, os chamados assuntos ditos especiais e protecção social, e no seu todo tem que a sociedade estar mais atenta a isso e encara-os de uma forma diferente, ser mais pragmática, porque tem a ver com o facto de habitualmente essas tarefas ficarem mais a cargo das mulheres, portanto independentemente [inteligível] ficarem mais a cargo das mulheres ou não, mas certamente que não vão ficar, cada vez ficarão menos, ficarão também mais a

cargo dos homens, e lá está, tender-se-á a caminhar para esse equilíbrio muito porque há mais mulheres hoje na vida política, e isso sim gosto, que a vida política política é a vida social, acho claramente, mas tá a ver, eu tenho uma visão realmente muito pragmática disto, é um pouco... vou-lhe dar um exemplo absurdo, se num determinado grupo, no seu ou no meu grupo de amigos, ninguém jogar raguêbi, nunca se vai falar de jogar raguêbi, quer dizer, ou ninguém tem interesse por raguêbi, a partir do momento em que alguém do grupo ou que chega alguém ao grupo que joga raguêbi certamente que se começará a falar de raguêbi e a haver algum interesse por raguêbi e eventualmente, necessariamente terá que se arranjar mais espaço para falar de raguêbi ou até eventualmente para falar de raguêbi, ainda que todos considerem que é muito importante jogar raguêbi, mas isso é diferente porque nenhum homem deixa de considerar importante tomar conta das crianças, tomar conta dos mais velhos, as tarefas domésticas da casa etc etc etc. Na sua maioria os homens nunca pensaram nisto desta forma, como sendo uma questão de todos e que é importante para a sociedade no seu todo, e portanto eles também devem ter a sua quota parte de responsabilidade. Eu acho que isto não explica tudo e certamente que explica muita coisa mas eu costumo dar o exemplo do resultado e do empenhamento do último referendo ao aborto, ou seja, eu acho que muito do caminho que se fez ao longo destes dez anos, quase dez anos, tem a ver também com uma participação mais ampla e mais visível das mulheres na sociedade portuguesa e esse assunto deixa de ser visto apenas como um assunto das mulheres, pró mal e pró bem, porque eu acho que um dos erros da forma como se encarou o primeiro referendo era, quer do lado do sim quer do lado do não, muitas pessoas diziam que isto era um assunto só de mulheres, do lado do sim que diziam que os homens não tinham nada que se meter nisto, 'a mulher é que deve decidir se tem ou não direito a fazer um aborto', e por outro lado os outros diziam 'isto é um assunto só de mulheres, isso diz lá respeito a elas'. Portanto, eu acho que esse caminho tem muito a ver com isso, tem a ver com uma certa maior maturidade da nossa sociedade ser capaz de encarar as coisas de uma outra forma, a sociedade também evoluiu sobretudo, mas acho que também evoluiu por causa disso, porque hoje é mais natural haver mais mulheres não só na vida política mas também nas empresas, nas áreas que são claríssimas, que é a área da justiça e a área do jornalismo, porque acho que são as duas áreas onde isso é mais claro, de haver mais mulheres juízes, mais mulheres advogadas mais conhecidas, magistradas, pivots de telejornais, directoras de jornais, claramente são duas áreas, ou a medicina também, o ensino superior no seu todo, enfim, há várias áreas onde isso se nota que eram áreas mais masculinas e portanto isto tudo estou a falar consigo para lhe explicar como é que eu vejo o feminismo, neste sentido eu acho de facto que faz falta a visão das mulheres, ainda faz falta porque acho que ainda não atingimos o ponto de equilíbrio, e quando atingirmos não podemos deixar de dizer que faz falta, porque continua a fazer falta sempre. E nesse ponto de vista, para concluir, acho que formalmente e substancialmente de facto a participação das mulheres faz diferença.

*E essa visão do feminismo, essa visão da emancipação das mulheres, tem a ver com a influência das mulheres na sua própria vida, pode-se explicar assim? Da sua mãe e das suas avós como já disse?*

Sim, e depois das professoras e depois porque eu também trabalhei mais com mulheres, olhe não lhe sei explicar porquê, acho que a determinada altura foi uma consciência não tar a trabalhar com mulheres mas trabalhar com grupos mais equilibrados, porque achava que isso funcionava melhor, quando podia como dirigente político escolhi sempre grupos equilibrados e sempre que tinha hipótese dava lugares a mulheres mas não dava por serem mulheres dava porque havia menos e havia que equilibrar as coisas e às vezes fico até contente quando vejo algumas que eu acho que chamei, que apelei à participação delas e cultivei e que hoje estão, independentemente de estarem mais ou menos ligadas à actividade política têm de facto, acho que que foi importante terem tido aquela experiência daquela forma e hoje têm de facto uma capacidade de liderança se quiser que eu acho que isso foi importante. Depois fui trabalhando, olhe aqui estou a trabalhar com [texto omitido intencionalmente], quer dizer, eu já era amigo [texto omitido intencionalmente] quando ela me convidou para vir praqui, mas eu acho que não é por acaso percebe, antes disso estive a trabalhar como adjunto como presidente da [texto omitido intencionalmente], no parlamento fui para a Comissão de Paridade e Igualdade de Oportunidades, [inteligível] que não tem um único homem, e como deve contactar era logo alvo daquelas bocas, o mulherio, as galinhas e tal, provavelmente era maricas, aquelas coisas habituais, e não foi só por causa disso, mas há bocado, quando eu não respondi aquela questão da orientação sexual, uma das razões, eu não sei se você viu o filme ou se conhece um filme que eu acho muito interessante e costumo mostrar, já dei formação em cidadania numa vertente de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, um curso que agora tá parado, mas [texto omitido intencionalmente] e outros deram esse curso, e havia um filme que eu mostrava sempre que eu gosto muito, tem uma meia dúzia de anos talvez, em português tem um título daqueles parvos que é 'O Jogo do Poder', mas em inglês é 'The Contender' e no fundo aquilo conta a história de uma mulher que de repente o vice-presidente dos Estados Unidos morre e é preciso, as regras constitucionais dizem o que dizem é que é preciso escolher de entre os senadores, o presidente tem o direito a escolher entre os senadores e a propôr ao senado ou ao congresso alguém desses para o substituir, e ele escolhe uma mulher, nós acompanhamos todo o processo, e toda a história na altura ela é muito atacada porque encontram um filme que alegadamente seria com ela em que ela é vista numa orgia no meio da universidade e portanto usam esse filme, no contexto da política americana, usam esse filme para a tentar bater como candidata a vice-presidente, e ela recusa-se sempre a dizer se era ela ou não que estava no filme, com o argumento de que se fosse um homem nunca lhe colocariam a questão se eles estavam ou não numa orgia nessa universidade, portanto ela diz que não tem de dizer se é verdade se é mentira, porque isso implicava à partida ter uma visão sexista, e ela recusa, é altamente prejudicada, pois claro conhecendo os filmes americanos acaba por

correr bem e ela no final acaba por contar ao presidente que não era ela que lá estava, bem mas isto ela tem imensos problemas, com o marido e com o ex-marido, com o pai, aquilo tá muito bem feito a esse nível, o argumento aliás foi candidato a uma série de óscares, pode-se colocar esta questão aos formandos, de obrigá-los a ver um pouco a coisa, de facto se fosse um homem esta questão nunca era discutida, o que é que interessava o que ele fez no período da universidade, e eu acho que a questão da orientação sexual, presumo até que isso lhe interesse mas eu acho que isto também é um pouco, se quiser, não sei como é que isto se vai traduzir, mas é um statement em parte, eu acho que se dissesse que era bissexual ou que era homossexual ou que era heterossexual, estaria a dizer que a minha orientação sexual pode condicionar o facto de eu ser mais pró-feminista e acho que não faz sentido isso. Eu conheço homossexuais que são do mais misógenos que se pode imaginar e conheço heterossexuais que são do mais, pá, abertos e até empenhados e portanto acho sinceramente que isso não faz sentido, ok, percebo e respeito que você tenha posto aquilo ali, tem todo o direito, mas como me põe a hipótese de eu não responder, eu acho que prefiro não responder, até porque se tivesse de ser honesto, muito honesto, o que poria ali é que era bissexual, para ser honesto consigo acho que devia mesmo pôr isto, mas eu acho que isso, não percebe, não tem nada absolutamente a ver. E portanto, se depois você vai usar aquilo para estatísticas eu prefiro que fique lá na estatística que eu não respondi [risos]. Ah, e tava a dizer porque é que, pronto, fazendo um bocado psicanálise ou continuando a fazer, a determinada altura é claro que isto tem a ver com a influência das pessoas com que fui familiarmente, os amigos e depois os professores ou as professoras, etc., mas eu sentia-me, digamos, eu acho que sempre tive desde muito novo uma tendência, não é por acaso que sou de esquerda certamente, a formação que eu tive é uma formação que mistura muito valores de esquerda tradicionais com formação católica, os meus pais sempre foram muito ligados à união entre pessoas católicas progressistas, o meu pai teve na guerra, digamos a constestação dele depois ao regime teve muito a ver com esse tipo de visão e portanto a formação que eu tive foi católica, mesmo dentro da igreja católica sempre muito progressista, e continuo a ser católico apesar de achar que me devia empenhar mais, muito ligado a um movimento Nós somos Igreja que defende a participação das mulheres de uma forma mais formal, nomeadamente as mulheres a poderem ser sacerdotes, ou os padres a poderem casar-se, e portanto, o uso do preservativo, enfim uma série de coisas que hoje pela hierarquia católica se considera pelo menos até quase pecado, e depois isto obviamente foi-se racionalizando, se quiser, eu hoje acho é que é mau para a sociedade haver uma participação menor das mulheres, em todas as áreas da sociedade, portanto acho interessante que [texto omitido intencionalmente] faça questão que aqui no gabinete sejam metade homens e metade mulheres, acho bem [risos], acho que deve ser assim, e isso acho que até deve ser, se quiser, por isso é que eu acho bem esta solução das quotas a que se chegou, também não acho, já no início lhe disse, que de repente se deva 'agora vamos dar com mais dinheiros para compensar isto' que isso ia dar uma resultado desatroso se quer que lhe diga, tenho muitas dúvidas se deva fazer isso nas

profissões, há quem defenda isso, hoje curiosamente muitos dos que sempre foram contra as quotas para as mulheres hoje acham 'ah, a maior parte dos juizes são mulheres e dos médicos e no ensino superior e tal, se calhar os miúdos coitados dos rapazes, as hormonas não sei quê e tal, têm piores notas", acho isto de uma palermice completa, não acho nada que de repente se deva tar... agora acho que se deve dar oportunidades a todos, como acho com outras minorias, quer dizer acho que ninguém deve ser prejudicado por ser minoria e acho que todas as instâncias sociais devem ser um espelho da sociedade, o Clinton quando tomou posse disse uma frase muito interessante que é 'eu quero ter um governo que se pareça com a América', e eu acho que isto faz sentido, é uma pena que, eu sou muito crítico em relação a isso, acho que o actual governo não se parece com Portugal, e acho que nomeadamente na questão de género o PS fez muitos esforço a outros níveis, internos e externos, não acredito que não haja mulheres que sejam pelo menos tão boas como muitos ministros que lá estão e do Secretário do Estado, que é péssimo, um governo que a nível de mulheres é péssimo. O fim de semana passado fizeram uma grande reportagem no Expresso com a Secretária de Estado Ana Paula Vitorino, tem escolhido voluntariamente e assumiu isso quase como um programa, mais mulheres para dirigirem as várias instâncias públicas ligadas à área dos transportes que é a área dela, e tem procurado... quer dizer, eu acho isto interessante, acho um bocado voluntarista, mas eu como ser político sou um bocado voluntarista percebe, o meu voluntarismo, aí eu compreendo e não combato, mas acho que se tem que ter um bocado de cuidado para não se cair no oposto, agora é verdade, eu concordo, era um dos argumentos que eu utilizava para defender a lei das quotas, concordo que as mulheres estúpidas e burras têm tanto direito a entrar como durante muitos anos entraram uma carrada de homens estúpidos e burros, eu preferia que entrassem as mulheres mais inteligentes e mais aptas, como prefiro que até os homens mais inteligentes, agora o sistema é que tar feito para isso, não tem que tar feito para escolher por ser homem ou por ser mulher, por isso é que eu acho que não é entrarem mais mulheres, é a escolha, o resultado final ser mais equilibrado, e nesse caso que é a primeira diferença essencial quando se nasce, em princípio, nasce-se homem ou mulher, não é, e portanto essa é logo a primeira diferença, e se as instâncias não reflectem isso não é de certeza bom, só pode ser mau, e portanto acho que se deve fazer tudo, volto a dizer o que disse no início, para que isso aconteça. Nunca fui militante de nada, aquele site nunca tinha ouvido falar daquilo e depois abri porque achei interessante, para eventualmente poder colaborar nàquele blog, mas sempre com este ponto de vista, não é ser moderado por ser moderado, é porque eu acho que faz sentido a questão da moderação faz sentido neste ponto de vista de equilíbrio que eu lhe falo desde o início, caminharmos para algo mais equilibrado. Olhe, não combato também as mulheres ou os homens eventualmente que defendem o feminismo mais clássico ou tradicional, quer dizer, acho que tem de haver, combato no sentido dos argumentos, não acho que devam proibir, que esses argumentos devam ser escoraçados ou colocados fora do debate público, não gosto nada disso, agora não é digamos a linha de feminismo que eu defendo, para o equilíbrio da

sociedade.

*Disse que não acredita nas mulheres como um todo, qual é a ideia por detrás desta afirmação?*

Não acredito num mundo visto como as mulheres num lado as mulheres no outro, não, uma ideia abstracta de 'as mulheres não me faz sentido nenhum, não consigo, não consigo pensar nas mulheres desligadas dos homens, tá a perceber, acho normal que as mulheres tenham clubes só delas, e há coisas que eu gosto de fazer só com os meus amigos homens, não tenho nada contra percebe, como há coisas que eu acho que só faz sentido fazer com grupos mistos, e há coisas que nem vale a pena pensar, é como acontecem, quer dizer, tudo bem, agora pensar em abstract, 'as mulheres', as mulheres no mundo separadas no mundo separadas dos homens não me faz muito sentido percebe, não faz sentido. E digamos que eu estaria do outro lado a combater alguém que defendesse isso tá a perceber, acho que isso é segregação, o mundo é plural, é múltiplo, é complexo, eu acho que isso seria uma tentativa de simplificar o que não é simplificável e era mais pobre, acho que ficaríamos todos a perder com uma visão dessas, porque nesse sentido eu estaria do outro lado claramente.

*E pode dar algum exemplo, quando disse que há coisas que gostaria de fazer mais com homens, outras com mulheres?*

Vou-lhe dar um exemplo que é do mais misógeno que se pode dar [risos], mas eu acho que faz sentido. Eu acho graça se quiser, quando se fazem as despedidas de solteiro, por acaso no meu grupo de amigos há uma coisa estranhíssima, há uma despedida de solteiro para todos e depois há uma despedida de solteiro só para os homens e outra só para as mulheres, isto é muito engraçado porque depois no meu grupo de amigos há mulheres e homens que são homossexuais e portanto bissexuais e portanto não quer dizer que eles não vão mas aquilo acaba sempre por ser divertido e ridículo ao mesmo tempo, quer dizer, a gente não leva aquilo muito a sério. E portanto eu não acho grave, isso pode lhe parecer misógeno mas eu assumo isso perfeitamente, muitas vezes nós vamos a clubes de striptease e não sei quê, como eu sei que as mulheres também vão, portanto não tenho nada contra e não vejo nada aquela coisa, que aquelas mulheres que ali estão, epá enfim, para ser honesto se calhar eu acho que não vamos a qualquer clube de striptease, não sei se se pode pôr uma garantia num clube de striptease e noutros não se pode, mas eu acho quer dizer, não me parece que as mulheres, que nós saibamos, que estão ali sejam mulheres digamos exploradas, no sentido de que estão ali obrigadas, antes pelo contrário, é claro que se corre sempre o risco de estarmos enganados, mas isso corremos... agora, não acho que seja grave percebe, não acho que isso... faz mais sentido se a posição de nós todos termos ali é de estarmos a divertir-nos, porque no fundo é isso e a fruir da presença de mulheres que estão ali quase exclusivamente para nos fazerem divertir e é um acto se quiser de transgressão mas é uma transgressão que é

mutuamente aceite, ou seja, nós estamos ali e nós sabemos que as mulheres também vão a um clube de strip masculino na despedida de solteira percebe e que nós temos um esquema comum que acabamos todos na discoteca ou noutro lado qualquer, um jantar uma coisa qualquer, portanto também é a despedida de todos aqueles dois que se vão casar. Isto é só para lhe dar um exemplo, não sei, também não consigo dar muito mais, quando estamos a falar de mulheres, há momentos em que eu sinto-me bem a estar só com homens, pronto, não quer dizer que não goste também de estar com homens e mulheres a falar só de mulheres mas de facto há momentos em que acho que isso faz sentido ser assim. Isto não tem que ser também procurado, eu acho que isto acontece muito espontaneamente, eventualmente pode nunca acontecer, mas se uma das minhas amigas lésbicas dissesse que queria ir, bem isso seria estranho [risos] não quer dizer que não pudesse acontecer, mas seria estranho, provavelmente teríamos que pensar sobre o assunto [risos] não sei mas era engraçado talvez, nunca pensei isso. Não quer dizer que eu não seja capaz de falar de mulheres com amigas minhas lésbicas, sou, e até é divertido os pontos de vista às vezes diferentes às vezes coincidentes, acho que isto acontece um bocado espontaneamente nem acho grave, eu não acho grave haver revistas como a Playboy e como as portuguesas FMH e não sei quê, quer dizer não acho nada que aquilo seja a mulher objecto como não acho mal que haja para mulheres, ou de mulheres para mulheres ou de homens para homens, não acho isso, acho que há coisas bem mais graves, verdadeiramente graves a sério, que provocam desequilíbrios, não acho, por exemplo acho que combater isso é, porquê, porque é que não se há-de ter um prazer estético no corpo, quer dizer qual é o problema, isso pessoalmente não acho que é das coisas que me torna mais militante, já a exploração ou o tráfico das mulheres ou de homens, isso é uma coisa verdadeiramente indocumentável, mas pra mim são coisas distintas, que não são sequer comparáveis, podem confluir claro mas não é a mesma coisa.

*Alguma vez, no seu grupo de amigos homens, sentiu alguma dificuldade em dizer que era feminista, que...*

Já, claro, montes de vezes [risos], a maior parte dos meus amigos, mesmo dentro da política, mesmo dentro do Partido Socialista, hoje não porque, digamos, fazem-no um pouco mais veladamente, claramente a questão das quotas dentro do PS foi questão de vontade de uma elite e por acaso essa elite coincidiu com a vontade de três secretários gerais, o primeiro foi o António Guterres, enfim, não quero ser injusto para os outros antecedentes que fizeram algum caminho, mas claramente com o António Guterres a história das quotas dentro do partido foi levada a sério e depois a lei foi levada ao Parlamento e depois continuou com o Ferro Rodrigues e claramente o Sócrates teve os meios e a vontade, pena não ter feito o mesmo no governo, agora a maior parte dos meus amigos dentro do PS, não vale a pena esconder isso, e até algumas mulheres como sabe por alguma vergonha, acham um disparate, que isso é muita coisa, 'tás a ver, não sei quê, agora tens lá aquela gaja, é uma parva não percebe nada disso', o argumento é



sempre o mesmo, 'então e quantos parvos é que tu não andaste a aturar estes anos todos?' [risos], mudem um bocado as caras e tal, isto para lhe dar um exemplo relativamente às quotas, e noutras questões claro, às vezes é mesmo de parvo, ou por correcção política ou porque as pessoas também já estão um bocado mais maduras, já ninguém fala muito a sério, claro que durante muito tempo, 'ah e tal [texto omitido intencionalmente] e tal tá sempre ali a defender as gajas', é sempre aquela conversa e pronto, e até muitas vezes se quer que lhe diga o facto de eu trabalhar mais com mulheres, de um lado e de outro, às vezes isso criava alguma desconfiança, ou seja, parece que isto usava aquilo como um instrumento, mesmo na escola, 'ah então [texto omitido intencionalmente] e tal e tal mais próximo das gajas e tal', isso era apontado claro, mas se quer que lhe diga durante algum tempo isso causou-me até alguns complexos, a partir de certa altura, do momento em que há maior racionalidade e que acho que isso tudo me faz sentido, isso hoje em dia já não, como se costuma dizer, já não me tira o sono, antes pelo contrário, também não o uso como uma medalha, por isso é que, quando [texto omitido intencionalmente] me mandou esse detalhe, não sei se posso dizer isto desta forma, agora sendo pragmático e racional, claro que em comparação com a maior parte dos outros homens, defendo muito mais e muito mais vezes o lado das mulheres do que os outros, percentualmente analisando as coisas, claramente os meus rócios são certamente mais do lado dos que escolhem mais e mais vezes, pronto, nesse sentido sou feminista se quiser não é, agora claro que já fui alvo de montes de... hoje menos, mas acho que por esta razão, lá está, porque a sociedade num todo também evoluiu e portanto já não é muito tolerável este tipo de brincadeiras, claro que continua a ver, como a gente continua a contar anedotas de negros e de loiras e de alentejanos, mas isso já é mais racionalizado se quiser, mais matizado, já não tem o estigma que tinha há dez anos atrás, que tínhamos há vinte etc etc., mas sim, continua a existir às vezes.

*E referiu os grupos com que se envolve na política, mas em grupos de conhecidos fora da política, isso também acontece?*

Claro, não é mais nem menos, é igual, acho que é igual. Dentro da política é mais formal e é mais objectivo para questões concretas, quer dizer, é fácil categorizar, 'ah isso é questões das, lá tá ele com as questões do mulherio, as quotas e o aborto e os não sei quê e as creches, repartição, conciliação trabalho família, heh, mas que chatice, lá tá o gajo, mas que chato não sei quê' [risos] na vida diária normal não se fala destas coisas com estes nomes, e estas gavetas percebe, isto são temas lá está faz parte do jargão político, conciliação, aborto, quotas, já se sabe lá vai o gajo puxar da gaveta e meter isto, género, pronto ok, isto depois tem concretizações, sei lá dou o exemplo, mais uma vez é política, tento sempre que as reuniões não sejam feitas à noite ou aos fins-de-semana, porquê, isto formalmente tem a ver com a masculinização da política, nos países nórdicos não se fazem reuniões políticas nem aos fins-de-semana nem à noite, quer dizer não passa na cabeça de ninguém, fazem-se ao fim do dia, durante a semana, as

peessoas saem um bocado mais cedo do trabalho ou antes de jantar, duram muito menos tempo, esta coisa tresloucada que nós temos reuniões políticas que duram eternamente, pra que, o que é que justifica isso, nada, nada, parece-me. Pronto, esta é uma questão. Eu acho que no dia a dia dentro do meu grupo de amigos, sim, acho que sim, acho que há um pouco de... para o bem e para o mal, algum estigma, mas que é um estigma já muito desvanecido se quiser, já não me perturba nem acho que perturbe os outros.

*Tenho duas questões relacionadas com isso, só mesmo para clarificar, aquela ideia que referiu quando este envolvimento com as mulheres seria encarado como um instrumento, este instrumento era em que sentido?*

Olhe, no sentido de algum, acho que meia brincadeira meio a sério, no sentido de obter não diria favores sexuais, mas de obter uma maior proximidade das mulheres, e de ter alguns ganhos com isso, pronto, quando houvesse necessidade 'ah [texto omitido intencionalmente] trata das mulheres, até pode dizer que não lhe apetece cozinhar porque o gajo é do lado das mulheres, mas depois não cozinha e é preguiçoso em casa e tal mas como diz que é do lado das mulheres e tal', pronto coisas deste género percebe, depois têm consequências muito pragmáticas. Depois na política 'ah o gajo e tal tá sempre a referir as mulheres, porque lhe interessa que depois e tal ela também o escolham e o chamem', meio a sério, uns muito a sério outros mais a brincar, mas tive de tudo, tive e tenho, menos, mas como lhe digo ainda acontece.

*Gostava de perceber como reage em situações em que estes valores de que estivémos a falar não são tomados em consideração?*

Se eu acho que isso pode ter consequências graves, e depois isto é obviamente discutível o que é que é grave, e se acho que vale a pena discutir, tomo uma posição, não sei se tomo mais em relação à questão do feminismo do que em relação a outras questões minoritárias, só para lhe dizer que o meu filho é autista e eu não vou proibir as pessoas de fazer anedotas sobre pessoas com deficiência, acho que há contextos para o fazerem não é, como acho que há contextos para fazerem anedotas sobre mulheres, porque também acho que elas podem fazer sobre homens, voltamos ao mesmo tá a perceber, não acho que isso... não tenho uma visão militante, a minha visão é sempre pragmática que depois implica um critério muito casuístico, mas que não deixa de ser o meu critério, às vezes certamente falha, às vezes envolverá alguma cobardia também, alguma correcção política admito que sim, mas eu acho que as pessoas percebem, eu nisso quanto muito não me rio, as pessoas percebem, eu não sou capaz de fingir completamente. Acho, que se quer lhe diga, eu gosto muito de ir a países árabes, mas perturba-me muito por causa da posição das mulheres, e não consigo fingir, já tive algumas coisas algo desagradáveis, porque eu não consigo ficar calado, mas eu também não consigo, em países que têm uma ditadura e ficar calado, ou que sejam maus direitos humanos, às vezes prefiro nem ir, só para lhe dar um

exemplo, eu nunca fui a Cuba, é um preconceito, já tive várias oportunidades, nunca fui, tenho medo, como tenho medo de ir à China, como acho... o exemplo mais prático para mim foi na Tunísia, mas nem sequer é dos piores a tratar das mulheres, mas ao longo das outras noites é que eu me senti muito incomodado e é difícil para mim fingir que não estou incomodado, portanto tento preparar-me ou então evitar essas situações ou então perceber se vale a pena tomar alguma posição, pronto também para tar a embaraçar toda a gente e não fazer nada não acho que valha a pena, fazer só por fazer não acho que valha a pena, nisso sou muito criterioso, mas sim, pronto, às vezes isso embaraça-me e perturba-me e irrita-me e essas coisas todas.

*Tenho uma última questão, no seu discurso nota-se muito a ideia de progressão da sociedade, no sentido de ir para uma sociedade cada vez mais justa.*

Sim, se quiser há um termo para me caracterizar politicamente que eu nunca abandonei, que é ser progressista. O que é que é ser progressista, é como ser católico para mim, quer dizer é uma série de coisas, eu não tenho medo nenhum de dizer que sou socialista, mas faço questão de explicar o que é que isso quer dizer para mim.

*É como o ser feminista?*

É como ser feminista, eu gosto de explicar, que é bom que se perceba, portanto eu não tenho problema nenhum com isso, se me perguntarem eu digo que sou, mas isso pra mim quer dizer disto e isto e isto, pra algumas pessoas, quer os que são quer os que não são isso pode não ser e acho que têm todo o direito, 'ah tu não és', há muitos amigos meus que dizem que eu nem sou de esquerda, tudo bem, 'pá se achas que não, durmo descansado à mesma, isso não me perturba', [risos] percebe, é preciso é eu achar que estou a ser coerente comigo mesmo, mesmo em relação ao feminismo que eu sei que não sou muito coerente, mas tento ser e acho que é importante ser, acho que é importante procurarmos ser coerentes com o que pensamos, com o que fazemos, sem nos, quer dizer, sem nos trucidarmos, eu não sou nada daquele género angustiado 'ai isto que eu fiz é socialista e feminista e católico, não, não é', posso pensar sobre isso, quer dizer, não vivo em permanente angústia por causa disso, acho que isso é uma tolice, pra mim é quem quiser viver assim tudo bem, até porque isso muda, quer dizer já mudei, as minhas posições relativamente a isso já mudaram, já evoluíram muito, já progrediram, mas sim claro que é uma visão progressista da sociedade, do mundo, eu acho que o mundo pode e deve e em geral caminha para uma situação melhor do que era continuamente.

*Gostava de saber se pensa que há a necessidade das pessoas se envolverem politicamente, não necessariamente num sentido partidário, mas num sentido das políticas do dia-a-dia, ou se acredita que existe algum mecanismo na sociedade que vai levar necessariamente a sociedade...*

Não, quer dizer, isto se calhar é um pouco espiritual, ou um bocadinho utópico, de mística, o que quiser, eu acho que o mal se destrói a si próprio, mas também destrói o bem, já o bem se for de facto bem não destrói o bem, ou os diferentes bens, percebe, e portanto acho que sim, acho que apesar de tudo eu acho que a sociedade tem vindo a caminhar progressivamente para um estado melhor, não necessariamente a todos os níveis, a sociedade é plural e complexa etc., mas acho que sim, então nesta questão indiscutivelmente, esta questão até é fácil, acho que indiscutivelmente as mulheres e os homens vivem numa situação mais equilibrada em todo o mundo, mas claro que eu acho que nós temos de ser mais empenhados, quer no sentido pragmático do dia-a-dia, de tomar posições sobre as coisas, nas coisas mais pequenas, nos gestos mais pequenos do quotidiano, mas também na vertente cívica, política, claro, no sentido mais formal digamos da coisa, claro, acho que temos, não é só por ser bom, temos porque senão as coisas custam mais a mudar. E eu sou a favor das quotas justamente por causa disso, porque é um instrumento, se você pode fazer as coisas mais rapidamente os danos que esse forçar de progresso, que esse acelerar do progresso traz, são incomparavelmente menores do que os ganhos que esse mecanismo nos traz, incomparavelmente menores, e portanto numa análise entre os prós e os contras, acho que vale a pena, e portanto sim, acho que vale a pena ser mais empenhadamente feminista, o que é que isso significa já é outra coisa.

*E a última questão era a nível da mudança, cingindo-nos ao género, qual é a sua ideia, baseando-se na sua experiência, relativamente a possíveis contributos dos homens para esta mudança?*

Dos homens ou dos homens feministas? [risos]

*Idealmente de todos os homens mas à partida os homens feministas...*

Primeiro não ter medo de dar visibilidade a estas questões, em termos pragmáticos e em termos de... ou seja, os homens, eu acho que seria muito bom por exemplo que o próximo, gosto muito da Dra. Elza Pais [risos], que fosse o próximo presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, acho que era bom que fosse um homem. Achei interesse, eles por ocasião do ano europeu para a igualdade no qual eu tive muito envolvido, terem trazido para eles as questões da orientação sexual e eu espero que isto não seja visto 'ah lá tão eles com as questões das minoriazinhas', enfim, espero que não e tem-se feito um esforço para que isto não aconteça, e portanto acho isso... tem que ser natural, pronto, os homens primeiro têm que tomar consciência de que é importante, que isto é importante, têm que perceber isso, e eu acho que cada vez mais vão percebendo, não porque é bom para as mulheres mas porque é bom para todos, também para os homens, os homens eventualmente têm que ir percebendo que é bom para todos se a sociedade for mais equilibrada. E depois têm que perder o medo de falar destas questões por causa daquilo que você tava a falar, os seus

amigos, colegas de trabalho, de dizer 'ah e tal, o gajo é maricas', ou 'tá a fazer isto porque quer tar com as gajas', têm que perder isso, não é fácil, porque de facto não é fácil, vale a pena porque há aqui ganhos para todos. Eu acho que sou mais feliz quando à minha volta conseguir construir um mundo mais equilibrado, muitas vezes ainda é um micro-mundo, mas pelo menos no espaço, se todos nós nos nossos espaços pequenos, micro-espacos, trabalho, escolha, casa, formos construindo vivências mais equilibradas, certamente que se dará depois um passo mais geral, é claro que pode-se partir depois para níveis mais macro, prós países, prás empresas, prás organizações sociais, governais, mas isso já é mais formal e se calhar já devia decorrer, muitas vezes começa-se mais por cima, era o que eu lhe dizia à bocado, muitas vezes é preciso ter essa consciência que nós estamos numa determinada posição que podemos forçar a realidade, e se podemos forçar acho que devemos forçar, eu forcei várias vezes e continuo a forçar e não estou arrependido, mesmo sabendo os riscos que corro, às vezes pode-se ter uma reacção negativa, eu acho que às vezes é difícil, as mudanças são sempre complicadas para todos, eu devo dizer que no tempo em que fui casado e ainda hoje mesmo sendo divorciado não é fácil gerir as responsabilidades de pai e mãe relativamente ao meu filho, até às vezes já do outro lado, até às vezes quando a mãe acha que aquilo é do exclusivo domínio de ser mãe também e eu reajo muito mal em relação a isso, que eu acho que não é um exclusivo domínio, há uma relação diferente de um homem que é pai com um filho como se fosse uma filha igualmente, porque é, porque também as pessoas são diferentes de muitas maneiras, essa é muito importante porque é a primeira diferença quando se nasce, é-se homem ou mulher, e portanto não é uma diferença qualquer, é a diferença mais importante, obviamente. E portanto eu acho que não se pode escamotear, não se pode medir, antes pelo contrário, deve-se dar mais visibilidade a isso, agora eu gosto muito mais por alto, quer dizer não gosto de, sabe que às vezes reajo um bocado, tenho vários amigos e amigas que são ou feministas, ou homossexuais militantes ou que trabalham em associações de defesa das minorias étnicas, eu adiro com facilidade e participo nesses movimentos, mas já me custa, já reajo um pouco mal quando vamos a ambientes exclusivos, que são um bocado artificiais, porque o mundo não é assim, as pessoas no mundo não existem em ghettos, existem misturadas, por aí, quer dizer, eu quero é que haja paz para toda a gente e que as ruas sejam livres para toda a gente e os sítios, percebe, quer dizer, mas se as pessoas querem entrar não tenho nada contra, querem tar umas só com as outras, porreiro, é o que eu digo, às vezes também me apetece tar só com os meus amigos homens, como também me apetece ir ver jogos do Sporting, não me importa que vá gente do Benfica, mas não faz muito sentido, tá a perceber, quer dizer, há ali qualquer coisa que não bate certo, se calhar é mais céptica, emocional, não tem nada de mal, é normal, agora eu acho que se a gente quer este mundo mais plural e mais equilibrado, claro que temos que fazer por isso, pois com certeza, então, temos de nos empenhar e não ter medo de dar a cara e isso é uma questão que se verifica nesta questão como em todas as outras, não é, não acho... esta questão será mais importante, porque volto a dizê-lo, porque é a primeira diferença e é aquela que é mais gritante,

quando estamos perante uma situação de desequilíbrio, essa... como aliás todas as leis e todas as organizações têm logo a questão do género à partida. Acho que na nossa prática tentamos ser o menos desequilibrados possível e também lutar para combater esse desequilíbrio em todas as instâncias mais formais ou mais informais.

*Por mim acabava aqui a entrevista, não sei se quer adicionar algo...*

Não, acho que consegui desenvolver um pensamento relativamente à forma como eu vejo esta questão.

**Gonçalo (Participante 6)**

**23 Abril 2008**

**3ª entrevista**

**± 11 mins**

*Na última entrevista disse que, e passo a citar, que "tudo o que seja feito no sentido de assegurar uma participação equilibrada entre homens e mulheres em todas as dimensões da vida social isso é meritório e conta sempre com o meu empenho e com a minha participação, com a minha militância até, se quiser". Falou do aborto, falou das quotas, eu gostaria de saber se tem alguma ligação ao movimento feminista português?*

Quer dizer, o movimento feminista português enquanto estrutura?

*Sim...*

Tenho colaborado quer oficialmente quer informalmente com a CIG, agora é a Comissão para a Igualdade de Género e Cidadania, que curiosamente incorporou após o Ano Europeu e com as alterações estruturais da Administração Pública, incorporou também as questões da orientação sexual, o que eu acho que faz algum sentido. E tenho, quer dizer, colaborado no sentido estrutural, acho que não, quer dizer, já participei em vários eventos, várias campanhas, várias causas, mais formal ou mais informalmente, profissionalmente ou a título individual, politicamente [interrupção], portanto concluindo em termos formais não, quer dizer nunca me inscrevi em nada, mas formalmente ou mais formalmente, tanto em termos profissionais como pessoais, em causas concretas e em eventos concretos sim, já participei várias vezes, nem sei se existe uma coisa que se chame movimento feminista português, é isso? Nem sei isso, se quer que lhe diga.

*É muito diverso, mas existem diversas instituições...*

Ah ok, então nesse sentido sim.

*E como é que revê essa sua experiência, é positiva...?*

Eu acho que foi interessante, acho que até agora tem valido a pena, eu como lhe disse na primeira entrevista acho que tento ser criterioso dentro do possível e também com algum pragmatismo, participo nas causas que acho que contribuem para aquele princípio que lhe estabeleci não é, se acho que é demasiado folclórico ou pouco efectivo não participo ou pelo menos não tenho um empenho tão forte quanto acho que tive nessas outras causas que lhe referi, agora acho que genericamente acho que sim, acho que se tem conseguido caminhar no sentido positivo em vários aspectos, e portanto acho que o movimento feminista tem obviamente o seu mérito.

*Esta entrevista é mais a nível de movimentos, baseando-se na teoria. Eu gostaria de saber relativamente ao movimento LGBT, não sei se sabe o que é a sigla...*

Sei.

*... se tem alguma relação com o movimento, com algumas causas que se defende.*

É assim, mais talvez o ano passado até por razões oficiais e de trabalho com o ano europeu da igualdade de oportunidades para todos, participei em várias coisas, como já lhe disse tenho vários amigos e pessoas próximas, amigos e amigas, que são ou homossexuais ou bissexuais ou que estão envolvidos nessas causas e portanto, além do mais é uma causa que eu também acho que é importante, devo dizer que a encaro de uma forma muito parecida, enfim, não acho que seja tão, se quer que lhe diga não acho que seja tão decisiva porque não estamos a falar de mais de metade da humanidade, quer dizer, estamos a falar de muitas pessoas obviamente mas, portanto isto pode parecer um pouco quantitativo, acho que apesar de tudo acho que a discriminação contra as mulheres é mais importante e tem efeitos mais negativos do que a discriminação contra a orientação sexual, mais negativos quer dizer, os efeitos negativos na sociedade são mais vastos eu acho, têm efeitos mais profundos. E portanto a pergunta era se eu já me tinha envolvido não era...?

*Sim.*

Mas sim, sim, já fui à, às vezes vou à parada gay, ao arraial, já fui uma outra vez, isso já. E portanto sim, acho que é meritório, acho que vale a pena, acho que em Portugal é uma coisa muito pouco visível, acho que no ano passado o movimento LGBT utilizou bem o ano europeu de igualdade de oportunidades, acho que se fizeram umas coisas interessantes com um efeito que importa realçar e saber agora perdurar, acho que sim.

*E o que é pensa da reivindicação das pessoas LGBT, ou das pessoas que integram esse movimento...*

As reivindicações?

*Sim, nomeadamente a ideia da adopção, do casamento...*

Em princípio sou favorável. Já tive algumas dúvidas quanto à adopção mas não tenho nenhuma se quer que lhe diga.

*E o que é que levou a que alterasse a sua ideia?*

Um pouco a maturar sobre, a maturação, análise, discussão, a pouco e pouco fui pensando um pouco. Se quer que lhe diga, mais uma vez os motivos mais



pragmáticos pesaram muito. Eu sei que isto pode parecer um argumento muito terrorista mas entre uma criança estar a morrer à fome na rua mesmo que eventualmente pudesse ser prejudicial [risos] ou ser adoptada por um casal homossexual, e portanto os estudos dizem que não tem nada a ver, porque há crianças que são educadas bem e educadas mal independentemente da orientação sexual dos pais. Isso é um dos argumentos, mas há argumentos mais pragmáticos, se quer que lhe diga portanto um casal heterossexual [interrupção] e portanto imagine que como eu dizia um casal heterossexual que se divorcia têm filhos e que um dos membros do casal muda de orientação sexual, vão retirar o filho por causa disso? Muda ou descobre uma orientação sexual diferente, vão lhe tirar este filho, quer dizer não faz sentido. Portanto se não faz sentido aí à partida também não faz sentido, portanto e todos os estudos que não tem nada a ver, infelizmente há crianças bem e mal tratadas, bem e mal educadas, nos contextos mais diversos, e portanto é assim que eu acho que a questão deve ser encarada. Mas acho que em Portugal ainda estamos longe, acho que tamos mais perto do casamento, acho que ainda estamos longe da questão da adopção, ou não, isto às vezes há... primeiro ponto as coisas despoletam-se, não é. E penso que nomeadamente ao nível dos grandes partidos se calhar esse ainda pode ser um bom ponto de ruptura, de separação de águas e mesmo assim não sei se é tanto porque acho que há cada vez mais pessoas na direita em Portugal que têm uma visão se quer que lhe diga mais liberal, mais individualista, tal como aconteceu com a questão do aborto desta vez, que acham que isso é uma questão meramente individual e que o estado não devia interferir nisso e portanto acho que o caminho está a ser feito, se calhar ainda não se discute ainda o suficiente mas acho que se têm dado uns passos interessantes, ultimamente isso tem havido mais visibilidade da comunicação social, ainda há pouco tempo a revista do Expresso trazia uma série de pessoas conhecidas, mulheres que se assumiam e acho que um pouco por aqui as coisas vão caminhando, e acho que mais tarde ou mais cedo é inevitável, Portugal e no resto do mundo, acho que é um caminho inevitável e ainda bem, eu espero é que como sempre existem ainda a faceta mais, menos radical e mais diplomática, espero que isso se passe sem grandes rupturas e sem grandes convulsões sociais, sem esses desperdícios e que as coisas sejam aceites efectivas sem violência desnecessária, violência até no sentido do discurso porque acho que seria lamentável se isso acontecesse, acho que poderia ter efeitos negativos mas se tiver que haver obviamente é natural que haja alguma discussão ou algum confronto, algum debate, bem é positivo, gostava que acontecesse da forma mais natural possível. Veremos.

*Então pronto...*

É só isto? Ah ok.

*Como disse, era uma entrevista mais curta...*

Mas muito curta e muito direccionada.

**Nicolau (Participante 7)**

**Entrevistas 1 e 2**

**17 de Março de 2008**

**± 50 mins**

*Nesta primeira entrevista, eu gostaria de saber que influências é que sente que levaram a que adoptasse uma posição feminista, se houve alguma situação ou várias situações de que se recorda que foram marcantes para que adoptasse uma posição feminista?*

É assim Daniel, eu como disse à bocadinha considero-me feminista sem qualquer problema porque a minha visão do que é ser feminista é uma visão que assenta essencialmente, como dizia a Ana de Castro Osório, ser feminista é ser justo e leal, sou feminista e considero-me feminista precisamente a partir daí, a partir dessa definição do que é o ser o feminismo, é fazer uma defesa intransigente dos direitos humanos e portanto considero-me nessa linha de pensamento e nessa linha de influência. É evidente que para esta minha formatação, se quiser, enquanto feminista, contribuíram pessoas muito significativas, desde logo a minha mãe, que não tem qualquer activismo, se quiser, nestas questões, é uma pessoa que vem de uma família tradicional portuguesa em que o meu pai é que era o produtor da força de trabalho que trazia algum income do ponto de vista financeiro e a minha mãe era a grande provedora do trabalho em casa e que estava connosco e que nos tratou a mim e à minha irmã mais nova e que pela sua acção me incutiu de alguma forma, não foi consciente acho eu, que afinal lavar a roupa, cozinhar ou outra coisa como limpar a casa, que era indiferente ser feito por mim ou a minha irmã e portanto isto formatou-me logo à partida de um ponto de vista daquilo que é uma coisa básica que são esta divisão de tarefas que muitas vezes provoca que existam discriminações e que exista um conjunto de situações que não faz sentido. Quer a minha mãe quer os meus avós são um exemplo de vida para mim. Depois, em termos do meu percurso profissional e quando entrei [dados omitidos], e há 15 anos que estou neste serviço, tive pessoas que me marcaram profundamente e que foram construindo, agora sim já de uma forma se quiser mais científica, mais estruturada, mais de um ponto de vista do pensamento, mais de um ponto de vista da reflexão destas questões, e que foram sem dúvida [dados omitidos] e que portanto são de alguma forma pessoas com as quais aprendi, continuo a aprender muito de um ponto de vista da construção do que é isto de ser feminista, e o que é estar numa posição feminista e o estar numa posição de defesa intransigente dos direitos humanos, seja de homens seja de mulheres, porque eles são únicos e não são indivisíveis de um ponto de vista e portanto, isto tudo faz com que eu me considere feminista e que me marque de um ponto de vista da minha acção e da minha forma de estar e de estar aqui onde estou, [dados omitidos] a trabalhar, e portanto por tudo, porque senão não estaria cá, senão acreditasse, porque acho que isto, esta questão, ou a questão da igualdade, ou a questão do género, ou se acredita ou não se acredita, ou se está dentro, ou se está fora, eu não acredito aqui muito nos meios-termos

relativamente a estas questões. Acho que são paixões, acho que isto se trabalha com paixão, trabalha-se com desenvolvimento de uma acção, tem muito a ver connosco, tem a ver com a nossa acção, a forma de estarmos, o que é que pretendemos da vida, como é que equacionamos os nossos papéis, e portanto tudo isto faz com que uma pessoa se posicione de determinada forma e de determinada maneira, o que faz objectivamente que isto seja importante, e que seja importante reflectir sobre esta matéria. Não sei se responde à sua questão...

*Sim, é mais no sentido de perceber... pronto, referenciou a sua mãe como uma influência... mas depois há um grande lapso temporal entre a sua infância e a entrada no mercado de trabalho...*

Eu tive uma educação até... nasci em Angola, depois vim pra Portugal com 6 anos, fiquei a viver com os meus avós durante o período do ensino básico, a primária era assim que se chamava no meu tempo, vivi com eles, depois... porque os meus pais entretanto quando chegaram de África o despojamento era total e portanto houve necessidade, uma incapacidade para estar comigo, tinha uma irmã recém-nascida, ficou com a minha mãe obviamente, eu fiquei com os meus avós e depois regressei, vim novamente quando os meus pais estabilizaram de um ponto de vista da sua situação aqui no Porto, regressei para junto dos meus pais. Agora, tudo isto são percursos que só me vêem a influenciar, como disse os meus avós também foram muito importantes, ainda hoje, felizmente ainda são vivos, a fazerem tudo, o meu avô cozinhava... [interrupção] como estava a dizer, habituei-me a ver os meus avós, quer o meu avô quer a minha avó, a fazerem tudo o que era actividades e lida doméstica, portanto, o meu avô era carpinteiro, quando foi para a aldeia vivia em Monsão, portanto numa aldeia perto de Monsão, a cultura que viviam que regressámos de Angola, sendo que o meu avô tinha aqui este trabalho mais de carpintaria, e portanto tinha um trabalho remunerado, mas era essencialmente pastor da actividade agrícola, e que aí as coisas são muito paritárias de alguma forma, do ponto de vista da actuação. E portanto eu fui crescendo neste ambiente, depois quando vim para o Porto e que estive a estudar durante 3 anos, no chamado ciclo, chumbei um ano, e estive a viver com os meus pais, nesse período também quer dizer, também já tinha a minha irmã, portanto já existia aqui uma partilha de tarefas que era inerente, e como disse não acho que a minha mãe o fizesse de uma forma consciente, o meu pai entretanto, o meu pai é fotógrafo, tinha um estabelecimento, mas quem assumiu a gestão desse estabelecimento até foi a minha mãe enquanto o meu pai tava empregado também no ramo da fotografia mas fora e portanto também havia aqui um conjunto de partilhas, apesar do meu pai nunca fazer nada em casa, isto não fazer nada em casa entendam-se tarefas domésticas [risos], e portanto como disse era uma família tradicional. Entretanto, de um ponto de vista pessoal, ingressei num seminário, no qual estive desde o sétimo ano ao décimo primeiro num seminário católico mas missionário, o que de alguma forma me formatou de um ponto de vista da visão do mundo e da visão humanista do mundo, andei num seminário que era os Missionários da Consolata, era um seminário masculino,

exclusivamente masculino, o seminário tá dividido assim, mas em que assentava acima de tudo, toda a nossa educação, toda a nossa formação, muito a partir de uma visão do respeito pelo outro e pelo respeito pelos direitos humanos. [interrupção] Bom, mas como tava a dizer, no meu percurso, foi do 7º ao 11º ano num seminário, e o facto de ser um seminário missionário, o respeito pelo outro, o respeito pelas diferenças, o respeito acima de tudo por quem nós tínhamos à frente foi sempre algo que me foi muito inculcado de um ponto de vista desta... portanto, numa perspectiva de direitos humanos, porque efectivamente a promoção que era defendida e que é defendida pelos missionários é uma promoção de direitos humanos acima de tudo, antes da evangelização, e portanto uma promoção das comunidades, e portanto isto também me influenciou muito positivamente na maneira como eu olho o mundo e da maneira como eu olho para o outro. Depois com a minha saída do seminário no 12º ano tive uma formação aqui num liceu do Porto, Alexandre Herculano, em que já aí de alguma forma havia algumas questões que eram levantadas e alguns debates a que nós assistíamos no âmbito da formação ou da organização [dados omitidos]. No âmbito da minha formação superior em termos da licenciatura, tirei o curso de serviço social no Instituto de Serviço Social do Porto, foi algo que esteve presente, porque do ponto de vista da formação que nós tínhamos, eram questões que eram levantadas e que eram trabalhadas, nomeadamente no âmbito de uma cadeira fiz um trabalho, eu e outros colegas, sobre precisamente as questões que se pretendiam com a evolução do papel da mulher na sociedade, [dados omitidos] portanto tudo aí foi começando a nascer em mim de alguma forma o olhar de uma forma diferente para estas questões e para as questões da igualdade e pás questões das tarefas. E como eu nunca tive nenhum problema em fazê-lo, e estava num curso que era maioritariamente feminino também, isso não significa rigorosamente nada, mas pra mim lavar a louça, cozinhar, passar a ferro, ou outro tipo de situação, era uma situação perfeitamente normal, nunca foi anormal do ponto de vista da tarefa. Portanto também no meu percurso pessoal durante o período em que tirei o curso estive a trabalhar num hospital psiquiátrico, o Hospital Magalhães Lemos, era auxiliar de acção médica, era um empregado de limpeza se quisesse, de um ponto de vista mais formal e de apoio à classe de enfermeiros, portanto trabalhava mesmo no internamento, em que tínhamos de fazer tudo, tínhamos de fazer a limpeza, tínhamos de dar a alimentação aos doentes, tínhamos de cuidar e zelar pelo bom funcionamento do espaço, manter a higiene e isso. E portanto, comecei lá com 18 anos, exactamente na mesma altura em que comecei no curso superior, e portanto mantive-me enquanto estive a trabalhar nesse percurso profissional, e já aí algum... não tive problemas, mas alguma situação mais desconfortável me causou, porque apesar de todos termos a mesma categoria em termos de auxiliares de acção médica, os meus colegas homens que já lá estavam há algum tempo, havia determinadas tarefas que eles não faziam, como era o limpar como era isso. E eu quando cheguei, ou seja disseram-me que eram essas as tarefas que eu teria de desempenhar, e portanto naturalmente eu desempenhava sem qualquer problema, o que causou alguns atritos na relação com os meus colegas, porque eles não aceitaram isto muito

bem, ou seja, eu vim provocar com que eles tivessem de fazer aquilo que não queriam fazer, isto provocou algum... mas depois foi bem aceite e as pessoas perceberam que afinal não havia aqui qualquer diferenciação pelo facto de, nem perdermos qualquer aspecto de masculinidade tradicional que às vezes os homens gostam muito de ter e gostam muito de defender a este nível e portanto nessa matéria as coisas foram evoluindo. E depois quando terminei o curso, entretanto fiquei a trabalhar no Magalhães Lemos já com uma categoria de técnico superior na altura, e depois eu recebi um convite [dados omitidos; o participante explora a forma como iniciou o seu actual trabalho], e depois foi um processo de crescimento, de desenvolvimento desta forma de estar, desta forma de encarar o mundo, desta forma de tentar com a nossa acção também fazer alguma modificação, de um ponto de vista do outro. Nas relações de trabalho, nas relações de amizade, nas relações de intimidade, no processo educativo que tenho para com os meus filhos, e portanto, nas relações que estabeleço enquanto técnico ou enquanto pai, enquanto responsável pela educação dos meus filhos, na presença que procuro ter, de fazer passar estes valores constantemente e tentar não permitir que eles sejam criados em função de um estereótipo dominante e que é extremamente difícil porque os factores exteriores, exógenos, à formação das crianças têm um poder brutal e portanto os formatam de uma forma muito significativa nestas alturas, portanto estou a falar de dois filhos, um com 7 e uma com 3 anos, e que é extremamente complicado combater todo um processo de socialização que eles têm no exterior, que passam muito tempo fora e portanto tudo isso. Agora procuro objectivamente fazer alguma diferença com a minha acção, alguma diferença com aquilo em que acredito, e portanto procuro efectivamente quanto mais não seja, pelas acções provocar alguma mudança, não é, se mais nenhum contributo tiver, se conseguir que os meus filhos e as pessoas que me rodeiam percepcionem que não há aqui nada que nos permita que sejamos diferentes a não ser a nossa condição de homens e mulheres, de um ponto de vista biológico, que somos diferentes objectivamente, mas que isto não seja não seja razão nem motivo para tudo o que se passa, e nomeadamente nesta pertença de poder de um sobre outro, e que permite que muitos homens exerçam um poder desmedido sobre as mulheres chegando aos actos de agressão, de violência, ou o uso do corpo da mulher de uma forma gratuita e exploradora [inteligível]. Agora pergunta, as marcas, as marcas são muitas, as marcas vão ficando ao longo do tempo e as acções vão ficando ao longo do tempo pelas pessoas que de alguma forma tiveram essa capacidade de provocar em nós essa mudança também. E por isso é um percurso que continua a ser contínuo de um ponto de vista da aprendizagem e da identificação de pessoas que nos marcam e que permitem olhar de determinada forma para determinadas coisas. E portanto procuro com a minha acção fazer isso. Consigo ou não, não sei [risos], espero que sim, mas é muito nesta lógica desta... ou seja, não estar fechado sobre mim próprio mas permitir que o meu espaço seja invadido pelas pessoas que eu considero que são importantes para a minha formação. Portanto, a esse nível, e acima de tudo manter alguns valores que eu acho fundamentais, que acreditar que efectivamente a igualdade é um valor, que não é uma utopia, e que a mudança é

possível, e portanto é com isto que eu procuro conviver e associar-me às pessoas que também provocam essa mudança e que contribuem para que eu nesse espaço de formação e de reflexão conjunta permita avançar, concerteza, isso é muito, as marcas que nos deixam são muito essas.

*Bem, tenho várias questões, não sei em termos de tempo...*

Esteja à vontade, Daniel, não há problema.

*Eu vou colocar as questões e depois sinta-de à vontade de dizer que não temos mais tempo. Hum... pronto, isto eu não estou a fazer citações letra a letra, por isso sinta-se à vontade de dizer que não é bem assim que eu estou a entender, mas referiu por exemplo a paixão, que trabalhar nestas questões de género é algo que deve ser feito com paixão. A minha questão é como é que se pode conseguir, na sua percepção na sua experiência, que as pessoas se apaixonem por esta área?*

Através do exemplo Daniel, eu só acho que isso através do exemplo. Eu dou-lhe o meu exemplo pessoal. No meu círculo de amigos mais íntimos e de um ponto de vista da acção eu acho que já provoqueei, e sem qualquer modéstia, pela minha acção e pela minha paixão com estas coisas, e portanto esta paixão tem reflexos na atitude que nós temos de um ponto de vista comportamental, não é, tem de ter reflexos, quando vou a casa dos meus amigos e das minha amigas, todos eles no círculo mais íntimo já têm constituído família, portanto tamos todos num patamar idêntico de um ponto de vista [inteligível], e que, ou seja, não tenho qualquer problema em agarrar e começar a lavar a louça, ou agarrar e levantar a mesa e não sei quê. Quando tenho alguns amigos que casaram com algumas amigas minhas, vieram a partir daí essa relação de amizade, que isto eles nunca fizeram, e que pela minha acção eu sinto que já provoqueei com que eles, pelo menos, reflectam sobre isto, e que pelo menos, quanto mais não seja, muitas vezes num contexto de festa, do que quer que seja, as pessoas percebiam que apesar de brincarem com isto, 'lá vem o [nome omitido], lá vem o [nome omitido] defender as mulheres, vamos lá fugir, vamos lá não sei o quê', mas isto já provocou claramente pelo menos que eles falassem sobre o assunto, isso eu não tenho qualquer dúvida, que eles comesçassem a ter uma atitude diferente perante as coisas, e comesçassem a ter uma atitude diferente de um ponto de vista da sua entrega a isto também. Quando eu digo a paixão é isto, é a forma como nós transmitimos aquilo em que acreditamos, e isso não se consubstancia apenas no nosso trabalho, nestas áreas tem de se consubstanciar na nossa prática, e isso eu acho que o procuro fazer diariamente, acho que o procuro nas reuniões de escola dos meus filhos, por exemplo eu não, já é mais forte que eu, eu não concebo que estejam sempre a falar por exemplo nas questões de linguagem, sempre no masculino, a mim faz-me muita confusão, e portanto eu chamo sempre a atenção pra isto, em tudo o que é papel que venha pra casa, em que venha o encarregado de educação, é tudo barrado, eu e a minha mulher, qualquer actuação que diga respeito a um e a outro, qualquer papel, isto pode não parecer que tenha

significado, mas pra mim e pra ela tem um significado, que é um sinal que eu dou, portanto eu não assino a não ser que só esteja eu, que só esteja ela, por qualquer motivo naquele momento é necessário assinar um papel de uma autorização pró que quer que seja, pra participação no que quer que seja, não assinamos só um, assinam sempre os dois, porque é esse comprometimento que nós achamos que deve ser feito, com os outros, e também é através disso que eu dou o exemplo ao meu filho, e aos meus filhos, que eles vêem que não há aqui nada que impeça que o pai lave a louça, nada que impeça que a mãe conduza o carro, nada que impeça que a mãe leve o carro à oficina, nada que impeça que a mãe mude a lâmpada, isto não é dizer que temos pra todos isto, podemos gostar mais de uma coisa ou podemos gostar mais de outra, porque às vezes as pessoas confundem, e é isto que às vezes que é mal entendido, ou seja, para termos igualdade, todos temos de fazer estas mesmas partilhas, para mim isto não significa nada, se eu me sinto confortável a lavar a louça e se a minha mulher não se sente tão confortável, e se isto é uma opção comum, qual é o problema? Agora, pra mim, quando isto passa a ser obrigação é que é complicado, ou seja, aqui é que acho que existe a grande barreira, é isto, é quando nós fazemos uma coisa só porque socialmente nos foi dito que temos de a fazer, porque somos homens ou somos mulheres, e isto é que é complicado, e quando não temos uma escolha livre mas sim condicionada, por um pensamento ou por uma acção ou pela atitude de alguém ou por uma regra social que impôs que era assim que devia ser, e portanto isto é que me faz impressão e portanto é este estereótipo que eu procuro combater diariamente e portanto é esta paixão que eu procuro imprimir naquilo que faço quando trabalho nesta área específica da área da igualdade, portanto para mim isto é muito claro.

*Quando refere que os seus amigos, neste caso os seus amigos homens, quando estes já dizem que você vem falar sobre as mulheres, sobre a igualdade, enfim, mencionou a estratégia do diálogo, da comunicação, existem outras estratégias que também adopta, ou é maioritariamente através do diálogo?*

Eu acho que acima de tudo as pessoas têm de perceber, ou seja... nesse aspecto estou a falar de um círculo de amizade em que não vou pa lá com as teorias todas e mais algumas, portanto discutir com os meus colegas ou com os meus amigos sobre estas questões [risos], é muito mais prático explicar a um amigo meu, 'opá, se tu mudares a fralda ao teu filho enquanto a tua mulher tá a fazer o jantar, vocês os dois tão a ganhar tempo, e estão a ganhar qualidade de vida, porquê, porque a seguir vocês conseguem ter um espaço e um tempo que é comum a ambos de liberdade em que podem tar a gozar dos vossos filhos, enquanto que se tu tiveres sentado a ver televisão ou a fazer outra coisa qualquer e a tua mulher anda pra cima e pra baixo, muda fraldas, dá o banho, faz não sei quê, dá não sei quê, veste, tira, põe, não sei quê, a não qualidade de vida que vocês têm, o stress em que se vive e os conflitos que isso pode originar', é muito a partir de exemplos muito práticos que uma pessoa procura transmitir, é muito isto que as pessoas acham... as pessoas têm muito medo de perder o que quer que seja, e perder poder muito menos, e portanto se há uma pretensa uso do tempo [sic] que

também confere este poder porque o outro faz aquilo que nós achamos que ele tem que fazer, e só nós procuramos desmontar isto de uma forma normal, quer dizer de uma forma, de uma conversa, falar com as pessoas, e falar com aquilo quando uma pessoa tá num círculo de amizades faz, é discutir os assuntos naquilo que nos diz respeito, e nós pais normalmente quando nos juntamos falamos dos filhos [risos], isto é um estereótipo mas que é recorrente e portanto que acontece, o que é que o outro fez, e o que é que não fez, e o que é que deixou de fazer, e o outro fez assim, o outro fez... portanto, se aproveitamos estes momentos pra também partilhar formas de estar e formas de ser diferentes, certamente ganhamos aqui muita coisa, podemos ganhar ou não ganhar, mas porque há reacções adversas na outra pessoa, quer dizer, não significa que isto seja pacífico, agora, os círculos... é que depende de onde nós estamos, não é, porque outra coisa é estarmos num seminário, num debate em que as questões assumem uma profundidade diferente, em que nós aí já procuramos de alguma forma pelos dados mais científicos disto procurar demonstrar determinados aspectos sobre isto, portanto nas relações laborais, porque é que uma mulher é discriminada em função de um homem, porque é que existe isto, se isto é um custo se isto é um ganho, quer dizer tudo isto, não é, isto fala-se também nas relações de amizade mas falam-se de formas diferentes, é diferente a abordagem porque o grau de à vontade e do estar é diferente, e portanto assume aqui papéis diferentes estas situações. E a forma como nós próprios nos expomos e nos evidenciamos perante isto, percebe, portanto isto é muito diferente, claramente diferente, as resistências são mais que muitas e as pessoas que controlam não mudam, quer dizer, o que eu acho é que nós não devemos pela inacção deixar de fazer as coisas, isso é que eu acho que é fundamental.

*Falou sobre a sua ingressão no seminário, quando disse que ficou mais consolidada aquela noção de respeito pelo outro, da promoção de direitos humanos, inserindo-se aqui a dimensão da religião [interrupção]. Há pessoas que são muito críticas relativamente à religião, que afirmam que a religião ainda tem um aspecto muito tradicional cujo impacto ainda se sente na sociedade [interrupção]. A minha pergunta é, como é que vê a religião e o seu impacto nesta área, acha que é um impacto positivo, negativo, ou ambos?*

Vamos lá ver, uma coisa é o meu percurso pessoal, ou seja, estive cinco anos num seminário, o qual me orgulho imenso e que acho que formatou a minha forma de estar na vida, como disse, era um seminário que tinha características muito específicas dum ponto de vista da própria formação religiosa, se calhar aquele, falo pelo que conheço e pela minha experiência pessoal e que pra mim foi muito importante nessa visão do mundo e do respeito pelo outro porque sempre os aspectos de formação que nós tínhamos, era formação normal de liceu, tínhamos de ter o aspecto curricular e o aspecto pedagógico, portanto, tínhamos as aulas normais como os outros, mas depois toda a outra filosofia do ponto de vista da religiosidade e da formação religiosa foi-me sempre apresentada numa lógica se quisesse positivista, não punidora, numa lógica do desenvolvimento do outro



enquanto ser, enquanto pessoa, e portanto isso formatou-me assim. Agora, é evidente que a religião enquanto conceito e a religião, ou seja católica, muçulmana, seja o que ela fora, na área da igualdade tem tido alguns condicionalismos no ponto de vista do seu desenvolvimento como é evidente, mas também dentro de cada uma das religiões existem correntes diferenciadoras e que interpretam a mesma, têm uma leitura diferenciada sobre a mesma realidade, não é por acaso que as teologias da libertação é mais amigável, se quisermos, para a área da igualdade, do que a tradicionalista, ou seja, do que uma igreja mais tradicionalista, mais ligada a toda uma filosofia se quisermos da Opus Dei em que há aqui toda uma questão do tradicionalismo e do poder do homem relativamente por exemplo à mulher, e a submissão da mulher perante o homem, tudo isso, agora nós próprios temos de fazer as nossas opções e temos de fazer as nossas leituras desta realidade. Todos nós vivemos em sociedade, condicionados, integramo-nos em grupos especiais, religiosos ou não, agora a grande questão é como é que nós depois nos posicionamos e nos deixamos influenciar por isto, ou somos todos carneirinhos e fazemos tudo aquilo que nos dizem pra fazer e ponto final e não questionamos, ou então questionamos e tomamos as nossas opções e agimos consoante as opções que nós consideramos que são correctas em determinada maneira, e identificarmo-nos mais ou menos com esse grupo, e isso pode ser condicionador, como é evidente, agora, porque tudo depende muitas vezes de quem está à frente, quem defende, eu digo-lhe eu ouvi um discurso à uns tempos num casamento em que fui enquanto convidado, de um padre, que foi um dos discursos mais bonitos se quiser, sobre as questões da igualdade e sobre o respeito do homem e da mulher de um pelo outro, em que ... não é normal ouvir este discurso, não é, até pegando na leitura tradicional do casamento, em que a mulher é submissa ao homem e não sei quê, até pegando nessa própria leitura, o padre que fez esse casamento, estou a falar da Igreja Católica, fez um discurso do respeito um pelo outro e dos direitos e deveres que o outro tem numa base perfeitamente paritária e igualitária, que na altura fiquei impressionado, por exemplo, porque foi realmente uma prática do ponto de vista da missa, daquela celebração, muito bonita, porque... as interpretações que às vezes as pessoas procuram dar a determinados fenómenos é que são muito complexas, porque quem o diz também são pessoas, não é, são homens são mulheres que dizem determinada coisa em determinado momento, e depois a forma como se diz também condiciona a forma como se cola este ou aquele rótulo a esta ou aquela religião. Agora, é evidente que percebe-se, isto é notório, que a religião tem um papel fundamental, e tem tido um papel nestes avanços ou recuos sobre estas questões da igualdade, concerteza que sim. Não sou utópico ao ponto de pensar que não, umas mais moderadas, umas mais radicais, outras mais complexas, não é, do ponto de vista até, se quisermos, de defesa de direitos humanos, essenciais e básicos, é uma coisa importante, umas defendem mais umas defendem menos, mas é complexo. Nós também temos de saber lidar com isto e percepcionar isto e trabalhar isto acima de tudo de uma forma positiva e de uma forma que se permita avançar e não fazemos sempre crítica pela crítica ou estarmos 'e porque a Igreja defende isto ou porque não sei quem defende aquilo e portanto nós somos contra',

não, temos de trabalhar com. Pronto, a Ana Maria Braga da Cruz faz parte de um movimento Nós Somos Igreja, é católica praticante, contudo defende determinadas posições nomeadamente sobre as questões de uma participação mais activa por um lado dos leigos nestes processos, mas por outro lado também das mulheres nos processos da construção de uma igreja mais igualitária, não foi por isso que foram excomungadas do seio da Igreja, não é, porque o espaço tem de ser aberto para todos e todos temos de perceber que este espaço permite que nós possamos ter aqui uma total liberdade, portanto, isso é muito importante.

*Então acha que é possível trabalhar com as religiões no sentido de promover...*

Eu acho que sim, eu sou muito positivo, um optimista por natureza [risos]. Desde que as pessoas que estão nesse relacionamento assim se predisponham a, e que não se agarrem a valores, a conceitos pré-concebidos, e portanto se agarrem a isso para se defender. Eu acho que tudo é possível, eu acredito, acredito sinceramente que é possível mudar e que o ser humano tem essa capacidade extrema de provocar a mudança se assim o entender. Portanto, quero acreditar que as religiões podem ser espaços que permitam que esta mudança também se opere e também se accione e que também se possa permitir que isto exista. Agora, é preciso é que as pessoas que depois compõem estas religiões estejam dispostos a que isto aconteça e isto às vezes é que é o difícil, as pessoas que compõem as sociedades ou compõem determinados grupos não querem mudar, não querem mudar, é extremamente complicado que haja essa mudança, isto é mesmo assim, porque se nós não quisermos mudar não mudamos. Não há nada que nos faça mudar, quer dizer, podemos mudar até aparentemente, mas não mudamos o nosso conceito e a nossa forma de estar na vida. Portanto, isto é um processo muito interno de mudança, e acho que acima de tudo nestas questões são processos internos, são processos de mudança interna, mudança conceptual e de mudança de maneira de estar, de ser, de pensar e de ver o mundo e isto é algo que tem de ser mudado por nós, não é o outro que muda, somos nós próprios que temos de mudar. Isto é difícil, os processos de mudança não são fáceis, porque nós fomos educados de determinada forma e portanto mudar valores que nós dávamos como absolutos é extremamente complicado, portanto temos mesmo de trabalhar nesse sentido.

*A minha última grande questão é mesmo sobre a mudança, e quando disse agora que a mudança tinha de se operar a um nível individual, de reformulação de conceitos, não sei se se estava necessariamente a referir apenas à parte da religião ou à parte em...*

Geral.

*... geral. Uma das minhas questões seria, certamente que as pessoas têm de mudar a nível individual, mas que estratégias é que podemos usar para que as pessoas mudem, não de é todo um processo que surge do nada...*

Pois claro que não é um processo que surge do nada, repare, eu acho que acima de tudo é quando nós questionamos o outro ou nos questionamos a nós próprios sobre determinada prática. Se nós nos questionarmos sobre, como lhe dizia à bocado na relação que tenho com os meus amigos, se eu questiono o meu amigo ou os meus amigos sobre as suas práticas num espaço doméstico, porque é que não fazem assim ou porque é que fazem assim, porque é que não partilham, porque é que acham que cozinhar ou passar a ferro é da mulher e não dele, porque é que acham que cuidar dos filhos é da mulher e não dele, porque é que isto... ou seja, se nós questionarmos, e depois as pessoas ficam sem argumentos, quer dizer, o argumento 'ah porque é assim', isto não é argumento, 'porque sempre foi assim', isto não é argumento, portanto as próprias pessoas têm de questionar as suas práticas, e têm de praticar as suas práticas relativamente ao outro, e porque é que é assim?, porque é que não pode ser de forma diferente? E portanto é neste processo de questionamento e é isto que é difícil de fazer. Porque nós, dou-lhe um exemplo, nós fazemos acções de formação, acções de sensibilização sobre esta matéria, e muitas vezes é aquilo que nós dizemos e muitas vezes as pessoas reagem porquê?, porque estão a questionar-se a si próprias, ou seja, eles... quando nós dizemos, 'uma mulher foi discriminada ou uma mulher foi batida porque fez a torrada em pão de rigueifa e não em pão de forma como o marido queria, portanto o marido queria em rigueifa e ela fez em pão de forma e ele bateu-lhe, as pessoas ficam 'isto é possível?', mas no fundo as pessoas questionam-se. Isto é um exemplo daquilo que faz com que as pessoas se perguntem, 'realmente isto faz algum sentido?', porque é que tinha de ser ela a fazer a torrada, porque é que ele não fez? Porque é que isso provocou um acto de violência? Porque é que não fez? Conforme a pessoa pergunta, 'bom, o filho tá doente, porque é que tem de ser a mãe que tem de ficar em casa, faltar ao trabalho e não ser o pai que fica em casa, mas porque é que há-de ser assim, há alguma coisa que diga que isto tem de ser assim?', se quisermos, alguma lei que diga que isto tem de ser assim?, e as pessoas começam-se a perguntar e começam a perceber que afinal não. Porque é que isto custa, porque é algo que nós fomos habituados a fazer, a estar e a ser, e portanto quando nos questionamos ou começamos a questionar sobre as nossas práticas, aí eu acredito que começa a haver a mudança, e que as pessoas realmente se questionarem sobre aquilo, sobre a sua forma de estar, sobre a sua interpretação do que é o mundo, sobre se faz sentido esta divisão, homens pra um lado, mulheres para o outro, se isto faz algum sentido, não é, se isto tem alguma justificação plausível que nos diga 'não, mas isto é muito melhor, ficamos assim no mundo', depois temos outras correntes que vêm dizer 'ah pois claro que era muito melhor quando as mulheres estavam em casa, os filhos tinham uma educação não sei quê, não havia os índices de criminalidade que há hoje, porque as mães estavam em casa e eram as cuidadoras, sabiam transmitir valores e não sei quê'. Será que é assim? Será que era mesmo assim? Será que isto é mesmo assim? Portanto, é este questionamento que nós temos de nos colocar para podermos avançar ou não avançar nisto, é com isto, é com reflexões, claro que depois isto é

rodeado por tudo isto, o papel que este serviço tem nomeadamente na produção de conhecimento científico, apoiar as instituições, os organismos e as pessoas que fazem a produção deste conhecimento, para se ter base, para se perceber também sociologicamente, estatisticamente, o que é que isto significa, o que é que leva a que as pessoas sejam assim, as percepções, o estudo das percepções, analisar cientificamente os fenómenos, para que exista aqui também uma base sustentável no ponto de vista da teoria que permita defender estas questões, concertiza que isto é importante, isto faz parte também deste processo de reflexão, este processo de auto-crítica, de reflexão, de fazer avançar este tipo de situações, por isso é fundamental, sem isto também não se consegue, acompanhar também tudo isto, todas as mudanças políticas, legislativas, sobre esta matéria, quer dizer, não nos podemos esquecer que há 33 ou 34 anos atrás que a mulher para passar a fronteira tinha de pedir autorização do marido, estamos a falar de coisas que são estas não é, onde é que está aqui... a mulher era tratada como um objecto, não era como uma pessoa, era como um objecto, porque era posse de alguém, tirando o pai depois o marido, é posse, e é isto que as pessoas têm medo, porque as pessoas quando questionam isto, percebem que perderam este poder que as pessoas acham que têm sobre os outros, e este exercício do poder que as pessoas têm sobre os outros é muito complicado as pessoas abdicarem dele e portanto isso... as pessoas têm de perceber como é que isto funciona, e o que é que isto significa de um ponto de vista desta estruturação para esta matéria. portanto isto é muito complexo. Portanto, temos de trabalhar no sentido de desconstruir toda esta visão patriarcal, masculinizada que temos da sociedade, ou desta divisão que nós temos da sociedade e isto é essencial que se faça. Isto faz-se com acções, com produção de estudos, divulgação dos mesmos, questionamentos constantes, com mudanças de paradigmas de análise das situações, não é, começam desde muito cedo esta mudança, destas divisões que se criam, com toda esta nuance, todo este bombardear de informação que diariamente nós somos confrontados e que objectivamente provocam que esta reacção possa existir, portanto eu acho que há aqui todo um conjunto de situações que nós temos de analisar, de ver e avançar nesse sentido.

*Mencionou que é difícil para as pessoas mudarem, eu gostaria de colocar a questão de mudança nos homens. De acordo com a teoria, há algumas pessoas que acreditam que os homens por terem mais poder a nível social podem simplesmente negar-se a mudar, ao passo que a mulher talvez já não tenha esse privilégio. Não sei se concorda com esta ideia, depois gostaria de ouvir a sua opinião, mas gostaria de saber se acha que nós temos recursos práticos no sentido de haver mudança, de se exercer aqui uma série de actividades para promover a mudança nos homens ou se acha que esses recursos devem ser construídos...*

Olhe, eu acho que os recursos já existem. Por um lado, existem recursos do ponto de vista legislativo que permitem que este mito não exista, as questões da

maternidade, da paternidade, da protecção da paternidade, a possibilidade por exemplo que os homens têm de objectivamente gozarem a licença de maternidade/paternidade, a própria vivência societal que nós hoje temos não nos permite dar-nos ao luxo, ou melhor, para muita gente permite ainda porque enquadra as coisas assim, por isso temos super mulheres que fazem quinhentas mil coisas, mas numa vivência partilhada por uma relação de casal se quiser, pronto nós estamos aqui a falar muito de relações estandardizadas, ou do padrão de normalidade que existe ainda hoje, e portanto também falamos sempre muito pela maioria, objectivamente não nos podermos dar a esse luxo, de termos só homens pra um lado só mulheres pró outro, e a fazerem as coisas diferentes, porque não nos permite viver ao ritmo da vida, portanto eu penso que os instrumentos existem até pela força da vida e criados, assim nós os queiramos aproveitar e transportar para este tipo de situações. Agora isto, eu não sei se os homens têm mais dificuldade de abdicar de poder, embora eu ache que sim, eu acho que os homens têm mais dificuldade de abdicar do poder, porque também foi sempre algo que lhes foi atribuído, não é, e o poder no público, se quiser, no público, porque as mulheres tinham muito mais o poder no privado, há um velho ditado que diz 'o homem na praça a mulher em casa' ou assim uma coisa, um ditado qualquer, ou aquele 'cá em casa manda ela mas quem manda nela sou eu', portanto estas... porquê, porque se associavam sempre estes dois pólos opostos que é o público e o privado, e portanto o homem sempre foi visto mais no espaço público e a mulher muito mais no espaço privado, no exercício do poder, na construção dos próprios filhos e da própria educação dos filhos e das filhas, não é, e portanto tudo isto, embora reproduzissem um modelo, mas estavam a exercer um poder, estavam a exercer um modelo reprodutor de comportamentos. E se calhar o espaço privado é mais fácil de abdicar deste poder do que do espaço público, porque a relação social que se estabelece no espaço público tem uma visibilidade diferenciada, pessoal, e portanto as pessoas têm essa dificuldade, parece-me a mim, os homens eu acho que têm essa dificuldade de abdicar deste poder, embora eu ache, e isto é a minha perspectiva pessoal, que nós não estamos a abdicar de poder nenhum, estamos apenas a conviver e a partilhar todo um espaço que deve ser público e privado e portanto eu acho que estamos ambos se quiser a ganhar poder, a ganhar poder para poder decidir ambos, homens e mulheres, sobre as coisas que nos dizem respeito, a uns e a outros, quer seja no espaço público quer seja no espaço privado e portanto não vejo aqui a perda do poder, esta é a minha versão pessoal [risos]. Claro que concordo quando diz que, e é evidente, que nós sabemos que é assim, existem objectivamente imensas situações em que este poder objectivamente está claramente e o homem tem uma dificuldade maior a abdicar desse poder, eu acho que sim, porque foi educado também assim, foi educado para ter poder, e portanto quando esse poder é retirado, por vezes não aceita muito bem. Por acaso muitas das relações de violência existem precisamente por esse sentimento, por vezes o homem tem dessa perda de poder, não é, por exemplo se uma mulher tem o sucesso profissional, tou a falar de uma relação de casal, em que tem um sucesso profissional muito mais reconhecido do que ele, e ele não consegue conviver com

isso e que portanto muitas vezes provocam situações de rotura, outras vezes provocam situações de dominação ou de exercício de poder pela violência por esse facto, pronto, têm poder económico mais elevado, quer dizer, tudo isso, porque o homem foi educado para ser assim, para ele comandar, para ele liderar, também os processos de liderança se vão construindo e vão-se socializando e vão-se adquirindo, portanto as pessoas têm muita dificuldade, e eu acho que essa é uma grande dificuldade, as pessoas, as instituições, da perda de poder e da partilha das coisas. E portanto, mas isso eu acho que é uma dificuldade que as pessoas têm, as pessoas não conseguem perceber que aquilo que percebem como perda de poder pode ser um ganho brutal do ponto de vista do desenvolvimento, não é, e isto passando por outros campos, por exemplo a partilha de informação, há pessoas que interpretam isto como perda de poder, informação é poder, objectivamente, e portanto se partilho já estou a perder este poder, portanto, não é, e portanto isto é muito difícil que as pessoas percebam porque é só assim que se consegue avançar e que se consegue progredir de um ponto de vista de uma sociedade mais justa e mais equitativa, é através do conhecimento, através da informação, através da disponibilização da informação, da partilha da informação, de não termos agarrados a qualquer pretensão poder, a qualquer pretensão capelinha de dominação de uns sobre outros, mas sim de uma efectiva partilha sobre o tema, o assunto, o que quer que seja, porque só assim se consegue analisar em todos os seus espectros, e apontar uma solução ou um caminho a seguir e depois cada um segue esse caminho se assim o entender, cada pessoa tem de ter essa liberdade e esse espaço de liberdade para poder decidir, com todas as consequências depois também que poderá ter por esse espaço de liberdade ter às pessoas para decidir como querem fazer e como querem agir.

*Por mim acabava então aqui a entrevista, não sei se quer dizer mais alguma coisa...*

Tudo bem, Daniel. Boa sorte [risos].

**Nicolau (Participante 7)**

**3ª entrevista**

**2 Maio 2008**

**± 35 mins**

*Então eu tenho algumas questões que são um bocadinho mais teóricas, é muito diferente da entrevista passada, tem a ver com a análise que eu fiz, muito preliminar, daquilo que já me disse nas outras entrevistas e também algumas questões que são a nível da teoria. O que eu gostava de saber era só mesmo se há algumas [inteligível] que eu não sei se percebi bem, a primeira frase quando diz por exemplo que, foi logo no início quando estava a fazer a sua narrativa, a sua história, sobre o que levou a que se considerasse feminista, disse que ser feminista, estar numa posição é estar numa posição de defesa intransigente dos direitos humanos, seja de mulheres seja de homens porque eles únicos e não são indivisíveis. Eu gostava de perceber qual é a ideia deste "indivisíveis", eu acho que percebo depois lendo o restante do texto, mas...*

Eu não consi... quando eu te disse isso e por isso é que eu me considero de alguma forma feminista tem a ver exactamente com essa postura, ou seja uma postura que vê homens e mulheres pelo mesmo prisma, com as suas diferenças, mas contudo são ambos parte de uma humanidade, e portanto o meu conceito de indivisível é nesse sentido, ambos fazemos parte de uma mesma humanidade, portanto não faz qualquer sentido que queiramos pôr aqui qualquer divisão assente numa razão que é o sexo, ou desta construção social que é estes papéis ou estas diferenças de papéis. Portanto para mim essa indivisibilidade advém disso mesmo, ou seja, da coerência que é que ambos fazemos parte de uma mesma humanidade e portanto não há aqui qualquer diferença que possa assentar sobre o facto de sermos homens ou sermos mulheres e portanto e como sou, e considero que de algumas formas as correntes feministas pelas quais eu me guio, se quiseres, ou me revejo, é claramente nessa perspectiva, as tais correntes que defendem precisamente a questão através de uma perspectiva de direitos humanos, e não através de uma perspectiva qualquer de sobreposição de um sexo sobre o outro, por isso me considero feminista, tem a ver com isso [risos], percebes? Gosto muito de ser homem [risos] não tem nada a ver com uma questão ou com outra, gosto muito de ser homem, assumo o meu papel de homem, como gosto muito que as mulheres se assumam como mulheres, e enquanto o seu papel de mulheres, isto se quiseres na fase mais pura do que é ser homem ou o que é ser mulher, e não depois toda a construção social que nós fazemos e que depois derivam em coisas que, quer dizer, que não fazem qualquer sentido para mim do ponto de vista de actuação e de presença na vida, é nessa postura muito que eu me situo, portanto para mim somos ambos partes do mesmo mundo em que juntos podemos fazer a diferença, ora juntos, separados as coisas valem o que valem.

*Mas também quando diz que gosta de ser homem, ao mesmo tempo também problematiza o que é ser homem, ou seja...*

Huh, claro que sim, quando digo que gosto de ser homem, biologicamente nós somos seres diferentes, também terei dito isso na entrevista já não me recordo, já foi há algum tempo [risos], quer dizer, não é uma frustração, mas é algo que eu acho que as mulheres são privilegiadas, que é o facto da maternidade, e de poderem sentir um ser a nascer dentro delas, a relação que isso implica do ponto de vista de proximidade, embora não considere que um homem por esse facto fique diminuído em relação à sua paternidade pelo facto de não ter esse privilégio, pra mim isso é um privilégio, porque a vivência que nós podemos ter durante a gravidez do nosso filho pode ser tão ou mais intensa do que a pessoa que o carrega, e portanto isto é muito claro e muito objectivo, portanto não... agora temos papéis biológicos diferentes, isso é indiscutível, tá provado [risos] e portanto não me parece que seja por aí. Agora não me parece que este facto da biologia que nos torna diferentes possa ser o facto que nos leva a que depois procuramos evidenciar nas diferenças das nossas relações, do nosso estar perante a vida, do nosso estar perante os outros e que nos leva a tentar-nos sobrepor um ao outro em determinado momento seja porque razão for, portanto isso para mim é que me causa estes processos de socialização que nos levam a isto, não é, os papéis sociais que uns e outros representam, isso é que me faz alguma confusão se quiseses, entre aspas, relativamente à atitude que nós temos, é isso, essa construção é que eu procuro desmistificar também com a minha actuação, ou seja através da minha acção, procurar desmistificar isso, não me parece que haja papéis a não ser aqueles que são inerentes pela biologia e que nos são dados, e portanto todo o trabalho, tudo isto tem influências sociais também fortíssimas e que nos levam, e que nos condicionam e que me condicionam a mim na minha atitude diária, certamente, não tenho dúvida nenhuma [risos] que terei atitudes daquelas que se calhar reprovoo ou que condeno, quer dizer, enquadro-me num meio como qualquer outro ser humano e portanto certamente também por vezes estas coisas também se passam, agora o que é importante é que uma pessoa depois faça um processo de reflexão sobre isso e reflecta sobre essas atitudes para provocar essa mudança ou tentar provocar essa mudança e isso é que às vezes é complicado, não é, quando não queremos porque dá jeito às vezes ter oportunidades do ponto de vista da nossa vida, da nossa socialização, portanto isso também é complicado. Não sei se ajudou a esclarecer ou a confundir [risos].

*De todo, não há respostas certas ou erradas...*

Exactamente.

*Só mesmo uma questão sobre a entrevista e depois passamos às teóricas. Menciona ao longo da sua entrevista que as resistências que encontra no seu grupo de amigos ou mesmo na sua actuação enquanto profissional que tenta introduzir alguma noção de mudança, menciona que as resistências são mais que*



*muitas, e fálamos sobre o poder e sobre as questões de algumas pessoas não quererem mudar e a mudança para essas pessoas é muito difícil, eu gostava de saber, pronto só mesmo explorando um bocadinho mais falou sobre as questões da comunicação, do diálogo, a ideia de que enquanto profissional age de uma determinada forma enquanto noutro contexto quando está com os seus amigos age de outra forma, não sei se se recorda? Vagamente...*

Talvez... [risos]

*Eu gostaria de saber, na sua experiência, mais enquanto profissional, porque nós elaborámos mais a questão dos contextos de amizade, mas no contexto profissional, imagine que vai fazer uma acção de formação numa escola, mencionou isso na entrevista, há resistências por parte dos homens, possivelmente até através dos professores, como é que lida com isso, o que é que tenta deixar lá?*

Ora, as acções de sensibilização nas escolas são um barómetro que eu acho que são essenciais e que nos permitem muitas vezes avaliar o estado de evolução destas questões do ponto de vista social e eu pessoalmente gosto muito de ir, tar na escola, não tenho ido tantas vezes devido às funções que assumo, corta-me um bocado o tempo para poder estar, agora o que significa é que efectivamente os jovens hoje e ainda, apesar de terem o conceito já do que é a igualdade ou do que imaginam ser a igualdade, ainda confundem por vezes igualdade com ser igualitário em tudo, isto às vezes é o conceito mais errado que se possa ter, porque igualdade não significa que as diferenças não estejam por vezes ou que não existem. Por outro lado eles próprios, os jovens, identificam, e se passarmos para um plano das tarefas por exemplo, das tarefas ou da divisão das tarefas ou da divisão de papéis que homens e mulheres têm, eles claramente ainda hoje colocam claramente as mulheres nas tarefas tradicionais como seja o cuidar dos filhos, ou arrumar a casa, ou passar a ferro, ou todas estas tarefas tradicionalmente atribuídas ao sexo feminino e o homem exactamente do lado oposto, o provedor da alimentação, o provedor do dinheiro ou do income da família e dentro do espaço da casa colocam por exemplo o pai no sofá ou colocam-se a eles próprios, claro que são jovens, e acima de tudo utilizam muitas vezes por parte das raparigas e que é algo também e a partir desses discurso que eles vão construindo, uma pessoa procura desmistificar com eles, que é a questão da partilha e como é que eles vêem a partilha, pra eles e pra elas muitas vezes e isto é verbalizado nessas sessões por elas, elas muitas vezes dizem 'ah já era muito bom que quando eu casar ele me ajude a fazer alguma coisa lá em casa', portanto elas partem de um princípio, e portanto isso pode ser o exemplo daquilo que têm em casa, como pode ser o exemplo do processo de socialização e da forma como as mulheres também se vão socializar e dos seus papéis onde elas se vão incluir e dos grupos sociais onde elas se vão incluir. E portanto dizem isso e depois quando uma pessoa procura desmistificar isso e procura discutir com eles, mas o que é que eles entendem por ajudar e porque é que dizem ajudar e

porque é que não dizem partilhar por exemplo, pelo menos a sensação que se tem é que as pessoas ficam a reflectir sobre isso e procuram efectivamente repensar essa questão, e isso é bom pelo menos deixar ficar isso e que as pessoas fiquem a pensar que afinal aquilo que eles davam como um dado adquirido afinal não é um dado adquirido. Bem, e depois tudo depende também para que tipo de população é que uma pessoa possa estar a falar, os contextos sociais, as dinâmicas, mesmo locais de onde esse contexto, donde vem uma família ou outra, donde estão os jovens ou outros, repare nós não há muito tempo aqui nesta zona onde estamos implementados uma colega minha foi fazer uma acção de sensibilização sobre as questões da igualdade a um grupo de formandas que estavam, acho que era através do RSI, portanto eles têm alguns programas de formação que vão sendo implementados e pediram, e estamos a falar de jovens dos 20 e poucos anos, já com filhos, casadas com filhos, em que elas próprias eram as dinamizadoras desta discriminação, ou seja, a minha colega contava que num estrato etário mais elevado tinham presentes para si próprias muito mais o que era isto da igualdade e da partilha de tarefas e da existência de uma partilha efectiva das coisas do que as mais jovens, as mais jovens por exemplo diziam coisas espantosas como 'o quê? eu pôr o meu homem a limpar o pó lá em casa? Acho que limpar o pó depois fica-me com jeitinhos', 'o quê, mandá-lo comprar pão ou pedir-lhe que ele vá comprar o pão? Não, isso nem pensar, esse é um trabalho que é meu, que não é dele, senão as outras vão gozar-me e dizer-me que eu não faço nada e que fico em casa o dia todo sem fazer nada', portanto tudo isto e por outro lado também por vezes [inteligível] outras situações que não eram tão importantes, sei lá, que é isto de ser importante cada um avalia a importância da situação, mas isto demonstra claramente, quer dizer, este discurso da igualdade, da partilha, da efectivação dos direitos de uns e de outros de uma forma igual ainda não é encarado pelas pessoas como tais, as pessoas ainda sentem objectivamente e vivem, porque a sua experiência de socialização assim o levou a que estes papéis são muito claros e muito definidos, não é, e portanto por outro lado vê que estas jovens por exemplo de um ponto de vista da sua libertação sexual começaram muito muito cedo com essa experiência, começaram a ter uma autonomia relativamente aos progenitores muito mais cedo do que se calhar as suas mães e os seus pais, portanto a sua construção, vivências familiares sempre foi muito mais cedo por vezes estruturadas por vezes com situações de violência pelo meio, bom mas identificam-se de um ponto de vista das autonomias relativamente a situações em que seria impensáveis há trinta e três anos atrás, devido à dependência formal até que a mulher tinha perante o ano, isso aí elas conseguem identificar e conseguem identificar como grandes avanços para a sua libertação de um ponto de vista do jugo do homem não é, mas por outro lado este tipo de situações elas perpetuam, ainda não perceberam, ou seja este salto qualitativo se quiser de um ponto de vista destas coisas é que ainda não estão totalmente operacionalizáveis na mente das pessoas, penso eu, porque o mais difícil no meio disto tudo é efectivamente mudarmos a cabeça [risos] e a cabeça não se muda por decreto-lei, objectivamente muda-se por práticas, muda-se por constantes aproximações à realidade, por exemplos, por ir discutindo isto e

fazendo pelo menos que as pessoas vão reflectindo sobre isso, mas pronto dizer que já estamos muito contentes quando por vezes provocamos em alguém que esse alguém comece a pensar sobre isso e isto é muito complicado, por vezes há situações quando fazemos acções de formação o que acontece muitas vezes é que sentimos uma reacção por vezes violenta do ponto de vista da verbalização das coisas, tipo 'não sei porque é que estão a falar disto, a igualdade já existe, não faz sentido nenhum, a igualdade já existe' e percebe-se claramente porque é que as pessoas reagem assim, porque as pessoas estão a ser questionadas nas suas práticas ou pelo menos, questionadas no sentido de, quando temos a falar sobre as coisas, quando temos a dar exemplos concretos as pessoas dizem 'isto da igualdade é um mito, são vocês que inventaram, porque a igualdade já existe', muitas mulheres nos dizem 'eu nunca me senti discriminada' e quando não é fazer um ataque directo aquela pessoa, questioná-la directamente 'mas nunca se sentiu discriminada' e pegar num exemplo qualquer 'mas nunca fez isto? acha que isto é discriminação?', 'Não', é ir dando os dados objectivos, dados indicativos, as estatísticas que nos apresentam, por exemplo a nível laboral a mulher ainda hoje ganha muito menos que o homem, que nos apresentam que uma mulher é discriminada pelo facto de ser mãe, no seu acesso ao local de trabalho, quer dizer estes dados que provam por exemplo que uma mulher acabando um curso universitário até com a melhor nota tem um período quase de seis meses para obter um primeiro emprego, todos estes dados, e quando as pessoas começam a perceber isso, ou quando o casal está à espera de familiar e começam-se a dar exemplos dos usos do tempo em que claramente se percebe que uma mulher entre as funções do trabalho familiar, o trabalho doméstico e o trabalho remunerado, trabalha em média mais três a quatro horas por dia que um homem, no conjunto dessas acções as pessoas começam-se a questionar e começam a reflectir sobre a sua própria vida e reagem, e reagem por vezes de forma violenta, e muitas vezes percebemos porque é que reagem assim, porque efectivamente o facto de estarmos a questionar, a falar, a abordar estas questões, as pessoas começam-se a questionar internamente sobre as suas práticas e isto provoca a revolta e provoca com que as pessoas se mexam, as pessoas não gostam quando estão confortáveis com uma situação que alguém questione sobre essa mesma situação e portanto isto é complicado, não é, de fazer e por vezes, este tipo de situações é efectivamente, é bom, quer dizer já fico muito contente quando provoço isto nas pessoas, principalmente que as pessoas fiquem a pensar se afinal a sua verdade ou a verdade que ela tinha como verdade é tão verdade como a que disse ou se efectivamente há aqui qualquer coisa que não é essa verdade, de todo, que está presente.

*Então, estas perguntas são mais pequeninas. Gostava de saber se tem alguma relação com o movimento feminista, para além do seu trabalho?*

Com o movimento feminista [risos]... O facto de ter [dado omitido] permite-nos que essa relação seja efectiva e seja eficaz, por exemplo [dados omitidos] quer dizer, e vamos estabelecendo ao entrarmos neste mundo se quiser, vamos

estabelecendo relações com pessoas que depois estamos presentes, quer dizer, é quase inerente estarmos presentes e eu não me afasto, quer dizer, não consigo dissociar muitas vezes o meu profissional depois de toda uma actividade que desenvolvo mais a nível de colectividades, ou de participação cívica, ou se quiser, portanto há este envolvimento inerente e portanto não faço parte formal, não sou sócio de nenhuma organização feminista, não sou não sou, agora tenho contacto com muitas organizações que se dizem feministas e com as quais trabalho quer de um ponto de vista profissional quer de um ponto de vista depois pessoal [dados omitidos deliberadamente] em diversas situações em que por vezes nos encontramos, falamos, discutimos, pronto quer dizer tenho esse contacto com esse universo feminista.

*Gostava de saber se tem algum contacto, quer a nível profissional quer a outro nível, com o movimento LGBT, não sei se sabe o que quer dizer a sigla?*

Sim nós, neste momento [dados omitidos; o participante explora a questão, sendo o contacto com o movimento LGBT a nível profissional].

*Eu gostava de saber, ainda sobre este tópico, o que é que pensa sobre a reivindicação das pessoas LGBT, nomeadamente a ideia da adopção, do casamento, todos esses direitos que estas pessoas estão a lutar.*

Pois essa é a parte pessoal [risos], essa é mesmo a parte pessoal [risos], essa não é a parte profissional se quiser, porque eu acho que essas são situações em que mexem connosco do ponto de vista da nossa identificação enquanto seres sexuais se quiser, e como é que nós nos identificamos [inteligível] não tenho por princípio nada contra, ou seja, na questão da adopção questiono-me, pronto, isso tem a ver com questões pessoais, de todo o meu percurso de formação pessoal, e portanto tenho algumas, não vou dizer que sou contra que os casais homossexuais sejam eles mulheres ou homens não possam adoptar, não tem a ver com isso, questiono-me, porque eu acho que uma criança deve ter uma identificação do masculino e do feminino do ponto de vista do seu desenvolvimento e depois face à sua escolha dum ponto de vista da sua orientação sexual não tenho nada contra isso, quer dizer não me choca, não me choca ver dois homens a beijarem-se na rua ou a terem uma vida comum, ou duas mulheres, isso é algo que não me choca, essa é a opção das pessoas, respeito-a desde que também me saibam respeitar a minha opção, eu acho que estas coisas colidem sempre muito com isto, não é, é esta... as minorias por vezes têm formas de expressão de ataque, o que é normal porque são minorias e portanto têm de defender de uma forma mais acesa as suas reivindicações que por vezes ferem de alguma forma os outros. Eu não estou a dizer que o movimento o faça mas por vezes uma pessoa sente-se atacado e a forma como são ditas as coisas é num ataque generalizado a quem não tem aquela opção, não é, como também a maioria ataca muitas vezes as minorias porque considera que aquela opção é errada, ou pode ser errada, e eu acho que deve imperar nestas questões todas é

o bom senso acima de tudo e o respeito pelo outro, e o respeito pela sua individualidade e pela sua escolha, e isto é o que pauta a minha forma de estar, é o respeito que eu tenho pelas pessoas que decidiram, de um ponto de vista da sua vivência sexual, de intimidade, de afectos, que são diferentes da opção que tomei, respeito-as e agradeço também muito que elas me respeitem esta minha opção. Portanto aí vejo as coisas assim, estou neste patamar nada me incomoda nada me choca, antes pelo contrário, não tenho aqui nada contra, as questões da adopção como digo não gosto de dizer que sou contra, é um processo de consciência, de percepção, de procurar perceber também o que é que isto pode ser ou pode não ser, é diferente.

*É um processo que está a fazer, é isso?*

Eu acho que esse é um processo que se vai fazendo e que vai procurando perceber para ter uma posição, como digo, não tenho uma posição sobre isso, nessa questão, objectivamente não tenho uma posição, tendencialmente se quiser acho que terei uma posição de ser contra mas com quinhentas mil interrogações a seguir, porque não... é um bocado difícil assim, é um questionamento, tentar perceber, porque eu acho que acima de tudo devemos, no que toca a crianças eu acho que nós devemos, a sociedade tem uma responsabilidade acrescida de procurar dar o melhor possível às crianças, eu acho que esta é uma responsabilidade da sociedade como um todo e de cada um de nós enquanto pessoa, e portanto é uma dicotomia, isto tem a ver com a forma como eu encaro essa vivência de afectos e da intimidade se quiser, isto é a construção de uma vida em comum, e portanto fiz uma opção ser heterossexual, não sou contra a homossexualidade, mas no que toca às crianças e a esta capacidade questiono-me, pronto, isto tem a ver com outros processos não é, não é o eu ser contra não tem a ver com isso, tem a ver com o processo de amadurecimento também da ideia e de percepção e de que até que ponto é que isto pode ser bom, pode ser mau, para a criança, acima de tudo, nem estou a ver, porque acho que muitas vezes os adultos fixam-se em si e nos seus interesses e esquecem-se dos interesses daqueles que não têm capacidade ainda de decidir sobre, isto é muito complicado e portanto quando as coisas funcionam desta forma é muito complicado.

*Então só mesmo para clarificar, à adopção tem essas dúvidas, a nível do... eu só pergunto em relação ao casamento e à adopção porque de certa forma são as lutas mais públicas...*

Repare, o artigo 13º da Constituição da República Portuguesa, em 2004 se não me falha a memória, foi a revisão constitucional, veio produzir precisamente as questões da não discriminação em função da orientação sexual. Portanto não sei até que ponto é que, e esse argumento ainda está para decisão no Tribunal Constitucional penso eu, daquelas duas pessoas que acerca de dois anos intentaram uma acção para casarem e que foi vedado pela lei civil, uma vez que a

lei civil, o Código Civil, apenas permite o casamento entre casais de sexo oposto, ainda está para análise penso eu, não há uma decisão do Tribunal Constitucional, essa portanto esse recurso que essas duas senhoras apresentaram baseado precisamente nesse artigo da Constituição, portanto logo veremos o que é que isso vai dar, não me choca que as pessoas tenham a opção de fazerem... sabe porque o casamento é um contrato que duas pessoas estabelecem em que há regras e há deveres, e portanto não estou aqui a olhar para o casamento, estou a olhar para o casamento de um ponto de vista civil o que é que ele significa, é efectivamente um contrato entre duas pessoas, um contrato em que há um conjunto de deveres e de obrigações que essas pessoas têm, são entretidas por pessoas do mesmo sexo até, pra mim não... o casamento é uma coisa que não me choca, nessa perspectiva não é, mas se passarmos para outros planos, se passarmos para um plano religioso, se passarmos... bom, isso já são outras questões, tem a ver com as nossas vivências pessoais e aquilo que nós consideramos, a mim não tenho nada contra isso, se quiser, é uma opção pessoal, essa vivência.

*Se não quiser não responda, mas fiquei um pouco intrigado quando disse por exemplo que as minorias tinham à partida uma determinada forma de mostrar os seus afectos...*

Não, não falei em afectos, as suas reivindicações, percebe...

*Ah, será que há alguma situação que possa ilustrar isso?*

Opá, eu acho que em qualquer situação em que... por exemplo, o próprio movimento feminista em determinados momentos em Portugal, do ponto de vista histórico em Portugal, na década pós 25 de Abril foi de um ponto de vista da sua expressão, das suas manifestações, da forma de reivindicar andava muito claramente apenas nos direitos das mulheres porque eram aqueles que estavam quartados, portanto as formas de manifestação por vezes eram mais violentas, violentas aqui sem qualquer conotação de um ponto de vista de agressão ou de outro tipo de situação, porque havia uma necessidade expressa de que aqueles direitos pudessem passar a ser direitos consagrados né, e quando eu digo isto relativamente aos movimentos de homossexuais ou que têm uma orientação sexual diferente do padrão, se é que isto se pode dizer assim, há por vezes este tipo de manifestações também são mais violentas nesse sentido, as marchas que são feitas, a marcha do orgulho gay, valha-me Deus [sussurrado], para muita gente aquela marcha choca pela forma como é feita percebe, por aquela exposição que as pessoas fazem de manifestarem-se que são diferentes dos outros, o direito à diferença é algo que é muito importante agora, por vezes, porque há a necessidade claramente de uma afirmação, não é por acaso que as pessoas querem o casamento, reivindicam o casamento e manifestam-se a favor do casamento, e manifestam-se por vezes de formas mais vio..., ou mais assertivas se quiser para não dizer violentas, de uma forma mais assertiva mais

vincada, e que as formas que utilizam muitas vezes chocam o padrão comum ou a... e por vezes isso até leva a que as pessoas, que isso gera um certo frisson e se sintam ameaçadas ou sintam que estão a fazer uma reivindicação diferente, percebe. Conheço alguns casais de homossexuais, quer rapazes quer raparigas e que se forem na rua ninguém diz que eles são um casal de homossexuais ou que se eu for na rua ninguém vai identificar se eu sou homossexual ou se sou heterossexual, percebe, e essas pessoas não sentem essa necessidade, vivem e assumem-se como tais, vivem a sua intimidade, vivem a sua sexualidade como eles entendem, estão enquadrados dentro da norma, não sei se isto é bom se é mau percebe, mas eu acho que as minorias têm esta necessidade como os ciganos muitas vezes quando reivindicam determinada situação ou dizem que são excluídos porquê, porque são uma minoria não é, portanto as formas de luta têm que se diferenciar, tem que estar na agenda por ter uma visibilidade que lhes permita que isto possa produzir a mudança, a partir do momento se calhar que essa mudança se opere se calhar as coisas diluem-se no todo e passa a ser aceite, ou seja, é normal, depois deixa de ser normais, o normal é muito complicado [risos], mas é aceite e portanto as pessoas já não têm essa forma tão expressiva de se manifestarem relativamente a uma determinada coisa que pretendem alcançar, tem muito a ver com isso.

*Mas às vezes não será que a própria, o próprio objectivo seja causar esse frisson como disse?*

Não digo que não seja, se calhar é mesmo. Repare, é mesmo para provocar se calhar a mudança e provocar que as pessoas fiquem a pensar e fiquem a perceber que há pessoas que são diferentes.

*No movimento feminista, as mulheres nos anos 70, todo aquele mito de que queimaram os soutiens...*

Pois, isso não existiu [risos], é um mito claramente.

*... mas mesmo os movimentos de mulheres também [inteligível] ...*

Sabe, são coisas, são... porque há essa necessidade não é, de passarem a ser aceites, e dizerem 'ok, nós estamos aqui', 'isto existe, não é algo que não existe, isto existe, é uma realidade', e portanto se calhar tem muito a ver com isso.

*Penso que de certa forma todas as questões já foram respondidas, não tenho mais questões. Não sei se quer dizer mais alguma coisa...*

Boa sorte [risos].

Obrigado.

**Simão (Participante 8)**  
**17 de Março de 2008**  
**Entrevistas 1 e 2**  
**± 95 mins**

*Nesta primeira fase o que gostaria de saber a história de como se tornou feminista. O conceito feminista é um conceito teórico que pode ser criticado e se quiser criticá-lo esteja à vontade. Queria saber quais foram as influências, as situações, que considera importantes para se ter tornado feminista.*

Bom, a questão prende-se fundamentalmente o perceber desde muito cedo de uma grande desigualdade entre homens e mulheres, de um fosso profundo entre aquilo que são por um lado igualdade de oportunidades e por outro lado também uma questão mais a montante se quiser, que tem a ver com o desequilíbrio de poderes entre aquilo que nós hoje podemos considerar as maiorias e as minorias. Essa questão das maiorias e das minorias foi uma questão que desde cedo me disse muitíssimo, por fazer parte de uma minoria, aliás conforme pode ver na identificação, de uma minoria sexual, e que desde muito cedo é sentida e portanto isso remete-nos desde logo ou remeteu-me muito cedo para uma preocupação em compreender o meu lugar no mundo, o meu lugar na sociedade da qual eu faço parte e por perceber também nos discursos desde muito cedo essas diferenças e naturalmente que a questão das mulheres é também, o facto de ser mulher coloca-se portanto numa posição social muito diferente da do homem, apesar de muito do feminismo não dizer respeito apenas às mulheres, tem a ver essencialmente com uma prática também política, não sendo uma doutrina mas tem a ver também com questões de poder, é sobretudo a questão da terceira vaga do feminismo, aliás como bem sabe. E portanto, teve fundamentalmente a ver com isso, com essa diferença de poderes, com essa diferença de posições, da sociedade da qual se faz parte e da qual eu faço parte também. E sobretudo uma preocupação em perceber também, mas isto já mais tarde na minha história de vida, com a minha formação académica, em poder, na análise que eu fui fazendo, em primeiro lugar muito individualmente, mas depois poder ir desconstruindo essa construção social que percebo mais tarde que é uma construção social desse lugar que nós enquanto homens e mulheres vamos ocupando na sociedade para que não confundisse, e foi algo que eu nunca confundi na minha vida, felizmente, com o facto de se fazer parte de uma minoria, de se ser menos normal do que os outros, e portanto e por isso posiciono-me hoje nas perspectivas mais desconstrutivistas ou pós-estruturalistas se quiser, que olham para estas questões, destas diferenças e destes lugares que vamos ocupando na sociedade, como homens, como mulheres e nesses diferentes papéis que vamos representando no nosso quotidiano como papéis que são eles próprios culturalmente construídos e que não tem a ver com questões do essencialismo biológico.

*Então se compreendi bem o feminismo foi para si uma espécie de empowerment?*



Ele é no sentido de que através de um processo reflexivo que eu fui fazendo e que continuo a desenvolver e esse conhecimento que eu vou angariando e que eu vou acumulando e que eu vou discutindo e que vou construindo e desconstruindo, fazendo e refazendo, vai-me tornando uma pessoa por um lado mais informada, mais consciente do lugar que eu ocupo na sociedade e que os outros vão também ocupando e ter uma visão se quiser mais de cima deste xadrez que é a vida e que é o lugar que nós vamos ocupando e sobretudo quando o Daniel refere a questão do empowerment tem a ver com isso, porque o conhecimento é poder, e portanto eu sinto-me muito confortável na minha pele e isso deve-se também ao facto, acredito, de ter tido a possibilidade de aceder ao conhecimento e de poder problematizar a realidade tal qual ela me é apresentada e da qual eu faço parte e não aceitá-la de uma forma natural, e nesse sentido, o meu percurso académico obviamente que me ajudou sempre a perceber como é que as coisas vão funcionando socialmente e não ser uma mera, se quiser, vítima de um sistema que me relega para um plano qualquer e que me faz acreditar que o problema está em mim e portanto isso não acontece, não é, embora reconheça que possa acontecer a muitas pessoas e acontece obviamente, sejamos homens, mulheres, maridos, esposas, com orientação sexual normativa ou não normativa, não é, acontece com todos. Portanto obviamente que foi uma questão por um lado pessoal e felizmente também tem a ver com o processo educativo que eu fui tendo, que foi sempre um processo educativo que eu considero muito libertador, não foi castrador, ao contrário, não foi impositivo de um determinado modelo, de um determinado registo, mas foi um processo muito de afectos, de uma educação para afectos, de uma educação para o procurar ser feliz e o ser feliz, sendo que todos nós o podemos ser qualquer que seja a nossa forma de estar na vida ou de pensar, e isso foi desde cedo para mim muito importante e continua a sê-lo obviamente. E depois mais tarde então vêm os livros, vem o estudo, vem a progressão na carreira, que ainda hoje obviamente se mantêm e por isso é uma questão que eu ainda hoje estudo e pretenderei estudar, porque a forma como nós nos sentimos tem a ver com questões individuais obviamente mas tem a ver com o mundo em que estamos e a forma como também somos educados e a nossa receptividade ao conhecimento e a possibilidade que vamos tendo para esse conhecimento que nem sempre temos ou nem sempre somos privilegiados com essa oportunidade, embora estas questões não mudem apenas com a minha acção individual, isto tem muito mais a ver com aquilo que é o político, com aquilo que é o ideológico, e com aquilo que se pretende alimentar socialmente, uma crença que tem a ver com questões muito mais essencialistas e mentes políticas e mentes socialmente construídas, e acredito que, acredito não por sentir o que quer que seja, mas até pelos trabalhos que tenho vindo a desenvolver, que de facto muitos de nós tornamo-nos digamos vítimas do sistema que está organizado de uma determinada maneira e que não questionamos e porque não problematizamos e de que aceitamos de uma forma muito submissa, e portanto isso é excelente para perpetuar uma ordem social existente, em que os homens dominam em determinadas esferas, designadamente o lugar público, e em que as

mulheres se submetem na esfera privada, pese embora nós tenhamos já avanços notáveis nós estamos ainda muito, muito, muito atrasados nestas questões e portanto continua a ser muito útil e muito importante o desenvolvimento de estudos como o seu e como outros, porque quando falamos inclusivamente às mulheres, que acham que de facto estão em situação de igualdade muitas delas, eu ainda esta semana assisti a uma conversa, participei numa jornadas, e assisti a um diálogo entre um grupo de mulheres e que falavam dos seus maridos e das suas tarefas que vão desenvolvendo em casa, e de que aceitam de uma forma muito natural o seu lugar e o facto de terem interrompido os seus estudos porque têm os filhos, porque têm a casa para gerir, porque têm o marido e naquele discurso não se nota uma consciência de que as coisas poderiam ser diferentes eventualmente, ou seja, naturaliza-se esta organização social e portanto nesse sentido continua a ser fundamental nós problematizarmos esta questão, para fazer aquilo que o Giddens refere que é o projecto reflexivo do self cada vez mais profundo e mais complexo, porque está ainda muito por fazer.

*Algumas questões poderão ser pessoais, sinta-se à vontade de não responder se não quiser. Referiu que pertencia a uma minoria sexual e que esse facto também foi uma influência para se interessar por estas áreas do feminismo. Também se interessou por alguma literatura sobre minorias sexuais?*

Com certeza, com certeza, isso vem desde muito cedo e depois tive a sorte de ter pessoas amigas que estão muito ligadas à área das sexualidade, e que portanto... a questão da orientação sexual, se quiser, para ser mais objectivo, para mim nunca constituiu problema no sentido de, vamos ver se me faço entender, ela é só problema quando percebemos que o nosso lugar é muito mais frágil na sociedade e que estamos muito mais destituídos de poder, sejamos homossexuais, sejamos transexuais, ou sejamos bissexuais, qualquer minoria sexual ou qualquer orientação sexual digamos não normativa, entenda-se heterossexual, e percebemos logo que há uma diferença de poder abismal, nós percebemos isso desde muito cedo, na escola, nos discursos normativos que são profundamente heterossexistas, e a nossa sociedade está organizada de acordo com o modelo hetero-normativo e portanto percebemos logo qual é o nosso lugar ou pelo menos eu percebi que o meu lugar era um lugar diferente e que é um lugar obviamente estigmatizado. E nunca me senti desconfortável na minha pele no sentido de que 'eu estou mal e eles é que estão bem', isso nunca me aconteceu, embora admita que isso possa acontecer com muitas pessoas, e que é uma tortura, e que pode ser uma tortura durante uma vida inteira. Felizmente isso para mim não foi nem é. E portanto fui fazendo o meu percurso da construção da minha identidade, fui lendo, fui estudando também, e fui tendo a possibilidade de ter pessoas, o círculo de amigos que ainda hoje estão ligadas fundamentalmente, não só mas também, em psicologia e a área das sexualidades em particular e portanto os nossos diálogos foram sempre muito, como direi, muito respeitadores da diferença e da pluralidade. Obviamente que mesmo com alguma, e estou-me a lembrar de uma amiga em particular que de facto é psicóloga, é sexóloga e é esse

o trabalho dela, e que foi a primeira pessoa com quem eu partilhei de facto, já numa fase não propriamente adolescente, já numa fase adulta, e foi com ela porque realmente é uma pessoa com quem eu me senti e sinto-me muitíssimo bem e porque percebia muito isto, e tudo aquilo que ela ia falando fazia sempre muito sentido para mim e portanto em relação à sua questão e o facto da questão da orientação se contribuiu ou não, decisivamente, claro que sim. Se calhar se fosse mulher podia também sentir o mesmo porque as mulheres apesar de tudo também fazem parte de uma minoria no sentido, na forma como elas são entendidas ainda hoje e eu penso que é muito importante quando se está numa minoria, o que não quer dizer que os homens heterossexuais não tenham muitas questões importantíssimas, muito sérias para resolver, porque têm de facto, e que lhes causam também um enorme sofrimento. Portanto o discurso que eu estou neste momento a produzir não é um discurso de vitimização porque as diferenças não são tão grandes, apenas são umas mais visíveis do que outras e há coisas sobre as quais se fala e há coisas sobre as quais não se fala, o que não quer dizer que do outro lado, ou dos outros lados, não existam problemas, não existam questões para resolver, não existam motivos para sofrimento, não existam todas estas coisas, porque também existem, agora o que há aqui são algumas especificidades e que têm apenas a ver com o contexto e com algumas dinâmicas de relacionamento social, portanto fundamentalmente é isso.

*Então seria possível dizer que o facto de pertencer a uma minoria sexual depois encontrou, não sei se foi através de literatura feminista, se foi com livros, como é que descobriu o feminismo por assim dizer?*

Olhe, o feminismo vai surgindo mais tarde, sobretudo quando eu depois me dedico a fazer estudos digamos mais avançados, primeiro no mestrado, embora o mestrado não tenha muito a ver com esta questão, como eu lhe dizia antes de iniciarmos a entrevista, tem a ver com separação e divórcio e portanto entrevistei homens e mulheres e profissionais ligados à área da justiça concretamente na área da separação e do divórcio e de perceber sobretudo nos discursos desses homens e dessas mulheres muitas coisas, muitos elementos que também me foram úteis para eu perceber outras pontes, outras ligações, não que já não pensasse nelas, mas ter algo de mais concreto e de palpável e não apenas uma coisa muito apriorística. E obviamente que agora no doutoramento mais ainda porque estou no estudo do género, embora esteja a estudar as masculinidades, portanto não estudo as mulheres, estudo os homens. Obviamente que o estudo das masculinidades, pese embora tenha surgido na década de 70 tal como alguns, tal como quando surge o feminismo, embora a sua produção científica, a sua consolidação teórica seja muito mais tardia, a consolidação teórica na área das masculinidades data apenas da década de 90, portanto é extraordinariamente recente. Mas os posicionamentos teóricos e epistemológicos são idênticos, e portanto nesse sentido o aprofundamento da literatura vem mais tarde, sobretudo do suporte teórico se quiser. Outro tipo de leituras que tenha feito entretanto ou anteriormente até ao facto de ter iniciado quer o mestrado quer o meu

doutoramento tiveram mais a ver não com a situação das mulheres mas também dos homens e das minorias, em que os pressupostos teóricos epistemológicos são, vão todos lá ter, não é, e portanto digamos que a questão vem daí, foi uma literatura e um discurso com o qual eu sempre me identifiquei no sentido de que é um discurso muito libertador, não tem a ver com o discurso das correntes mais psicanalíticas, por exemplo, tem a ver com um discurso muito mais político, porque a questão da minoria e da maioria não tem a ver com o essencialismo biológico mas tem a ver com as questões políticas e organização política e ideológica, e portanto toda essa literatura e que fui tendo acesso e que vou continuando a ter acesso, vou explorando, é um tipo de leitura que tem um determinado posicionamento, desconstrutivista, e que vai buscar também ao feminismo obviamente coisas muito importantes. Portanto para sintetizar e depois dir-me-á se estou a responder à sua questão ou não, a orientação sexual, a minha em concreto, foi importante e continua a sê-lo, porque na busca que eu fui fazendo de perceber, de me perceber e de me situar numa sociedade mais ampla da qual eu faço parte, o que eu fui lendo e continuo a ler foi sempre muito importante e o conteúdo dessas leituras teve sempre como pressuposto este tipo de correntes, de análise do poder, das questões políticas e não tanto essencialistas, e portanto o feminismo tem muito a ver com este tipo de leituras e de posicionamento teórico e epistemológico.

*E quando fala em política, cinge-se aos estudos que faz e às leituras que faz, ou como é que transporta aquilo que aprende, e a sua experiência e aquilo que absorve da teoria? Envolve-se em movimentos sociais?*

Eu tenho ocupado alguns, não sou activista, não estou filiado em nenhuma organização, trabalho com algumas pessoas mas mais como colaborador, como participante de alguns grupos de reflexão e de pessoas que fazem parte de alguns movimentos activistas e depois tudo aquilo que eu vou produzindo, por exemplo, e nas aulas, eu sou docente no ensino superior, e as aulas que eu vou dando e as orientações que faço, quer ao nível digamos de licenciatura, quer ao nível de mestrado, por exemplo estou a orientar uma dissertação de psicologia neste momento na área das sexualidades e o posicionamento é todo este, não é, ou quer por exemplo as apresentações do meu trabalho, neste trabalho quer o anterior mas mais este que estou agora a fazer, estou há dois anos e meio no processo de doutoramento, e as apresentações que faço quer em congressos quer em jornadas quer em qualquer tipo de encontro são também para já o meu contributo, ou os artigos que eu proponho para publicação são uma forma, digamos, de dar o meu contributo para essa visibilidade. [dados omitidos]

*E então quais são os estudos sobre as masculinidades que está a realizar?*

Olhe, está-me a perguntar o estudo que eu estou a realizar neste momento, é isso?

*Sim.*

Eu estou portanto a trabalhar a questão dos homens e das emoções, mais concretamente, os homens, as emoções e o ciberespaço, são três dimensões que estou a analisar, e que tem a ver com como é que os homens em primeiro lugar constroem a sua imagem de ser homem, o que é para o homem ser homem se quiseses, imagine que lhe perguntava agora a si, o que é para si ser homem, a sua imagem, como é que se vê como homem, qual é a ideia que os homens têm sobre a representação social da masculinidade e como é que se revêem nessa posição por um lado individual e por outro lado mais social, será que eu me identifico com a visão socialmente construída da masculinidade ou será que me vejo de forma diferente e como é que me sinto face a isso. E depois entro na questão das emoções, em particular nas emoções que tenham a ver com aquelas que são mais desligadas do homem, ou seja, que são mais associadas à mulher, como o choro, a tristeza, a partilha, os afectos, etc. E depois portanto eu entrevistei homens que tivessem vivido uma situação de ruptura conjugal, porquê, porque de facto tem a ver com um momento de crise, a separação ou o divórcio melhor dizendo, é na escala de [inteligível] o segundo evento mais stressante na vida de um ser humano, à frente do divórcio está apenas a morte de um ente querido, isto não é assim tão conhecido, e portanto escolhi este momento da vida para poder falar com estes homens sobre isso, e depois introduzo aqui a questão do ciberespaço no sentido de tentar perceber em que medida é que ele pode funcionar como um espaço mais libertador para a expressão emocional, e a minha base teórica epistemologia tem a ver precisamente com essas questões, com a estrutura de fundamentos, sobre as quais lhe falei à pouco, portanto por isso os autores de referência para mim são quer o Foucault, quer o Goffman, quer o Giddens, quer o Pierre Bordieu, são âncoras digamos no meu estudo.

*Pensa que é importante, relativamente à sua experiência pessoal e às suas leituras, que os homens tenham um papel activo na luta pela igualdade de género, pensa que isso é possível, acha que temos recursos disponíveis em Portugal para exercer essa mudança? Qual pensa que seja o papel que os homens poderão ter, ou não, em relação à igualdade de género?*

Eu penso que têm todo. Agora, se me perguntar se há disponibilidade, se há... porque isso é colocar a questão de uma forma muito interessante mas é virá-la do avesso e por isso é um desafio muito interessante e muito importante e ele é fundamental, eu penso que nós estamos ainda muito aquém, eu cada vez mais à medida que vou desbravando mais terreno, na conversa que tenho com os meus alunos, nos diálogos que vou mantendo com eles, há muito trabalho para fazer ainda de facto, nós continuamos a naturalizar muito estas questões, continuamos a ter uma visão muito binária da realidade, continuamos a hierarquizar demasiadamente as diferenças, e para o homem eu entendo que não seja fácil este tipo de envolvimento, os homens enfrentam do meu ponto de vista inúmeros constrangimentos, não são apenas as mulheres, o homem foi educado para ser

forte, para ser duro, para ser racional, para ser o dito ganha pão, para assumir estas responsabilidades, e tal como os homens foram incorporando esta ideia de ser homem, e foram-na representando ao longo da sua vida, as mulheres também foram, portanto as mulheres muitas delas continuam a aceitar que o marido... quando uma mulher diz assim 'porque ele até me ajuda em casa', não é, isto tem muito que se lhe diga, porque esta mulher não conseguiu ainda perceber que ele não a está a ajudar, porque a responsabilidade pode ser dos dois e deve ser dos dois, e portanto ele não lhe está a fazer nenhum favor, ou 'quando eu estou aqui e o meu marido até é um querido porque o meu marido até ficou com os miúdos para eu estar cá, e portanto tenho um marido de ouro', por exemplo alguns discursos, isto continua a ser muito revelador, porque é como se esta mulher ficasse em dívida para com este marido, ou para com este homem. Portanto há questões dois lados. Portanto ela é desejada mas eu penso que ainda estamos um pouco longe e são estes trabalhos que vão sendo tornados mais públicos, são as iniciativas que podemos ter nas escolas, não é por acaso que nós temos agora, ainda agora no quadro do CREN, que é uma linha digamos para a área do género, porque é fundamental, porque nós não estamos ainda numa base de igualdade, estamos longíssimo ainda do meu ponto de vista, quer nos discursos quer em muitas formas de pensar, porque o discurso pode ser um e a forma de pensar pode ser outra, portanto mas eu penso que é em ambos os lugares. Não é fácil para um homem, penso eu, ou para a maioria dos homens, expôr-se, até simplesmente assumir-se como feminista, porque o assumir-se como feminista já é uma coisa que pode parecer aos outros muito estranha, não é, porque pode, e agora cruzando um pouco com aquilo que eu tenho vindo a trabalhar, pode quase ser percebido como, se calhar, 'é feminista, é menos homem', o que é um perfeito disparate, mas tal como muitos outros disparates, eles podem ter uma acção muito coerciva na vida dos sujeitos, penalizando-os, causando-lhes sofrimento, e se calhar até alguns homens, admito eu, que podiam até assumir-se como feministas mas não se assumirão, porque isto é um rótulo, e é uma coisa que pode causar alguma estranheza, até porque o próprio feminismo para muitas pessoas, mais ignorantes diria eu, tem uma carga muito negativa, porque é uma visão muito ancorada numa percepção ou num entendimento do que é o feminismo que não corresponde totalmente à verdade, não é, eu ainda continuo a ouvir vários discursos de que o feminismo quer dizer que as mulheres querem ser iguais aos homens, e que há um certo equívoco aqui nesta leitura simplista e redutora, e portanto se um homem ainda por cima diz que quer ser feminista isto pode causar ainda mais estranheza, e portanto pode dificultar de alguma maneira uma organização social mais consistente por parte dos homens a favor deste trabalho de maior libertação e de maior igualdade de oportunidades.

*Quando disse que a minha pergunta era virada do avesso, penso que sei o que quer dizer, mas gostaria que explicasse melhor, se possível.*

Porque sobretudo a questão do feminismo é colocada, e os nomes que associados ao feminismo são essencialmente mulheres, não são homens. Quando

há algumas décadas atrás, também na década de 70, e a seguir na década de 80, por exemplo em Portugal as mulheres também foram para a rua, e quando levaram os tachos, e quando levaram todos os adornos e acessórios que as associavam ao espaço doméstico, ainda agora nas jornadas que eu tive na APF, a APF tem um filme que construiu a propósito dos quarenta anos, que se chama 'Falar disso', e o disso é a sexualidade fundamentalmente, e quando as mulheres vão para a rua e mostram no filme uma coisa muito interessante que são as mulheres de facto na rua, em Lisboa, com os tachos, com as panelas, com os baldes de Skip nos braços e havia muitos homens ali também, mas muitos desses homens, alguns estavam mais timidamente a acompanhar as mulheres, mas a maior parte desses homens é que foram para agredir essas mulheres, e agrediram-nas quer verbalmente quer fisicamente, portanto nós não estamos muito, e se calhar não é por acaso que há pouco me dizia na sua introdução que o seu orientador ou a sua orientadora terá ficado muito surpreendido pelo facto de trinta homens se assumirem como feministas, e eu percebo muito bem, não é fácil, e que nesse sentido foi por isso que eu falei que é colocar a questão do avesso, então e os homens como é que pensam?, eu acho que pode encontrar vários homens a pensar eventualmente numa linha mais ou menos idêntica àquilo que lhe posso estar a dizer, assumir isto tudo não é tão fácil, porque eu diria mesmo é preciso alguma... é preciso estar-se muito bem, tal como é preciso estar-se muito bem para escrever aí no seu papel de identificação que se é homossexual, porque podia-lhe mentir e podia dizer que era aquilo que eventualmente seria o normativo, e não ficaria a saber. Portanto é preciso estar-se bem para aguentar com uma pressão social que sabemos que existe mas que existem outras pressões, e outras pessoas existem outras, o fundamental é cada um de nós estar bem consigo próprio, tal como é preciso ter algum estofo por exemplo para ter trinta e cinco anos e viver numa casa e em que não se associa uma companheira ou uma esposa, quer o vizinho da frente, o de cima, no que quer que seja. Portanto, mas o fundamental é que a pessoa, penso eu, não é a pessoa, é que eu, cada um é como cada qual, sobretudo me sinta bem e perceba qual é o meu lugar, no sentido de que não é um lugar inferior aos outros.

*Quando diz que é preciso estar-se bem, acha então que é preciso criar contextos de segurança em que as pessoas possam falar, discutir os próprios conceitos que utilizamos, o feminista, o que é que é ser feminista, o que é que é ser homossexual, há muitos mitos associados a estas palavras...*

Sim, sim, e mais do que mitos eu diria que há muitos estigmas negativos, e depois há muitos símbolos que nós poderemos utilizar, e que são ora símbolos de prestígio ora símbolos mais estigmatizantes. Eu acho que em primeiro lugar, até para conceder esta entrevista, porque inevitavelmente estas questões iriam surgir, quando se sabe mais ou menos qual é o conteúdo da entrevista, é preciso que a pessoa esteja, penso eu, numa fase, numa fase mais confortável, provavelmente há uns anos atrás eu não lhe daria esta entrevista, provavelmente, se calhar é um eufemismo, não daria de todo, e eu acho que continua a ser muito importante nós

falarmos destas questões de uma forma desempoiçada, de uma forma... com a naturalidade que as coisas têm. O problema não está na homossexualidade do meu ponto de vista, o problema está na sexualidade e na forma como ela foi sempre encarada, numa cultura judaico-cristã, porque... agora há aqui de facto níveis diferenciados, porque dentro da população heterossexual não se fala de muita coisa também. Eu tenho, dei aulas no mestrado há pouco tempo, terminei o seminário que estava a dar, e falo muito nas questões da sexualidade. E então eu tive alunos que me disseram que só na faculdade é que conseguiram começar a falar sobre algumas coisas e tiveram algumas dúvidas. Ora na faculdade já é um momento um bocadinho tardio, não é, porque já se está numa fase adulta. Eu tenho alunos homens, e pergunto-lhe sempre isto todos os anos, e eu já dou aulas no ensino superior há, este é o meu sétimo ano lectivo, e eu tenho alunos portanto de várias zonas do país e alguns deles dizem-me, e eu pergunto-lhes a brincar, a brincar mas muito seriamente, se me comprariam uma embalagem de preservativos numa farmácia. E eu tenho alunos que dizem que não, tenho alunos que me dizem assim, primeiro mudam de cor não sei quantas vezes, esfregam as mãos, as pernas, os braços, enfim, toda aquela gesticulação, e alguns dizem-me assim 'oh professor, huh, aqui talvez, na minha terra nem pensar' e muito deles não sei se serão ou não, mas se calhar são heterossexuais. Eu tenho um amigo médico que quando lançou a consulta de planeamento familiar no centro de saúde bem lá para o norte do país não tinha doentes, porque ninguém se sentava aquela hora naquele banco, porque significava ir ao [nome omitido] que era 'práquilo', e 'aquilo' era planeamento familiar. Portanto nós precisamos de falar mas também temos que ter algum cuidado, não é falar por falar e posso dar-lhe um outro exemplo, muito recente, e quando eu digo recente é da semana passada, em que eu tenho um amigo que é professor no ensino secundário e que foi coordenador de uma biblioteca no ano passado e que portanto eles tinham-se candidatado, a escola, uns fundos quaisquer para um projecto ligado às bibliotecas, e que adquiriram um espólio, quer de livros, quer de DVDs, de CDs, etc, e dentro das diferentes temáticas houve alguns filmes que foram adquiridos pela escola, entre eles o Filadélfia, o Monstro que está ligado à questão também da homossexualidade feminina e da prostituição de rua, o Brokeback Mountain e o Filadélfia penso que já disse, e houve uma senhora professora que este ano, na semana passada entrou na biblioteca e reparou que estavam lá esses filmes e foi ao Conselho Executivo dizer que a escola que estava a promover a homossexualidade, e mais grave é que o vice-presidente da escola, não tem 50, nem 60, nem 70 anos, mas tem 30 e poucos anos, terá entendido o mesmo e confiscou os filmes, e ninguém se pergunta se a escola está a promover a heterossexualidade, a heterossexualidade é o natural, entendido desta maneira pela maior parte das pessoas. Portanto nós precisamos muitíssimo de falar destas coisas, precisamos de desconstruí-las, precisamos de ter cuidado com o discurso que vamos produzindo, porque o discurso é uma forma de poder, ele influencia, e eu quando falo para uma turma de alunos eu tenho de ter a noção que eu tenho pessoas à minha frente de quem eu conheço apenas o rosto, e portanto ao conhecer partes de si e que eu não posso deduzir que são todos heterossexuais,



que querem todos casar e ter filhos, mas que podem ser muitas outras coisas, portanto o que eu vejo são fachadas, tal como eu tenho a minha, tal como todos nós temos a nossa, e vamos dramatizando diferentes papéis e vamos dando ao outro aquilo muitas vezes que ele quer ouvir, porque também não queremos ficar numa posição de fragilidade, e portanto é muitíssimo importante introduzir estas questões, por exemplo na área das masculinidades, a Austrália está digamos, tal como os Estados Unidos, mas a Austrália tem de facto investigação de ponta nesta área e as universidades têm cursos de masculinidades, portanto já estão num outro patamar diferente. Um homem que em Portugal estude as masculinidades ou que estude o feminismo, mas as masculinidades mais ainda, mas e o género, já é um homem que é associado a algo menos normativo, e pode não o ser. Mas o que é facto é que é importante ter consciência de que se pode ser associado, e depois, qual é o problema?, mas isso depois cabe a cada um de nós. Se calhar até há pessoas que gostariam de estudar mais estas coisas mas não estudam porque não se sentem ainda com o tal estofo que eu dizia há pouco para enfrentar determinado tipo de reacções mais explícitas ou como na maior parte das vezes menos explícitas.

*Quando disse que até há algum tempo atrás não daria esta entrevista, mencionou que estudos deste carácter que talvez sejam um pouco mais, são muito pessoais, requerem muito do entrevistado, pelo menos interpretei assim, não sei se era essa a ideia que tinha.*

Não percebi bem, não se importa de reformular.

*Não daria esta entrevista porque possivelmente, à partida já sabia que eu ia tocar em vários pontos mais pessoais que frequentemente não se abordam noutra tipo de estudos.*

O que eu queria dizer era, obviamente que falar de feminismo obriga-nos a falar de homens, de mulheres, de igualdades ou desigualdades de acordo com aquilo que cada um pensa, do meu ponto de vista de desigualdades e dos diferentes lugares que vamos ocupando, as maiorias e as minorias, etc., e sempre que há uma entrevista obviamente pessoal, não veio de Lisboa ao Porto para que eu fale dos outros, mas para que eu fale de mim e da forma como eu vejo as coisas, é sempre uma exposição. E quando se faz parte de uma minoria, penso eu seja ela sexual ou outra, e agora vou situar-me naquela que eu melhor conheço que é a sexual, há um período da vida que pode ser mais longo que o desejável, ou até há pessoas que podem conhecer só esse período, em que é como se, não é por acaso que existe a expressão da saída do armário, há pessoas que nunca saem do armário, nunca conseguem sair do armário. E como é que vivem? Provavelmente com muito sofrimento mas não conseguiram, e não é por acaso que depois nós temos, não terá a ver só com isso, mas também terá do meu ponto de vista também terá a ver com isso, por exemplo numa comunidade homossexual a questão da sexualidade episódica, que também existe nos heterossexuais,

obviamente que existe, mas provavelmente é muito diferente, é muito diferente um homem por exemplo casado ou que tem a sua namorada e que tem uma relação com outra mulher ou outras mulheres, anónimas ou não, os chamados blind dates que nós conhecemos, eu penso que continua a ser muito diferente isso do que um homem que se sente homossexual, que não tem coragem de assumir a sua homossexualidade, e que procura sexo com outros homens por exemplo através da internet, através de uma sauna ou do que quer que seja, porque eu não sou nada crítico relativamente aos homens que por exemplo frequentam uma sauna, embora eu nunca tivesse frequentado porque eu acredito e conheço alguns, homens que podem ir até uma sauna porque querem ter sexo, porque não conseguem tê-lo de outra forma, porque quando nós começamos a ser vistos, isto também acontece muito do outro lado, mas quando um homem começa a ser visto muito frequentemente com outro homem, com o mesmo homem, pode ser mais facilmente rotulado e quando não se está bem com a sua orientação sexual no sentido de que não quer que saibam que eu sou, então eu posso também evitar, tenho que evitar andar sempre com esta pessoa, porque senão vão-me associar a ela, ao passo que se eu andar hoje com um, amanhã com outro e amanhã com outro, são amigos, não tem que ser companheiros, e há aqui uma diferença que é muito importante, portanto agora perdi-me um bocadinho porque não sei a origem da pergunta.

*Por exemplo quando disse a saída do armário, a minha questão original, pegando nessa expressão mais utilizada pelo movimento LGBT, era no sentido da saída do armário em outras identidades, por exemplo os homens feministas. Já agora também partilho das entrevistas que tenho feito eu ainda sinto que existe uma grande relutância em se considerar feminista...*

O que eu estou a dizer, olhar para o que não é nada fácil...

*Exactamente. Há a ideia de que o feminismo é quase o oposto do machismo, se fosse o feminismo implicaria as mulheres estarem no topo e os homens subjugados, que é uma visão...*

Que é a tal visão completamente errada, não é, daquilo...

*O que eu gostaria de saber é o que é que acha que nós poderíamos fazer para, pronto nós já falámos sobre a educação, mesmo a nível das escolas. Mas não seria possível também outros recursos, pensa que é só nas escolas?*

Não será só nas escolas, a própria comunicação social tem um papel importantíssimo. E eu penso que de vez em quando começam, enfim, a comunicação social e vou para já situar-me na questão da televisão, a questão das séries televisivas por exemplo, pontualmente começam a aparecer casais não normativos, mas é também a forma como eles são trabalhados, podem ser trabalhados com naturalidade ou podem colocar, e permita-me a expressão, aquilo

que as pessoas designam pela 'bicha' que é a visão estigmatizada do homossexual e obviamente que quando se coloca a 'bicha' na televisão para utilizar a expressão, digamos mais conhecida, também se faz isso tudo do meu ponto de vista com uma certa intencionalidade, que é fragilizar um determinado público que depois não é aquele, são 'os', e nós partimos digamos do singular para o geral, ou para o plural, ou se quiser do particular para o geral, com muita facilidade, até dá um certo jeito. Portanto penso que quem escreve por exemplo textos para séries, para determinado tipo de programas, ou os programas que existem, por exemplo eu estou a recordar-me do programa que havia com os professores Júlio Machado Vaz e Gabriela Moite, 'Estes difíceis amores', eu penso que o que aconteceu com esse programa foi algo de muito evidente, porque esse programa era um programa muitíssimo interessante, muito educativo, e educativo no sentido da educação para a diferença e da aceitação e da desconstrução desta realidade, mas provavelmente não terá interessado que esse programa estivesse tanto tempo no ar, é que a dada altura ele é relegado para tipo uma da manhã, ora quem é que vai ver esse programa à uma da manhã num dia de semana, portanto e quem é que dirige a programação? Há aqui uma acção política claramente, não é. Portanto eu penso que a televisão poderia ter e tem este potencial mas está ainda muito por trabalhar, ou a criação de debates a horas que sejam possíveis das pessoas verem ou na introdução destas séries que gostemos ou não elas têm um impacto fortíssimo nos jovens e nos adolescentes, estas séries tipo os Morangos com Açúcar, etc., de poder... porque também são muito heteronormativas, mas de poderem também eventualmente incluir, porque no fundo as massas acedem muito mais facilmente à televisão do que a um livro, os portugueses lêem muito pouco, e portanto esta é uma outra forma de fazer chegar, de fazer passar mensagens. Nós tivemos uma outra telenovela vinda do Brasil que tocava nestes aspectos e tocava com naturalidade, mas há uns anos atrás tivemos uma novela também do Brasil, em que uma das actrizes era a Sílvia Pfeiffer em que havia a questão da homossexualidade feminina e que portanto o autor da telenovela teve que alterar o guião porque a reacção foi muito forte e foi pela negativa. Portanto são alguns ensaios, algumas questões, algumas pessoas que vão dando a cara, nós tivemos o Miguel Vale de Almeida que nesta última telenovela Páginas da Vida deu o seu testemunho pessoal no final da telenovela e falou do seu casamento e de como é que foi, isto vai criando, vai passando. Agora obviamente que não é qualquer coisa que também pode fazer isto, porque noutro dia... porque há consequências, obviamente. Eu recordo-me quando eu comecei a fazer doutoramento e quando escolhi o tema e depois mais tarde houve uma possibilidade que foi abandonada entretanto, de fazer um estudo só com sexualidades não normativas e da minha orientadora me colocar a questão 'oh [nome omitido] mas tu tens a noção, eu acho muitíssimo bem, mas tens noção do impacto que pode criar e das associações', eu disse claramente que tenho, portanto se fosse uma mulher a estudar se calhar já não era a mesma coisa, não é. Portanto esta é uma forma, através dos meios de comunicação social obviamente, as universidades também, as escolas e a outras formas de comunicação social, a imprensa escrita, ter um outro trabalho que possa surgir

nesta área também, todas as formas de arte por exemplo, quer o teatro quer o cinema, nós tivemos este filme tão, tão conhecido, o Brokeback Mountain, que foi uma forma de trabalhar esta questão de uma forma muito bela do meu ponto de vista, mas que no entanto temos reacções como as que lhe apresentei há pouco de uma escola que acha que aquilo é a promoção da homossexualidade e que confisca o filme, mas se calhar há muitas outras escolas que não confiscaram, portanto os velhos do restelo continuarão certamente não é. Vamos aos poucos, eu acho que esta mudança é uma mudança lenta mas que se vai fazendo, pese embora nós tenhamos discursos, hoje é quase que politicamente incorrecto dizer que se é contra, mas as práticas não acompanham os discursos, estão longe de acompanhar os discursos, eu tenho muitos homens heterossexuais no meu estudo e que sofrem imenso por não poder expressar as suas emoções, por não poderem chorar quando lhes apetece chorar, são heterossexuais, porque isso é que eu dizia que esta questão, este discurso não é um discurso de vitimização, é um discurso que sublinha apenas alguma especificidades deste contexto, porque depois há outras questões, há outros constrangimentos, há outras violências simbólicas, portanto é um trabalho que se vai fazendo, e não é uma questão mais antiga, porque as gerações mais novas também têm muitos preconceitos e estão perfeitamente, herdaram muito bem ou aprenderam muito bem a lição do preconceito e também o reproduzem, claramente, claramente. Eu quando sublinho a questão da educação, não só por eu ser professor, e por ser um meio no qual eu me movo, e porque de facto nos permite o acesso, digamos, a um conjunto muito vasto de cidadãos, de pessoas, de alunos, e porque tudo isto afinal retrata, penso eu na base, na sua base, da educação, porque se nós separamos homens ou separamos as mulheres é porque fomos educados para isso, porque se o homem não chora não é porque biologicamente ele não esteja preparado para chorar mas é porque desenvolveu mecanismos de regulação porque sabe que não deve chorar em público.

*Qual é a saída para esses homens, esses homens que não conseguem chorar, não têm a oportunidade de chorar, acha que o simples facto de eles terem a oportunidade de chorar, depois quais são as implicações, qual é a implicação do choro por assim dizer, a nível da distribuição de poderes entre mulheres e homens?*

Olhe eu acho que antes disso há implicações seríssimas para a própria saúde, nós teríamos pessoas menos ansiosas, teríamos menos crises de pânico, teríamos menos distúrbios alimentares, teríamos menos uma série de consequências negativas para a saúde. Eu vejo nos discursos que tenho, e eu tenho neste momento trinta e três entrevistas realizadas, algumas das quais com oito horas de gravação, tenho entrevistas muito longas mesmo, e vejo alguns homens que acreditam neste papel que lhes foi conferido, não como um papel mas como algo que é natural, e isto torna a coisa muito mais complicada, porque quando eu me vejo de uma determinada forma que afinal até foi culturalmente construída e eu aprendi a ser homem mas não tenho a noção que aprendi, tenho a

noção de que eu sou assim, que é a minha natureza, ou que é a natureza dos homens, desmontar isto é muito mais difícil não é, mesmo em muitos homens que se encontram em conflito com a sua forma de se verem com a concepção que têm de si mesmos, conflito no sentido de que percebem que não estão, é como a linha do comboio, não estão naquela linha, não estão devidamente alinhados, o sofrimento de muitos desses homens decorre não pela forma como os outros os vêem a eles, mas porque eles sentem que deviam estar ali naquela linha, que o problema está neles. Eu tenho um entrevistado, por exemplo, que é homossexual que tá na casa dos vinte anos, vinte e poucos anos, e que foi fazer o curso de psicologia não para se aceitar ou para perceber mas com a crença de que se poderia tornar heterossexual, uma espécie de cura milagrosa, e isto é muito grave, mas nós temos clínicos que alimentam isto, nós temos psicólogos que alimentam isto, nós temos psiquiatras que alimentam isto, e este discurso legitimador não é, é como se fosse o trabalho ao contrário, está alguém a fazer um trabalho sobre os homens feministas por um lado e se calhar pode estar um psiquiatra do outro lado a dizer que estes homens não são normais, sofrem de uma patologia. Por isso é que o discurso é poder também, como é óbvio não é. Portanto eu acho que tem a ver com, por um lado, o percurso que eu faço, com aquilo que eu leio, mas depende do que é que eu estou a ler, há muitos psicanalistas ainda hoje e tenho vários entrevistados, por exemplo no meu estudo referem isso, sobretudo os homossexuais em que os senhores doutores disseram que eles tinham de mudar, e que tinham que experimentar e são pessoas com responsabilidades. E eu não sei se o Daniel teve acesso à tese de doutoramento da Professora Gabriela Moita, ela fez um trabalho com clínicos e com... sobre homossexuais, e há discursos na tese da Professora Gabriela Moita produzidos por clínicos, que são absolutamente criminosos, e são pessoas esclarecidas, esclarecidas com muitas aspas não é, e portanto nós temos mesmo mundos diferentes, nós temos, umas semanas atrás talvez umas duas ou três semanas atrás, estive num jantar com algumas pessoas amigas e outras pessoas que eu não conhecia, e foi na casa de uma amiga minha, e ela tinha os convidados dela, eu era um deles, e dessas pessoas estava um historiador, estava uma escritora, estava um arquitecto, estava eu, estava esta minha amiga que também é professora no ensino superior, portanto tudo pessoas ligadas à cultura, à educação, enfim. E esse arquitecto que estava a defender a sua tese de doutoramento, portanto estamos a falar também de uma pessoa que progrediu academicamente etc., dizia a propósito do Professor Júlio Machado Vaz porque estávamos a falar sobre a questão do programa que ele tinha com a Professora Gabriela, dizer 'esse é o poeta', ele nem lhe reconhecia o estatuto de mérito porque... eu percebi claramente o que ele quer dizer, porque ele tem um discurso perfeitamente homofóbico, porque de facto o Professor Júlio Machado Vaz no seu discurso encaixa muitíssimo bem a pluralidade digamos das sexualidades e não as hierarquiza, e portanto e fala da construção social, disserta sobre, e não é alguém que diz que é o normal ou o anormal, e portanto enquanto nós tivermos pessoas que também olham para estes profissionais e que desconstroem como poetas e não como detentores de um saber, nós vamos andar um pouco nisto. Por isso eu acho que o importante, e agora falarei da minha

experiência, é eu saber que chão é que piso e no que é que eu acredito, mas estou perfeitamente convicto de que para muitas pessoas é um caminho muito, muito, muito mais penoso, e eu tenho um amigo homossexual em que ouviu desde muito cedo da parte dos pais e há imagens que ele tem em que uma vez a mãe diz-lhe assim 'se eu soubesse', tavam a ver uma revista qualquer e vinha lá uma notícia sobre homossexualidade e a senhora dizia assim 'se eu soubesse que tinha um filho homossexual preferia que ele morresse' e ele era, e portanto tem seguramente a noção do que é que isto significa ouvir uma coisa destas, e no dia em que, já numa fase de ruptura, porque ele foi pressionado por todos os lados por parte da família, em que ele não aguentando mais ele diz que é, o pai dele saiu de casa, e depois claro regressou a casa mas teve de ele sair, e já passaram penso que três ou quatro anos e nunca mais falaram, e quando ele vai a casa ver a mãe por exemplo, e se o pai estiver a chegar telefona que é para ele sair, para não se cruzarem. Isto é muito grave, e continua a existir, tal como e voltando agora para não me dispersar demasiadamente, no caso das mulheres com mais iniciativa lá vem o adágio popular que diz lá em casa ela é que usa as calças, como se ela estivesse a fazer de homem. E portanto este discurso popular que vai sendo transmitido geracionalmente também contribuiu e contribui de alguma forma para perpetuar determinado tipo de ideologias, não é, ela é que usa as calças, ela é que manda, enfim, são discursos que vão sendo construídos e que têm subjacente uma lógica muito grande do poder, agora é importante também que eu... eu acho que é muito importante eu me situar no que é que eu quero, conseguir problematizar, conseguir questionar, conseguir destacar-me para ver o todo, mas admito de facto que nem todos consigamos fazer isto e que mesmo alguns dos que conseguem podem ficar mais prisioneiros de determinado tipo de leituras que não são libertadoras mas sim castradoras, portanto a questão é tudo menos linear é muito complexa.

*O Michael Messner, não sei se já o leu...chega a umas páginas tantas em que ele diz que criou-se um contexto em que os homens tinham realmente mais acesso às suas emoções, o facto de chorar publicamente que até há muito pouco tempo atrás era impensável. Ele dá o exemplo de um desportista negro, supostamente um desportista muito musculado que supostamente seria o arquétipo do homem e que ele em público chorou perante um estádio repleto de pessoas, o que era impensável até há muito pouco tempo.*

Ah, mas chorou num contexto muito específico.

*Pronto, ou seja, criam-se contextos específicos em que o choro não...*

Aí já não é estigmatizante, tal como o homem pode chorar e até é bem visto se conseguir chorar num funeral, por exemplo.

*Se calhar até serve para reafirmar a sua masculinidade.*

Claro, claro, é, mas são contextos perfeitamente definidos e muito contextualizados, tal como se a mulher não chorar num funeral é uma tragédia porque então já não gostava dele, já é uma viúva alegre, repare Daniel que não há a expressão viúvo alegre, mas há a viúva alegre, porquê, porque cabe à mulher chorar para sempre o seu marido que partiu e vestir o negro para sempre, claro que as coisas hoje estão mudadas não é, mas não há expressão do viúvo alegre, aliás a preocupação social do marido que fica é que ele agora não pode tomar conta dele, portanto tem alguém que se disponibiliza logo para tomar conta do senhor, e que aceita, pois coitado ia lá, agora um homem não pode ficar sozinho, mas a mulher já pode.

*Sim, mas aí, às vezes... também gostava de criticar um bocadinho, porque se calhar, lá está, socialmente os homens de certa forma não são, não têm os recursos, lá está o empowerment... empowerment, neste caso não vou usar o termo, não têm os recursos, muitas vezes não têm os recursos necessários para tratar de si próprio, porque o tratar deles, sempre foram tratados pelas mulheres, pela sua mãe, pela sua esposa...*

Pois, mas isso é que é importante, não é porque não têm devido à sua natureza.

*Não, é pela socialização.*

Exactamente. Repare, há muitos homens, eu antes de dar aulas no ensino superior estive ligado, pronto fui director de uma instituição, depois tive ligado à formação profissional e na formação profissional trabalhei durante alguns anos só com mulheres, desempregadas de longa duração, que iam fazendo uns cursos para exercer funções em instituições particulares de solidariedade social. E eu tinha lá muitas mulheres que diziam coisas muito curiosas que era, 'o meu homem faz tudo em casa', diziam elas assim, só não faziam uma coisa, tem ideia do que é que não faziam?

*A lide doméstica?*

Faziam tudo da lide doméstica, só não faziam uma coisa que era estender a roupa, porque o estender a roupa, se eu vou aqui à minha varanda estender a roupa...

*Ah, vêem.*

... sou visto, agora se andar aqui a aspirar, se limpar o pó, se enfim, se estiver a fazer tudo dentro de portas não há problema. Portanto também é esta a noção, os homens também fazem muitas coisas, agora a imagem é que é um bocadinho preocupante para alguns, e também se construiu esta imagem de que de facto o homem coitado não sabe tomar conta de si não é, quem é que lhe vai tratar da roupa, quem é que lhe vai tratar das coisas não é. Eu tinha vinte anos e fui como

bolseiro para a Alemanha estudar algum tempo e depois mais tarde fui também como bolseiro, aí já como estudante Erasmus para Inglaterra e tratei sempre das minhas coisas, só não sei cozinhar muito bem é verdade mas de resto aprendi a fazer e tratava da minha roupa e tratava das minhas coisas e cá em minha casa tenho uma empregada que vem cá muito pontualmente fazer as coisas maiores porque não tenho tempo e agora cada vez menos e vem cá um bocadinho mais de vezes de resto não me cai nada o forte, não sou menos homem por isso não é, tal como a mulher não é menos mulher se fizer consertos nas lâmpadas e não sei em que mais, mas são coisas que foram sendo digamos aprendidas ou foram sendo genderizadas se quiser não é, portanto isto é do género feminino cozinhar tal como arranjar qualquer coisa de uma peça que partiu ou descolou ou qualquer coisa tinha que ser o homem, e isto não tem nada a ver com o natural isto tem a ver com o construído. O Daniel não vê por exemplo um jornalista a perguntar a um político que tenha filhos menores se não tem receio de estar a menosprezar a educação dos filhos, se eles não perguntam pelo país, mas perguntam às ministras, perguntam às secretárias de estado, porquê, porque obviamente estamos a falar aqui de papéis sociais não é, que atribuem à mulher aquela coisa chamada maternidade, então e a paternidade onde fica? Eu oriento há uns anos esta parte monografias, portanto as teses finais de curso na área da maternidade na adolescência porque tenho estagiários que fazem estágio nesta área e muito dificilmente os pais das crianças são chamados aos serviços, aos hospitais, então e o pai onde é que fica, onde é que está a imagem do pai, o que não quer dizer que ele tenha de ser o marido daquela jovem ou que se tenha que tornar marido mas ele vai ser sempre o pai daquela criança, no entanto como os próprios serviços não reclamam já estão a legitimar e a reforçar todo o peso da maternidade e que agora ela é que tem que arcar sozinha ou que isto é uma coisa para a mulher, como é óbvio não é, portanto os próprios técnicos vão reproduzindo estas lógicas e alguns homens acomodam-se claro que sim, até lhes dá um jeitoço para alguns, outros nem tanto, portanto os homens depois também têm uma série de constrangimentos muito grande, eu tive uma aluna uma vez que dizia assim quando a filha tinha de ir ao médico, mesmo às consultas de rotina, ela estivesse onde estivesse ela tinha que ir, porque o marido era o que faltava, 'eu é que sou a mãe', não é, as mulheres depois também alimentam isto muitas delas, também o alimentam porque não querem abdicar deste tipo de poder, algumas delas. Portanto, é uma questão que se vai muito progressivamente, mas penso que se têm dado passos muito interessantes, sem dúvida.

*A última questão, que passos é que acha que podem ser feitos, colocando a questão centrada nos homens e o envolvimento com o movimento feminista. Tem alguma ligação com o movimento feminista?*

É meramente académica neste momento.

*Mesmo a nível académico, nas suas contribuições, em palestras, em congressos...*



Sim, sim, sim, isso tem acontecido.

*... quando fala do género...*

Eu quando falo neste momento mais publicamente inevitavelmente tem sempre a ver com as questões dos estudos do género, embora derive para o masculino não é, continua a ser sobre género e é inevitável falar na psicologia feminista, política sobretudo, porque é aí que as coisas radicam e portanto quer nos diferentes encontros onde vou estando, eu estive esta semana num encontro nacional, [dados omitidos] e portanto aí digamos que eu vou me movendo.

*Qual é a reacção das mulheres, nomeadamente aquelas que se assumem como feministas, ao seu trabalho sobretudo quando aborda a questão do masculino?*

Olhe, a minha orientadora é uma feminista, e portanto obviamente é uma feminista que não é fundamentalista e se nós percebermos as diferentes cargas do feminismo e se nos situarmos agora nas mais recentes que assentam lá está na questão do poder etc., e já não vou agora falar para os queer não é, que é uma coisa que eu também falo no meu trabalho, eu acho que começa, que percebem que afinal do lado dos homens também há muitas coisas para trabalhar que os homens, aliás o Pierre Bordieu já diz isso no livro 'Dominação masculina', que os homens são muitas vezes vítimas da chamada dimensão masculina, no sentido de que ser homem, repare bem Daniel, tem de ser bom pai, tem de ser bom marido, tem de ser forte, tem de levantar bem o barco, se alguma coisa corre mal tem de ser ele a responder mas ao mesmo tempo depois também querem que seja carinhoso, mas também quer que seja afectivo mas também de ser durão porque também não pode ser muito afectivo porque senão já é menos homem, ou seja, o homem fica completamente emparedado, e estão-lhe a pedir o impossível, aliás o modelo central da masculinidade que se chama masculinidade hegemónica que foi desenvolvida por um autor chamado Robert Connell que assenta num pressuposto de que ser homem é ser isto tudo, é ser duro, é ser forte é ter um físico apresentável, ser musculado, é ter uma boa estrutura, é ser racional, não deixar-se levar pelas emoções, ora nós estamos a falar de uma máquina não estamos a falar de um homem não é, tem a noção do que é que isto provoca em termos de ansiedade e stress, 'eu tenho que ser aquilo' e depois vamos ver, se quiser entrar aqui do ponto de vista mais teórico, pela leitura do Michel Foucault num livro que não sei se já terá lido mas se não leu recomendo vivamente, o Vigiar é punir, em que cria a metáfora do panóptico em que no fundo eu sei que estou a ser vigiado pelos outros que me vão punir caso eu deslize para algum dos lados que não aquele que esperam que eu esteja, das expectativas normativas não é, mas ao mesmo tempo já me estou a vigiar a mim próprio, já me estou a controlar, e no caso dos homens já estou a controlar se vou usar excessivamente os movimentos, se vou ser efeminado, o que quer que isso queira dizer não é, como é que eu vou gerir o meu corpo, portanto há um controlo muito grande, portanto aquilo que se diz que é de facto que é de homem ou que é de mulher

tudo isso é aprendido, as mulheres não nasceram com um gene qualquer que as programa a sentar-se de uma determinada maneira ou de outra, as mulheres não se sentam desta maneira como eu provavelmente posso estar assim aqui, porque aprenderam que isto não é para elas, e acabam por estar mais contidas. Portanto não é uma coisa genética, não veio nos genes, aprendeu, e a mulher também tem a noção, não é por acaso que se fala que algumas mulheres são mais, e então no caso das lésbicas, se formos agora para as lésbicas eventualmente um pouco mais masculinizadas, todos os estigmas que lhes são associados, todos os nomes, as camionistas, as sapatonas, todos aqueles estigmas negativos, tal como nos homossexuais achar-se que olhando para determinada pessoa é ou não é, e se as pessoas entrarem por exemplo em determinados ambientes digamos categorizados como lugares gays digamos, um bar ou que quer que seja, verão lá de tudo, e se calhar verão lá pessoas que jamais em tempo algum pensaram que pudessem ser homossexuais, porque eram muito homens, por isso é um perfeito disparate. Agora nós hierarquizamos, a sociedade hierarquiza a diferença não é, e hierarquiza numa lógica binária, só vê homens ou mulheres, alto baixo, magro gordo, activo passivo, etc., e a realidade não é assim, a realidade é muito mais do que isso, e portanto é importante perceber que a realidade é muito mais do que isso e para conseguirmos criar espaços para podermos cada vez mais ser e não apenas parecer.

*E é aí que entra a teoria queer?*

A teoria queer depois fala fundamentalmente nisto, desconstrói o género, porque nós somos, a teoria queer acima de tudo afirma a questão de que nós somos pessoas. Os próprios conceitos de homem, mulher ou de masculino, feminino melhor dizendo, porque o homem e mulher remete para o sexo biológico não é, mas o masculino e feminino, heterossexual homossexual ou bissexual, são construções sociais, só faz sentido falar em homossexual por referência à heterossexualidade, que aliás o termos homossexual é um termo recente, porque chamava-se muitas outras coisas não é, são nomes que se dão, portanto as pessoas quando dizem, quando se pergunta como o Daniel perguntou aí, eu tenho entrevistados que não colocariam cruz em lado nenhum, porque não se assumem nem como hetero, nem como bissexuais nem como homossexuais, porque não se revêm, gostam de pessoas, são pessoas. E a teoria queer recusa estes rótulos.

*Até que ponto uma identidade mais forte, como mulher e homem, uma identidade mais forte como homossexual, heterossexual, bissexual, até que ponto é que estas identidades mais fortes não são necessárias a nível político, até que ponto é que a teoria queer, baseando-se na construção social, não estará a planear já muito à frente, ou seja, nós não vivemos numa sociedade em que a maioria das pessoas pense assim, até que ponto é que nós não precisamos destes conceitos de homem e de mulher, uma vez que é assim que a maioria das pessoas falam?*

O conceito de homem e mulher existe não é, porque ele deriva de uma diferença

biológica que é anatómica que é visível. Quando o Daniel coloca a questão do 'mais à frente' eu também poder-lhe-ia dizer mas falar de feminismo ainda é muito à frente, não é, porque para algumas pessoas isto é um perfeito disparate, para algumas pessoas isto não faz sentido nenhum, para algumas pessoas isto é um discurso, enfim, de quem não tem que fazer e que aqui não há nada disto, que é algo de profundamente importante. Tão importante quanto por exemplo, eu tinha um grupo de alunos, agora de regresso à sua questão, que estava a fazer um trabalho há uns anos atrás na faculdade sobre discriminação da mulher no local de trabalho, e numa das aulas que eu fiz, numa aula prática onde estavam os diferentes grupos, eu ia fazendo o acompanhamento e elas eram para aí umas quatro ou cinco, e estavam, falavam uma pra um lado outra para o outro, enfim, falavam imenso, e não se ouviam sequer e não estavam a produzir. A dada altura uma diz assim para o grupo, 'falta aqui um homem para pôr ordem nisto', e eu virei-me para ela e disse 'tem noção do que acabou de dizer?', ou seja, ela própria está a discriminar a mulher, porque está a dizer que a mulher precisa do homem para a pôr na ordem, e que as mulheres são muito faladoras e são aquilo que muitas vezes aquele estereótipo que também se cria, fala barato, galinhas não sei quê não sei que mais, então elas por serem mulheres não conseguiam organizar-se? É como ela reproduziu, ainda que inconscientemente, a lógica dominante, as mulheres são fala barato, o homem é que faz as coisas. Relativamente à questão da teoria queer eu penso que passa por assumir e por isso é que isto tem a ver com o posicionamento Daniel, a pessoa depois tem que ver qual é o seu chão, assumir que de facto as coisas são construções sociais, porque se nós formos fazer, sair do nosso quintalzinho e ver como é que funcionam estas coisas nos outros lugares do mundo, vamos ver que em algumas coisas elas são muito diferentes, e é o aqui e agora na mesma, portanto a forma como nós nos entendemos neste espaço e que, de forma errada, acreditamos muitas vezes que é universal, porque o início da ciência vem com o positivismo, não vem com estas correntes, não é, em que acredita que a verdade é absoluta, que é intemporal, e portanto que há neutralidade pura, objectividade, ora isso não existe, porque todo o conhecimento é situado num determinado contexto temporal e de espaço. E basta quando nós viajamos, e às vezes nem é preciso ir para muito longe para perceber que há diferenças. O Daniel hoje, vive em Lisboa não é, chega ao Porto e vê diferenças, e se ficar cá alguns dias vai perceber algumas diferenças, tal como se eu for a Lisboa já reconheço algumas diferenças, agora quando eu viajo pela Europa, por qualquer cidade europeia, ou então quando tenho a possibilidade de atravessar o oceano e ir para outro continente qualquer, 'bolas esta gente está aqui e é ao contrário', então mas isso é o quê se não uma construção social. Ou quando os filhos ficam aqui em casa dos pais às vezes até aos não sei quantos anos, e quando por exemplo, não é preciso ir muito longe, quando na Alemanha por exemplo ainda na escola secundária eles já vão estudar para não sei quantos quilómetros, aqueles pais são piores pais do que os nossos? Não necessariamente, porque a família pode ser também um contexto patogénico, mas nós temos a ideia de que a família é que é, temos a ideia de que os filhos estão bem é com os pais, depende dos pais, depende, tal como quando o casal se

divorcia, tem filhos, é cerca de, eu quando fiz o meu estudo eu terminei o meu estudo em, eu defendi em 2005; acabei-o em 2004, é cerca de 90% dos processos de decisão judicial relativos ao exercício do poder paternal, 90% vai para as mães, porque há ainda a crença de que de facto a mãe, mãe é mãe, lá vem o discurso 'mãe há só uma', pois é verdade mas ninguém nos garante que seja uma boa mãe, portanto esta história do mãe é mãe ou mãe há só uma, é verdade que é mas temos que ver em que condições, porque se isto fosse verdade não era necessário as Comissões de Protecção de Crianças e Jovens, não havia tanta criança institucionalizada, não havia tanta situação de mau trato, que é fundamentalmente perpetrado na família ou por alguém conhecido. Portanto e há um livro muito curioso que vale a pena tentar ver, se calhar não só para este estudo, mas também para este estudo que está a fazer, que é 'O Amor Incerto', da Elisabeth Badinter, que até tem a sorte de o encontrar na íntegra na internet tal como o Estigma, está todo em formato digital. E que de facto faz uma análise antropológica da maternidade e há muitas mães maltratantes, há muitas mulheres que não querem ser mães. Eu não planeio ter filhos, será que sou menos homem por isso, será que sou anormal por isso? Aos olhos de muita gente se calhar sou, mas não tenho que o ser. Quantas mães são mães por uma questão de pressão social. E se há mulheres que dizem assim, 'eu para me realizar tenho que ser mãe', tudo bem, estão no direito delas, tal como os outros que não querem ser, ou que não precisam, enfim, têm o mesmo direito, Portanto de facto há aqui uma... nós convivemos muito mal com a ambiguidade, nós precisamos de pôr tudo no sítio, de ter prateleiras para tudo, de arrumar muito bem as coisas, por isso é que, se o Daniel reparar nos discursos, por exemplo relativos à homossexualidade, entre dois homens por exemplo, uma das coisas vulgaríssimas e reveladoras de uma ignorância atroz é quem é que faz de quê, quem é o homem e quem é a mulher, e repare como é que esta lógica de pensamento heterossexual é muitas vezes reproduzida pelos próprios homossexuais, em que se o Daniel for a um chat qualquer e se alguém estiver puramente para sexo, alguns não é só para isso, vêem logo com aquela pergunta se é o activo se é o passivo, ou seja o que é que houve aqui, houve aqui uma incorporação de uma lógica de classificação social que é traduzida na forma como eu me vejo e como eu me conheço, e que associando ao género, o activo é sempre para o homem e o passivo para a mulher, também é a que é penetrada, e que historicamente e o Daniel que está a estudar o feminismo sabe isto muitíssimo bem, foi sempre vista como mulher objecto, a mulher não tinha desejo, ou não podia manifestar-se o desejo, porque senão estava doente, ou então era uma mulher de má vida, e o homem, forte, que até se traduz nas posições sexuais, o homem fica por cima da mulher, e esta lógica é muitas vezes importada ou assimilada por muitos homossexuais que por exemplo, eu tenho um discurso de um homem homossexual que me diz uma coisa deste género, 'como é evidente', como se isto fosse de evidências, 'eu é que penetro', como se ele fosse mais homem do que o outro que é penetrado. Isto tem a ver com quê, com esquemas de pensamento que estão ancorados num determinado modelo de pensamento que hierarquiza a diferença e que portanto, e que obviamente se analisarmos em profundidade, e agora esta é a minha posição

peessoal, não tem qualquer sentido, então uma pessoa que é penetrada é menos do que a outra? O que é isso do activo, activo é o que penetra? Então e o resto, e a relação é isso, resume-se a isso? Então e não pode ser as duas coisas? Depois criamos uma outra categoria, que é o chamado 'versátil'. Tá a ver, até para isto nós temos as gavetinhas e portanto quando a pessoa diz assim 'eu gosto de pessoas', isto é o desespero porque a pessoa depois não sabe onde é que o há-de encaixar, e vira-se 'onde é que eu vou encaixar isto?', e depois é quase como se voltássemos se quisesse ao Émile Durkheim que diz que temos de andar a levar os espaços sociais como coisas, e o que ele quer dizer com isso é que uma coisa é o quê, é conhecê-la, é tentar conhecê-la como se eu nada dela soubesse, mas quando nós dizemos 'coisa' é porque não temos um nome para ela. Eu há dias, na semana passada passei um filme numa turma, foi precisamente o Boys Don't Cry, não sei se já viu, e que temos aquela transsexual, e quando ela é descoberta a mãe da rapariga por quem ela se apaixona diz 'tirem-me esta coisa daqui de casa', porque ela nem sabe o que ele é, portanto nós lidamos muito mal com a ambivalência, há um autor que trata muito bem isto que é o Zygmunt, que trata muito bem as questões da ambivalência da modernidade. Nós temos uma dificuldade enorme em lidar, nós precisamos de situar e isto é de alguma forma pobre, porque a realidade é tudo menos isto, a realidade é muito rica, e nós podemos ser muitas coisas, podemos ser muitas coisas ao mesmo tempo, ou como quando as pessoas que dizem assim 'porque as pessoas que falam na internet tudo aquilo é mentira', então e o que podemos dizer no espaço real, não é mentira também, não pode ser mentira? Há pessoas que são muito mais autênticas na internet do que são aqui fora, representam muito menos em determinadas coisas, portanto eu penso que nós temos de desenvolver um determinado tipo de raciocínio muito mais abrangente, muito mais amplo, muito mais receptivo ao novo, muito mais permeável e não tanto aquele enfoque perfeitamente delimitado, que é a forma como eu vejo as coisas. Como nos disse o Gaston Bachelard, não sei se chegou a ler o livro 'Epistemologia', é um livro que fala muito da pena, o Gaston Bachelard diz uma coisa que é muito interessante, que é nós vemos a realidade com a nossa lente, então a graduação que eu uso aqui permite-me ver a realidade de uma determinada maneira. Eu tenho que perceber que a forma como eu vejo a realidade é apenas a minha forma, que não tem que ser igual à dos outros, e isto é um grande desafio, que mais uma vez do meu ponto de vista passa por um lado por uma questão educacional, mas também por uma questão pessoal no sentido de eu permitir e de estar receptivo para essa aprendizagem, porque senão eu posso, até posso fazer um curso, tantas pessoas o farão, um curso universitário é até posso responder aquilo que eu sei que os professores querem ouvir, mas no fundo eu vou manter a minha forma de pensar e não vou mudar, por isso é que nós temos muitos profissionais que também são racistas, homofóbicos e outras coisas que mais, portanto os cursos não nos transformam mas é uma possibilidade que temos, mas nós temos essa quota parte de responsabilidade, de me deixar transformar. Eu coloco muitas vezes aos meus alunos, sou muito mais sensibilizador do que orientador no sentido de que, isto tem a ver com uma questão pedagógica minhas mas é um modelo no qual eu

acredito, eu sobretudo procuro promover também o auto-conhecimento e a reflexão e não dizer é assim ou é assado, não é, porque esse é o meu ponto de vista, porque se pusessem outro professor a dar a mesma cadeira, se calhar davam outras coisas diferentes e portanto que cada um se questione também, e é muito importante que eu saiba quem sou eu, e o Daniel é da psicologia sabe isto muitíssimo bem, e nós conhecemo-nos muito mal, e portanto acho que isso é muito importante, os contributos do Carl Rogers acho que foram fundamentais ou os da fenomenologia com o Husserl, o Lyotard fala mais tarde a propósito dos trabalhos do Husserl, são fundamentais, quem é que eu sou, onde é que eu estou, para onde é que eu vou, essas questões mais existenciais, eu considero que elas são fundamentais. Não sei se divaguei muito, Daniel [risos].

*Não, não. Tenho algumas dúvidas em termos teóricos relativamente à teoria queer, agradecia se me pudesse indicar algumas referências...*

Tá bem.

*... mas em termos de entrevista, não sei se quer dizer alguma coisa?*

Não, olhe, eu espero que tenha sido útil de alguma forma aquilo que pude dizer, que tenha valido esta viagem ao Porto num dia de chuva...

*Claro que sim.*

... e qualquer coisa que necessite claro que estou disponível para contribuir, tenho muito gosto em ter dado esta contribuição e desejo-lhe as maiores felicitações para o seu trabalho.

**Simão (Participante 8)**

**Entrevista 3**

**2 Maio 2008**

**± 60 mins**

*Eu tenho poucas perguntas, mas acho que as que tenho são bastante complexas, digamos. Lembra-se da pequena discussão que nós tivemos sobre a ideia dos homens terem acesso às suas emoções e depois criarem um contexto diferente [mostro livro] é este o Messner [Politics of Masculinities, do autor Michael Messner].*

Ah muito bem eu não tenho esse.

*Ele faz uma análise dos movimentos mitopoético, os promise keepers, é tudo muito americano por assim dizer. Ele tem aqui algumas... e foi daqui que eu retirei, se me permitir eu vou só citar só mesmo para...*

Claro, esteja à vontade, Daniel.

*...não é tanto a nível de crítica, é mesmo só para dizer de onde é que eu vinha, ou o que é que eu estava a pensar quando eu coloquei aquela questão. Eu sei que é um bocado complicado, vem uma pessoa diferente doutro sítio qualquer e vem aqui criticar, não é de todo nesse sentido. Mas basicamente o que ele diz é que os homens tendem a pagar um preço pelo seu poder, eles muitas vezes são limitados emocionalmente e de forma comum sofrem de uma saúde muito pobre e uma expectativa de vida mais baixa do que as mulheres. Estes problemas contudo são melhor vistos não como opressão de género mas como os custos de estar no topo, ou pelo menos de tentar estar no topo. Isto é também ilustrado por recentes mudanças no estilos masculinos que nós vemos entre homens privilegiados, estas mudanças indicam que estes homens gostariam de deixar de pagar esses custos, mas não que eles deixassem de desejar ficar no topo. Em anos recentes tornou-se um lugar comum ver homens poderosos e bem-sucedidos a chorar em público, o Ronald Reagan a deitar uma lágrima no funeral de soldados, soldados americanos mortos na guerra, o jogador de basquetebol Michael Jordan a chorar compulsivamente após ter ganho o campeonato da NBA. Neste contexto de mudança, ele, o Messner, crê que a maneira fácil como os media glorificaram o General Shchwartzkopf como um novo homem por verter uma lágrima em público pelos mortos de guerra dos Estados Unidos no Golfo Pérsico é indicativo da importância colocada em estilos de representação de género masculinos e não a posição de poder institucional que homens como este general ainda usufruem. Era mais neste sentido, a ideia de que não é pelos homens chorarem que eles vão necessariamente, que vai haver necessariamente uma mudança em termos do poder.*

Aquilo que eu retiro daquilo que o Daniel me citou, e citou uma perspectiva do

Messner que é uma perspectiva interessante mas que do meu ponto de vista é importante contextualizar os espaços em que esses homens que ele refere, designadamente o Reagan e o...

*Michael Jordan.*

...e o Michael Jordan que de facto como ele diz vertem uma lágrima, ou o Jordan que chorava mais compulsivamente, em contextos muito específicos e que são mais permissivos e socialmente toleráveis para que o homem o expresse. Desde logo, a questão mais, a cerimónia fúnebre em que não só é permitido aos homens que expressem as suas emoções do ponto de vista mais da tristeza, do choro etc., como são inclusivamente aceites socialmente como reveladores de uma especial, quase que de uma especial sensibilidade. Claro que esta especial sensibilidade, e esta é uma leitura mais até próxima do essencialismo biológico digamos, onde os homens são muito sensíveis e até conseguiu chorar, e isto é quase que um símbolo de prestígio, diria quase numa linguagem mais do Goffman. O segundo caso relativamente ao choro compulsivo do Michael Jordan também em contexto de alta competição e ele é também muito mais permissivo, repare Daniel como é que por exemplo os jogadores quando marcam um golo se podem abraçar e se tocar e isso é visto por milhões e não é todo pressionado. E se o Daniel vai ver por exemplo alguma pauta em que vai ver uma pauta e que tem uma nota que ultrapassa as suas expectativas ou que o faz ficar muito contente e desatar aos abraços aos seus amigos homens na universidade, a questão de todo não vai ser vista da mesma forma. Portanto, é importante nós contextualizarmos os exemplos que são dados pelo Messner porque de facto, e ele coloca aí uma questão também importante que é realmente a questão da própria saúde dos homens, é verdade que esta contenção e esta regulação emocional que é fortíssima tem um custo emocional muito sério, como é evidente, dispara a ansiedade, dispara a necessidade dos homens controlarem, de se auto-controlarem e de se auto-disciplinarem, e obviamente que isto tem um custo para a saúde, e depois se nós formos a ver alguns estudos da auto-medicação por exemplo, porque menos facilmente procuram uma ajuda por exemplo psicoterapêutica, têm mais dificuldade em partilhar com outras pessoas o que estão a viver, há alguns autores, eu penso que terei falado nisto no nosso primeiro encontro, aquela comparação com o elefante que quando está para morrer se isola, os elefantes não se juntam, quando sente que está doente ou quando sente que está para morrer, afasta-se do grupo, e há alguns autores que têm um pouco esta comparação de que o homem quando está mais em baixo, quando está mais triste, quando está com mais dificuldades também tem maiores dificuldades em expressar e em partilhar com o outro aquilo que está a sentir e obviamente que o homem tal como a mulher também é um ser emocional. Quando não tem um espaço, quando sente que não há espaço para partilhar, é uma gestão muito mais difícil como é óbvio.

*O que é interessante, eu... eu venho de psicologia clínica por isso esta é uma área*



*relativamente nova...*

Completamente, nós estamos a falar de pressupostos epistemológicos muito diferentes não é, provavelmente...

*Sim mas o interessante é que eu compreendo o que está a dizer, mas eu acho que há nuances, não sei, a maneira diferente... vejamos, eu sou todo a favor que os homens tenham acesso às suas emoções e que possam exprimir as suas emoções e claramente isso é importante, especialmente porque o feminismo também tem uma forte carga das emoções mesmo a nível da academia, mesmo a nível da forma como se faz a pesquisa... a questão é, o que é que depois isso leva à mudança, mesmo para os homens. Eu confesso, eu saí da última entrevista a pensar que o [participante] ficou com a ideia de que eu era um pouco frio...*

Não, não, de todo.

*Não, mas eu penso que é possível que pensem isso porque eu também fazem o que eu fiz, que criticam esta ideia... porque há muito um trabalho nos Estados Unidos que é a libertação dos homens, que os homens também são oprimidos, centram-se muito nos homens e não vêm a dimensão mais macro da sociedade, não vêm como é que as relações com outros homens e a relação com as mulheres como é que isso pode ser afectado pelo seu trabalho...*

Eu não vejo a questão... se eu captei bem a perspectiva que me está a apresentar, eu não corroboro inteiramente porque de facto esta perspectiva que está ancorada em termos epistemológicos numa corrente da psicologia crítica e que é mais próxima inclusivamente digamos de uma perspectiva pós-moderna que decorre do trabalho por exemplo do Michel Foucault que coloca as questões em termos de poder, eu então diria assim, os homens em termos de poderes no que diz respeito à expressão emocional estão muito aquém das mulheres, e estão muito mais quartados do exercício desse poder. A mulher tem mais poder para expressar, para se expressar emocionalmente qualquer que seja a sua evolução e o homem aí já não tem a mesma margem de manobra. Não é por acaso que alguns autores e podemos chamar aqui o Miguel Vale de Almeida e o Pierre Bordieu que obviamente fala disto numa situação masculina que refere que os homens são também vítimas da dominação masculina neste contexto, porque se dominar é ser forte, é estar no topo, é ser racional, então estamos a falar exactamente desta perspectiva dos antípodas da emocionalidade, cada um tem que ser um ser controlado. Pelo contrário, se a mulher é esse ser doce, frágil, sensível, então já tem uma janela muito maior para poder expressar socialmente aquilo que ela é. Agora obviamente que, e se quiser eu não sei se o Daniel conhece alguma coisa da teoria integrada do Connell, em que ele reporta-se às diferentes instâncias, à família, ao estado, à escola, à própria religião, que funcionam de forma integrada e que regulam e que contribuem para a perpetuação de uma ordem social que exclui os homens da possibilidade de se

expressarem emocionalmente ou seja, determinado tipo de emoções, porque os homens podem ser agressivos, o homem se estiver zangado ou aborrecido pode partir um objecto, pode chamar um nome feio a alguém, e pode expressar dessa forma e isso é quase que socialmente esperado. A questão da expressão mais afectiva, mais da sensibilidade digamos assim do ponto de vista do próprio choro, do dizer que está triste, etc., isso aí é que já tem um espaço mais reduzido, e todas as instâncias de uma forma mais ou menos acentuada vão contribuindo para a perpetuação desta ordem social. Quando no último encontro que tivemos lhe falava e introduzia um pouco também um pouco depois as questões da teoria queer, e que nos vem falar do quê, que o grande desafio, que é um desafio da pós-modernidade ou do pós-estruturalismo como lhe quiser chamar vem criar um desafio que é aumentar o espaço do possível. Claro que este aumento do espaço do possível no sentido de que os homens podem ser e as mulheres também, muito mais do que aquilo que actualmente consideramos deles, também depois gera mais ansiedades, porquê, porque de alguma forma flexibiliza para não dizer quase que anula essas categorias que foram socialmente construídas, e então perguntar-nos-íamos, então afinal ser homem é o quê? E nós não diríamos uma resposta única mas dizíamos ser homem pode ser... muitas coisas, e há muitas formas de ser homem, e esse aumentar do espaço do possível, aumentar essas possibilidades, deixa-nos menos certas e reforça a ambivalência e a sociedade que somos todos nós, temos uma dificuldade muito grande em lidar com a ambivalência, porque nós vimos de um paradigma da modernidade em que de facto é muito mais voltado para as certezas, muito mais voltado para aquelas gavetas todas muito certas, e agora dizer que os homens afinal também podem e não são menos homens se expressarem as suas emoções, isto fragiliza tudo aquilo que nós herdamos da modernidade.

*Sim, mas por exemplo mesmo o Connell, ele tem... já não me lembro onde é, mas eu acho que é um artigo, um livro que ele tem, em que ele... não, é a Lynne Segal, a Lynne Segal, e ela é muito crítica, uma feminista socialista psicanalítica, mas basicamente ela aborda um estudo sobre homens mineiros, e têm uma actividade muito exigente a nível corporal, e depois estes homens que nós consideraríamos como realmente...*

...homens.

*...o epítome dos homens, percebe onde eu quero chegar, e supostamente os homens têm uma grande dificuldade em contactar com outros homens físico, um simples abraço, não digo a nível sexual...*

Sim, sim.

*... um abraço....*

*..o toque...*

*Sobre estes homens, verificou-se que eles quando iam tomar banho eles lavavam as costas uns aos outros, ou seja eles estavam completamente despidos literalmente e ajudavam-se, entreajudavam-se, ou seja criava-se um contexto em que estes homens quebravam ou eram dissidentes do que supostamente os homens deveriam fazer. Mas saindo do banho literalmente, eles depois continuavam a ser as mesmas pessoas, e possivelmente continuavam a ser violentos mesmo até uns para os outros, ou seja, a minha única crítica se é que lhe podemos chamar assim, é que eu acho que as feministas estão muito certas quando são muito suspeitas mesmo destas áreas das masculinidades que geralmente são todas feitas por homens, que é onde é que estão as mulheres, onde é que está a mudança para as relações de poder? Porque quer dizer, claramente é importante fazer isso, eu não digo que não, e isso é um passo extremamente necessário, mas eu acho que às vezes falta, nos trabalhos do Kimmel mesmo, acho que o Connell é mais crítico a esse nível, a Segal também, mas acho que o Kimmel é se calhar demasiado positivo no sentido de que onde é que está o trabalho mesmo para as mulheres, qual é que é o objectivo dos estudos das masculinidades, por assim dizer?*

Eu acho Daniel que pese embora os estudos na área das masculinidades, data como sabe da década de 70, eles não tiveram a mesma evolução e a mesma visibilidade que tiveram os estudos das mulheres e por isso é que os estudos das masculinidades conseguem adquirir uma constância teórica apenas na década de 90, ou seja, muito recentemente. É verdade também que o estudo na área das mulheres tornou também mais visível a importância de estudar os homens como é óbvio não é. Nós habituamo-nos a olhar, e se perguntar digamos assim não a um académico ou a uma pessoa que investigue estas coisas ou que se debruce sobre isto, se perguntares a alguém, ao cidadão comum digamos assim, ou até académicos mas não desta área para que se pronuncie acerca da igualdade de género, provavelmente vai ter uma dificuldade muito séria em falar sobre isso, e vai até provavelmente considerar que não há desigualdade de género. Vulgarmente também, quando colocamos a questão na área do género, de igualdade ou de desigualdade de género, habituamo-nos a pensar que as mulheres estão numa situação digamos de menor poder e de maior fragilização, é verdade que estão em vários contextos, a questão específica relativa à expressão emocional é uma questão que pelo contrário fragiliza a posição dos homens, não é, e portanto é importante também conseguirmos, porque a ideia socialmente construída que é marcadamente essencialista, ou biologizante como quiser, vamos dizer o que é que os homens assim, racionais, ser homem é, é ser forte, é ser duro, é ser racional etc., e quando se diz que os homens são, tal como a mulher é, esta não é uma visão que faça uma desconstrução da realidade, então é importante nós começarmos por dizer que os homens não são, os homens tornam-se, como se tornam as mulheres. E na verdade continua a parecer-me um trabalho muito importante de desconstrução, porque nós insistimos muito ainda em dizer que as pessoas são o que quer que seja, e aqui obviamente que é

importante quando falamos da questão dos homens e das emoções e da sua expressão, obviamente que falamos nas mulheres também, temos que falar é óbvio, temos que ter aqui uma, podemos ter aqui uma comparação porque há de facto diferenças significativas entre homens e mulheres na expressão emocional, mas não quer dizer que os homens sejam, ou as mulheres diferentes em si mesmo, a questão mais do que ontológica se quiser, tem a ver com a própria cultura que vai tornando o homem mais contido, com mais dificuldades em expressar as suas emoções. Não é por acaso que por exemplo com a questão do ciber-espço agora e agora falo um pouquinho mais do que estou mais à vontade a falar, em que o ciber-espço é um espço performativo como é evidente, mas abre digamos mais espço para que o homem possa partilhar as suas próprias emoções. Eu falava ainda esta semana com um homem no ciber-espço, e ele dizia assim, ah ele começou por colocar algumas questões relativas à fidelidade dos próprios resultados que pudessem fluir de uma entrevista online, e eu coloquei-lhe apenas uma questão e ele percebeu de imediato onde é que eu queria chegar, e eu perguntei-lhe assim, porque ele tinha partilhado comigo coisas de facto da sua intimidade que mais ninguém saberá, e estamos a falar de um homem que exerce uma profissão que é muito conservadora porque é médico, é um homem divorciado com dois filhos e no entanto tem uma orientação sexual não normativa e quando eu lhe perguntava assim "mas afinal está a ser, quão sincero é que está a ser comigo nesta nossa conversa?", ele disse "o mais possível", e depois caiu nele e diz ele "de facto, sabe muitíssimo mais neste momento da minha intimidade e da minha identidade do que as pessoas que convivem comigo", porque ele não consegue partilhar isto com outras pessoas, não é. Ou outras pessoas e outros homens que querem falar sobre, por exemplo, problemas que estão a vivenciar na sua relação afectiva, e que não conseguem partilhar com outros homens ou com outras mulheres ou com quem quer que seja, e que rentabilizam muito o espço, o ciber-espço digamos assim para poder partilhar. Se quiser ao contrário, um exemplo radicalmente oposto, nós encontramos mulheres que aproveitam o ciber-espço para falar de sexo, porque no espço mais convencional elas são punidas porque recebem logo um rótulo digamos muito feio porque a mulher não tem que falar de sexo, ou seja o ciber-espço para elas também poderá funcionar como um lugar onde elas podem falar de uma coisa que também gostam, que também têm desejo, que também sentem, que também fantasiam, mas que depois cá fora não lhes é tão permitido. Há um blog muito interessante de uma mulher que se assume claramente como alguém que gosta, ela diz que adora sexo, e que quer falar sobre as fantasias dela e sobre as experiências etc., e criou um blog para falar sobre isto, e ela própria tem noção porque escreve isso também no blog que realmente não tem mais espço de manobra para poder falar porque senão era ostracizada publicamente, ou seja dependendo do que é que estamos a falar, neste caso se falarmos nas masculinidades mas relativamente às emoções, importa perceber que os homens estão numa situação claramente frágil ou mais frágil ou mais vulnerável do que as mulheres, sem dúvida nenhuma, e não é por uma questão de natureza, mas é por aquilo que todos nós fomos construindo e as diferentes instituições foram

contribuindo para a perpetuação de uma imagem de homem que não chora.

*Sim, mas pronto... são contextos, por exemplo o ciber-espço, são espaços talvez de dissidência da ordem de gênero, porque os homens e as mulheres podem ser pessoas, podem dizer aquilo que pensam, aquilo que sentem e não são constrangidos...*

A questão é essa Daniel...

*... mais libertador...*

...exactamente, mas não deveria ser assim em todos os contextos?

*Era isso que eu ia perguntar-lhe, qual é que é a ideia, não estou a referir-me necessariamente ao seu trabalho, qual era a ideia depois, o que é que imaginava que se podia, nós as pessoas que estão interessadas, que não fosse só na internet, que fosse na rua, na vida quotidiana...*

Exactamente...

*...que esses contextos se podessem criar?*

O desafio é esse mesmo, não é criar um ghetto chamado internet ou ciber-espço não é, ou outro qualquer não é. E eu volto a dizer que me parece que esta é uma questão que passa pela educação, pela educação formal e informal, leia-se aqui nas instituições escola, universidade, é importante introduzir estas temáticas e falar delas, é importante a qualificação dos próprios profissionais para que eles não reproduzam as lógicas digamos valorativas, pessoais e que não moralizem a questão, é importante que a própria comunicação social tem aqui um papel vital, a publicidade por exemplo, nós temos marcas como a Levi's, como a Dolce & Gabbana, como a Calvin Klein etc., que têm publicidade específica para a população gay, com dois homens ou com duas mulheres, e o Daniel não vê essa publicidade passar na televisão nem a vê nas revistas, mas vê-a na internet. Nós temos por exemplo a ILGA que tem um spot publicitário interessantíssimo, que eu não sei se o Daniel conhece, que são duas senhoras idosas que estão sentadas num banco de jardim, e eles passam, um está com manga caveada e passam de mão dada e uma senhora diz "onde é que já se viu" e depois fica assim aquele suspense no ar e depois o que ela diz é "com tanto frio como este e de manga curta" ou seja e acaba por dizer também no final pelo direito à indiferença não é, de facto nós temos que receber também mensagens, eu não diria que banalizem esta realidade, mas que a mostrem como outras realidades que já existem, que podem ter visibilidade, e que não têm que me afectar negativamente, que eu posso lidar com elas com uma mesma naturalidade. Ainda esta semana uma amiga minha que tem dois filhos, e o de sete anos virou-se para a mãe e estava a dizer que na escola que estava a brincar com os meninos e ela explorou, que tipo

de brincadeiras, o que estavam a fazer e o que não estavam, e a dada altura ele diz que tinha dado um beijo a um menino, e perguntou à mãe se os meninos também podem gostar de meninos, tem sete anos, e esta mãe disse "claro que podem, há meninos que gostam de meninas, há meninos que gostam de meninos, há meninos que gostam de meninos e de meninas e também há meninas que só gostam de meninas ou que gostam de meninos também, tu podes gostar de quem tu quiseres". Esta é uma mãe especial, não é, que outra mãe se calhar ficaria preocupadíssima e ia a correr para o psicólogo levar o filho porque tinha que o tratar porque as coisas não estavam bem, portanto eu acho que é importante apostar-se sempre na educação, mas numa educação que não seja prisioneira destas convenções, não confundamos o aceitar com o identificar-me com, e isso é importante nós fazermos nos diferentes espaços. Eu continuo sempre a pensar que a educação é a base de tudo, porque não basta eu sentir-me bem nesta pele se eu sei que vou ser excluído socialmente, a ILGA tem um spot muito interessante também, que diz assim a propósito da omissão da orientação sexual não normativa, "nós não temos medo, nós temos motivos", e isto diz muito porque de facto eu não tenho que me armar em herói e assumir uma coisa que sei que à partida vai ter consequências muito sérias por exemplo no meu local de trabalho, com a família etc., não é, portanto que o trabalho a fazer não é só com os homens ou só com as mulheres, é um trabalho comunitário digamos, de extensão universitária, ou de extensão comunitária era o que eu queria dizer, para que realmente as pessoas comecem a perceber e comecem a aprender a lidar com a ambivalência que é uma coisa que nós não sabemos muito bem. E por isso o medo, por isso o assustar, que está longe de ser só com esta realidade, o Daniel encontra por exemplo numa outra área que eu vou acompanhando em termos académicos e no acompanhamento de estágios que faço, o medo de lidar com seropositividade, o medo dos funcionários e das instituições, por exemplo lares, de receber um utente seropositivo. E depois o Daniel vai ver que os lares nunca têm vaga para estas pessoas, quando por exemplo um hospital está a planear a alta de um doente seropositivo, homem ou mulher não importa, sempre que há um familiar que contacta uma instituição é raro uma instituição com vaga, porquê, porque as pessoas não sabem lidar com isto, e o medo, a ignorância, depois traduz-se também na discriminação. Então o que é que é preciso, formação mais uma vez, apostar para que as pessoas saber do que se trata de facto para depois poder lidar com essa realidade. Há instituições, tenho colegas e amigos a trabalhar na área da toxicodependência e com a questão do HIV/SIDA e que têm essas instituições casas de acolhimento para doentes sero-positivos e ainda agora aqui no Porto a vizinhança descobriu que aquele andar estava, era da instituição que estava a receber doentes com SIDA e trataram de os pôr lá para fora, porque não queriam essa gente, ou seja, como é que nós damos a volta a isso, não é só dizer que tem de ser, é apostar também em políticas mais amplas que se dirijam à população, que trabalhem esta questão para nós conseguirmos ir ultrapassando, nós não vamos e tenho sérias dúvidas, nós não vamos fazer esse salto de uma só vez como é evidente, o seu trabalho vai ser muito importante para poder mostrar outras realidades, não é, para poder dar visibilidade, para poder mostrar como

tudo isto no fundo é natural, digamos assim, e que tudo o resto não passam de representações construídas e que vão organizando o mundo e que vão separando o mundo e vão criando a estigmatização.

*Eu não sei se é natural...*

Natural no sentido de... diga.

*Primeiro porque se o Dolce & Gabbana possa ter esse spot a nível de homossexuais, mas também tem spots extremamente sexistas que eu já vi num blog feminista, e por acaso é interessante esta ideia de que uma mesma empresa ou uma mesma coisa ou uma mesma pessoa às vezes possa ter...*

Tem os vários targets, não é, quer dizer e depois...

*... pode ser muito "pró-gay", com muitas aspas, mas depois pode ser muito sexista, é um bocado uma contradição...*

Eu penso que aí poderá haver uma lógica de marketing, porque é assim eles têm vários públicos como é evidente e podem criar publicidades porque também provavelmente não lhes interessa vincular-se apenas a um público, obviamente que qualquer marca não quererá vincular-se por exemplo só aos homossexuais nem tem que o fazer, mas também não tem que ser só aos hetero. A questão passará talvez por uma diluição dessas diferenças, não é. Há um autor muito interessante que é o Bauman que eu não sei se o Daniel conhece, se já o leu ou não,

*Já mo recomendou.*

... falei nele, ele fala mais na questão da modernidade líquida, o próprio amor líquido...

*Tempos líquidos.*

Exactamente, fala do amor líquido inclusivamente também. Ou seja, no fundo é procurarmos dissolver estas nuances todas e não as hierarquizar, uma espécie de um caleidoscópio, que temos várias cores mas que podem coexistir, não têm que estar umas mais acima outras mais em baixo, e esse é o grande desafio, é fazer essa mistura, é conseguir fazer com que haja uma maior permeabilidade e não esta segmentação excessiva e para além de excessiva, castradora e com implicações sérias para a saúde das pessoas e em última análise se quiser, para a sua própria felicidade ou ideia de felicidade.

*Se bem que pronto, ainda continuo a achar que [o anúncio] é sexista, mas pronto se fosse por uma estratégia de marketing, enfim não é a minha área e poderá ser,*

*mas se fosse uma estratégia de marketing, primeiro não quer dizer que eles não pudessem fazer uma estratégia que apelasse aos homossexuais e que não fosse sexista, quer dizer acho que isso também parte da criatividade das pessoas que desenham estas publicidades, e por outro lado...*

Não só da criatividade deles mas também porque eles têm de contar com o impacto que o seu trabalho vai ter e ao contrário, por exemplo nós sabemos que há algumas por exemplo, já houve em tempos agora as coisas parece que estão um bocadinho diferentes, mas algumas telenovelas brasileiras da Globo que tentaram introduzir a questão da homossexualidade na altura feminina e que o público exigiu uma alteração do argumento e ao autor teve que alterar, não é, o público manda aqui também não é, e a questão que eu dizia de no fundo a publicidade é heterossexista, pois claro que é, o Daniel continua maioritariamente a ver as senhoras nas cozinhas, a fazer reclames aos detergentes, começam a aparecer alguns homens agora é verdade, mas elas continuam a liderar como é evidente, continua a ver fundamentalmente as mães a ir ao supermercado comprar as fraldas prós filhos e menos os pais, portanto continua a ver os homens em spots publicitários em áreas de determinado tipo de serviços, de empresas etc., e portanto isto são mensagens, obviamente que se passa como é evidente, e também são sexistas, vão arrumando os homens e as mulheres para espaços diferenciados.

*Mas a ideia que eu tinha e que tenho é que numa mesma pessoa, numa mesma empresa, numa mesma marca, pode haver ideias, eu acho que isto explica-se muito bem na teoria queer, pode haver partes, acções que são muito positivas em termos de improvement, em termos de emancipação social, em termos de políticas positivas para a mudança, e ao mesmo tempo nós podemos ter o caso de um homem feminista que se assume como feminista, mas que depois quando deparado com questões LGBT aí corta logo, aí mostra algum tipo de preconceito, e é muito essa ideia que eu penso que está presente nos estudos das masculinidades, quando o Kimmel fala no Manhood in America...*

É o homem branco, é o homem heterossexual, exactamente.

*Privilegiado, e embora ele fale lá em relação aos homossexuais, eu não digo que ele seja homofóbico...*

Não, de todo...

*...mas depois ele ainda utiliza as mesmas categorias de homem e de mulher, ainda tem um discurso muito...*

Porque repare, mas essa é a ideia norte-americana do que é ser homem, que é isso que ele também vai colocando não é, porque o conceito por exemplo de masculinidade hegemónica que é proposto pelo Connell coincide exactamente



com isso, a masculinidade hegemónica não é ser negro nem é ser homossexual, mas não quer dizer que o Connell defenda isso.

*Sim, sim, sim.*

Ou seja, por isso nós perguntamos o que é ser homem, qual é a imagem digamos que as pessoas têm de ser homem, ela vai coincidir, e se fizeres essa questão a qualquer cidadão, ela vai praticamente coincidir com, se calhar não lhe vão dizer que é ser branco, mas vão-lhe dizer que é ser heterossexual. E é por isso que depois o Connell cria as categorias de masculinidades subordinadas, de masculinidades cúmplices, não é, porque de facto, esse ideal de ser homem, de masculinidade, ignora as outras possibilidades, por isso a queer depois vem-nos dizer que afinal o desafio é muito mais do que isso, e porque nem os próprios heterossexuais se revêm na plenitude, nessa imagem que é construída do que é ser homem e por isso também, porque esta questão da fragilidade, das questões de indicações para a saúde etc., não é uma questão de todo apenas vivenciada por bissexuais e homossexuais mas também por heterossexuais, porque obviamente também sentem que ficam num limbo às vezes muito difícil. Por exemplo no seio das relações afectivas ele tem de ser o ganha pão, ele tem que ser o gestor da casa, ele tem que resolver os problemas, ele tem que trazer o dinheiro para casa, e depois também tem que ser afectivo, mas depois também não pode ser muito afectivo senão depois já começa a questionar-se, ou seja então ser homem é aquilo que querem que eu seja e isso gera perturbações muito sérias como é evidente, como é evidente. E que às vezes não são percebidas como "porque é que eu estou a viver isto, porque é que é assim?", porque como diz o Giddens quando fala na pressão de um negligenciar do processo reflexivo do self, quer muito dizer porque nós de facto não nos pensamos muitas vezes e não problematizamos aquilo que nos é dado a observar, e que também nós, ainda há dias falava com um amigo que é psicólogo, é psicólogo clínico também, exerce clínica no seu dia a dia, e dizia-me assim "a psicologia é uma ciência altamente convencional, e eu próprio às vezes questiono-me, apesar de ter uma perspectiva mais crítica mas às vezes questiono-me e deparo-me com o também legitimar muitas das coisas que fazem parte desta ordem social existente e eu imagino às vezes que não me questiono e acabo também por corroborar determinadas realidades", porque é uma força enorme que nos foi incutida, esta dissidência, esta questão da psicologia crítica é uma questão recente e que foi olhada também pela própria psicologia mais tradicional ou mais convencional com muito maus olhos, há alunos universitários que olham com muito maus olhos para esta corrente da psicologia, que não a aceitam, porque ela é muito pouco securizante, ela não lhe dá respostas propriamente, ela diz-lhe que tudo é possível no fundo, ela ajuda a compreender-se a si próprio e a situar-se num contexto mais amplo, mas não lhe dá assim uma resposta, por isso até às vezes alguns profissionais que utilizam mais esta corrente na sua prática clínica com algumas pessoas não resultará tão bem, porque elas querem mais directividade, querem que lhe diga o que é que é preciso fazer, querem que lhe diga onde é que está o problema, e

portanto esta é uma área em que... o Bauman diz que neste momento as pessoas precisam de nervos de aço para conseguir lidar com estas incertezas todas. Se afinal tudo é possível, então eu agarro-me a quê? Por outro lado esta visão da realidade ela pode ser assumida como um compromisso se quiser Daniel, como um compromisso ético no sentido de que é o respeito pela diferença, então qual é o desafio, é nós chegarmos, é ultrapassarmos essa fase hipócrita da tolerância face à diferença, seja ela qual for, e atingirmos aquilo que podemos designar pela solidariedade, no sentido de que eu não tolero o outro porque ele é homossexual, bissexual ou heterossexual conforme eu me posicione não é, e esse estranho face a mim eu não o tolero porque até sou boa pessoa, o desafio não é esse, o desafio é que a sociedade possa ser de todos, e então ser solidário com ele, numa perspectiva mais nivelada, porque a tolerância é um conceito que remete muito para algum desnível, e eu até tolero esta gente, ou esta gentinha, que é pior, não é. E portanto o desafio, este desafio concretamente desta linha feminista e mais crítica, é chegar a este ponto, é de facto o da solidariedade. Os ideais da Revolução Francesa eram a liberdade, a igualdade e a fraternidade, digamos que o desafio hoje que a pós-modernidade nos traz que se inclui nestas leituras que estamos aqui hoje a ver será a liberdade, a diversidade e a solidariedade, porque a questão da igualdade, nós não somos todos iguais de facto, nós somos todos diferentes, quanto muito podemos ser todos iguais ou ter o mesmo direito à dignidade, e ter a mesma dignidade, sejamos pretos, brancos, amarelos, católicos, ateus, o que quer que seja. Não sei se o confundi, se divaguei...

*Não, não.*

*...ou se isto faz sentido para si.*

*Faz algum sentido mas também acho interessante as críticas ao pós-estruturalismo...*

*Hum, nomeadamente...*

*Olhe por acaso ando a ler um livro sobre isso. Uma crítica é por exemplo, aquela questão que nós falámos da última vez em que eu perguntei sobre aquela questão das identidades fortes e das identidades fracas, a ideia de que mesmo hoje em dia eu acho que ainda é preciso que as pessoas se assumam como homossexuais, como bissexuais, porque muitas vezes no pós-estruturalismo pode correr-se o risco de que as pessoas que pertencem a determinado grupo que não têm privilégios, a voz dessas pessoas pode não ser ouvida e elas precisam do grupo enquanto fonte de poder, enquanto fonte de união, enquanto fonte de movimento.*

*Mas os movimentos sociais existem para isso mesmo.*

*Mas eles regulam-se em termos de categorias, em termos de uma identidade forte...*

A questão é o que é ser forte e o que é ser fraco, e o que é a categoria não é, porque de facto o ser heterossexual, as pessoas não nascem heterossexuais ou homossexuais, isso é um nome que surge e que é dado não é, e quando nós nascemos já nascemos numa determinada cultura que já tem os seus conceitos e que nós entramos em algo que já está organizado e recebemos esses nomes, não é. Eu posso não me rever em nenhuma dessas categorias e não tenho que me rever, eu posso não ter que dizer eu sou homossexual ou sou heterossexual ou sou bissexual, porque posso não me rever a nenhuma dessas três. Agora não me obriguem a encaixar.

*Mas o pós-estruturalismo depois também não obriga as pessoas, por exemplo as pessoas que se querem encaixar, depois o pós-estruturalismo não vai no sentido a dizer que não se devem encaixar?*

Não, não, vai-lhe dizer que é possível o Daniel, portanto no que diz respeito à identidade sexual, rever-se numa só, ter desejo sexual por mulheres ou por homens, ou por homens ou por mulheres, não o vai obrigar, porque então isso aí era regressar à modernidade, era uma outra ditadura.

*Sim, mas a modernidade também tinha pólos de dissidência...*

Mas são...

*Ideologias diferentes.*

Sim, e quer dizer nós estamos em termos epistemológicos a falar de dois posicionamentos muito distintos não é, e que têm implicações depois também na própria... os estudos por exemplo que estamos aqui a falar, têm depois implicações do ponto de vista metodológico, não só do ponto de vista metodológico, mas também do ponto de vista da linguagem que vai ser utilizada...

*Sim claramente, com o objectivismo...*

Claro, claro, porquê, porque aqui nós recusamos a noção de verdade absoluta, de verdades únicas.

*Mas lá está, se nós recusamos as verdades absolutas então quer dizer que o pós-estruturalismo também tem essas falhas, não há uma teoria perfeita, por isso é que são teorias, se não seria um dogma.*

Claro, não há coisas perfeitas, claro que não, este é um posicionamento no qual as pessoas se poderão rever ou não, não é. É verdade que sobretudo as perspectivas pós-modernas radicais que não é aí que eu me situo poderão ser de alguma forma também questionadas nesse sentido, será que isto não é uma nova

ditadura, há essas perspectivas mas há digamos perspectivas mais moderadas e que no fundo aceitam essa possibilidade digamos assim.

*É porque depois também não falamos de pessoas que, falamos sempre de homens e de mulheres, mas depois de pessoas que não se enquadram nestas categorias, transgêneros. E a Surya Monro argumenta que há uma série de limitações às práticas pós-estruturalistas, nomeadamente que tendem a minimizar a importância do corpo, sobre a teoria queer ela diz que a teoria queer é muito usada por académicos que não vivem no dia a dia as experiências de opressão, os académicos à partida terão mais privilégios.*

Ah aí discordo literalmente dessa posição, o meio académico é um meio muito opressivo também e desiluda-se quem pense que inclusivamente até quem escreve determinado tipo de discursos mais libertadores que vive dessa forma, não é verdade, tal como por exemplo no que concerne às minorias sexuais há muitas pessoas que recorrem ao associativismo e que não conseguem dar a cara e que recorrem ao associativismo não por assumirem uma determinada posição mas mais para ter ali uma espécie de âncora onde conhecem outros mas que são incapazes de dar a cara por exemplo, e mais uma vez voltamos aquilo que eu dizia à instantes, não por medo mas por motivos. Nós temos uma questão hoje por exemplo no que diz respeito à questão das minorias sexuais, hoje é quase que como sabe politicamente incorrecto tecer comentários pouco elogiosos em determinadas classes, no meio académico isso não é de todo tolerado, para utilizar propositadamente aqui a expressão, ter um discurso anti-minorias sexuais, mas as práticas não acompanham o discurso meu caro Daniel, estão muito longe de acompanhar o discurso o que significa que, e outra questão eu penso que as pessoas e há um livro interessante que não sei se o Daniel já leu ou não que se chama "Pensar Queer", que é um livro muito interessante e importante que é escrito por queers e que são quase todos professores universitários e que falam das suas experiências e que não se pense que tudo foi fácil para estas pessoas, porque elas viveram obviamente o ostracismo, agora conseguiram foi ultrapassar essa barreira mas sentiram-no na pele, portanto isto não se pense que é tudo fácil e que não sentem, pois claro que sentem, um transsexual será que não sente, ah pois claro que sente. Quando ele é obrigado por exemplo a conviver durante um período longo na pele do sexo para o qual ele quer mudar mas depois tem documentos que têm o nome do sexo oposto, isto não é uma violência simbólica, quando ele vai ao centro de saúde imaginemos e está lá sentado à espera de ser chamado e está vestido de mulher e chamam por um homem e ele tem que se levantar, isto não é uma violência simbólica, não sentem isso na pele, ah pois claro que sentem.

*Sim, claro... enfim, diferenças epistemológicas [risos].*

Umas mais libertadoras outras mais conservadoras mas são ambas possíveis claro.

*Só mesmo para terminar, as minhas questões eram sobre os movimentos e se tem alguma relação com os movimentos, isso já explorámos, a única questão que coloco é o que pensa sobre as reivindicações das pessoas LGBT, nomeadamente a nível da adopção, do casamento...*

Isso dava uma outra conversa que não vamos ter tempo para ela, mas vou tentar sintetizar muito brevemente. Obviamente que se me perguntar sim ou não, enfim a resposta não é assim tão linear não é, mas vejo como perfeitamente possível, a questão do casamento nem tenho qualquer reserva, quem quer casar acho que deve ter esse direito como é evidente, aliás a nossa constituição diz que de facto ninguém pode ser discriminado por, não é, mas depois há ali outros artigos que contradizem. Acho que sim, se as pessoas sentem vontade não tem que ser uma obrigação, mas deve ser uma possibilidade porque os heterossexuais também não têm que casar uns com os outros, mas podem casar. Relativamente à adopção obviamente que cada caso é um caso, e tal como nem todos os heterossexuais estão em condições de adoptar nem todos os homossexuais estão em condições de adoptar, não é. Eu penso que nós vivemos ainda numa cultura que valoriza essencialmente a família biológica e isto é uma, isto é algo que deverá mudar também porque se traduz em muitos casos numa violência para a própria criança porque a lei refere que deverão ser estudadas todas as possibilidades no sentido de salvaguardar o supremo interesse de menores, acontece porém que as práticas e conheço muito bem essas práticas porque acompanho os estágios precisamente na área da emergência infantil há sete anos a esta parte e há muitas crianças que já deveriam ter sido adoptadas e não o foram porque continuam a ser sujeitas a uma perversidade enorme por parte das famílias, por exemplo elas estão completamente abandonadas nas instituições por parte da família biológica, mas a declaração de abandono tem um prazo que os pais conhecem e que acabam por, falta um dia para esgotar esse prazo eles telefonam por exemplo a perguntar pelo filho e então já volta a contar do zero, e isto é uma violência. Relativamente à adopção eu penso que as crianças precisam fundamentalmente de um ambiente que seja construtivo, que seja saudável para ela, que seja de afectos e isso não tem que ver com o género apenas. Poderá perguntar-me assim, então mas e não precisa de uma referência masculina ou feminina, ela pode ter em vários contextos porque também não quer dizer que estando numa família heterossexual que ela vá ter essa referência e que ela seja positiva. E portanto parece-me que, vejo como possível mas como digo cada caso é um caso e tem de ser estudado tal como na adopção por parte de, como ela existe agora, por parte de pessoas supostamente heterossexuais, supostamente, porque a adopção obviamente que há pessoas, e eu conheço, que adoptaram e são homossexuais, mas obviamente contaram as suas histórias de uma outra maneira, foram profundamente verdadeiros só que omitiram digamos a questão. [interrupção]

*Esta era a única questão que tinha a fazer, para além das nossas discussões epistemológicas.*

Ah mas essas são sempre saudáveis.

*Sim, honestamente eu utilizo estas formas porque... é mais também porque eu gostaria que na tese de mestrado em última análise também fossem estas diferenças, porque eu não vejo nada estas entrevistas como o entrevistado a ser passivo ou o entrevistado a ter de responder só ao entrevistador, acho que pode ser uma discussão.*

Claro, as entrevistas nem devem ser assim. Olhe espero que tenha sido útil de alguma forma e pronto o que precisar estou disponível tá bem?

Obrigado.

**Fernando (Participante 9)**

**15 Abril 2008**

**1 E 2 ENTREVISTAS**

**± 40 MINS**

*O que eu gostaria nesta primeira fase era de tentar perceber quais os eventos, o evento ou os eventos que considera terem sido importantes para que se considerasse feminista, o termo feminista pode eventualmente ser discutido e criticado e se quiser fazê-lo esteja à vontade.*

Os eventos em que sentido...

*Um evento a nível pessoal, a nível social, que pensa ter tido grande influência no sentido de se posicionar como feminista...*

Sim, sim, sim. Bom acho que foi claramente uma questão de sexualidade não é, e no meu caso mais ou menos nos Estados Unidos nos inícios dos anos 80 ao frequentar o mestrado lá a exposição a cadeiras que incluíam já uma perspectiva da teoria social feminista, sem dúvida, e que depois se coadunavam, os conteúdos coadunavam-se com a visão do mundo não é, e foi a altura também do meu coming out e de fazer o meu trabalho de mestrado que era todo sobre questões de orientação sexual e aí já foi necessário usar uma perspectiva de género e daí entrar na perspectiva social feminista foi um passo e portanto tornou-se logo num aspecto constitutivo, e também é uma questão de época ou seja apanhei também o boom da, dos estudos de género dentro [dado omitido] que é a minha área científica não, e portanto ganharam muita importância no início dos anos 80, nos meados dos anos 80 e ao longo dos anos 80 e dos 90 foi um crescendo muito grande e eu entrei logo nessa esteira não é, e quando voltei para Portugal e vim fazer o doutoramento comecei imediatamente a trabalhar em questões de género, especificamente sobre masculinidade, e masculinidade hegemónica, e portanto isso também já era também uma forma de tornar em objecto de estudo uma questão que tinha óbvias ligações com questões identitárias própria, não é. Portanto, em termos de eventos é mais isso não é... Em termos de porquê o feminismo, quer dizer bom, pra já acho que aí é importante dizer o que é que eu acho que é o feminismo [risos], porque obviamente aí tanto do ponto de vista sincrónico como diacrónico há diferenças gigantescas entre várias escolas e várias épocas não é, portanto desde as várias vagas do feminismo até numa perspectiva sincrónica, diacrónica até numa perspectiva diacrónica as diferentes posições, não é, mas aí para mim é antes do mais uma questão de visão do mundo, de facto é uma questão em que se mistura a visão do mundo com a teoria social que se utiliza, ou seja, basicamente um questionamento da ordem de género e da sua hierarquia e da sua assimetria como algo que é injusto e precisa de ser explicado e pode ser transformado. Só que eu vou um pouco mais longe porque acho que o género e a sexualidade são indissociáveis e aí já entra em conflito com algumas vertentes da teoria feminista, acho que são indissociáveis,

acho que a questão da sexualidade, e especialmente da orientação sexual, é constitutiva das questões de género e é prévia a elas, e portanto acho que um feminismo consequente é um feminismo que na realidade é uma teoria de desconstrução do género e da sexualidade, ou seja, que em princípio tem como objectivo último não só compensar ou inverter as desigualdades de género e sexuais, mas de aboli-las eventualmente, de abolir a própria categoria, com que as coisas são constituídas, aí mais ao nível digamos utópico, teleológico não é, o objectivo final é que a categoria de género não faça sentido e que as próprias definições de sexualidade como categorias também não façam sentido, pronto, mas isso é ao nível utópico. O nível prático é constantemente pôr em causa a organização por género e por sexualidade não é, e aí entra em conflito com muitas correntes do feminismo que são por exemplo aversas a lidar com a questão da sexualidade, ou que são diferencialistas e muito baseadas num quasi-essencialismo de diferença de homens e mulheres e que se chamam feministas de qualquer modo não é, e esse feminismo não é o meu para todos os efeitos, portanto acho que aí a questão das posições relativas é muito importante.

*Como é que foi trabalhar com género em Portugal, não sei em que altura nos estamos a reportar...*

[Questão omitida; o participante explora o seu percurso profissional]

*Não sei se estou correcto em dizer isto, mas a ideia que tenho é que nessa altura estas questões não eram muito...*

Não, não eram, não eram de todo.

*... como é que lidou com as resistências, as próprias críticas que iriam no sentido de que estas coisas não deveriam ser discutidas, estou a reportar-me muito à teoria não sei se aconteceu...*

Não, não aconteceu, não aconteceu... agarrar as coisas para serem ditas, eu talvez não tenha dado por isso, hoje o que sei hoje sei que muito deve ter acontecido mas eu não me apercebi ou seja por razões de idade, de modo de ser, circunstâncias de ter vindo dos Estados Unidos directo para cá, para um sítio que eu não conhecia porque eu não fui formado [dados omitidos] e nem sabia o que era [dados omitidos], eu cheguei como uma espécie de ave rara que se sentia perfeitamente à vontade e que achava que todo o mundo funcionava de forma muito semelhante aquilo que eu, à experiência que eu trazia dos Estados Unidos e isso deu-me um certo à vontade para prosseguir com a minha própria agenda e para lidar com as coisas [inteligível] sem sentir qualquer vergonha em relação a isso, e hoje percebo que isso teve um belíssimo efeito, ou seja, ao não ter qualquer problema com isso as pessoas deixaram de ter, ou pelo menos tiveram vergonha de o demonstrar, e a partir daí eu vivi na ilusão de que não havia



problemas, e portanto de certa maneira, é aquelas situações típicas em que a assunção das coisas evita o problema não é, porque cria nos outros uma vergonha social de se manifestarem contra, e as coisas correram tranquilamente. Acho que também é importante hoje em dia dizer que tive, não importa discordâncias, mas tive no fundo, hoje reconheço, um apoio muito grande [dados omitidos] com quem eu trabalhava na altura, vim para assistente dele, também não o conhecia, entrei no concurso e ele aceitou muito bem o tema da minha coisa e portanto aí tive essa protecção institucional, e portanto ninguém institucionalmente me disse 'não vás por aí porque isso é mau para ti', aquele tipo de frase que eu já ouvi pessoas dizerem que ouvem hoje [risos] ditas por pessoas que supostamente trabalham na sociologia da família e do género e que depois dizem coisas destas não é, isso aconteceu aqui quando se organizou um fórum sobre casamento entre pessoas do mesmo sexo há dois anos ou três. Mas fui trabalhando de forma muito autónoma e sem ligações sem ninguém, porquê, porque sentia que em Portugal não havia, toda a área não estava formada, os meus colegas nunca colocaram qualquer espécie de problema mas para eles era uma coisa um pouco distanciada e depois tinha muito poucas pontes de ligação com pessoas que nas ciências sociais que não [dados omitidos] trabalhassem em qualquer coisa de parecido porque aos poucos fui percebendo que não trabalhavam em nada de parecido, acho que a única pessoa com quem consegui estabelecer pontes de compreensão foi com [dados omitidos], acho que ela percebeu o que eu estava a fazer e eu percebi o que ela estava a fazer, mas depois há toda uma nebulosa de estudos sobretudo sociológicos sobre família, género, etc., e que sinceramente interessam-me muito pouco porque têm um fundo conservador que os próprios não se apercebem [risos], e esse fundo conservador tá lá porque não reconhecem a sexualidade como uma variável, inconcebível, e portanto o mundo é visto tal qual se apresenta e tal qual os critérios estatísticos apresentam o mundo, homens e mulheres como realidades demográficas e é quanto basta e pensamento crítico muito pouco. Hoje em dia as coisas estão a mudar um pouco graças aos jovens, hoje em dia há muita gente jovem a fazer teses que tentam quebrar com essa rotina pegando normalmente em objectos "estranhos", entre aspas, prostituição, sexualidade, etc etc, ou pegando em questões teóricas motivadoras não é, portanto teoria queer, feminismos mais radicais ou estudos LGBT etc., e aí conseguem aos poucos dar a volta e é verdade que muitos deles, senão a maioria trabalham com as pessoas que trabalham num sector mais mainstream da sociologia do género e da família, e portanto de certa maneira estão a dar à geração seguinte a possibilidade de fazerem coisas um bocadinho mais avançadas do que aquilo que é esperado da, digamos, da encomenda oficial sobre estas coisas. Portanto acho que de facto as coisas estão a mudar um bocadinho com a geração nova mas tá a ver, eu tou-lhe a falar de um percurso que vai de 86 até 2008, são vinte e dois anos, não mudou grande coisa, não mudou grande coisa, ou seja a penetração de cadeiras, pós-graduações, temáticas de investigação que tenham a ver com uma perspectiva que se assume como feminista, do ponto de vista teórico, e que fale do género e da sexualidade ao mesmo tempo, é muito pouco o que se tem

produzido. E quando começamos a fazer a lista começamos a perceber que são as teses de mestrado ou uma ou outra de doutoramento de pessoas mais jovens que até não estão completamente envolvidas na academia, isto é, que não estão a fazer o grau como parte da carreira, mas estão a fazê-lo como estudantes não é, e portanto é-lhes dada mais liberdade, e depois o que temos é um agregado, quer dizer, é um somatório de coisas não é, mas não a produção de um conhecimento continuado, sobre a forma de mestrados, de pós-graduações, de cursos, isso aí não temos, temos algumas pessoas que vão garantindo umas cadeiras sobre a temática e pouco mais.

*Então podemos dizer que a academia ainda é muito conservadora nestes aspectos?*

É, mas é conservadora à portuguesa, isto é, não reage activamente contra, gosta de transmitir uma imagem, e sobretudo gosta de se ver ao espelho, como tolerante, portanto não faz esse tipo de onda, mas não promove activamente e não reconhece discursivamente a necessidade de abordar certo tipo de coisas, portanto é um pouco a forma portuguesa como se lida com tudo o que seja perturbador não é, definitivamente não somos uma sociedade da repressão directa e pro-activa em termos de confrontação ideológica, não somos, quer dizer aqui não acontece o que acontece na Polónia, ou o que acontecia na Espanha quando as coisas ficam mais duras, mas por outro lado não quer isso dizer que sejamos uma sociedade livre e com um gosto de experimentação, simplesmente mantemos as coisas em banho-maria, banho-maria é boa definição, a ver se elas desaparecem sem que haja grande conflito não é. Depois é óbvio que muito, como em todo o lado, muito daquilo que se decide sobre a validade ou não do trabalho das pessoas, sobre se vale a pena elas seguirem ou não, o estímulo ou os entraves que se colocam no trabalho de alguém na área de género e sexualidade fazem-se nos bastidores, fazem-se no pequeno conselho que se dá, na conversa de corredor, chamar a pessoa para fazer outra coisa e dizer 'não, esquece isso, não tem grande importância', e daí ser sempre difícil identificarmos as coisas, os problemas que existem, é um bocadinho como aquela queixa do costume que 'bom, não há dados sobre o racismo, as queixas de racismo, não há números, e portanto se calhar não há mesmo nada' [risos] e no entanto a gente sabe que há e portanto acho que é um pouco por aí que vai a coisa.

*Então, eu gostaria de explorar o tema da mudança, uma vez que já abordámos a sua relação com o feminismo, gostava de aproveitar o tempo que é limitado para abordar as questões da mudança, mas se quiser explorar outro tema, também esteja [à vontade]...*

A mudança de...?

*A mudança disto tudo, [dados omitidos relativos ao participante]. O que é que vê que seja necessário, isto é uma pergunta muito dispersa, muito aberta, o que é*

*que vê que seja necessário para que haja uma mudança efectiva, nomeadamente quando falou sobre a relação destes estudos, da nova geração que está a fazer muito bem, também me lembro de algumas críticas de feministas norte-americanas que dizem que o feminismo tornou-se muito académico, já não é um feminismo de intervenção, de ir porta a porta a falar sobre o que é o feminismo, acha que a mudança vem necessariamente através da academia, é uma parte sem dúvida mas depois como é que a nível da intervenção, a relação entre a academia e o mundo exterior...?*

Exacto, pois é complicado mas eu acho que vai aos poucos no sentido em que... quer dizer, eu acho que a academia tem um papel importante em Portugal não é, e aí [inteligível] dos Estados Unidos porque pouca tradição ainda do intelectual público, das pessoas da academia serem chamadas por exemplo para consultores e prós conselhos técnico-científicos de instituições que tenham a ver com os assuntos que se tá a lidar, os académicos têm apesar de tudo uma ligação forte com a intervenção política e dos movimentos sociais, e portanto acho que há aí uma, digamos acho que há aí uma nebulosa de ligações que podem ser estabelecidas e que eu acho que tem a ver com dar a hipótese, mais do que dar a hipótese os próprios têm que exigir, isto é os investigadores mais jovens têm que se juntar em núcleos de facto dentro dos centros de investigação que permitam criar massa crítica em termos de discussões sobre questões feministas não é, questões de género e sexualidade, transformarem essa massa crítica na produção de seminários visíveis para fora, e na produção de oferta pós-graduada, isto é, eu estou a falar mais dos centros de investigação porque a dinâmica é maior do que nos departamentos, mas criar de facto pós-graduações, cursos, sobre o tema, e grande parte desses cursos que se podem criar podem ser articulados com a sociedade civil, e aí há desde as instituições do Estado que lidam com esta questão, nomeadamente a CIG, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, e os movimentos sociais, não é, as organizações de mulheres ou LGBT, e acho que havendo essas articulações consegue-se de facto produzir um conhecimento que é ao mesmo tempo crítico e académico e também estratégico e político lá fora, sendo que muitas dessas pessoas estão articuladas entre si, conhecem-se umas às outras, e referenciam-se mutuamente, portanto acho que isso é possível de ser feito, acho que é perfeitamente possível de ser feito, por exemplo eu próprio quero ainda ter alguma coisa a ver com isso, [dados omitidos], e aí temos que penetrar nos media, não é, e de facto contrariar aquilo que aconteceu em Portugal que foi o facto de não termos vivido, por razões óbvias da ditadura etc., não termos vivido a sequencialidade dum movimento feminista e de um movimento LGBT do resto do mundo industrializado, fez com que de repente estes assuntos surgissem já no momento do backlash, não é, e portanto com uma espécie de desdém social pela expressão feminista, que a gente ouve no quotidiano não é, e nas televisões, as pessoas dizem "ah eu sou mulher mas não sou feminista", quer dizer, como se fosse de facto uma coisa terrível. As pessoas já apanharam com o backlash e o backlash tornou-se normal para as pessoas, e eu acho que é preciso reconfigurar o que é, pode-se explicar, isso só

mediaticamente e em termos de produção cultural é que se faz não é, explicar o que é que significa ser feminista não é, de que não tem essa associação e conseguir traduzir os termos da questão. Mas isso acho que fazem-no de facto, até é relativamente simples, quer dizer as pessoas aceitam com muita facilidade e sobretudo porque se reconhecem nos problemas, aceitam por exemplo uma campanha para a igualdade de oportunidades entre todos e todas, como a que houve no ano passado, do ano europeu, e levam os materiais, e falam, e vão às sessões e discutem as desigualdades sociais entre homens e mulheres, etc., tudo bem, basta de facto, depois desse trabalho estar feito dizer "isto é feminismo" [risos], colocar as coisas nestes termos, ou ser a favor disto, é ser feminista, por exemplo, para já mudar um pouco a expressão. Embora para todos os efeitos, não é, não importa muito o que é que se chama à coisa, desde que os conteúdos vão. E portanto acho que isso é fundamental. Depois é óbvio que tem que, a academia, os movimentos sociais, as instituições do Estado que lidam com estas questões, têm que encontrar formas da sua mensagem passar, não é, que tenha de ser traduzido em termos mediáticos, e isso pode ser feito com uma boa articulação com todos os programas de debate que há nas televisões ou que têm a ver com estas questões, arranjar maneira de serem mais penetrados por um certo tipo de linguagem conscientizada não é, e isso faz-se, com esforço mas faz-se, a própria produção cultural não é, telenovelas, filmes, etc., estar permeada destes assuntos, acho que é muito importante, e depois a educação formal não é, através nomeadamente da educação cívica e sexual, ser claramente sobre a desigualdade de género e sobre a forma como idealmente ela não deveria existir, e portanto acho que isso é factível, não é, havendo a vontade política é factível, cada um vai fazendo as coisas à sua maneira, é preciso não perder a capacidade crítica da academia de simultaneamente que está engajada nas coisas também ser crítica em relação aos termos das coisas não é, não se pode perder isso, mas isso faz-se nas aulas ou na investigação, quando se traduz para fora muda-se a linguagem e tenta-se mais ser estratégico não é, é o mais importante.

*Quando diz que havendo vontade política as coisas são factíveis, acha que existe vontade política para isso?*

Acho que existe muito pouca normalmente, quer dizer, as coisas estão mal definidas, mas existe mais do que havia há uns anos. Sei lá, por exemplo neste momento na CIG a pessoa que dirige aquilo tem vontade política, tá dependente da vontade política de outrém, acima dela, mas tem vontade política, e sobretudo foi capaz de perceber claramente a articulação que havia entre a temática de género e a temática da sexualidade, isso ela percebeu claramente, mas tem que batalhar com muita gente que não acha isso não é, e a agenda política em Portugal, sobretudo do Partido Socialista não é de facto suficientemente moderna e liberal para perceber que estas questões são fulcrais, percebeu nalgumas coisas, percebeu na violência doméstica, percebeu na questão do aborto, já isso é muito bom sinal, preocupa-me é que não tenha percebido o pacote todo, faz-me confusão quando se percebe uma coisa e não se percebe o resto, seria mais de

esperar que fossem pessoas com a consciência social do pacote, não é, o pacote que estabelece as ligações entre o aborto, as formas de família, a sexualidade, a desigualdade de género, a violência doméstica, a desigualdade salarial não é, é um pacote que envolve isto tudo e acho estranho que essas pessoas não tenham a noção disso não é, e que vão pôr assuntos muito particulares primeiro e não consigam ver o quadro geral, faz-me um bocadinho de confusão, mas creio que tem a ver com isolamento, paroquialismo, com os percursos da forma como a classe política se constitui em Portugal não é, como uma espécie de burocracia desde muito cedo da vida das pessoas e portanto sem grande exposição às ideias, sem grande formação sobretudo, sobretudo sem nenhuma formação política não é, não há nenhuma formação de ser político não é, uma escola de ciências políticas e sociais onde as pessoas sejam expostas a um conjunto de ideias, e portanto acho que há uma fraqueza de capital cultural muito grande na classe política e depois há um excesso de boa vontade de ser progressista mas que obviamente não se chega lá se não se tiver a formação para lhe dar uma grelha de leitura não é, e portanto quando existe uma boa vontade, uma espécie de abertura, de inclinação da parte dos políticos para estas questões, se forem bem aconselhados por pessoas que têm essa formação, a coisa segue, se não forem, são imediatamente prisioneiros apenas das tácticas imediatas e dos diferentes interesses que se juntam à sua volta e que exigem uns uma coisa outros outra.

*E por exemplo na política também na política existe uma grande, não queria usar o termo dominação, mas uma grande presença masculina no seu geral...*

Claro.

*São poucas as mulheres, que mesmo estando lá, não têm uma voz muito activa porque não lhe dão o espaço para isso...*

Claro.

*E isso é muito diferente dos movimentos sociais, que como disse têm uma grande responsabilidade para tornar estes assuntos visíveis, nomeadamente o movimento LGBT, o movimento feminista...*

Sim, sim, sim. E sobretudo têm de fazer muito lobby, têm de articular muito com os partidos, para poderem criar zonas de penetração, não é, onde de facto as pessoas passem dos movimentos para os partidos e vice-versa, ou pelo menos as agendas passem, e isso precisa de ser feito não é, esse divórcio tem de acabar, e já está a acabar nalgumas áreas, isso depende um pouco do esforço de cada um, mas pronto, temos uma sociedade civil muito fraca, depois às vezes quando algumas forças políticas tomam conta de certos assuntos, bem intencionadamente, mas acaba por ser paradoxal o efeito, porque parece que foram inventados pelas forças políticas e não pelo movimento social, não é, e fica

ambíguo o o efeito que isso tem na opinião pública, há uma série de problemas a resolver aí. Mas voltando ao início que é aquilo que tem a ver com a parte mais profissional minha, eu acho que grande parte de tudo isto depende da legitimação universitária. Se uma universidade reconhecida pública legitimar o ensino, o ensino crítico e a abordagem, a investigação das questões de género e de sexualidade, se o fizer é meio caminho andado para os governos, as instituições públicas, os movimentos sociais etc., se sentirem mais amparados e legitimados em qualquer iniciativa mais transformadora.

*E como é que vê por exemplo... existe na sua perspectiva uma necessidade de parceria entre os movimentos sociais, por exemplo estou a pensar no movimento LGBT e feminista, embora não sejam só esses eventualmente, mas reduzindo a discussão a estes, acha que existe uma necessidade de parceria, mas apenas em ponto fulcrais é que deveria existir essa parceria e não ser uma parceria contínua?*

Pois, acho que não deve ser contínua, acho que deve ser as duas coisas ao mesmo tempo. Porquê, porque se for uma parceria constante tem que se ter uma espécie de chapéu-de-chuva que se define como o denominador comum, e isso é extremamente perigoso, como mostrou a experiência do Fórum Social Português, que esse chapéu de chuva parecia que estava a ser criado, mas de repente ou ele era muito vazio e retórico, tipo alter-globalização, umas multidões, multitudes, essas coisas que acho um bocado abstractas, ou entre automaticamente numa guerra partidária pelo controle, não é, e portanto é bom para algumas coisas mas não é a forma organizativa ideal, depois acho que de facto a pluralidade é muito mais importante, inclusivé o embate mútuo, porque é muito difícil para certos movimentos aceitarem a agenda dos outros, e não têm que aceitar, e portanto aí pode haver pluralidade muito grande, acho que não há problema nenhum.

*Mas depois quando surgem... imaginemos uma situação hipotética de uma feminista que dizia que era lésbica e que estavam a discutir a transsexualidade, agora não me recordo muito bem do caso, mas que dizia que a transsexualidade só existia porque nós vivíamos num mundo com um binómio de género, há muitas críticas a isto...*

Claro, claro.

*...de certa forma, o discurso dela pode ser considerado como conservador. Da sua experiência, como é que reage com estas...*

Olhe, a experiência diz-me que muito disso tem a ver com pouca exposição às realidades porque esse é um percurso muito típico de se encontrar que é o percurso da suspeita em relação... uma espécie de suspeita prévia em relação às formas, apresenta a transsexualidade como sendo uma espécie de obediência à normativa de género, ou por exemplo a suspeita em relação às exigências de direitos cívicos de gays e lésbicas, como sendo uma cedência ao patriarcado ou à

heteronormatividade e por aí fora, há muito esse tipo de coisa, eu acho que as pessoas mudam de opinião quando começam a conhecer o que é que está a causa, quando começam a perceber que muita da transsexualidade não tem a ver com isso, tem a ver com outra coisa, muitos dos destinos finais, das transformações transsexuais, não são o encaixe na normativa de género, são às vezes coisas muito diferentes e muito mais criativas e por aí fora, de que nem toda a gente está à procura do encaixe no binarismo, ou de que muitas vezes em aparente paradoxo, as exigências de encaixe na norma, no caso dos direitos civis, são muitas vezes a forma correcta de transformar essas próprias instituições, ou mais eficaz de mudar a percepção pública sobre as questões, ou seja, como isto não é um jogo... eu acho que precisamos de fazer uma crítica muito grande às premissas que falam das questões feministas e LGBT da mesma maneira que o movimento comunista falava das suas divisões internas, isto é, andar sistematicamente a medir quem é que está dentro ou fora da ortodoxia, e aceder mais ou menos a uma espécie de pecado das tentações externas, não é, não vale a pena, porque senão isto é um movimento social em torno de género e da sexualidade fica uma coisa parecia aquelas divisões entre stalinistas e trotskistas e depois dentro dos trotskistas entre muito deles, e esse tipo de discussão não tem interesse nenhum, não tem interesse nenhum, porque é uma discussão tipicamente de igreja, é um pouco como quem tá a discutir quem é que obedece melhor ao texto bíblico, e eu acho que o que é preciso é ter uma dinâmica muito mais própria das ciências sociais, que é olhar para como é que as pessoas concretas estão a inventar as suas vidas, com os materiais que têm, não é, e as pessoas não são, não têm que ser militantes e muito menos pensadores críticos sobre os assuntos, as pessoas têm é que viver as suas vidas não é, e nós temos que não só respeitar mas tentar perceber, eu acho que aí o meu treino [dados omitidos] ajuda muito nisso, tentar perceber ao que é que as pessoas andam, e às vezes quando a gente vê ao que é que elas andam até aprende coisas novas sobre o que é que depois se pode exigir, politicamente e por aí fora. Portanto acho que o que é interessante é haver espaços de debate onde esse debate se possa fazer, é muito importante que haja. Por exemplo o Congresso Feminista se for bem feito e bem organizado é um bom espaço para isso, [dados omitidos]. Mas muitos outros debates poderia haver, por exemplo esse, transsexualidade como obediência ao binarismo de género ou não. Quando a gente vai à realidade, isto é, quando a gente contacta com as transsexuais e os transsexuais, ou quando a gente, portanto quando a gente faz alguma espécie de etnografia, o que a gente percebe é que não é isso que as pessoas andam a fazer, não é necessariamente andam a fazer, isso enferma logo esse pré-conceito de um problema, às tantas está mais na cabeça de quem está a formular teoricamente a questão desse modo do que propriamente na realidade, e portanto é preciso sempre fazer este vai-vém, agora este vai-vém quem o faz é a academia, não é, por isso é que é fulcral, a investigação é que faz este vai-vém, da teoria prática, é isso.

*Como temos pouco tempo, eu gostava de perceber como a teoria queer se enquadra nisto tudo, posiciona-se mais como teórico queer, não sei se...?*

Eu? Não propriamente, não, não gosto do rótulo de facto, não bom sim, isso era discussão muito comprida. Basicamente é assim, tudo aquilo que se apresenta como teoria queer apresenta-se dentro de um paradigma que é o paradigma pós-estruturalista e pós-moderno, do questionamento da ideia de identidade fixa, tudo bem. Todos nós questionamos a ideia de identidade fixa, no sentido em que sabemos que as identidades sobretudo colectivas são sobretudo um processo de construção discursiva, tudo bem, estamos todos nessa, e somos todos anti-essencialistas. A questão é que a teoria queer leva isso para um campo que é o campo das últimas consequências desse assunto, não é tanto as identidades colectivas que a perturbam e faz uma espécie de deslize de nível que eu acho problemático, não é tanto a identidade colectiva de ser mulher, ser homem, ser gay, ser lésbica, que é posta em causa como uma estrutura discursiva, não é, um construto discursivo, é a própria identidade individual de cada um e portanto vai acabar por focar muito na ideia das identidades como absolutamente fluidas, não fixas, e numa espécie de horror absoluto à sua definição. Qual é o resultado, o resultado é a incapacidade a meu ver no plano da prática política de haver de facto comunidades que ajam na exigência de direitos, e a teoria queer põe tudo isto em causa, de facto, porque acha que toda esta noção do direito, do direito cívico, da ligação ao Estado, é problemática, portanto é uma teoria muito radical que tenta dizer que quem entra nessa lógica, a Judith Butler diz isso de certa maneira, quem entra nessa lógica de negociação com o Estado já está a participar da lógica discursiva do Estado e já está metida na engrenagem e não tá a fazer a crítica radical. Eu com isso não concordo, não concordo porque se calhar ao contrário de muitos teóricos queer estou envolvido com a luta política e portanto percebo quão esterilizador e paralizante pode ser uma teoria e crítica a ser usada na prática política, ou seja, eu acho que a teoria crítica a sério é muito interessante e necessária na academia para pensarmos constantemente sobre as condições das coisas mas tem que ser muito cuidadosa a sua transposição para a prática política porque senão a prática política é alienada do real, isto é, se a gente funciona com um Estado, com tribunais e com instituições políticas e com leis e com direitos que são distribuídos ou não, e vamos fazer uma política que tem a ver com a recusa completa disso, então a única hipótese é fazer comunidades isoladas, quer dizer, a única hipótese é ir embora para o campo, formar quase meios freaks, e portanto não me diz nada desse ponto de vista, portanto a passagem da teoria para a prática no caso da teoria queer, para a prática política, não é para as práticas individuais, por isso é que eu acho que a teoria queer é muito adequada num certo estilo de vida individualista, consumista, hedonista contemporâneo, porque é muito sedutora para os indivíduos quando lêem aquilo e dizem "ah bestial então vou construir a minha vida numa invenção permanente de formas", não é, bestial, óptimo, mas é péssima para a transposição para a luta política, porque a luta política precisa de categorias, não percebo como é que se pode fazer de outra maneira, e não há categoria mais interveniente do que a de identidade, do colectivo. Agora eu percebo que há problemas, se a gente tiver sempre a teoria queer como uma retaguarda para nos auto-criticarmos e dizer



"não vamos tornar isto demasiado essencialista", não nos vamos tornar numa identidade demasiado fechada, vamos permitir a diferença interna e tal, acho que sim, acho que é um belo antídoto. Acho que não servem como princípio para a acção política e aí tenho imensas dúvidas mesmo. Outra coisa do ponto de vista teórico tenho muitas dúvidas em relação à produção da teoria queer, à Judith Butler, à Eve Sedgwick e uma série de outras pessoas, porque acho que, e acho que isso tem a ver com as origens dessas pessoas, acho que são pessoas que vêm da filosofia, ou que vêm da epistemologia, ou que vêm dos estudos literários, nunca têm como objecto, porque não têm que ter, nunca o seu objecto de estudo foram as pessoas reais em vidas reais, e portanto é-lhes muito difícil para não dizer impossível, porque pura e simplesmente não têm essa experiência, aprender a partir das tais práticas das pessoas. Ora quem trabalha com as práticas das pessoas, ou os psicólogos a nível da relação inter-subjectiva, ou os antropólogos a nível do trabalho de campo com os colectivos, a gente percebe outras coisas, a gente percebe que as pessoas estão constantemente a inventar significados, não é, e a mudar práticas. Mas inventam-nos a partir de significados anteriores, portanto basicamente o que a gente faz na sociedade é re-significar as coisas, não é, e eles não percebem isso, o pessoal da filosofia e da literatura não percebe isso, não percebe mas não percebe da mesma maneira que eu não também não sei nada de cozinha chinesa porque nunca tive ali a cozinhar cozinha chinesa não é, portanto não ouvem esses ecos, normalmente os objectos de estudo deles são, é um pensamento literário sobre produtos literários, ou é um pensamento de crítica de cinema sobre produtos cinematográficos, tá a ver, é sempre sobre, é um estudo de desconstrução sobre as representações mas nunca sobre as práticas e isso faz-me um bocado de confusão. Acho que aí é que tá a falha. E portanto eu gosto muito, sou muito seduzido por coisas da teoria queer, e gosto muito de usar como uma espécie de mecanismo hiper-crítico para me vigiar a mim próprio, até que ponto é que não tou a fazer um discurso que é reprodutor do discurso normativo blah blah blah, gosto muito de usar como vacina, mas custa-me imenso oferecer uma perspectiva queer como guião para a transformação social, acho muito complicado, ou pelo menos o guião que fosse orientar a forma como o feminismo, o movimento LGBT, podem ou devem orientar a acção política, custa-me imenso, assim como me custa fazer a pedagogia em que a gente tem de tirar as pessoas de uma hegemonia tão forte, temos de fazer uma pedagogia muito cuidadosa para que elas comecem a perceber sequer que é possível as pessoas terem vidas diferentes daquelas que são esperadas, não é, portanto já isso é difícil de fazer, agora se eu fosse começar a fazer essa pedagogia dizendo logo às pessoas que à partida tudo é construído e perfeitamente volúvel, quer dizer, não tá a oferecer nada não é. E portanto tenho grandes hesitações com a teoria queer em relação a isso. Mas dava muito tempo para discutir isso, que é uma questão muito polémica não é, e é onde obviamente se dão grandes embates hoje em dia também. É muito interessante, mas agora é preciso perceber-la como um campo específico do pensamento que tem a sua própria genealogia e é uma genealogia do pós-estruturalismo e é uma genealogia basicamente foucaultiana, pronto, que é interessantíssima, mas que tem incompatibilidades muito grandes

com perspectivas digamos mais materialistas ou mais dirigidas para a transformação social, para a avaliação histórica das condições sociais de vida e das possibilidades de transformação dentro dessas condições não é, são dois mundos um bocado em paralelo do ponto de vista teórico e epistemológico não é, e fazer a ponte entre os dois não é fácil e às vezes contradizem-se e acho que grande parte da tensão vem daí.

**Fernando (Participante 9)**

**15 Maio 2008**

**3ª entrevista**

**± 30 mins**

*Gostaria de esclarecer a parte em que falámos de várias temáticas, a temática do casamento entre pessoas homossexuais, a temática também das pessoas transsexuais, que disse que apesar de algumas pessoas poderem entender isso como uma manutenção da forma tradicional de ver o género, que de certa forma podia ser uma remodelação desse binómio...*

Ok, acho que estou a perceber... tanto num caso como noutro, por razões diferentes obviamente. Se calhar era melhor esclarecer isso. No caso da transsexualidade há muito quem pensa, eu quando digo quem, é o senso comum em geral, eventualmente aceitar bem a ideia da mudança de sexo, a partir do princípio de que a pessoa se vai adequar a um modelo que supostamente já lá está previsto, não é, ou seja tendo uma ideologia biologista e uma visão biologista do mundo, a ideia de que aquela pessoa está desadequada, passa por duas possibilidades, a possibilidade do, entre aspas, "tratamento psiquiátrico" que reconduzisse a psique da pessoa ao corpo certo, que seria a versão mais brutal e mais antiga do termo, ainda hoje se vê uma entrevista do Gentil Martins num jornal [dados omitidos], que diz isso mesmo, mais ou menos do passado, ou então agora a ideia que vingou mais por causa das possibilidades médicas que existem, que é a ideia que então adapte-se o corpo à psique, e isto creio que é uma coisa de grande possibilidade de aceitação porque existe de facto uma correspondência ao que seria uma normativa do dimorfismo sexual e da sua correspondência ao binómio de género. No entanto, o que é que acontece, acontece que quando vamos falar, entrevistar, conhecer, interagir com as pessoas transsexuais concretas, reais, a gente vê que as pessoas não só são como as outras, evidentemente, e como são como as outras, têm toda uma outra série de factores que não são só os factores da identidade de género ou os factores do sexo biológico, são por exemplo também factores de orientação sexual, portanto muitas vezes acontece que após a mudança sexual, não é após, mas a pessoa vê-se a si própria como por exemplo de um sexo diferente daquele em que os outros a percebem mas de uma orientação sexual que uma vez completada a transição de sexo vai ser não hegemónica, muitos casos nascidas homem mas que se sentem mulheres mas que se sentem lésbicas basicamente, e fazem a transição para mulher e depois têm relações sobretudo homossexuais. Portanto o que eu estava a querer dizer de certa maneira é isto, não se pense que todos os transsexuais e todas as transsexuais são pessoas que estão à procura de uma adaptação completa à correspondência entre sexo, género e orientação, ou seja não se parta do preconceito que existe um bocadinho de que transsexualidade é uma espécie de fraqueza de espírito em que as pessoas de certo modo querem muito, uma pessoa nascida homem quer muito ser uma mulher estereotípica, ou uma pessoa nascida mulher quer ser um homem estereotípico, não é assim,

vamos encontrar pessoas que depois do ponto de vista do género e/ou da orientação sexual têm formas de se comportar, de viver, de se vestir, de falar, etc., muitíssimas alternativas e não adequadas a um estereótipo normativo qualquer, portanto isso por um lado. Eu acho que por outro lado a própria ideia de transsexualidade não é tão conservadora como pode parecer ou como alguma crítica algumas vezes diz, porque ela reforça na prática e na evidência o facto que pode haver uma transformação que vai até à transformação do próprio corpo, portanto nesse sentido torna bastante evidente o carácter transformável e manipulável das nossas identidades e da sua base material, não é, e demonstra também muito bem, isto aí já um bocadinho mais sofisticado digamos [risos], mas demonstra também como no fundo a gente dá valor a determinados aspectos do dimorfismo sexual, no sentido biológico, e não a outros, porque as pessoas não passam por exemplo, no caso das transsexuais não passam a ter um útero, tá a perceber, ou não passam a ter um conjunto de... e não mudam a estrutura cromossómica, por exemplo, as pessoas continuam a ser XX ou XY, a não ser que sejam intersexo. Mas portanto, bem discutido socialmente, bem falado, bem confrontado com a diversidade interna das pessoas transsexuais, a gente percebe que não é apenas aquilo que às vezes se pensa não é, é mais complexo e pode provocar mais transformações do que se pensa, não é uma mera adequação à norma, e acho que é por isso que a transsexualidade é importante como parte da agenda, por exemplo do movimento LGBT e devia ser parte também de um feminismo mais abrangente. Em relação ao casamento também há uma crítica típica, mais dos segmentos mais radicais do movimento LGBT, e vinda sobretudo da esquerda LGBT por assim dizer, e que depois tem também uma versão pós-moderna muito defendida por exemplo pela Judith Butler e que são pessoas e autores e movimentos que fazem uma contestação da própria ideia do movimento estar a pedir a igualdade no casamento, e sobretudo a ideia de que isso é a reivindicação central, e acharem que isso vai provocar uma normativização de um tipo de reconhecimento social e pelo Estado, a Butler preocupa-se muito com essa ideia, o Estado como representante da lei no sentido lacaniano e tal, preocupam-se muito que haja um reconhecimento pelo Estado e pela sociedade de um modelo sociológico do casal de dois homens ou de duas mulheres, assim uma espécie de modelo reconhecido e que deixaria na marginalidade maior ainda todos aqueles que não querem o casamento, ou que querem relações instáveis ou que querem relações poligâmicas ou qualquer coisa desse tipo. Bom.. e aí de facto isto é um terreno de enorme luta e de muita disputa mesmo cá em Portugal e no meio do pequeno movimento LGBT é um terreno de disputa. Eu tenho uma posição muito específica sobre isso, que é conhecida, e acho que não é assim, não é, acho que isto é uma questão de estratégia, acho que é uma questão de tempo, acho que pode haver perfeitamente ao mesmo tempo, tem é que se ter inteligência para o fazer e para o declarar, pode ser ao mesmo tempo uma postura política estratégica no sentido de dizer esta é a coisa que se pode conquistar agora e é mais fundamental, e ao mesmo tempo sem contradições ter um discurso teórico e reflexivo que esse sim é mais radical e profundo e que pode incluir inclusivé a contestação da ideia de casamento per se, seja hetero ou homo. Eu

pessoalmente desejo manter essas duas coisas ao mesmo tempo, eu acho é que elas são níveis diferentes, níveis diferentes para públicos diferentes e com registros de pensamentos diferentes, são coisas diferentes ou seja é o que faz com que eu por exemplo [dados omitidos] possa e deva no meu trabalho ou nas minhas aulas colocar-me numa postura de pensamento crítico que pode pôr em causa as minhas próprias convicções como pessoa, em muitas outras matérias e é um tipo de pensamento, esse pensamento mais radical de ir à raiz das coisas que é um pensamento que se faz na liberdade científica e de pensamento sobre o que é que o mundo devia ser e que pode pôr em causa as nossas convicções e que pode e que é um pensamento que não tem a ver com a estratégia política imediata, agora na estratégia política imediata eu acho que temos de ter a inteligência de ver que há certas movimentações que podem ter determinados efeitos e aí a discussão torna-se mais interessante porque há pessoas que dizem "ok aceito essa premissa mas acho que não vai ter esses efeitos, acho que não vai ter esse efeito multiplicador de liberdades, de diversidade, de integração, de reconhecimento", eu acho que vai ter, quer dizer não ponho as mãos no fogo mas acho que vai ter, acho que está a ter em muitos contextos, porque permite um grau de normalização que não é o mesmo que normativização, não é necessariamente a mesma coisa, e sobretudo um grau de reconhecimento simbólico, isto é quando se diz que determinada categoria de pessoas passa a poder aceder a um bem simbólico que estava reservado a algumas, está-se a dignificar essas pessoas segundo os critérios vigentes daqueles que acham que aquele privilégio devia ser só deles, isso é verdade, isso eu aceito, só que justamente aí é que está a retirada do privilégio, ou seja é exactamente a mesma coisa que retirar o privilégio do voto apenas aos homens com propriedade, ou que sabem ler e escrever, como era dantes, tá a ver, retirar esse privilégio e dizer que é também de outras pessoas, provoca uma revolução nas estruturas das sociedades, as mulheres ficaram totalmente iguais aos homens em direitos práticos, etc., as classes inferiores ficaram iguais aos burgueses que podiam votar? Não, mas mudou muito, imolou as circunstâncias, imolou a ideia de que podiam ser radicalmente diferentes, passou a ser inadmissível que sejam estruturalmente desiguais, e portanto eu acho que é o mesmo tipo de transformação, digamos que é... agora é uma agenda liberal? É, liberal no sentido da tradição da revolução francesa, americana, inglesa, é, é uma agenda liberal e iluminista e dos direitos de liberdades e garantias básicos, é, e a outra é uma agenda mais radical de crítica profunda em termos das grandes estruturas e eu acho que as duas são possíveis de fazer ao mesmo tempo, são camadas, a segunda inclui a primeira pra mim. Há pessoas que pensam que não, que são irreduzíveis que são duas formas de ver o mundo completamente diferente, e eu acho que é isso, acho que era isso que eu queria de certa maneira dizer. E a gente nota isto ao contrário, [dados omitidos] porque saiu hoje a notícia de que o Pedro Passos Coelho, candidato do PSD, estava a dizer que aceita as uniões civis entre homossexuais, e depois a gente começa a ver a coisa e a gente vê o que é que ele tá a querer dizer, tá a dizer em primeiro lugar que aceita o reconhecimento dos direitos patrimoniais e todos os direitos, a igualdade toda, mas não se pode chamar casamento, tem de se chamar outra

coisa, portanto tá-nos a comprovar que o problema é o simbólico da coisa, e depois não faz nenhuma referência aos direitos que têm a ver com adopção, paternidade, parentalidade, PMA's, etc., ou seja tá a deixar as coisas no campo patrimonial, através da omissão não fala do assunto. Portanto a gente percebe olhando para este tipo de posições o que é que está em causa na posição de contrário, e quão de facto transformadora ela pode ser. E depois o resto é estratégico, é estratégico, ou acho que se uma pessoa neste momento em 2008 em Portugal ou mesmo na Europa fizer bandeira com uma única posição política intransigente, o fim do casamento, não vai a lado nenhum, quer dizer é uma postura digamos sim, de honestidade absoluta, sim, mas a honestidade absoluta tem qualquer coisa de hirtó, parece que não tem nada a ver com o mundo real, é uma honestidade absoluta de pensamento, sim, sou contra aquilo portanto não posso ser a favor da igualdade no, tá bem, mas essa é uma espécie de postura do solitário que fica numa espécie de fundamentalismo da sua visão do mundo que é perfeitamente aceitável sim, mas que do ponto de vista político não tem a eficácia transformadora.

*Tenho muitas questões, mas como temos pouco tempo... após realizar este trabalho, a minha ideia seria depois eventualmente fazer alguma coisa... aqui eu cinjo-me muito à análise do género, à lente do género por assim dizer, mas eu não vejo o género como separado de orientação sexual, ou de raça, etnia...*

Pois isso falamos disso também da outra vez que eu também não...

*... vejo muito em termos de interseccionalidade, perceber como as coisas se influenciam mutuamente, mas pronto escolhi o género como perspectiva... A minha ideia seria trabalhar com homens na sua variedade, a minha ideia seria fazer alguma coisa no sentido de trabalhar com estas pessoas. Eu gostava de saber se tem alguma ideia, na sua experiência, não sei se no tempo que estive nos Estados Unidos porque eles são muito prolíferos nessa área, como é que nós podemos politicizar estas pessoas não para a discriminação como muitas vezes acontece porque a estrutura da sociedade está nesse sentido, não sei pode também criticar aquilo que eu digo não é, mas para a justiça social...*

Sim, eu percebo.

*...eu sei que é muito difícil, não estou a dizer que a maioria vá para as paradas gay ou para eventos feministas...*

Pois, pois, pois, eu percebo.

*...mas realizar algum trabalho que continuamente será cada vez mais, revelando também aos homens que as pessoas que estão no grupo dominante também são prejudicadas, não se compara de todo a pessoas que estão em grupos oprimidos, mas estas pessoas também perdem alguma coisa da sua humanidade.*

É muito difícil, eu acho que há três esferas de socialização e das pessoas terem transformações da visão do mundo em função da relação com os outros, não é, que é as formas associativas, nomeadamente os partidos, as formas de organização preocupadas com a transformação da sociedade, o Estado e as inter-relações familiares, amizade, etc. Eu acho que a gente assiste... há qualquer coisa a acontecer nas formas associativas políticas e nas formas interpessoais, aí vão acontecendo coisas, eu acho que apesar de tudo onde a gente vê é mais isso é num nível político e associativo, a gente vê que de facto nalguns segmentos políticos a agenda da igualdade de género e também da orientação sexual penetrou o suficiente, quer dizer já cresceu o suficiente para ter entrado pelo menos no nível retórico e nalguns casos já passou para o nível seguinte que é as pessoas perceberem a importância simbólica que aquelas questões têm, simbólica no sentido antropológico e sociológico do termo, não é no sentido decorativo, a importância que elas têm para a defesa de uma ideia de sociedade democrática, e portanto eu acho que isso já aconteceu, se a gente olhar para Portugal há 20 anos não tava em lado nenhum, e neste momento vemos isso como discurso oficial de alguns segmentos, Bloco de Esquerda, Juventude Socialista, começamos a ver a penetração noutros, começou a aparecer na CGTP um bocadinho, na UGT, no PC um niquinho, a gente começa a ver na JSD, na JS já lá está, portanto começa a aparecer ou retoricamente ou já mesmo como uma questão que aparece na forma como as pessoas imaginam, mas acho que aí já houve transformações e portanto essa é uma das vias, é uma das vias, é quando o programa político que oferece o pacote a uma diversidade muito grande de pessoas inclui no pacote uma coisa nova está de certo modo a dizer "olhe você que concorda connosco também passa a ter incluído nisto" e obriga as pessoas a mexer e a pensar, acho que isso é uma das vias. A outra de facto é das relações interpessoais e aí eu acho que as transformações são incontrolláveis e podem ser muito maiores, portanto quanto mais experimentação, quanto mais situações de igualdade de género, quanto mais experimentação de formas diferentes de vida, isto é por exemplo um casal hetero onde a licença de paternidade é exercida pelo marido ou formas de reforço positivo, quero eu dizer reforço positivo no sentido das pessoas acharem piada ver um homem com uma criança, a ver um pai com duas crianças, etc etc., essas coisas começam a acontecer em certos meios sociais por si próprias, aquela mistura entre a relação interpessoal, a recompensa simbólica, a publicidade que depois joga com isso e tal, vai havendo uma transformação de mentalidades muito mais lenta, muito mais incontrollável, mais difícil da gente manejá-la do que por exemplo num programa político de um partido. Quem tem falhado mesmo nisto tudo é o Estado, quer dizer esse terceiro factor tem falhado, quer dizer dir-me-ão não é injusto, houve a questão do aborto, da violência doméstica, vai havendo, houve um ano de igualdade de oportunidades para todos, de facto alguma coisa foi feita. Agora o que eu acho é que o Estado tem uma responsabilidade de um tipo diferente, tem a responsabilidade de assim que pega num pedacinho do assunto deve levá-lo todo até ao fim, isto é o Estado é que tem que funcionar por princípios, não é, um partido político enfim pode dizer isto dá jeito não dá jeito etc.,

as relações interpessoais são uma negociação constante de sins e não e de avanços e recuos, agora o Estado a partir do momento em que tem princípios que são ou constitucionais ou aqueles que vêm da União Europeia ou aqueles que têm a ver com o momento em que a gente declara uma primeira coisa de qualquer assunto, no momento em que a gente diz os homens e as mulheres são iguais, no momento em que a gente diz as pessoas não podem ser discriminadas por orientação sexual, no momento em que o Estado sobre a forma de um dos seus ocupantes de cargos, ou de uma instituição, ou seja do que for, diz isso, tem que tirar as relações todas, este é que é o meu problema, e não tira, ou seja, é muito pouco pró-activo da promoção dessa agenda, sobretudo estas coisas só se chega lá pela comparação e na questão, tanto na questão de género como nas questões de orientação sexual, a gente olha para muitos contextos como por exemplo o espanhol, e ao nível do Estado quer o Estado nacional quer os estados autonómicos, o que a gente vê é um enorme investimento em agências que regulam estas questões, quer dizer há muito investimento, muito dinheiro mesmo que vai directo para organizações do Estado ou de articulação do Estado com a sociedade civil que depois criam serviços, quer dizer é muito comum em Espanha encontrar-se serviços, a linha telefónica, o balcão de atendimento, a casa abrigo, a associação que foi completamente patrocinada pelo Estado, recursos, casas, sítios, apoios, campanhas, enfim, aquilo em que o Estado se torna visível, que é financiando e falando não é, produzindo discurso e investindo materialmente, isso aí cá a gente vê muito menos, ou vê em pequenos segmentos de algumas questões. Até mesmo naquelas questões que poderiam parecer pacíficas, por exemplo a questão da violência doméstica tem sido um calvário para as associações que quiseram construir casas abrigo, a UMAR por exemplo, foi durante anos um calvário conseguirem ter alguma espécie de apoio para a gestão das casas, para a construção, manutenção e gestão das casas onde as pessoas se vão refugiar, quando isso obviamente sendo uma questão inclusivé pacífica, que depois tem uma lei que pune severamente e que transformou em crime público etc. etc., era obviamente uma rede de casas dessas devia ser uma função prioritária do Estado não é, e nada disso tem a ver com os orçamentos nem com o haver dinheiro ou não haver dinheiro, tem a ver com o que é que se escolhe fazer como é evidente, e isso aí de facto a falha é maior. Eu acho que isso é o drama também, isso já é outro assunto, mas é o drama que... acho que temos uma classe política que imagina um país mais retrógrado do que ele é e o que é espantoso, mas é um sinal de afastamento da realidade.

*Eu quando iniciei este trabalho, eu próprio e o meu coordenador não sabíamos se iríamos encontrar homens feministas, mas encontrei recursos e pessoas que não se sabia que existiam até lá, como eu não sabia e as pessoas à minha volta na faculdade não sabiam que existiam, e eu fiquei muito com a ideia e ainda estou com a ideia de que recursos até vão existindo mas ainda são muito separados...*

Claro.



*...por assim dizer, ainda estão muito colocados em termos externos, pronto esta é a minha percepção.*

Não e não existem nenhuma formas que não sejam obviamente LGBT mas não existem nenhuma formas mainstream de reflexão organizada quer sobre a forma de seminários, de associações, de grupos de reflexão, mesmo dentro destes grupos que já lidam com estas questões como alguns partidos mais à esquerda ou... não sei, pode ser que haja mas nunca tomei conhecimento de haver um grupo de reflexão sobre homens e feminismo, sobre masculinidade ou sobre isso, embora haja zonas de intersecção que não têm esse nome, isto é eventos feministas ou cursos que lidam com questões feministas ou mesmo de orientação sexual e onde aparecem homens hetero como parte da sua formação e que vão voluntariamente e que depois poderão constituir de facto as surpresas dos que dizem que sim, que são feministas, porque já perceberam o que é que isso quer dizer. Mas não através de um esquema à americana, de um esquema de constituição de comunidades e de grupos, mas isso tem a ver também com formas de sociabilidade muito diferente, de forma de constituição de espaço público muito diferentes não é, mas que eu saiba de facto não há nada.

*Mas acha que seria possível haver, ou que seria útil?*

Eu acho que seria útil, nomeadamente por exemplo tudo aquilo que tem a ver com o universo escolar, fala-se imenso de educação sexual, há imensas queixas sobre a tal história do bullying, há imensas coisas sobre a violência, tudo isto tudo isto tudo isto, e as pessoas estão fartas de saber ou deviam estar que existe uma correlação de género nisto tudo, que grande parte disto tem a ver com determinadas formas de masculinidade, quer dizer salta à vista. Às vezes não salta à vista dos olhos das pessoas porque elas têm tão naturalizadas as percepções destas coisas que acham que aquilo nem sequer é uma questão, mas de facto salta tanto à vista que grande parte do que eles queiram depois fazer de programas, contra isto contra aquilo contra daqueloutro, ou de promoção disto ou daquilo ou daqueloutro, devia ter pelo menos nos guidelines, pelo menos nos guidelines uma orientação clara sobre como promover masculinidades alternativas, ou formas de transformação da masculinidade hegemónica que fossem positivas e emancipatórias para as pessoas, quer dizer que não fossem punitivas também, também não é por aí que se vai a lugar nenhum, por uma espécie de punição social, isso já se fez muito noutros sítios e um dos efeitos foi o surgimento de ainda piores formas de masculinidade, mais agressivas, por reactividade, mas de facto propôr, há formas de fazer isso como é evidente, suponho não é [inteligível], que eu saiba não as vi serem feitas.

*Eu tava muito com a ideia, isto partilhando um pouco, a minha ideia era mais fazer grupos, isto também ainda tenho de explorar um pouco, existem os grupos na Austrália, no Reino Unido e nos Estados Unidos, mais com o Michael Kimmel, mas depois também já se percebeu na literatura que para além de alguns serem muito*

*críticos dos grupos porque depois os homens vão para lá e socializam-se ainda de uma forma mais rígida por assim dizer e depois perdem toda a noção de que estão lá para falar não apenas das suas agruras mas também como é que podem revolucionar as suas próprias vidas...*

Claro.

*... e depois acho também que seria interessante criar grupos de alguma forma, porque servem para motivar os homens, mas depois criar alguma coisa a nível comunitário, alguma coisa que as pessoas no seu dia a dia vissem que pode ser possível mudar, sei lá, concertos, eventos desportivos. A minha ideia seria essa, mas enfim isso ainda tem mesmo que ser concretizado. Mas gostava também de saber a sua ideia...*

Eu acho que isso era muito interessante, mas o meu problema é sempre como é que se mobilizam essas coisas em Portugal...

*Pois [risos].*

... porque até nas questões, até quando a gente tem grupos claramente marginalizados, ou seja em que se esperaria que os próprios se juntariam para mudarem as suas condições de vida, a gente vê que nem aí as pessoas se mobilizam como deve ser, e porquê, a gente sabe porquê, porque as pessoas têm os esquemas familísticos, da sociedade família para resolver os seus problemas, isto é, desde que eu tenha uma boa rede de amigos e de apoio, desde que tenham os familiares que gostam e que não sei quê, desde que eu consiga não levantar ondas aqui e acolá eu crio um espaço de felicidade temporária, não é, em que eu consiga orientar a minha vida sem ter que me estar a expôr e a juntar a outros que me lembram ainda mais os problemas e por aí fora, e portanto isto aplica-se a tudo, quanto mais a pessoas que à partida lhes foi oferecida por um conjunto de razões uma situação privilegiada por assim dizer, portanto chegar àquele ponto em que as pessoas consigam identificar que há um problema que se chama a sua masculinidade, ou que há um problema que se chama a masculinidade hegemónica e eu não quero associar-me a ela e quero mudá-la, [assobio] é preciso uma grande volta intelectual não é, até porque não é um problema sentido pelos próprios, não se tão a libertar de uma coisa que lhes tá a ser imposta por outros, portanto é difícil mas é fazível e eu acho que ainda assim num país como o nosso, ainda assim o sítio onde isso é mais fazível é no meio académico, isto é sobre a forma de criar pistas que façam abrangências e que criem pontes, pós-graduações, seminários, cursos, cadeiras, eventos que tenham a ver com a reflexão, com o estudo etc., e que sejam ao início ligados a áreas um pouco mais abrangentes, a questão do género, dos direitos, da justiça e tal, ir jogando em vários meios, o meio da justiça que fala muito sobre os direitos, o meio das ciências sociais e por aí fora e conseguir ir propondo produtos, pacotes, de seminários curtos que têm a ver com sensibilização em torno dessas questões

e que vão tendo um efeito multiplicativo lento, mas que vão também criando legitimação, para o simples acto de discutir o assunto.

*E não haveria forma de agilizar o processo?*

Isso aí vai sempre dar à iniciativa pessoal, quer dizer basta uma pessoa estar localizada numa faculdade e conseguir propôr uma coisa com piada e publicitá-la bem e arranjar os contactos certos e de repente acontece uma coisa, acho que aí sim, sem dúvida. A outra de facto, conseguir fazer com que as agências que no facto tratem destas coisas, por exemplo tem havido um trabalho muito grande de algum segmento do movimento LGBT no sentido de transformar aquela Comissão da Cidadania e Igualdade de Género em que ela incluísse as questões da orientação sexual na agenda, e foi muito lobby em torno nisso, finalmente isso foi decidido com o ano europeu da igualdade de oportunidades e ao nível mesmo da Presidência de Conselho de Ministros acharam que sim, a pessoa encarregada da CIG achou que sim e tal e coiso, e neste momento faz parte das atribuições e portanto isso é uma mudança muito importante, de repente uma coisa que estava definida apenas nos direitos das mulheres passa a ser uma noção de género mais abrangente que inclui a orientação sexual. Por exemplo, numa instituição como essas tem um discurso sobre o género que é um discurso sempre sobre o acesso das mulheres à igualdade e de crítica e denúncia da desigualdade das mulheres, tudo bem, mas nunca tem um discurso directamente dirigido à masculinidade, disso nunca falam, um pouco como se ela fosse... qualquer coisa com que não se quer mexer para não se chatear, que o discurso não pareça opositivo ou então porque se vê como uma espécie de normalidade e o que preciso é quem tá na margem aceda ali, e eu acho que é preciso fazer trabalho, de lobby, de insistência, de oferta de produtos, muitas vezes é a melhor maneira de uma pessoa se queixar e dizer "você não falam disto", tenho aqui isto para fazer, uma acção de formação, um folheto, um isto ou aquilo e as pessoas vão interiorizando as coisas, lentamente, eu acho que sim.

*Ok, basicamente eram as minhas questões, não sei se tem mais alguma coisa que queira dizer?*

Ok, não, tudo bem...

*Obrigado.*

**Hugo (Participante 10)**

**Entrevistas 1 e 2**

**24 Abril 2008**

**± 96 mins**

*Quais pensa que tenham sido as influências, os eventos, as situações, que levaram a que adoptasse uma posição feminista. Este termo, feminista, é um termo teórico que também pode ser criticado e discutido, por isso sinta-se à vontade de o fazer.*

Pois, não... sei lá, a mim parece-me uma coisa normal, ser feminista é quase como ser, isto é um bocado... é quase como ser anti-racista, eu pelo menos não entendo o feminismo como aquele estereótipo das mulheres que queimam os soutiens e essas coisas, portanto... uma questão... eu estudei lá fora, em Inglaterra e nos Estados Unidos, durante um período muito curto nos Estados Unidos, quando começava ainda a fazer o curso houve um intercâmbio de estudantes e portanto nesses países a questão não é assim colocada como aqui, porque aqui o termo ainda tem uma carga negativa, muito forte, mas... agora quando me apercebi de certa forma das questões do género e das questões da desigualdade... recordo-me de alguns episódios, portanto uma das coisas, primeiro eu sou de um, não sei se isso terá tido alguma influência ou não, depois também tinha que se ver a minha posição política em relação a outras questões, a ecologia, portanto era como estava a dizer, ao anti-racismo, a essas coisas todas, portanto o feminismo faz parte de um todo. Mas recordo-me de algumas coisas, sou de uma família que... portanto eu fui educado pelos meus avós, e com a minha mãe porque os maus pais eram separados e eu morava, a minha mãe morava, na altura antes do 25 de Abril não havia divórcios e tal, era uma família pequena, média burguesia, era um escândalo quase as separações, divórcios. Portanto o meu pai saiu de casa por incompatibilidades com o sogro e umas coisas, e de certa forma abandonou o lar e depois teve no estrangeiro uns anos, depois mais tarde voltou, reconciliaram-se... mas praí até aos, sei lá 12 anos ou mais, 12, 13 anos, eu e o meu irmão tínhamos uma figura feminina forte até certo ponto em casa que era a minha mãe, embora a minha mãe estivesse sempre muito dependente dos meus avós, digamos assim, que eram pessoas muito conservadoras, portanto muito autoritárias, portanto a minha mãe também era um pouco quase... havia alguma cumplicidade entre os três, portanto era quase a irmã mais velha também, assim uma coisa. Portanto talvez por essa alteração dos papéis, ou não sei muito bem, depois faziam-me impressão certas coisas, portanto... eu não sei se isto... o racismo será natural ou o machismo? Eu pra mim não... quer dizer, eu posso questionar esta coisa da minha história pessoal, mas para mim parece-me uma coisa natural. Um episódio que eu recordo muito foi um, portanto no 25 de Abril ou 74, ou 75, portanto eu deveria ter uns onze anos, houve uma primeira manifestação das mulheres, de muitas mulheres em Portugal, em Lisboa salvo erro, que provocou portanto uma [inteligível] popular, não recorda isso pois não, não sabe do que é que eu estou a falar? Foi um episódio que

depois resultou em muitas agressões às mulheres que estavam, até acho que houve um caso de violação, portanto era uma das primeiras manifestações feministas, apareciam umas mulheres com os cartazes, mas depois a televisão deu aquilo, eu recorde de ver isso num telejornal, de ficar muito chocado, portanto as mulheres foram agredidas, depois os cartazes foram todos rasgados, não sei quê, foi uma... portanto isto já em 74 e 75. Depois lembro-me de ter questionado aquilo em casa e o meu pai ter dito "ah isto são as mulheres e tal se fossem mas é trabalhar para casa, tomar conta dos maridos", aquela história... e aquilo foi o primeiro contacto que eu tenho com a questão do feminismo que na altura acho que nem cheguei a aperceber-me da palavra, de facto vim a saber mais tarde que esse episódio foi muito marcante na história do feminismo em Portugal. E depois, depois foram leituras, da Simone de Beauvoir, do Segundo Sexo, liam-se alguns livros, pronto eu tinha muitos livros que se liam naquela altura, fins dos anos 70 não é, anos 80, embora eu tivesse a consciência que o feminismo era assim uma coisa que em Portugal que não existia muito mas... depois através do, quando cheguei lá fora, já mestrado, mas mesmo antes, tomei contacto mais com um nível muito mais teórico dos estudos de género, mesmo nas áreas das artes e isso, que deve ser uma coisa praí dos anos 80. Depois tive também uma professora que me influenciou bastante que foi a Professora [inteligível], portanto ela é pouco mais velha que eu, a [dados omitidos], ela tem um livro publicado também, acho que é a tese de mestrado dela, sobre a história do feminismo em Portugal, sobre feminismo e educação. Ela é da... é da área das ciências da educação, ela foi minha professora de sociologia da educação durante o estágio secundário, portanto os nossos estágios, eu fiz no [inteligível], portanto era assim um meio já um bocado que se falam muitas ideias, dessas... são concepções mais alternativas, e ela depois no estágio não integrado, eu dei aulas durante dois anos, e depois fui fazer estágio na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, portanto eu estava colocado, acho que tínhamos que esperar que houvesse uma vaga para estágio, e ela foi nossa professora de Sociologia da Educação e um dos temas que ela tratava muito eram essas questões de género, feminismo. Mas era uma matéria que eu já conhecia, não é, mas depois com ela isso foi mais desenvolvido. [Apresenta e folheia a sua tese de doutoramento] Isto é uma cópia da tese, da minha tese de doutoramento, que é [dados omitidos], portanto isto aqui acho que fala expressamente da questão do feminismo, porque uma das... eu depois comecei a escrever papers sobre, a seguir ao mestrado não é, sobre estas questões, aliás quando eu fiz o estágio, eu já tinha feito o mestrado, tinha feito o mestrado lá fora e tinha voltado e portanto não é, nem sequer fiz o estágio. Portanto foi também desenvolvido no meio académico esta questão, mas aqui em Aveiro isto, eu estudo nesta área, neste curso não é, depois isto varia um pouco estas questões consoante, depende ainda muito das pessoas que estão à frente dos cursos, das comissões científicas, às vezes há mais abertura outras vezes há menos. É capaz de tar aqui na bibliografia [referência ao livro da antiga professora]. Pronto, depois participei num congresso feminista que houve cá em Portugal, em Coimbra há alguns anos, e nessa altura inscrevi-me mesmo na APEM que é a Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, passei a

assinar a revista, também já escrevi uma vez um artigo, e a tese de doutoramento foi feita nesta temática. Portanto tenho aqui uma passagem, como tudo começou. Depois passei a tar mais atento a estas questões. No meu caso funciona muito, porque a análise de imagem, estas imagens... por exemplo, as tunas, até há muito pouco tempo eram exclusivamente masculinas, depois havia uma grande questão das mulheres entrarem nas tunas, no entanto depois ouve-se a mulher muito como referência, nas artes está sempre subjacente o artista a um homem e o modelo é uma mulher, ou a musa, o feminino. Por exemplo, um problema que nós temos aqui no primeiro ano, quando começou o curso aqui, logo, aliás segundo ano, houve aí um exercício engraçado que era tentar definir teoria, práxis e poesis que são as, é o lema da universidade, e no caso da poesis, poética, não sei quê, apareceram alguns alunos, eles tinham de identificar um objecto qualquer que lhes sugerisse um animal, a poesis acabou por ser um pássaro acho eu, uma forma esvoaçante, mas apareceram lá uns que disseram uma mulher nua, e depois diziam 'ah porque a mulher sempre foi um inspirador dos artistas', portanto eles nem sequer pensavam que o artista ou o designer, o criador, poderia ser uma mulher, portanto nesse caso ser inspirado por um homem. Esta é uma imagem curiosa, isto foi um acaso que eu fotografei em Praga porque achei piada ao boneco, mas é engraçado, um homem a atravessar a rua e depois em baixo tem um em cadeira de rodas, portanto ele de certa forma fica invisível na representação, no caso das mulheres é igual. Por acaso recentemente em Espanha mudaram estes sinais onde colocaram mulheres também. [pausa] Pois, foi isso mais ou menos...depois o facto de eu ter tido uma filha também, nós temos uma filha só, que agora por acaso tem dezoito, entrou este ano para a universidade, mas também começando eu a tratar estas questões de género quando ela era muito pequena ainda, fazia-me reflectir mais sobre estas questões, portanto que oportunidades é que existem, esta questão das desigualdades no ensino superior, as desigualdades na procura de emprego, portanto há mais mulheres licenciadas do que homens mas depois a maior parte dos lugares são ocupados por homens, mesmo no ensino superior que já há bastantes mulheres, mas elas estão muito confinadas a determinados cursos, [dados omitidos]. Portanto todas essas questões também, a própria experiência pessoal influi nisso, depois tive envolvido na campanha pelo aborto, pela despenalização do aborto, houve um caso no Porto, que eram dez ou quatorze mulheres que estavam em julgamento, mais uma enfermeira que depois até foi condenada a oito anos de cadeia por ter usado, o ridículo daquilo era que, portanto as restantes mulheres foram absolvidas por falta de provas um pouco, embora elas tivessem... não, havia uma que tinha confessado, portanto essa tiveram de dar uma pena suspensa. A enfermeira depois foi condenada por oito anos, mas o que agravou muito a pena foi o facto de ela ter em casa anestésias e material, que aquilo podia ser considerado estupefacientes e mais não sei o quê e utilização indevida de não sei quê, portanto isso aumentou-lhe a pena vários anos, por exemplo se ela tivesse feito as... foi uma coisa que chocou na altura, os contos da plataforma que trabalhava nisso, portanto era uma plataforma que congregava pessoas de diversos partidos, o que chocou foi o facto dela ter sido condenada por ter utilizado

as anestésias, se não tivesse utilizado as anestésias como às vezes algumas enfermeiras faziam, a pena era muito menor. Eu depois também escrevi um artigo para o jornal, uma carta ao jornal, e foi publicada no Público sobre essa questão, portanto depois estive um bocado envolvido nisso, depois já mais na prática, na prática política para usarmos esse termo não é, durante algum tempo ainda. E depois perguntaram-me na altura porque é que, havia poucos homens nessas manifestações lá à porta do tribunal da Maia, era sempre um grupo de mulheres e havia um ou outro homem, uma jornalista depois perguntou-me, da televisão, 'porque é que está aqui?', fiquei assim um pouco surpreendido pela pergunta, e depois disse 'ah tou aqui porque tenho uma filha, ela tá na escola', pronto, aquilo tinha a ver com o futuro dela também, essa questão da despenalização, queria portanto que ela tivesse o direito a adoptar mais tarde se... não sei se quer fazer mais alguma pergunta, não tenho assim muito mais...

*Não sei se terminou a sua história...*

Sim, sim, basicamente, se me lembrar de mais alguma coisa...

*Tenho algumas perguntas, fiquei intrigado por essa imagem que utilizou na sua tese de doutoramento, aquela imagem que utilizou, penso que é o homem e a mulher.*

Da sonda Pioneer, não é, não sei se é Pioneer, Voyager?, Pioneer, é Pioneer.

*Ah ok, então qual é que é a ideia... a imagem representa um homem e uma mulher que supostamente... foi enviada para o espaço para se houver alguns extraterrestres para eles conhecerem como nós somos. Essa imagem, qual foi a ideia de a colocar na tese?*

Isto foi bastante criticado, a crítica que existe sobre isto é que é um homem e uma mulher, a placa foi desenhada por uma mulher, acho que era a filha do Carl Sagan, mas reproduz um pouco os estereótipos que existem, por exemplo o homem é que fala e a mulher tá calada, portanto ele fala pelos dois, ele é que se dirige, olha directamente para os supostos, eventuais extraterrestres, alienígenas, e a mulher olha ligeiramente para baixo, é mais para o homem, fica ligeiramente atrás, portanto é engraçado esta questão.

*Estes traços sugerem o quê, são parte do desenho original? São linhas de perspectiva, talvez?*

Hah, não sei se isto sugere a perspectiva, isto aqui é o desenho da sonda, isto são os planetas. A Laurie Anderson criticou isto logo, era uma cantora, mas ela era do ponto de vista mais jocoso, que dizia que... isto está numa performance, American on the move, 'No nosso país mandamos imagens e signos da nossa imagem para o espaço exterior, eles falam, eles mostram a nossa linguagem de sinais nestas

imagens, vocês acham que, será que eles os alienígenas, será que eles vão acreditar que a nossa mão está sempre assim virada para cima, as pessoas andam sempre com a mão assim, o que é que eles pensarão disto, será que eles são capazes de ler os nossos sinais? É que no nosso país dizer adeus e dizer olá é dizer exactamente a mesma coisa' [risos] Aquele acenar da mão... mesmo quer dizer, mesmo para nós, seja um europeu ou um africano, que esteja a ver uma imagem de uma pessoa a sorrir e a acenar não está a perceber se ela está a dizer adeus, quer dizer, passado algo tempo consegue descodificar não é, de amplitude de gesto por aí fora. Depois houve outras feministas que disseram, 'ah isto representa... eles vão pensar que existem duas espécies animais naquele planeta, uma delas tem um apêndice, uma espécie de uma tromba ou coisa sempre assim no ar', e depois criticaram mais tarde esta história da mulher.

*Então a ideia por detrás dessa imagem...*

A mulher aparece como o outro, lá está, o segundo sexo.

*A ideia dessas figuras, especialmente a outra figura achei muito interessante porque...*

Isto depois fez-me lembrar o que aconteceu com os pictogramas que é a minha área de estudo, que é o design, é mais uma área em que a representação, quando aparecem mulheres aparecem com determinado estereótipos, para representar determinadas profissões, é um pouco... o masculino representa sempre a espécie, o homem geral, as pessoas, representa pessoas. As mulheres só aparecem nas casas de banho, com crianças... agora tem-se criticado, tem vindo um bocado a desaparecer.

*Qual é que é o objectivo por detrás dessa análise...*

Na tese?

*Sim, mas igualmente na sua linha de trabalho, o que é que pensa conseguir com isso?*

Eu tinha que fazer, isto tinha que fazer um estudo qualquer para o doutoramento, queria fazer em estudos de género. É uma questão que já foi levantada na linguagem escrita também, há vários livros sobre isso. Há um muito conhecido da Dale Spender que é 'Man-made language', ela dizia que a linguagem foi feita toda pelos homens, portanto que eram as pessoas que tinham o poder, o saber não é, nas sociedades patriarcais, e que portanto que é por isso que nas espécies, mesmo as espécies animais mas no caso do homem são diferentes, existe o homem, a história do homem, depois houve este movimento, tem um termo técnico qualquer em inglês, da reforma da linguagem e de utilizar uma coisa mais politicamente correcta, as pessoas, o ser humano e por aí fora, mas é curioso



porque há uma série de... o feminino é sempre o segundo sexo, a questão da Simone Beauvoir já era um bocado essa, ela dizia que, como é que era, o homem... masculino e o feminino eram como dois pólos eléctricos, uma pilha eléctrica e não sei quê, só que a diferença é que o masculino era simultaneamente o positivo e o neutro, e a mulher era só sempre o negativo, portanto o neutro é sempre também masculino, pessoas. [mostra um sinal] Proibida a entrada a pessoas, a gente lê isto como a entrada proibida a pessoas, não como proibida a entrada a homens, [mostra outro sinal] isto lê-se como proibida a entrada a mulheres. Pronto, alguns linguistas dizem que isto é natural, que a gramática que é natural. Pronto, depois adaptei isso a este tipo de linguagem, os pictogramas, um homem de chapéu a atravessar a rua é pessoas.

*E esses pictogramas foram retirados de situações em Portugal ou são pictogramas mais gerais?*

Não, tentei recolher, fiz uma recolha. Depois há também um caso curioso que é também semelhante ao que acontece na linguagem falada, portanto no caso do homem e mulher há muitas, [inteligível] o feminino é um prolongamento de uma complicação do masculino, portanto o masculino é... no caso inglês é fácil perceber isso mas é uma etimologia rara, porque o man e woman não têm a mesma origem, portanto woman tinha um masculino qualquer que era qualquer coisa também, wo-men, assim uma coisa qualquer, um som parecido, portanto woman e man não têm a mesma origem, e algumas feministas diziam que era man e depois complicando mais metia-se mulher, woman. Mas há muitas, [inteligível] e os feminismos são, por exemplo, tou a lembrar-me um que era o tigre, tigre tigresa, sobretudo em palavras menos comuns quando a forma feminina é erudita é um acrescentamento, uma transformação da designação do masculino, quer dizer acaba por ser uma palavra mais longa. Nestas imagens acontece a mesma coisa, portanto a forma masculina é muito simples, depois a feminina é a base masculina, porque é quem entra também, acrescentando uma saia, o que também é ridículo, porque as mulheres, não há assim tantas mulheres hoje em dia a usar saias, estas saias muito abertas, rodadas, anos 50, mas é para o tal estereótipo, para se reconhecerem mais, ou então o cabelo, têm o cabelo maior, têm a saia, isto aqui então é ridículo [mostra sinal] se isto fosse simétrico, neste caso o homem estava nú, porque isto é indiano, é um sári e mais não sei quê, portanto a figura aqui devia estar nua, mas portanto isto é um dos primeiros pictogramas que foram criados nos anos 30, [mostra outro sinal] portanto a imagem feminina é muito mais trabalhada que a masculina, portanto acrescenta-se pormenores, nem sequer o tipo de imagem é o mesmo, muito mais pormenorizada, pormenores anatómicos que o masculino não precisa. Isso é uma coisa que em linguística é conhecida por marcação não é, é um pouco dominância do mercado. Eu depois tentei analisar esse fenómeno na imagem, na linguagem visual. [mostra outro sinal] Peão. O termo é mais ou menos neutro, por peão não entendemos necessariamente uma mulher, portanto não existe a palavra peã, não há um feminino neste tipo de linguagem, só posso representar um homem ou uma

mulher, portanto a linguagem masculina visual acaba por ter algumas limitações. O que se fez foi um levantamento de programas, esses programas são criados em grupo cada tema, aeroporto tem uma série de programas para indicar escadas rolantes, casas de banho, saídas, não sei quê, portanto aquilo é geralmente desenhado num todo coerente, chama-se um programa de sinalética, foram reunidos alguns programas, o máximo possível, todos os que era possível identificar por datas, porque eles depois foram comparados com datas, e portanto os pictogramas depois foram analisados estatisticamente, para ver a quantidade de imagens femininas que havia, que eram muito poucas. E depois são estes programas... [mostra programas] e depois, além de serem poucas, quando apareciam estavam sempre em situações muito específicas as mulheres, ou eram as casas de banho, ou eram com crianças, quando apareciam com crianças, assim que aparecia uma criança apareciam sempre mais mulheres, quase sempre mulheres. Eram 28 programas, não, são mais... Depois desta tese houve um desenvolvimento recente que foi a questão de que estava a falar, a questão espanhola, houve um município que mudou sinais, e que depois disso houve outro também na Áustria salvo erro, portanto esta questão tem vindo a ser cada vez mais levantada também, o que é uma coisa curiosa, porque na tese eu dizia que isto não era possível mudar no caso dos homens, de naquele caso do sinal de atravessar as ruas, que ia lançar confusão, que não se conseguia identificar, e afinal este sinal foi o que foi mudado, este aqui [aponta para sinal] era evidente que não se podia modificar, mas este eu até achava que era confuso, aliás a solução que eles arranjaram foi colocarem, é uma coisa nova em sinalética, e as pessoas vão dizer 'ah mas isso também já é ser um bocadinho picuinhas demais', eles puseram 50% de sinais destes 50% destes, mas isto não é normal em sinalética usar duas imagens para a mesma, para o mesmo conceito, é considerado desperdício. Estes comboios do Porto, penso eu, com esse fim precisamente de evitar esta questão já do género, da discriminação das mulheres, a mulheres só aparecia quando era com um bebé e não sei quantos, puseram homens, portanto aqui aparece um homem com bebé, aparece um homem com o carrinho, só que, puseram homens ou um neutro, de facto é sempre a mesma imagem.

*E a nível de Portugal isso também mudou?*

Sim, tem algumas pessoas muito mais sensíveis a essas questões, mas isto é um assunto que ainda é muito novo, sempre que se fala de feminismos, aliás as pessoas preferem não falar de feminismo e tratar... ou falar de género, é assim um outro termo menos pesado. Há uma história muito engraçada que é de um livro de uma colecção de adolescentes que o título é 'Eu não sou feminista mas...', portanto o título original desse livro que é para adolescentes é de uma colecção tipo Feminismo para Principiantes, aquilo era 'Feminismo para Principiantes' e eles traduziram e puseram 'Não sou feminista mas...', o que é precisamente tonto, não tem nada a ver, quando o livro é sobre a história do feminismo. As pessoas têm medo de dizerem que são feministas.

*Já teve alguma situação em que se afirmou como feminista mas depois sentiu-se constrangido por isso, no seu grupo de amigos...?*

Ah não, às vezes evito dizer porque, feminista, ficam assim a olhar como se fosse uma coisa... primeiro não percebem muito bem, se forem homens não é, mas se for uma mulher, se for uma mulher a dizer, é não sei quê, uma exagerada, uma coisa não sei quê.

*Tem alguma situação que se recorde em que sentisse que não fazia sentido chamar-se feminista por pressão do grupo, por pressão da sociedade, uma vez que já percebemos que a sociedade não é assim tão aberta, pelo menos ao termo?*

Sim, aqui [refere-se à sua tese de doutoramento] houve alguma pressão para não utilizarmos, mas eu fiz questão de usar.

*Por pressão da própria academia, foi?*

Sim, do coordenador da altura.

*E como foi a recepção, na altura, desse trabalho?*

Ah, isto foi na altura também, como era de esperar, deu algum celeuma esta questão, que não sei quê, era uma posição política pré-definida e que depois que tentei arranjar... esta tese teve um voto contra, portanto eu passei, o doutoramento passou, mas não passou por unanimidade. E houve resistência à constituição do júri, porque tinha um... eu dizia que o júri devia ter, por acaso não tinha tantos homens como mulheres, lá está, o peso na academia dos homens, mas tinha duas mulheres, que eram as orientadoras, e ainda tinha mais uma pessoa do júri que eu escolhi que era [dados omitidos sobre pessoa escolhida para figurar no júri] mesmo assim, 'ah e tal, não devia ser, isto é a área de design, não faz sentido, não sei quê'.

*E faz sentido na área do design falar de género? Já percebemos que pela sinalética que tem questões muito concretas, mesmo a nível de verificação da forma como as pessoas visualizam estas questões, mas a nível do design faz sentido falar de género?*

Acho que faz, em qualquer actividade. O design é criação, o desenho, a invenção de artefactos, de interfaces, interfaces é uma palavra da moda, interfaces culturais, portanto podem ser objectos lúdicos, podem ser objectos de comunicação, cartazes, essas coisas, é uma interface de comunicação cultural, que é cultural, portanto a produção de... por exemplo, uma questão cultural, as questões do género estão sempre presentes, embora haja uma longa tradição no

design que é criar um design neutro, o mais objectivo possível, que é a tradição do modernismo não é, que é o mais objectivo possível, mais neutro, portanto essa silhueta do pictograma, um boneco articulado e não sei quê, tem a ver com isso, portanto tem uma geometrização da figura humana mas não consegue mesmo assim ser completamente neutra, porque mesmo o boneco, mesmo aqueles que parecem mais assexuados e não sei quê, o mesmo boneco é utilizado para significar pessoas, tipo saída e tem um boneco a sair, depois casa de banho, na casa de banho tem os mesmos bonecos que estão a significar homens, casa de banho de homens, e às vezes até o boneco que significa pessoas parece mais um homem do que o que significa homem, podemos usar um boneco na casa de banho de homens muito significado e às vezes o que significa passagem de peões, que devia ser mais generalista, tem um homem com chapéu, chega a este ridículo não é. Portanto, mas aquele boneco muito neutro quando está posto numa casa de banho já significa homens portanto e o das mulheres é o que tem a saia, portanto nunca conseguiu o design, mesmo ao tentar essa linguagem universal nunca conseguiu, aliás esse paradigma do modernismo está um bocado ultrapassado mesmo no design. Outra questão que se levantava muito era dos países árabes, dos países orientais, que sentido é que faz aparecer a mulher de saia e aparece um homem de túnica? Nos países árabes as mulheres usam calças mais depressa do que, por tradição usavam calças mais depressa até que os homens. E outras questões, esta questão dos pictogramas que deviam ser modernistas e ter uma linguagem universal, toda a gente completamente neutra e completamente objectivo, é impossível porque o aspecto cultural vem sempre ao de cima. Havia um que era a sala de espera, que era a pessoa assim numa cadeira com a perna cruzada, esse pictograma depois teve que ser retirado nos países asiáticos, porque era considerado um insulto mostrar, cruzar as pernas, mas só anos depois é que se aperceberam de que aquilo [risos]... testam sempre com um público ocidental e depois é exportado para outros lados, partindo do princípio que o sistema é universal, as pessoas são as mesmas em todo o lado, portanto as questões culturais, as questões das etnias, as questões de género nunca estão presentes. No design uma das questões que também às vezes se levantavam era do produtor, isto já não o público, portanto se o produtor fosse uma mulher, se seria mais sensível às questões de género, do que se fosse um homem. Isso é uma questão que, não sei, permanece um pouco em aberto mas eu penso que a experiência será diferente, a visão do mundo, mas isso há escolas de pensamento feministas, portanto a epistemologia. Há uma tensão já na área de epistemologias feministas em que essas duas posições se opõem, uma escola que é a standpoint feminism consideram que sim, que as mulheres têm uma visão diferente dos homens em qualquer situação, não quer dizer que seja sempre mais avançada ou mais progressista, elas consideram que sim, que é diferente a visão do mundo devido às experiências, outras consideram que não, não necessariamente, e a experiência que eu tenho é que muitas vezes as pessoas mais resistentes a estas questões de género são, quando se introduz isso em cadeiras tipo História do Design ou coisas assim, são as mulheres, são raparigas que dizem 'ah isso são tudo histórias, não sei quê, isso já não existe, essa

discriminação, isso são as feministas, exageradas', há várias explicações possíveis para isso, psicológica portanto, uma reacção de auto-estima não aceitar que por ser mulher são mais limitadas ou não sei quê, mas às vezes há uma grande reacção contra que é das mulheres, os homens também são mais abertos porque também é para eles é mais fácil tão numa situação mais [inteligível].

*Os homens são mais abertos na sua percepção?*

Na universidade, não se sentem ameaçados por esta questão, depende dos contextos lá está, se for num meio familiar ou operário que tenha uma tradição muito patriarcal, o homem da família que ganha pão, agora aqui na universidade às vezes são as mulheres que são mais resistentes a estas questões, porque elas consideram que elas são o exemplo de que isso não é verdade, portanto que elas venceram, que são tão boas quanto qualquer homem, portanto que não existe discriminação, que as mulheres às vezes são preguiçosas, etc., são mulheres que às vezes interiorizaram valores masculinos também, é o que se dizia da Margaret Thatcher que era uma mulher-homem...

*E na sua experiência os homens aqui na academia têm mais possibilidade de intervir nesta, por não se sentirem ameaçados...*

Sim, se calhar, se calhar, eu referia-me aos alunos, os colegas não sei, mas se calhar são mais abertos a...

*Então esta nova geração se calhar já entende melhor estas questões?*

Talvez, penso que sim, estão mais abertos a estas questões, onde houve pequenos avanços, também na questão da orientação sexual, que aqui há uns anos era uma coisa... bem isto também é uma ilusão, porque isto é a área das artes, do design, e apesar de tudo as pessoas são um bocado diferentes, se for em engenharia já encontra-se discursos completamente do século XIX, parecem coisas incríveis, ouve-se dizer coisas... [risos] é impressionante realmente, o pessoal de ciências, os alunos portanto têm uma formação muito técnica às vezes.

*Então [dados omitidos sobre actividade profissional] como interessado nestas questões da aplicação do género ao design ou do design ao género, e pelo que percebi há talvez uma tradição muito positivista, modernista na área, o que é que é necessário, o que é que pensa fazer, gostava de explorar essa ideia de mudança que também está muito patente no seu trabalho de sinalética, a ideia de que as coisas podem ser diferentes...*

O que eu posso fazer é introduzir esses temas no currículo, mas não tenho é o poder suficiente para fazer isso, portanto [dados omitidos sobre actividade profissional] não é, mas posso introduzir... há escolas que conseguem criar uma disciplina às vezes... ainda à pouco saiu a revista da APEM, no último número tem

um artigo sobre isso que eu tava a ler e depois não acabei, que tem uma história dos vários cursos que existiram na universidade, sei lá, não sei se é de Évora, muitas vezes têm por via de acordos, tem a ver com as pessoas que tão lá, não, era em Coimbra, em Coimbra tinha havido uma disciplina, uma pós-graduação, havia um curso na Universidade Aberta, a Universidade Aberta acho que era o único que tinha Mestrado sobre Estudos das Mulheres, mas também não sei se foi suspenso agora ou se, não sei, tem a ver com essas políticas de educação agora, têm sido, tão a ser cortadas verbas, tá-se a reduzir o pessoal docente, algumas universidades fecharam alguns cursos para não... para evitar despedir pessoas converteram uns cursos noutros, o artigo era sobre isso, por acaso também não o li todo, mas discutia essa questão, portanto em Portugal, isto vê-se mesmo um pouco como a coisa é uma coisa de modas não é, já foi explorado isso com o [inteligível], não chegou a ter tempo para se tornar uma moda, mas nos países anglo-saxónicos também foi uma moda um bocado não é, tudo o que se fazia tinha que ter lá a componente de género não é, mas cá pelos vistos não pegou nem como moda [risos] nem como...

*E quando foi para os Estados Unidos estudar como é que, naquela altura ainda se falava menos destas questões em Portugal, notou alguma diferença cultural na forma como as questões eram abordadas?*

Sim, muitas destas questões, quer dizer, muitas destas feministas radicais eram americanas, eram e são penso eu, portanto também é um país um bocado estranho, desde os mormons e os puritanos, aquelas seitas religiosas fundamentalistas e até outro extremo, e por isso isso era corrente, essas questões eram questões correntes. Recordo-me de algumas coisas, portanto os autocolantes, haviam uns autocolantes feministas que colavam, que eram um bocado agressivos, tinham mais serpentes não sei quê, eram uma coisa, não sei se eram feministas lésbicas contra os homens mesmo, tinham... era a fotografia de uma mulher a pontapear um homem, como é que se diz à americana, era uma coisa assim, era aqueles stickers que eles colam nas cabines telefónicas. Mas lá havia de tudo, havia disso, havia panfletos contra o Papa a dizer que o Papa era um antigo guarda de campo de concentração nazi, que tinham provas e não sei que mais, o Papa João Paulo II, com a história toda dele, mas lá havia imensas coisas. Mas na escola as questões de género eram tratadas, na academia, aqui pouco.

*E integrou-se nalgum movimento naquela altura?*

Não, lá tive muito pouco tempo, tive um semestre, aliás acho que na altura nem semestre se chamava, era trimestres, acho que não havia semestres.

*E como é que chegou aquelas leituras, referiu a Simone de Beauvoir, referiu outras leituras...*

Havia um livro muito interessante, era o... a Virgina Woolf também, um livro publicado já bastante antigo que era 'Um quarto que seja seu', eram livros que se falavam por aí, estavam soltos.

*E eu gostava de entender como é que chegou a esses livros, foi por recomendação de...*

Não não, eram livros que circulavam por aí, que se falavam. Eu recordo-me de uma coisa que me atraiu no livro foi o título, 'O segundo sexo', fiquei um bocado surpreendido, chamou-me a atenção o título, segundo sexo, portanto sobre o que é que seria, será que isto é sobre os homossexuais, podia ser, a orientação sexual e não o sexo mesmo. Mas depois essa questão do género, portanto eu tenho impressão que a Simone de Beauvoir não trata essa questão, 'O segundo sexo' deve ser praí dos anos 40, 50 máximo, a Revolução Francesa não sei quando chegou cá a Portugal, mas em Portugal era depois do 25 de Abril, era anos 70 de certeza. Portanto é um livro relativamente antigo, não tratava ainda a questão da diferença entre sexo e género, portanto isso foi posterior, são coisas mais recentes, isso eu recordo-me de chegar a primeira vez que ouço falar disso já devia estar praí no mestrado, qualquer coisa, um conceito mais teórico, a questão do sexo biológico e o género como conceito cultural, embora esteja subjacente aquela frase muito célebre da Simone de Beauvoir que era o 'não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres', mas quem criou isso a nível teórico foram mais as anglo-saxónicas.

*Há alguma autora que se recorde o nome e que o tenha também inspirado?*

Havia a Virgina Woolf, mas também é uma feminista do tempo das sufragistas, curiosamente a Virgina Woolf tem uma crítica interessante às sufragistas, o importante não era o direito a voto mas o direito à independência económica. Isso até é uma história engraçada, na minha defesa da tese, uma das críticas que fizeram, das muitas críticas, uma das pessoas fez a crítica de que 'então aqui diz que Portugal é um país que não é típico em relação à Europa e até mais avançado porque tem mais potencialidades porque a percentagem de mulheres que trabalham é muito maior, tem vindo a aumentar, já viu a enormidade que está a dizer, coitadas das mulheres [risos], acha isso um sinónimo de progresso', depois havia aquele problema das mulheres acumularem o trabalho da casa com o trabalho fora, isso é o que se chama o duplo turno não é, o double shift, de qualquer forma era importante e a outra pessoa [mulher] que estava no júri até corou com tudo isto que tinha sido dito, mas realmente isto foi marcante, estes episódios são marcantes, uma pessoa pensa que está em Inglaterra, estamos a falar para uma audiência muito, não é bem conservadora não é, mas muito limitada, não conhece estas questões, desconhece completamente, portanto achava que era um escândalo as mulheres terem de trabalhar, é complicado.

*Eu por acaso vi na sua tese aquele retrato das Três Marias, teve a oportunidade...*

Não, não conheci, as Três Marias tenho a impressão que estiveram, eu recordo-me da Maria Teresa Horta aparecer na televisão às vezes a falar, isso recordo-me, portanto nos anos 70 quando era miúdo, mas isso eu reconhecia pela cara e não pelo nome, mas não conhecia muito bem a história delas. Recordo-me quando foi essa tal história da manifestação, a primeira manifestação do movimento, das mulheres, dela aparecer também na televisão a falar, ela tinha um programa, ela e mais alguém, Barreno, Maria Isabel Barreno, que é talvez assim aquela mais politicizada, também tem um livro interessante que eu depois vi, todas elas não é, mas a Brreno escreveu um livro que eu por acaso pús aí na tese, sobre representações do masculino e do feminino em manuais escolares. Agora a nível teórico quem é que me influenciou mais? Tinha uma autora, agora não me recordo o nome...

*Talvez eu possa ajudar, era americana, inglesa...?*

Huh... era uma, como é que ela se chama...

*Spivak?*

Não, não é.

*A Judith Butler...*

Não, não. A Butler também é engraçado. Não disse, portanto uma das minhas orientadoras era inglesa, era uma feminista inglesa, portanto eu fui lá a Inglaterra e ela escreve nesta área do design, ela por acaso não tinha muito boa opinião da Butler porque achava que aquilo era...[interrupção por telefone]. A Butler, ela era um bocado crítica dela, mas era um livro interessante, eu li aquele Gender Trouble, aliás por indicação dela, da orientadora.

*Como é que chamava a orientadora, só por curiosidade?*

Cheryl Buckley, é professora na Universidade de Newcastle. [pesquisa na internet a autora feminista que não se recorda] Não é a Butler, é outra...

*Donna Haraway?*

Não, não...

*Sandra Harding?*

Não, essa Sandra Harding é que é a do standpoint...

*Já não se recorda.*



Não já não consigo. Uma autora também interessante é a Lynne Segal, é uma autora mais... coisas mais extremistas, ela não tem uma posição muito equilibrada, trabalhos muito interessantes. Um dos últimos foi o 'Why Feminism' argumentava se fazia sentido ainda hoje continuar a falar de feminismo. Um dos argumentos dela era, se o feminismo ainda continua a provocar uma reacção tão negativa das pessoas, tanta controvérsia, é porque provavelmente tem alguma razão ainda de ser.

*No início quando lhe perguntei como é ser-se feminista, disse que ser feminista era basicamente como ser anti-racista...*

É o que os homens costumam responder [risos]. Há uma série de livros sobre homens feministas, não sei se...

*Sim, sim, o Kimmel...*

É, isso é, acho que é uma frase do Kimmel, acho que é dele, é frequente as pessoas perguntarem porque é que os homens hão-de ser, ele dizia que aquilo era uma, não é um lugar comum, é uma posição, o facto de ser homem não significa que isto não é um assunto que não nos afecta, que não nos interessa.

*Mas o que é que acha que distingue por exemplo um homem feminista de um homem não feminista, o que é que implica ser feminista para si, qual é a sua concepção do feminismo?*

O feminismo é... eu para mim, quer dizer, podemos ver o feminismo de duas maneiras, ou como uma escola ou como uma teoria política, epistemológica, ou como um movimento organizado, ou podemos entender o feminismo como uma... lá está, como o anti-racismo ou como... parece-me uma coisa natural, uma tomada de posição em relações em sociedade, relações de género, mas que me parece normal.

*Mas será assim tão natural e normal, uma vez que também já disse que muitos homens, homens e mulheres aliás...*

Sim, mas isso era... há uma frase muito conhecida, não sei se era do Marx, que era 'os ricos foram sempre pelos pobres, excepto saírem das suas costas'. O feminismo é a mesma coisa, portanto os homens depois nós até é fácil dizer que somos feministas, é simpático... portanto, é eminente que aí vai haver sempre resistência dos homens, é natural, embora às vezes acho que é mesmo de facto, e concordo um bocado com as autoras do standpoint feminism, é uma cegueira total, mas também há nas feministas, há em toda a gente, tenho amigos meus que eram de extrema esquerda ou movimentos alternativos, anarquistas, e eram pessoas extremamente fechadas em relação às questões de género porque havia

colegas amigas feministas que depois diziam 'não, mas nós queremos criar...', geralmente apareciam em bares de grupos alternativos durante bastante tempo, durante uns anos largos, ainda estou mais ou menos ligado, agora tou um bocado mais afastado, e lembro-me de uma colega dizer 'ah queremos criar aqui um grupo de reflexão só de mulheres' e aquilo criava logo ali um celeuma 'mas pra quê das mulheres, porque as questões interessam a toda a gente, porque não sei quê', portanto havia uma grande resistência a isto, e às vezes é mesmo incapacidade de perceber as questões, portanto a partir de certa idade, sobretudo as pessoas que já não, acho que já não... tão tão fechadas na compreensão do mundo. E nas mulheres também acontece, há uma feminista que era a Fina D'Armada, é aquela que escreve os livros sobre Fátima e os ovni's, a Fina D'Armada tinha, essa por acaso eu conheço de miúdo, antes de saber que era feminista, por causa que sempre gostei muito das histórias dos ovni's, da Fátima, lembro-me da minha mãe ler no jornal, Jornal de Notícias, às vezes tinha uma coluna e nem sempre escrevia só sobre a ovniologia, ela escrevia sobre questões portanto os divórcios e uma série de coisas, eu recordo-me da minha mãe me chamar a atenção praquilo, sem que a minha mãe fosse propriamente uma feminista não é. [Procura livro na internet] Encontrei o livro, Chris Weedon, Feminist Practice and Poststructuralist Theory, tava a ver se encontrava a capa mas... é um livro de síntese, há várias teorias.

*Mas por exemplo quando disse que fica muito bonito, especialmente um homem, dizer que é feminista...*

Não é muito arriscado, quer dizer, arriscado dizer numa defesa da tese. [dados omitidos] A Fina D'Armada é que tinha uma história engraçada para contar como é que ela se tornou feminista, que era, ela tornou-se feminista quando era pequena e estavam a brincar os miúdos na aldeia, depois começaram a dizer o que é que queriam ser quando fossem grandes, 'o que é que queres ser, e tu, o que é que queres ser?', quando chegou a vez dela ela disse 'eu quero ser padre', porque padre na aldeia era o homem que tinha o saber e não sei quê, ela tinha alguma admiração por aquelas pessoas, era a única pessoa que tinha os livros, eles começaram-se a rir 'ah, queres ser padre', e ela depois realmente pôs-se a pensar na asneira que tinha dito, pois sou mulher nunca vou ser padre, depois começou a questionar estas coisas, 'mas porque é que as mulheres não podem ser padres', depois começou a verificar havia sempre mulheres que eram limitadas no acesso ao poder, á cultura, e portanto é a partir daí, ela recorda realmente esse episódio, um episódio específico que despoletou esse questionamento. Eu recordo esse que também me espantou um bocado, 74, portanto eu tinha praí 10, 11 anos, recordo portanto mas na altura não percebi muito bem o que é que estava ali em causa mas foi a primeira vez que ouvi falar nessa questão, se calhar nem foi a questão do feminismo mas percebi que havia ali alguém que não concordava completamente com a posição das mulheres, foi o primeiro contacto que tive, não foi isso que me fez pró-feminista, mas portanto na altura chocou-me, vi que havia ali uma injustiça qualquer, não tava muito bem a perceber qual era.

*E depois mais tarde, como disse não foi só isso que o tornou feminista...*

Pois, depois o resto não foi nada de especial, acho que devido a alguma sensibilidade que eu tinha, eu atribuo isso à questão do meio familiar, em que as tarefas domésticas eram partilhadas, eram os rapazes que lavavam a louça e uma série de coisas embora não cozinhassem, sei que na família da minha mulher a divisão das tarefas era muito estrita, ou quando a mãe dela pedia ao filho, ao rapaz, para lavar a louça, a avó não deixava, dizia 'ah ainda fica maricas, não sei quê, sai daqui sai daqui, sai da cozinha que os homens não devem andar aqui nas cozinhas', a avó, era uma família completamente diferente, o rapaz sempre teve muito mais liberdade para sair de casa, mesmo quando começaram a trabalhar era diferente, a filha dava uma parte do que tinha à mãe, o rapaz não, eram meios diferentes.

*Quando referiu os sítios alternativos com que teve contacto...*

Mas isso foi já depois, ou aliás uma das coisas que me atraiu no feminismo é que era uma alternativa ao sistema normal dos partidos e da política mais institucional, portanto era uma coisa que questionava tudo de raiz mesmo.

*Eu pensava que era através dos...*

Não, foi ao contrário até, foi muito depois que me liguei à prática política, já conhecia o feminismo, já tinha lido os livros...

*Então em termos de mudança...*

Aliás uma das coisas que me chocou no movimento alternativo foi a pouca abertura em questões de género, eu pensava 'afinal estes tipos são um bocado...'

*Ou seja, há aí uma contradição...*

Sim, pois, continua a mesma, passa por todos os grupos.

*E acha que é possível mudar estas questões...*

Sim, acho, mas isso é uma coisa que tem de partir das mulheres, quer dizer...

*Então e o papel dos homens, não considera...*

É a mesma coisa dos ricos, eu actualmente tenho esta posição um bocado, quer dizer, os homens também, mas não são os homens que vão liderar o movimento das mulheres, era o que faltava...

*Podem dar uma ajuda.*

Sim, sim, claro, só que a teoria nem sempre condiz com a prática, que é o meu caso. Como é que eu resolvi o problema lá em casa da limpeza doméstica, eu dou este exemplo sempre aos meus alunos, portanto em termos de tarefas partilhadas, eu não estava muito para partilhar, contratei uma empregada doméstica, uma mulher, para fazer o trabalho. Mas pronto... mas aquela história dos ricos fazem tudo pelos pobres menos sair das suas costas, nunca se pode estar à espera que... realmente as mudanças sociais e o que quer que seja, parta dos privilegiados, tem que ser os que estão em situação de não privilégio a mexerem-se, não estão à espera que...

*Mas também existem nos movimentos sociais exemplos de pessoas que são privilegiadas...*

Sim, era o caso do Marx, o Marx dizia que era o proletariado, que era a classe que não tinha nada a perder, que tinha tudo a ganhar. E todos os outros.... é a tal questão do standpoint feminism não é, como é que... embora no caso do feminismo é uma coisa que parte das mulheres, mas também houve muitos homens no início ligados ao feminismo, as primeiras leis, mas isso também era inevitável, eram sempre lançadas por homens, mesmo a lei, quem propôs o voto das mulheres no Parlamento foi o Stuart Mill...

*Por exemplo o Stuart Mill foi influenciado por uma mulher...*

Pois, pelas mulheres, aliás era inevitável, os políticos eram homens, era inevitável que fosse um homem depois a... houve de facto alguns casos de homens...

*Mas por exemplo aqui em Portugal imaginemos que existia um grupo de homens que queriam ajudar no sentido de mudar as coisas, acha que temos recursos suficientes, acha que devemos criar novos recursos?*

Não sei, penso que também era essa questão de saber se... se pois, se isso, para já o movimentoo feminista não existe quase, não existe uma coisa muito organizada, parece-me que funciona sempre muito ligada aos partidos , organizações independentes não existem, há associações do movimento alternativo, as associações académicas como a APEM e não sei quê, só funciona a nível da academia, não existe um movimento de libertação das mulheres organizado, uma coisa... existem mulheres em vários partidos, depois tendem muitas vezes a favorecer mais um partido, existe a UMR, a UMR por exemplo é actualmente uma estrutura do PSR, a [inteligível] é do PC, tendem muitas vezes a privilegiar a agenda do partido. Essa experiência que eu tive no Porto, lá da Plataforma das mulheres da Maia, foi muito interessante porque tinha pessoas realmente de partidos diferentes, e conseguiam mais ou menos dialogar porque era uma situação extrema, não havia força suficiente para as pessoas dentro dos

partidos para..., então foram forçadas a criar uma plataforma de entendimento, e havia lá uns homens também.

*Então, por mim, penso que acabávamos aqui a entrevista...*

Acabávamos aqui. Pois, a questão que estava a falar dos homens, era alguns homens feministas, penso eu porque me lembro de ter lido, que questionavam qual é que devia ser a forma, os modos de actuação, se poderia ser por exemplo, criarem grupos também se calhar só de homens, chegou-se a tentar isso, por exemplo esta Lynne Segal era muito crítica disso neste livro 'Slow Motion: Changing masculinities, changing men' ela dizia que havia uma evolução positiva nos homens mas que essa ideia dos grupos de homens que era um bocado... aliás havia uma anedota das feministas, homens sozinhos são homens em más companhias.

*Ela critica, e também o Connel, não sei se chegou ler o Robert Connel, o Masculinities que supostamente é a Bíblia desta área...*

Não, eu acho que do Connel não li nenhum...

*Mas conhece a referência?*

Sim, sim. Ela é crítica? Já não me recordo...

*Ela é crítica dos grupos porque chega-se a um ponto em que aquilo depois já não dá mais porque os homens começam a criar uma série de amizades que depois já não há um movimento de questionar os benefícios e os privilégios que eles têm a nível social, mas de certa forma hoje em dia, pelo menos na minha interpretação, é que os grupos podem ser uma fonte de mudança, mas não é só os grupos, tem de se fazer várias coisas ao mesmo tempo, é grupos, depois intervenção, depois...*

Pois, depois o grupo fecha-se sobre ele próprio não é...

*Sim, há um livro, agora não me recordo do nome, mas como tem aqui a internet até podemos descobrir facilmente, mas é uma tese de doutoramento que foi publicada em que ele...*

Do Connel?

*Não, é Postmodernist Masculinities penso eu, não me estou a lembrar do nome...*

[procura na internet]

*É esse, é o Bob Pease, Robert Pease, ele fez um doutoramento sobre grupos de homens em que ele basicamente disse que os grupos de homens para*

*continuarem activos a nível da mudança tinham que ter consultoras feministas, mulheres, no sentido de avaliar até que ponto é que os grupos estavam a contribuir para a mudança. Claro que isto dos grupos é só uma forma de mobilizar os homens, são um local, um contexto específico, às vezes não se faz lá nada de concreto, para aplicar mesmo a nível das situações reais da vida, mas pronto até agora foi isso, aquilo que se concebeu, talvez mais futuramente se tenha outra ideia, não sei se se tem outra ideia...*

Pois, havia até uma experiência que eu tenho dos grupos, às vezes é um bocado... tinha a plataforma que reunia semanalmente, e depois quando houve outro caso aqui em Aveiro não conseguimos recriar aquilo, depois aqui em Aveiro já vieram os partidos separados não se conseguiu orientar uma plataforma para outro caso que havia aqui em Aveiro, mas participei em grupos, lá está do movimento alternativo, o meu problema dos grupos, pois essa dinâmica dos grupos é um bocado complicada, porque pode ser um grupo de reflexão mas geralmente não passa muito disso. Havia uma mulher que também era muito crítica dos.... aquilo era a 'Tirania da Não Directividade', acho que se chama assim, sobre esta questão dos grupos alternativos, estes grupos de homens integram-se também um bocado neste contexto, mas é uma americana, não é assim que se chama é a 'Tirania de ausência de estruturas', bem realmente não me recordo, era uma feminista radical americana, esses grupos de base, e ela era um bocado crítica, dizia que depois aqueles grupos aquilo tornava-se um círculo vicioso, fechavam-se muito neles próprios, depois passavam mais a tratar relações pessoais, que também era importante, mas depois passado algum tempo não havia um objectivo ali de concreto, os grupos acabavam-se por desfazer, ou havia um líder no grupo muito forte ou então depois aquilo não funcionava.

*Mas ela oferecia alguma alternativa?*

Não.

*Por exemplo, a Lynne Segal sugere outras alternativas, o contacto com sindicatos...*

Pois, era um trabalho mais especial...

*Não sei se quer dizer mais alguma coisa...*

Não, não.

**Hugo (Participante 10)**

**19 Maio 2008**

**Entrevista 3**

**± 20 mins**

*Relativamente à outra entrevista, disse que o termo feminista ainda tem uma carga negativa, uma carga muito forte em Portugal, que as pessoas têm medo de dizerem que são feministas, eu gostava de saber na sua percepção porque é que diz isto, o que é que na sua opinião nós podemos fazer para mudar isto, de onde vem este medo do feminismo?*

Pois não sei, é uma constatação, inclusivamente em reuniões recorde-me de ter sido discutido isso. Penso que está muito ligado com o estereótipo do feminismo como uma coisa muito estranha, também já dei aquele exemplo do livro em que eles mudaram o título, penso também que hoje em dia as pessoas têm algum receio por acharem que passou de moda, não faço ideia. Há uma grande tolerância, há maior tolerância do que há alguns anos, há menos extremismos também, menos radicalismos, mas depois também é o medo de criar uma posição e de discussões, enquanto aqui nos anos 70, no 25 de Abril, havia muitas vezes discussões muitos extremadas, questões políticas e não sei que mais, e hoje em dia isso é tudo... não sei se estamos um bocado na altura dos consensos, não era, era uma palavra que usava o Engenheiro Guterres, ele apareceu com essa questão dos consensos, como é que se dizia, a terceira via, e então as pessoas têm um pouco, não é bem receio, certa vergonha quase, de marcarem a oposição portanto isso também contribui um pouco para isso, por outro lado o facto do nosso país ser ainda um país muito conservador a nível das mentalidades não é, tudo isso são coisas um bocado novas, noutros países já não constituem novidade, aqui ainda é um pouco, se formos ao Portugal profundo estas coisas são muito... também o meio em que isto existia às vezes, no meio universitário, estas questões, era um meio muito elitista, hoje em dia a escola massificou-se portanto e constatamos uma realidade diferente, pelo menos eu constato que são outro tipo de pessoas, não quer dizer que isso seja bom, por um lado é bom não é, mas... pois, estas discussões que havia também eram muito em círculo fechado, essas coisas agora quando se alargam... apesar de tudo havia menos pessoas com acesso à cultura não é, por isso é que as poucas que tinham essa, a classe média alta, essas coisas eram se calhar mais pacíficas. Hoje em dia as pessoas têm acesso à cultura, aos livros, aos media, todo o tipo de pessoas, sei lá, e se calhar está ligado também a alguns movimentos sociais e políticos mais, não sei, conjecturais, também nos anos 80 houve algum, a nível político, algum conservadorismo, na Europa e nos Estados Unidos, nos países ocidentais, anos 80 e 90, portanto pode vir um pouco daí, não sei...

*Essa era a única questão que eu tinha sobre a entrevista, depois eu tinha algumas questões mais a nível teórico, por exemplo, as minhas questões são relacionadas com movimentos sociais e eu gostava de saber se tem alguma ligação, se tem*

*alguma relação, se participa em reivindicações do movimento LGBT, não sei se sabe o que é a sigla, lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros...*

Sim, sim, tinha umas amigas, portanto tinha uma amiga na, como é que se chama, na Opus Gay, e também conhecia outras duas raparigas no congresso feminista, foi um congresso, acho que era um encontro da UMAR, e que eram de um grupo de Santarém, não me lembro agora do nome, era Clube Safo acho eu, eram só raparigas, pronto mas desses tinha contactos só, em grupos em que participei foi, portanto nessa, acho que já falei, na APEM, portanto não sei se é uma associação académica digamos assim de estudos sobre as mulheres, colaborei nalgumas coisas com a UMAR, mas a UMAR também é uma associação só de mulheres, portanto a minha participação também é sempre limitada, e participei na plataforma que havia no Porto por causa daquele julgamento da Maia...

*... sobre o aborto...*

Sim, as mulheres que estavam a ser julgadas por aborto. E depois tinha tido participação durante muitos anos, até há muito pouco tempo tinha contacto com os grupos alternativos no porto mas não especificamente feministas, assim mais da área libertária, anarquista, ecologistas, que curiosamente nem sempre são muito abertos a estas questões do género...

*Aquilo que também disse na entrevista anterior...*

Pois. Também havia algumas mulheres... participei num e-zine, portanto que era um site da internet, tinha um nome português, Independent Media Center, eu participava no português, que ainda existe, era um grupo muito ligado à anti-globalização, tanto que foi a uma cimeira de Praga.

*Ainda sobre o movimento LGBT gostava de saber o que pensa sobre alguns direitos, a reivindicação de alguns direitos como a adopção, do casamento entre pessoas do mesmo sexo, qual é a sua posição face a essas temáticas?*

Sim, não tenho uma posição especial, não sou contra, sou a favor.

*De ambas, da adopção e do casamento?*

Sim.

*Pronto, penso que de certa forma era isso que lhe queria perguntar... nós já discutimos aquela ideia da mudança dos homens para serem aliados do movimento feminista... tem uma posição algo céptica não é?*

Pois, isso não... durante uns anos existiu uma corrente nesse sentido acho eu, nos países anglo-saxónicos, até mais em Inglaterra, mas depois também não conduziu



assim em nada porque depois esses grupos de homens discutiam a questão da masculinidade e depois começaram a ser contestados, os que eram heterossexuais, que é o meu caso por exemplo, eram contestados depois pelos gays que sobre esses grupos diziam que se deviam formar eram grupos mais... diferentes, que questionassem... que fossem mais longe na questionação da, que se dedicassem mais a essas temáticas LGBT. Por outro lado, não sei muito bem, quer dizer eu penso que isso é uma questão que compete mais às mulheres não é, portanto os grupos feministas também tomam essas posições, as que acham que devem haver grupos só de mulheres, outras que acham que não, que por aí que ia criar um gueto.

*Mas por exemplo, haver só grupos de mulheres também não indica que não hajam homens que possam ajudar e que possam ser aliados, não sei se concorda?*

Ah, sim, concordo, sim, eu aliás pois colaborei com esses grupos, o caso da UMAR, são grupos só de mulheres, o papel aí é sempre um bocado portanto limitado tem alguns... mas pronto sei lá, não penso que depois nesses casos não me compete tomar iniciativa...

*Porque é que não se pode tomar iniciativa? Talvez se pudesse tomar, em alguns casos?*

Eu sou um bocado céptico em relação a isso porque recorde-me de ler uma entrevista, não era uma entrevista era um livro, não me consigo recordar da autora, mas era uma, portanto ela tinha feito uma recolha de entrevistas e depois só quando fez a transcrição é que se apercebeu, portanto aquilo era um grupo de base feminista, eram só mulheres, e depois um dia têm lá dois convidados homens, e as mulheres ficaram todas contentes, tinham ali aliados, não sei que mais, portanto aquilo em pouco tempo reproduziu-se ali as relações de poder, portanto os homens eram só dois mas falaram entre 80 a 90 por cento do tempo, depois quando ela fez a transcrição das entrevistas é que se apercebeu do tempo que eles tinham ocupado que é o que acontece nas reuniões normais, por isso quer dizer... acho que já referi isso da outra vez, era como aquela frase do Marx...

*Sim, sim.*

... que os ricos fazem tudo pelos pobres menos sair das suas costas, no caso das mulheres também é um bocado parecido, é muito fácil ser simpático e não sei quê, mas depois a iniciativa tem de partir dos próprios não é, em qualquer situação, não sei se é muito correcto comparar mas por exemplo a questão da libertação dos povos africanos, a questão do racismo nos Estados Unidos, portanto é sempre a partir do momento em que a luta anti-esclavagista a partir dos brancos [interrupção], pronto era essa questão a partir do momento em que são os brancos faz sentido haver brancos a participar no movimento mas as feministas às vezes não gostam muito dessas comparações. Porque depois há um perigo de algum

paternalismo não é, que era o que acontecia muito nessa altura, no período da abolição, do revolucionismo, mas havia às vezes algum paternalismo dos brancos, e como há dentro do feminismo, a questão das mulheres de classe média alta brancas não sei quê, em relação às negras, à América do Sul...

*Aliás agora há aquele feminismo transnacional que é da América Latina especialmente que eles não se organizam só em termos do género, mas também de raça, de etnia, e toda uma série de outras questões...*

Pois, porque elas questionavam se isso não seria um paradigma que não, até que ponto é que é uma posição das brancas num determinado modelo...

*Pronto, mas a ideia deste estudo basicamente, pronto eu estou aqui a fazer as entrevistas a homens que se afirmaram ser feministas, mas depois gostava muito que no seguimento disto houvesse uma coisa mais concreta, apesar de nós podermos criticar daquilo dos programas que se fazem, há muita coisa que se faz "lá fora" por assim dizer, especialmente nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Austrália e que se calhar era interessante trazer para Portugal tendo em conta o nosso contexto, há muita coisa que se pode fazer a nível da prevenção nas escolas primárias, dos rapazes terem uma atitude mais....*

Pois, por aí acho que sim.

*...interessante relativamente à masculinidade, não é destruir a masculinidade por assim dizer, se bem que há autores que dizem que sim, mas é criar novas formas de ser homem. Gostava depois de saber se estava interessado em fazer parte disso, se podia dar alguma apoio...*

Sim, claro, estou disponível.

*Ok, então pronto, por mim terminávamos, não sei se quer dizer alguma coisa.*

Não, só que é um bocado difícil não é. Grupos feministas quase não há, pouca coisa que... conheço a UMAR, mas depois funcionaram muito às vezes aliado a partidos, por isso é que sou um pouco céptico em relação a isso, mas acho que seria interessante claro. Mesmo por exemplo a APEM tinha alguma dificuldade em definir-se como feminista para não levantar problemas no meio académico porque a partir do momento em que levava o rótulo de feminista portanto 'ah isto depois tem uma visão política não sei quê, portanto não tem, cientificamente não é neutro [risos] logo não tem validade científica', por isso é que se chama Associação de estudos sobre as mulheres, mas durante algum tempo debateu-se se devia ser das questões feministas ou não porque estudos sobre as mulheres pode ser... qualquer pessoa pode fazer...

*Aliás até há estudos sobre mulheres não feministas...*

Sim, podia ser uma coisa do Estado Novo, iam estudar a população feminina e não sei quê...

*E a exaltar as qualidades femininas...*

Pois, exactamente, por isso é um pouco ambíguo não é. Depois optou-se por estudos de género e tal mas não tá muito [inteligível], puseram a tónica mais na questão do género e tal e evitaram o termo feminismo.

*Bem, não sei, não digo que vá ser fácil mas pelo menos acho que podíamos tentar fazer alguma coisa, se depois der errado pelo menos podemos dizer que tentamos. Acho que isso também é o que faz falta em Portugal, acho que aqui também não devemos estar muito... também já tive algumas reacções de dizerem que seria praticamente impossível, mas acho que não conseguimos saber se é impossível até nós tentarmos. Fica a ideia. Obrigado pela sua participação.*